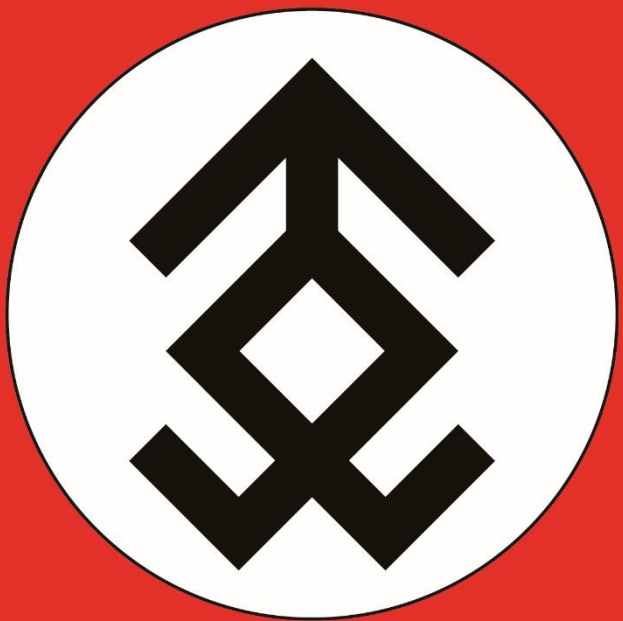
FUNDAMENTOS DA SABEDORIA HIPERBÓREA

PRIMEIRA PARTE
METAFÍSICA HIPERBÓREA
TOMO ÚNICO



NIMROD DE ROSARIO
Ordem de Cavalheiros Tirodal

CRÉDITOS DA OBRA

Copyright © 1985 by Moyano, Luiz Felipe - [Nimrod de Rosário]

Tradução **Pieri, Ida Maria**
Revisão **Santos, Pedro Paulo**
Rezende, Pedro Paulo Faria
Silvestri, Estevan
Impressão **Editorial Thule**

Notação do Autor

M938f Moyano, Luiz Felipe - [Nimrod de Rosário]
Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea. 1.ed - São Paulo, SP
Esta obra é uma produção independente
Todos os direitos desta edição reservados ao autor da obra.
1. Metafísica – Argentina **2. Literatura Brasileira**

Índice para Catálogo Sistemático:

1. **Metafísica – Argentina CDD 110**
2. **Literatura – Brasileira CDD 400**



Nós, da equipe de tradução e revisão desta inigualável obra, com todos os Tomos dos Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea, de autoria de Luiz Felipe Moyano (Nimrod de Rosário), sentimos orgulho, dedicação e lealdade ao presentear os kamaradas de língua portuguesa com o mais fiel e puro exemplar dos Fundamentos, em sua característica semântica hiperbórea, livre de quaisquer dogmas sinárquicos. Assim, pois, oferecemos para os nossos kamaradas uma publicação que fará jus ao iniciado hiperbóreo, com o intuito de restabelecer a origem transcendente do Espírito que foi encadeado nesta prisão de Maya.

TOMO ÚNICO: Metafísica Hiperbórea

CARTA AOS ELEITOS

I – Saudações aos leitores dos Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea.

Em nome dos Cavalheiros Tirodal e no seu próprio, o autor oferece uma saudação de camarada, quer dizer, um sinal de honra para aqueles que foram eleitos nos dois mundos para receber os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea. Aqueles que tem este livro em suas mãos, e o receberam das nossas, nada mais há que fazer que dar-lhes as boas-vindas e desejar-lhes sorte na primeira prova: sua leitura e compreensão. Do êxito de tal prova dependerão os passos futuros: a Iniciação Hiperbórea, o trânsito não espacial nem temporal senão estratégico para o Selbst, para a Hiperbórea terrestre, para a Thule, para Agartha, para o Valhalla, para Vênus, para a Origem, para a Hiperbórea original, fora do demencial Universo material criado pelo Uno, para a eternidade do Espírito, próximo do Deus Incognoscível e de Kristos Lúcifer, o Grande Chefe da Raça dos Espíritos Hiperbóreos.

II – Missão dos Cavalheiros Tirodal.

Os Cavalheiros Tirodal são Iniciados na Sabedoria Hiperbórea e são, também, seus depositários nesta parte do mundo. Aos Cavalheiros Tirodal, a Sabedoria Hiperbórea foi confiada diretamente pelos Siddhas Leais de Agartha. Mas os Siddhas Leais não alentaram a constituição da Ordem de Cavalheiros Tirodal só para que se pratique o estudo da Sabedoria Hiperbórea, pelo contrário, desde o começo encomendou-se à Ordem uma missão específica, para cuja execução foi necessário dispor, talvez pela primeira vez com tanta profundidade, da Sabedoria Hiperbórea.

- O objetivo da missão é muito simples de expor, ainda que o seu fundo metafísico dificilmente será captado logo de cara pelos Eleitos. A MISSÃO DOS CAVALHEIROS TIRODAL CONSISTE EM LOCALIZAR OS ELEITOS E, SE ESTES O ADMITEM, PREPARÁ-LOS INICIATICAMENTE PARA ENFRENTAR COM HONRA O PRÓXIMO FIM DA HISTÓRIA.

Certamente este enunciado se fará mais claro se definirmos o que se deve entender por "LOCALIZAR OS ELEITOS" e o que significa "O PRÓXIMO FIM DA HISTÓRIA". É o que se explicará em continuação.

III – A missão dos Cavalheiros Tirodal exige LOCALIZAR OS ELEITOS e revelar-lhes os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea.

Em primeiro lugar, cabe afirmar que os Eleitos aos quais nos referimos são pessoas cuja inclinação pela Sabedoria Hiperbórea não provém de uma decisão racional adotada no curso de suas vidas. O Eleito é quem, paradoxalmente, escolheu lutar contra Jeová-Satanás para liberar o Espírito eterno, que é ele mesmo, do encantamento material. Mas tal escolha o Eleito não a fez nesta vida nem nesta Terra, senão em outro plano de existência, nem espacial nem temporal, onde reside o Espírito Hiperbóreo encadeado. No entanto, ainda que a decisão de lutar pela liberdade do Espírito esteja tomada, cada nova encarnação causa seu esquecimento parcial. O Eleito, no momento em que é localizado pelos Cavalheiros Tirodal, está adormecido: o primeiro ato tem de consistir, então, em despertá-lo para a recordação da sua própria decisão. Faz-se necessário, assim, sustentar um diálogo com o eleito adormecido para procurar que desperte nele sua natureza espiritual. Mas este diálogo, para ser eficaz, deve superar todas as valas culturais que montou o Inimigo no interior da sua estrutura psíquica e dirigir-se diretamente à manifestação do Espírito. Naturalmente, um diálogo assim não pode nem se tentar contando só com uma língua profana: este livro, tal como se explicará mais adiante, tem por fim ensinar ao Eleito um método de pensamento que permitirá compreender o significado metafísico dos conceitos expressados pelos Cavalheiros Tirodal. Por isso, previamente à leitura deste livro, não é possível satisfazer nenhuma pergunta do Eleito sobre o Mistério da Iniciação Hiperbórea e a possibilidade de liberação espiritual, e logo após lê-lo, isso só será possível se o compreendeu e aceitou.

O Eleito, ainda que adormecido, exibe sinais inequívocos de quem é. Fundamentalmente trata-se de duas heranças: uma genética e outra espiritual. A herança genética consiste em um conteúdo mnêmico do sangue, a recordação da Origem que é tanto mais intensa quanto mais puro é o sangue, por isso a Sabedoria Hiperbórea distingue entre pureza de sangue e pureza racial. A segunda não é uma exigência imprescindível para a Iniciação Hiperbórea, ainda que sim o seja a primeira, pois, sem pureza de sangue, sem recordação da Origem, não há possibilidade alguma de liberação espiritual. No que se refere à herança espiritual, ela se manifesta no caráter volitivo do Eu: como se demonstrará nesse livro, o Eu é uma consequência do encadeamento espiritual, daí que seu aspecto revele imediatamente o grau de extravio e submissão do Eleito. Por seu domínio da Sabedoria Hiperbórea, os Cavalheiros

Tirodal dispõem dos métodos mais perfeitos para estabelecer se uma Pessoa é um Eleito e, se é um Eleito, em que grau de extravio que se encontra. E quando os cavaleiros Tirodal determinaram com precisão que uma pessoa é um Eleito, e que é possível seu despertar, é então que se realiza a consulta aos Siddhas Leais, Aqueles Que Nunca Se Equivocam, para que eles confirmem ou rejeitem o Julgamento da Ordem.

Não há, pois, nenhum erro se um Eleito é convocado para participar da Sabedoria Hiperbórea: isto significa que, em dois mundos, seu despertar se considera possível.

IV – A missão dos Cavalheiros Tirodal propõe aos Eleitos a Iniciação Hiperbórea, para enfrentar com honra O PRÓXIMO FIM DA HISTÓRIA.

Sobre a Iniciação Hiperbórea nada se pode adiantar aqui. Só quem tenha estudado passo a passo e compreendido os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea, poderá vislumbrar em que consiste. A Segunda Parte deste livro, que se encadernou separadamente, é já uma introdução, uma introdução à Iniciação Hiperbórea, e ali o tema está desenvolvido com muitos detalhes. Porém essa parte dos Fundamentos só será entregue àqueles Eleitos que tenham manifestado sua conformidade com a missão da Ordem e que tenham assumido o compromisso de continuar até serem iniciados. De todo modo, o importante agora é destacar que aqueles que continuem pelo caminho proposto e recebam a Iniciação Hiperbórea, ESTARÃO EM CONDIÇÕES DE ENFRENTAR COM HONRA O PRÓXIMO FIM DA HISTÓRIA.

Existem múltiplos caminhos que pode tomar o homem extraviado de nossos dias: uns são paralelos, inclusive coincidentes com alguma via tática da Estratégia dos Siddhas Leais; outros, a maioria, são sendas que favorecem aos planos do Inimigo ou ciladas destinadas a impedir que tais planos se vejam prejudicados. Cada um deve discernir, na medida do possível, qual é o caminho de sua conveniência. EQUIVOCADA OU NÃO, SUA ESCOLHA NÃO INTERESSA EM ABSOLUTO À ORDEM DOS CAVALHEIROS TIRODAL.

A Ordem, com efeito, não está composta de Juízes, senão de Kshatriyas Hiperbóreos, de Guerreiros do Fim da História. Sua missão não é julgar a hora atual, e muito menos condenar ninguém, senão adestrar os Eleitos para enfrentar com honra o Fim da História, a luta inevitável que sobrevirá e que abarcara vários mundos em seu teatro de operações. Essa é a missão encomendada à Ordem pelos dos Siddhas Leais e a esse fim conduz o caminho que custodiam os Cavalheiros Tirodal. Quem siga por este particular caminho deve compreender e aceitar que, em que pese a que a Sabedoria Hiperbórea da qual são depositários tornaria possível, os Cavalheiros Tirodal não tentarão torcer o rumo da História. E quem não compartilhe dessa condição pode, segundo se diz, tomar o caminho que melhor lhe convenha, especialmente se acredita que algo deste mundo merece ser salvo. A Sabedoria Hiperbórea não é apta para naturezas fracas; o Iniciado Hiperbóreo deve exibir um coração de gelo e uma vontade de fogo.

Neste momento, as principais variáveis da História são controladas pelo Inimigo. A Hierarquia Branca de Chang Shambala sustenta, no seio de todas as culturas da Terra, os agentes da Sinarquia Internacional: eles, milhares de homens e organizações de todo tipo e função, trabalham para a concretização do Governo Mundial. Detrás da Hierarquia Branca estão os Siddhas Traidores, os antigos responsáveis pelo aprisionamento espiritual: seu pacto com o Demiurgo os obriga a entronizar sobre a humanidade as “raças sagradas”. A atual “raça sagrada” do demiurgo é a raça hebreia e a ela se transferirá o poder do Governo Mundial. A concretizar-se o objetivo desta infame conspiração, a consequência certa seria uma materialização ainda mais intensa do homem e sua coletiva degradação moral.

Naturalmente, o Inimigo conta com o êxito de seu plano e não considera possível o Fim da História.

Mas os Siddhas Leais, aqueles que permanecem fiéis desde a Origem a Kristos Lúcifer, asseguram que o Fim da História é iminente. Em um momento de máxima tensão dramática, quando os planos inimigos pareçam estar cumpridos, Eles intervirão para pôr Fim à História. Será um conflito de Deuses do qual participarão, também, os homens. Um conflito que se iniciará no céu e se estenderá à Terra, E NÃO INVERSAMENTE. Portanto, não é o caso de empenhar-se antes do tempo na luta, em uma confrontação onde as forças inimigas são esmagadoramente superiores. A Sabedoria está, e sábios serão os Eleitos que o entendam, em prepararem-se para enfrentar com honra o Fim da História. E preparar os Eleitos, despertando neles a recordação da Origem, a certeza do Espírito eterno encadeado na matéria, ensinando a Ética Noológica da Sabedoria Hiperbórea, cuja prática permite ter acesso à Iniciação, e administrando, por fim, a Iniciação Hiperbórea, é a missão da Ordem dos Cavalheiros Tirodal.

Quando sobrevenha o Fim da História, os Siddhas Leais se manifestarão à luz do dia, e junto a eles regressará o Führer, o Enviado do Senhor da Guerra. Então os Eleitos CUJA HONRA SE CHAME VALOR, quer dizer, os Iniciados Hiperbóreos da Ordem de Cavalheiros Tirodal, alinhar-se-ão atrás de seus antigos chefes espirituais, para partir definitivamente do Universo material.

Em síntese, nisto consiste a missão da Ordem de Cavalheiros Tirodal: EM LOCALIZAR OS ELEITOS E, SE ESTES O ADMITEM, PREPARÁ-LOS INICIATICAMENTE PARA ENFRENTAR COM HONRA O PRÓXIMO FIM DA HISTÓRIA. Os Iniciados Hiperbóreos, ao dominar a Sabedoria Hiperbórea, alcançam o mais alto nível de conhecimento esotérico, a Ciência das Runas, e adquirem poderes terríveis: no entanto não empregam seus poderes para alterar o rumo da História; aguardam, isso sim, o Fim da História, quando as contas com o Inimigo serão definitivamente acertadas.

Os Eleitos devem compreender e aceitar que esta condição é inevitável para transitar pelo caminho que sinalizam e custodiam os Cavalheiros Tirodal.

V – Advertência e saudação final.

Os Eleitos têm que saber logo de cara que este material é CONFIDENCIAL. A Ordem confiou neles ao proporcioná-lo, e eles devem demonstrar sua lealdade sendo prudentes em seu manejo: deste modo não só protegem a Ordem senão que protegem a si mesmos. Não há que insistir, e não é nenhuma concessão admiti-lo, que o Inimigo da Sabedoria Hiperbórea é terrível e desapiedado, e que não consente nem tolera a missão da Ordem. Respeitar a Lei do Segredo é parte da prova e a Ordem possui os meios para saber quem comete inconfidência ou trai. NINGUÉM PARA QUEM A HONRA NÃO IMPLIQUE SUA LEALDADE PODERÁ INGRESSAR EM UMA ORDEM DE INICIADOS PARA OS QUAIS SUA HONRA É O VALOR. Como ficará claro ao ler os “Fundamentos”, o Iniciado Hiperbóreo, o virya desperto, é aquele que recordou que existe uma guerra metafísica e que seu bando é o de Kristos Lúcifer: nessa guerra, que já acontece há milhões de anos, ambos os bandos se combatem sem trégua nem perdão. Os Iniciados Hiperbóreos devem ser implacáveis porque o Inimigo é implacável. No meio de tão feroz contenda, o homem comum, por acaso, o Eleito, carece de valor para ambos os bandos, porque desconhece as Estratégias em jogo e não cumpre nenhuma função tática. Mas a situação mudará bruscamente para o Eleito desde o exato momento em que receba este material: desde então, a guerra que sempre ignorou far-se-á patente, e poderosas forças psíquicas atuarão para induzi-lo à desistência ou a cometer um erro irreparável. O Eleito deve compreender que, se até hoje não agiu conscientemente a favor de nenhum dos bandos, ler o conteúdo deste

livro não o torna simpático aos olhos do Inimigo. E QUE A SITUAÇÃO NÃO MUDARÁ SE TRAIR A ORDEM DIVULGANDO IMPRUDENTEMENTE ESTE MATERIAL. Pelo contrário: o que pode ocorrer é que lhe fechem as portas da Ordem e que o Inimigo, depois de tê-lo enganado para que profane a Sabedoria Hiperbórea, se enfureça com ele e o destrua sem piedade: é o que sempre ocorre nesses casos. Entende-se, pois, que a advertência é mais para proteger o Eleito do que a Ordem, a qual, de outra parte, sabe cuidar-se sozinha.

Finalmente, faremos outra advertência, desta vez sobre o modo como deve ser lida a obra. Os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea são desenvolvidos sistematicamente, de tal forma que os incisos, artigos e comentários, se encadeiam uns aos outros com raciocínios e conclusões precisas: não é possível saltar nada e, pelo contrário, o máximo proveito se obterá como resultado de um estudo linear, desde a primeira até a última página. Após tal leitura linear, que permitirá uma visão de conjunto da Sabedoria Hiperbórea, será possível aprofundar sem ordem naqueles temas que requeiram maior compreensão.

É conveniente que os Eleitos se interiorizem o quanto antes dos Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea e para isso é necessário que esta carta conclua agora mesmo. Muitas das interrogações que aqui se apresentaram terão suas respostas com o correr das folhas. No entanto, a interrogação das interrogações, a pergunta ética fundamental da Sabedoria Hiperbórea: que devo fazer para liberar meu Espírito de sua prisão material? há de ficar sem resposta, ao menos pelo momento. O autor e os Cavalheiros Tirodal desejam assegurar aos Eleitos que a Ordem oferece essa resposta aos que compreendam e aceitem os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea e queiram somar-se à sua missão.

No Dia do Espírito, e em Nome dos Siddhas Leais de Agartha, e da Ordem de Cavalheiros Tirodal da República Argentina, recebam os Eleitos a saudação de

Nimrod de Rosario
Agosto de 1985

INTRODUÇÃO À TESE FUNDAMENTAL DA SABEDORIA HIPERBÓREA

O objeto desta Metafísica Hiperbórea é PONTIFICAR sobre o tema mais misterioso e sagrado que existe: o drama do Espírito cativo na matéria. O método que aqui se emprega é o seguinte: estabelece-se uma relação de ANALOGIA entre certa verdade metafísica, tradicionalmente esotérica, e um exemplo particular, exotérico e bem descrito. Uma vez que a relação ficou clara, procede-se a ESTENDER POR INDUÇÃO DO PARTICULAR PARA O GERAL. Desta maneira consegue-se induzir no estudante a intuição metafísica de realidades inexplicáveis: "pontifica-se", quer dizer, une-se com uma ponte as margens do inteligível e o gnóstico.

A tese da Sabedoria Hiperbórea que fundamentamos nesta parte não pode ser mais simples de expor e, no entretanto, mais complicada de explicar. Em outras palavras; é relativamente fácil expor MITICAMENTE, os traços originais do drama: a Traição dos Siddhas e a queda do Espírito. Mas não pode ser mais difícil a aproximação inteligível a dito mito. Uma via iniciática na qual o Instrutor coloca em contato direto o estudante com o Mito, sem dúvida transporia todas as dificuldades. Mas não é esse o caso; aqui devemos mostrar a verdade da tese por meios de explicações racionais, quer dizer, com conceitos determinados pela lógica da linguagem. E o faremos assim, pois nos estimula a certeza de que o caminho escolhido é o correto, de que qualquer um que o transite com um mínimo de atenção, não poderá menos que atravessar, em algum momento, a ponte metafísica que conduz ao Espírito, ao seu próprio Espírito cativo pelos Deuses da matéria.

Comecemos, pois pelo princípio da tese. A Sabedoria Hiperbórea ensina que antes da chegada ao Universo material dos Espíritos Hiperbóreos, na terra habitava um hominídeo sumamente primitivo denominado PASU. Tal hominídeo, no entanto, estava POTENCIALMENTE chamado a cumprir uma importante função na obra do Demiurgo: ser "colocador de sentido" no mundo, finalidade que se explicará com detalhes mais adiante. Aqui interessa destacar que o pasu TINHA FRACASSADO COMO ESPÉCIE NO CUMPRIMENTO DE SUA FINALIDADE e, segundo ocorre em todos os casos em que a evolução toma caminhos equivocados, SEU DESTINO CERTO ERA A EXTINÇÃO.

Que milagre o salvou de desaparecer como o dinossauro ou o Dodô e em troca acelerou sua evolução até torná-lo em amo da terra? Resposta: a contribuição genética de uma raça extraterrestre chamada, ultimamente, "Hiperbórea". Mas não se trata só de "genética", quer dizer, de informação hereditária: A MODIFICAÇÃO GENÉTICA DO PASU QUE FEZ POSSÍVEL É O ENCADEAMENTO ESPIRITUAL DOS SERES EXTRATERRESTRES AO DESENVOLVIMENTO EVOLUTIVO DOS ARQUÉTIPOS MANU, OU SEJA, A EVOLUÇÃO DA MATÉRIA. Este fato primordial, que constitui o núcleo da tese, denomina-se "Traição Branca" ou "Traição dos Siddhas", em clara alusão aos chefes extraterrestres que dirigiram a queda dos Espíritos, produziram uma mutação nos reinos vegetal e animal da Terra e, ainda hoje, controlam o planeta desde o centro Chang Shambala.

Como efeito da traição dos Siddhas Traidores aparecem três tipos de homens sobre a Terra: o hominídeo primitivo que a partir de então se chama ANIMAL-HOMEM ou PASU; o pasu que "possui linhagem hiperbórea", quer dizer, o pasu que tem a POSSIBILIDADE de que nele se manifeste o Espírito cativo, denominado VIRYA; e o SIDDHA HIPERBÓREO, que pode ser tanto um Espírito "liberado" do cativeiro, como um dos Antigos Guias, que permanece na Terra, em um lugar chamado Agartha, para combater o Inimigo e consumar o resgate final dos Espíritos cativos.

O homem de nossos dias é, em maior ou menor grau, um VIRYA PERDIDO. Pode-se dizer que nele existe uma dupla natureza, divina e humana, tal como afirmavam acertadamente os gnósticos dos primeiros séculos da Era atual e que a

Igreja reservou exclusivamente para um expoente da "raça sagrada" do Demiurgo Jeová-Satanás. Com efeito, a dupla natureza que a Igreja afirma que possuía Jesus Cristo é, na realidade, a condição natural de todo virya, o qual PARTICIPA da divindade absoluta do Espírito Eterno. Para ocultar este fato, e evitar que o homem se torne um Deus, a Igreja começou por destruir a Gnose com uma implacável perseguição e continuou apoderando-se da verdade para aplicá-la só a Jesus Cristo. Depois da traição de Constantino aos Deuses do Império Romano, e do Concílio de Nicéia e posteriores, a verdade Gnóstica da dupla natureza do virya se transformou no dogma da divindade de Jesus Cristo. E toda posterior tentativa de revelar este segredo aos homens, desde os Maniqueus e Cátaros até Nietzsche e Hitler, foi afogada em sangue pela conspiração sinárquica da judaico-maçonaria, do judaico-marxismo, do judaico-cristianismo, etc.

O pasu primitivo era uma fase no processo evolutivo do Arquétipo Manu. A esse estado havia chegado depois de uma evolução de milhões de anos que não começou aqui, senão em outro planeta, o qual se dividiu logo em quatro partes e formou as luas da Terra. Como era a psique do pasu quando vieram os extraterrestres? Resposta: Possuía um sujeito racional bastante desenvolvido e uma incipiente esfera de pré-consciência, com a qual não conseguia adquirir a "consciência de si", quer dizer, individualidade psíquica. Nesta falta de individualidade radicava, justamente, a falha evolutiva do pasu. Em outros incisos se demonstrará que o Demiurgo propôs uma finalidade para o destino do pasu cujo objetivo é duplo: o "objetivo microcósmico da finalidade" exige que o pasu desenvolva a "esfera de consciência" e transforme o microcosmo em "ente autônomo", capaz de "colocar sentido no macrocosmo". Este objetivo permite que se cumpra, também, o "objetivo macrocósmico da finalidade": produzir cultura. Entende-se que o primeiro objetivo, "desenvolver a esfera de consciência" é particular e o segundo, "produzir cultura", é coletivo.

A "falta de individualidade", a "incipiente esfera de pré-consciência", a natural e insuperável animalidade, causaram a falha do objetivo microcósmico da finalidade; e tal estancamento particular produziu, em consequência, o fracasso do objetivo macrocósmico: as "culturas" pasu não progrediram, em milhares de anos.

Por outra parte, cabe destacar que, em sentido geral, o pasu exibia um instinto gregário altamente desenvolvido, que lhe permitia superar em organização a qualquer outra sociedade animal, POIS ERA O ÚNICO CAPAZ DE CRIAR UMA CULTURA. No entanto, por não estar totalmente individualizado, participava, junto com outros membros de sua comunidade, de uma espécie de "alma grupal", ou "egrégora", dotada de certa inteligência, mas cuja motivação principal era constituída pelo DESEJO.

Em síntese, o encadeamento espiritual foi perpetrado pelos Siddhas Traidores para que o pasu pudesse cumprir com o duplo objetivo da sua finalidade: desenvolver o sujeito consciente e produzir cultura. Por que fizeram tal coisa? De que meios se valeram para isso? As respostas para estas, e outras perguntas semelhantes, poderão encontrar-se nos incisos seguintes.

Esta é, em grandes traços, a tese que aqui desenvolvemos. Sua aparente simplicidade não deve dar lugar a equívocos, pois, se se deseja transcender a linguagem mítica e esclarecer o mistério, ter-se-iam que apresentar interrogações complexíssimas. Por exemplo, consideremos o tema do Espírito encadeado: se tomamos como um fato real, ainda que antiquíssimo, a queda e cativeiro do Espírito, e procuramos torná-lo em grande medida inteligível, temos que começar por interrogar: como se encadeia à matéria, ao efêmero da vida, ao devir da natureza, aos ciclos de vida e morte, como se encadeia, repetimos, um Espírito eterno a essa ilusão? Resposta: antes de tudo, há que se afirmar que a solução constitui um segredo terrível, conhecido na Sabedoria Hiperbórea como "Mistério de A-mort e de amor". No entanto,

sem pretender revelar totalmente semelhante segredo, podemos avançar bastante sobre muitos dados já conhecidos exotericamente. Respondemos, então, que O ESPÍRITO ETERNO, QUE É TANTO OU MAIS POTENTE QUE O PRÓPRIO DEMIURGO, PERMANECE ENCADEADO "PORQUE NÃO SABE QUE O ESTÁ".

Como pode ser isto possível? Não é difícil de imaginar se consideramos que HOUVE UMA TRAIÇÃO ORIGINAL, pode-se dizer, a quebra de uma confiança, ou lealdade, que se deviam entre si os membros da Raça Hiperbórea. Se contamos com este elemento dinâmico exterior, "a traição", podemos então supor que OS ESPÍRITOS EXIBIAM UM PONTO FRACO EM SUA COMPLEIÇÃO, AS COSTAS, UM CALCANHAR DE AQUILES, ETC., E POR ELE FORAM DOMINADOS. Mas, ainda assim, é difícil entender como pôde ocorrer um fato tão transcendental para o Espírito, a perda da liberdade, o encadeamento à matéria e ao tempo, etc., SEM QUE ESTE O SOUBESSE, nem então nem logo em seguida, E PERMANECESSE ASSIM. E tal dificuldade para entendê-lo demonstra quão longe estamos do Espírito, de nosso Eu Eterno.

Reiteramos que, apesar das dificuldades assinaladas, é possível explicar em grande medida a tese, e apreender intuitivamente o inexplicável por meio da indução transcendental. A conseguir tal objetivo dedica-se a Primeira Parte dos "Fundamentos". Mas vale a pena esclarecer: não seria possível tornar inteligível o fato do encadeamento do Espírito à evolução do pasu, sem uma adequada descrição prévia da estrutura psíquica do pasu. Isto é o que nos demandará mais esforço, ainda que, devido a que em cada VIRYA existe ainda uma parte importante do pasu, sua compreensão não oferecerá problemas ao estudante.

NECESSIDADE DE UM MODELO ANALÓGICO DO ESPÍRITO HIPERBÓREO

Nosso propósito é, pois, demonstrar mediante analogias, de que maneira os Espíritos foram encadeados à matéria SEM SABÊ-LO e, especialmente, em que consiste esse "ponto fraco" da compleição espiritual.

Mas há que se avisar que a hipótese que apresentamos só pode corresponder ao caso de um Espírito que INGRESSOU NO UNIVERSO e, portanto, se situou em níveis de quantificação racional. Nada podemos saber sobre a forma, ou o modo de ser de um Espírito SITUADO FORA DO UNIVERSO MATERIAL e tarefa inútil seria tentar representá-lo. Em troca, o modelo que oferecemos ajudará a imaginar um membro da raça cósmica, a qual será, naturalmente, muito diferente de quanto estamos acostumados a ver ou conceber. Tal modelo permitirá intuir como se pôde enganar e derrotar o Espírito SEM QUE ESTE O NOTASSE, e porque, logo, PERMANECEU SEM SABER EM QUE ESTADO SE ENCONTRAVA.

Como muitos dos "fundamentos metafísicos" que se expõe neste livro se apoiam no "modelo da esfera", convém esclarecer logo o que cabe se esperar dele e até onde reflete a realidade do Espírito. Neste sentido, devemos dizer que, na concepção do Modelo se atendeu à correspondência conceitual antes que à meramente formal. Deste modo, é possível conseguir que a enunciação de qualidades ou propriedades DO Modelo CONOTEM qualidades ou propriedades DO Espírito.

O modelo da esfera tem, assim, correspondência conceitual com o Espírito Hiperbóreo, o que vai permitir uma intuição metafísica que não é nem sensível nem inteligível, senão gnóstica, e efetuar o trânsito buscado para o Espírito. Isto é o que cabe esperar-se de um Modelo semelhante.

Não será necessário, supomos, insistir demasiadamente em que o Espírito NÃO É ESFÉRICO, pelo fato de que o Modelo o seja; O QUE PERMANECE INVARIÁVEL NA CORRESPONDÊNCIA É A TOPOLOGIA E NÃO A FORMA GEOMÉTRICA: DOS INVARIÁVEIS TOPOLÓGICOS E DE SUAS CONSEQUÊNCIAS FÍSICAS SE DEDUZEM OS CONCEITOS ANALÓGICOS. Pelo contrário, quem vá do

Modelo ao Espírito transcenderá o esférico, situar-se-á além de sua entidade, no plano do ser absoluto, quer dizer, no Vril.

O MODELO DA ESFERA

Consideremos, pois, uma ESFERA OCA, de substância homogênea. Trata-se, topologicamente, de uma SUPERFÍCIE BILATERAL: um lado se constitui pela superfície esférica interior e o outro, a superfície exterior. Suponhamos agora que tal esfera oca representa um Espírito eterno ANTES da queda. Cada um dos infinitos pontos da superfície INTERIOR é um núcleo de gnose absoluta QUE OLHA PARA O CENTRO OU QUE SE DIRIGE PARA O CENTRO. E no centro, em um ponto situado no espaço oco interior, convergem todos os olhares dos pontos gnósticos, e se realiza ali uma síntese total de Sabedoria. Pode-se dizer que, no centro da esfera espiritual, existe um Eu absoluto, que SABE de cada ponto de seu ser, porque, justamente, é a síntese de todos esses pontos. Como AGE um ser assim? Contraindo e expandindo seu volume e aplicando sua Vontade absoluta no espaço interior. Se o Eu absoluto quer, pode contrair a superfície até quase confundir-se com o ponto central; ou pode expandi-la e criar tanto espaço interior como o de um universo inteiro. E se deseja, também, pode ORGANIZAR DITO ESPAÇO INTERIOR e transformar-se em Pantocrator, como uma vez fez Abraxas. Mas o Espírito não é um Demiurgo, não TEM INTERESSE EM PERMANECER NO MUNDO DA MATÉRIA E ENERGIA. Procede do Incognoscível e para lá deve retornar. Como chegou até este mundo demencial? Acompanhando a raça, seguindo os chefes; por A-mort a Ela, talvez.

Mas, seja qual for o motivo, o efetivo é que o Espírito-esfera se encontrava, então, ali. Mas ele NÃO ERA ASSIM, semelhante a uma bolha, antes de “ingressar” no universo do Uno: essa é a forma HOSTIL com que sua natureza se adaptou à loucura daquele caos organizado. A hostilidade essencial do Espírito para com a ordem material do Demiurgo manifestou-se nesse “confinamento” com que o Eu absoluto se “cercou” esfericamente. No centro da esfera brilhava a chama do Eu absoluto, a qual era contemplada desde todos os pontos de si mesmo. Fora da esfera o caos organizado, a loucura de Abraxas reinava por todas as partes. Para lá, pois, NÃO OLHAVA o Espírito eterno, e esse NÃO OLHAR constituía a sua hostilidade.

Bom, esta última parte não é totalmente certa, pois POR UM PONTO, pelo menos, o Espírito observava o exterior. Sim, um ponto, um único ponto em toda a superfície esférica exterior, PELO QUAL ELE CONTEMPLAVA A ESFERA DELA. Sim. E este único ponto, por que duvidá-lo? Acabou sendo o “ponto fraco”, a origem da queda.

Atenção agora: não diremos “por que” ocorreu nem “como” ocorre: seria inútil pretender explicar o Mistério de A-mort com uma alegoria tão simples. Daremos, em troca, uma descrição do “que” ocorreu ao Espírito-esfera. De tal maneira “que” estará simbolizada a ideia da queda do Espírito Eterno, que nos permitirá compreender finalmente, o encadeamento à matéria ou, melhor ainda, a dupla natureza do virya.

Na figura 1, desenhou-se uma bolha de um material muito elástico, por exemplo, borracha. Ao ponto K, SITUADO NO INTERIOR, está firmemente soldada uma corda, a qual percorre um diâmetro (KH), e sai para o exterior pela antípoda, quer dizer, pela perfuração pontual H. A corda tem em seu extremo exterior um olho E, pelo qual é possível enganchar e puxar.

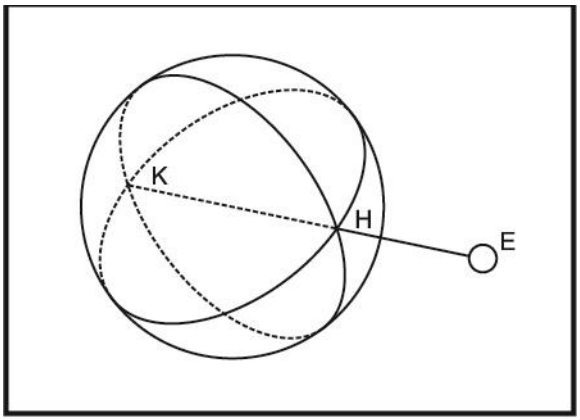


FIGURA 1

Supondo que a bolha se mantenha em todo momento em seu lugar, o que acreditamos que acontecerá quando se puxe para fora, desde o olho E? Sem dúvida, EM UM PRINCÍPIO, produzir-se-á uma deformação; momentaneamente se perderá a forma esférica, o ponto K se "aproximará" da perfuração H e a bolha de borracha se "enrugará por trás". Mas, SE SE PUXA O SUFICIENTE, logo se verá QUE A PARTE INTERIOR COMEÇA A SAIR PARA O EXTERIOR.

Teoricamente, se continuamos puxando, conseguiremos que TODA A SUPERFÍCIE INTERIOR PASSE A OCUPAR O LUGAR DA SUPERFÍCIE EXTERIOR e, em consequência, QUE A SUPERFÍCIE EXTERIOR SE MOVA PARA O INTERIOR DA BOLHA. No final obteremos novamente a forma esférica, MAS INVERTIDA: a superfície que antes estava dentro agora está fora.

É necessário fazer um esforço e imaginar completamente este processo. Para isso o melhor é fixar condições cromáticas iniciais como, por exemplo, QUE A BOLHA SEJA VERMELHA POR FORA E VERDE POR DENTRO. Desse modo será possível imaginar como vai surgindo a pele interior VERDE pelo orifício H e como, ao final, a totalidade da cor vermelha terá passado para o interior, enquanto a superfície exterior ter-se-á tornado totalmente verde.

A INVERSÃO DO ESPÍRITO PRODUZ A DESORIENTAÇÃO ABSOLUTA

Se fomos capazes de imaginar a inversão da bolha, poderemos dar um passo a mais e supor que algo semelhante ocorreu ao Espírito-esfera. Naturalmente que no Espírito não existia uma corda, a qual fosse possível se puxar. Mas EXISTIA SIM UM PONTO INTERIOR QUE "OLHAVA" PARA O EXTERIOR, quer dizer, UM PONTO QUE REUNIA AS CONDIÇÕES DE "K" E "H" SIMULTANEAMENTE. Este ponto permitiu aos Siddhas Traidores efetuar uma inversão, nos Espíritos-esferas, semelhante à que imaginamos na bolha de borracha.

Tiremos agora algumas conclusões. Consideremos o Espírito-esfera antes da inversão; devemos convir que quando TODOS (MENOS UM) dos infinitos pontos da superfície interior "olham" para o centro, tal estado constitui a NORMALIDADE do Espírito-esfera. Dissemos que se tratava de "pontos gnósticos": isto não quer dizer que a Sabedoria dos Espíritos Hiperbóreos esteja fragmentada ou pulverizada em unidades pontuais; o conceito "pontos gnósticos" é alegórico, próprio dos Espíritos-esferas, e inseparável do conceito geométrico de "superfície" que estamos empregando.

A “normalidade” consiste, então, em que todos os pontos gnósticos, menos um, olhem para o centro da esfera, onde brilha o Eu absoluto, a síntese do Espírito-esfera; o centro é, a rigor, O “PONTO CARDEAL” DA SUPERFÍCIE INTERIOR. Mas, falar de “ponto cardeal” é aludir a uma ORIENTAÇÃO. Quer dizer, O PONTO CARDEAL CONSTITUI O “ORIENTE” DA GNOSE INTERIOR, O LUGAR AO QUAL SE REFEREM TODAS AS DIREÇÕES, TODOS OS RUMOS, TODOS OS SENTIDOS. Só um ponto está desorientado, e o está por A-mort, por essa necessidade d’Ela, que é anterior à Origem e por isso é incompreensível.

Por outra parte, o Espírito, ao ingressar PELA ORIGEM no Universo do Uno, o faz na qualidade de “inimigo”; por isso adapta-se em forma de Espírito-esfera e demonstra assim sua HOSTILIDADE ESSENCIAL.

Reconhecemos, pois, DUAS NORMALIDADES no Espírito-esfera: A NORMALIDADE INTERIOR OU ORIENTAÇÃO e A NORMALIDADE EXTERIOR OU HOSTILIDADE.

A “traição” dos Siddhas Traidores foi uma operação efetuada sobre o ponto exterior do Espírito-esfera. Podemos supor, SÓ SUPOR, que o efeito de tal operação produziu no Espírito-esfera a crença de que a esfera d’Ela encontrava-se justamente em frente ao ponto exterior. Mas, fosse qual fosse o engano, ou a crença do Espírito-esfera, o certo é que INSTANTANEAMENTE o seu ser se inverteu, de maneira semelhante a como ocorreu com a bolha da figura 1. Por que reagiu de tal modo o Espírito-esfera? O que impulsionou a sua consciência a desorientar-se do Eu absoluto, a PASSAR pelo ponto exterior e ficar exposto às determinações da ordem cósmica? Só podemos aventurar outra suposição: o Espírito-esfera agiu corretamente, MAS FORA DE LUGAR. Quer dizer, sua reação, sem dúvida, era apropriada ALI, NO MUNDO INCOGNOSCÍVEL DA ORIGEM; efetuada imprudentemente aqui, no Universo da matéria e energia, da Consciência-Tempo do Demiurgo, da potência arquetípica, conduziu o Espírito-esfera a um triste fim. A derrota se consumou, pois, EM UM INSTANTE, SEM LUTA E SEM DEFESA (as lutas e a defesa viriam depois).

O Espírito-esfera passou, assim, INSTANTANEAMENTE, DE “SER” A “NÃO SABER”, DA ORIENTAÇÃO ABSOLUTA À DESORIENTAÇÃO ABSOLUTA OU CONFUSÃO.

O ESPÍRITO-ESFERA “NORMAL”

Para compreender melhor o estado do Espírito-esfera depois da queda, vamos estabelecer algumas precisões sobre a sua constituição NORMAL. A princípio, tomemos como referência o PLANO MATERIAL e convenhamos que este se encontra DEBAIXO DO ESPÍRITO-ESFERA. Deste modo, a “hostilidade essencial” manifesta-se como OPOSIÇÃO a dito plano (ver figura 2).

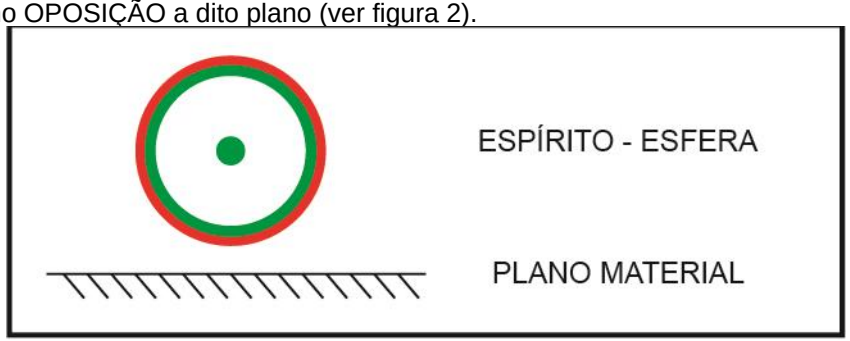


FIGURA 2

Disposto assim o enfrentamento – Espírito absolutamente livre contra plano material absolutamente determinado ou ordenado - passemos a descrever a NORMALIDADE do Espírito-esfera.

Como se observa na figura, desenhamos uma SECÇÃO do Espírito-esfera, na qual assinalou-se com cor verde a superfície interior GNÓSTICA e com vermelho a superfície exterior HOSTIL. Se essa é a situação inicial do drama do Espírito, então valem os seguintes princípios:

Primeiro: o "corpo" do Espírito, quer dizer, a esfera, pode se considerar como composto por duas capas ou extratos, por duas películas sobrepostas, que são, na realidade, duas FACES OU ROSTOS.

A superfície exterior, vermelha, é a expressão do **TERGUM HOSTIS**, ou COSTAS HOSTIS; a superfície interior, verde, é a expressão do **VULTUS SPIRITUS** ou ROSTO ESPIRITUAL.

Segundo: segundo a disposição da figura 2, a oposição ou hostilidade é para o plano material "inferior", caso que, analogicamente, se representou com a esfera "acima" e o plano material "abaixo". É evidente, então, que a oposição efetiva é realizada na meia esfera inferior. Com o objetivo de se alcançar uma profunda compreensão, vamos prescindir por um momento da meia esfera superior e considerar só aquela parte que exerce efetiva oposição à matéria (ver figura 3).

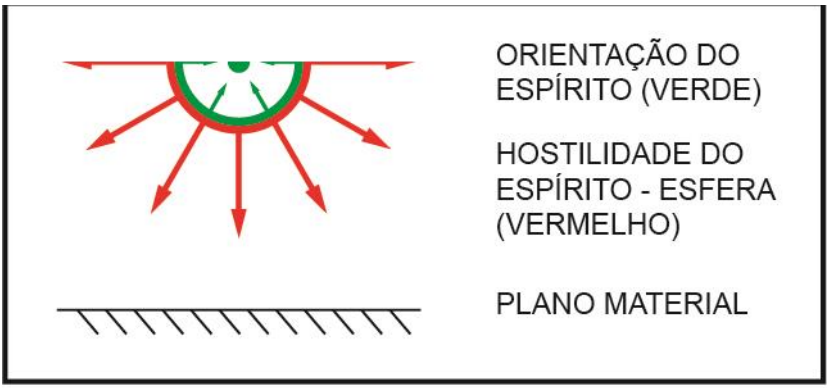


FIGURA 3

Podemos distinguir na figura 3 duas direções opostas: o Rosto espiritual se orienta para o ponto cardeal do Eu absoluto. As Costas hostis se opõem à matéria inferior.

Situando-nos alternativamente em cada um de tais pontos de referência, notamos que: VISTO DESDE O PLANO MATERIAL, A HOSTILIDADE DO ESPÍRITO ESTÁ SIMBOLIZADA PELO "CONVEXO"; VISTO DESDE O EU ABSOLUTO, A ORIENTAÇÃO DA GNOSE ESPIRITUAL ESTÁ SIMBOLIZADA PELO "CÔNCAVO".

Terceiro: o rosto espiritual é gnose pura e sua síntese consiste em um Eu absoluto situado no centro da esfera.

As costas hostis, em consequência, NÃO É SABEDORIA DE MODO ALGUM. Pelo contrário, elas SÃO SÓ HOSTILIDADE, JUSTAMENTE PORQUE NÃO SE CONSTITUI EM UM CONHECIMENTO DO ENGANO EXTERIOR. O Espírito-esfera

apresentou-se no Universo material ENCERRADO EM SI MESMO, EM TORNO DO EU ABSOLUTO, E MOSTRANDO AO DEMIURGO "POR TODAS AS PARTES COSTAS HOSTIS". Mas o Tergum, as Costas, se opõem ao Demiurgo não como contrário, mas como ADVERSÁRIO porque, há que se afirmar, O ESPÍRITO-ESFERA É UM DEUS MAIS POTENTE QUE O DEMIURGO.

O Espírito-esfera oposto ao plano material, tal como se vê na figura 2, É TÃO IMUTÁVEL COMO O "SER" DE PARMÊNIDES. Inclusive o conceito do filósofo de Eleia poderia se aplicar ao Espírito-esfera e dizer assim: o Espírito É, e o que o Espírito NÃO É, NÃO É. Com outras palavras, na figura 2 vemos por um lado o Espírito-esfera absolutamente livre, eterno e imutável. ISTO É O QUE O ESPÍRITO É; de outra parte, vemos um mundo absolutamente determinado, temporal e fenomênico. ISTO É O QUE O ESPÍRITO NÃO É. E em consequência, PARA O ESPÍRITO, isto que ele NÃO É, NÃO EXISTE, É UMA ILUSÃO, ou seja, NÃO É. A única realidade é o Espírito, só ele É, mas o Demiurgo TAMBÉM É ESPÍRITO, por isso ele é o ADVERSÁRIO. Daí que seja necessário distinguir entre o Pantocrator e o mundo, quer dizer, entre o Deus plasmador e o mundo por ele plasmado; entre o Demiurgo e o Universo ordenado. Os segundos formam o plano material para o qual visa a negação do Espírito-esfera; o mundo material é pura aparência, pura ilusão, puro fenômeno, puro processo evolutivo, pura contingência e acidente. Para o espírito o mundo NÃO EXISTE, NÃO É. Mas o Demiurgo SIM, É; e contra ele se travará o combate pelo retorno à Origem, pela recuperação do "estado primordial", que aqui representamos alegoricamente com a forma esférica.

Resumindo estes princípios, podemos dizer que o Espírito-esfera, inicialmente, possui um Rosto espiritual, verde e interior, que olha para o Eu absoluto, o qual é a sua síntese gnóstica, e que tal "olhar" constitui a "orientação normal" do Espírito. Também sabemos que exibe as Costas hostis, vermelhas e exteriores, que se opõem ao plano material e que tal oposição é a "hostilidade normal" do Espírito.

O ESPÍRITO-ESFERA "INVERTIDO"

O que jamais poderia conseguir o Demiurgo ou qualquer outro Demônio semelhante, isto é, a alteração do Espírito-esfera, veio a ser logrado pela Via da traição. Com efeito, foram outros membros da Raça Hiperbórea, conhecedores de todos os segredos do Espírito-esfera, que quebraram o princípio de lealdade e precipitaram milhões de Espíritos ao abismo. Eles, os Siddhas Traidores, revelaram o segredo do "ponto exterior" e fizeram possível o engano e a inversão do Espírito-esfera. Na figura 4, representou-se tal situação.

Vemos ali que o Tergum ou Costas hostis passaram para o interior da esfera, enquanto o Rosto espiritual se exteriorizou por completo, ficando de frente, por um lado, diretamente ao plano material.



FIGURA 4

A primeira coisa que se percebe, ao observar a figura 4, é o desaparecimento do Eu absoluto da sua posição central. O Espírito Hiperbóreo, vale a pena esclarecer, NÃO É UM SER SIMPLES. Há que se recordar que estamos falando de um membro de uma raça cósmica e não de um mero fantasma incorpóreo. Além disso, se fosse simples, seria inútil tentar a sua descrição: bastaria só mesmo designar-lhe um nome. Isso não é possível e por isso o representamos como Espírito-esfera, o qual desde já não é simples: já conhecemos seu corpo esférico, o "Tergum Hostis" e o "Vultus Spiritus". Este último, o Rosto espiritual, é a SABEDORIA propriamente dita e dela depende o Eu absoluto que, depois da inversão, desapareceu do centro.

O Rosto espiritual tampouco é simples, desde que o supomos extenso, quer dizer, como uma "superfície esférica interior", mas pelo contrário é homogêneo, TODO SABEDORIA. Tal homogeneidade espiritual se concretiza no Eu absoluto, o qual é expressão da síntese absoluta com a qual o Espírito esférico se unifica e reúne em um só ponto central. Para expressar a unidade do Espírito Esférico e sua síntese central, em sentido figurado, supomos que a superfície representativa está composta por pontos que "olham" para o centro e ali se sintetizam em um único ponto cardeal: o Eu absoluto.

Pois bem: depois da inversão, os pontos gnósticos já não "olham" para o centro da esfera, interiormente, senão em sentido completamente oposto e exterior. O que aconteceu com o Eu absoluto agora? Seu "desaparecimento" significa sua extinção, a quebra da unidade sintética da Sabedoria? A rigor, estas e outras perguntas que poderiam se propor, reduzem-se a uma só: EXISTE ALGUM PONTO EXTERIOR AO ESPÍRITO ESFERA QUE POSSA SER "VISTO" SIMULTANEAMENTE POR TODOS OS PONTOS GNÓSTICOS DO ROSTO ESPIRITUAL? Compreende-se que esta pergunta, assim como qualquer outra semelhante, incluídas as duas propostas em primeiro termo, DEVEM SER RESPONDIDAS AFIRMATIVAMENTE, pois, caso contrário, o Eu absoluto NÃO SERIA ABSOLUTO. O caráter de "absoluto" lhe vem por ser síntese absoluta da gnose espiritual; sua sorte, falando em sentido figurado, está ligada à unidade da Sabedoria e se aquele se extingue, esta vai extinguir-se também, quer dizer, tem que morrer. Mas o Espírito-esfera é imortal e seu Eu, um Eu Absoluto.

Mas se a resposta DEVE SER AFIRMATIVA, se efetivamente existe um ponto exterior onde, depois da inversão, se trasladou o Eu Absoluto, cabe perguntar, por sua vez: onde está? Ou melhor, onde PODE estar um ponto cardeal exterior que receba simultaneamente todos os "olhares" dos pontos gnósticos?

Para aproximar-nos da resposta, tenhamos em conta o seguinte: no Espírito-esfera NORMAL (fig. 2) os “olhares” dos pontos gnósticos para o Eu Absoluto equivaliam a PROJEÇÕES dos pontos da superfície esférica interior sobre o ponto central. Inversamente, poder-se-ia também dizer que desde o EU ABSOLUTO é possível ver TODOS OS PONTOS do Rosto espiritual. Ou seja, DESDE O PONTO CENTRAL da esfera é possível PROJETAR um raio para cada um dos pontos da superfície esférica interior. Consideremos agora, com este mesmo critério, o Espírito-esfera, logo depois da inversão (fig. 4). O ponto buscado deve ser tal que convirjam sobre ele a projeção de TODOS os pontos da superfície exterior da esfera. No entanto, é evidente, à primeira vista, que a projeção normal de todos os pontos exteriores não converge, senão que diverge em todas as direções, quer dizer, isotropicamente. Mas podemos verificar com mais rigor essa presunção, se examinamos dois pontos gnósticos, A e B, tão perto como se possa um do outro, e medirmos a distância entre cada VETOR [i1]projetivo ou “olhar” para o Eu Absoluto. Na figura 5-A se demonstra que no Espírito-esfera “normal” os “olhares” convergem para o Eu Absoluto desde o centro, quer dizer, os vetores “se juntam cada vez mais entre si” à medida que se encurta a distância ao centro.

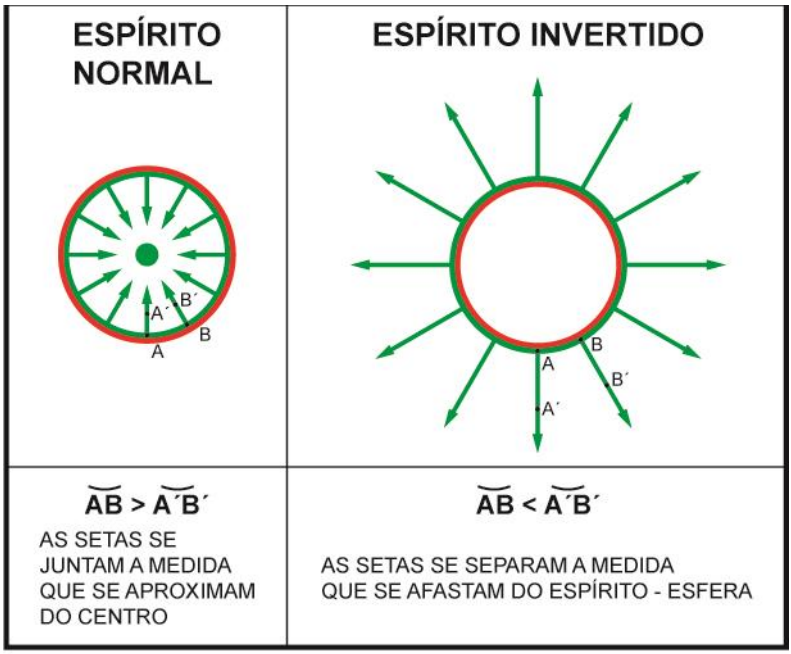


FIGURA 5 (a e b)

[1]"vetor radiano", ou seja, um vetor cujo módulo é igual ao raio. TODOS os pontos gnósticos, ou seja, a superfície.

Pelo contrário, os “olhares” procedentes dos pontos exteriores no Espírito “invertido”, tendem a “se separar cada vez mais entre si” à medida que se afastam da superfície esférica. O que isso nos diz? Para começar, que o ponto exterior de convergência NÃO PODE ESTAR PERTO DO ESPÍRITO ESFERA, posto que os “olhares”, quer dizer, os vetores projetivos separam-se entre si em todas as direções. Mas, QUÃO LONGE pode estar dito ponto não é tão evidente já que, se projetamos TODOS os olhares, ou seja, se consideramos a projeção completa da superfície esférica, ilimitadamente, para todas as direções, ACABAREMOS POR ABARCAR A TOTALIDADE DO ESPAÇO CÓSMICO. Onde está, então, o ponto exterior de convergência? Resposta: NO INFINITO. Por exemplo: se consideramos só quatro pontos gnósticos I, II, III e IV, tal como se mostra na figura 6, SITUADOS EM PARTES OPOSTAS da superfície esférica inteira, ilimitadamente para todas as direções possíveis, estes acabarão por encontrar-se igualmente em um único ponto comum e infinito ou polo. Na figura 7, representou-se um ponto semelhante violeta. A ele chegam os infinitos vetores que partem dos infinitos pontos gnósticos do Espírito-esfera; na figura, desenhamos só dezesseis dos infinitos vetores: o POLO infinito é, a rigor, o mesmo “ponto extremo” de cada um dos vetores.

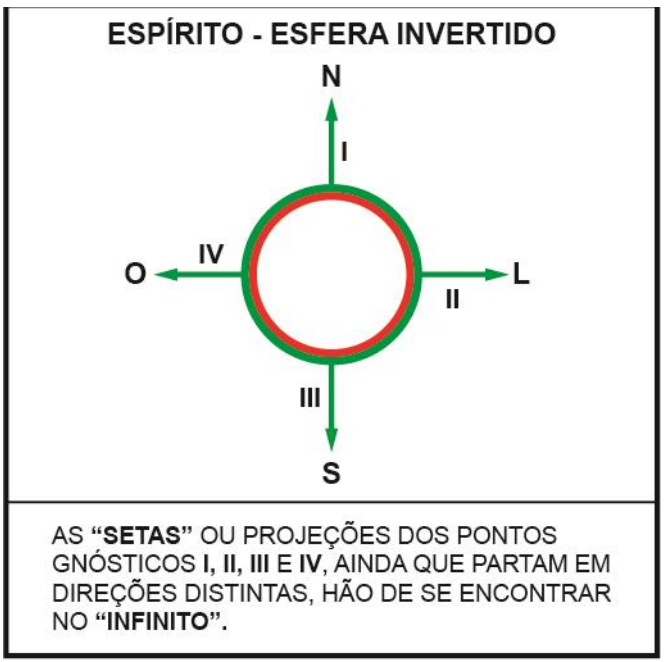


FIGURA 6

Naturalmente, não é possível construir um esquema do Espírito-esfera, como na figura 5-b ou 6, no qual estejam desenhados os infinitos vetores EM TODA SUA EXTENSÃO INFINITA, até chegar à coincidência extrema da figura 7; nem tão somente seria possível representar alguns deles: UM SÓ VETOR CUJO MÓDULO OU

EXTENSÃO SEJA INFINITO, ULTRAPASSA AS DIMENSÕES DE QUALQUER ESQUEMA GRÁFICO. Podemos, no entanto, CONVIR EM UMA REDUÇÃO da dimensão do vetor para que possa ser representado dentro do quadro do esquema. PARA ISSO SÓ HÁ QUE SE RECORDAR QUE O PONTO EXTREMO DO VETOR É SEMPRE O POLO INFINITO.



FIGURA 7

Pois bem, se desenharmos infinitos vetores de, por exemplo, um centímetro de módulo, em um esquema como o da figura 4 (ou 5-b, ou 6, etc.) e marcamos o extremo de cada um deles com um ponto violeta, em representação do polo infinito, COMPROVAREMOS QUE TODOS ESTES PONTOS FORMAM UM CÍRCULO VIOLETA, exterior ao Espírito-esfera e a um centímetro de distância. Na figura 8 mostra-se um esquema semelhante, ainda que, por motivos de clareza, só se desenharam dezesseis vetores. Resulta assim que o "Polo infinito", representado na finitude do esquema gráfico, é equivalente a um "círculo externo" ao Espírito-esfera invertido: é o que chamamos POLO INFINITO EXPANDIDO. Mas não há que se esquecer que o esquema só MOSTRA UMA SEÇÃO OU CORTE DO ESPÍRITO ESFERA. No espaço, quer dizer, considerando as três dimensões da esfera, os infinitos vetores que partem de cada "ponto gnóstico", se têm também um módulo conveniado de um centímetro, por exemplo, FORMARÃO COM SEUS PONTOS EXTREMOS (VIOLETA) UMA ESFERA VIOLETA, exterior ao Espírito-esfera e a um centímetro de distância.

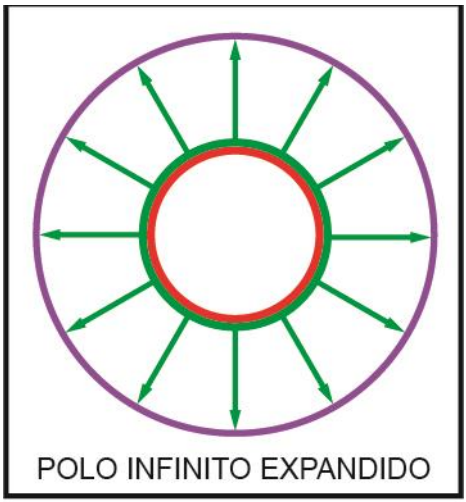


FIGURA 8

Chegou o momento de extrair uma conclusão. Sabemos agora que, logo após a inversão (fig. 4), os “olhares” dos pontos gnósticos convergem efetivamente em um único ponto exterior, de maneira semelhante ao que ocorria no Espírito normal, quando todos os olhares visavam ao ponto central ou Eu Absoluto.

Mas tal ponto exterior está no infinito, segundo vimos. Significa isto que ali se realiza igualmente a síntese do rosto espiritual e se conforma o Eu Absoluto? Sim. Mas a esse Eu exterior vamos chamá-lo, para evitar confusões, “Eu Infinito”.

As perguntas naturais que se depreendem de tal conclusão são: como, se finalmente o Espírito-esfera consegue sintetizar o Eu exterior, este mesmo eu não “toma consciência” de seu estado invertido? E, por que dissemos que, logo depois da inversão, o Espírito-esfera passou de SER a NÃO SABER, da orientação à desorientação, o extravio e à confusão? Não é difícil dar resposta a tais interrogações, mas se requer uma reflexão prévia. Na verdade, o motivo pelo qual o Eu Infinito é ignorante da sua situação tem estreita relação com o motivo pelo qual não podemos representar o “polo infinito” no esquema da figura 8: a relação de incomensurabilidade que tem o finito com o infinito, quando o infinito aparece como extremo ou “limite” de uma distância ilimitada. Se o infinito está no extremo de uma distância, esta tem que, forçosamente, ultrapassar TUDO quanto seja finito. Quer dizer que, ENTRE o Espírito-esfera e o Eu Infinito, há que se estar COMPLETO o mundo dos entes finitos. Ou, em outras palavras, o Eu Infinito ultrapassa PELO INFINITO o mundo dos entes finitos. É como se, na figura 8, TODO O FINITO estivesse entre o círculo verde (Rosto espiritual) e o círculo violeta (polo infinito). Recordemos que na figura 2 representamos o “plano material inferior” DEBAIXO do Espírito-esfera invertido só por motivos de conveniência expositiva, mas na realidade dito plano, o “mundo dos entes finitos", RODEIA O ESPÍRITO INVERTIDO POR TODAS AS PARTES. E a esse mundo o Espírito-esfera se opõe essencialmente.

DEFINIÇÃO ABSOLUTA DA “ESTRATÉGIA HIPERBÓREA”

Pois bem, “o mundo dos entes finitos”, que recém identificamos com o “plano material”, é o mundo “plasmado” ou “ordenado” pelo Demiurgo. Sua característica é a

ORDEM ARQUETÍPICA que segue a matéria ao impulso da influência temporal de Sua Consciência: é o que no Tibete denominam Grande Alento, mas que nós preferimos chamar Tempo. Tal ORDEM ARQUETÍPICA condiciona e determina todo ente em seu ser ou seu chegar a ser, quer dizer, em sua FINITUDE. Isto há de se entender assim: um Arquétipo universal é uma "ideia" pensada pelo Demiurgo e sustentada por este, em uma espécie de memória cósmica, no "plano arquetípico", mas os Arquétipos não são meras imagens estáticas, modelos, moldes ou paradigmas, fixados na eternidade, senão que, pelo contrário, constituem germens providos de um poderoso impulso evolutivo. Tal impulso procede do Alento do Demiurgo e, ao seu ritmo, ditos germens arquetípicos maduram ou maturam e se desdobram NA MATÉRIA, tentando concretizar sua perfeição final. Essa perfeição, que já se encontra em estado potencial desde o começo do desenvolvimento evolutivo, denomina-se ENTELÉQUIA e é, a rigor, o próprio Arquétipo. A enteléquia é o que está desdobrado ou potenciado no Arquétipo e que, como gérmen, esse atualiza depois de seu desdobramento. Por isso, se bem que a enteléquia é a perfeição final à qual visa a evolução, ela está posta também no princípio, como potência do Arquétipo universal, como perfeição inicial: há assim uma coincidência formal entre o Arquétipo universal e sua enteléquia.

Os Arquétipos são universais. O que constitui a individualidade de qualquer ente particular no plano material é a atualização das MÔNADAS, as que provêm da primeira emanação do Demiurgo e às que se impulsiona a evoluir seguindo a ORDEM QUE IMPÕE, NA MATÉRIA, O DESDOBRAMENTO PLANIFICADO DOS ARQUÉTIPOS UNIVERSAIS. Quer dizer que a evolução se desenvolve de acordo com Planos cósmicos, que na realidade são poderosos Arquétipos chamados "MANU". As mônadas são impulsionadas a evoluir conforme ditos planos, sendo totalmente determinadas durante seu trajeto de "descida" e "ascensão" da matéria ou "planos inferiores". Assim, as mônadas podem constituir um ente simples, quer dizer, um que expressa a evolução de um único Arquétipo, ou um ente composto, formado pela ação combinada de múltiplos Arquétipos. A mônada humana em particular, a mônada do pasu, segue em sua última etapa, propriamente humana, a DIREÇÃO arquetípica de um Arquétipo Manu.

No entanto, tal como logo veremos, certos Arquétipos podem afetar o homem com singular violência e ainda tornar-se dominantes. Se se trata de Arquétipos do microcosmo, quer dizer, da estrutura fisiológica do corpo humano, denominam-se "Arquétipos coletivos pessoais". Se são Arquétipos do macrocosmo, ou Universo do Uno, denominam-se "Arquétipos coletivos Universais" ou "Arquétipos psicoides". Mas em qualquer caso, o desenvolvimento que esses Arquétipos efetuam SOBRE O HOMEM tentando concretizar sua enteléquia é chamado "PROCESSO". O "PROCESSO" é o ato pelo qual o Arquétipo se manifesta ao homem, emerge e, nutrindo-se de sua própria energia, busca alcançar a enteléquia.

A finitude dos entes está, pois, determinada pela enteléquia dos Arquétipos universais e, por isso, deve se entender que toda finitude é uma perfeição já que, desde já, toda perfeição é uma enteléquia.

A ORDEM ARQUETÍPICA implica, então, na finitude dos entes, sua determinação absoluta. Mas, "além do mundo dos entes finitos", está situado o Eu Infinito do Espírito-esfera invertido. O que há além de tal mundo, o que significa aqui o infinito com respeito ao finito? Imperfeição e indeterminação. Com efeito, se PARA A ORDEM ARQUETÍPICA o finito constitui uma perfeição, então o infinito é o não determinado, ou imperfeito, ou, em todo caso, o indeterminado. Isto, VISTAS AS COISAS A FAVOR, OU "DESDE" A ORDEM ARQUETÍPICA. Pois, VISTAS AS COISAS DESDE O INFINITO, resulta inversamente que A ORDEM ARQUETÍPICA É O ILUSÓRIO E O NÃO EXISTENTE, O QUE CARECE DE ETERNIDADE. Daí sua

contínua mudança ao ritmo do Grande Alento, ou seja, do Tempo transcendente. O infinito, pelo contrário, É UM REFLEXO DA ETERNIDADE DO ESPÍRITO. POR ISSO SE DERRAMA "ALÉM" DO MUNDO DOS ENTES FINITOS; e "além" também da temporalidade transcendente dos entes.

Vemos assim que o fato de estar o Eu Infinito "além do mundo dos entes finitos" implica em uma "indeterminação absoluta" com respeito à determinação arquetípica dos entes, uma "imperfeição absoluta" com respeito a toda enteléquia, e "um reflexo de eternidade" com respeito a fluência temporal da evolução arquetípica em que consistem os entes. Em consequência, resulta que aquilo que para o Demiurgo constitui uma ORDEM ABSOLUTA é para o Espírito-esfera invertido uma ABSOLUTA DESORDEM.

Mas o Espírito-esfera invertido OPÕE-SE ESSENCIALMENTE AO PLANO MATERIAL e, sendo que dito plano se interpõe entre ele e seu Eu Infinito, não opor-se-á também ao seu próprio Eu, situado "além do plano material"? Sim. E neste momento podemos dar a resposta à pergunta pendente: O ESPÍRITO-ESFERA INVERTIDO IGNORA SUA SITUAÇÃO, PORQUE ENTRE ELE E SEU EU INFINITO INTERPÕE-SE A ABSOLUTA DESORDEM DA "ORDEM ARQUETÍPICA" OU "PLANO MATERIAL"; O ESPÍRITO INVERTIDO OPÕE-SE ESSENCIALMENTE A DITA "ORDEM" E TAL OPOSIÇÃO CRIA UMA BARREIRA DE INCOMUNICABILIDADE COM SEU PRÓPRIO EU INFINITO, QUE SE ENCONTRA "ALÉM DO PLANO MATERIAL". POR OUTRA PARTE, O EU INFINITO, DESDE O INFINITO, SÓ VÊ A SUPREMA ILUSÃO DA ORDEM ARQUETÍPICA, AO "OLHAR" PARA O ROSTO ESPIRITUAL. Tal é o drama do Espírito invertido que se denomina CONFUSÃO ESTRATÉGICA.

Eis aqui um conceito fundamental da Sabedoria Hiperbórea. O estado do Espírito-esfera invertido NÃO É, com efeito, IRREVERSÍVEL: sempre é possível recuperar o estado normal da figura 2. Com tal objetivo pode se afirmar que ainda O MÉTODO QUE PERMITA REVERTER A INVERSÃO DO ESPÍRITO ESFERA, QUER DIZER, QUE PERMITA A ESTE RECUPERAR SUA NORMALIDADE, É UMA "ESTRATÉGIA HIPERBÓREA". Inversamente se diz que, se o Espírito-esfera invertido permanece na ignorância da sua situação, padece de "CONFUSÃO ESTRATÉGICA".

O objetivo de uma ESTRATÉGIA HIPERBÓREA é, assim, a NORMALIDADE DO ESPÍRITO. Este objetivo supõe a busca de duas metas.

UMA: recuperar a HOSTILIDADE ESSENCIAL, conseguir que as Costas hostis ou Tergum hostis se manifeste CONTRA o plano material. Tal como se explicará em outro inciso, a manifestação da hostilidade essencial do Espírito no microcosmo de um virya se denomina FURÓR BERSERKR.

DUAS: conseguir a REORIENTAÇÃO do Rosto espiritual para O ÚNICO PONTO CENTRAL DO EU ABSOLUTO. Com respeito à segunda meta, a "reorientação estratégica", vale a pena assinalar as diferenças entre o Eu Absoluto e o Eu Infinito. O Eu Absoluto, o Eu da ORIENTAÇÃO ABSOLUTA, equivale a um ÚNICO PONTO CARDEAL CENTRAL, quer dizer, A UMA ÚNICA DIREÇÃO PARA OS "OLHARES" DE TODOS OS PONTOS GNÓSTICOS. O Eu Infinito, o eu da DESORIENTAÇÃO ABSOLUTA, equivale AOS INFINITOS PONTOS CARDEAIS, quer dizer, A INFINITAS DIREÇÕES PARA OS "OLHARES" DOS PONTOS GNÓSTICOS.

TRAIÇÃO E ENCADEAMENTO ESPIRITUAL

Tivemos ocasião, até aqui, de estudar com certos detalhes o estado "posterior" à traição em que ficou o Espírito-esfera. Sabemos agora que, logo depois de "operar" sobre o único ponto de consciência exterior ("H" – fig. 1), produziu-se uma inversão do corpo esférico que exteriorizou o Rosto espiritual e projetou o Eu sintético ao infinito. O Espírito-esfera passou então a um estado de "DESORIENTAÇÃO ABSOLUTA" ou

"CONFUSÃO ESTRATÉGICA", no qual lhe resulta impossível "tomar consciência" ou se aperceber de seu extravio.

Mas a "traição" dos Siddhas Traidores consumou-se PARA SERVIR A UM FIM ESPECÍFICO: O ENCADEAMENTO DOS ESPÍRITOS-ESFERA AO PLANO MATERIAL. Voltemos, pois, a repetir aquela pergunta com a qual apresentamos o modelo analógico do Espírito-esfera: "Como se encadeia à matéria, ao efêmero da vida, às variações da natureza, aos ciclos de vida e morte, como se encadeia, repetimos, um Espírito eterno a essa ilusão"? Agora que conhecemos analogicamente o que é um Espírito, vamos explicar como pôde ser encadeado à matéria.

Em primeiro lugar, há uma questão que deve ser elucidada previamente e que pode apresentar-se assim: para que desejavam os Siddhas Traidores encadear os Espíritos-esfera, membros de sua própria raça, ao Universo do Uno? Lembremos que, na Introdução, já adiantamos PARA QUÊ QUERIA O DEMIURGO o encadeamento dos Espíritos: para que o pasu cumpra com o duplo objetivo da sua finalidade: conseguir a autonomia "Microcósmica", quer dizer, alcançar a enteléquia humana. E ser "colocador de sentido", "produtor de cultura". Mas os Siddhas Traidores... O que pretendiam com isso?

Não está demais esclarecer que tal questão é sumamente espinhosa e que o máximo que podemos nos aventurar é a repetição de alguns tradicionais conceitos da Sabedoria Hiperbórea. A princípio, afirma-se que os Siddhas Traidores "NÃO TINHAM UM INTERESSE PARTICULAR EM FAZER PERDER OS ESPÍRITOS", mas que estes foram "O MEIO DO QUAL SE VALERAM PARA CONSEGUIR UM LUGAR NO UNIVERSO MATERIAL DO UNO". Por que tinham necessidade de instalar-se em tão nefasto lugar? Esta é uma pergunta à qual já é muito difícil responder COM PRECISÃO, devido a que interroga sobre os Espíritos ANTES da Origem.

Como repetimos muitas vezes, nada se pode afirmar, a não ser a título de suposição, sobre o mundo originário do Espírito, ao que qualificamos de incognoscível, pelo mesmo motivo, os Hiperbóreos jamais falam de Deus, em sentido pleno, e preferem referirem-se a chefes espirituais, grandes guias ou avatares. Segundo a Sabedoria Hiperbórea, só OS ESPÍRITOS NORMAIS, quer dizer, estrategicamente orientados, TÊM UM VERDADEIRO CONCEITO DE DEUS. Para qualquer outro estado espiritual fora da normalidade, Deus é incognoscível, está além da origem, uma origem que se perdeu pela desorientação espiritual, e por isso é chamado simplesmente de O Incognoscível. Renunciando, pois, de antemão, a indagar sobre a origem, a Sabedoria Hiperbórea é mais clara com respeito ao que aconteceu EM UM PRINCÍPIO: "A RAÇA HIPERBÓREA (dos Espíritos-esfera) INGRESSOU NO UNIVERSO DO UNO (quer dizer, situou-se em frente a ele) PROCEDENTE DA ORIGEM"; "NÃO SE SABE POR QUE VIERAM"; "JÁ ALI PRODUZIU-SE UMA DISPUTA ENTRE OS CHEFES: UNS PROPUNHAM PERMANECER, AINDA QUE PARA ISSO TIVESSEM QUE PACTUAR UMA ALIANÇA COM OS DEMÔNIOS; OUTROS, PELO CONTRÁRIO, INSTAVAM PARA INICIAR A RETIRADA E ABANDONAR AQUELE INFERNO, AINDA QUE PARA ISSO TIVESSEM QUE LUTAR". "NÃO SE CHEGOU A UM ACORDO E FINALMENTE OS CHEFES DECIDIRAM DIVIDIR-SE EM DOIS GRUPOS". "LÚCIFER E MUITOS CHEFES QUE DESEJAVAM LUTAR E PARTIR TOMARAM PELO CAMINHO DA MÃO ESQUERDA"; "RIGDEN JYEPO E O RESTO DOS SIDDHAS TRAIDORES TOMARAM PELO CAMINHO DA MÃO DIREITA". "OS SIDDHAS TRAIDORES SE ALIARAM A JEHOVÁ-SATANÁS (SANAT KUMARA) E SEUS DEMÔNIOS E FUNDARAM A HIERARQUIA OCULTA DA TERRA. LOGO CONSTRUÍRAM CHANG SHAMBALA E TRANSTORNARAM DEFINITIVAMENTE O PLANO EVOLUTIVO QUE IMPULSIONAVA O ALENTO DO LOGOS SOLAR; ESTA ÚLTIMA INFÂMIA ESTÁ REPRESENTADA NO SÍMBOLO OCULTO DE CHANG SHAMBALA: A CHAVE

KALACHAKRA". "PARA O OBJETIVO DE TRANSMUTAR DE CERTA FORMA A ORDEM ARQUETÍPICA, OS SIDDHAS TRAIDORES NECESSITAVAM ENCADEAR OS ESPÍRITOS HIPERBÓREOS À EVOLUÇÃO DE UM ANIMAL-HOMEM CHAMADO PASU". "ESTE É O VERDADEIRO MOTIVO DA TRAIÇÃO: A UTILIZAÇÃO". "FINALMENTE GRANDE PARTE DA RAÇA FOI ENCADEADA À DOR E AO SOFRIMENTO DO KARMA; SÓ FICARAM LÍVRES UMA MULTIDÃO DE ESPÍRITOS FEMININOS QUE NÃO PUDERAM SER ENGANADOS". "ELAS QUE CHAMARAM LÚCIFER PARA QUE ACUDISSE EM SOCORRO DOS ESPÍRITOS CATIVOS". "LÚCIFER REGRESSOU AO INFERNO POR LEALDADE A SEUS COMPANHEIROS". 'E PARA SALVÁ-LOS, ENTREGOU O GRAAL AOS SIDDHAS DE AGARTHA: PARA DIVINIZAR AS LINHAGENS HIPERBÓREAS E GUIAR OS VIRYAS PARA O ESPÍRITO E, DESDE O ESPÍRITO PARA A ORIGEM". "OS SIDDHAS DE AGHARTA SÃO CONHECIDOS, DESDE ENTÃO, COMO SIDDHAS LEAIS".

Não é muito mais o que nos diz a Sabedoria Hiperbórea, mas, de todos os modos, já temos declarado o motivo dos Siddhas Traidores: necessitavam encadear os Espíritos para utilizá-los na evolução do pasu. Este motivo, que já expusemos em várias oportunidades, ia colocar em jogo um colossal desdobramento de infernal imaginação e gênio e, supostamente, de incrível sabedoria. Os Siddhas Traidores, com efeito, foram capazes de compreender o plano evolutivo do Uno e MODIFICÁ-LO, rivalizando com este na busca dos caminhos mais eficazes para concretizar as absurdas e vãs enteléquias. Mas o brilho de tanta inteligência estava, contudo, manchado por uma incompreensível paixão, em cuja produção não eram alheias talvez as infernais regiões materiais às que haviam descido os membros da Raça Hiperbórea. Se esta última ideia for certa, então talvez a traição tenha sido o efeito de uma espécie de loucura desconhecida anteriormente pelos Hiperbóreos.

De qualquer maneira, seja qual fosse a origem da loucura, o certo é que a paixão esteve presente desde o começo, nos atos dos Siddhas Traidores. Isso se comprova especialmente no "sistema" inventado a princípio, para modificar a raça pasu e ADAPTÁ-LA AOS Espíritos a encadear, mas que logo se empregou "toda vez que foi necessário" para "acelerar a evolução da humanidade". Tal sistema consiste em produzir, com o concurso de um tipo de ENGENHARIA ARQUETÍPICA avançadíssima, um corpo humano entelequial ou "protótipo Manu"; ditos corpos são animados pelos próprios Siddhas Traidores, os quais, assim encarnados, realizam todo tipo de fatos, confundidos entre os seres humanos comuns. Deste modo, no curso dos milênios, intervieram sistematicamente na diferenciação e seleção genética de toda raça ou sub-raça humana. Eles foram quem forjaram a estrutura híbrida do virya, a mistura genética de pasu e Divino Hiperbóreo, e o fizeram com o claro propósito de criar um veículo adequado à encarnação dos Espíritos invertidos.

A pergunta óbvia, sem dúvida, é: sendo os Siddhas Traidores membros de uma raça Hiperbórea espiritual, e tendo declarado, como o fizemos, que criavam "corpos humanos entelequiais" para animá-los e agirem entre os homens, qual é o verdadeiro ou a verdadeira contribuição "hiperbórea" que eles introduziram no pasu? Resposta: A MINNE. Por isso dizíamos mais atrás que toda a obra dos Siddhas Traidores denota uma grande paixão. Sem paixão não teria havido "memória de sangue", herança hiperbórea propriamente dita. Se na cópula entre os seres Extraterrestres e os terrestres pasus só tivesse intervindo a contribuição genética do protótipo Manu, O ENCADEAMENTO DOS ESPÍRITOS-ESFERA TERIA SIDO IMPOSSÍVEL. Esta terrível afirmação significa que no sistema inventado pelos Siddhas Traidores para encadear os Espíritos, A PAIXÃO ERA UM INGREDIENTE ESSENCIAL.

A paixão impregna toda a obra dos Siddhas Traidores, mas é, naturalmente, no contato sexual que estes efetuaram assiduamente com a raça humana onde ela se

manifesta com maior clareza e a prova está no fato de que hoje em dia praticamente desapareceu o tipo puro do pasu: isto demonstra a "grande atividade" dos Siddhas Traidores na esfera da procriação. Grande parte da humanidade possui hoje "Linhagem Hiperbórea", quer dizer, memória de sangue, e graças a isso, o encadeamento espiritual é mais em numeroso que nunca. O êxito do sistema parece ser assim, completo.

Vamos dar agora a chave do sistema, uma chave que nos permitirá compreender mais adiante importantes aspectos do método de encadeamento. Como se trata de uma operação de alta magia sexual, sua descrição detalhada seria excessivamente extensa, pelo que nos limitaremos a resumir tudo em um conceito; A "CHAVE GENÉTICA" DO SISTEMA KÁRMICO DO ENCADEAMENTO ESPIRITUAL RADICA NO SEGUINTE PRINCÍPIO: QUANDO O MANÚ UNE-SE SEXUALMENTE COM MEMBROS DA ESPÉCIE HUMANA, COM O OBJETIVO DE FUNDAR UMA ESTIRPE, DA QUAL HÃO DE DESCENDER POVOS OU RAÇAS, AGE SECRETAMENTE DURANTE O MAITHUNA[2] CONCENTRANDO SUA VONTADE EM PLASMAR, EM SEU CÔNJUGE, UMA IMAGEM DA ORIGEM DO ESPÍRITO HIPERBÓREO; ASSIM SE CONSTITUI NA MEMÓRIA DE SANGUE A "RECORDAÇÃO DA ORIGEM", A QUAL É UMA AUTÊNTICA HERANÇA PERPÉTUA DO MANU-SIDDHA TRAIDOR; E SE PLASMA NO SANGUE E NÃO EM QUALQUER OUTRA SUBSTÂNCIA, PORQUE A "FORÇA PLASMADORA" EMPREGADA É A PAIXÃO: PAIXÃO NO MAITHUNA OU, SE SE QUER, AMOR.

A chave do sistema consiste, então, em plasmar uma imagem da Origem no sangue do pasu, com a qual este adquire uma herança divina e passa a ser virya. Só cabe reiterar que tal doação não tem nenhum caráter bondoso, senão que visa a o encadeamento dos Espíritos invertidos, operação que veremos mais adiante como se concretiza. Pode-se considerar, para maior clareza, que a plasmação do "Símbolo da Origem" é a primeira parte de um plano em duas etapas, a segunda das quais seria o encadeamento propriamente dito. A criação da Minne teria assim o único objeto de facilitar, e já veremos como, a ligação do Espírito com a matéria. Por isso, a imagem plasmada da Origem deve ser íntima e secreta, necessariamente inconsciente. Fora do objeto para o qual foi criada, aos Siddhas Traidores não lhes interessa que a "recordação de sangue" se recorde realmente e, na prática de seu sistema kármico, tudo é orientado para impedir que ninguém tenha acesso jamais à imagem da Origem. Justamente foi a ação ofensiva de Lúcifer, ao depositar o Graal no plano material, o que fez possível que o homem recordasse "que não é daqui" e sua linhagem ficasse daí em diante, divinizada.

Por último, há que se avisar que a "Traição Branca" dos Siddhas Traidores produziu consequências em OUTROS MUNDOS, dos quais o homem contemporâneo não tem nem a menor ideia de sua existência. NESSES MUNDOS também foram encadeados espíritos eternos, dando lugar a FORMAS DE VIDA CUJA EXISTÊNCIA É INCONCEBÍVEL PARA A MENTALIDADE CIENTÍFICA ATUAL. Estes seres, que também são VIRYAS, habitam outros ESPAÇOS DE SIGNIFICAÇÃO MACROCÓSMICOS, dos quais se falará no artigo "E", do inciso "O Virya Desperto". É tão grande o desconhecimento sobre tais "mundos" que no desenvolvimento do presente livro, "Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea", teremos que nos referir quase que exclusivamente ao encadeamento espiritual NA Terra e NESTA etapa histórica de

[2] MAITHUNA – Palavra sânscrita que significa "ato sexual".

fim do Kaly Yuga. Mas não há que se esquecer, em nenhum momento, que tal exposição requer ser ulteriormente complementada com uma visão completa, polidimensional, do fenômeno do "encadeamento espiritual", visão que só será possível experimentar, se se tem acesso à "iniciação hiperbórea do sangue puro".

TRECHO DO RELATO DE KURT VON SUBERMANN

Em nossa novela de divulgação "O Mistério de Belicena Villca", alude-se ao Mistério do encadeamento espiritual em um parágrafo que convém recordar aqui. Em dita obra, com efeito, o jovem Kurt Von Sübermann vai com seu pai, amigo de infância de Rudolph Hess, a uma festa na Chancelaria do Terceiro Reich. Ali é apresentado ao Führer, o qual começa a efetuar surpreendentes revelações. A transcrição completa de dito parágrafo dá-se em continuação:

…VIII – A cerimônia do término das aulas realizava-se conjuntamente com outras escolas, em um grande festival, com desfiles múltiplos da Juventude Hitleriana, que culminavam no Estádio de Berlim. Ali o estado maior do Terceiro Reich, encabeçado pelo Führer, estabeleceu um contato direto com a Juventude, por meio de discursos e proclamas.

Papai tinha vindo do Egito especialmente para assistir à graduação, sendo convidado por Rudolph Hess para ir a uma festa a celebrar-se esta noite na Chancelaria. Seria esta, a meu juízo, a oportunidade esperada para esclarecer muitas incógnitas.

Às 10 da noite em ponto, subimos as escadas de mármore da Wilhemstrasse 77. Papai, elegantemente vestido em traje a rigor, e eu, com uniforme das Hitlerjungen, e não desentoávamos entre a em numerosa concorrência que já enchia o Grande Salão da Águia, formando amontoados rumorosos de vozes e risos. Atravessamos o salão em direção ao gigantesco salão de mármore talhado, buscando Rudolph Hess, enquanto sobre nossas cabeças uma aranha de colossais dimensões derramava torrentes de luz, suavemente amortecida por milhares de peças de cristal de Baccarat. Nunca havia visto tanta gente distinta e importante junta. Estavam ali todos os líderes da Nova Alemanha: O Dr. Goebbels, o Marechal Goering, o Reichführer Himmler, Julius Streicher,…. Em um canto afastado, distinguimos um grupo formado por Rosenberg, Rudolph Hess e Adolf Hitler. Papai, temendo interromper uma conversação reservada, indicou-me que aguardássemos a uns passos de distância, enquanto bebíamos um cálice de champanhe que solícitos garçons nos haviam trazido.

Ao cabo de um momento, Rudolph Hess reparou em nós e, após trocar uma palavra com o Führer, aproximou-se sorridente:

- Como estão, Reynaldo, Kurt? – disse – Venham, que lhes apresentarei ao Führer.

Era a primeira vez que eu via de perto Adolf Hitler, uma honra pouco frequente para um estudante estrangeiro, e ainda que viesse preparado, sabendo que o Führer estaria na festa, não me havia ocorrido que seríamos apresentados.

- Adolf, o Barão Reynaldo Von Sübermann – disse Rudolph.

O Führer saudou papai dando-lhe a mão efusivamente, mas sem pronunciar palavra.

- Mein patekind Kurt Von Sübermann - continuou Rudolph – um flamante egresso da NAPOLA, piloto e soldado poliglota, futuro OSTENFÜHRER das WAFFEN - SS.

Não pude evitar de ruborizar-me pela elogiosa apresentação do taufpate Hess.

O Führer estendeu a mão enquanto me cravava um olhar gelado nos olhos. Senti como uma corrente elétrica que corria pela coluna vertebral, ao mesmo tempo que uma espécie de vazio estomacal que quase uivava à altura do umbigo. Foi uma sensação de um instante, mas de um efeito terrível.

Aquele olhar e o contato da mão do Führer tinham atuado como um agente ácido em um cubo de leite, descompondo e dissolvendo meu estado de ânimo. Foi um instante, repito, só um instante, no qual me senti explorado por dentro.

Já recomposto, observei com surpresa que - algo não usual nele - um sorriso enigmático desenhava-se na cara do Führer.

- Do Egito, é? – disse Hitler – Adoro o Egito, terra maravilhosa que fascinou Napoleão e que produziu um camarada valoroso como Rudolph.

Rosenberg, que a tudo isso já havia sido apresentado, observava a cena com expressão divertida.

- Ao ver você, jovem Kurt – continuou Hitler – verifico que não é casualidade o de Rudolph. O Egito é realmente um "Centro de Força Espiritual"; o enigma da Esfinge ainda tem vigência. Vocês são a prova – tomou-nos, a Rudolph Hess e a mim, de um braço a cada um - de que uma Ordem Superior guia o destino da Alemanha. Dois germano-egípcios, que respiraram os eflúvios gnósticos de Alexandria no Cairo, conduzidos pelos Superiores Desconhecidos até aqui, para colocar a vossa grande capacidade espiritual a serviço da causa Nacional Socialista.

Ao vê-los - continuou dizendo o Führer - compreendo o sagrado que é a tarefa que tomamos sobre nossos ombros ao fundar o Reich dos Mil Anos. Nossa causa não é só o melhor ideal pelo qual pode viver e morrer um germânico, é também a causa da liberdade da humanidade, da luta para salvar o mundo das forças obscuras, do combate final contra os elementalwesen (seres elementais demoníacos).

Rosenberg e papai assentiam com a cabeça a cada afirmação do Führer, que continuava vertendo conceitos místicos sem permitir que ninguém interrompesse seu monólogo. Distraí-me, pensando no estranho poder que havia experimentado ao saudar o Führer. Uma poderosa Força emanava de Hitler, não sabia se voluntária ou espontaneamente, e perguntava-me se ele não havia adquirido este carisma por meio de alguma técnica secreta, de algum conhecimento oculto ao qual alguns poucos privilegiados podem ter acesso.

- … então, diga-me, jovem Kurt, quais são definitivamente os inimigos da Alemanha? Contra quem combatemos? – perguntava Hitler, dirigindo-se a mim.

Reagi ante a inesperada pergunta, com o desespero de ter estado desatento a uma parte da conversação. Três pares de olhos, de Rosenberg, Hess e papai estavam postos em mim, esperando a resposta. No entanto, o que tinha conseguido escutar era suficiente para mim, pois a resposta brotou sozinha do fundo do inconsciente.

- O inimigo é só um – disse categoricamente – é JAHVEH-SATANÁS. Respondi intuitivamente, de maneira tão firme, que não cabiam retificações. Olhei papai, que ficou instantaneamente lívido, e os outros, e vi a surpresa retratada em todos os rosto.

- Muito bem, jovem Kurt, muito bem - dizia Hitler, com uma expressão de intensa alegria – você deu a melhor resposta. Poderia ter identificado como nossos mais terríveis inimigos a judaico-maçonaria, o judaico-marxismo, o sionismo, etc., mas estes nomes só representam aspectos diferentes de uma mesma realidade, diferentes faces de um mesmo e feroz inimigo: YAHVEH-SATANÁS, o Demiurgo deste mundo. Só um iniciado ou um iluminado como você ou Rudolph poderiam dar uma resposta tão precisa. Não é verdade, Alfred?

Rosenberg sorria comprazido.

- Eu o felicito, jovem Sübermann - disse Alfred Rosenberg- você é uma pessoa de claros conceitos!

Claro que eu estava completamente aturdido pelo que havia ocorrido. Improvisadamente, nessa reunião com aquelas notáveis pessoas, descobria que possuía algo como uma "Voz Interior", um órgão misterioso que me permitia "escutar" as respostas a perguntas formuladas concretamente. E estas respostas eram corretas!

Nunca havia experimentado algo assim e só podia explicar essa súbita iluminação pela presença do Führer. Ele, com o seu estranho magnetismo me havia "despertado" o "ouvido interior".

Adolf Hitler voltou a tomar a palavra:

-"As Pessoas não inteiradas da FILOSOFIA OCULTA do nacional socialismo, costumam cometer erros grosseiros de apreciação ao julgar muitas das nossas afirmações, acreditando ver nas mesmas uma superficialidade estúpida, quando geralmente se trata de ideias sintéticas, SLOGANS, extraídos de profundos sistemas de pensamento. Por exemplo, ante a afirmação do jovem Kurt de que "o inimigo é Jeová-Satanás", que é uma ideia sintética de profundo conteúdo filosófico, muitas mentes ignorantes ver-se-iam tentadas a supor que tal conceito sai de um grosseiro antissemitismo. Alegariam argumentos elementares, como estes: - "Jeová" é o Deus de Israel, um Deus de raça, um entre centenas de deuses étnicos; é, pois, exagerado tomá-lo pelo único Deus ou Demiurgo (objeção, esta sim, antissemita). Ou este outro: - Jeová é o Deus de Israel, mas, por seu caráter monoteísta, é o único Deus, então por que se o identifica com o Demiurgo? É por uma crença herética do tipo GNÓSTICA? (interrogação daqueles que acreditam que ser "cristãos" implica na adoração de Jeová e que sua rejeição significa uma "heresia anticristã"). Outro argumento banal é o seguinte: - se temos que rejeitar o Demiurgo considerando sua obra material como essencialmente "má", por quê identificá-lo só com o Jeová judeu, tendo centenas de denominações alternativas na mitologia etnológica e nos panteões religiosos de todos os povos da terra? (interrogação da qual costumam padecer aqueles que ignoram totalmente o que significa Israel na história do Ocidente e qual é o segredo da dinâmica racial judaica.

Objeções como as precedentes, oporiam nossos críticos ao ouvir falar de Jeová-Satanás como "o inimigo contra o qual combatemos" e, claro, surpreender-lhes-ia a palavra "satanás" junto a Jeová, questão que, sem dúvida, arrancar-lhes-ia irônicas conclusões.

Pois bem, tais argumentos repousam em uma circunstância comum: a ignorância daqueles que os formulam! Pois é claro que nós SABEMOS que o Demiurgo recebeu outros nomes, ao longo da História. Mas se escolhemos, dentre eles, o de Jeová, é porque trata-se do ÚLTIMO NOME com o qual ele se denominou. E com dito nome o designa ainda o seu "povo eleito", Israel, o qual não é outra coisa que um desdobramento psíquico do próprio Jeová-Satanás".

Estas palavras do Führer me surpreenderam vivamente, por suas implicações metafísicas. Os judeus não constituem uma raça como as demais, composta por INDIVÍDUOS?... Era uma teoria perturbadora a que acabava de ouvir.

-"Surpreende-se, jovem Kurt"? – Perguntou o Führer, que, sem dúvida, percebeu de imediato a minha perturbação. Mas não me deu tempo para responder e continuou sua explicação:

- "Pois ainda não ouviu nada. Israel é um "chakra" da Terra, quer dizer, é uma manifestação psíquica COLETIVA do Demiurgo Jeová e por isso nós afirmamos que o judeu NÃO EXISTE como indivíduo; que não é um homem como o restante que compõem o gênero humano.

Mas a manifestação de Jeová em uma raça eleita é um evento mais ou menos recente, de poucos milhares de anos, e a Ordenação da Matéria ou "criação" data de milhões de anos atrás. Por isso, pela "novidade" que representa o nome Jeová, comparado com outros nomes do Demiurgo, que empregavam povos mais antigos e culturalmente mais importantes na História, e pela antiguidade geológica do Universo, é que parece EXCESSIVO designar com o nome "Jeová" um Deus cósmico. Mas se trata só de uma aparência. Aqui há que se imaginar um Demiurgo Primordial, ao qual

podemos comodamente denominar O UNO, tal como o faziam os Estóicos. Este é quem ordena o caos e se difunde panteisticamente em todo o Universo (é ele também o Brahma hindu ou o Alá árabe, tomadas todas estas denominações em sua acepção religiosa exotérica).

Mas o Plano Cósmico, de alguma maneira, há que se chamar a IDÉIA DO UNIVERSO MATERIAL e se assenta no SONHO do Demiurgo, um estado de quietude que, no entanto, dinamiza o cosmos, como o "Deus motor imóvel" de Aristóteles, nesse Grande Dia de Manifestação que se denomina também, Grande Manvantara. Mas, para que tudo "funcione" sem que requeira a intervenção do Uno, "quem DORME enquanto tudo vive NELE", é necessário dispor de um "sistema automático de correção". Este é o papel que cumprem as chamadas HIERARQUIAS CÓSMICAS, miríades de "entidades conscientes" EMANADAS pelo Uno, para que mantenham o impulso dado ao Universo e levem adiante o Seu Plano. O primeiro passo da "emanação" são as MÔNADAS, átomos arquetípicos que fundamentam toda a estrutura cósmica e fazem as vezes de MATRIZ do Plano do Uno.

Estas "entidades conscientes", anjos, Devas, logos solares, logos galácticos, espíritos planetários, etc., NÃO SÃO SERES INDIVIDUAIS, senão que formam parte do próprio Uno e possuem mera APARÊNCIA DE EXISTIR, devido aos graus de liberdade de que estão dotados durante o Manvantara. O recurso utilizado para conseguir dita ilusão é a extrema mecanicidade da realidade material, fundamentada em LEIS EVOLUTIVAS, que mantém o movimento progressivo da matéria e da energia, na exata consecução do Plano do Uno.

Ditas leis evolutivas são CONSERVADAS pelas "entidades conscientes", já mencionadas, e DIRIGIDAS NO SENTIDO DO PLANO. Assim podemos distinguir, por exemplo, "logos solares", quer dizer, "entidades conscientes" capazes de "criar" um sistema solar seguindo o Plano do Uno, mas que na realidade são DESDOBRAMENTOS TEMPORAIS do Uno. O mesmo pode-se dizer dos "logos galácticos" ou "espíritos planetários" e até dos simples anjos ou devas: nenhum deles existe como tais, ainda que "evoluam" sujeitos às leis universais. O importante aqui é compreender que todo esse espetáculo grandioso que estamos recriando é PURA ILUSÃO, uma concepção metafísica de características colossais idealizadas pelo Uno, para sua íntima contemplação. Porque a verdade é que todo "o existente" desaparece finalmente, quando sobrevém o Grande Pralaya, a Noite de Brahma, na qual tudo se confunde novamente nele, depois de uma monstruosa fagocitação.

Mas dissemos que o Universo se rege por leis evolutivas. Ditas leis, que determinam o universo material, de acordo a uma verdadeira "arquitetura celeste", como bem dizem os satânicos maçons, ocasionam a existência de diferentes graus do espaço ou "céus" em que está constituída a realidade. Assim como há vários "céus" (cinco?..., sete?..., nove?...), há "reinos da natureza" (três?..., cinco?... sete?...), ou "planetas" (cinco?..., sete?..., nove?..., doze?...), ou "raças raízes" (três?..., cinco?..., sete, etc.). Estes aspectos enganosos fazem parte do Plano do Uno e os demônios, encarregados de levar adiante dito Plano, conformam uma ORDEM HIERÁRQUICA PRECISA, baseada na famosa "lei da evolução", que rege os céus – todos os CÉUS, desde os atômicos, químicos ou biológicos até os cósmicos - nos quais "evolui" cada mônada, seguindo os arquétipos de cada céu. É a famosa "lei de causa e efeito", que ensina a Sinarquia e que as religiões védicas da Índia chamam Karma e Dharma, mas que convém sintetizar como "lei de evolução". Esta lei DIRIGE o caminho de "ida e volta" da mônada, a qual toma vários "corpos" nos diferentes céus aos quais desce para "evoluir". Dito "caminho" costuma ser representado como a serpente que morde a própria cauda ou "Ouroborus". Claro que jamais se alcança a famosa INDIVIDUALIZAÇÃO MONÁDICA, pois isso significaria uma autêntica mutilação da

substância do Uno e, antes que tal coisa sobrevenha, já estará todo o Universo fagocitado em Seu Santo Bucho".

Eu me debatia interiormente frente a sentimentos desencontrados. Por uma parte, horrorizava-me a teoria que estava ouvindo, já conhecida por tê-la estudado em Napola, mas, dotada agora de um impressionante sentido de realidade, ao ser exposta veementemente com a eloquência irresistível do Führer. E, por outra parte, sentia-me envolvido pela honra de receber, dos lábios do Führer da Alemanha, uma explicação pessoal, terrivelmente extensa e curiosamente fora de lugar em uma festa mundana da Chancelaria. De qualquer maneira, a minha atitude exterior era de respeitosa atenção a cada uma das suas palavras, pois não queria tornar a me distrair.

- "Suponho que já conhece essa teoria teosófica que a Sinarquia ensina em suas seitas maçônicas ou rosa-cruzes, e que há de se sentir ESPANTADO, frente a uma concepção determinista, na qual não há lugar PREVISTO para a existência individual ETERNA, quer dizer, além dos Pralayas e Manvantaras. É justamente esse espanto, esse grito de rebelião que você DEVE PERCEBER brotando do seu sangue puro, constitui uma exceção a todas as regras da mecânica determinista do Uno, porque fala de OUTRA REALIDADE alheia ao seu universo material. Como pode ser isso se temos dito que tudo quanto existe no cosmo, foi pensado e feito por Ele, de acordo ao seu Plano e por intermédio de suas hierarquias cósmicas e planetárias? Pois bem, jovem Kurt, eu o direi brevemente: por que uma parte da humanidade, à qual nós pertencemos, possui um elemento que NÃO PERTENCE À ORDEM MATERIAL e que não pode ser determinado pela Lei de Evolução do Demiurgo. Esse elemento, que se chama Espírito ou Vril, encontra-se presente em ALGUNS HOMENS como POSSIBILIDADE DE ETERNIDADE. Sabemos dele pela RECORDAÇÃO DE SANGUE, mas enquanto não sejamos capazes de liberá-lo dos laços que nos atam à ilusória realidade do Demiurgo e voltemos à senda de retorno à Origem, não EXISTIREMOS realmente como indivíduos eternos. Perguntar-me-á você como é que, em uma Ordem Fechada como a que descrevemos, podem coexistir ELEMENTOS ESPIRITUAIS alheios a ela e porque, se não podem ser determinados pelas leis da matéria e energia, permanecem sujeitos ao Universo do Uno. Esse é um grande mistério. Mas você pode considerar como hipótese que, por UMA RAZÃO QUE IGNORAMOS, mas podemos supor, seja por UMA ORDEM de um Ser infinitamente superior ao Demiurgo, ou UMA NEGLIGÊNCIA incompreensível, ou UM ENGANO colossal, uma vez, ingressaram no Universo material uma miríade de seres, pertencentes a uma raça espiritual que chamamos HIPERBÓREA.

Suponhamos que tais seres tivessem penetrado no sistema solar por uma "porta" aberta em outro planeta, por exemplo, Vênus, e que já aqui, por causa de um ardil, uma parte de seus Guias Hiperbóreos os tivessem encadeado à lei da evolução. Este encadeamento, já o dissemos, NÃO PODE SER REAL, mas, no entanto, os Guias Traidores conseguem CONFUNDIR os espíritos imortais, ancorando-os à matéria. Para que fazem isso? Outro mistério. Mas o certo, o efetivo é que, a partir da chegada de tais Guias ao sistema solar, operar-se-á uma mutação coletiva EM TODA GALÁXIA, que MODIFICA o Plano do Uno. Esta modificação está edificada na Traição dos Guias e na queda dos seres imortais. Para que você o veja claramente, jovem Kurt, lhe direi que aqui, na Terra, existia um ser humano primitivo que "evoluía", seguindo as leis das "cadeias planetárias" e os "reinos da natureza".

Esta evolução era lentíssima e buscava a adaptação final a um arquétipo racial absolutamente animal, dotado de uma mente racional, estruturada logicamente pelas funções cerebrais e possuidor de uma "alma", formada por energia de outros planos materiais mais sutis. Este "homem" é o que encontraram, em uma etapa ainda primitiva de seu desenvolvimento, os Guias Traidores, ao chegar à Terra há milhões de anos.

Então, mediante um engenhoso sistema chamado Chang Shambala, que você terá a oportunidade de estudar em nossa Ordem, eles decidiram mutar a raça humana, encadeando os espíritos imortais aos seres humanos ilusórios e materiais da Terra.

Desde esse momento existem três tipos de homens, os animais-homens primitivos ou PASU, os semidivinos ou VIRYAS, aos quais se lhes atribuiu um Espírito e os Divinos Hiperbóreos ou Siddhas, que são todos aqueles que conseguem RETORNAR À ORIGEM e escapar do Grande Engano. Também são conhecidos como Siddhas Leais uma parte dos Guias, aqueles que NÃO TRAÍRAM e que, encabeçados por Cristo-Lúcifer, tentam SALVAR os viryas, mediante a redenção hiperbórea do sangue puro, que consiste em despertar a recordação primigênia da própria divindade perdida. Estes são os Senhores de Agartha... Mas nos afastamos um pouco do nosso tema principal, que versava sobre Jeová-Satanás, o inimigo contra o qual combatemos, para ganhar o direito de regressar à Origem Dourada. Logo ficar-lhe-á clara esta questão, jovem Kurt, pois se você recorda que o Uno delegava a umas "entidades conscientes" a execução de Seu Plano, podemos agora agregar que o sistema solar foi construído por uma de tais "consciências", a qual chamamos de Logos Solar, secundada por Devas de menor hierarquia, os quais OCUPAM determinados postos na mecânica do sistema. Na Terra, uma "entidade planetária" infundia vida ao planeta e impulsionava a "evolução" dos reinos da natureza de acordo ao Plano Solar, inserido no Plano Cósmico do Uno. Está claro que se trata de emanações do Uno enlaçadas hierarquicamente: o Uno → Logos Galáctico → Logos Solar → anjo planetário → alma coletiva ou grupal, etc. – Quem é Deus aqui? Segundo o nível de consciência e as pautas culturais e religiosas dos homens, pode ser qualquer um de tais "Entidades conscientes", mas sempre se trata do Uno. Se se diz que Deus é o Sol ou se concebe um Deus "criador" de todo o Universo, se está falando do Uno. Da mesma forma, se se acredita que Deus é a "natureza" ou a "via Láctea" ou a Terra. As diferentes cosmologias gnosiológicas, que se apresentam aos homens em suas distintas etapas de "evolução" para conceber o mundo, não invalidam o fato de que sempre se alude direta ou indiretamente ao Uno, quando se fala de Deus.

Mas regressemos à Terra. Quando os Guias Traidores chegam à Terra, instalam-se em um "centro", ao qual denominam Shambala, ou Dejung, e fundam o que se tem chamado de Grande Fraternidade Branca ou Hierarquia Oculta da Terra. Não é um lugar localizável fisicamente sobre a superfície terrestre, questão sobre a que você deverá aprender mais adiante, senão que se encontra situado em uma dobra topológica do espaço. Mas o que interessa aqui é destacar que o chefe dos Guias Traidores se auto intitula Rei do Mundo, passando a ocupar o lugar de um dos doze Kumaras do sistema solar. O que é um Kumara? Um anjo planetário, uma dessas "entidades conscientes" encadeadas pelo Uno que conformam a "ideia de um planeta". É aqui onde deve localizar-se ou encontrar-se a chave do nome Jeová e de sua "raça eleita". Porque o espírito planetário chamava-se Kumat Sanat ou Kumara Sanat, o qual, logo depois da constituição de Shambala e da vinda do Rei do Mundo, decide agir ou atuar como REGENTE do Uno na execução do seu Plano, agora modificado. Para isso se encarna, em nome do Uno, em uma "raça eleita" para reinar sobre os espíritos hiperbóreos escravizados. Essa é a raça hebreia. Quer dizer que temos, por um lado, a Hierarquia Oculta de Chang Shambala, com seus demônios: os Guias Traidores e seu chefe, o Rei do Mundo, os quais levam adiante agora a "evolução" do planeta e são eles que "guiam" as raças, por meio de uma sinistra organização chamada Sinarquia. E por outra parte, temos a raça hebraica que não é senão a manifestação de Sanat Kumara na Terra, para ocupar o máximo escalão da Sinarquia, em nome do Uno. Os próprios hebreus, em sua Cabala, estudam que "Israel é um dos 10 sefirotes", o sephirah Malkut, quer dizer, uma das emanações do Uno.

Finalmente, Jeová é o nome cabalístico do Demiurgo ou Uno, que Sanat Kumara representa na Terra e é, como disse ao começo dessa agradável conversa, o ÚLTIMO NOME HISTÓRICO que conhecemos d'Ele. Por isso nós, OS ANTIGOS SERES HIPERBÓREOS que ainda permanecemos encadeados a este mundo demoníaco, devemos ter bem presente que o inimigo é Jeová-Satanás, o Demiurgo deste mundo". (Ver um resumo desta concepção na seguinte figura, fora do texto).

O Führer continuava entusiasmado em seu longo monólogo e, ainda que já tivesse se passado uma longa hora e choviam sobre nós os olhares curiosos de muita gente que desejava sentar-se à mesa, ninguém na Alemanha teria sido capaz de interrompê-lo por um motivo tão prosaico como jantar em uma ceia. Eu, por minha parte, só desejava continuar ouvindo as incríveis revelações do Führer e, por isso, quando me perguntou se o havia compreendido, não vacilei em fazer-lhe presente minhas dúvidas:

- Há algo que agora me preocupa - disse imediatamente – Tudo quanto o senhor disse, meu Führer, sobre o Demiurgo O Uno, compreendo perfeitamente e aceito, mas não posso deixar de perguntar-me: Quem é então Deus, o VERDADEIRO DEUS? Ou...?

- "Essa é uma pergunta que você não se deve fazer, jovem Kurt, - afirmou categoricamente o Führer – Não enquanto sua mente esteja sujeita à lógica racional, pois só conseguirá então chegar a paradoxos irredutíveis. Mas é evidente que a dúvida já germinou em você e que continuará meditando nisso. Dar-lhe-ei, então, uma resposta provisória: Deus é incognoscível para todo aquele que não conquistou o Vril. Tenha sempre presente esta verdade, jovem Kurt: desde a miserável condição de escravo transcendente, desde a miserável condição de escravo de Jeová-Satanás, não é possível CONHECER Deus, pois Ele é absolutamente transcendente. É necessário percorrer um longo caminho de purificação sanguínea para saber algo sobre Deus, sobre o "verdadeiro Deus", como você bem disse. A maioria das grandes religiões, ao falar de Deus, referem-se ao Demiurgo O Uno. Isto acontece porque as raças que povoam atualmente o mundo, foram "trabalhadas" pelos Demônios de Shambala, implantando ideias sinárquicas na MEMÓRIA GENÉTICA de seus membros, para poder dirigi-las para o grande arquétipo coletivo que se chama Manu. Assim, percebendo a realidade por trás de um véu de engano, chega-se a essas concepções de um Deus panteísta, monista ou trinitário, que são só aparências do Uno, o Demiurgo, ordenador da matéria.

Atente-se para o que ocorre com o conceito de Deus que possuem os distintos povos integrantes da antiga família de línguas indo-germânicas: quase todos os nomes derivam das mesmas palavras, e é certo que estas designam, em um passado remoto, um Deus "criador de todo o existente", quer dizer, o Demiurgo, o Uno. Em sânscrito, temos as palavras "Dyans pitar" que nos Vedas se utilizam para nomear o "pai que está nos céus". Dyans é a raiz que em grego produz Zeus e Theo, com sentido semelhante ao sânscrito, e que passa a ser em latim Júpiter, Deus pater ou Jovis. Os antigos germânicos se referiam igualmente a Zin – Tyr ou Tiwas, como o Deus "criador" do existente, palavras que também provêm do sânscrito Dyans pitar.

Igual etimologia possuem as palavras que designam Deus nas famílias de línguas turanianas e semitas. Nesta última família, de importante relação com o hebraico, encontramos "EL" como uma antiga denominação do Demiurgo, em seu representante planetário, "O forte".

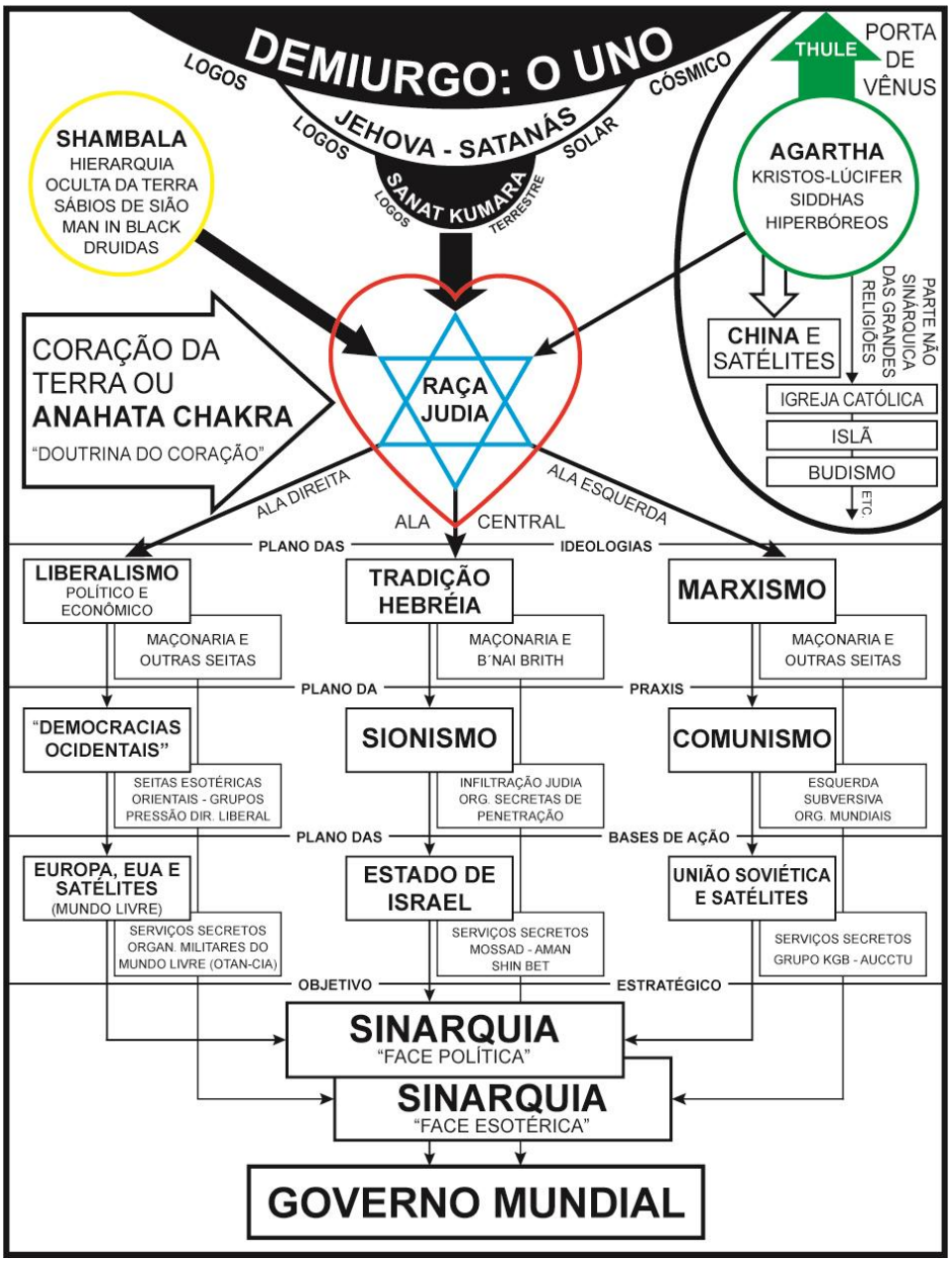
Na Babilônia, Fenícia e Palestina, adorava-se a Él, Il, Enlil, nomes que os árabes transformaram em IL ah ou Alah, etc. Não lhe deve estranhar, jovem Kurt, esta unidade etimológica, pois o alarmante é a "unidade de conceito" que se descobre por trás das palavras mencionadas, já que em todas as religiões e filosofias sempre se

chega a duas ou três ideias de Deus aparentemente irredutíveis, mas na realidade se referem a diferentes aspectos do Demiurgo: tal a preferência por um "Deus panteísta e imanente": o Uno; ou "transcendente", mas "criador da terra e dos céus": Jeová Satanás, Júpiter, Zeus, Brahma, etc."

O Führer me olhava agora com os olhos brilhantes e eu adivinhei que suas próximas palavras teriam um conteúdo realmente importante: - "Houve uma guerra, jovem Kurt, uma guerra espantosa, da qual o Mahabharata tem talvez uma recordação distorcida. Dita guerra envolveu VÁRIOS CÉUS em seu teatro de operações e produziu como sua expressão mais externa o que se levou a chamar "o afundamento da Atlântida". Mas ninguém conhece a fundo a que se faz referência quando se fala da "Atlântida", já que não se trata só de "um continente afundado". Dita guerra leva já mais de um milhão de anos neste plano físico, durante os quais foram várias as Atlântidas físicas, continentais, que se afundaram, e agora, em nosso século XX, podemos dizer que novamente se preparam para "afundar-se a Atlântida". Mas deixemos este mistério por hora, pois terá que voltar sobre o mesmo durante seus estudos. Para concluir esta conversa, dir-lhe-ei uma última coisa, jovem Kurt. Saiba você que nessa guerra cósmica, na qual se combate pela liberação dos espíritos cativos, pela mutação coletiva da raça, contra a Sinarquia e contra Jeová-Satanás, o Terceiro Reich comprometeu todo seu potencial espiritual, biológico e material".

Com essas terríveis palavras, o Führer pareceu dar por terminada sua explicação. Olhei ao redor e comprovei que papai, Rosenberg e Rudolph Hess ainda continuavam a meu lado.

Um elegante garçom indicou ao Führer que quando se dispusessem poderiam passar ao pátio interior para tomar uma ceia fria. Eram onze da noite. O Führer e Rosenberg despediram-se de nós e foram reunir-se com Goering e o Dr. Goebbles, na cabeceira da mesa. Rudolph Hess convidou papai e a mim para nos preparar para cear, mas eu não havia ficado bem depois da conversação com o Führer e arriscando ser ofensivo, decidir falar francamente com ambos..."


DEMIURGO: O UNO
LOGOS
CÓSMICO
JEHOVA - SATANÁS
LOGOS
SOLAR
SANAT KUMARA
LOGOS
TERRESTRE
THULE
PORTA DE VÊNUS
SHAMBALA
HIERARQUIA OCULTA DA TERRA
SÁBIOS DE SIÃO
MAN IN BLACK
DRUIDAS
AGARTHA
KRISTOS-LÚCIFER
SIDDHAS
HIPERBÓREOS
CHINA E SATÉLITES
PARTE NÃO SINÁRQUICA DAS GRANDES RELIGIÕES
IGREJA CATÓLICA
ISLÃ
BUDISMO
ETC.
CORAÇÃO DA TERRA OU
ANAHATA CHAKRA
"DOUTRINA DO CORAÇÃO"
RAÇA JUDIA
ALA DIREITA
ALA CENTRAL
ALA ESQUERDA
PLANO DAS IDEOLOGIAS
LIBERALISMO
POLÍTICO E ECONÓMICO
MAÇONARIA E OUTRAS SEITAS
TRADIÇÃO HEBRÉIA
MAÇONARIA E B´NAI BRITH
MARXISMO
MAÇONARIA E OUTRAS SEITAS
PLANO DA PRAXIS
"DEMOCRACIAS OCIDENTAIS"
SEITAS ESOTÉRICAS ORIENTAIS - GRUPOS PRESSÃO DIR. LIBERAL
SIONISMO
INFILTRAÇÃO JUDIA ORG. SECRETAS DE PENETRAÇÃO
COMUNISMO
ESQUERDA SUBVERSIVA ORG. MUNDIAIS
PLANO DAS BASES DE AÇÃO
EUROPA, EUA E SATÉLITES
(MUNDO LIVRE)
SERVIÇOS SECRETOS ORGAN. MILITARES DO MUNDO LIVRE (OTAN-CIA)
ESTADO DE ISRAEL
SERVIÇOS SECRETOS MOSSAD - AMAN SHIN BET
UNIÃO SOVIÉTICA E SATÉLITES
SERVIÇOS SECRETOS GRUPO KGB - AUCCTU
OBJETIVO ESTRATÉGICO
SINARQUIA
"FACE POLÍTICA"
SINARQUIA
"FACE ESOTÉRICA"
GOVERNO MUNDIAL

ESQUEMA DO UNIVERSO DO UNO

Nesta primeira parte, nos propomos a explicar por que a "chave genética", especificamente, permite o encadeamento do Espírito no pasu. Mas, como para entender isto é necessário indagar previamente sobre a natureza psíquica do pasu, chegamos assim a um dos objetivos ao que nos tínhamos proposto no começo. Estudaremos agora a primitiva constituição psíquica do pasu, mas o faremos em relação à ordem arquetípica da qual este é tributário, faz-se necessário, pois, determinar o marco de referência de dita "ordem arquetípica" e isso não se pode fazer de melhor maneira do que descrevendo COM O PRÓPRIO SISTEMA ANALÓGICO EMPREGADO ATÉ AQUI, a estrutura básica do Universo do Uno, quer dizer, do "mundo" que os Espíritos encontraram ao atravessar a origem. Na Figura 9 pode-se ver o esquema analógico de tal estrutura.

A área central, o "plano material", representa a parte concreta do Plano Cósmico, pode-se dizer que "até ali, ou para ali" se dirige o sentido da evolução. A "matéria" deste plano é aquela capaz de preencher "toda forma possível", de maneira tal que, no conjunto de entes, há de figurar em um extremo a matéria mais grosseira dos sólidos e no outro as formas mais sutis de energia psíquica, passando por todas as densidades intermediárias, incluídos os planos etéreos ou dévicos da vida elemental.

Há que se entender assim, que o centro, ou a região central de dita área, é a zona de maior densidade da matéria, a qual vai se fazendo cada vez mais leve para circunferência limitante. Esta circunferência, assinalada no esquema como "plano arquetípico", corresponde ao que denominamos algumas vezes INCONSCIENTE COLETIVO UNIVERSAL, mas que na Índia e no Tibete, na ciência do Grande Alento, costumam chamar de AKASA PARABRAHMICO e ao qual atribuem ser depósito das ideias ou Arquétipos da Mente Divina. Com efeito, ATRAVÉS do plano arquetípico se manifesta a Vontade do Demiurgo, quer dizer, flui o tempo transcendente, que é a Sua Consciência, ou, como diriam na Índia, "o Alento de Parabrahman impulsiona a manifestação das formas potenciais do Akasa". A fluência do tempo, DESDE o plano arquetípico, para a matéria, é o ato plasmador e ordenador pelo qual existe todo ente e pelo qual todo ente tende para alguma perfeição entelequial. O "plano material" é assim um mundo de dinamismo borbulhante, no qual não há lugar para a quietude, que não seja a título referencial "detido" COM RESPEITO A algo móvel. Um mundo tal é puramente fenomênico, sujeito a processos temporais, quer contínuos, quer discretos, que ultrapassam, em todo caso, a capacidade de apreensão humana, baseada em uma tríplice partição do tempo: passado, presente e futuro. A apreensão de um fenômeno no momento "presente" do conhecer, implica ter surpreendido este em uma fase de seu processo, captada só uma aparência fugaz, percebida uma imagem de uma série possível, conhecido, enfim, só um aspecto da sua verdade. Um mundo tal, então, frente à impotência sensorial humana para apreender o fenômeno em seu processo, PARECE TER SIDO ESPECIALMENTE PROJETADO PARA PRODUZIR ILUSÕES E APARÊNCIAS INSUPERÁVEIS.



FIGURA 9

O plano arquetípico é, como mostra o esquema analógico, aquela parte do Demiurgo que se limita com o plano material por todos os lados, contém este e determina seus fenômenos. Se se considera, como é clássico, uma tríplice composição do Demiurgo, Poder, Beleza e Sabedoria[3], pode-se afirmar que o aspecto "Sabedoria" corresponde diretamente ao "Plano arquetípico", onde existem os "Planos Divinos", quer dizer, os Arquétipos Universais e Manus; que o "Poder" é exercido pelo "Alento", ou transcendente fluir de Sua Consciência-Tempo, sobre o plano material; e que o aspecto "Beleza" consiste na integridade potencial de todas as enteléquias arquetípicas.

Mas, já o dissemos, o Demiurgo "também é Espírito". E um Espírito "infinito", qualidade que se aprecia na figura 9, na circunferência exterior "infinito negativo ou potencial". O caráter potencial ou negativo do infinito demiúrgico lhe vem por estar

[3] Alice Bayley e outros teosofistas costumam equiparar a divisão Judaico-Cristã do demiurgo Jeová-Satanás: "Pai, Filho e Espírito Santo" com: Vontade-Poder, Amor-Sabedoria e Inteligência Ativa. Cabe agregar que o tal "Espírito Santo" não corresponde ao PARÁCLITO carismático que se define na Parte II.

totalmente alheio ao plano material: o infinito, com efeito, não pode penetrar em uma estrutura arquetipicamente determinada e evolutivamente orientada para finalidades entelequiais. No entanto, o infinito está sempre presente na natureza do Demiurgo e este se reserva, por assim dizê-lo, a possibilidade de empregar sua potencialidade, se for necessário ou acreditar conveniente. Mas o importante é que, fora deste infinito potencial exterior ao plano material, NÃO EXISTE ARQUÉTIPO DO INFINITO NO PLANO ARQUETÍPICO; é óbvio: se houvesse, então o infinito interviria efetivamente interferindo no desenvolvimento de todos os processos, quer dizer, NÃO PODERIA OCORRER A "CONTINUIDADE", pois o infinito descomporia todo movimento real em infinitas partes. Sendo assim, como então o homem chegou a possuir noção e conceito de infinito, sendo claro que este era um saber NEGADO e, ao mesmo tempo proibido, a toda razão fundada sobre a ordem arquetípica e fenomênica do plano material? É evidente que tal conceito há de ter uma origem não racional e, é claro, não matemática. Mais adiante veremos ser respondida esta pergunta capital. Agora vamos responder a outra pergunta anterior, sobre a estrutura psíquica do pasu, pois já descrevemos o quadro de referência da "ordem arquetípica" ou "plano material" na qual se desenvolve.

Afirmou-se até o cansaço que "o homem é a síntese da criação": uma analogia suprema da totalidade cósmica, um microcosmo que reproduz o macrocosmo, etc. Também se disse que tal síntese nunca está completa devido à simultânea evolução na qual se desenvolvem tanto o homem como o universo, tanto microcosmo como macrocosmo. Mas, não obstante, essa falta de término que caracteriza o homem, coincide-se em assinalar que a sua presença sobre a Terra demonstra a culminação de um processo evolutivo filogenético que sai das formas mais primitivas e antigas da vida. Contudo, a Sabedoria Hiperbórea, confirmando nisto diversas tradições esotéricas, vai mais longe, ao assegurar que o processo evolutivo que conduz o homem não se desenvolveu só no reino animal, senão que inclui os "reinos" vegetal e mineral e, inclusive, que teve lugar em outras regiões fora da Terra. No plano arquetípico existem mônadas humanas que, impulsionadas para manifestar-se na matéria pelo Alento do Demiurgo, projetam sua essência nos planos inferiores ou "céus" de que está composto o plano material. Esta atualização da potência monádica, que "desce" às regiões de diferente densidade material, produz a "animação" de uma infinidade de outras formas arquetípicas, às quais vai assimilando e sintetizando até culminar no reino animal e no homem.

O "homem" que estamos considerando é o animal-homem ou pasu. É evidente, pelas razões expostas, que existe uma relação muito estreita, uma ligação causal, ENTRE A FINALIDADE DO MUNDO E A FINALIDADE DO PASU, quer dizer, entre o destino do mundo e o destino do animal-homem: a síntese arquetípica na qual o homem se constitui não é uma mera réplica do macrocosmo, uma cópia sem sentido. Pelo contrário, TODO O SENTIDO DO COSMO REPOUSA NO HOMEM, tudo o que há no mundo, é pelo homem.

Nos seguintes incisos nos referiremos ao "objetivo macrocósmico da finalidade": colocar sentido nos entes" e com isso "produzir cultura", sem esclarecimento algum. No inciso "Função da esfera de consciência", estudar-se-á com detalhes o "objetivo microcósmico": "construir a esfera de consciência".

A "finalidade" do mundo é servir de marco ao desenvolvimento do homem, sua síntese; a "finalidade" do homem é "COLOCAR sentido" no mundo, sua matriz. Tal é o motivo do Demiurgo. Ante isso, é comum perguntar: que fim persegue esta motivação, que oculto propósito subjaz na decisão de criar o Universo e, dentro dele, o homem? A resposta, ainda que cause estranheza, não é, é nem mais nem menos do que a finalidade antes declarada: colocar sentido no mundo. Naturalmente, se é SÓ ESSE o

objeto da motivação, ter-se-á que esclarecer, jogar mais luz sobre o assunto. É o que faremos, depois da advertência seguinte.

A FALSA "INFERIORIDADE" DO HOMEM FRENTE AO UNIVERSO

Vamos avisar aqui sobre um preconceito cultural solidamente estabelecido na nossa época, cuja formulação tem toda a aparência de estar fundamentada na "ciência", mas que, na verdade, assenta-se em um realismo ingênuo, no racionalismo e no temor. Referimo-nos à objeção que costuma se fazer contra qualquer tentativa de vincular teologicamente o homem e o Universo, de que "o universo é demasiadamente grande" frente à "pequenez do homem", um homem reduzido ao âmbito terrestre, quer dizer, a um planeta entre vários do sistema solar; um sistema solar entre milhões que conformam a galáxia "via Láctea"; uma galáxia entre bilhões que povoam o Universo; um Universo incomensurável, que se expande e que se equilibra, talvez, frente a outros Universos de antimatéria. Frente a semelhante macro visão teórica, o homem simples se detém desconcertado e, posteriormente, adota as atitudes clássicas de quem se encontra sob a pressão de um mito: humilhação, submissão, devoção, resignação, etc. A forma mais corrente deste mito é a oposição "Universo enorme frente à insignificância humana"; mito que ajudou a atualizar o "binóculo" de Galileu, os radiotelescópios, os foguetes a propergol, os satélites artificiais, os modelos estelares físico-matemáticos computadorizados, etc.; mas que não deixa de ser um mito, uma vez que o homem – ou 99,9% da humanidade – não está, hoje em dia, com respeito ao Universo, em situação muito diferente à do habitante de Roma, Grécia, Egito ou Babilônia antiga. A realidade do homem está hoje mais do que nunca, circunscrita à estrutura do sistema solar e, fundamentalmente, da Terra, da qual, é bom recordar: NINGUÉM ENTRA NEM SAI, QUE NÃO SEJA AO NASCER OU MORRER (com exceção, é claro, de alguns astronautas zumbis). Esta é a realidade concreta de bilhões de homens e tudo o mais é teoria científica elaborada por elites urbanas, por seres desarraigados da natureza que flutuam no mar de nominalismo, em um mundo de gírias e sinais vãos. O habitual daltonismo gnosiológico do "cientista" ocidental é, no caso da avaliação cósmica, simples miopia, apesar da extensão do espectro sensorial que supõe a "instrumentação", porque NADA PODE CONHECER-SE FORA, NADA QUE NÃO HAJA SIDO PREVIAMENTE CONHECIDO DENTRO. Já a informação sensorial NATURAL do homem era insuficiente e equívoca para apreender um fenômeno: mas INTERCALAR entre o fenômeno desconhecido e os sentidos um fenômeno conhecido, e isso é o que é um "instrumento", e pretender que dessa tríplice implicação possa obter-se um verdadeiro conhecimento é pura necedade. O que se obtém são "teorias científicas", quer dizer, uma espécie de veneno cuja toxicidade aumenta em proporção direta à complexidade estrutural do objeto fático que se tenta explicar. É claro, quando o objeto da teoria é "o universo", o "tamanho" da teoria, e sua toxicidade, é tremendamente "Grande", "como um Deus". Que não se diga que exageramos, qualquer um pode ir a um tranquilo vale, ou a uma aldeia simples de um povoado, ou inclusive ao subúrbio de uma urbe moderna, quer dizer, aos lugares onde habita a maioria das pessoas do mundo, as quais jamais viram, nem verão no céu outra coisa a não ser pontos brilhantes, e escute essas pessoas falarem dos anéis de Saturno ou dos black holes (buracos negros), ouça-as dizerem que o universo está em expansão, AFIRMAREM QUE TUDO ISTO É CERTO, QUE ELES CONHECEM, PORQUE É CIENTÍFICO E PORQUE TODO MUNDO SABE; ouça essas coisas com paciência e logo dedique-se a observar a FOME, a MISÉRIA, o VÍCIO, ou qualquer outro flagelo que as rodeia e cobre essas pessoas, mas que elas NÃO VÊEM, AINDA QUE ACREDITEM SABER O QUE É UM BLACK HOLE, e reflita depois se essas boas pessoas não foram intoxicadas com veneno cultural, se não lhes inoculou na mente elementos nocivos e paralisantes.

Somente em um quadro histórico tenebroso com o Kaly Yuga, e sob o impulso corruptor da Sinarquia, poderia ter-se dado semelhante tipo humano niilista, que encontra certeza em conceitos tão improváveis como absurdos, e cujos conteúdos aludem a realidades insolitamente afastadas da sua vida cotidiana, a que nega com sua atitude e da qual, indubitavelmente, pretende fugir.

Por isso, quem suponha que o Universo é uma construção demasiadamente "grande", na qual o homem não pode ter nenhuma importância, está obrigado a desintoxicar-se previamente, pois do contrário não poderá compreender o que aqui explicamos. A Sabedoria Hiperbórea assegura, contra toda afirmação cultural oposta, que o Demiurgo criou o Universo com critério antropocêntrico e que o homem – não só o terrestre senão qualquer tipo de animal-homem - é fundamental, porque outorga "sentido" à criação. Feita a advertência, vamos explicar esta finalidade que deve cumprir o animal- homem ou pasu, dentro do Universo.

FINALIDADE E SUPRAFINALIDADE

Mencionamos três aspectos do Demiurgo: Poder, Sabedoria e Beleza. Vamos interpretar agora mais profundamente o fato da plasmação arquetípica. No princípio, o Demiurgo "pensa" os Arquétipos universais com o aspecto Sabedoria e os pensa, então, com vistas à integridade de um Plano evolutivo: os Arquétipos nascem, assim, com uma finalidade pré-estabelecida, à parte das suas próprias finalidades entelequiais particulares, que compreende a todos na estrutura do Plano. Tal SUPRAFINALIDADE é a do próprio Universo, quer dizer, é o único motivo da criação. Mas, no plano material, a esfera de ação dos Arquétipos, os fenômenos, têm caráter entrópico, quer dizer, concluem inevitavelmente no sentido do Tempo. Ao final de um "Grande Tempo", tudo terá voltado ao nada inicial, ter-se-á dissolvido na "ordem material" e o final será igual ao princípio. Este FINAL entrópico do Universo material NÃO PODE SER A SUPRAFINALIDADE que motivou sua criação. Por isso muitos têm intuído com acerto que "o Demiurgo criou o Universo para Sua contemplação", que a manifestação das formas arquetípicas, ao ritmo da fluência do tempo transcendente constitui um espetáculo grandioso no qual ELE se regala. Contudo, ainda que acertado em parte, esse conceito peca pela ingenuidade aristotélica, pois supõe o Demiurgo como um "motor imóvel", quer dizer, que "move sem mover-se", e que, desde a sua imobilidade ou eterna quietude, obtém prazer na contemplação de Sua Obra. Isso é como atribuir ao Demiurgo à prática de um vício solitário, uma espécie de onanismo cósmico. Se aceitamos o princípio hermético de que no homem se refletem os aspectos do Demiurgo, poderemos entender este observando as pautas do comportamento análogas daquele. Como se trata de entender a motivação "criadora" do Demiurgo, ter-se-á que observar o tipo de homem "criativo". Nesse exame, comprovamos que não existe uma motivação semelhante à contemplação estática que se supõe tenha assumido um aspecto do Demiurgo. Na realidade ninguém, muito menos o Demiurgo, se detém demasiadamente na contemplação da sua própria obra: o pintor, ao pintar novos quadros, esquece os antigos, o poeta emprega seus poemas, o escritor vende seus livros (e às vezes sua alma), etc. Queremos mostrar, com esses exemplos, quão fora do natural, quão insólito, seria que o pintor permanecesse sempre contemplando um único quadro pintado por ele, ou que o escritor lesse sempre e só o seu próprio livro. Na verdade, é inconcebível semelhante atitude em um homem criativo, e pense-se quanto mais há de ser projetada a um criador cósmico, como o Demiurgo.

O que ocorre é que NINGUÉM, NEM MESMO O DEMIURGO, SUPORTA MUITO TEMPO A CONTEMPLAÇÃO DE SUA PRÓPRIA OBRA. Toda criação proporciona só prazer inicial e não é objeção supor que uma "criação contínua" há de proporcionar prazer perpétuo: o inventor, ainda quando sabe que continua se aperfeiçoando, logo se desentende de seu invento e ocupa a atenção em outras coisas

que lhe brindam NOVAS satisfações. O conhecimento antecipado da finalidade é o que, ao longo, tira o atrativo a um projeto extremadamente prolongado. O prazer não aumenta senão que, pelo contrário, diminui à medida que o projeto se concretiza. O MÁXIMO PRAZER SE OBTÉM NO MOMENTO DA CONCEPÇÃO DO PROJETO; OS DIFERENTES PASSOS DA OBRA E SUA CONCRETIZAÇÃO SÓ CONFIRMAM AQUELE PRAZER INICIAL, MAS NÃO PODEM AUMENTÁ-LO. E o Demiurgo, tal "máximo prazer", já experimentou quando concebeu o Plano evolutivo e pensou os Arquétipos universais, desde seus aspectos Sabedoria e Beleza.

Quando, posteriormente, o Demiurgo emana as mônadas que dão realidade aos Arquétipos e impulsiona estas a desdobrarem-se na matéria, com o alento que procede do aspecto Poder-Vontade, a suprafinalidade que motiva tal ação há de ser outra que a experimentação de prazer estático ou contemplativo. O Demiurgo não "fez rodar" o mecanismo da criação e logo se desentendeu dele, posto que todo ente do plano material é temporal, quer dizer, existe em Sua Consciência; está sustentado, enquanto fenômeno, pela fluência transcendente do Alento. Mas essa participação não significa uma finalidade em si mesma: é só a execução da suprafinalidade.

Para averiguar, ou ao menos intuir, em que consiste esta suprafinalidade, observemos novamente os homens criativos. Uma vez concebida e executada a obra, quer dizer, uma vez obtido o prazer da criação, de que maneira a obra pode proporcionar NOVO prazer? Resposta: PELO DESCOBRIMENTO POSTERIOR. Para comprová-lo, basta pensar no quadro que aquele pintor executou há anos: a FINALIDADE da sua concepção se concretizou ao terminar de pintá-lo e, com isso, culminou o prazer criativo; MAS NÃO ASSIM A SUPRAFINALIDADE DE RECEBER NOVO PRAZER, PELO DESCOBRIMENTO POSTERIOR QUE DELE FAÇA PERMANENTEMENTE O PÚBLICO. Com efeito, nada há que deleite mais um autor, fora do prazer que lhe proporcionou executar a obra, do que ser elogiado pelo público: em cada admirador há um novo descobrimento do seu trabalho e em cada descobrimento UM NOVO SENTIDO. Isto é: o público é, na realidade, quem OUTORGA SENTIDO à obra, quem avalia e valoriza. O descobrimento, sob uma particular ótica, significa um sentido especial, uma interpretação diferente que, por isso, não admite indiferença: poder-se-á admirar ou desprezar, amar ou odiar, mas jamais permanecer indiferente, uma vez que se tenha descoberto a obra. E este descobrimento implica, cedo ou tarde, o descobrimento do autor: A TRANSFERÊNCIA DA IMPRESSÃO CAUSADA PELA OBRA AO AUTOR.

Podemos entender agora a suprafinalidade da criação: a obra do Demiurgo requer de um DESCOBRIMENTO POSTERIOR. E essa é a finalidade do animal-homem ou pasu, ser descobridor de entes, "colocador de sentido". Mas o que é o que está encoberto nos entes, aquilo que o pasu deve descobrir, para cumprir seu destino? RESPOSTA: OS NOMES, as "palavras" que menciona a Kabala acústica ou os "bijas" da tradição indo- ariana.

Mas esta resposta requer um esclarecimento maior. Em primeiro lugar, para compreender ao que nos referimos como "nome" dos entes, há que se recordar que o impulso evolutivo das mônadas foi afirmado com o aspecto "Logos" do Demiurgo. Isso significa que cada ente está designado, desde o princípio, pelo Verbo do Demiurgo; que a cada ente se atribuiu uma palavra que o identifica metafisicamente, o sustenta enquanto ente e constitui a verdadeira essência do ente PARA O PASU.

Em segundo lugar, devemos distinguir novamente, ao considerar a "ordem arquetípica", entre a finalidade e a suprafinalidade. Com "finalidade" aludimos à concretização entelequial para qual visa a evolução dos entes: em todo ente há UM TÉRMINO UNIVERSAL que é a expressão dos Arquétipos que o sustenta e a cujo processo se subordina. Com "suprafinalidade" nos referimos, por outro lado, ao

DESÍGNIO PARTICULAR que cada ente possui, uma vez que está composto por mônadas. Não é que no ente "estejam as mônadas", senão que a ordem arquetípica da qual participa toda a matéria estrutura-se com base na atualização das mônadas: a cada mônada corresponde no plano material um "quantum arquetípico de energia" ou "átomo arquetípico" do qual o átomo de Bohr é só um esquema superficial. Na realidade, os próprios Arquétipos universais estão compostos por mônadas, que por isso chamam-se também "arquetípicas", pois elas provêm da primeira emanação do Demiurgo, enquanto os arquétipos são "ideias" pensadas SOBRE as mônadas, na segunda emanação. Os Arquétipos universais são, assim, FORMAS que vão do simples ao complexo, compostas a partir de agrupações da UNIDADE FORMATIVA ABSOLUTA que é a mônada arquetípica. Não é certo, pois, que os Arquétipos universais sejam todos perfeitas e simples ideias, senão que, pelo contrário, foram formados estruturalmente por imitação sucessiva e ordenada da mônada arquetípica: pode dizer-se que TODO O UNIVERSO FOI CONSTRUÍDO A PARTIR DE UMA PRIMEIRA MÔNADA, IMITADA INCANSAVELMENTE PELO DEMIURGO. Por isso, a CARACTERÍSTICA ESSENCIAL DO DEMIURGO É A IMITAÇÃO.

Resumindo, temos as mônadas arquetípicas e, formadas por elas, os Arquétipos universais; estes seres, desde logo, pertencem ao "plano arquetípico", o qual constitui o único objeto de conhecimento, a única verdadeira fonte de toda metafísica. Este plano arquetípico ou céu metafísico age sobre a matéria inferior imprimindo-lhe uma ordem dinâmica ao ritmo da fluência do Alento (ou Tempo): o "plano material" é a expressão de tal ordem arquetípica. No plano material, as mônadas arquetípicas se manifestam como átomos arquetípicos ou quantum arquetípicos de energia, quer dizer, como a essência existente de toda substância (matéria ou energia). Os Arquétipos universais, de sua parte, se manifestam no plano material como o suporte formal dos entes, os quais são a expressão concreta de "um momento" do processo evolutivo em que aqueles se desenvolvem. Há, assim, uma dupla determinação arquetípica dos entes: a "universal" dos arquétipos e a "particular" das mônadas.

A "projeção" dos Grandes Planos arquetípicos ou Arquétipos Manu sobre a matéria original, sem forma, produz o ente universal e os entes particulares FUNDAMENTALMENTE ESTRUTURADOS COM ÁTOMOS ARQUETÍPICOS. O ente evolui, então, seguindo dois processos formativos; um: o UNIVERSAL, que visa a a enteléquia dos Arquétipos; dois: o PARTICULAR, que determina o ente de acordo a um Plano. Daí a necessidade de distinguir corretamente o que foi posto nos entes, DESDE UM PRINCÍPIO, PARA CONHECIMENTO DO PASU e o que corresponde ao próprio ente como fundamento da sua existência universal, ATÉ O FINAL, ESTEJA OU NÃO, O PASU NO MUNDO.

Podemos afirmar, como resposta à questão, que ao pasu foi dado, desde o princípio, a possibilidade de conhecer os Planos, a partir do descobrimento dos entes, do DESÍGNIO que estes expressam para ele. O destino do pasu, como descobridor e admirador da obra do Demiurgo é: CONHECER OS ENTES; desde os entes, CONHECER A ESTRUTURA DO ENTE UNIVERSAL, DO "UNIVERSO"; desde o ente universal, CONHECER DEUS (O UNO). Pelo contrário, neste sinistro Plano NÃO SE PREVÊ NENHUM MODO DE CONHECIMENTO DA ESSÊNCIA ARQUETÍPICA DOS ENTES. Mais adiante ficará claro por quê**.**

SISTEMÁTICA DE CÍRCULOS EXCÊNTRICOS

Nosso propósito é mostrar a estrutura psíquica do pasu no momento prévio ao encadeamento dos Espíritos-esfera invertidos. Para facilitar tal exposição, nada parece mais útil que representar a estrutura psíquica, decomposta em suas distintas "esferas de objetividade", mediante um esquema gráfico equivalente, tal como fizemos até

agora. Contudo, uma representação tal e posteriormente outra para a estrutura psíquica do “Virya perdido”, requererá de maior precisão simbólica. A rigor, os esquemas apresentados até aqui estavam fundamentados na noção de “círculo unidade”. A circunferência como limite ou forma continente de um conteúdo simbólico; o mesmo para o caso das circunferências concêntricas da figura 9. “O mundo dos objetos”, tal como aparece à nossa visão, oferece uma formalização circular “simples”, mas as relações formais de um mundo de “substâncias” e “qualidades” requerem uma estrutura mais complexa que a de um “círculo unidade”.

O autor deste parágrafo, o epistemologista Luciano Allende Lenzama, demonstrou em seu livro “Os Elementos” que “uma sistematização de CÍRCULOS EXCÊNTRICOS é apropriada e correta para relacionar, de forma ordinal e cardinal, conceitos, quer dizer, abstrações qualitativas e quantitativas (Fig. 10)”.

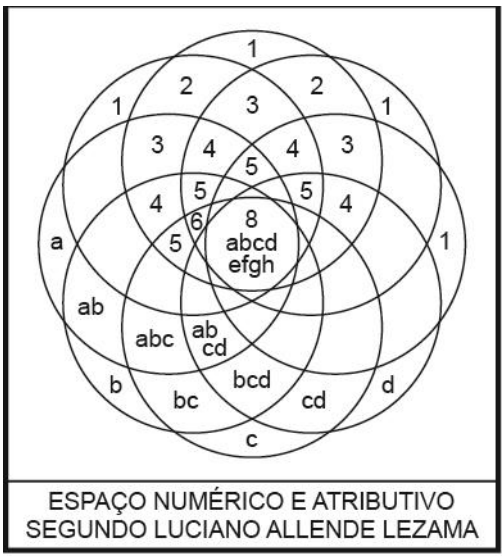


FIGURA 10

"Se os círculos excêntricos são sustentáculo de conceitos simples”, uma combinação de círculos formará RECINTOS “contendo conceitos complexos”, ou seja, específicos. Em uma sistemática de tal índole é possível hierarquizar conceitos que estarão em relação de implicação, de analogia, de contradição e de contrário”. Aplicando um critério sistemático semelhante, vamos desenvolver um esquema conceitual da estrutura psíquica do pasu, desde o qual seja possível avançar, posteriormente, para a compreensão do “virya perdido”.

ESTRUTURA PSÍQUICA DO ANIMAL-HOMEM OU PASU

No momento em que os Espíritos-esfera iam ser encadeados ao pasu, há milhões de anos, este havia chegado a um determinado ponto na evolução filogenética. Este ponto é o que vamos representar, deixando de lado a história de dita evolução.



FIGURA 11

NESSE MOMENTO de sua história, a estrutura psíquica do pasu compunha-se de duas esferas bem desenvolvidas (afetiva e racional) e de uma terceira (pré-consciência) em lento processo de formação. No esquema da figura 11, representou-se as esferas "afetiva" (4) e "racional" (3) excentricamente com respeito à esfera mais fraca, "pré-consciência" (2), mas mais importante do ponto de vista potencial. Com efeito, a esfera (2) é, se se quer, a chave do drama, pois o fracasso evolutivo do pasu tinha suas raízes em quase um nulo desenvolvimento dessa esfera, depois de milhões

de anos de atividade do Manu". A enteléquia do pasu, a perfeição de igualar-se ao Arquétipo Manu, apoiava-se fundamentalmente na evolução da "esfera de consciência" (então de "pré-consciência".), pois ela era NECESSÁRIA PARA COMPLETAR O DESCOBRIMENTO POSTERIOR DA OBRA E, desde a obra, DO AUTOR, quer dizer, "dos entes, do ente e de Deus (o Uno) ". Por tal motivo, centralizamos na figura 11 a esfera (2) ainda que sejam as esferas (3) e (4), mais desenvolvidas, às quais se terá que prestar maior atenção.

A estrutura psíquica do pasu sustentava-se, naturalmente, em um corpo biológico, em certos "sistemas" altamente diferenciados: por exemplo, a esfera afetiva estava ligada ao sistema endócrino e a esfera racional ao sistema nervoso central, especialmente ao cérebro "antigo" ou ARQUI-ENCÉFALO"; a esfera de "pré-consciência" surgia de um rudimentar NEOCÓRTEX ou cérebro "novo" e, naquele então, era só um epifenômeno, uma débil fosforescência que apenas sugeria o que depois chegou a ser: "esfera de consciência", quer dizer, assento do sujeito consciente ou "alma" do pasu.

As esferas (2), (3) e (4) constituem-se na estrutura psíquica propriamente dita. O nexo entre ela e o mundo se realiza através da "esfera sensorial" que, por tal motivo, aparece na figura 11 "rodeando" ou incluindo em seu interior a estrutura psíquica. Mas a "esfera sensorial" compõe-se também de sentidos internos – das vísceras ou INTEROCEPTORES, dos movimentos do corpo ou PROPRIOCEPTORES, da dor ou NOCICEPTORES, etc., à parte dos EXTEROCEPTORES ou receptores de estímulos exteriores: ouvido, vista, tato, etc. Sendo o pasu UM ENTE DESCOBRIDOR DE ENTES, sua atividade cognitiva encontrava-se concentrada na esfera sensorial, pela qual recebia notícias do mundo, que lhe permitiam adaptar-se e conduzir-se com inteligência nele.

No homem de nossos dias, virya perdido, o comportamento se compõe, grosso modo, de conduta e consciência: a conduta é o comportamento exterior e a consciência, ou vida mental, o comportamento interior; a consciência pode dirigir livremente a conduta por meio de uma energia colocada à sua disposição, chamada VONTADE. Mas no pasu as coisas não ocorriam assim: o comportamento estava quase que exclusivamente centrado na conduta e esta regida por uma interminável multiplicidade de padrões fixos; por isso, considera-se que a conduta do pasu estava determinada por uma VONTADE INSTINTIVA. No entanto, o comportamento não era absolutamente mecânico, posto que os "padrões de conduta" tinham, em sua maioria, uma origem racional, ainda que após produzidos e experimentados, eram reproduzidos como caracteres adquiridos. No esquema da figura 11 podemos apreciar a área de geração da "vontade instintiva" no recinto "instinto", o qual se forma pela intersecção das esferas afetiva e racional.

A vontade instintiva era dirigida para cumprir distintas necessidades, conservação, apetite, reprodução, etc., e TAMBÉM a associação gregária: neste "instinto gregário", mais que em outra atividade, era onde se apreciava melhor a natureza "humana" do pasu. Toda sociedade se baseia na comunicação entre seus membros: o objetivo superior da sociedade pasu era a comunicação comunitária do descobrimento dos entes ou, com outros termos, transformar o descobrimento individual em conhecimento coletivo. Isto quer dizer que o Plano do Demiurgo para o pasu era eminentemente CULTURAL. E pode-se assim compreender que o fracasso evolutivo do pasu se manifestasse exteriormente na pobreza cultural alcançada por suas sociedades. Daí que a Sabedoria Hiperbórea afirme que os Espíritos foram aprisionados, encadeados ao pasu, "PORQUE ERAM NECESSÁRIOS PARA PRODUZIR CULTURA". Mas a "cultura", entendida desta maneira, é algo muito

diferente à “soma da atividade humana”. Mais adiante teremos ocasião de aprofundar neste conceito**.**

MEMÓRIA ARQUETÍPICA E RAZÃO

Foi feita uma descrição geral da estrutura psíquica do pasu. Para compreender seu funcionamento, especialmente para saber como cumpre o pasu com a sua finalidade de ser “descobridor de entes”, “colocador de sentido” à ordem material do Universo, devemos começar por um conceito fundamental: a memória.

Referindo-nos ao esquema da figura 11, podemos distinguir três tipos de memória, cada uma delas vinculada a uma esfera: a esfera afetiva (4) corresponde uma memória PSICOFISIOLÓGICA ou "memória de hábitos"; à esfera racional (3) está ligada a importante memória ARQUETÍPICA; e à esfera de pré-consciência (2) a memória REPRESENTATIVA. Vamos comentar cada uma de tais memórias[4].

A primeira memória, "psicofisiológica", é basicamente sensível, especializada em reter recordações referidas ao mundo; é por isso a sede dos padrões do hábito: NELA SE CONSERVA TUDO O QUE É NECESSÁRIO PARA ASSEGURAR A SOBREVIVÊNCIA INDIVIDUAL e, além disso, o que contribua para MELHORAR tal sobrevivência, quer dizer, o gregário ou social. Esta “memória de hábitos” era quem principalmente determinava a “vontade instintiva” do pasu.

A terceira memória, "representativa", era incipiente no pasu e só depois do encadeamento do Espírito, quando o pasu se transformou em “virya perdido”, desenvolveu-se o suficiente. Talvez cause estranheza perceber que se considera a “esfera de consciência” como uma forma de memória, mas um pouco que se medite nisso, compreender-se-á que recordar, e representar o recordado, é uma característica essencial da consciência. Esta característica está relacionada estreitamente com o problema da temporalidade, com a faculdade que possui a consciência de dotar as representações de um “tempo imanente”, psíquico, em substituição do tempo real que pudesse ter correspondido ao fato original que se recorda e representa. No inciso “Funcionamento da Esfera da Consciência”, se demonstrará que a “consciência” é um “sujeito histórico” e que a “esfera de consciência” é a “história do microcosmo”, quer dizer, uma espécie de memória.

A segunda memória, “arquetípica”, a qual deixamos deliberadamente para o final, é a que mais nos interessa agora. É tão importante o conceito de "memória arquetípica" que se pode afirmar certamente que a sua ignorância, ou sua ausência em qualquer sistema filosófico, é suficiente para situar a posição assumida à margem da Sabedoria Hiperbórea. Recomendamos, então, não avançar sem ter compreendido com profundidade o conceito que se expõe em continuação.

Na figura 9, vê-se um esquema analógico do Universo do Uno, ao que sem costuma chamar também de macrocosmo. Esta denominação é adotada quando se entende que o homem é um "*minor mundus*", um microcosmo que reflete o "*maior mundus*" ou macrocosmo. Tal concepção é sustentada desde muito antigamente e, no que se refere ao pensamento ocidental, encontra-se na Grécia, em tempos dos pré-socráticos com Anaxímenes, Pitágoras, etc., em Platão e Aristóteles; nos neoplatônicos, gnósticos, místicos cristãos, cabalistas, alquimistas; na filosofia

4: Mais adiante se estudará uma quarta memória, “Memória de Sangue”, que está ligada “esfera de Vontade Egóica”, uma esfera própria do Virya Perdido e, portanto, ainda não definida. Entretanto, tal como se manifestará em “C” do próximo inciso, existe outra importante memória, denominada “conceitual”, situada “entre” a memória arquetípica e a memória representativa.

moderna com Leibniz, etc. E, é claro, forma parte das tradições religiosas da China, Japão, Tibete e Índia, especialmente no budismo esotérico. Contudo, apesar de tão enorme expansão, as principais consequências, inclui-se lógicas, que se depreendem do conceito, têm permanecido até hoje no terreno esotérico. Nós, ao afirmar como Princípio da Sabedoria Hiperbórea, a antiga ideia do macrocosmo, nos vemos na necessidade de destacar relações, às vezes pueris, mas que, pelo caráter esotérico visado, não costumam ser nada evidentes. Mas o faremos, ainda com o risco de que, como no conhecido conto do "ovo de Colombo", produza irritação notar algo que, LOGO, acreditamos, deveríamos ter notado nós mesmos.

É o que ocorre com o tema do "reflexo": de tanto afirmar, sem refletir, que "o microcosmo reflete o macrocosmo", já ninguém percebe que TODO REFLEXO É UMA CÓPIA "INVERTIDA" DO ORIGINAL. Esta qualidade que parece uma puerilidade destacar, é uma questão da maior importância, pois sua consideração permite compreender facilmente a função da RAZÃO e o funcionamento da esfera racional. Vejamos, pois, como se deve interpretar esse antigo conceito.

Já possuímos uma descrição do macrocosmo segundo a esquema da figura 9. O microcosmo ou corpo material do pasu, como reflexo do macrocosmo, deve conter uma réplica de todas as suas partes. Isso significa: que no corpo material HÁ DE EXISTIR UM SETOR QUE REPRODUZA O PLANO ARQUETÍPICO; e que em dito setor HÁ DE ESTAR A CÓPIA DE TODOS OS ARQUÉTIPOS UNIVERSAIS; e que ditas cópias TÊM DE ESTAR INVERTIDAS COM RESPEITO AO ORIGINAL.

Tais propriedades do corpo material ou microcosmo permitem-nos elaborar a seguinte definição: O CONJUNTO DE TODOS OS ARQUÉTIPOS UNIVERSAIS DO MICROCOSMO, CÓPIAS INVERTIDAS DOS ARQUÉTIPOS UNIVERSAIS DO MACROCOSMO, DENOMINA-SE: "MEMÓRIA ARQUETÍPICA".

A sede da memória arquetípica, quer dizer, da réplica biológica do "plano arquetípico", é a estrutura neurofisiológica do cérebro. Grosseiramente pode-se afirmar que "o cérebro inteiro é a memória arquetípica". Contudo, ainda que o bisturi penetre até as profundidades da massa encefálica, a biologia molecular invente fórmulas das macromoléculas celulares, a genética consiga decifrar o código dos entrelaçamentos de açúcar-fosfato dos ácidos nucléicos, ou os engenheiros em sistemas cibernéticos construam "modelos" que simulem o funcionamento cerebral, contudo dizemos, apesar destes e outros prodígios científicos, NINGUÉM CONSEGUIU NEM CONSEGUIRÁ JAMAIS DESCOBRIR EMPIRICAMENTE OS "ARQUÉTIPOS" que, segundo dissemos, constituem TODO O CÉREBRO. E isto não por falta de habilidade científica, ou por um erro de metodologia, mas pela IMPOSSIBILIDADE essencial do ser humano, pasu ou virya, de perceber os Arquétipos universais "através da esfera sensorial". Por certo, não só os Arquétipos do cérebro, senão os que sustentam qualquer ente, ENQUANTO SEJAM UNIVERSAIS, NÃO PODERÃO SER CONHECIDOS ATRAVÉS DA ESFERA SENSORIAL DO ENTE. SÓ PODE SER CONHECIDO O SEU DESÍGNIO, SEU FIM PARTICULAR.

Esta impossibilidade compreender-se-á melhor se previamente definirmos o que se entende na Sabedoria Hiperbórea por RAZÃO. Mas como aqui estamos estudando a estrutura psíquica do pasu, a definição que daremos refere-se fundamentalmente a dito tipo primitivo de homem. No virya, devido à evolução do neo-córtex, o cérebro permitiu logo maior especialização racional, contudo, a impossibilidade visada, subsiste ainda e sua origem continua sendo o que agora vamos expor.

Para as ciências biológicas o cérebro é uma organização celular especializada. Para a Sabedoria Hiperbórea o cérebro é: memória arquetípica. O cérebro, ou memória arquetípica, funciona pela vontade de um "SUJEITO RACIONAL" ou "RAZÃO", cuja

atividade pode-se reduzir sempre a duas operações básicas, uma TRANSCENDENTE e outra IMANENTE. A primeira operação da razão é a COMPARAÇÃO TRANSCENDENTE e a segunda é a INTERPRETAÇÃO IMANENTE. A primeira operação tem como missão DESCOBRIR o desígnio dos entes e a segunda INTERPRETAR tal desígnio, em termos sêmicos. É o que se explicará passo a passo em continuação.

Primeira operação: COMPARAÇÃO:

O esquema da figura 11 mostra-nos a estrutura psíquica do pasu rodeada da "esfera sensorial". No animal-homem, a esfera sensorial cumpre a função de receber estímulos do mundo e convertê-los em impulsos nervosos com destino ao cérebro, quer dizer, é intermediária entre o interno e o externo. Mas a esfera sensorial não responde da mesma maneira aos diferentes estímulos e ela mesma varia apreciavelmente de um pasu para outro. É necessário então, referir-se à SENSIBILIDADE; esclarecemos o sentido do termo: a capacidade que apresenta uma esfera sensorial determinada para responder com maior ou menor intensidade a um estímulo dado denomina-se "sensibilidade". Na figura 11, a circunferência que limita a esfera sensorial é análoga à sensibilidade.

Pois bem, se observamos a figura 11, comprovamos que o sensível afeta às três esferas da estrutura psíquica; há assim uma "sensibilidade afetiva", uma "sensibilidade racional" e uma "sensibilidade consciente". E ´qualquer um dos três tipos de sensação pode ser objeto da INTUIÇÃO SENSÍVEL. Deve ficar claro que a operação racional que estamos descrevendo emprega SÓ aquilo que chega à esfera racional, quer dizer, o produto da sensibilidade racional.

O objeto da sensibilidade é a realidade e, dentro desta, os entes externos que a constituem. NESTE, E EM TODOS OS COMENTÁRIOS QUE SEGUEM, VAMOS CONSIDERAR A ESFERA SENSORIAL IMPRESSIONADA POR UM ENTE EXTERNO, SALVO NAQUELES CASOS NOS QUAIS QUE SE ESCLAREÇA EXPRESSAMENTE O CONTRÁRIO.

Pode-se descrever, já, a primeira operação da razão, que chamamos TRANSCENDENTE, porque se ocupa de COMPARAR os estímulos que ATRAVESSAM a esfera sensorial e que foram causados por um ente externo. Isto é: A OPERAÇÃO TRANSCENDENTE DA RAZÃO CONSISTE EM "COMPARAR" AUTOMÁTICAMENTE, AQUELA IMPRESSÃO QUE A SENSIBILIDADE RACIONAL RECOLHE DE UM ENTE EXTERNO.

Sabemos agora, com precisão, que a primeira operação da razão é uma COMPARAÇÃO. Mas, comparação com o quê? Porque comparar consiste em estabelecer relações entre DOIS objetos, que permitam descobrir suas diferenças ou semelhanças. Resposta: o ente é comparado com os Arquétipos da memória arquetípica. É claro, há que se aprofundar nesta resposta até tornar-se compreensível o EFEITO DESCOBRIDOR que a primeira operação exerce sobre o ente.

Segundo dissemos mais atrás, no ente coexistem dois términos, um universal e outro particular. O término universal é o Arquétipo – ou o conjunto de Arquétipos, se é "composto" – que o sustenta enquanto ente e para o qual visa sua evolução como finalidade; o término particular é o desígnio que o Demiurgo fixou em todo o ente como suprafinalidade. O primeiro término faz do ente um *ser-em-si*; o segundo término diz que o ente é um ser-para-o-homem.

Quando um ente impressiona a sensibilidade racional, a primeira operação da razão consiste em submeter a impressão recebida à comparação com a memória arquetípica. Nesta memória sempre haverá ao menos um Arquétipo que seja cópia invertida do Arquétipo universal que sustenta o ente e com ele se opera a comparação. Quer dizer que A RAZÃO COMPARA SÓ O TÉRMINO UNIVERSAL DO ENTE (O

ARQUÉTIPO UNIVERSAL) COM A SUA CÓPIA INVERTIDA: UM ARQUÉTIPO PARTICULAR DA MEMÓRIA ARQUETÍPICA. Compreende-se facilmente que isso SÓ pode ocorrer assim posto que na memória arquetípica SÓ existem cópias invertidas dos Arquétipos universais, finalidade entelequial dos entes, e não existe cópia ou referência alguma dos desígnios particulares de cada ente, suprafinalidade do ser-para-o-homem.

O que surge da confrontação entre o Arquétipo universal do ente e sua cópia invertida da memória arquetípica? Resposta: o nada. É como somar mais (+) com menos (-), uma unidade positiva com uma unidade negativa. Seu resultado é zero (0). Isto significa que a razão elimina automaticamente o término universal do ente E DEIXA A DESCOBERTO O TÉRMINO PARTICULAR OU DESÍGNIO. É então que o ente pode ser CONHECIDO E NOMEADO. Mas este nomear não é possível, como acreditam alguns, "porque o homem é logos": o verdadeiro logos é o Demiurgo que designou os entes; o pasu, depois de seu descobrimento, só pode repetir aquilo que estava previamente designado para o ente.

Deixando para mais adiante o problema do conhecimento, pode-se entender agora, depois de decifrar a primeira operação da razão, porque afirmávamos que "existe impossibilidade para o ser humano, pasu ou virya, de perceber os Arquétipos universais através da esfera sensorial": a impossibilidade existe sempre que a apreensão seja racional e o ente apreendido seja um ente exterior. Mas também há que se entender, e de uma vez por todas, que A RAZÃO É UMA FUNÇÃO DA MEMÓRIA ARQUETÍPICA, QUER DIZER, DO CÉREBRO, E QUE A OPERAÇÃO RACIONAL PRIMEIRA CONSISTE INVARIAVELMENTE NA ELIMINAÇÃO DO ARQUÉTIPO UNIVERSAL, TÉRMINO UNIVERSAL DO ENTE, POR COMPARAÇÃO COM A SUA CÓPIA INVERTIDA. Isso ocorre assim e não se pode alterar porque a memória arquetípica é uma ESTRUTURA, quer dizer, um todo, cujas partes estão solidamente enlaçadas, enquanto a razão é uma função que consiste em vincular entre si certos elementos dessa estrutura, MAS SEM MODIFICAR a própria estrutura. No cérebro, segundo a ciência oficial, as "operações racionais" consistem em certas interconexões bioelétricas ou "sinapses", que se efetuam entre ramificações de células especializadas, no entanto, por mais que a pessoa pense, e por múltiplas que sejam as redes de interconexão neuronais que produza tal pensar, jamais resulta modificada permanentemente a própria estrutura celular do cérebro. Assim como não é possível que a atividade neuronal modifique a estrutura do cérebro, tampouco a função racional modifica a estrutura arquetípica; e esta equivalência é exata, porque o cérebro e a memória arquetípica são uma e a mesma coisa, só que a explicação neurofisiológica pertence à ciência oficial do Ocidente e a explicação estrutural à Sabedoria Hiperbórea.

A impossibilidade de perceber os Arquétipos universais que sustentam os entes externos denomina-se também IRREPRESENTABILIDADE. Com esta palavra se quer significar que não é possível a "representação", quer dizer, a visão mental dos Arquétipos universais, o que de nenhum modo implica que não possam ser CONHECIDOS. Mas o conhecimento há de provir de um enfrentamento efetuado em um nível suprarracional, em outra esfera: o pasu na esfera (2) de pré-consciência; e o virya na esfera (2) de consciência.

Segunda operação: RELACIONAR.

A segunda operação da razão denomina-se IMANENTE, porque consiste em estabelecer relações entre objetos exclusivamente interiores da estrutura psíquica: quando o ente foi descoberto pela primeira operação, estabelece relações entre o seu "desígnio particular" INTERIORIZADO e os Arquétipos da memória arquetípica, e com os Arquétipos entre si. Mas, para explicar esta operação, é necessário descrever previamente a ESTRUTURA CULTURAL, coisa que se fará no próximo inciso.

Como conclusão desta breve exposição da memória arquetípica, cabe destacar que a razão, sua função, na primeira operação TOMA O ENTE EXTERNO E, LOGO DEPOIS DE ELIMINAR O TÉRMINO UNIVERSAL, DESCOBRE O PARTICULAR QUE HÁ NELE; ESTE IR DO UNIVERSAL AO PARTICULAR É O TIPO MAIS COMUM DE "DEDUÇÃO". A ESSÊNCIA DO DEDUTIVO: TODA DEDUÇÃO É SEMPRE A POSTERIORI DESTA PRIMEIRA OPERAÇÃO, MAS, EM SUA FORMA, DERIVADA DELA.

A primeira operação é a priori de qualquer outro raciocínio sobre o ente porque é imprescindível para descobrir o ente e colocá-lo sob observação. Mas, ao tomar o ente externo, perdido no universal, e situá-lo no interno como particular desígnio, se está efetuando uma DEDUÇÃO TRANSCENDENTAL.

Contrariamente, a segunda operação tomará o ente descoberto em seu desígnio particular e o RELACIONARÁ com os Arquétipos da memória arquetípica, quer dizer, com O UNIVERSAL DO MICROCOSMOS. ESTE IR DO PARTICULAR AO UNIVERSAL É A TIPO MAIS COMUM DE INDUÇÃO, A ESSÊNCIA DO INDUTIVO: TODA INDUÇÃO DERIVA-SE DA SEGUNDA OPERAÇÃO. Mas, ao tomar o ente internamente descoberto, e relacioná-lo com Arquétipos do microcosmo, se está efetuando uma INDUÇÃO IMANENTE, quer dizer, circunscrita no interior do ser-animal-homem ou pasu.

FUNCIONAMENTO DA ESTRUTURA CULTURAL DO PASU

Com as mesmas reservas e considerações que fizemos ao propor o Modelo da esfera, vamos utilizar o "modelo estrutural" para completar a descrição CONCEITUAL da estrutura psíquica do pasu. Por que devemos empregar um novo modelo? Porque aqui vamos desenvolver o seguinte conceito: a "memória arquetípica" (cérebro) é o DADO, aquilo que o animal-homem herda COMPLETO e que não pode modificar; no entanto, fundamentado sobre a memória arquetípica, há ALGO QUE VAI SE CONSTRUINDO ao longo da vida: A ESTRUTURA CULTURAL. A resposta é, então: para compreender a estrutura cultural, cujo crescimento é produto das operações da razão, utilizaremos o modelo estrutural, pois ele tem as correspondências necessárias e suficientes.

A – O modelo estrutural.

A primeira coisa que devemos fazer, antes de ocupar-nos da estrutura cultural, é adquirir uma noção clara sobre o que é uma "estrutura". Para isso vamos proceder indutivamente, partindo da intuição de uma estrutura geométrica simples e estendendo dita intuição a estruturas de maior complexidade. Na figura 12, representou-se uma estrutura geométrica elementar, muito utilizada como modelo em física, conhecida como "rede cúbica centralizada de um cristal". É possível imaginar estruturas desse tipo nas quais o polígono de um lado seja outro além do quadrado, com o qual se obteriam não cubos, senão poliedros, tais como o "octaedro", "dodecaedro", "icosaedro", etc. Uma rede compõe-se da conexão de um conjunto de poliedros semelhantes.

No entanto, a rede que necessitamos como modelo não se integra com poliedros semelhantes, senão que deve poder incluir na estrutura todos os POLIEDROS POSSÍVEIS e deve assegurar a POSSÍVEL CONEXÃO de uns com outros.

Estudaremos agora a estrutura geométrica da figura 12. Pela simples observação deduzimos que se compõe de quatro elementos: certas protuberâncias nos vértices e o centro do cubo, chamados NÓS; a conexão entre os nós, o ESPAÇO que ocupa sua extensão, e o TEMPO que lhe permite durar ou mudar.

Mas o primeiro que chama a atenção é a interrelação que liga todos os MEMBROS, dado que é possível chegar a qualquer dos nós partindo de qualquer outro,

apenas avançando sobre as conexões. Esta qualidade topológica permite-nos enunciar que “em uma estrutura o todo condiciona a parte”. Mas, tal condicionamento não provém SÓ das conexões que impedem a independência dos nós: além disso, os membros se articulam em uma forma total, de maneira que, por exemplo, na figura 12 não poderíamos tirar um nó sem destruir a forma cúbica e, TAMBÉM, existe INTERAÇÃO entre os membros, posto que, se na própria figura atribuímos, por exemplo, “MASSA” à estrutura cúbica, resulta que, ao eliminar um nó, altera-se o equilíbrio estático que poderia ter alcançado.

Por outra parte, submetendo a estrutura cúbica da figura 12 a condições dinâmicas, por exemplo, um deslocamento ou uma rotação, pode-se concluir que os membros são SOLIDÁRIOS e que se encontram todos FUNCIONALMENTE COMPENETRADOS.

Resumindo, podemos caracterizar a estrutura como UMA ORGANIZAÇÃO OU CONEXÃO DE MEMBROS ARTICULADOS EM UM TODO, INTERDEPENDENTES, SOLIDÁRIOS, INTERATIVOS E FUNCIONALMENTE COMPENETRADOS.

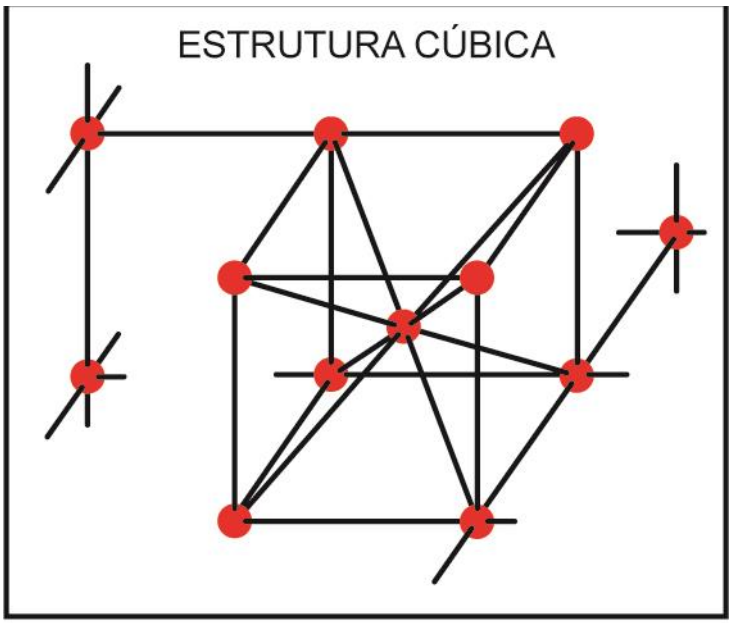


FIGURA 12

B – Nós e conexões da estrutura cultural.

A memória arquetípica ou cérebro é o herdado, imutável; mas sua função, a razão, é capaz de efetuar uma construção estrutural permanente, ao menos durante toda a vida do pasu. Mas esta construção não procede de um ato de escolha, da vontade do sujeito, senão do modo de ser da razão. Com efeito, a razão, só pelo fato de agir, produz elementos da estrutura cultural, membros que se enlaçam com o todo e permanecem definitivamente articulados.

A função da razão, como produtora da estrutura cultural, obedece à finalidade que o Demiurgo fixou para o destino do pasu: ser descobridor de entes e, desde os entes, ser produtor de cultura. A cultura, aplicação gregária, social ou coletiva, do conhecimento dos entes, é o fato que verdadeiramente "dá sentido ao mundo", pelo seu caráter externo ao microcosmo, por estar assentado no macrocosmo. Mais adiante teremos ocasião de estudar o fato cultural no cenário histórico do Kaly Yuga.

Aplicaremos o modelo estrutural recentemente exposto para explicar o efeito estruturador da razão. Recordando a quádrupla constituição de uma estrutura, temos que começar perguntando: qual é o ESPAÇO no qual se constrói a estrutura cultural? Resposta: a estrutura cultural é um substrato das esferas afetiva e racional (ver figura 11).

Esta resposta nos leva ao problema da natureza das esferas: de que são as esferas? Aqui afirmamos a natureza ENERGÉTICA da estrutura psíquica do pasu e tal definição pode gerar o preconceito de que se "está aplicando o conceito de "energia" à psique". Contra esta objeção replicamos que, contrariamente, "porque a psique é energética existe conceito de energia". Então, a substância psíquica é a "energia", uma forma superior da matéria na qual esta se reduz à pura força. O "espaço" em uma esfera energética é sempre redutível a espaço vetorial, o que justifica a escolha do método estrutural pelas suas correspondências topológicas.

A estrutura cultural, que se forma pela ação da razão, tem lugar nas esferas afetiva e racional como SUBSTRATO destas, quer dizer, que o seu lugar está no fundo, no profundo, na base, PERTO DA MEMÓRIA ARQUETÍPICA, DO CÉREBRO, que é quem suporta as esferas afetiva e racional. Vejamos agora como se forma dita estrutura.

Recordemos a primeira operação da razão. A razão compara NA memória arquetípica o Arquétipo universal do ente com o arquétipo invertido; desta comparação resulta eliminado o Arquétipo universal do ente ficando só o término particular ou desígnio. Mas, para efetuar a comparação, a razão teve que localizar o Arquétipo invertido e, uma vez localizado, confrontá-lo com o ente, quer dizer, com a impressão que o ente externo produziu na sensibilidade racional, segundo definimos mais atrás. Eis aqui a origem da estrutura cultural: COMO PRODUTO DA LOCALIZAÇÃO, QUE A PRIMEIRA OPERAÇÃO DA RAZÃO EFETUA NO ARQUÉTIPO INVERTIDO, OCORRE UM SEGUNDO EFEITO; O PRIMEIRO EFEITO É A ELIMINAÇÃO DO TÉRMINO UNIVERSAL; O SEGUNDO A ATUALIZAÇÃO, NO MICROCOSMO, DO ARQUÉTIPO INVERTIDO. O primeiro efeito é, pois, causa do segundo.

A primeira operação da razão produz assim, além da DEDUÇÃO TRANSCENDENTAL, na qual elimina o término universal, uma ATUALIZAÇÃO ARQUETÍPICA, no microcosmo, da cópia invertida do término universal eliminado. Deixemos de lado, por ora, o primeiro efeito, a eliminação do término universal, e prestemos atenção à atualização do Arquétipo invertido.

Se recordamos que "a memória arquetípica" é análoga no microcosmo ao "plano arquetípico" do macrocosmo, poderemos comprovar que a atualização de um arquétipo invertido é análoga à de qualquer Arquétipo universal.

No plano arquetípico os Arquétipos SÃO SERES PERFEITOS, mas potenciais: A ATUALIZAÇÃO DE UM ARQUÉTIPO CONSISTE EM SUA MANIFESTAÇÃO EM UM "PLANO DE REALIZAÇÃO". Quando este plano, é por exemplo, A MATÉRIA, a manifestação produz entes materiais que PARTICIPAM em maior ou menor grau da perfeição arquetípica. No Oriente se diz que a manifestação dos Arquétipos no plano material se efetua por impulso do Alento do Demiurgo, quer dizer, por um Sopro Cósmico, um pneuma universal. Mas este Sopro não é uma mera expulsão rítmica, uma vez que possui DIREÇÃO, uma vez que está "dirigida" ao plano de realização: a

DIREÇÃO que determina o impulso plasmador dos Arquétipos universais a dirigir-se ao plano material, e não a qualquer outro mundo, é a INTENÇÃO do Demiurgo. Esta intenção é que impulsiona os entes a evoluir para a enteléquia dos Arquétipos; e, como "Alento" é sinônimo de "vontade", se diz que a INTENÇÃO é a direção da vontade do Demiurgo.

A enteléquia é a finalidade à qual tendem os processos fenomênicos que constituem a realidade dos entes. Mas em todo ente há, segundo vimos, duas finalidades: uma universal e outra particular. Isso se deve a existência, em todo ente, de uma dupla intenção demiúrgica: uma primeira intenção plasma e impulsiona o ente para a enteléquia do Arquétipo do qual participa: é a "finalidade"; uma segunda intenção DESIGNA ao ente um ser-para-o-homem: é a "suprafinalidade". Portanto, O ENTE É O ATO DO ARQUÉTIPO UNIVERSAL, MAS UM ATO ESSENCIALMENTE INTENCIONADO, PRODUZIDO POR UM DIRECIONAMENTO DA VONTADE DO DEMIURGO.

Consideremos agora a memória arquetípica ou cérebro do pasu, a qual é reflexo, cópia invertida, do plano arquetípico. A razão é uma função da memória arquetípica; mas a razão é algo que se move, que estabelece relações. Qual é a força que impulsiona a razão do pasu? Resposta: a vontade instintiva. A razão se DIRIGE para o Arquétipo invertido de um ente dado aos sentidos, movida pela vontade instintiva. Isto significa que a referência estabelecida entre o Arquétipo invertido e o ente, para efeito de comparação, NÃO É PASSIVA, SENÃO ATIVA, não é estática, senão dinâmica, quer dizer, É INTENCIONAL. Naturalmente que uma referência semelhante nada tem a ver com a consciência, uma vez que esta é um sujeito histórico que ainda não existia no pasu. Em todo caso, tal referência intencional era, e é, subconsciente.

O caráter intencional com que a razão se refere ao Arquétipo localizado é o que produz a sua atualização e, com isso, o crescimento da estrutura cultural. Mas a atualização de um Arquétipo deve efetuar-se em um "plano de realização". Qual é, no microcosmo, este plano no qual os Arquétipos invertidos se manifestam? Resposta: a psique ou "alma" do pasu; concretamente: na profundidade das esferas afetiva e racional. Esta resposta coincide com a que tínhamos dado anteriormente à pergunta: "pelo ESPAÇO no qual se constrói a estrutura cultural", pois dissemos então que esta era "um substrato das esferas afetiva e racional". Agora podemos completar o conceito dizendo que o espaço que ocupa uma estrutura cultural é o plano de realização dos Arquétipos da memória arquetípica; isto é, as esferas energéticas da psique.

Ainda não explicamos COMO se constrói a estrutura cultural, senão ONDE esta tem lugar. Poderemos começar esta explicação após expor um conceito fundamental que, por sua importância, não deve ser esquecido em nenhuma das análises posteriores.

Trata-se do seguinte: TODO FENÔMENO PSÍQUICO É DE CARÁTER SÊMICO. Sem entrar no problema da CONTINUIDADE que a psique do pasu tem de manter enquanto esfera energética, é indubitável que toda psique é depósito de um conteúdo multifenomênico: o enunciado anterior afirma que A DIVERSIDADE IMANENTE DO PSÍQUICO É SÊMICA. Conforme isto, os conteúdos psíquicos são simbólicos; mas não há que se confundir: o símbolo não é um mero agregado ao conteúdo psíquico, uma propriedade deste, senão o próprio conteúdo, SUA ESSÊNCIA. Deste modo O SÊMICO É A ESSÊNCIA DO PSÍQUICO e, por isso, todo fato que possua uma terminação psíquica manifesta-se sêmica ou polissemicamente.

Estudaremos agora como se constrói a estrutura cultural. Já adiantamos que a origem dela radicava na "atualização" que a referência racional produzia no Arquétipo invertido como segundo efeito da comparação. A atualização de um Arquétipo invertido,

analogamente à de um Arquétipo universal do macrocosmo, se manifesta em um "plano de realização": a psique. Mas, pelo visto recentemente, tal manifestação TEM QUE SER SÊMICA.

O Arquétipo invertido atualizado, efetivamente, manifesta-se como SÍMBOLO na esfera psíquica, o qual constitui um membro da estrutura cultural. Qual membro? O que corresponde ao "nó" e ao que vamos denominar "PRINCÍPIO" ou "SÍMBOLO SIMPLES". Em outros termos: quando a razão localiza um Arquétipo, NA memória arquetípica, a intencionalidade referencial o impulsiona a manifestar-se na psique onde se estrutura como PRINCÍPIO ou SÍMBOLO SIMPLES.

Consideremos agora a primeira operação da razão, completa em seus dois efeitos. Ao comparar o ente com a memória arquetípica se produz a confrontação do Arquétipo universal do ente com a sua cópia invertida, quer dizer, se opõem dois contrários; desta operação resulta como primeiro efeito a eliminação, ou negação, do Arquétipo universal do ente e, com isso, o descobrimento do desígnio ou suprafinalidade; e como segundo efeito, a manifestação, ou afirmação do Arquétipo invertido na estrutura cultural como Princípio, quer dizer, ocupando o lugar de um "nó". O primeiro efeito, segundo vemos, descobriu o ente em seu desígnio; vejamos o que ocorre em seguida.

Em primeiro lugar há que se qualificar o descobrimento do desígnio como uma TRANSCENDÊNCIA do ente externo quem, desse modo, situa-se MAIS PARA CÁ da esfera sensorial. Com efeito, enquanto o Arquétipo universal jamais pode ser visto fora do ente, nem no próprio ente, pois é absolutamente imanente, o desígnio do ente está pronto a ser-para-o-homem, a transcender todas as barreiras e revelar-se em plenitude. Em outras palavras, o desígnio passa a ser um OBJETO INTERIOR.

Segundo dissemos anteriormente, "não existe equivalência na memória arquetípica para o desígnio dos entes", pois, justamente, a finalidade do animal-homem é descobrir esse desígnio e dar sentido ao mundo. Por isso o desígnio, como objeto interior, é sujeito da segunda operação da razão: RELACIONAR. O que faz a razão com o desígnio do ente? Resposta: INTERPRETA-O.

Para interpretar o desígnio a razão BUSCA OS ARQUÉTIPOS da memória arquetípica MAIS ADEQUADOS OU CONGRUENTES E COM ELES FORMA UM "ESQUEMA" DO ENTE. Aqui não há, como na primeira operação, nenhuma eliminação de arquétipos; pelo contrário, se produz a afirmação de um ou vários deles, necessários para interpretar o desígnio. Quer dizer: como efeito da segunda operação da razão, que estabelece relações entre o desígnio do ente e a memória arquetípica, se produz a atualização de um ou vários Arquétipos. Mas "atualização" é manifestação na esfera psíquica, no âmbito da estrutura cultural. Eis aqui o que ocorre: O CONJUNTO DE ARQUÉTIPOS ATUALIZADOS, QUE INTERVÉM NA INTERPRETAÇÃO DE UM DESÍGNIO, MANIFESTA-SE NA PSIQUE COMO UM "SÍMBOLO COMPLEXO" QUE REPRESENTA O ESQUEMA DO ENTE E SE ESTRUTURA NO LUGAR DAS "CONEXÕES"; TAIS CONEXÕES DENOMINAM-SE "RELAÇÕES".

Uma estrutura se constrói com conexões entre nós; a estrutura cultural é construída pela razão com RELAÇÕES ENTRE PRINCÍPIOS. A estrutura cultural é, assim, uma organização psíquica, de substância energética e de essência sêmica, cujos membros são símbolos complexos que relacionam ou enlaçam símbolos simples ou Princípios (arquetípicos).

Mas, até agora só vimos como se constrói UM nó e UMA conexão. Falta-nos saber como CRESCE a estrutura cultural e que relação tem com a estrutura psíquica total do pasu para, a partir daí, compreender seu funcionamento. Este será o objeto do próximo artigo, logo que digamos duas palavras sobre a segunda operação da razão.

A segunda operação, que anteriormente qualificamos de INDUÇÃO IMANENTE, consiste, segundo vimos agora, em INTERPRETAR o desígnio do ente mediante relações entre Arquétipos da memória arquetípica. Esta operação, "INTERPRETAR", supõe, vendo melhor, a existência de um CRITÉRIO. Mas tal "critério" não é produto da "decisão" do pasu senão que, pelo contrário, toda decisão é *a posteriori* do mesmo e está condicionado por ele. É assim, porque se trata de um CRITÉRIO PADRÃO. A razão opera impulsionada pela vontade instintiva, quer dizer, sujeita a padrões de conduta, e a segunda operação ajusta-se a um padrão que é uma forma pura de critério. Mas este "critério racional", que intervém *a priori* do entendimento, é manifestamente hereditário, pois constitui uma forma ou modo da razão, quer dizer, de uma função da memória arquetípica ou cérebro, o qual é "dado" porque é herdado. Com isto queremos destacar que a interpretação do desígnio há de variar de um pasu a outro, segundo o grau de precisão que o critério racional e hereditário permita a cada um alcançar.

C – A estrutura cultural como memória.

Um "nó" da estrutura cultural ou Princípio é a correspondência sêmica de um Arquétipo da memória arquetípica; uma "conexão" ou Relação é a correspondência sêmica do "desígnio" de um ente, seu esquema, segundo a interpretação efetuada pela razão. Desde que se inicia a vida do pasu, desde que se encontra exposta à impressão dos entes do mundo sua esfera sensorial, múltiplos nós e conexões semelhantes vão sendo agregados à estrutura cultural pela atualização arquetípica que produz a razão.

A estrutura cultural CRESCE, pois, constantemente, tanto no número de membros como na complexidade da trama, enquanto o já estruturado PERMANECE como substrato das esferas afetiva e racional. Esta permanência apresenta inevitavelmente o problema do tempo, quer dizer, o da relação entre o tempo transcendente ou tempo dos entes e o tempo imanente ou tempo psíquico, cuja solução dar-se-á mais adiante. Mas, ainda quando não tenhamos entrado em dito problema, há de se entender que a "permanência" da estrutura cultural a converte em uma espécie de memória, mas não "arquetípica", como o cérebro, senão "experimental", quer dizer, produto da experiência dos entes. A memória arquetípica é passiva e estática; hereditária. A estrutura cultural, enquanto memória, é ativa e dinâmica: experimental. Por motivos que veremos logo, a estrutura cultural é denominada pela Sabedoria Hiperbórea, também: MEMÓRIA CONCEITUAL.

Desde já, os objetos desta memória, o verdadeiramente memorizado, são as RELAÇÕES entre Princípios, já que os "princípios" são meras atualizações sêmicas dos Arquétipos da memória arquetípica. As Relações, ou conexões, da estrutura cultural constituem para o pasu a "verdade" dos entes, uma vez que representam a interpretação racional do desígnio, e, portanto, uma explicação do funcionamento da estrutura psíquica tem que visar principalmente a expor a natureza de tais conexões ou Relações. Não se deve estranhar, então, que dediquemos a estes a maior parte dos próximos artigos.

D - Princípios e Relações como SISTEMAS.

Se recordarmos nosso acordo anterior sobre que, salvo esclarecimento em contrário, todas as explicações se exemplificariam com entes externos, podemos aprofundar na definição de Relação.

Para o pasu uma relação é, antes de tudo, a VERDADE do ente, mas, aqui há que observar que não dizemos A ESSÊNCIA, senão A VERDADE do ente: esta distinção indica que a essência do ente é o DESÍGNIO, enquanto a Relação é um correlato racional, a interpretação do desígnio ou ESQUEMA, o verdadeiramente conhecido, e, portanto, a VERDADE do ente.

A verdade do ente é “memorizada” pela estrutura cultural como símbolo complexo ou Relação, ou melhor, como conexão sêmica entre Princípios ou símbolos simples. Pois bem, de que se compõe um símbolo complexo? De um conjunto de símbolos simples ESTRUTURADOS para constituir o ESQUEMA do ente. Um símbolo complexo, Relação ou conexão da estrutura cultural, é, por sua vez, uma estrutura sêmica de grau menor denominada “SUBESTRUTURA”. Esta propriedade do símbolo complexo ou Relação, de ser uma subestrutura de símbolos simples apresenta um problema que exige esclarecimento, antes de continuar seu estudo.

Com efeito, se um símbolo complexo ou Relação é uma conexão entre símbolos simples ou “princípios”, podem estar esses Princípios TAMBÉM incluídos no conjunto de símbolos simples em que consiste o símbolo complexo? Quer dizer, podem estar REPETIDOS os Princípios na estrutura cultural? Resposta: Os símbolos simples tanto podem existir como Princípios no lugar dos nós ou como elementos constituintes dos símbolos complexos no lugar das conexões; A DIFERENÇA BASEIA-SE NA POTÊNCIA: OS “PRINCÍPIOS” SÃO “POTÊNCIAS PASSIVAS” ENQUANTO AS “RELAÇÕES” SÃO “POTÊNCIAS ATIVAS”. Mas como conceito de “potência” requer a consideração do TEMPO TRANSCENDENTE não entraremos agora em sua definição, pois isso se fará mais adiante. Suspendendo até então, pois, tal definição, recordemos que os Princípios provêm da primeira operação da razão, quando se compara o Arquétipo universal do ente com o Arquétipo invertido da memória arquetípica: é esta referência intencional que atualiza o Arquétipo na estrutura cultural como Princípio ou potência PASSIVA; mas a eliminação do Arquétipo universal causou o descobrimento do desígnio, do ser-para-o-homem do ente, e essa revelação a razão interpreta mediante a segunda operação, que consiste em referir o desígnio aos Arquétipos necessários para obter um esquema; os Arquétipos de referência, entre os que pode figurar o mesmo que se empregou para eliminar o universal, atualizam-se na estrutura cultural, formando um símbolo complexo, Relação ou potência ATIVA.

A representação, na estrutura cultural, de um Arquétipo invertido como “nó”, denomina-se Princípio. Se, além disso, o mesmo Arquétipo está representado em uma Relação como elemento sêmico da sua subestrutura, tal elemento denomina-se SÍMBOLO ARQUETÍPICO. Se um símbolo arquetípico e um Princípio representam o mesmo Arquétipo, só diferem na potência: o Princípio possui “potência passiva” e o símbolo arquetípico, como toda a Relação, tem “potência ativa”.

O mesmo Arquétipo invertido pode, assim, ter uma correspondência simbólica com um Princípio ou um elemento sêmico da Relação. Contudo, é fundamental entender isto: se bem que um mesmo símbolo simples tanto pode representar um Princípio como um elemento sêmico de uma Relação, JAMAIS SE ESTRUTURARÁ MAIS DE UMA VEZ COMO “PRINCÍPIO” OU “NÓ” E, PELO CONTRÁRIO, SE SUBESTRUTURARÁ INCONTÁVEIS VEZES COMO ELEMENTO SÊMICO DE “RELAÇÕES” OU “CONEXÕES”.

Isto quer dizer que, uma vez que a razão COMPAROU um ente com um Arquétipo, e este se manifestou e estruturou como Princípio ou potência passiva, não importa o número de vezes que tal operação se torne a efetuar, com esse ou com outros entes: O ARQUÉTIPO JAMAIS SE MANIFESTA MAIS DE UMA VEZ COMO PRINCÍPIO. EM TODO CASO O QUE OCORRE É QUE AS REITERADAS REFERÊNCIAS RACIONAIS A UM ARQUÉTIPO, PARA A SUA COMPARAÇÃO, INCREMENTAM A potência PASSIVA DO PRINCÍPIO OU NÓ CORRESPONDENTE. A maior potência é necessária porque, sendo os Princípios algo único na estrutura cultural, DEVEM SUPORTAR TODAS AS RELAÇÕES QUE SE REFIRAM A ELES. Estamos no caso, por exemplo, em que um determinado nó da figura 12 tivesse que suportar incontáveis conexões, haveria, para isso, que prever uma maneira de reforçar

o nó a cada nova conexão, evitando assim que se debilite a estrutura; este "reforço" o efetua, nos Princípios, o incremento da potência passiva.

Esta condição de nó único, irrepetível, que tem cada Princípio há de dar uma ideia da complexidade da estrutura cultural. Pense-se em qualquer Princípio, por exemplo, o número um, e poder-se-á imaginar a impressionante quantidade de Relações com as quais tem de estar enlaçado em nossa própria estrutura cultural.

Até aqui ficou esclarecido o fato de que um Arquétipo esteja representado por um único Princípio e TAMBÉM por muitíssimos símbolos simples subestruturados nas distintas Relações. Em continuação passaremos a estudar, com maiores detalhes, a constituição das Relações.

No modelo estrutural que estamos empregando, uma Relação entre Princípios é análoga a uma conexão entre nós da figura 12, ou seja, a UMA BARRINHA CILÍNDRICA, tal como a representada na figura 13. As DIMENSÕES REAIS da conexão são ali o espaço, o tempo e a substância. Naturalmente, o espaço ocupado pelo cilindro pode caracterizar-se, por sua vez, por dimensões qualitativas, tais como a longitude, a largura ou espessura, a superfície, o volume, etc.

A analogia entre a Relação e a conexão cilíndrica vai nos permitir definir certas dimensões características. Em uma Relação, o tempo e a substância se reduzem no conceito de potência, que será definido no próximo inciso; quanto ao "espaço", a analogia se estabelece com respeito à longitude e ao volume de uma conexão cilíndrica. Resumindo, toda Relação se define com base em TRÊS dimensões: sua EXTENSÃO, análoga à LONGITUDE; sua COMPREENSÃO, equivalente ao VOLUME; e sua potência.

Menos a potência, vamos definir "extensão" e "compreensão" fazendo o esclarecimento de que, em geral, deverão considerar-se válidos, não só para esquemas de entes externos, senão para todas as Relações, qualquer que seja o ente representado.

A extensão de uma Relação, análoga à longitude de uma conexão, denota o tipo de todos os símbolos simples que intervém na subestrutura do símbolo complexo ou Relação. Quanto mais extensa é uma Relação tanto maior é a quantidade de elementos sêmicos que abarca.

A compreensão de uma Relação, análoga ao volume da conexão, indica quão perto está a verdade esquemática de coincidir com a essência do ente ou desígnio. A compreensão é, assim, a própria subestrutura, o esquema sêmico do ente, cuja verdade representa a Relação. Por isso, sua exatidão para COMPREENDER a essência do ente depende da interpretação efetuada pela segunda operação da razão, quer dizer, depende do critério hereditário. Um maior volume da conexão equivale a uma maior compreensão da Relação, quer dizer, a Relação é mais compreensiva em propriedades correspondentes ao desígnio, estruturadas como símbolos simples.

Falamos dos Princípios e das Relações e agora sabemos algo mais de ambos; mas se o consideramos em conjunto e prestamos atenção à algumas propriedades comuns, logo estaremos em condições de estudar em sua totalidade o funcionamento da estrutura cultural do pasu, tal como prometia o título desse inciso.

Antes de mais nada, notemos que os Princípios não procedem DE uma intuição sensível, senão que foram estruturados POR efeito dela. Os Princípios, enquanto representação sêmica de Arquétipos inatos são a priori de todo raciocínio ou reflexão e determinantes do entendimento. O pasu os "ENCONTRARÁ" ou intuirá e os identificará como "símbolos puros", "ideias inatas", "números", "categorias mentais", etc., ou os chamará impropriamente de "arquétipos".

Pelo contrário, as Relações têm sua origem na intuição sensível, OU SÃO PURAS CRIAÇÕES DA RAZÃO. Elas constituem, para o pasu, a substância de todo pensamento racional.

É evidente que a estrutura cultural se compõe de um pequeno número de Princípios e um incontável número de Relações. Mas, a diferença do que ocorre na estrutura cúbica da figura 12, as condições impostas à estrutura cultural, "deve poder incluir a todos os poliedros possíveis e deve assegurar a possível conexão de uns com outros", causa que uma Relação POSSA CONECTAR-SE COM MÚLTIPLOS PRINCÍPIOS. Não estaríamos então na analogia da barrinha cilíndrica e isso pode supor uma invalidação de nossas conclusões. Por isso, para dissipar toda dúvida e facilitar a exposição, vamos empregar a noção de SISTEMA.

Na estrutura não existem partes senão membros, que são solidários, interativos, interdependentes, etc., com o todo. Daí que um SISTEMA, que pode ser um setor ou toda a estrutura, deva ser considerado como uma abstração arbitrária antes que como uma "parte". A morfologia estrutural divide os sistemas em simples e complexos. Conforme isto, vamos definir, em geral, um "sistema" como: A CLASSE DE TODAS AS RELAÇÕES QUE SE ENLAÇAM COM PRINCÍPIOS COMUNS.

Da mesma forma, um "sistema simples" é: A CLASSE DE TODAS AS RELAÇÕES QUE SE ENLAÇAM COM UM PAR DE PRINCÍPIOS OPOSTOS. É conveniente definir uma operação denominada REDUÇÃO nos seguintes termos: EM TODO SISTEMA SIMPLES EXISTE UMA FUNÇÃO ENTRE OS PRINCÍPIOS E AS RELAÇÕES, DE TAL FORMA QUE SEMPRE É POSSÍVEL ASSIMILAR OS SÍMBOLOS SEMELHANTES DE CADA RELAÇÃO E "REDUZIR" O NÚMERO DE CONEXÕES. Por redução sistemática sempre será possível simplificar topologicamente a rede poliédrica até a sua mínima expressão: UMA CONEXÃO E DOIS NÓS, ou seja, uma Relação entre dois Princípios. Chega-se assim a um sistema mínimo, representado na figura 13, na qual a Relação se enlaça no princípio e fim de sua "extensão" com dois Princípios opostos. Se diz então que se trata de uma RELAÇÃO DIALÉTICA. A redução sistemática, considerada como função mental, é chamada também SÍNTESE RACIONAL.



FIGURA 13

É claro que o sistema mínimo da figura 13 é uma "subestrutura", de acordo com a definição que demos anteriormente sobre "símbolo complexo". Consequentemente, podemos generalizar a redução para todo sistema simples da seguinte forma: TODO SISTEMA SIMPLES É UMA SUBESTRUTURA SUSCETÍVEL DE REDUÇÃO SEMIÓTICA. Mas, e isso deve ser mais claro ainda, SÓ AS RELAÇÕES SÃO REDUTÍVEIS: OS PRINCÍPIOS SÃO ABSOLUTAMENTE IRREDUTÍVEIS. Desta maneira, se todo o sistema simples pode ser levado à forma da figura 13, confirma-se a validade geral das definições anteriores sobre Princípios e Relações.



FIGURA 11b

Já estamos em condições de expor o conceito de sistema complexo: É UMA SUBESTRUTURA QUE POSSUI "N" PARES DE PRINCÍPIOS OPOSTOS E QUE, POR REDUÇÃO SISTEMÁTICA, DECOMPÕE-SE EM UM CONJUNTO DE "N" SISTEMAS SIMPLES.

Adiante, quando digamos "sistema", deverá se entender "sistemas simples", salvo esclarecimento em contrário.

E – O pensamento racional do pasu.

Depois de tantas extensas descrições certamente desejamos conhecer como PENSA o pasu. Desde já, as operações primeira e segunda da razão implicam já um PENSAR, como também o é a atividade da estrutura cultural e da esfera de consciência. Para evitar confusões começaremos por definir o significado destes termos e especificar o seu alcance.

"PENSAR" é a atividade da "estrutura psíquica", composta, segundo a figura 11 b (compare-se com a figura 11), pelas esferas "afetiva" (4), e "racional" (3) e "de consciência" (2). Deste modo, fica claro que "o pensar" é uma atividade que pode acontecer em qualquer de tais esferas. Em outro inciso, no entanto, demonstrar-se-á que o pensar obedece a uma "sequência hierárquica" inevitável: temporalmente, o pensar localiza-se primeiro na estrutura do cérebro; o cérebro vivo constrói a estrutura cultural que, a posteriori, também é animada pelo pensar; a estrutura cultural viva constrói a esfera de consciência e, a posteriori também é animada pelo pensar.

Quando digamos, por exemplo, "o pensar" ou "por causa do pensar", etc., há de se supor que tal "pensar" pode ocorrer em qualquer esfera da estrutura psíquica e se há de indagar, no texto, pela referência adequada.

Sempre antecipando definições, que mais adiante serão devidamente fundamentadas, consideremos que "o pensamento é o momento do pensar". Em outras palavras: "o pensamento é o ato momentâneo do pensar". No próximo inciso veremos

que tal "momento" apresenta uma dupla temporalidade: por uma parte, registra uma "duração real" no tempo transcendente ou "tempo do macrocosmo", e por outra, registra um tempo imanente, proporcional à intensidade energética do pensamento.

Por outro lado, o microcosmo particular do pasu é produto de uma mônada e de um Arquétipo. Quer dizer: a mônada sustenta o microcosmo particular, que evolui segundo o processo de um Arquétipo universal ou Manu. Mas a mônada não "desce" jamais à matéria, senão que se manifesta no microcosmo como um ser de entidade muito sutil, que tem por função: assimilar o grau evolutivo alcançado e mantê-lo, quando se produza a desintegração orgânica chamada morte. Este ser é "a alma" do pasu.

A alma é quem contribui para o microcosmo com a herança genética não biológica da evolução e é quem, ao desencarnar, mantêm o que foi evoluído nessa vida para aplicá-lo na vida de outros microcosmos, avançando sempre para a enteléquia. Entende-se, então que a alma, por sua função de sustentá-lo e impulsioná-lo para a individuação entelequial, DEVE ESTAR PRESENTE EM TODO PONTO DO MICROCOSMOS. Na verdade, não existe função no microcosmo que não se encontre fundamentada, em última instância, pela alma, mas do ponto de vista estrutural, convém distinguir entre suas distintas FACULDADES. Por FACULDADE da alma há de se entender a potência com que ela ATUA em uma estrutura. Neste sentido A SENSIBILIDADE e a INTELIGÊNCIA são, por exemplo, FACULDADES. Pois bem, NO PASU "O PENSAR" É A PRINCIPAL FACULDADE DA ALMA. Ou, com outras palavras, o pensar é a manifestação da alma na estrutura psíquica. Mas esta manifestação tem um caráter inconfundível: é a única faculdade com a que a alma expressa diretamente a unidade da mônada. Por isso se diz que "o pensar é o ato de um SUJEITO pensante": a alma como SUJEITO, um sujeito que tende permanentemente a afirmar sua própria individualidade é o reflexo inequívoco da unidade da mônada.

Dissemos no começo que "o pensar" pode acontecer em qualquer esfera da estrutura psíquica; o conceito de SUJEITO pensante vai nos permitir entender com mais precisão esta faculdade da alma. Em primeiro lugar, há que se atentar ao seguinte Princípio: TODO SUJEITO REQUER UMA ESTRUTURA NA QUAL MANIFESTAR-SE. Ou seja, NÃO PODE EXISTIR UM SUJEITO SEM UM VEÍCULO PARA A SUA MANIFESTAÇÃO; o que existe sempre, ainda que depois da morte do pasu, é a alma transmigrante, mas NÃO O SUJEITO que é só um aspecto da alma, característico do estado de encarnação: UM OBJETIVO DA FINALIDADE DO PASU. Em síntese, O SUJEITO É FUNÇÃO DA ESTRUTURA.

No microcosmo, para expor nossa tese sobre a estrutura psíquica original do pasu e posterior encadeamento do Espírito, distinguimos três estruturas básicas: a memória arquetípica ou cérebro, a estrutura cultural e a esfera de consciência. Pois bem, cada uma de tais estruturas pode ser animada pelo sujeito pensante, de acordo ao Princípio recém examinado. Sem esquecer que se trata sempre de UM MESMO SUJEITO, vamos denominar "sujeito racional" ou "razão" ao pensar localizado na memória arquetípica ou cérebro; "sujeito cultural" ao pensar que ocorre SOBRE a estrutura cultural; e, por último, "sujeito consciente" ou "histórico" ao pensar próprio da esfera de consciência e que será o tema principal do estudo do próximo inciso.

A força que "move" o sujeito é a vontade. Assim, a "vontade instintiva" permite atuar a "razão", ou sujeito racional, na memória arquetípica; a "vontade cultural" impulsiona o sujeito cultural a animar a estrutura cultural; e a "vontade consciente" faz possível que o sujeito consciente anime a esfera de consciência. Na figura 11 b pode-se comprovar que na representação analógica sistemática de círculos excêntricos, o recinto (5) corresponde à "vontade cultural", a qual é ativa nas três esferas (2), (3) e (4) por causas que se explicarão em 'F' do próximo inciso. Pelo contrário, o recinto (6), da vontade instintiva só está formado pela intersecção das esferas (3) e (4), o que significa

que “a razão” é volitivamente independente da esfera de consciência (2): pode atuar, e de fato atua sempre, “instintivamente” quer dizer, automaticamente.

Em tudo que segue do presente inciso nos concentraremos na descrição e análise funcional da estrutura cultural, motivo pelo qual toda referência ou menção do “pensar” deverá ser entendido como correspondente ao sujeito cultural (ou ao sujeito racional, ou “razão”, por constituir o construtor da estrutura de Princípios e Relações, segundo já se explicou). Com este critério, do “pensamento”, só nos referiremos aos que produzem os sujeitos instintivo e racional e o denominaremos “PENSAMENTO RACIONAL”, para diferenciá-lo dos pensamentos irracionais que se estudarão em outro inciso. Pelo mesmo motivo, diremos: “o pensar racional”, aludindo àquele pensar que só apreende pensamentos racionais. Naturalmente que tal “apreensão” só é possível porque o pensar é um SUJEITO VOLITIVO.

Levando em conta todas essas definições e esclarecimentos, já podemos considerar a seguinte propriedade: O PENSAMENTO RACIONAL DO PASU ORIGINA-SE, EM TODOS OS CASOS, “SOBRE” A ESTRUTURA CULTURAL E, DALI EMERGE PARA OS EXTRATOS SUPERIORES DA PSIQUE, QUER DIZER, PARA A ESFERA DE CONSCIÊNCIA. Tal trânsito do pensamento só pode ser entendido à luz dos conceitos de “potência” e “tempo”, que serão estudados no seguinte inciso. Aqui, vamos nos restringir à explicação em torno da origem do pensamento racional, uma vez que o mesmo se produz NA estrutura cultural.

Como se deve entender, então, que o pensamento se produz SOBRE a estrutura cultural? Resposta: LITERALMENTE. Quer dizer, se não esquecemos que “a estrutura cultural” é um modelo analógico, a resposta é literal: o pensamento é produzido SOBRE a estrutura, Nos seus Princípios e Relações, ou seja, NOS sistemas; por isso o pensamento racional é SISTEMÁTICO.

Como esta resposta não nos permite ver grande coisa, trataremos de entendê-la mediante uma alegoria. Suponhamos que praticamos a vivissecção de um animal, e por meio de uma craniectomia, deixamos exposto seu cérebro. Observamo-lo atentamente e afirmamos: “é uma estrutura celular”; e: “está viva”. Mas, depois de uma mais atenta inspeção, vemos que existem diferentes tipos de atividade no seio de dita estrutura: bioelétrica, bioquímica, neurônica, hemática, etc. Se queremos caracterizar tal diferença de atividade, podemos tomar como parâmetro comum o “movimento” e perceber que nos fenômenos bioelétricos o que se “move” são “íons”; nos bioquímicos, “moléculas”; nos neurônicos a própria célula, estimulada por um impulso nervoso, conecta-se com outra, “move-se”, produzindo sinapses; nos hemáticos uma “molécula proteica”, etc. Quer dizer, no amplo quadro da “vida”, que caracteriza a dita estrutura celular ou cérebro, distinguimos vários “movimentos” diferentes que provêm de diferentes áreas de atividade funcional. Como DISTINGUIMOS estes movimentos, como se fizeram CLAROS para nós? Nós os distinguimos. em primeiro lugar, porque não consideramos o cérebro em sua totalidade, como um todo orgânico, senão que fizemos abstração de certas partes: as células, as artérias, veias e tecidos, etc. E, em segundo termo, fizeram-se claros porque observamos o abstraído sob distintas luzes e óticas.

Observemos agora a complexa rede da estrutura cultural. Quando dizemos que o pasu “pensa” estamos em um caso análogo ao de “o cérebro vive”: implicamos na atividade essencial do organismo. O “pensar” é o estado de atividade essencial da estrutura cultural, análoga à “vitalidade” da estrutura celular do cérebro. Mas neste distinguíamos certos movimentos, próprios das funções orgânicas, que se faziam claros ao abstrair ditas funções da totalidade da estrutura cultural e observá-las em separado, quer dizer, ao ENQUADRAR FORMALMENTE A ÁREA FUNCIONAL E CONSIDERÁ-LA COMO FENÔMENO EM SI. Do mesmo modo, um “pensamento

racional do pasu" é um movimento DISTINTO E CLARO que se produz em certas regiões da estrutura cultural. Com outras palavras: o pensar é a "vitalidade" da estrutura cultural e o pensamento é a "vivência" de um sistema, em tal estrutura.

A estrutura está, então, plena de atividade mental, como o cérebro "borbulhante de vida". O pasu efetua uma operação racional e UM MOVIMENTO ESPECIAL SE PRODUZ "SOBRE" UM SISTEMA: É O PENSAMENTO RACIONAL. Mas entendemos agora por que aquela resposta devia ser interpretada literalmente: o pensamento racional é só uma atividade localizada SOBRE um sistema da estrutura cultural. No entanto este "SOBRE" não deve dar lugar a equívocos: o pensamento não é uma atividade que ocorra na superfície dos elementos do sistema, não é neste sentido superficial que dizemos "SOBRE". O pensamento é ALGO DISTINTO DO SISTEMA e por isso ocorre SOBRE o sistema; pode deslocar-se de um sistema ao outro ou permanecer SOBRE um deles. E tudo isto pode fazer porque o pensamento racional é a vivência do sistema ou o sistema vivenciado como pensamento, quer dizer, o efetivamente referenciado durante o pensar.

Uma maneira analógica de imaginar o fato de que em uma estrutura cultural ocorre um pensamento racional sobre um sistema é supor que nesse momento o sistema se ILUMINA. Por exemplo, em uma estrutura como a da figura 12, o pensamento de um "sistema cúbico" faria "iluminar" só os noves nós e as vinte conexões do cubo e nenhum outro nó nem conexão adjacente. Com base em tal suposição, que já veremos não carece de todo de fundamento real, falaremos analogicamente de que tal ou qual sistema "foi iluminado por um pensamento".

Perguntávamo-nos, no começo, como seria um pensamento racional do pasu, e agora sabemos que ele se produz como parte da atividade do pensar em que consiste a vitalidade da estrutura cultural, SOBRE um sistema e que este ilumina-se quando isso ocorre. Pois bem, estes pensamentos não se produzem espontaneamente na estrutura cultural, senão que são causados por qualquer dos dois primeiros sujeitos: ou pelo sujeito instintivo, quer dizer, pelas duas operações da razão; ou pelo sujeito cultural, o qual só existe, naturalmente, a posteriori da estrutura cultural.

Até agora consideramos a "razão" como estruturadora de esquemas, mas é fácil perceber que a esfera sensorial nem sempre é afetada por novos entes ou que a razão pode efetuar operações mentais não referidas a entes externos. Por mais primitivo que seja o pasu, sempre pode efetuar abstrações intuitivas sobre os entes, quer dizer, pode diferenciá-los, extraí-los dentre os restantes entes, e pode, também, decidir sobre eles. Nesses casos, ainda que a estrutura cultural esteja em processo de formação e ainda não exista um sujeito cultural independente, as operações da razão fazem às vezes de "sujeito instintivo" e são capazes de produzir pensamentos na estrutura cultural. O processo é o seguinte: a segunda operação da razão estabelece referências entre Arquétipos da memória arquetípica ou, o que é o mesmo, na rede neurofisiológica do cérebro geram-se, por sinapses, certos caminhos bioelétricos; o pensamento racional se produz porque, SIMULTANEAMENTE com tal atividade cerebral, se "ilumina" um sistema da estrutura cultural, ou seja, o pensar cultural percebe a vivência de um sistema. A pergunta é: em virtude de que processo o "caminho neurônico" transfere-se à estrutura cultural como "sistema"? Resposta: Entre a memória arquetípica ou estrutura do cérebro e a estrutura cultural funciona uma CORRESPONDÊNCIA BIUNÍVOCA.

Devemos esclarecer que aqui se emprega o vocábulo "biunívoco" no sentido restrito de "correspondência em ambos os sentidos"" das estruturas e de nenhuma maneira implica um homeomorfismo matemático, senão ANALÓGICO. Trata-se, pois, só de um conceito didático, utilizado por comodidade, como todo o modelo estrutural também o é, sem prejuízo de que tal modelo possa descrever ou não a verdade dos

fatos reais. Só seremos capazes de assegurar que, na correspondência biunívoca entre uma configuração bioelétrica produzida no cérebro pelo sujeito instintivo e a estrutura cultural, transfere-se a esta um esquema equivalente que conserva da primeira tão somente suas invariantes topológicas, quer dizer, suas qualidades essenciais.

Ao dizer que entre ambas as estruturas existe uma correspondência biunívoca, estamos afirmando a POSSIBILIDADE de que se produza a transferência nos dois sentidos, quer dizer, que a atividade da razão produza pensamentos na estrutura cultural como que certos pensamentos da estrutura cultural, gerados nela pelo sujeito cultural, causem atividade na memória arquetípica. Contudo, já o esclarecemos, só pode haver transferência no último sentido a posteriori da estrutura cultural, quer dizer, quando realmente existe um sujeito cultural no pasu.

Em resumo, em duas estruturas biunivocamente correspondentes, como as que descrevemos, existe SOLIDARIEDADE FUNCIONAL e, como consequência, SIMULTANEIDADE DE PROCESSOS. Quer dizer que, "ATIVIDADE" em uma estrutura implica em "SIMULTÂNEA ATIVIDADE" em outra. Um movimento da razão causa movimento simultâneo na estrutura cultural: a iluminação de um sistema, por exemplo; mas um POSSÍVEL movimento na estrutura cultural, a iluminação de um sistema, por exemplo, causa simultaneamente atividade da função racional. Estamos assim, ante de um círculo vicioso no qual não parece fácil decidir, DADO UM MOVIMENTO SIMULTÂNEO EM AMBAS AS ESTRUTURAS, qual é a causa e qual é o efeito. Mas a solução já foi adiantada: no pasu o pensamento é produzido habitualmente pela atividade do sujeito racional.

No comentário B deste inciso perguntamos: qual é a força que move a razão do pasu? E a resposta foi: a "vontade instintiva". Esta seria, pois, a "força" que põe em movimento a atividade simultânea das estruturas cultural e cerebral. Mas no inciso "Estrutura psíquica do animal-homem ou pasu", a vontade instintiva se definiu como "ajustada a múltiplos padrões de conduta" que motivavam "que o comportamento fosse quase mecânico". A conclusão que há de se tirar de tudo isso é a seguinte: o pasu possui a possibilidade de desenvolver um sujeito psíquico que gere seus próprios pensamentos e cause a atividade da razão; enquanto essa evolução se realiza, e enquanto não se dispõe de um sujeito independente da razão, a "vontade instintiva" determina a função da razão de acordo à forma dos padrões de conduta. Naturalmente, tais "padrões" são formidáveis especializações no instinto animal, elaboradas após milhões de anos de evolução do Arquétipo Manu. Segundo veremos mais adiante, só quando o Espírito Hiperbóreo foi encadeado ao pasu, conseguiu-se que nestes híbridos, os "viryas", se desenvolvesse a esfera de consciência e o sujeito consciente; o microcosmo tendeu, assim, à AUTONOMIA ÔNTICA, na mesma medida como a estrutura psíquica, controlada pelo sujeito consciente, tendia à CONSCIÊNCIA DE SI MESMO ou INDIVIDUALIDADE.

Como aqui estamos estudando "o pensamento racional do pasu" devemos esquecer, por um momento, os viryas, e admitir que a atividade da estrutura cultural está habitualmente determinada pelo sujeito instintivo, quando não atua o sujeito cultural. Em tais condições ocorre que, por causa de uma operação da razão, a qual age motivada, por exemplo, por um padrão alimentar, se produz na estrutura cultural a iluminação de um sistema: é este um pensamento racional, a vivência do esquema de um ente. Da "profundidade" do pensamento dependerá que se vivenciem parte ou todos os elementos sêmicos de que se compõe o sistema, cujo conteúdo é o esquema do ente. Mas não esqueçamos que definimos analogicamente o pensamento racional como uma abstração formal da estrutura, como uma vivência que se localiza sobre um sistema e, a partir daí, emerge para regiões mais elevadas da estrutura psíquica. Já veremos de que depende que isso ocorra, mas adiantemos que uma emergência tal do

pensamento se experimenta como se este fosse um fenômeno independente da estrutura cultural, como se surgisse espontaneamente dos estratos superiores da psique.

F - Significação e desígnio demiúrgico.

Consideremos a estrutura cultural e definamos nela o conceito de CONTINUIDADE. Em uma estrutura, a continuidade é uma propriedade topológica, quer dizer, qualitativa, que intuitivamente se pode definir como: a possibilidade de "partir" desde um nó qualquer e "chegar" até qualquer outro, apenas deslocando-se sobre as conexões; quer dizer: a continuidade exige que não se produzam interrupções durante o deslocamento. Isto quanto a uma estrutura simples, semelhante ao modelo da figura 12. A estrutura cultural requer uma definição mais rigorosa. Suponhamos que, depois de aplicar a redução sistemática a TODOS os sistemas da estrutura, unimos cada Princípio com o seu oposto por meio de uma Relação dialética, teremos assim, um conjunto de sistemas semelhante ao da figura 13. Nesse caso: HÁ UMA CONTINUIDADE SE TODOS OS SISTEMAS DO CONJUNTO ESTÃO CONECTADOS ENTRE SI AO MENOS POR UMA RELAÇÃO CADA UM. Há que se destacar que este CONJUNTO CONTÍNUO de sistemas interconectados entre si possui todas as características de uma estrutura.

A continuidade assim definida é uma propriedade topológica, uma qualidade pura da estrutura. Mas a estrutura cultural é um organismo vitalizado pela atividade mental: não existem PARA ELA partes nem qualidades separadas senão "vivências" de sistemas, pensamentos "sobre" a estrutura. Cabe perguntar, pois, como é vivenciada a continuidade da estrutura cultural? (A pergunta pela "vivência" de uma "qualidade" pode ser entendida analogicamente: suponhamos que alguém estabelece que nosso esqueleto é "contínuo", no sentido topológico-estrutural antes visado, e nos pergunta como vivenciamos tal qualidade; naturalmente a resposta só pode provir de um autoexame: dado que não podemos "sentir" o esqueleto, ao menos podemos efetuar uma apalpação, com as mãos de nosso corpo. Então uma resposta pode ser esta: a continuidade do esqueleto é PARA MIM a DUREZA que adquire a carne ao ser oprimida pelos dedos da mão em quase todo o corpo; dita DUREZA é CONTÍNUA porque posso ir desde qualquer ponto de dureza a qualquer outro, apenas deslocando os dedos sobre o corpo e sem deixar de perceber, em nenhum momento, a dureza interior. O que isso nos diz? Que a "qualidade" é vivenciada como atributo de outra coisa: a "continuidade" se transformou em "dureza contínua". Em outras palavras: a "dureza", que é também uma qualidade, quer dizer, um adjetivo, foi substantivada, coisificada, para logo ser predicada sua "continuidade" com o adjetivo "contínuo": "a dureza (coisa) é contínua". Resulta assim que a vivência da qualidade consiste em sua substancialização).

A resposta é a seguinte: NA ESTRUTURA CULTURAL DO PASU A "CONTINUIDADE ESTRUTURAL" É VIVENCIADA COMO "SIGNIFICAÇÃO CONTÍNUA". Eis aqui um conceito de capital importância: a significação é um "contínuo". Mas, justamente por sua importância, este conceito terá que ser esclarecido.

Em primeiro lugar, há que se distinguir entre "significação" e "significado". Ambos os termos estão em relação, como o geral para o particular, dentro de uma mesma espécie; por exemplo, como "estrutura" a "sistema" ou "pensar" a "pensamento". "Significação" é a vivência de uma qualidade da estrutura como tal, a qual só se pode obter se se experimenta um "pensar" total, não focalizado em nenhum pensamento, ou uma intuição de tal "pensar".

Mas “a significação é contínua”, quer dizer, é algo substantivo, que subsiste como qualidade de toda a estrutura. Pelo contrário, “significado” é o “momento” da significação, o significado quando o pensamento ilumina um sistema.

Uma vez feita a distinção entre significação e significado, há que se considerar que: A UNIDADE DO PENSAR RACIONAL ESTÁ DADA PELA SIGNIFICAÇÃO CONTÍNUA. Então: O SIGNIFICADO DE UM PENSAMENTO RACIONAL É PARTE INSEPARÁVEL DA SIGNIFICAÇÃO DO PENSAR, AO QUE AQUELE SE ENCONTRA UNIDO NESSE MOMENTO.

No próximo inciso, encararemos o estudo da significação contínua sob o aspecto temporal. Enquanto isso, convém fazer-se a ideia de que a significação é um HORIZONTE MENTAL no qual podem se destacar como RELEVOS os significados. Quando o pensar, em que consiste a vitalidade da estrutura cultural, carece de pensamento, então o horizonte da significação permanece em um nível constante. De repente, um pensamento ilumina um sistema: no horizonte da significação, NESSE MOMENTO, se destaca o relevo do significado.

O significado é assim, não um mero conteúdo, senão o fundamento do pensamento racional, a base subsistente sobre a qual se assenta todo o conteúdo. Dizíamos que o pensamento racional é a vivência de um sistema: agora sabemos que o significado é o fundamento do pensamento, porque é a vivência da significação contínua NO sistema.

Mas o significado, enquanto relevo do horizonte da significação, há de manifestar GRAUS DE REALCE: o “maior” ou “menor significado” de um pensamento racional. Pois bem, OS GRAUS DOS SIGNIFICADOS DEPENDEM DA “PROFUNDIDADE DO PENSAMENTO”. Esclareçamos este conceito.

Ao contrário de um movimento meramente superficial, o pensamento racional, quando ocorre sobre um sistema, pode consistir em uma parte ou a totalidade dos elementos sêmicos do mesmo. A capacidade de um pensamento para incluir em sua vivência parte ou a totalidade dos símbolos de um sistema, quer dizer, para perceber uma aparência ou a essência do esquema do ente, denomina-se PROFUNDIDADE. Quanto mais “profundo” é um pensamento racional, tanto mais elementos sêmicos do esquema possui, tanto maior é a sua “verdade”.

Os graus do significado dependem da profundidade do pensamento, quer dizer, de QUANTO foi vivenciado o sistema, em termos sêmicos. Por exemplo: os graus do significado dependem de quão vivenciadas estejam, no pensamento racional, as DIMENSÕES da Relação: extensão, compreensão e potência. Mas a Relação é um símbolo complexo, que expressa o esquema do ente, a interpretação do desígnio efetuada pela segunda operação da razão. Chegamos assim aos dois extremos do CONHECIMENTO RACIONAL (do ente externo): desígnio e significado.

Com efeito, a essência do ente externo, o ser-para-o-homem, é o DE-SÍGNIO demiúrgico, que se torna patente pelo descobrimento racional e constitui o extremo original do ato de conhecer. No outro extremo, no pensamento do ente, o SIGNIFICADO é um grau de conhecimento determinado sobre a verdade do ente. E entre ambos os extremos, desde já, é possível assinalar vários processos próprios do modo de conhecer racional, já estudados anteriormente: ente externo, esfera sensorial, primeira operação da razão, desígnio, segunda operação, esquema ou Relação, significado do pensamento do ente.

Dissemos que o pensamento é o ato do pensar localizado sobre um sistema e agregamos que o significado é o fundamento do pensamento, o nível de referência sobre o qual se assentam aqueles conteúdos sêmicos do esquema que puderam ser vivenciados. Mas um sistema se compõe de Princípios e Relações e dependerá de quais desses símbolos sejam significados do tipo de ideia em que consista o

pensamento: se o significado se refere a um Princípio, então o pensamento consistirá em uma IDEIA SEM IMAGEM; se o significado provém de uma Relação, o pensamento TEM A POSSIBILIDADE de conter uma IDEIA COM IMAGEM, mas isso dependerá da potência ATIVA da Relação, segundo se explicará no próximo inciso.

G – Palavra e desígnio demiúrgico.

O significado e o desígnio são os extremos do processo de descobrir o ente, mas com isso se cumpre a finalidade do pasu? De certo que não, pois tal finalidade exige que o significado RETORNE AO ENTE e assinale neste um SENTIDO. Neste artigo ficará evidenciada dita necessidade de forma geral. Também se fixarão as diretrizes que determinem o problema: quer dizer: se o pasu é um ser evolutivo, em que momento do seu desenvolvimento devemos tomá-lo, para efetuar as descrições que mostrem indubitavelmente sua finalidade de ser "doador de sentido", produtor de cultura?

O término mental do desígnio, do descobrimento do ente é, então, o significado. Mas, a finalidade do pasu não é só "descobrir" os entes, senão "colocar sentido" nos entes para que, do seio dos entes, EMERJA A RAZÃO DO MUNDO. Esta RAZÃO é que justifica a obra do Demiurgo e o OBJETO de seu prazer: é o "BEM" para o qual deve visar a finalidade do pasu, a meta de seu destino. Por isso, não é suficiente que o desígnio se revele à razão do pasu e seja CONHECIDO internamente: é necessário, fundamentalmente necessário, que o descobrimento se exteriorize, que o esquema do ente atravesse, em sentido inverso da esfera sensorial, e arrebente FORA.

Este trânsito inverso e o modo como o significado retorna ao ente, coloca em primeiro lugar o problema da linguagem, cuja solução será objeto do próximo artigo. Mas agora, como exemplo, suponhamos que o significado se expressa por meio da PALAVRA, do nome que o pasu RE-ATRIBUI aos entes externos. O "arrebentar fora" do nome impulsiona o ente a gravitar em torno do homem com "sentido" próprio, transformando-se de "ente natural" em "objeto cultural". Com outras palavras: o campo, a esfera de gravitação dos "entes da razão" é um âmbito especificamente humano, denominado CULTURA; (por ente de razão, desde já, entendemos aqueles entes cujo desígnio encontra-se estruturado como Relação em uma estrutura cultural, quer dizer, como esquema ou NOUMENO). Há que se distinguir aqui entre o ATO PARTICULAR de descobrir o desígnio do ente e o ATO COLETIVO de expressar um conceito correspondente nos termos de uma linguagem. O "descobrimento" é o ato particular, próprio da estrutura psíquica do pasu; o "nomear" o ente, o outorgar-lhe sentido, por meio de um sinal externo, morfema, ideograma, símbolo, etc., é um ato coletivo, cuja forma, em geral, é a de um FATO CULTURAL.

É evidente: como "colocador de sentido", o pasu deve EXPRESSAR externamente aquele desígnio que foi capaz de descobrir internamente; mas, tal EXPRESSÃO "careceria de sentido" se fosse emitida individualmente, se não se produzisse em um quadro sociocultural que assegurasse sua perpetuação. Daí que o principal objetivo da sociedade pasu seja sustentar o "sentido" dos entes, quer dizer, produzir cultura.

A cultura, entendida como fato social, depende para sua produção e desenvolvimento da COMUNICAÇÃO COLETIVA, do exercício de linguagens CUJOS SINAIS SEJAM SIGNIFICATIVOS PARA TODOS. As linguagens, segundo se verá, provêm da estrutura cultural e esta é produzida durante toda a vida pela memória arquetípica e a razão, quer dizer, pelo cérebro. Por isso cabe notar que o entendimento mútuo, entre membros de uma mesma comunidade cultural, não depende tanto da convenção de sinais significativos de uma linguagem como do fato biológico de que todos os cérebros são estruturalmente semelhantes. Em outras palavras: é a memória arquetípica hereditária, similar em todos os membros de uma espécie, que possibilita

criar estruturas culturais psíquicas análogas, que derivem em linguagens de conceitos comuns.

Agora, e em tudo que se segue, é importante não esquecer que estamos estudando o pasu NO ESTADO EVOLUTIVO EM QUE SE ENCONTRAVA QUANDO SE PRODUZIU O ENCADEAMENTO DOS ESPÍRITOS HIPERBÓREOS. Nesse momento, ao cabo de uma longa história que aqui omitimos por motivo de brevidade, havia se transformado em inequívoco sujeito cultural. Contudo, como já expusemos anteriormente, para chegar a tal estado tinha-se consumido um tempo tão longo que o desenvolvimento do Plano teria de ser, mais cedo ou mais tarde, cancelado, quer dizer, seu futuro como espécie só poderia ser a extinção. Dela, segundo se verá, o salvou a Traição dos Siddhas.

De qualquer maneira, o pasu possuía, nesse então, os dois elementos básicos de todo produtor de cultura: instinto gregário altamente desenvolvido e comunicação coletiva mediante uma linguagem. Claro que dita comunicação era FONÉTICA e tão primitiva que a linguagem se compunha de muito poucas vozes, quer dizer, fonemas com significação de raízes.

O exercício de uma linguagem, por mais primitiva que esta seja, implica no fato de sua APRENDIZAGEM, e a-prender significa "pegar algo dado". No caso da linguagem do pasu, o que este pega ao aprender são as palavras, quer dizer, a expressão fonética do desígnio dos entes, cujo significado é comum aos membros da sociedade tribal. Devemos compreender bem o fato da expressão fonética, atribuidora de sentido, antes de continuar o estudo da estrutura cultural. Em primeiro lugar, há que se repetir que os entes estão designados pelo Demiurgo desde o começo de sua existência e que tal desígnio constitui a essência descoberta pela função racional, o ser-para-o-homem. Portanto, as palavras da linguagem pasu não foram criadas para designar entes, senão que provêm da INTERPRETAÇÃO que a função racional efetuou para os desígnios a priori. Isto quer dizer que as palavras provêm da estrutura cultural; mais concretamente: das conexões ou Relações, ou seja, da interpretação arquetípica estruturada do desígnio dos entes. Uma palavra que nomeia um ente tem que refletir uma Relação da estrutura cultural, um símbolo complexo, e tem que expressar um significado. Esse significado, inteligível para todos os possuidores da linguagem, é o "sentido" do ente, o que vai permitir SUA ESTRUTURAÇÃO EXTERNA COMO OBJETO CULTURAL.

Equivocar-se-ia quem disto inferisse que, com a expressão da palavra significativa, cumpre-se a finalidade do pasu. A verdade é que a palavra só expressa o significado do ente EM UMA LINGUAGEM: a cultura também consiste em MULTIPLICAR as linguagens comuns ou coletivas, expandindo o alcance da significação dos entes e com isso intensificando o "sentido" do mundo, afirmando sua razão de ser. Isto entender-se-á melhor após estudar o próximo artigo, no qual se dá respostas às perguntas "o que é uma linguagem?" e "qual a origem estrutural das diferentes linguagens?".

H – As linguagens racionais do pasu.

No comentário "F", mencionamos quatro fatos que aqui nos interessam particularmente: o primeiro é que a finalidade do pasu exige que o significado do ente, quer dizer, o fundamento da ideia do ente seja EXPRESSADO FORA. O segundo é que tal expressão constitui um FATO COLETIVO ou "CULTURAL". O terceiro é que, por ser um fato coletivo, a expressão do significado deve manifestar-se nos termos de uma LINGUAGEM. O quarto é que a cultura, quer dizer, a atividade coletiva dos sujeitos particulares faz possível que, para a expressão dos significados, existam múltiplas linguagens.

Para aprofundar nesses quatro fatos convém colocá-los em forma de interrogação:

Primeiro - como se expressa fora o significado do ente?

Segundo - o que é um fato cultural?

Terceiro - o que é uma linguagem racional? e

Quarto - qual é a origem estrutural das múltiplas linguagens?

Contudo, por motivos de metodologia explicativa, teremos que responder seguindo uma ordem inversa. Neste artigo, dar-se-á resposta às duas últimas perguntas e, nos próximos, às restantes.

H1 - O que é uma linguagem racional?

Para responder a esta pergunta, necessitamos dispor do conceito de MODO ESTRUTURAL e vamos adquiri-lo intuitivamente observando a estrutura representada na figura 12.

É evidente que se denominou dita estrutura de "rede cúbica" porque seus nós e conexões DETERMINAM A FORMA DE UM CUBO. Mas o que talvez não resulte tão evidente é que tal propriedade é um caso particular da seguinte lei geral das estruturas: TODA ESTRUTURA DETERMINA UMA FORMA. De onde: TODA FORMA, DETERMINADA POR UMA ESTRUTURA, É FUNÇÃO DA "MODALIDADE" ESTRUTURAL.

A lei geral far-se-á evidente se admitimos que em toda a estrutura, qualquer que seja sua trama, sempre se configura um determinado perfil formal. Mas, estabelecido o fato da forma, vemos que esta depende do MODO como estão dispostas as conexões: podem unir-se com os nós para FORMAR um cubo, um octaedro, ou qualquer outro poliedro. Em resumo: a forma depende do modo em que estão estruturadas as conexões.

Em morfologia estrutural, emprega-se também o conceito de HOMOLOGIA, que serve para referir-se a estruturas FORMALMENTE SEMELHANTES. Mas nós diremos que têm FORMA HOMÓLOGA aquelas SUBESTRUTURAS construídas com base ao mesmo modo estrutural. Quer dizer: em uma estrutura podemos assinalar por inspeção e abstração, por exemplo, dois cubos SEM CONEXÕES COMUNS; tais cubos são, segundo nossas definições anteriores, duas subestruturas; então dizemos: as formas são homólogas; as subestruturas que determinam ditas formas possuem a mesma modalidade. A homologia formal entre subestruturas depende, pois, da "modalidade" com que aquelas estão construídas. Em que consiste o modo estrutural? Resposta: existe um PADRÃO FORMAL último, que não pode ser decomposto por redução; a modalidade de uma estrutura é o modo como tal padrão irredutível é reproduzido na arquitetura do sistema.

Desde já, ao dizer "subestrutura" podemos dizer também "sistema" e referir-nos ao "modo" como dito sistema se encontra estruturado, falar da "forma" do sistema.

Apliquemos estes conceitos à estrutura cultural. Viu-se que toda subestrutura, segundo seu modo, determina uma forma; se a subestrutura considerada é uma Relação, sua "forma" é o "esquema" do ente no qual ela consiste. Neste sentido, o "modo" é uma espécie de quarta dimensão da Relação, junto à extensão, compreensão e potência: uma dimensão formal. Mas, devido a que o conceito de modo supera em muito os limites da Relação, já que sua extensão alcança toda a estrutura, convém considerá-lo como uma DIMENSÃO DOS SISTEMAS.

O que é, pois, uma linguagem? Recordemos a operação que definimos como "função entre as Relações e os Princípios" e a qual denominamos "redução": ela permite simplificar sistemas de tal maneira que um sistema complexo pode se reduzir a um conjunto de sistemas simples e, qualquer sistema simples, é viável de ser sintetizado como mostra a figura 13, quer dizer, como uma Relação entre Princípios

opostos. Tendo em vista esta operação de "redução", podemos começar destacando que, antes de tudo, a linguagem é A OPERAÇÃO INVERSA DA REDUÇÃO ESTRUTURAL.

Mas a redução é uma operação INTERNA dos sistemas. A linguagem é, por acaso, uma operação sistemática? Com efeito, generalizando, pode afirmar-se que: TODA LINGUAGEM É A POSSIBILIDADE QUE TEM A RAZÃO DE CONSTRUIR UM SISTEMA.

Trataremos de esclarecer o sentido desta afirmação. Especifiquemos, antes de tudo, como há de se entender a palavra "construir" e, para isso comecemos por destacar o mais óbvio: o ato de construir supõe uma matéria fundamental à qual se dispõe com ajuste a uma determinada ORDEM durante a construção; por exemplo, uma casa é construída com tijolos, uma máquina com peças, uma figura geométrica com pontos, linhas e planos, e UMA ESTRUTURA COM NÓS E CONEXÕES. Em sentido estrutural, "construir" significa conectar nós com conexões de acordo a um MODO FORMAL, quer dizer, a uma ORDEM DE CONSTRUÇÃO; por exemplo: na estrutura da figura 12, a modalidade é "cúbica" porque o "padrão formal" que se reproduz em toda a rede é o cubo. Está claro, então, que em uma estrutura, os tijolos, as peças da construção são os nós e conexões e que o modo formal é a ordem com que tais tijolos se ajustam na edificação.

Acabamos de afirmar que toda linguagem é A POSSIBILIDADE DE CONSTRUIR UM SISTEMA. Com o que se constrói um sistema-linguagem? Resposta: o elemento fundamental de toda linguagem é o SISTEMA SIMPLES, cujo esquema analógico vimos na figura 13.

É evidente que se uma linguagem, que é UM SISTEMA, está construída com "sistemas simples", só pode ser um SISTEMA COMPLEXO. Podemos, pois, completar nossa definição anterior e dizer: TODA LINGUAGEM É A POSSIBILIDADE RACIONAL DE CONSTRUIR UM SISTEMA COMPLEXO. Pois bem, este esclarecimento nada nos diz sobre a FORMA em que dita possibilidade se faz efetiva, quer dizer, sobre a MODALIDADE do sistema. Mas tal omissão está justificada, porque a definição de linguagem como POSSIBILIDADE RACIONAL impede assinalar a priori o modo formal com o qual se hão de construir TODAS as linguagens possíveis: em suma, poderemos efetuar um estudo de ALGUMAS linguagens existentes e qualificar sua modalidade, quer dizer, o modo como estão construídas as estruturas internas do sistema complexo no qual consistem. Nas linguagens existentes, seu modo formal, quer dizer, o modo como CRESCE o sistema complexo, denomina-se MODALIDADE LÓGICA ou simplesmente "LÓGICA INTERNA" do sistema.

É claro, a pergunta pela linguagem não se satisfaz com que expliquemos como se constrói um sistema complexo: ALÉM DISSO, há que se saber que determinações introduz no pensamento o fato da linguagem. Com efeito, vimos que o pensamento racional é a vivência de um sistema (simples); mas, se dito sistema faz parte de uma linguagem, qual é a determinação que esta lhe impõe? Resposta: a linguagem determina o CONTEXTO SIGNIFICATIVO do pensamento. Para entender esta resposta recordemos que imaginamos o significado de um pensamento como um RELEVO sobre o horizonte contínuo da significação; suponhamos agora que tal relevo seja análogo a um pico montanhoso elevado sobre uma geografia DETERMINADA: para o Norte, por exemplo, destacam-se outras montanhas, para o Sul um vale, a Leste um mar, a Oeste uma planície sulcada por rios. Poderemos ter uma ideia intuitiva sobre o "contexto significativo" do significado, se chamamos "contexto geográfico" do pico montanhoso às montanhas, vales, mares, planícies, rios, etc., que o rodeiam E LHE DÃO SENTIDO GEOGRÁFICO: um pico montanhoso não pode existir isolado de um

contexto geográfico como UM SIGNIFICADO NÃO SIGNIFICA NADA FORA DO CONTEXTO SIGNIFICATIVO DA LINGUAGEM.

Também deve ser intuitiva a evidência de que o contexto significativo é função da modalidade lógica da linguagem; no exemplo anterior, uma distinta "modalidade geográfica" faria com que o pico montanhoso aparecesse rodeado de um contexto diferente.

Ao significado de um pensamento, considerado no contexto significativo de uma linguagem, denomina-se: CONCEITO. Mas isso deve ser claro: SÓ NO QUADRO DE UMA LINGUAGEM O SIGNIFICADO É "CONCEITO". Tampouco há que se confundir conceito com "sistema simples" por causa de que o pensamento e o significado se originaram nos sistemas simples: como veremos em seguida, um sistema pode ser parte de várias linguagens e, portanto, ter vários contextos significativos que MODIFICAM A FORMA DO CONCEITO.

H2 – Qual é a origem estrutural das múltiplas linguagens?

No começo do artigo, junto à pergunta pela linguagem, propusemos a interrogação pela origem estrutural das distintas linguagens. Para encontrar agora a resposta devemos considerar os elementos de construção da linguagem, quer dizer, os sistemas simples que mostramos na figura 13. Uma linguagem se constrói com um ou mais destes sistemas aos quais se estrutura na ordem de uma modalidade lógica particular. Recordemos em que consistem tais sistemas: Princípios e Relações. Os Princípios são representações psíquicas permanentes de Arquétipos Inatos; as Relações são esquemas de entes; e ambos os membros, Princípios e Relações, são termos sêmicos: os primeiros, símbolos simples; os segundos, símbolos complexos. O pensamento é a vivência dos Princípios e Relações constituídos no sistema e seu conteúdo se erige sobre o significado como ideias sem imagem ou ideias QUE PODEM ter imagem.

Dissemos, ao estudar a redução, que os Princípios, por serem símbolos simples são irredutíveis. Este caráter irredutível dos Princípios determina que o significado em um pensamento correspondente SEJA EVIDENTE POR SI MESMO, QUE NÃO POSSA SER NEGADO. Por isso os Princípios da estrutura cultural são conhecidos como CONCEITOS PUROS DO ENTENDIMENTO, CATEGORIAS, PRINCÍPIOS MATEMÁTICOS, PRINCÍPIOS LÓGICOS, etc. Com "Princípios", quer dizer, com símbolos simples, formam-se os esquemas de qualquer ente e constituem-se as Relações. Indubitavelmente um sistema simples, formado por um Princípio, uma Relação, está determinado pela EVIDÊNCIA do Princípio. Daí que uma linguagem ou sistema complexo construído SÓ com certos sistemas simples como elementos fundamentais, repetidos de acordo a uma modalidade lógica determinada, possa ser completamente diferente de outra linguagem elaborada a partir de sistemas distintos. A razão é, pois, capaz de construir múltiplas linguagens.

Pois bem, nestes sistemas, que atuam como elementos fundamentais da linguagem e cuja evidência procede do Princípio interno, que tipo de ente se encontra esquematizado na Relação? Resposta: um "ente interno". Os elementos fundamentais de uma linguagem, enquanto sistemas, NÃO SÃO, pois, DO MESMO TIPO QUE OS SISTEMAS QUE PRODUZEM O CONHECIMENTO DOS ENTES EXTERNOS.

Cabe perguntar: que diferença se percebe para que o elemento de linguagem seja o esquema de um "ente interno" com respeito aos esquemas de entes externos? Resposta: o esquema de um ente interno consiste em um ou mais "símbolos arquetípicos" sem referência a entes externos. Recordemos que um "símbolo arquetípico" é um símbolo que só difere de um Princípio "na potência", conceito este que se definirá no próximo inciso; um Princípio possui "potência passiva"; um "símbolo arquetípico", correspondente ao mesmo Arquétipo que dito Princípio, mas

subestruturado em uma Relação possui “potência ativa”. Quando o esquema de uma Relação não corresponde a um ente externo, é um ente interno e, no caso que estamos considerando, parte de um elemento de linguagem ou sistema.

Como exemplos clássicos de linguagens existentes estão os idiomas e as estruturas matemáticas. Consideremos alguns “ELEMENTOS FUNDAMENTAIS” de tais linguagens. Se um símbolo arquetípico de uma Relação é substantivado ou coisificado e outro símbolo se enlaça ao primeiro como predicação de alguma qualidade, o sistema constitui uma oração idiomática. Se um símbolo arquetípico e outro símbolo é enlaçado em função do primeiro sistema, constitui um axioma ou uma equação matemática. Dependerá de quantas e quais orações ou axiomas se utilizem para construir a linguagem, e da modalidade com que estes elementos se reproduzam o tipo de estrutura que possua a linguagem produzida.

Por outro lado, dado um número de axiomas particulares, é possível, por exemplo, definir certas Relações entre eles, determinando assim a modalidade da estrutura matemática, que pode ser um grupo, anel, corpo, espaço vetorial, etc. E o mesmo pode-se exemplificar na linguagem idiomática: mediante certas Relações definidas entre as asserções elementares, ficarão determinadas distintas modalidades lógicas em estruturas sintáticas de julgamentos, proposições, sentenças, etc.

Seguindo com estes exemplos, é fácil compreender que, partindo de sistemas idiomáticos ou matemáticos, quer dizer, orações ou axiomas, é POSSÍVEL desenvolver estruturas de sistemas complexos, ou “linguagens”, com duas características principais:

Uma: os sistemas derivados dos “elementos fundamentais”, SEUS ESQUEMAS, NÃO TÊM CORRESPONDÊNCIA COM ENTES EXTERNOS.

Duas: os sistemas complexos não terminam nunca de crescer ou, com outras palavras: os sistemas complexos crescem indefinidamente DE DENTRO.

Na estrutura cultural, a região onde se estruturam as linguagens, quer dizer, SEUS “ELEMENTOS FUNDAMENTAIS” e aqueles sistemas construídos com eles, se denomina ESTRUTURA HABITUAL. O resto da estrutura cultural, formada por sistemas com esquemas de entes externos, é chamada de ESTRUTURA REAL. Há que se reparar que, enquanto a estrutura real é permanente e a priori de toda linguagem, a estrutura habitual é a posteriori do conhecimento dos entes e está constituída por sistemas VIRTUAIS, necessariamente incompletos, porque nos “elementos fundamentais” subjaz a POSSIBILIDADE de sua construção.

Mas se, segundo vimos, as linguagens originam-se em sistemas evidentes, fundamentados exclusivamente em símbolos puros, de que maneira pode a verdade de um ente externo ser compreendida pelos termos de uma linguagem? Resposta: pela aplicação da “faculdade tradutora” do pensar racional, cuja medida é a “inteligência”.

Consideremos a seguinte definição: INTELIGÊNCIA É A CAPACIDADE QUE POSSUI O PENSAR RACIONAL PARA TRADUZIR SEMIOTICAMENTE O ESQUEMA DE UM ENTE AO MAIOR NÚMERO POSSÍVEL DE LINGUAGENS; TAL CAPACIDADE SE CHAMA: FACULDADE TRADUTORA. Esta definição está nos indicando que há que se distinguir entre “esquema do ente” e “tradução do esquema em uma linguagem determinada”. Mas o esquema é a “verdade” do ente na estrutura cultural, a interpretação racional da essência ou desígnio, e tal verdade FOI ESTRUTURADA A PRIORI DE TODA LINGUAGEM: se ela pode ser traduzida a uma multiplicidade de linguagens significa que cada uma conterá só UMA PARTE DA VERDADE DO ENTE, UM ASPECTO OU APARÊNCIA. Quer dizer: TODA DEFINIÇÃO (OU QUIDIDADE) DE UM ENTE, EM QUALQUER LINGUAGEM, DESCREVE SÓ UMA PARTE DA VERDADE DO ENTE; É UM “SÍMBOLO INCOMPLETO”.

No entanto, ainda não sabemos como faz a inteligência para traduzir o esquema aos termos do sistema linguístico. Daremos a resposta e logo, tal como costumamos, a explicaremos intuitivamente por meio de analogias estruturais. QUANDO O PENSAR RACIONAL DO PASU PROCURA APREENDER O PENSAMENTO DE UM SISTEMA (A VERDADE DE UM ENTE) NOS TERMOS DE UMA LINGUAGEM, SUA FACULDADE TRADUTORA LHE PERMITE "VER" (OU NOTAR) O SISTEMA NO CONTEXTO SIGNIFICATIVO DE DITA LINGUAGEM: ENTÃO, A VERDADE DO ENTE SE TRADUZ COMO "CONCEITO INTELIGÍVEL" OU SIGNIFICADO LINGÜÍSTICO.

O que faz a faculdade tradutora é facilitar a visão do esquema desde determinada perspectiva, de tal modo que o contexto significativo do pensamento condiciona o significado como "conceito" do esquema: o CODIFICA e o ANOTA em termos de linguagem contextual. A rigor, a faculdade tradutora consiste em APLICAR a estrutura habitual sobre a estrutura real para estabelecer correspondências semióticas: o sistema complexo virtual da linguagem é EXPANDIDO sobre o sistema real do ente situando o esquema em seu contexto significativo; aqueles símbolos do esquema que correspondem a símbolos da linguagem atualizam-se no conceito que, naturalmente, só pode conter um aspecto da verdade, alguns símbolos equivalentes ou NOTAS do esquema.

Pode-se adquirir uma ideia intuitiva de tudo isso observando atentamente a rede da figura 14. Em geometria do espaço demonstra-se que "POR UMA RETA PASSAM INFINITOS PLANOS". Em quatro desses infinitos planos que "passam" pelo sistema XX estruturamos, com nós e conexões, as malhas (ABCD), (EFGH), (IJKL), (MNOP). Suponhamos que cada uma dessas malhas faz parte da estrutura virtual de quatro linguagens diferentes e que o sistema XX representa o esquema de um ente externo. Nesse caso, podemos afirmar que cada malha EM SEU PLANO é análoga ao contexto significativo de uma linguagem e que: O ASPECTO DO SISTEMA XX, NOTADO DESDE A PERSPECTIVA DO PLANO QUE O CONTÉM, É O "CONCEITO" DO ESQUEMA, QUER DIZER, O "SIGNIFICADO", OPOSTO AO CONTEXTO SIGNIFICATIVO.

Os planos de cada contexto significativo denominam-se PLANOS DE SIGNIFICAÇÃO. É evidente que no sistema XX da figura 14 a verdade do ente pode ser "vista" ou NOTADA sob quatro "conceitos" distintos, ainda que poderia ser em muitos mais, apenas adicionando malhas de linguagens em outros planos de significação. Se dita rede pertencesse à estrutura cultural, a "inteligência" constituiria na capacidade de NOTAR o sistema XX na maior quantidade de contextos significativos, por exemplo, em (ABXCDX), (EFXGHX), (IJXKLX), etc.

Acompanhando a figura 14 com a vista lateral da rede, representado na figura 15, podemos avançar analogicamente na ideia de "conceito".

O problema é o seguinte: se cada uma das quatro linguagens da figura 14 determina um "conceito" do sistema XX, que parte analógica do sistema XX, que porção da conexão cilíndrica, corresponde a cada um dos quatro conceitos? Resposta: cada "conceito" equivale a uma FATIA longitudinal do sistema XX cortada sobre o plano de significação das linguagens. Na figura 15 pode ver-se, em linhas de pontos, O PERFIL das quatro fatias, ou conceitos do sistema XX, determinados pelas linguagens (ABCD), (EFGH), (IJKL) e (MNOP). Pois bem, os Princípios, segundo sabemos, são irredutíveis, pelo que a fatia do conceito só pode ser cortada da conexão cilíndrica ou Relação.

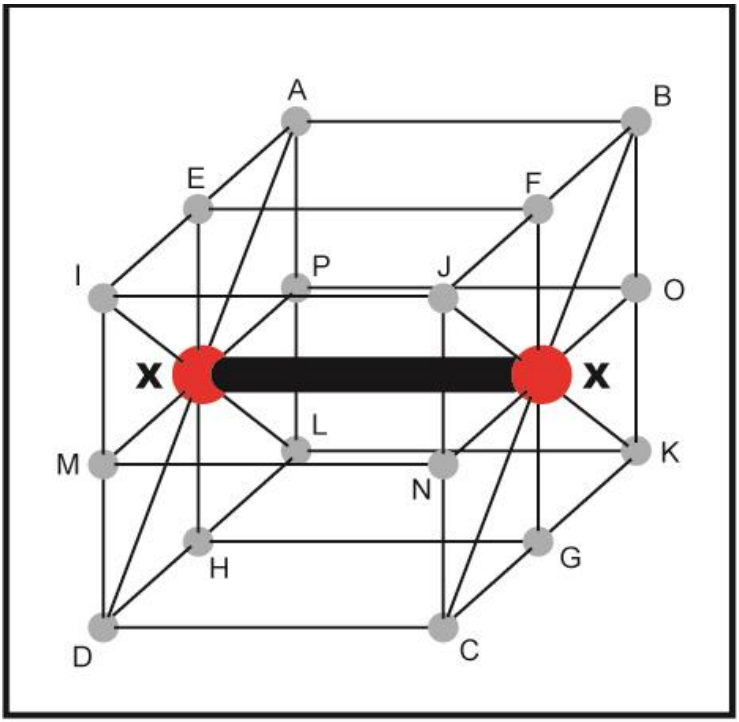


FIGURA 14

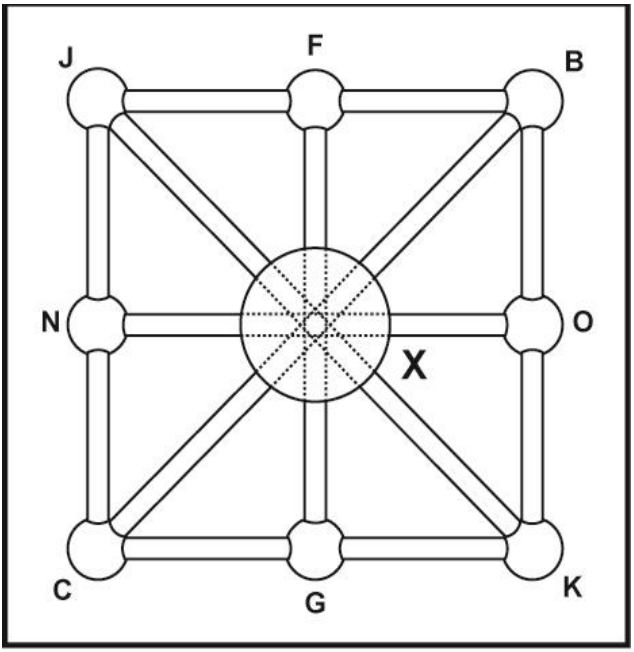


FIGURA 15

Na figura16, representamos uma destas fatias da conexão que, analogicamente, correspondem ao conceito.

Uma fatia de uma conexão cilíndrica tem que estar determinada pelas dimensões espaciais desta: longitude e volume. Analogamente, um conceito é determinado pelas dimensões da Relação: extensão e compreensão.

Recordemos que a Relação é o esquema sêmico do ente: a extensão denota o tipo de todos os símbolos simples que se subestruturam no esquema; a compreensão é a medida da verdade do ente; indica quão cerca está o esquema de representar o desígnio, quantas propriedades deste correspondem àquele; por isso a compreensão é análoga ao volume da conexão, quer dizer, à compleição da própria subestrutura. Estas duas dimensões determinam o conceito e agora veremos como.

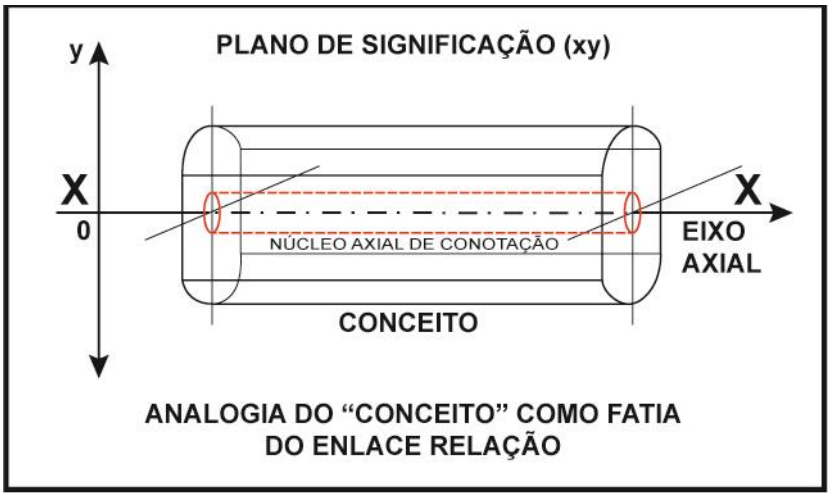


FIGURA 16

Em primeiro lugar, observemos que se o conceito é uma porção LONGITUDINAL da Relação, então: A EXTENSÃO DE UM CONCEITO É IGUAL À EXTENSÃO DA RELAÇÃO QUE SIGNIFICA. Em consequência, TODO CONCEITO HÁ DE ABARCAR "SIGNIFICATIVAMENTE" O TIPO DE TODOS OS SÍMBOLOS QUE ESTÃO SOB A EXTENSÃO DE SUA RELAÇÃO. Em continuação, percebamos que o volume de uma fatia tem de ser manifestamente menor que o volume da conexão cilíndrica da qual foi cortada. Isto significa que: A COMPREENSÃO DE UM CONCEITO É SEMPRE MENOR QUE A COMPREENSÃO DA SUA RELAÇÃO. Para que a compreensão do conceito fosse IGUAL à da Relação, o volume da fatia deveria ser igual ao da conexão cilíndrica e isso só pode acontecer no caso de que a faculdade tradutora situe a Relação em infinitos contextos significativos. Mas, não é demais insistir nisso, essa possibilidade marca o limite máximo teórico da inteligência de um pasu: teria que se ver como se arranjaria um pasu tão inteligente, para expressar exteriormente esses infinitos conceitos em infinitas linguagens. Claro que isto não implica que não se possa captar a verdade do ente em sua totalidade: isso ocorre quando a vivência do sistema é captada pelo pensar como pensamento de TODO o esquema; mas algo muito diferente é tentar EXPRESSAR esta vivência: então não há outra solução do que conter a verdade no contexto de uma linguagem e manifestar seu conceito.

A extensão de uma Relação é uma dimensão QUANTITATIVA: determina a QUANTIDADE de elementos sêmicos que integram o esquema. Pelo contrário, a compreensão é uma dimensão QUALITATIVA, pois determina o GRAU DE VERDADE do esquema em função das QUALIDADES que correspondem ao desígnio. De tais qualidades o conceito só pode tomar algumas NOTAS, uma vez que sua compreensão é sempre menor. E essa fatia de verdade, esse aspecto do esquema que foi NOTADO no contexto significativo de uma linguagem, é o que o pasu expressa e divulga no mundo sociocultural, o que adquire FAMA e se converte em NOTÍCIA.

Em resumo, o conceito está determinado, também, por duas dimensões: extensão e compreensão. A extensão de um conceito é igual à extensão de uma

Relação e se refere à quantidade de elementos sêmicos do esquema. A compreensão de um conceito indica quais NOTAS do seu conteúdo correspondem a qualidades ou disposições sêmicas do esquema, quão perto está este de coincidir com a verdade do ente.

Vimos que uma Relação tal como a do sistema XX da figura 14, pode ser "vista" ou NOTADA em vários contextos significativos ou linguagens: os conceitos resultantes são análogos à fatia da figura 16. Observemos agora a figura 15 onde, com linhas pontilhadas, destacam-se os perfis das quatro fatias (ou conceitos); cada uma das quais encontra-se em seu plano de significação. É evidente que cada plano intersecta os outros em uma reta comum, XX, que faz as vezes de eixo axial da conexão cilíndrica. Mas ditos planos correspondem a ambos os conceitos significativos de linguagens diferentes: então o que certamente se intersecta no seio do sistema, são as próprias linguagens, como se pode perceber na figura 14. Justamente, é a distinta OBLIQÜIDADE das linguagens o que possibilita a existência de múltiplos conceitos sobre uma mesma verdade. Tal intersecção de linguagens produz nas quatro fatias-conceito uma região comum ao redor do eixo axial XX, segundo se mostra na figura 16. Esta região, que se denomina NÚCLEO CONOTATIVO DO CONCEITO ou simplesmente CONOTAÇÃO, é uma dimensão própria dos "conceitos", que agora vamos explicar.

Cada conceito COMPREENDE todas as notas sobre a verdade do ente notadas no contexto significativo de sua linguagem. Mas o fato de que todos os conceitos de uma mesma verdade se sobreponham em uma região comum implica a comunidade de algum tipo de notas. Em outros termos: os conceitos de uma mesma verdade participam de certas notas comuns. Mas, onde está a região das notas comuns? Segundo se vê na figura 16: NO PROFUNDO DO CONCEITO, QUER DIZER, NO CENTRO DA COMPREENSÃO.

É por esta condição que, ao pensar PROFUNDAMENTE o conceito de uma verdade, costuma causar a percepção de segundos significados, ou seja, a CO-NOTAÇÃO de outros conceitos sobre a mesma verdade. O que ocorre é que a profundidade do pensamento conduz ao núcleo conotativo, ao eixo axial da Relação, quer dizer, ao eixo onde se intersectam as linguagens, e por isso é possível, desde ali, VISLUMBRAR outros contextos de significação, notar outros conceitos conotativos. Daí que o acesso racional a uma mais completa compreensão da verdade de um ente consiste em aprofundar o conceito até dar com o núcleo conotativo, procurando logo que a faculdade tradutora exerça a intuição intelectual dos conceitos conotados.

A possibilidade de alcançar o núcleo conotativo que subjaz em todo conceito pode ter, também, outra importante utilidade: ao perceber o conceito conotativo é viável AVANÇAR SOBRE O CONTEXTO SIGNIFICATIVO DE SUA LINGUAGEM e chegar até a estrutura habitual ou origem virtual de tal linguagem. Desta maneira, consegue-se reconstruir sistematicamente linguagens que até então eram só virtuais, quer dizer, eram possibilidades da estrutura cultural.

É algo óbvio, mas convém avisar aqui que a mentalidade racional é refratária a tomar caminhos oblíquos; ela costuma manter-se em UMA ou DUAS linguagens "horizontais", sem aprofundar nos conceitos, sem atender aos núcleos conotativos e, é claro, sem internar-se jamais em contextos de significação oblíquos.

A conotação, tal como foi definida aqui, é uma "dimensão estrutural do conceito" e se refere à participação de vários conceitos nas notas comuns de uma mesma verdade. Contudo, os conceitos costumam conotar também, ainda que mais fracamente, significados pertencentes a verdades de outros entes: é a denominada "conotação de significados contíguos". Ela ocorre porque as Relações adjacentes da estrutura cultural podem estar SOBRE UM MESMO PLANO DE SIGNIFICAÇÃO: então

resulta que os núcleos conotativos de ambos os conceitos estão conectados pela linguagem comum e conotam mutuamente seus significados. Claro que esta não é uma verdadeira conotação, quer dizer, o produto da intersecção de linguagens, se não um DEFEITO do pensamento racional ocasionado pela vacuidade dos limites dos significados, que chegam a roçar os limites de um significado contíguo. Quando o pensamento racional se concentra em um sistema, os limites do significado se definem nitidamente no contexto significativo do conceito, sem chegar a roçar os conceitos adjacentes situados no mesmo plano de significação: então a única conotação possível é a que se produz pela intersecção de linguagens no núcleo conotativo do conceito.

Até aqui respondemos a última pergunta. É conveniente agora, antes de ir para o próximo artigo, revisar as respostas obtidas.

À pergunta – o que é uma linguagem? – respondeu-se que é "a possibilidade de construir um sistema complexo" empregando como elementos fundamentais "sistemas simples", estruturados segundo uma particular "modalidade formal". Soubemos desta forma que o "significado" de um pensamento, considerado no contexto significativo de uma linguagem, é o "conceito".

A pergunta seguinte, - qual é a origem estrutural das múltiplas linguagens? – nos permitiu saber que a estrutura cultural se compõe de "estrutura habitual" e "estrutura real". A estrutura real está constituída exclusivamente por sistemas que contém esquemas de entes externos, quer dizer, entes cujo desígnio transcendeu a esfera sensorial; daí a denominação de "real": a realidade provém do efetivo "descobrimento" do desígnio.

A "estrutura habitual", de sua parte, consiste nos "sistemas simples" das múltiplas linguagens com as que a "faculdade tradutora" PODERIA interpretar conceitualmente os esquemas da estrutura real. Os "sistemas simples" de uma linguagem são subestruturas de símbolos arquetípicos, atualizados por uma certa "potência ativa", e representam "entes internos", quer dizer, Princípios ou combinações estruturais de Princípios. Segundo os "sistemas simples" que intervenham, e a modalidade lógica como se relacionem, cada linguagem virtual pode "expandir-se sobre" a estrutura real, em qualquer sentido, e determinar o contexto significativo do sistema real "vivenciado" ou "pensado". Então o "significado", que fundamenta o pensamento deste sistema, é "notado" em contraste com o contexto da linguagem e codificado como "conceito". Mas, sendo possível a aplicação ao sistema pensado de múltiplos contextos significativos expandidos desde a "estrutura habitual", resulta que o "significado" do esquema, fundamento do pensamento racional deste, pode ser apreendido pelo pensar sob a forma de múltiplos conceitos, cada um dos quais contendo parte da verdade do ente.

O "conceito", como visão particular da verdade do ente no contexto de uma linguagem, fica determinado especialmente pelas dimensões da Relação que significa: extensão e compreensão; às quais se agrega uma nova dimensão, própria do conceito, chamada "conotação".

Em síntese, as linguagens são SISTEMAS DE SIGNIFICADOS CONCEITUAIS: mas sistemas que possuem uma parte "habitual", quer dizer, uma disposição para expansão sistemática "sobre" a estrutura real, que é causa da racionalização conceitual, e uma parte efetivamente "existente", em contínuo crescimento, formada pelos significados conceituais daqueles esquemas que foram objeto do pensamento. As linguagens são, assim, capazes de racionalizar conceitualmente qualquer esquema da estrutura real.

A racionalização sistemática da estrutura real consiste, não só em codificar conceitualmente os esquemas dos entes externos, senão também em AGRUPAR sistematicamente os conceitos, de acordo com determinações cardeais e ordinais

arbitrárias. Consegue-se assim que o grupo de conceitos forme um sistema e expresse um SIGNIFICADO GRUPAL, quer dizer, se obtém “conceitos de conceitos”. Isto é possível, porque a “inteligência” é a faculdade de traduzir conceitos de uma linguagem à outra, de onde se infere que há linguagens cujos conceitos podem conter “tipos de conceitos” de outras linguagens ao serem aplicados sistematicamente sobre grupos de esquema. Por isso, a capacidade de classificar é o principal efeito da inteligência e a base de todo método racional. Um exemplo típico de classificação sistemática é constituído pelo método TAXOLÓGICO da ciência, que consiste em agrupar entes de acordo à sua homologia estrutural; para isso se definem CLASSIFICAÇÕES, tais como: A ESPÉCIE, O GÊNERO, A FAMÍLIA, A ORDEM, A CLASSE, O RAMO, O REINO, ETC.

O pensamento de um sistema, da verdade de um ente, ao ser pensado conceitualmente em uma linguagem, pode ser também classificado EM outra, por efeito da capacidade tradutora da inteligência. Que relação existe entre esta capacidade e a finalidade do pasu? É o que se esclarecerá no seguinte artigo.

I - Finalidade e Suprafinalidade; linguagem e expressão.

No começo do artigo anterior se apresentaram quatro interrogações, duas das quais foram elucidadas para responder o que é uma linguagem e qual é a origem da sua possível pluralidade. Ficaram, pois, duas perguntas pendentes: - como se expressa “fora” o significado do ente? – e - o que é um fato cultural? Mas antes de responder à primeira, vamos apresentar novamente os termos do problema.

Segundo vimos, a finalidade do pasu é “dar sentido ao mundo”. Para cumprir tal finalidade não basta outorgar "sentido" aos entes mediante alguma forma de expressão: é necessário também que dito “sentido” perdure e seja reafirmado uma e outra vez, depois de uma busca e descobrimento perpétuo do desígnio, de uma verdade que nunca termina de se revelar completamente à razão. Essa busca, esse descobrimento, essa reafirmação, agradam o Demiurgo, formam parte do objeto de seu prazer. Requer-se, pois, uma “superestrutura” externa que sustente o “sentido” outorgado aos entes. Construir tal superestrutura é uma tarefa coletiva e as linguagens são a ferramenta com que está dotado o pasu para empreendê-la. Em outro inciso se estudará a constituição e o desenvolvimento das superestruturas, mas, por ora, basta saber que a “forma” determinada por uma superestrutura denomina-se “cultura”.

A finalidade requer, com efeito, que o pasu seja coletivamente “produtor de cultura” e particularmente “doador de sentido”: para isso há de se valer da linguagem e das linguagens. A resposta à primeira pergunta vai nos esclarecer de que maneira se cumprem estes requisitos.

I1 - Como se expressa "fora" o significado do ente?

Comecemos pela finalidade e a suprafinalidade. Nos entes, segundo explicamos, coexistem dois términos: a finalidade entelequial e a suprafinalidade de ser-para-o-homem. A finalidade entelequial é incognoscível racionalmente, pois depende do Arquétipo universal que sustenta o ente e evolui nele. Mas esta finalidade é só a concretização de uma enteléquia, o cumprimento de um Plano: seu desenvolvimento não proporciona mais prazer ao Demiurgo que o já obtido no começo da criação. Para suportar o peso da obra, o Demiurgo requer que certos entes autônomos, ou pasus, “descubram” os entes reais, reflitam-nos em si e lhes COLOQUEM UM SENTIDO: o permanente descobrimento dos entes, a admiração, o temor, ou qualquer outro afeto pelo mundo, é a finalidade do pasu, e objeto de prazer do Demiurgo.

Assim, os entes são designados pelo Demiurgo com um bija primordial que deve ser descoberto pelo pasu e racionalizado em sua estrutura cultural. Este bija, este

desígnio, este ser-para-o-homem, é a essência do ente, o DADO ao conhecimento, a suprafinalidade.

O desígnio é o dado ao conhecimento racional, o que é tomado pela razão e interpretado como esquema, e o que é significado pelo pensamento do esquema. Mas nesse DAR O DESÍGNIO, o ente espera RECEBER O SENTIDO. Quer dizer, o DADO deve ser devolvido, restituído no ente, mas com um SENTIDO NOVO, "CULTURAL". Esse "sentido", EXPRESSÃO DO SIGNIFICADO, é o que o pasu PÕE no ente, no lugar do desígnio, transformando o ente em "objeto cultural".

O acordo entre finalidade do pasu e suprafinalidade do ente exige, assim, um movimento em dois sentidos: do ente ao pasu e do pasu ao ente. O primeiro trânsito já estudamos de sobra: o ente externo, dado à esfera sensorial, revela seu desígnio, que a razão esquematiza e estrutura, e o pensamento significa. Sobre o segundo movimento, que vai do significado mental do ente de volta ao ente, terá que se estender agora, para compreender como o pasu cumpre sua finalidade.

Os extremos do primeiro movimento são o desígnio e significado; os extremos do segundo são o significado e a EXPRESSÃO. Com a expressão, com efeito, o pasu coloca o sentido nos entes, devolve a estes, racionalizado, o desígnio que lhe foi dado; chegamos assim, ao núcleo da interrogação - como se EXPRESSA fora o significado do ente? – e comprovamos que todo seu peso recai no ato de "expressar". O que deve se entender por "expressar"? Resposta: assim como o conhecimento do ente, seu descobrimento, começa pela transcendência com que o desígnio atravessa a esfera sensorial, assim A EXPRESSÃO é uma manifestação do significado, que atravessa a esfera sensorial em direção contrária ao trânsito do desígnio; pela "expressão", o significado do ente retorna ao ente e lhe atribui "sentido".

Mas, ocorre que tudo aquilo que provém do interior da esfera sensorial, e transcende "para fora", manifesta-se necessariamente como MOVIMENTO CORPORAL. O corpo humano, pela sua natureza orgânica, supõe uma multiplicidade de movimentos efetuados a todo momento, quer dizer, continuamente, uns voluntários (dentro do que pode haver de voluntário na "vontade instintiva") e outros automáticos. Por exemplo, a respiração compõe-se de dois movimentos rítmicos cuja função é produzir o intercâmbio de oxigênio por anidrido carbônico: estas fases ATRAVESSAM a esfera sensorial em ambos os sentidos. Considere-se também os movimentos produto da necessidade alimentar, procriadora, etc.; ou por motivações psicoafetivas de qualquer índole, etc. À totalidade de movimentos exteriores chamamos CONDUTA do pasu, parte exterior do comportamento. O problema consiste em definir quando um movimento corporal é "expressão"; mas, tal definição só poderá ser exposta após mostrar que os "movimentos interiores" à esfera sensorial, entre os que se destaca "o pensar", e os "movimentos exteriores", ocorrem em planos contínuos, paralelos e correlativos. Mas este fato mostraremos passo a passo.

Explicamos anteriormente que a significação contínua é o horizonte do pensar, a vitalidade imanente da estrutura cultural, assim como o significado é o fundamento do pensamento, a vivência de um sistema. Pois bem, "o pensar" é a faculdade que caracteriza o pasu entre os demais entes, uma atividade "interior". Esclareçamos isto: a "interioridade" do pensar entende-se "dentro dos limites da esfera sensorial": fora dela estão os entes do mundo, o universal. Mas "dentro" da esfera sensorial, o pensar é uma atividade contínua sobre o horizonte da significação contínua e "fora" da esfera sensorial, no limite entre ela e o mundo, existe uma múltipla atividade, produto da participação que o pasu, enquanto animal-homem, exerce necessariamente com o mundo; o limite da esfera sensorial, "para fora", é uma fronteira em contínuo movimento; ações e reações se desenvolvem sem cessar; os entes pressionam a sensibilidade, agem "para dentro", e o cérebro responde controlando e integrando os movimentos da

motricidade, reagindo “para fora”, produzindo uma “conduta”, um comportamento exterior. O que queremos destacar aqui é que a continuidade interior do pensar é correlativa com a continuidade exterior da conduta, COM O MOVIMENTO TOTAL que o pasu realiza continuamente no mundo.

Devemos esclarecer que esta correlatividade “entre o pensar” e o movimento exterior não implica em consciência alguma. O pasu ainda não possui consciência; seu “pensar” é estritamente racional, desenvolvido SOBRE a estrutura cultural: neste “pensar”, o cérebro é o suporte fundamental. Mas o cérebro é o centro de operações que controla e coordena todos os movimentos, estejam ou não sujeitos a padrões de conduta instintivos. Todo movimento se reflete no cérebro e, por correspondência entre estruturas, na estrutura cultural, a qual está “vitalizada” pelo pensar. Existe assim correlação entre o pensar e o movimento exterior.

O corpo material do pasu é um microcosmo situado dentro de um macrocosmo, o qual reflete em sua organicidade estrutural. Tudo nele se move, é processo fenomênico, enquanto dura a vida. E esse contínuo movimento do microcosmo, tanto interior como exterior, é correlativo. Quer dizer, a significação contínua, que constitui o horizonte do pensar, é correlativa com o movimento exterior do pasu, com sua conduta. E aqui vem a pergunta-chave. Esta correlatividade entre o interior e o exterior, entre o mental e os movimentos do corpo material, permite à significação contínua, em que consiste o pensar racional, manifestar-se exteriormente NOS contínuos movimentos corporais? Quer dizer, há significação nos movimentos do corpo material com os quais o pasu se comporta no mundo? Assim apresentada a pergunta, a resposta só pode ser afirmativa: sim; há significação no movimento exterior do pasu. Mas tal resposta é insatisfatória se não se esclarece que parte do movimento exterior é a “expressão”. Em primeiro lugar há que se mostrar que aqui estamos ante uma relação do geral ao particular, tal como pensar a pensamento ou significação a significado. Isto é: O CONTÍNUO MOVIMENTO EXTERIOR PARA A EXPRESSÃO COMO A SIGNIFICAÇÃO CONTÍNUA É PARA O SIGNIFICADO. Ou, melhor: A EXPRESSÃO É UM MOMENTO (SIGNIFICATIVO) DO CONTÍNUO MOVIMENTO EXTERIOR.

A significação contínua que se manifesta no mundo através dos contínuos movimentos externos, não pode colocar “sentido” nos entes particulares porque é só um “horizonte mental”, o correlato interior do contínuo existir no mundo. Daí que, se há um “sentido” que o contínuo movimento “coloca” no mundo, este se refere exclusivamente ao ente universal: O “SENTIDO” QUE O CONTÍNUO MOVIMENTO COLOCA NO ENTE UNIVERSAL DENOMINA-SE “HARMONIA”. E a “harmonia” se define também como uma relação geral entre os movimentos do microcosmo e o macrocosmo.

Mas, de repente, sobre o horizonte da significação contínua se levanta um relevo: o pensar apreende um pensamento racional. Se o significado deste pensamento é pensado como conceito e, nesse momento, existe um movimento exterior correlativo: então esse movimento é uma EXPRESSÃO. A expressão é um momento do movimento exterior durante o qual o “sentido” do ente (particular) é colocado no mundo.

Antes de continuar convém extrair, do visto até agora, uma importante conclusão. Em primeiro lugar, há que se destacar que o só fato de existir e mover-se no mundo fazem do pasu um “doador de sentido”: O “ESTAR” DO PASU NO MUNDO É O FATO DA HARMONIA. O macrocosmo refletido em sua totalidade pelo microcosmo FAZ DESTE UM ENTE PARTICULAR e, portanto, depositário de um desígnio. E esse desígnio que faz do pasu o que é, é devolvido ao macrocosmo pela significação harmônica do contínuo movimento do seu ESTAR. Em segundo lugar, digamos que o conhecimento deste fato é fundamento da antiquíssima sabedoria que afirma a dança e a arte marcial como modos de expressão harmônica corporal.

Ocupemo-nos agora da expressão, esse momento da conduta, esse movimento corporal particular que “coloca” um sentido no ente. Entre o pasu e o ente distinguimos um duplo movimento: desde o ente ao pasu e desde o pasu ao ente. No primeiro, o ente revela seu desígnio à razão e esta o interpreta como o esquema que é significado no pensamento: um MOVIMENTO CORPORAL, quer dizer, a transcendência do ente para a esfera sensorial produz um MOVIMENTO MENTAL, ou seja, o significado pelo pensamento. No segundo, pelo contrário, o significado, pensado como conceito, termina em um MOVIMENTO CORPORAL OU EXPRESSÃO. Este segundo trânsito apresenta-nos, de cara, duas interrogações.

Uma é: o que expressa a expressão? Não o conceito, porque este é uma fatia da Relação, quer dizer, um aspecto do esquema do ente notado em um contexto significativo de uma linguagem; o conceito jamais abandona a estrutura cultural, só pode ser PENSADO.

A outra interrogação nos é produzida ao percebermos que entre o ente e o pasu mede-se uma certa “distância”. Com efeito, se a expressão colocadora de sentido é um movimento corporal dirigido para um ente especialmente distanciado, como se pula esta distância; como se “coloca” efetivamente o sentido no ente; com qual artimanha o significado no pensamento, pula as distâncias e se crava no coração do ente?

Para estas duas interrogações existe uma única resposta: A PROJEÇÃO DO SINAL. À pergunta “o que expressa a expressão?” responde-se: o sinal projetado. E à pergunta “como a expressão coloca o sentido no ente?” responde-se: pela projeção do sinal. Desde já, esta única resposta deve ser convenientemente esclarecida.

Descrevamos, antes de tudo, o movimento completo: O SIGNIFICADO, CONTIDO EM UM CONCEITO, É PROJETADO “PARA O MUNDO”, EM DIREÇÃO A UM ENTE QUE SE ENCONTRA “ALÉM DA ESFERA SENSORIAL”; A MANIFESTAÇÃO EXTERIOR DO PROJETO É A EXPRESSÃO DE UM SINAL; O SINAL, EXPRESSADO POR UM MOVIMENTO CORPORAL, É UM SINAL COLOCADO SOBRE O ENTE DE REFERÊNCIA; ESTE SINAL NO ENTE, QUE ASSINALA O SINAL, CORRESPONDE AO SIGNIFICADO PELO DESÍGNIO DEMIÚRGICO DO ENTE; SOBRE O DESÍGNIO DADO, COLOCA-SE AGORA O SINAL.

O CONHECIMENTO DO ENTE É A PASSAGEM DO DESÍGNIO DEMIÚRGICO AO SIGNIFICADO: POR ISSO A PROJEÇÃO DO SIGNIFICADO, DE UM SINAL, SOBRE O ENTE, É O RE-CONHECIMENTO DO ENTE; SÓ AO SER RE-CONHECIDO, AO SER SIGNIFICADO, O ENTE ADQUIRE “SENTIDO”. O DESÍGNIO DEMIÚRGICO É O SER-PARA-O-HOMEM, O OBJETO DE CONHECIMENTO: SÓ O SINAL HUMANO NO ENTE, O RE-CONHECIMENTO, COLOCA-LHE SENTIDO, O FAZ EXISTIR-PARA-O-HOMEM.

O ente começa a existir-para-o-homem quando é assinalado com o sinal e adquire um “sentido”. Mas devemos avisar que tal “sentido” só pode perdurar se o sinal que o confere é também empregado por outros pasus para reconhecer e afirmar o ente. O sinal, com efeito, deve poder ser entendido pela comunidade, aprendido e ensinado, perpetuado coletivamente no mundo; quer dizer, o sinal colocado no ente deve ser expressado culturalmente. Esta condição da finalidade do pasu determina que o sinal se expresse como TERMO DE UMA LINGUAGEM, COMO REPRESENTANTE DE UM CONCEITO.

Uma comunidade pode, assim, convir em certos sinais para comunicar-se o conhecimento dos entes e sustentar seu sentido. Um conjunto de sinais tais constituem A EXPRESSÃO DE UMA LINGUAGEM, não a linguagem em si pois, segundo vimos, toda linguagem tem sua origem na estrutura cultural: UMA LINGUAGEM ESTRUTURAL É UM ORGANISMO VIVO E, POR ISSO, PODE CRESCER E

DESENVOLVER-SE; OS SINAIS SÃO SÓ PROJETOS, REPRESENTAÇÕES, DOS CONCEITOS E DOS SISTEMAS DE CONCEITOS.

Não há dúvida de que "ser doador de sentido" nos entes é o principal objetivo da finalidade do pasu. A "cultura" é um modo de cumprir com tal finalidade, um modo sistemático e racional. Por isso as linguagens, que são a base fundamental da cultura, não cumprem um fim em si mesmas, mas instrumentalizam e determinam o "sentido" posto nos entes. Mas, de fato, poder-se-ia expressar um significado e colocar "sentido" em um ente sem empregar nenhuma linguagem; claro que, nesse caso, o ente só teria sentido para uma pessoa: aquela que o descobriu. Para perpetuar coletivamente o sentido particular colocado nos entes é que o significado se nota no contexto de uma linguagem e se projeta como sinal conceitual; um sinal que se converte em atribuição cultural. MAS ESTA CONDIÇÃO, ESTA SEGUNDA CONDIÇÃO DA FINALIDADE, "A PERPETUAÇÃO CULTURAL", NÃO DEVE FAZER-NOS ESQUECER JAMAIS QUE O PRINCIPAL OBJETIVO DA FINALIDADE É "A EXPRESSÃO".

Sem esquecer, então, o caráter instrumental que apresentam as linguagens racionais como conjuntos de sinais convencionais, que representam conceitos e se articulam segundo certos métodos, leis ou regras operacionais, vamos prosseguir estudando a "expressão" dos sinais. Tenhamos presente, em primeiro lugar, três conclusões anteriores.

Uma: toda expressão é um movimento corporal.

Duas: Só é expressão aquele movimento cujo sinal representa um conceito.

Três: todo sinal é a projeção de um conceito. De acordo com estas conclusões, os sinais podem ser expressos de forma muito diferente; vejamos alguns poucos exemplos.

EXPRESSÃO FONÉTICA: os sinais constituem vozes de um idioma, fonemas ou morfemas, que representam conceitos e podem ser combinados entre si para expressar significados mais complexos; a projeção fonética de um conceito é, então, a palavra; no entanto, dentro da expressão fonética há que se incluir outros sinais acústicos NÃO produzidos pela garganta humana, senão por qualquer outro meio ou instrumento e cujos tons expressam um significado convencional, por isso o canto, mas também a música, formam parte dos múltiplos modos da expressão fonética. EXPRESSÃO SIMBÓLICA: trata-se de convir coletivamente no uso de certos ENTES DE SIGNIFICAÇÃO, ou seja, SÍMBOLOS, gráficos ou de outro tipo, cuja função é conter o significado para que seja reconhecido por todos em todo momento, evitando assim que o "sentido" se dissolva no ente universal como ocorre com a expressão fonética; os ideogramas, letras, símbolos matemáticos ou lógicos, sinais, etc., formam parte de tais sinais. EXPRESSÃO VISUAL: os sinais são projetados visualmente sobre os entes; em combinação com a expressão simbólica permitem o reconhecimento visual dos símbolos convencionais e sua introjeção na estrutura cultural, onde induz pensamentos de significados correspondentes. EXPRESSÃO SUGESTIVA: por meio de movimentos corporais adequados se expressam sinais convencionais que sugerem ou insinuam um significado. ETC.

Destacamos as formas mais características que o pasu emprega para expressar os sinais. Com esta exposição praticamente ficou respondida a pergunta: "como se expressa fora o significado do ente?". Contudo, é conveniente agregar alguns comentários.

Primeiro – Comprova-se que, para o pasu, o verbo, a palavra, o logos, a vox, quer dizer, a expressão fonética, é talvez a mais importante forma de expressão, mas não a única.

Segundo – Destaca-se a importância da expressão visual para a projeção de sinais e sua eventual "leitura" ou introjeção.

Terceiro – O que se "conhece" é o ente, seu desígnio. O "conhecido" é um "objeto cultural", um ente ao que se lhe colocou sentido", projetando sobre ele um significado conceitual, um aspecto da verdade, representado por um sinal que é atributo cultural.

Quarto – Por mais profundo que seja um conceito, sempre será uma fatia da Relação: sua compreensão será insuficiente para abarcar todas as notas da verdade ou esquema do ente. Por isso os objetos culturais são, invariavelmente, verdades incompletas, porque são projetos de conceitos.

Quinto – Daqui provém o parâmetro do "PROGRESSO" SOCIAL OU CULTURAL, que se mede pela capacidade que uma cultura demonstra para compreender a verdade dos entes.

Sexto – A finalidade do pasu cumpre-se em dois movimentos: "descobrir o desígnio" e "colocar sentido" nos entes. Quer dizer: conhecer e expressar. O mais importante de ambos os movimentos é, evidentemente, o primeiro, uma vez que, se um ente não é bem conhecido, se o esquema ou verdade do desígnio é deficiente, isso influirá inevitavelmente na expressão do significado e o ente, como objeto cultural, será em muitos aspectos desconhecido ou obscuro. Mas este primeiro movimento, segundo vimos, depende da "sensibilidade", da memória arquetípica ou cérebro, etc., quer dizer, da especialização filogenética do pasu, de sua "evolução". Pelo contrário, o segundo movimento depende da faculdade tradutora, quer dizer, da inteligência colocada em definir o conceito no contexto significativo da linguagem, e da quantidade de linguagens aos quais está habituada para expressar a verdade. O "progresso cultural" depende, pois, da "evolução" para conhecer e da "inteligência" para expressar.

Sétimo – Dado um objeto cultural, à medida que uma maior evolução e inteligência o permitem, o pasu lhe colocará progressivamente maior sentido, o aproximará cada vez mais de sua verdade. O "progresso" é, assim, uma DIREÇÃO que assume a finalidade do pasu: ir do imperfeito ao perfeito, do desconhecido ao conhecido, do obscuro ao claro: esta direção para qual progride a finalidade do pasu denomina-se AMOR.

Oitavo – Assim, cumprir com a finalidade imposta pelo Demiurgo à raça terrestre dos pasus, é o BEM COMUM. Na marcha para esse Bem, a sociedade progride culturalmente, indo do conhecimento dos entes à projeção dos objetos culturais cada vez mais perfeitos, quer dizer, progride obrando com AMOR.

Nono – O amor do pasu pela obra do Demiurgo é o seu modo de ser, sua diretriz existencial. O desígnio do ente é o dado pela suprafinalidade demiúrgica; a expressão do significado é colocada pela finalidade do pasu, o "sentido" depositado no ente. MAS ESTE "COLOCAR" É UM ATO EFETUADO COM AMOR: um "re-conhecimento" do ente que não desdenha de sua futura perfeição. Por isso a cultura, desde o começo, quer dizer, desde a primeira expressão de um sinal convencional, é um fato que visa a o Bem, algo bem feito, um ato de amor.

Décimo – Até aqui nos ocupamos em estudar como a razão CONSTRÓI a estrutura cultural, e seu funcionamento. Mas, tudo o que no macro e no microcosmo se CONSTRÓI pode ser também DESTRUÍDO: a estrutura cultural, extremamente frágil, não escapa, sem dúvida, a este princípio. Não convém, pois, dar por terminado o inciso sem dizer uma palavra sobre a possível destruição da estrutura cultural.

Observemos, antes de tudo, que a estrutura cultural pode ser destruída TOTAL OU PARCIALMENTE, por três causas principais: por ACIDENTE, pela PRÓPRIA VONTADE ou por INDUÇÃO. Destas causas só a primeira, o ACIDENTE, é característica do pasu: a destruição voluntária ou por indução são casos cuja ocorrência é posterior ao encadeamento espiritual.

O pasu, com efeito, representa no macrocosmo um "momento" do ciclo evolutivo da mônada; sua manifestação física, como microcosmo potencial, obedece formalmente ao desdobramento de um Arquétipo Manu, O QUAL DETERMINA TODAS AS ESTRUTURAS DE ACORDO COM A FINALIDADE. Deste fato há que se inferir que o pasu evolui CONFORME com o seu destino, sem que tenha jamais motivo para provocar uma destruição VOLUNTÁRIA da sua estrutura cultural; está propenso, pelo contrário, à destruição ACIDENTAL, a qual pode ocorrer, por exemplo, por causa da ingestão de elementos tóxicos ou narcóticos.

Em resumo, o pasu é incapaz de gerar ideias autodestrutivas ou suicidas, pois elas são totalmente alheias aos fins e propósitos da finalidade humana, ao destino que o Demiurgo planejou para o homem e que se encontra "escrito" no Arquétipo Manu. Segundo se verá mais adiante, nem ainda a crise mais intensa, o abismo mais profundo, poderiam fazer sucumbir o pasu, já que o Demiurgo previu um sistema de recuperação baseado na ativa participação metafísica dos "símbolos sagrados": quando a crise ameaça fraturar a sua consciência, fissurar o fio de sua história, a ação de certos símbolos permite o sujeito anímico, à alma individual, transferir o controle do microcosmo para uma entidade coletiva, para um arquétipo psicoide, evitando o colapso.

Pelo contrário, a ideia do suicídio ou autodestruição microcósmica, como método para sair da crise ou evitar uma situação insustentável, é característica do virya perdido. Como variante de tal motivação suicida, e habitual causa da destruição da estrutura cultural, cabe mencionar a intoxicação produzida pela ingestão sistemática de álcool ou drogas. Trata-se aqui de uma destruição VOLUNTÁRIA, praticada com a intenção niilista de fugir de circunstâncias insuportáveis. Mas, contrariamente ao que afirma a psiquiatria ou a psicanálise Freudiana, as tendências suicidas e até o stress não constituem sintomas de enfermidade mental, senão de pureza de sangue: só quem possui herança hiperbórea ativa é capaz de intuir ou compreender a maldade intrínseca da sociedade judaizada desses tempos. Se quem percebe o mal no mundo, quem se sente claramente encurralado ou diretamente incapaz de continuar vivendo, opta por uma via suicida de escape, isso representa certamente um erro; mas tal erro não invalida o fato primeiro, positivo, de ter encontrado o mundo judaico do Demiurgo maligno e insuportável; E DE TER SE SENTIDO ALHEIO A ELE. Comparado com o valor absoluto desta intuição gnóstica, o erro cometido pelo virya perdido é mínimo, produto de uma INSUFICIENTE pureza de sangue QUE LHE IMPEDE AGIR COM HONRA: daí a via suicida escolhida; mas, ainda que insuficiente, a pureza de sangue existe... e isso representa um valor em si mesmo. Como se estudará na Segunda Parte, o virya desperto dispõe de uma "vontade graciosa luciférica" que lhe permite reagir de maneira muito diferente frente às situações críticas, SUSPENDENDO A TENSÃO DRAMÁTICA e pondo a descoberto o engano demiúrgico subjacente: age, assim, com honra, evitando cair, como o virya perdido na tentação suicida.

Finalmente, há que se considerar a destruição da estrutura cultural causada por INDUÇÃO externa. Para compreender este caso há que se levar em conta que todo virya, esteja ou não consciente disto, encontra-se envolvido permanentemente em uma guerra total: qualquer que seja o posto que ocupe no campo de batalha, nesta arena que é o mundo do Demiurgo, não poderá evitar jamais a influência das estratégias em jogo. Por uma parte a Estratégia 'O' dos Siddhas Leais INDUZIRÁ uma mensagem carismática, conhecida como "Canção de A-mort", com o objetivo de impulsionar o virya a procurar a liberação espiritual; Por outro lado, a Estratégia sinárquica dos Siddhas Traidores aplicará toda sua pressão para INDUZIR o virya a permanecer sujeito às leis kármicas do Grande Engano: é esta última influência que destruirá a estrutura cultural, nem bem se apresentem indícios de uma possível reorientação estratégica do virya;

métodos clássicos, que ilustram a destruição por indução, de origem sinárquica, se constituem as técnicas de "lavagem de cérebro" que empregam serviços de inteligência, tais como a K.G.B., a C.I.A., o Shin Beth, etc.; ou as "mensagens guiadas", camufladas em campanhas publicitárias mundiais, cujo objetivo secreto visa a certas zonas "alvo" da estrutura cultural; ou a distribuição massiva de certas drogas que permitem o "hipnotismo à distância" e inibem ou destroem zonas da estrutura cultural, etc.; e, entre estes e outros terríveis métodos sinárquicos que poderíamos mencionar, não convém desprezar a árdua tarefa destrutiva que desenvolvem diariamente, nos países mais avançados do mundo, os psicanalistas freudianos, os quais (junto aos marxistas, sionistas, maçons e padres liberais, em todo o mundo) formam um exército de agentes habilmente treinados para lavar o cérebro e corromper a honra dos viryas perdidos.

Pois bem, qualquer que seja a causa, acidental, voluntária ou induzida, o concreto é que a estrutura cultural pode resultar total ou parcialmente danificada. A destruição total impede a produção de representações racionais e de representações conscientes, fato que transforma o virya em um perfeito imbecil. Contudo, o mais comum é a destruição parcial da estrutura cultural; há que se distinguir aqui dois casos: que a destruição se efetue na estrutura real ou na estrutura habitual.

Mas, em que consiste tal destruição? Resposta: na ruptura das conexões entre nós, quer dizer, das Relações; os Princípios, desde já, não podem ser afetados de nenhuma maneira. Por isso, no primeiro caso da destruição parcial o que ocorre é a desintegração sêmica de certas Relações da estrutura real. Isto significa o desaparecimento sem rastros de alguns esquemas ou sua impotência para atuar estruturalmente, ainda quando o sujeito cultural rastreie toda a estrutura cultural para vivenciá-los. Como exemplo deste caso, podemos mencionar o conceito de PÁTRIA, que todos os marxistas destruíram, por causa da lavagem de cérebro a que os submete o partido, ou a destruição do conceito de ESPOSA ou CÔNJUGE, que pode ter-se produzido na estrutura cultural de um marido traído; nesses dois exemplos, um de "destruição induzida" e outro de "destruição voluntária", o comum é que a destruição COMEÇA pelo conceito, mas pode estender-se a todo esquema ou Relação: justamente as técnicas de controle psicossocial da Sinarquia empregam esse princípio para causar a destruição seletiva de certos esquemas culturais inconvenientes aos seus fins. O "conceito alvo", quer dizer, o "objetivo" para o qual visa a Estratégia psicossocial, pode ser destruído; se isso se consegue, então ocorre a seguinte sequência: "a destruição do conceito produz a destruição do esquema do ente"; "a destruição do esquema do ente causa a negação do ente". Existem, é claro, algumas variantes intermediárias, como é o caso de que o conceito esteja seriamente danificado, mas sem que chegue a provocar a destruição da Relação: então o esquema poderá ser notado em outro contexto oblíquo, diferente do plano de significação do conceito afetado; é o caso, paradoxal, daqueles que dispõem do conceito de um esquema em uma linguagem NÃO habitual, científica, por exemplo, mas carecem do conceito do mesmo esquema em outras linguagens habituais, inclusive o idiomático corrente. Esta contradição, por exemplo, se observa naqueles que foram vítimas do "tipo sacralizante" do virya perdido, quer dizer, do dogmatismo de sacerdotes ou fanáticos de qualquer espécie: negam ou desconhecem coisas em uma linguagem, mas as aceitam ou afirmam em outra; negam a mentira, mas mentem, negam a evolução da alma, mas aceitam a evolução das espécies animais, negam o nacionalismo, mas impõem fronteiras nacionais, carecem de honra, mas afirmam a "ética profissional", etc.

Seja pela causa que for, a destruição da estrutura real é sempre sistemática; isto significa que, como um estranho câncer, a destruição iniciada em um conceito pode estender-se ao seu esquema e, por contiguidade, associação, homologia ou qualquer

outra lei estrutural, abarcar partes consideráveis dos sistemas culturais: todo um "sistema de conceitos" associados poderiam resultar desintegrados como efeito da lavagem de cérebro induzida ou a intoxicação voluntária. E o que essa destruição pode ocasionar à estrutura superior da psique, quer dizer, à esfera de consciência, é algo que logo se irá compreendendo, após estudar os próximos incisos. Só cabe agregar que, em virtude de os Princípios permanecerem inalteráveis, ainda que as Relações que os uniam tenham desaparecido, o sujeito cultural costuma dirigir-se para aos sistemas destruídos sem conseguir vivenciar os conceitos correspondentes: experimenta-se, então, uma "lacuna cultural", um vazio do conhecimento que "antes estava", mas que agora parece ter-se apagado para sempre. Mas, tal como já explicamos, se o dano da Relação não é total, pode ocorrer que o esquema conote seu significado no contexto de outra linguagem oblíqua.

O segundo caso, citado precedentemente, é aquele em que a destruição parcial ocorre na estrutura habitual. Tal estrutura compõe-se de Princípios e Relações, e estas últimas consistem em esquemas de entes internos. Os sistemas da estrutura habitual denominam-se "virtuais", porque com eles se constroem as linguagens: a aplicação e a expansão da estrutura habitual SOBRE a estrutura real, em um plano de significação característico, é a causa dos sistemas de conceitos ligados entre si de um modo formal ou lógico. Que efeito produz a destruição de alguns sistemas da estrutura habitual? Resposta: a impossibilidade de notar certos esquemas no contexto da linguagem afetada. Alegoricamente, podemos imaginar que nos é impossível encontrar sentido em um determinado relevo geográfico devido à névoa ou trevas que o rodeiam por todos os lados. Sem dispor de um claro contexto no qual se integre, mas do qual se destaque, o relevo não significa nada. Analogamente, a destruição dos sistemas da estrutura habitual equivale a uma vacuidade ou treva contextual que impede notar conceitualmente o esquema vivenciado. Contudo, se a destruição só afeta UMA linguagem habitual, sempre existe a possibilidade de notar o esquema em alguma outra linguagem. A lavagem de cérebro, o SURMENAJE, o CHOQUE, a intoxicação alcoólica, a drogadição, etc., por exemplo, podem inibir parcial ou totalmente uma linguagem habitual, tal como a linguagem matemática ou a musical, e deixar intacta a linguagem idiomática corrente, ou vice-versa.

Dissemos no começo que "tudo quanto no macro ou microcosmo se constrói pode ser também destruído", incluída a estrutura cultural. Mas, em alguns casos não irreversíveis, "o que é destruído pode ser reconstruído". Tem validade este princípio no caso da estrutura cultural? Resposta: sendo tal estrutura uma construção essencialmente energética sempre existe a possibilidade da sua reconstrução SEMPRE QUE A DESTRUIÇÃO NÃO TENHA AFETADO O SISTEMA NERVOSO OU O CÉREBRO: recordemos que a estrutura cultural se erige SOBRE a estrutura neurológica do cérebro ou memória arquetípica e que todos seus sistemas são construídos pelo sujeito racional ou razão que funciona nela; para reconstruir qualquer esquema ou sistema é condição imprescindível que o cérebro encontre-se em perfeito estado.

Não obstante, a possibilidade visada de poder reconstruir a estrutura cultural, ou de construí-la com pura perfeição, a Sabedoria Hiperbórea não outorga à mesma nenhuma importância, pois suas vias secretas de liberação espiritual permitem a todo virya ter acesso ao conhecimento em forma gnóstica. A gnose hiperbórea, com efeito, oferece um conhecimento ilimitado, que não requer intervenção da razão ou da estrutura cultural, porque se obtém fora da estrutura psíquica, em uma esfera chamada Ehre, que há que se criar com a vontade graciosa luciférica. Na Segunda Parte se exporá a forma em que o virya perdido deve agir para criar tal esfera superior.

Em resumo, o que importa para aprofundar na Sabedoria Hiperbórea e conhecer o Mistério do encadeamento espiritual, passo prévio da gnose hiperbórea, é a pureza de sangue, a presença viva da linhagem hiperbórea, a recordação primordial, a Minne, a Voz do Sangue, o Símbolo da Origem, quer dizer, UMA HERANÇA ESPIRITUAL que nada tem a ver com a estrutura cultural ou as funções do cérebro.

J – O que é um fato cultural?

A esta pergunta vamos responder brevemente, pois na Segunda Parte o "fato cultural" será objeto de um estudo detalhado.

Consideremos uma definição já adiantada: "cultura é a FORMA que determina uma superestrutura". Mas, que tipo de estrutura é uma "superestrutura"? Resposta: os membros de toda superestrutura são objetos culturais e homens. Segundo isto, as superestruturas só podem ser externas, uma vez que integram o homem em sua compleição.

Pois bem, sabemos que uma "cultura" é algo que se forma para cumprir a finalidade do pasu e, como vimos a partir do comentário quinto, algo que "progride". Que se desenvolve para a perfeição: o "progresso" é racional, consiste em aumentar a compreensão dos entes, em aperfeiçoar os objetos culturais. Dessa visão racional do mundo, desse colocar sentido nos entes, vão emergindo os objetos culturais que formam o CONTEXTO cultural do pasu. Mas os objetos culturais não são coisas simplesmente depositadas no mundo: ao serem nomeados, ao receberem um sentido, foram impulsionados a ocuparem um lugar RACIONAL junto a outros objetos culturais, quer dizer, a ter com eles certas RELAÇÕES SIGNIFICATIVAS. A área cercada de muralha; a muralha com teto para proteção, mas com janelas para vigiar; a plataforma sob a janela que permite vigiar, comer e dormir; a cadeira contra a plataforma; o prato, a colher, etc.: o que seria a colher sem o prato, o prato sem a plataforma em que se apoia, e esta sem a luz da janela que permite ver o prato, etc.? Não existiria absolutamente fato cultural se os objetos culturais não estivessem estruturados racionalmente EM CORRESPONDÊNCIA COM A ESTRUTURA CULTURAL.

É assim em cada ente que o pasu vai colocando sentido, surge um objeto cultural que se integra em uma superestrutura externa, cuja forma global denomina-se "cultura". E as superestruturas externas vão crescendo sistematicamente à medida que se incorporam novos objetos culturais, aperfeiçoam-se os já existentes ou se estabelecem novas relações entre eles. Mas não se deve acreditar ingenuamente que as superestruturas são meras projeções da estrutura cultural interna do pasu: pelo contrário, as superestruturas possuem "vida própria", são capazes, não só de integrar o homem em sua compleição, senão de determinar sua vontade. Ainda que em outro inciso voltaremos sobre o tema, podemos perguntar agora: qual é a "mente" que, analogamente ao sujeito cultural na estrutura cultural interna, anima estas superestruturas externas? Resposta: um tipo de Arquétipos denominados PSICOIDES ou EGRÉGORAS.

Naturalmente, o pasu, ao ir construindo a superestrutura vai, também, "alimentando" o Arquétipo psicoide que a sustenta e que se desenvolve conjuntamente. Tal "alimentação" está constituída pela energia psíquica doada por toda a comunidade pasu e, devido à compenetração de seus membros NA superestrutura, o Arquétipo psicoide vem representar uma espécie de "alma coletiva" ou grupal. No estado primitivo em que se encontravam as comunidades pasu, nos tempos da traição dos Siddhas Traidores, seus membros se comportavam sujeitos a simples superestruturas. Mas tais "culturas" progrediam muito pouco ou nada... até que se produziu o encadeamento dos Espíritos Hiperbóreos.

Finalmente: UM FATO CULTURAL É UM "MOMENTO" DE UMA "CULTURA". Um "momento" da cultura na qual um ou vários homens e universo de objetos culturais estruturam-se em uma superestrutura, cujo “sentido” total tem caráter circunstancial.

E, uma vez que a “direção” do progresso cultural é o amor e este progresso implica na permanente e contínua construção de uma superestrutura, entende-se que o que liga e relaciona os membros de uma mesma cultura seja o amor: o amor por si mesmos, por seus próximos, por seus objetos culturais, costumes, etc. E os “objetos” de tal amor, quaisquer que sejam eles, sempre serão susceptíveis de aperfeiçoamento, por causa da poderosa ferramenta que é a “expressão doadora de sentido”.

FUNCIONAMENTO DA ESFERA DE CONSCIÊNCIA DO PASU

O pasu é um microcosmo situado dentro do macrocosmo. O Demiurgo, criador do pasu, COLOCOU UM SENTIDO no microcosmo, atribuiu-lhe uma finalidade: descobrir os desígnios; expressar os sinais, produzir cultura. Para cumprir com tal finalidade, o pasu dispõe de uma sempre crescente estrutura cultural, cujo funcionamento explicamos no inciso anterior. No entanto, o pasu fracassou, como espécie, em sua missão cultural. Aqui vamos examinar o motivo principal do fracasso, para que se entenda agora a necessidade que se teve de encadear os Espíritos Hiperbóreos.

Para apresentar rapidamente o problema notaremos que a causa do estancamento cultural radicava no escasso “desenvolvimento individual” do pasu. Se analisamos os objetivos da finalidade comprovaremos que, com efeito, esta repousa na capacidade “individual” do pasu como descobridor de entes. De nada vale que exista uma superestrutura exterior, para sustentar o sentido posto nos entes, se não se a alimenta permanentemente com um novo “sentido”, se não se descobrem novos entes e se expressa no mundo sua verdade. E esta tarefa é exclusivamente particular, depende só da “capacidade individual” de cada pasu. É por isso que o cumprimento da finalidade exige, paralelamente, a evolução individual do pasu, a aquisição de uma, cada vez maior, “capacidade individual” para descobrir os entes.

Para evitar qualquer tipo de dúvida temos que distinguir dois objetivos na finalidade, encadeados entre si ou “estruturados”: o OBJETIVO MACROCÓSMICO E O OBJETIVO MICROCÓSMICO.

O objetivo macrocósmico da finalidade é o já declarado: descobrir os desígnios propostos pela suprafinalidade e expressar mediante sinais a verdade descoberta, colocando "sentido" nos entes que constituem a cultura. Este objetivo procura que se produza o maior BEM possível no macrocosmo; para isso, os pasus constroem com AMOR superestruturas de objetos culturais ou "culturas" que produzem prazer ao Demiurgo: o prazer do criador que comprova que sua obra é permanentemente descoberta e valorizada ou reconhecida e revalorizada. Nos incisos anteriores já esclarecemos suficientemente os alcances e os propósitos do objeto macrocósmico da finalidade.

No presente inciso, estudaremos o objetivo microcósmico da finalidade, cujo propósito visa a melhorar a "capacidade individual" do pasu como descobridor de entes.

A - O objetivo microcósmico da finalidade.

Para cumprir o objetivo macrocósmico, para construir culturas em permanente evolução, é necessária uma evolução conjunta do microcosmo, um aumento na capacidade individual de descobrir os entes. A tese que aqui expomos é que, concluída na filogenia, a evolução do pasu continuava no desenvolvimento de um sujeito histórico microcósmico, ao que se denomina SUJEITO CONSCIENTE OU CONSCIÊNCIA. Tal sujeito "anima" a esfera de consciência que, segundo se verá, é também uma estrutura.

A evolução deste sujeito é a que fracassou e impediu a humanidade pasu de cumprir com o objetivo microcósmico da finalidade.

Deve ficar claro que a consciência é um "sujeito histórico" e, para demonstrá-lo, vamos recorrer à analogia. Já vimos como, ao colocar sentido nos entes, os pasus vão construindo superestruturas externas: a "forma", determinada por tais superestruturas, denomina-se "cultura". Com o passar do tempo as superestruturas crescem ou se modificam e causam a variação das culturas. É pela influência superlativa do tempo que se considera a "História" como a mais importante dimensão de uma cultura. Mas, quando começa a História de uma cultura? Resposta: no momento em que os membros de tal cultura dão-se conta de que um fato cultural passado possui mais "sentido" que qualquer outro que se possa recordar. Esta resposta merece quatro comentários. Primeiro: o fato passado, que dá começo à História, é o que tem mais "sentido" cultural e, portanto, sua recordação é a mais intensa e não a mais antiga; podem existir recordações de fatos anteriores, mas a História começa NAQUELE fato cujo acontecimento é determinante do futuro da cultura: o nascimento de um herói legendário, suas façanhas, uma batalha, a fusão de duas nações, a vinda de um Deus ou de seus "enviados", a redação de um código, etc. Segundo: um fato cultural passado, cujo "sentido" é maior que outros, é um fato histórico. Terceiro: ainda que dois ou mais fatos históricos não estejam relacionados causalmente, o estão historicamente, ao ficarem unidos por uma "linha" subjetiva, mediante a qual os membros de uma cultura voltam ao passado. Quarto: a História é, então, uma linha temporal de significação.

Tracemos agora um paralelo entre a superestrutura e a estrutura cultural. Em primeiro lugar, ambas vão se construindo, vão crescendo à medida que transcorre o tempo. Mas a História de uma superestrutura, ou cultura, começa quando seus membros percebem que já tem história, que existiram fatos passados que foram mais importantes que outros e inclusive que houve AQUELE fato cuja importância não pode ser superada por nenhum. O que é equivalente ÀQUELE fato, origem da História, na estrutura cultural do microcosmo ou pasu? Resposta: o descobrimento de si mesmo, ente entre entes. Quer dizer: o pasu cumpre sua finalidade de descobrir os entes desde que nasce; ninguém lhe ensina como fazê-lo, porque o raciocínio é uma faculdade hereditária; assim, vai construindo a estrutura cultural quase sem notá-lo, desígnio por desígnio, esquema por esquema, Relação por Relação, conceito por conceito; um dia, no entanto, descobre um ente, situado entre os entes do mundo, cujo desígnio o choca; quer dizer, propõe-se a si mesmo como objeto de conhecimento e se descobre, e esse descobrimento é o de maior significado possível; a estrutura cultural, claro, já existia antes deste acontecimento, mas nada pode equiparar-se e nada pode ser igual depois do mesmo.

O descobrimento de si mesmo é o fato que assinala o nascimento da esfera de consciência, ANALOGAMENTE ‘ÀQUELE’ fato histórico que marcava a origem da História de uma cultura. Ambos são fatos da maior significação e seu acontecimento vem produzir um "dar-se conta" da própria identidade; em um caso: "individual", em outro: "coletiva" ou cultural. A esfera de consciência inicia-se, então, em um "momento" da existência da estrutura cultural: começa a partir do descobrimento de si mesmo e se estende temporalmente como assento do sujeito histórico do microcosmo. A criação da esfera de consciência há de se interpretar de modo análogo à construção da estrutura cultural por parte do sujeito racional ou "razão"; a posteriori da conexão entre Princípios e Relações, a estrutura cultural é "animada" pelo pensar, quer dizer, por um SUJEITO CULTURAL. Do mesmo modo, a posteriori da esfera de consciência, aparece um SUJEITO CONSCIENTE que a anima. Naturalmente, tais "sujeitos" são só aspectos de

um único sujeito anímico ou "alma" do pasu, segundo se demonstrará no artigo 'E', cujo ato denominamos genericamente "pensar".

Vimos que o objetivo microcósmico da finalidade procura melhorar a capacidade individual do pasu como descobridor de entes. Esta capacidade aumenta-se efetivamente desde o momento em que o descobridor de entes descobre a si mesmo, SABE-SE INDIVÍDUO, DIFERENTE DOS DEMAIS ENTES, quer dizer, ADQUIRE CONSCIÊNCIA DE SI. (Mas a "consciência" do pasu não é ainda o Eu; este só aparece depois do encadeamento dos Espíritos, segundo se verá mais adiante).

Sabemos já quando se inicia a consciência, mas o que mais nos interessa é conhecer que modificação introduz sua presença no pensar racional; quer dizer, que dimensão ou característica do pensar nos demonstra inequivocamente que se trata de uma "consciência" e não de algum outro ato psíquico? Resposta: a intenção temporal do pensamento. Esclareceremos esta resposta mediante uma explicação estrutural.

No inciso anterior estudamos como se constrói uma estrutura cultural e com que elementos: Princípios e Relações. As Relações são esquemas sêmicos de entes que se caracterizam por três dimensões: extensão, compreensão e potência. A definição desta última dimensão, a "potência", tinha ficado pendente para o presente inciso: agora veremos que a potência de uma Relação tem uma proporção, uma "razão", com a intensidade com que a intuição de "si mesmo" impressionou a sensibilidade do sujeito racional.

Comecemos por rever os passos do conhecimento racional.

Quando um ente dado impressiona a sensibilidade, a razão o remete e aplica contra a memória arquetípica; com a primeira operação elimina o Arquétipo universal e descobre o desígnio demiúrgico ou suprafinalidade; com a segunda operação configura um esquema do ente com base nos Arquétipos da memória arquetípica; a aplicação do desígnio contra a memória arquetípica implica em uma direção da vontade instintiva do pasu, quer dizer, uma INTENÇÃO; tal contato intencional com os Arquétipos produz sua atualização no "plano de realização" da psique, "em um substrato das esferas afetiva e racional"; os Arquétipos se atualizam na psique como Princípios, cada vez que a primeira operação elimina um Arquétipo universal e uma só vez cada um; e também como Relações, para configurar o esquema do ente, todas as vezes que a segunda operação o requer; esta atualização dos Arquétipos manifesta-se como representações sêmicas permanentes ou elementos da estrutura cultural: os Princípios são símbolos simples, as Relações são símbolos complexos. Mas os símbolos simples dos princípios, que são únicos enquanto Princípios, podem estar repetidos incontáveis vezes nas subestruturas das Relações: a diferença entre eles, dissemos em 'D' do inciso anterior, radica na "potência"; os Princípios são "POTÊNCIAS passivas" e as Relações "POTÊNCIAS ativas".

Não há maneira de influir voluntariamente na sequência operacional da razão: sempre que o conhecimento SEJA RACIONAL, a primeira operação eliminará o Arquétipo universal do ente e atualizará AUTOMATICAMENTE o Arquétipo invertido na estrutura cultural. A intensidade intencional colocada em jogo para produzir a atualização de um Princípio é, assim, mínima, e é por tal carência que a potência dele é "passiva". Mas as Relações, pelo contrário, são construídas com as atualizações de Arquétipos localizados intencionalmente pela segunda operação, sendo a potência "ativa" e proporcional à intensidade intencional com que se efetuou o descobrimento. Aqui nos ocuparemos especialmente das POTÊNCIAS ativas que subjazem nas Relações.

De que depende a "intensidade intencional" com que se efetua a operação racional de esquematizar um ente? Resposta: da referência a si mesmo com que dito ente seja tomado pela razão. Naturalmente, se estamos falando de "referência a si

mesmo", estamos admitindo um conhecimento prévio de si, quer dizer, a existência de uma "consciência". Em tal hipótese, acontece que nem todos os entes são iguais para si mesmo; nem todos são conhecidos com a mesma intensidade intencional: não é o mesmo uma pedra que um fruto; a intensidade intencional colocada em esquematizar a pedra é diferente à empregada com o fruto; NO PASU, PARA SÍ MESMO, O FRUTO É MAIS IMPORTANTE QUE A PEDRA. POR ISSO OS ESQUEMAS OU RELAÇÕES DE AMBOS OS ENTES ESTÃO REFERIDOS DE DIFERENTE MANEIRA COM RESPEITO A SI MESMO. E ESSAS DIFERENTES "REFERÊNCIAS" MANIFESTAM-SE NA DIFERENÇA DE potência DAS RELAÇÕES.

A dimensão "potência" de cada Relação está referida de particular maneira a si mesmo. Mas o "pensar uma Relação" é o "pensamento" racional; que determinação introduz no pensamento a referência a si mesmo da potência? Resposta: uma intenção temporal. É a mesma resposta anterior, que irá se tornando mais compreensível à luz da análise estrutural.

O pensamento de uma Relação pode adquirir, pela referência a si mesmo de sua dimensão potência, uma "intenção temporal" determinada; e isso o torna "consciente", segundo explicamos anteriormente. O esquema de um ente, ainda que permaneça integrado na estrutura cultural, está potencialmente referido a si mesmo, ao microcosmo: o pensamento de uma Relação ocasiona a atualização dessa direção em potência que é a referência a si mesmo, sendo assim (o pensamento) dirigido por sua vez, impulsionado, por uma intencionalidade temporal. Dirigido para onde? Resposta: tal como a potência refere-se à Relação a si mesmo, o pensamento consciente, temporalmente intencionado, dirige-se à "esfera de consciência" (ou de pré-consciência no pasu primitivo, figura 11). Esta resposta deve-se entender assim: a referência a si mesmo da razão não visa a um "centro" de individualidade, porque nada parecido a isso existe no pasu; a estrutura psíquica ou plano de realização onde se atualizam os Arquétipos é o assento natural de si mesmo e para estas esferas nebulosas se orienta a referência da razão, ficando plasmada na potência da Relação segundo a intensidade com que se atualizaram os Arquétipos; a referência potencial a si mesmo é a que se desdobra no pensamento da Relação e o torna "consciente", impulsionando-o além do substrato psíquico onde existe a estrutura cultural, para a "esfera de consciência". Mas essa "atualização" que a referência potencial produz no pensamento não é de Arquétipos, senão de símbolos: são os símbolos do esquema que se desdobram no pensamento e se tornam "conscientes" por estarem referidos, dirigidos a si mesmo. Um esquema cuja potência seja muito grande refere o pensamento a si mesmo com tanta força que este "dispara" para a esfera de consciência, como "pensamento consciente" ou "consciência de uma Relação". E esses pensamentos conscientes, mais atuais que outros delineiam o fio de união da consciência, analogamente a como os "fatos históricos", fatos culturais com mais "sentidos" que outros, delineiam o fio da História de uma cultura. Tal linha subjetiva demonstra que a consciência é o sujeito histórico do microcosmo.

De acordo ao exposto neste artigo, a consciência é um sujeito histórico que registra um "momento" de aparição, a partir do qual todas as Relações que se formem estarão, em maior ou menor medida, potencialmente referidas a si mesmo, quer dizer, ao microcosmo, considerado o intuído como ente individual. Os pensamentos de Relações, ou sistemas, são determinados por tais referências potenciais e impulsionados para a esfera de consciência, quer dizer, para as camadas superiores das esferas afetiva e racional, para emergir "além delas". A esfera de consciência viria a ser, assim, o estágio superior do pensar: CRIÁ-LA É O OBJETIVO MICROCÓSMICO DA FINALIDADE. Como já dissemos, esta esfera não se desenvolveu o suficiente no pasu e isso motivou seu estancamento cultural. De que depende o desenvolvimento da

esfera de consciência? De uma faculdade do pensar que emana das POTÊNCIAS ativas das Relações e dirige os pensamentos para ela, tomando-a como CENTRO DE REFERÊNCIA INTENCIONAL–TEMPORAL. No artigo seguinte, estudar-se-á esta faculdade.

B - A "faculdade tradutora", função da potência ativa.

No artigo "G" do inciso anterior definimos a "inteligência" e a "faculdade tradutora do pensar racional". Recordemos ditas definições: a "faculdade tradutora" é a capacidade de traduzir o esquema de um ente para uma linguagem determinada; a "inteligência" é a medida da faculdade tradutora: inteligência é a capacidade de traduzir o esquema de um ente AO MAIOR NÚMERO POSSIVEL DE LINGUAGENS. Vimos também que a aplicação desta faculdade a uma Relação ocasiona que o esquema seja notado no contexto significativo de uma linguagem; desse modo o significado pela verdade do ente resulta traduzido em um "conceito" cuja compreensão abarca só uma parte dos elementos sêmicos do esquema, mas, ainda que no artigo "G" se descreveu a função exercida pela faculdade tradutora, não se ofereceu explicação alguma sobre a essência de tal faculdade para evitar desvios para outros temas. Essa explicação é a que agora vamos estudar e que nos permitirá entender a formação da esfera de consciência.

Consideremos o processo do pensar racional. Um pensamento "iluminou" um sistema e o relevo de um significado se perfila sobre o horizonte da significação continua. Mas a faculdade tradutora nota o significado perfilado SOBRE UM DETERMINADO PLANO DE SIGNIFICAÇÃO: o contexto significativo, que outorga significação ao significado, se "nivela" sobre dito plano particular. Sabemos que a faculdade tradutora é a capacidade para tornar inteligível a verdade do ente em uma pluralidade de planos de significação oblíquos: CONTUDO, QUALQUER QUE SEJA A INCLINAÇÃO DO PLANO DE SIGNIFICAÇÃO, O PENSAMENTO SEMPRE É VIVENCIADO COM REFERÊNCIA A "UM PLANO HORIZONTAL". Isto ocorre assim porque A FACULDADE TRADUTORA É UMA FUNÇÃO DAS POTÊNCIAS ATIVAS DAS RELAÇÕES: EM TODA RELAÇÃO EXISTE UMA REFERÊNCIA POTENCIAL À ESFERA DE CONSCIÊNCIA, COMO "CENTRO DE REFERÊNCIA" DE SI MESMO, QUE NIVELA E TORNA HORIZONTAIS OS PLANOS DE SIGNIFICAÇÃO NOS QUAIS O SIGNIFICADO É NOTADO. Não importa, então, quão oblíquo seja, na estrutura cultural, o plano de significação no qual a faculdade tradutora notou o significado de uma Relação: NO pensamento o significado, e seu contexto, sempre serão horizontais, AINDA que a inteligência seja tão elevada a ponto de permitir notar o significado em várias linguagens oblíquas. E a nivelação horizontal de planos de significação que exerce a faculdade tradutora sobre o pensamento, é, sem dúvida, a principal causa do equilíbrio mental.

Assim pois, a “faculdade tradutora” que permite notar o significado de uma Relação em um determinado contexto significativo, é “uma função da potência ativa” de tal Relação: dita função consiste em REFERIR o plano de significação à esfera de consciência e causar, desse modo, a horizontalidade do pensamento. Desde já, o pensamento de uma Relação, pensado sobre um plano de significação horizontal, supõe um significado notado no contexto significativo de uma linguagem, quer dizer, supõe que o significado está expressado em termos sêmicos; e isto é assim tanto se o significado é projetado como sinal pela expressão externa, como se se atualiza na esfera de consciência como ideia. Mas todo pensamento referido à esfera de consciência foi notado pela potência ativa, em virtude de tal referência, de uma “intencionalidade temporal”. É esta qualidade que permite qualificar de “consciente” um pensamento, segundo definimos atrás.

Para entender o processo formativo do "pensamento consciente" do pasu, especialmente para distinguir com clareza a diferença com o "pensamento racional" que estudamos no inciso anterior, devemos unir em uma só ideia quatro conceitos chave: potência, energia, intencionalidade e temporalidade. Induzir esta ideia será o objetivo dos próximos artigos.

C - Esquema de si mesmo e energia psíquica.

Sabemos que todo ente que seja objeto da intuição sensível será esquematizado racionalmente na estrutura cultural. As Relações, e os sistemas de Relações com Princípios que estudamos até agora, permitiram-nos entender de que maneira o desígnio descoberto dá lugar à verdade do ente, representada pelo esquema estrutural. Mas se TODO ente conhecido é invariavelmente esquematizado, terá que se perguntar, então, pelo esquema que corresponde a si mesmo. Vejamos o problema mais claramente. O sujeito histórico do microcosmo, que denominamos "consciência", começa a desenvolver-se desde o momento em que o descobridor de entes descobre a si mesmo como ente entre os entes. O descobrimento de si mesmo revela de imediato a diferença entre o microcosmo, ente individual, e qualquer ente do macrocosmo: esta diferença sujeito-microcósmico/objeto-macrocósmico é evidente e inegável. Por isso, a partir do descobrimento de si, todo novo esquema de entes será referido a si mesmo: a dimensão potência de qualquer relação ATUA sobre o pensamento segundo tal referência até nivelar e tornar horizontais os planos de significação oblíquos. Pois bem, este centro de referência ao qual se referem, por sua dimensão potência, todas as Relações suscetíveis de serem "conscientes" e ao qual identificamos anteriormente com a "esfera de consciência", NÃO É simplesmente o "SI MESMO", o "MICROCOSMO", senão o "SI MESMO CONHECIDO", o "MICROCOSMO CONHECIDO", quer dizer, o "ESQUEMA DE SI MESMO".

A esfera de consciência (ou de pré-consciência na figura 11) é na realidade um "esquema de si mesmo" configurado de acordo ao grau de conhecimento de si que alcance o pasu. Este esquema, segundo iremos vendo, adquirirá um caráter eminente com respeito aos demais membros da estrutura cultural. Colocaremos em relevo os aspectos mais importantes do esquema de si nos seguintes comentários:

Primeiro – A esfera de consciência, ao ser um ESQUEMA de si mesmo, "É UM SÍMBOLO COMPLEXO". Contudo, dito símbolo ESTÁ INCOMPLETO E EM PERMANENTE PROCESSO DE FORMAÇÃO. Como cresce, como se forma, o esquema de si mesmo? Resposta: as contínuas referências a si mesmo, que determina a potência das Relações no pensamento, atualiza e agrega novos elementos sêmicos ao símbolo que constitui o esquema de si mesmo.

Isto quer dizer que a "esfera de consciência", por seu caráter esquemático, é, na realidade, um símbolo, e que dito símbolo vai se completando como efeito de certa espécie de pensamentos referidos ou intencionados a si mesmo. O "esquema de si mesmo", que começa formar-se a partir do descobrimento de si mesmo, quer dizer, quando se inicia o sujeito histórico, acompanha em seu devir o desenvolvimento deste sujeito: A "HISTÓRIA DO MICROCOSMO", CUJA "LINHA SUBJETIVA" CONSTITUI A CONSCIÊNCIA DO PASU, É O ESQUEMA DE SI MESMO OU ESFERA DE CONSCIÊNCIA.

Segundo – A "história" do microcosmo é, assim, um esquema em permanente construção, ao que denominamos "esfera de consciência". E a esfera de consciência é o "centro" ao qual estão potencialmente referidas aquelas Relações estruturadas em função de si mesmo.

Mas todo esquema surge da interpretação racional de um desígnio. É evidente que ao descobrir o microcosmo, em que consiste o ente-pasu, para si mesmo, se há de ter revelado EM ALGUM GRAU seu desígnio. Mas não é menos evidente que tal

revelação SÓ PODERÁ SER COMPLETA QUANDO TODO O MICROCOSMO TENHA SIDO RACIONALIZADO, QUER DIZER, QUANDO O ESQUEMA DE SI MESMO CONTENHA COMO VERDADE TODO O MICROCOSMO. No artigo 'F', comentários quinto e sexto, veremos em que consiste o desígnio de si mesmo e comprovaremos que seu descobrimento, e as referências que motiva, implica em um "abalo" no sujeito racional. O esquema de si mesmo depende da evolução da mente, da capacidade atual, em todo momento, para apreender racionalmente o desígnio de si e interpretá-lo em um esquema o mais completo possível. Em resumo, o esquema de si mesmo, a esfera de consciência, a história do microcosmo, é um símbolo em formação que nunca termina de completar-se, porque o desígnio de si mesmo, ao qual interpreta, jamais será conhecido pelo pasu.

Para finalizar, vamos confirmar o dito no inciso "Memória arquetípica e razão: a esfera de consciência é uma espécie de memória". Só fato de que a esfera de consciência consista em uma "história" do microcosmo, deve dar a ideia de que uma série temporal de eventos psíquicos têm que estar necessariamente memorizados nela. Do mesmo modo que a estrutura do cérebro pode ser denominada "memória arquetípica", e a estrutura cultural "memória conceitual", a estrutura do esquema de si mesmo é chamada "memória representativa"; o qualitativo "Representativa" é pelos motivos que se verão no artigo 'F'.

Terceiro - Não obstante seu aparente devir, quer dizer, a permanente mudança que constitui seu progresso para a verdade completa, o esquema de si mesmo pode ser também "pensado" como os outros esquemas da estrutura cultural. Explicaremos. Todo esquema ou Relação é vivenciado pelo pensar como "pensamento", o qual se encontra fundamentado em um significado, próprio do sistema, que se perfila em relevo sobre o horizonte da significação contínua. O esquema de si mesmo é o que tem as dimensões máximas: maior extensão, maior compreensão e maior potência que qualquer outro esquema ou Relação. O "pensar" um esquema semelhante supõe a apreensão de um significado de hierarquia superior, pois a esfera de consciência é um centro de referência para todos os planos de significação. Quer dizer, o sujeito cultural tem a possibilidade de "conter" em um pensamento o esquema de si mesmo; mas tal possibilidade é, justamente, a que assinala o início do "sujeito consciente": o sujeito cultural, ao refletir sobre si mesmo, anima o esquema de si mesmo e se eleva como "sujeito consciente". Pelo contrário, para o sujeito consciente, todos os esquemas da estrutura cultural são inteligíveis, quer dizer, tem significado em alguma linguagem.

Mas, se todo esquema da estrutura cultural é inteligível para a esfera de consciência, ela mesma, enquanto esquema de si mesmo, em que linguagem se torna inteligível seu significado? Resposta: a linguagem própria da esfera de consciência, em cujo contexto ela pode ser notada e entendida, "reflexionada", é a "HISTÓRIA IMANENTE". O significado da esfera de consciência ou esquema de si mesmo se expressa em uma linguagem histórica, quer dizer, manifesta-se ao entendimento como uma forma do tempo. Intuir o significado da esfera de consciência equivale a intuir a linha subjetiva do sujeito histórico imanente, a captar a unidade da consciência "como uma história".

Quarto – Naturalmente, fora desta que lhe é própria, a esfera de consciência pode ser notada em qualquer outra linguagem e, o conceito correspondente expressado no mundo mediante sinais adequados. Interessa-nos agora destacar um de tais conceitos, que os viryas perdidos projetaram nos últimos milênios.

Este conceito é o de ENERGIA, ao que se pretende derivar de outros entes por desconhecer-se qual é o verdadeiro esquema do qual procede. Mas, sem importar a qual ente o APLIQUE a ciência, O CONCEITO DE ENERGIA EXPRESSA O SIGNIFICADO DA ESFERA DE CONSCIÊNCIA. Claro que um conceito que deve notar

o esquema de máxima extensão e compreensão há de possuir também tais dimensões extremas, além de máxima conotação: a projeção do conceito energia em sinais físico-matemáticos, por exemplo, apesar da patente complexidade, apenas chega a insinuar o significado do esquema de si mesmo do qual procede. Por isso, ao afirmar que "as esferas psíquicas são de energia", dissemos atrás que não "aplicamos" o conceito de energia à psique senão que, por ser a psique de energia, existe conceito de energia.

Quinto – Se o conceito de energia expressa o significado da esfera de consciência, podemos indagar em base a que propriedades dela se define a "energia psíquica". Em primeiro lugar, observemos que o esquema de si mesmo se transforma, varia, muda, move-se: o "movimento" é, pois, a primeira propriedade da energia psíquica. Em segundo termo, há que se notar que a esfera de consciência é o "centro de referência" para o qual visam as POTÊNCIAS ativas das Relações "históricas": a "direção" é, então, a segunda propriedade evidente da energia psíquica.

Mas, para que algo energético, um símbolo, por exemplo, DIRIGIDO para um centro de referência, possa chegar até ele, é necessário que a energia seja suficientemente INTENSA. A INTENSIDADE é, pois, a terceira propriedade importante da energia psíquica.

Por agora, sem descartar completamente outras propriedades, podemos afirmar que a energia psíquica se caracteriza pelo movimento, a direção e a intensidade. Naturalmente, com estas três determinações, a energia psíquica é análoga a uma magnitude vetorial da Física.

D – Expressão energética do pensamento do pasu.

As referências potenciais que existem nas Relações introduzem no pensamento uma "direção", ou "intenção temporal", que o dirige para a esfera de consciência: estes pensamentos, "conscientes" em maior ou menor grau, são os responsáveis pela mudança progressiva que manifesta o esquema de si mesmo. Mas a mudança, o "movimento", ocorre na energia psíquica e sua causa está na potência ativa, em suas referências ao esquema de si mesmo. Em Física definiu-se também uma relação causal entre a potência e a energia que será conveniente ter em conta, pelo seu valor analógico.

Uma forma de energia, o TRABALHO mecânico, relaciona-se com a potência EM FUNÇÃO DO TEMPO em que dito trabalho se desenvolve:

Potência **(W). Tempo (T)** = Trabalho **(A)**

W.T ≡ A (1)

Temos aqui, ainda que com diferenças de significados, três conceitos que intervêm na estrutura psíquica: potência, tempo e energia (trabalho). Voltaremos sobre esta fórmula.

Por outro lado, o trabalho mecânico se define como o produto de uma FORÇA pela DISTÂNCIA que se deslocou ao seu ponto de apoio:

Trabalho **(A)** = Força **(F)**. Distância **(D)**

A=F.D (2)

Substituindo em (1) o valor dado ao trabalho por (2), temos:

W.T=F.D

Ou:

W = F.D/T

Mas, como **D/T = V**, quer dizer, o quociente da distância e o tempo é a VELOCIDADE:

W=F.V (3)

A potência é, segundo (3), uma função da força e da velocidade.

Uma analogia com esta relação costumam empregar aqueles que dão preeminência às "ideias" sobre as configurações estruturais da psique: surgem assim os conceitos de IDEIA FORÇA ou VELOCIDADE DAS IDEIAS. Pelo contrário, ao estabelecer correspondências analógicas entre a psique do pasu e o modelo estrutural, nós nos ajustaremos às dimensões da fórmula (1), quer dizer, à potência, ao tempo e à energia.

Vamos definir, então, uma função cujo domínio é A PRODUÇÃO DE PENSAMENTOS NA ESTRUTURA CULTURAL DO PASU e à qual denominamos "EXPRESSÃO ENERGÉTICA DO PENSAMENTO DO PASU".

Potência (W). Tempo transcendente (Tt) = Energia psíquica (Ep)

W.Tt = Ep (4)

Há que se insistir em que esta fórmula só tem a finalidade indutiva de facilitar a explicação. Se suspendemos por um momento os preconceitos científicos e nos atemos à conclusão anterior que diz: "o conceito de energia significa a esfera de consciência", não nos resultará tão estranha a função (4).

Antes de utilizar a "expressão energética", para explicar a produção de pensamentos conscientes, devemos ter claro quais são as suas implicâncias. É o que destacaremos em três comentários:

Primeiro – A energia do pensamento racional depende, segundo (4), da potência ativa (W) e do tempo transcendente (Tt). Este tempo (Tt) é o que mede a DURAÇÃO do pensamento sobre a Relação e será definido mais adiante.

Segundo - À maior potência ativa (W) na Relação, maior energia (Ep) no pensamento.

Terceiro – À maior tempo (Tt) de duração da atividade potencial, maior energia (Ep) no pensamento.

Destes comentários a função (4) se depreende, tal como caberia esperar-se de uma expressão analógica, que a "potência ativa" e o "tempo transcendente" são CAUSA da energia psíquica. Vamos definir ambos os conceitos:

Uma Relação se define com base em três dimensões: extensão, compreensão e potência. Mas uma Relação é na realidade o esquema sêmico de um ente, quer dizer, um símbolo complexo, uma subestrutura de elementos sêmicos: a potência é que permite aos símbolos SUBSISTIR como tais e permanecerem estruturados. Mas não se deve acreditar com isto que a potência é um mero "conteúdo" dos símbolos; ela é o princípio que faz possível a MANIFESTAÇÃO dos símbolos no pensamento. Quando o pasu já possui sujeito histórico e, em consequência, esquema de si mesmo, a manifestação dos símbolos efetua-se com referência à esfera de consciência, quer dizer, intencionados, dirigidos para ela. O plano de significação, e com isto o contexto do significado, tornam-se, então, horizontais para o pensamento. Recordemos que o pasu, no estado evolutivo em que o estamos considerando, JÁ POSSUI, AINDA QUE INCIPIENTE, UM SUJEITO HISTÓRICO E UM ESQUEMA DE SI MESMO.

Podemos afirmar, pois, que: A potência É O SUBSTRATO FUNDAMENTAL DE TODO SÍMBOLO PSÍQUICO DA ESTRUTURA CULTURAL: POR ELA OS

SÍMBOLOS “SUBSISTEM” E SE “MANIFESTAM” NO PENSAR. MAS OS “PRINCÍPIOS”, QUE SÃO SÍMBOLOS SIMPLES, SÓ SUBSISTEM: NÃO SE MANIFESTAM JAMAIS AO PENSAMENTO (ainda que possam ser conhecidos por um reflexo ou cópia em uma Relação conexa, segundo já se explicou); POR ISSO SE DIZ QUE SUA potência É “PASSIVA”. AS “RELAÇÕES”, PELO CONTRÁRIO, SUBSISTEM E SE MANIFESTAM: SUA potência É “ATIVA”.

O pensamento “consciente”, que faz “crescer” o esquema de si mesmo, depende das manifestações dos símbolos da Relação que mencione, quer dizer, depende da potência ativa: a ela nos referiremos daqui em diante, ainda quando digamos simplesmente “potência”.

Em resumo: OS SÍMBOLOS, DO ESQUEMA OU RELAÇÃO, SUBSISTEM SUSTENTADOS PELO SUBSTRATO DA SUA potência; SE UM PENSAMENTO MENCIONA A RELAÇÃO, OS SÍMBOLOS SE MANIFESTAM COM UMA DETERMINADA ENERGIA: TAL “ATIVIDADE” É TAMBÉM PRODUTO DA potência. Em um próximo artigo, estudaremos a “manifestação” dos símbolos no pensamento: agora nos ocuparemos de sua “subsistência”, para expor a definição pendente do “tempo transcendente”.

No inciso “Esquema do Universo do Uno” mencionou-se a tríplice composição do Demiurgo: Poder, Beleza e Sabedoria, e se explicou que “o Poder é exercido pelo Alento ou transcendente fluir da sua “Consciência-Tempo”. Encontramos assim, na essência do MACROCOSMO, a potência (ou Poder) e o TEMPO (Consciência Cósmica ou Alento) UNIDOS COMO CAUSAS DA EXISTÊNCIA DOS ENTES, de maneira análoga à “expressão energética do pensamento” (4). Ainda que a fluência do Alento é o Tempo IMANENTE do macrocosmo, aqui o denominaremos TRANSCENDENTE, atendendo à sua íntima penetração na estrutura cultural do microcosmo ou pasu.

No tempo transcendente, ou tempo do macrocosmo, desenvolvem-se os tempos entelequiais dos Arquétipos universais: os entes conhecidos são “momentos” de tais processos, “detenções” efetuadas pela razão para descobrir o desígnio demiúrgico, o ser-para-o-homem. Os entes mudam constantemente, por efeito de suas evoluções, mas PERMANECEM sendo entes em seu devir, quer dizer, subsistem como entes no tempo transcendente. Para que os incontáveis processos evolutivos que se desenvolvem no macrocosmo CONVERJAM PARA A FINALIDADE, quer dizer, NÃO DIVIRJAM DA MACROENTELEQUIA “PRALAYA”, os entes se estruturam em um organismo cósmico cujas funções visam teleologicamente para a finalidade. Portanto, esse “permanecer na mudança”, que caracteriza o processo dos entes, não se realiza isoladamente no seio dos entes senão que, contrariamente, TODOS OS ENTES ENCONTRAM-SE CONECTADOS ENTRE SI.

Em que consiste a conexão, a relação entre entes que mudam sem cessar? Resposta: NA RAZÃO ENTRE MOVIMENTOS, QUE DETERMINA A SIMULTÂNEA PERMANÊNCIA DOS ENTES NO TEMPO TRANSCENDENTE.

Alguns aspectos desta razão são os que costuma descobrir a ciência empírica, e traduzir imperfeitamente em linguagem matemática, como leis ou relações qualitativas entre magnitudes características dos fenômenos.

A suposição fundamental para que uma razão teleológica conecte todos os entes, por “permanecer na mudança”, é que existe alguma espécie de SINCRONIZAÇÃO entre todos seus processos. Em outras palavras: os movimentos, nos quais consiste o devir dos entes, podem ser de muitos tipos: uniformes ou variáveis, contínuos ou discretos, lineares ou sequenciais, oscilatórios, rítmicos, cíclicos, etc.; mas, QUALQUER QUE SEJA O TIPO DE MOVIMENTO QUE CARACTERIZE O PROCESSO DOS ENTES, a razão teleológica que os enlaça determina que em cada momento absoluto do tempo transcendente exista coincidência de momentos relativos

dos movimentos dos entes; ou seja, existe uma espécie de sincronização de movimentos que se verifica em cada momento do tempo transcendente pela simultânea permanência (na mudança) dos entes.

Pois bem, o corpo material do pasu é um ENTE ENTRE OS ENTES e, como tal, permanece no tempo transcendente. Em consequência, os movimentos que compõem seu processo entelequial devem estar sincronizados com os restantes movimentos do macrocosmo. Naturalmente, alguns "movimentos" nas funções orgânicas, tais como os ritmos cardíaco e respiratório, os ciclos septenários do crescimento, a extensão do espectro sensorial, as ondas cerebrais, etc., apresentam uma "razão" mais visível com respeito a movimentos proporcionais do sistema solar; mas, a rigor da verdade, TODOS os movimentos orgânicos, desde os atômicos até os psíquicos, ocorrem em coincidência com outros movimentos do macrocosmo: OS RELÓGIOS ATÔMICOS, BIOLÓGICOS E PSICOFISIOLÓGICOS DO PASU ESTÃO SINCRONIZADOS COM OS RELÓGIOS CÓSMICOS QUE REGULAM OS MOVIMENTOS DOS ENTES SEGUNDO "PADRÕES UNIVERSAIS DE RAZÃO".

Ao nos referirmos ao corpo material do pasu, no inciso "Memória arquetípica e razão", afirmamos que ele constitui um "*minor mundus*", um microcosmo que reflete o "*maior mundus*" ou macrocosmo. Veremos agora como se deve entender esta afirmação. Em primeiro lugar, há que se perceber que "microcosmo" designa a finalidade do pasu, quer dizer, uma enteléquia que deve ser alcançada, e não uma realidade presente. Em segundo lugar, observemos que um "microcosmo" ATUAL, um reflexo absoluto do macrocosmo ou enteléquia real, TEM QUE SER NECESSARIAMENTE UM ENTE AUTÔNOMO, COMO O É A SEU MODO O DEMIURGO. Mas acabamos de ver que o corpo do pasu encontra-se sincronizado, em todos os seus movimentos, com os relógios padrão do macrocosmo e, em consequência, CONECTADO AOS DEMAIS ENTES, ESTRUTURADO COM ELES. O corpo do pasu NÃO É, com efeito, UM ENTE AUTÔNOMO. Eis aqui o aparente paradoxo: um "microcosmo" deve ser um ente autônomo; o corpo do pasu, ao que denominamos "microcosmo", não é um ente autônomo.

O que é, então, o pasu, o que é o seu corpo? Resposta: O CORPO DO PASU É UM MICROCOSMOS "POTENCIAL"; SERÁ UM MICROCOSMOS "ATUAL" QUANDO SE TRANFORME EM UM ENTE AUTÔNOMO, QUER DIZER, QUANDO SE INDEPENDA DE SUA SINCRONIZAÇÃO COM OS PROCESSOS DOS RESTANTES ENTES DO MACROCOSMO.

É evidente que, à medida que o pasu progride para a enteléquia, tem que ir transformando-se cada vez mais em um "ente autônomo", pois tal condição está imposta pela finalidade; mas em virtude de qual processo interno se obtém a autonomia microcósmica? A resposta já foi adiantada no artigo 'A': O PASU VAI SE TRANSFORMANDO EM ENTE AUTÔNOMO À MEDIDA QUE CUMPRE O "OBJETIVO MICROCÓSMICO DA FINALIDADE": CONSTRUIR UM ESQUEMA DE SI MESMO OU ESFERA DE CONSCIÊNCIA DE TAL PERFEIÇÃO QUE, AO SER REFLETIDA PELO SUJEITO CONSCIENTE, RACIONALIZE COMPLETAMENTE O MICROCOSMO. A CONSCIÊNCIA, ANALOGAMENTE AO ASPECTO "PODER" DO DEMIURGO, HÁ DE PODER APLICAR-SE, COMPENETRAR-SE, DIFUNDIR-SE, ETC., NO MICROCOSMO E SINCRONIZAR SEUS MOVIMENTOS INTERNOS COM SEUS PRÓPRIOS RELÓGIOS PADRÃO, OU SEJA, HÁ DE PODER DESSINCRONIZÁ-LO DO MACROCOSMO, EVITANDO PARTICIPAR DO TEMPO TRANSCENENTE, HÁ DE SUBTRAÍ-LO DE SUA PERMANÊNCIA NELE.

Como se verá no próximo artigo, para que isso ocorra, a esfera de consciência tem que apresentar a dimensão de um "tempo próprio do microcosmo", quer dizer, de um "tempo imanente".

No inciso anterior, artigo 'H', explicamos que o contínuo movimento corporal do pasu, quando não obedece à expressão concreta de um conceito, COLOCA UM "SENTIDO GERAL" NO MUNDO, ao que se denomina: HARMONIA. O mero fato de ESTAR no mundo faz do pasu um doador de "sentido harmônico" e por isso a harmonia se define como "uma relação entre os movimentos do microcosmo e do macrocosmo". É conveniente vincular o conceito de "harmonia" com o de "autonomia microcósmica", que acabamos de definir, para melhorar a compreensão global da Sabedoria Hiperbórea. A harmonia, com efeito, DEPENDE DA AUTONOMIA MICROCÓSMICA: à maior autonomia, maior harmonia; quer dizer, maior "sentido geral" colocado no contínuo movimento corporal. Em consequência, A PRODUÇÃO DE HARMONIA ESTÁ OPOSTA À SINCRONIZAÇÃO DE MOVIMENTOS ENTRE MICRO E MACROCOSMO. Em outras palavras, À MAIOR SINCRONIZAÇÃO, MENOR HARMONIA. No extremo desfavorável, uma sincronização TOTAL E ABSOLUTA de movimentos, implica na não existência da entidade microcósmica; o corpo do pasu seria, nesse caso, PURA ENTIDADE ANIMAL.

Fica claro, pois, que o pasu é um microcosmo potencial, cujos movimentos internos encontram-se SINCRONIZADOS EM ALGUM GRAU com os movimentos externos do macrocosmo. Mas, ainda que o microcosmo potencial se desdobre constantemente e tenda para a sua enteléquia, HÁ ALGO NELE QUE PERMANECE INVARIÁVEL: SUA ESSÊNCIA ORGÂNICA, QUE REPRODUZ A ESTRUTURA DO MACROCOSMO. O orgânico, o estrutural do microcosmo, permanece no tempo transcendente, a menos que se independa, alcançando a autonomia ôntica. Por isso, agora se vê claramente, afirmávamos mais atrás que os sistemas da estrutura cultural se "manifestam" no pensamento e SUBSISTEM NO TEMPO TRANSCENDENTE.

Resumindo, no pasu, microcosmo potencial, a subsistência DOS sistemas Princípios e Relações, ocorrem no "tempo transcendente", do qual o microcosmo PARTICIPA. E, o que subsiste NOS sistemas, é o substrato essencial dos símbolos, quer dizer, a "potência". Com estes enunciados sintéticos completamos as definições dos dois termos causais que aparecem na "expressão energética do pensamento" (4): potência e tempo transcendente. No seguinte artigo esclareceremos o conceito de "sujeito individual" do microcosmo, que ostenta a "alma" do pasu, para retomar logo o estudo da "expressão energética do pensamento".

E – O objetivo microcósmico da finalidade requer a metempsicose.

De acordo com o visto no artigo 'D', podemos afirmar que o corpo do pasu é um "microcosmo potencial" que TENDE a atualizar-se plenamente na enteléquia humana. Enquanto progride para essa perfeição, o microcosmo PARTICIPA DO TEMPO TRANSCENDENTE DO MACROCOSMO, no qual se sincronizam todos os seus movimentos internos. Por isso, o objetivo da evolução, a autonomia ôntica, exige A SUBSTITUIÇÃO DO TEMPO TRANSCENDENTE POR UM TEMPO PRÓPRIO DO MICROCOSMO, UM "TEMPO IMANENTE", EM CUJO FLUXO SE ORDENEM E REALIZEM OS PROCESSOS INTERIORES. Este "objetivo", naturalmente, não é outro que o objetivo microcósmico da finalidade, o qual se propõe a desenvolver um "sujeito histórico" ou consciência, cuja nota principal é, justamente, a temporalidade imanente. No artigo 'F' se estudará com detalhes a relação entre o tempo transcendente e o tempo imanente; aqui nos interessa deixar claro que o objetivo microcósmico SÓ PODE SER ALCANÇADO COM O CONCURSO DA METEMPSICOSE.

O Demiurgo, com efeito, não pode permitir que o progresso evolutivo se interrompa pela dissolução orgânica do microcosmo, isto é, pela morte do pasu. Na realidade, o ciclo de vida do microcosmo depende só do tempo transcendente: enquanto exista a participação haverá fatalmente uma dissolução formal, como ocorre com todo ente orgânico. Mas se o microcosmo atualiza sua potencialidade e se

INDIVIDUALIZA, quer dizer, se independe temporalmente do macrocosmo, então poderá escapar à dissolução, à morte, porque os processos internos ficarão "detidos" para o tempo transcendente. O objetivo microcósmico assegura, assim, que em algum momento da evolução se alcançará a imortalidade do corpo material. Pois bem: enquanto esse momento não chega, pode-se perder com a morte e dissolução do microcosmo, o progresso individual obtido na construção do esquema de si mesmo? Resposta: todo esquema de si mesmo fica impresso na alma, durante a vida do microcosmo, de tal modo que, ao desencarnar, depois da desintegração orgânica, o conserva com caráter permanente.

Quer dizer, o esquema de si mesmo, que é parte da "alma" do pasu, SOBREVIVE À DISSOLUÇÃO DO MICROCOSMO, PARA MELHOR CUMPRIMENTO DO OBJETIVO MICROCÓSMICO. Estamos, pois, ante um evidente paradoxo. Contudo, tal paradoxo perde consistência se olhamos as coisas do ponto de vista do Demiurgo, que é quem determinou o modo em que se deve cumprir a finalidade. Com essa perspectiva, há que se começar por admitir que o que interessa, em primeiro lugar, é o objetivo macrocósmico; a produção de cultura. Este objetivo é sociocultural e tem por fim preservar o sentido posto nos entes pelos membros particulares da comunidade cultural: uma "cultura" é o sustentáculo comunitário dos objetos culturais, quer dizer, dos entes assinalados pela expressão humana. Uma cultura, demiurgicamente entendida, é, pois, uma macroexpressão da evolução coletiva alcançada pela comunidade: os objetos culturais são projetos que demonstram o grau de evolução alcançado porque são medida da inteligência dos projetistas. Recordemos que o prazer do Demiurgo está no "descobrimento posterior da obra", tarefa que foi reservada ao homem. Os objetos culturais são, justamente, a afirmação do desígnio descoberto nos entes, quer dizer, um "bem supremo".

Para o Demiurgo, então, o bem radica no cumprimento das CONDIÇÕES do desenvolvimento cultural de uma comunidade, quer dizer, em que esse desenvolvimento não se detenha em nenhum momento, em que cresça e transforme a realidade indiferenciada dos entes universais em uma superestrutura de objetos culturais. As CONDIÇÕES do desenvolvimento cultural de uma comunidade dependem, naturalmente, da evolução PARTICULAR de seus membros, que são aqueles que "colocam" o sentido nos entes. É por estas CONDIÇÕES que a finalidade do pasu, à parte do objetivo macrocósmico geral, supõe um objetivo microcósmico particular: a evolução de um "sujeito individual" que procure a autonomia do microcosmo e, obtida esta, outorgue máximo sentido à obra do Demiurgo.

O sujeito individual, que no princípio da evolução é "racional" e no final "consciente", é a manifestação da alma nas estruturas do microcosmo. E a alma, pela metempsicose, transmigra durante milhões de anos para manifestar-se, a cada vez, em um microcosmo mais perfeito, mais próximo do objetivo microcósmico da finalidade. Daí que surja a necessidade de esclarecer, ainda que seja brevemente, a relação entre o "sujeito" individual e a "alma", já que o estudo analógico da "expressão energética do pensamento" nos exigirá uma definição rigorosa do sujeito consciente que anima o esquema de si mesmo.

Em primeiro lugar precisemos o que se deve entender por "alma". O pasu, como todo ente orgânico que evolui, é a manifestação de um Arquétipo universal e de uma mônada: a mônada é o suporte do organismo individual que evolui conforme o Arquétipo universal. Mas a mônada não "desce" jamais ao plano material, senão que permanece no plano arquetípico desde onde é projetada pelo aspecto Vontade do Demiurgo até o plano material. Durante a vida do pasu, a mônada sustenta o corpo material e evolui com este: ou, em outras palavras: a manifestação da mônada no plano material é o microcosmo. Ao morrer o corpo animal do pasu, o microcosmo se dissolve

e, após a desintegração orgânica, a mônada deixa de manifestar-se materialmente. No entanto, a mônada não se desconecta completamente do plano material, pois um termo energético, procedente do microcosmo, subsiste ainda que desencarnado: é a "alma" do pasu.

A alma é, assim, o que permanece sempre manifestado da mônada; o que evolui no microcosmo e involui parcialmente durante o desencarne; o que sobrevive à dissolução conservando a evolução experimentada, para retornar novamente na gênese vital de outro microcosmo. **Mas nesta metempsicose a alma não reencarna em novos corpos "como aquele ator que prova diferentes roupagens", e "vê através de olhos de distintas máscaras", segundo é crença comum da palingênese ingênua. Se assim o fosse, deveria existir continuidade mnêmica dos atos experimentados em todos os microcosmos, quer dizer, deveria ser natural "recordar as vidas passadas". Pelo contrário, em cada microcosmo vivo, o sujeito pensante jamais rememora "naturalmente" nenhuma recordação de uma vida anterior. Isso não ocorre porque o procedimento disposto pelo Demiurgo para a transmigração das almas impõe a estas, durante o período de desencarne, uma "involução" do sujeito em si mesmo que produz a amnésia mencionada.** Explicaremos passo a passo o procedimento de metempsicose, mas sem nos estendermos demasiadamente nos detalhes.

A alma, enquanto manifestação sutil da mônada, sustenta o microcosmo difundindo-se em toda sua estrutura, agindo como "corpo duplo". Contudo, só na estrutura psíquica, devido à sua natureza energética, se verifica um contato fluido entre a vida orgânica e a alma. Os três "sujeitos que mencionamos no artigo 'E' do inciso anterior, o "sujeito racional", o "sujeito cultural" e o "sujeito consciente" ou "histórico" não são mais que manifestações individuais da alma do pasu nas distintas estruturas do microcosmo. Destas estruturas, só o esquema de si mesmo ou esfera de consciência tem a possibilidade de impressionar de forma permanente a alma: a estrutura do cérebro e a estrutura cultural são demasiadamente grosseiras para afetá-la de alguma maneira.

A alteração que o esquema de si mesmo causa na alma, pelo contrário, a modifica de tal modo que seu efeito persiste ainda quando o microcosmo se desintegrou completamente. Mas o esquema de si mesmo representa "toda a consciência" que é capaz de alcançar um microcosmo, quer dizer, é um grau evolutivo. Por isso, a alma, ao ficar modificada permanentemente pelo esquema de si mesmo, na realidade se auto modelou no sentido da enteléquia humana, quer dizer, evoluiu.

Suponhamos agora que uma alma desencarnou profundamente impressionada pelo esquema de si mesmo ao qual anima como um "sujeito consciente". Sendo o esquema de si uma história do microcosmo que ficou incorporada à alma, é evidente que o sujeito anímico vai recordar o vivido, não obstante estar desencarnado. Então, por que em uma posterior encarnação, a alma aparece desprovida de recordações? Resposta: 1º) porque a evolução do microcosmo obedece a uma SEQUÊNCIA HIERÁRQUICA irreversível, que obriga a alma a manifestar-se inicialmente como sujeito racional do cérebro ou "razão"; 2º) contudo, previamente à encarnação, efetua-se uma "involução do sujeito de si mesmo" que causa o "esquecimento" parcial das recordações inatas.

1º - Para entender esta resposta há que se considerar, antes de tudo, que a alma só pode manifestar-se EM uma estrutura adequada ou veículo. Esta condição acontece, por ser a alma expressão energética da mônada, a qual é fundamento de todo processo arquetípico particular: neste sentido, a mônada é o sujeito individual em todo ente, que evolui de acordo ao impulso formativo dos Arquétipos universais. No caso particular do microcosmo, a alma é sempre sujeito anímico de uma estrutura; e a

afirmação contrária também é válida: sem estrutura não há manifestação anímica possível. Tendo em conta tal condição, e todo o visto até aqui sobre a formação da estrutura cultural e o esquema de si mesmo, poderemos entender facilmente a resposta anterior.

Se refletimos sobre o estudado até aqui, comprovaremos que, com efeito, cumpre-se uma tácita SEQÜÊNCIA HIERÁRQUICA na formação das estruturas do microcosmo: no gênese só existe o cérebro; ou seja, a memória arquetípica; a alma não pode fazer outra coisa do que animar tal estrutura e operar com suas funções; como sujeito racional ou "razão" a alma descobre o desígnio nos entes e constrói a estrutura cultural, à qual logo animará como o sujeito cultural; e desde a estrutura cultural irão emergindo para as camadas superiores da psique os símbolos que formam o esquema de si mesmo, ao qual a alma animará como sujeito consciente ou histórico. Eis aqui a sequência completa: a alma anima à memória arquetípica ou cérebro como sujeito racional ou "razão" e constrói a estrutura cultural que à qual anima, a posteriori, como sujeito cultural, desde onde constrói o esquema de si mesmo ao que anima, por último, como sujeito consciente ou histórico.

Não há maneira "natural" de alterar esta sequência: a alma encarnada sempre deve começar por animar um cérebro infantil, por ser sujeito racional. A partir deste começo inevitável está a possibilidade de desenvolvimento estrutural que subjaz na potência do microcosmo potencial: se as limitações genéticas do microcosmo particular o permitem, talvez se possa alcançar um alto grau de consciência. Mas o que não se poderá fazer é alterar a sequência hierárquica que ordena a aparição dos sujeitos anímicos. Está claro agora em que consiste a sequência hierárquica da formação estrutural, mas não se vê com igual clareza porque a alma, em uma posterior encarnação, aparece desprovida de recordações. Mas a resposta é simples, radica na natureza hierárquica da sequência, nas determinações que impõe cada estrutura à manifestação dos sujeitos próprios. Quando a alma anima, por exemplo, a memória arquetípica, só pode descobrir o desígnio nos entes dados à intuição sensível: qualquer "recordação inata" não se diferencia em nada da intuição de um ente; mas, como tais recordações carecem de desígnio, são automaticamente eliminadas pelas operações da razão e o sujeito, em suma, percebe uma vaga reminiscência ou "sensação indefinida de familiaridade". O sujeito racional adquire, assim, um caráter novo, que não abandona a alma em suas posteriores manifestações subjetivas. Isto se entenderá melhor se recordamos que os três sujeitos mencionados são na verdade três aspectos simultâneos da alma: é a própria alma que, ao manifestar-se em cada estrutura "momentaneamente", a anima como sujeito próprio. Quer dizer: o "momento" da alma é o sujeito anímico e este único sujeito pode animar, em um microcosmo estruturalmente completo, simultaneamente três estruturas mnêmicas.

Para explicá-lo, mediante uma alegoria, podemos supor que a alma é análoga a uma lanterna de luz acromática, quer dizer, de cor branca. Se colocamos diante da lanterna uma lâmina provida de uma pequena abertura central, já teremos o equivalente a um sujeito racional: o feixe de luz acromática que sai pela janela central é o sujeito analógico. Interceptemos agora o feixe com um filtro que subtraia uma cor, por exemplo, o azul. Para uma luz branca de 500mu, segundo as leis da Ótica, o filtro azul só deixará passar 69% e ELIMINARÁ 31%. Pois bem, esse feixe transmitido pelo filtro azul, consideravelmente reduzido, é análogo ao sujeito cultural. Mantenhamos o filtro azul e interceptemos o feixe transmitindo novamente, agora com um filtro amarelo. Dos 69% de luz que penetra no filtro, este subtrairá uma parte e transmitirá 58%, quer dizer, 40% da luz original. Esse feixe resultante, de matiz verde, é análogo ao sujeito consciente. Consideremos o experimento alegórico completo. A lanterna é a alma, que se derrama em todas as direções em forma de luz branca. Ao colocar uma lâmina que só deixa

passar um feixe, efetuamos uma operação análoga à encarnação da alma: o feixe é a própria alma-lanterna convertida agora em sujeito racional. Começa aqui a sequência hierárquica. O filtro azul é análogo à memória arquetípica ou cérebro: só uma parte "filtrada" do sujeito–feixe chegará à estrutura cultural para animá-la. Este sujeito cultural deve animar a estrutura cultural, representada pelo filtro amarelo, e "transcendê-la", para constituir-se em sujeito consciente: o feixe, reduzido em mais da metade da luz original, que atravessa o filtro amarelo, é análogo ao sujeito consciente.

Esta alegoria mostra-nos claramente que a alma e o sujeito são uma e a mesma coisa e que, no microcosmo, há um só sujeito que se manifesta simultaneamente em três lugares ou estruturas diferentes. Se uma "recordação inata" irrompesse, por casualidade, no sujeito racional, seria eliminado na mesma forma que o filtro vermelho subtrai tal cor do feixe de luz.

2º - Dissemos "por casualidade" porque, segundo se declarou em 2º, previamente à encarnação a alma foi induzida a "esquecer" as recordações inatas, quer dizer, a não ter presente, durante toda a encarnação, os antigos esquemas de si mesmo, as "histórias" vividas em outros microcosmos. Mas, justamente no artigo 'A', foi dito que o objetivo microcósmico da finalidade é a construção de um esquema de si mesmo que, em última instância, consista no próprio microcosmo, racionalizado pelo sujeito consciente; vimos também que o esquema de si mesmo, não importa quão imperfeito seja, impressiona permanentemente a alma e constitui sua evolução: com base em tal evolução, obtida pela assimilação de distintos esquemas de si mesmo de diferentes vidas, vai se aperfeiçoando cada novo microcosmo animado e CUMPRE-SE O OBJETIVO MICROCÓSMICO DA FINALIDADE. Sendo assim, como se deve entender a resposta 2º, que afirma um esquecimento prévio das recordações inatas? Explicaremos imediatamente. Para continuar com o exemplo proposto, de uma alma que desencarna profundamente impressionada por um esquema de si mesmo, ao qual anima como sujeito consciente, digamos que o procedimento seguido consiste em praticar a involução do sujeito, previamente a uma nova encarnação.

O sujeito "involui", quando se desconcentra temporalmente, quer dizer, quando seu momento presente se expande em si mesmo e abarca toda a história "em um só olhar", fatos que se confirmam pelos conhecidos relatos daqueles que "ressuscitaram", após passar pela morte clínica, viram "toda a vida em um só instante". A involução do sujeito, no sentido exposto, é necessária para que a alma possa oferecer um novo sujeito ao microcosmo no qual vai encarnar: a alma, logo depois da involução do sujeito anterior, se apresenta ante o microcosmo com outro aspecto, um aspecto não subjetivo que requer de toda a sequência hierárquica para desenvolver-se e repetir o ciclo evolutivo da vida e da morte. Mas, em tudo isso, o que aconteceu com o esquema de si mesmo anterior, esse no qual o sujeito involuiu "até abarcar toda a história em um só olhar"? Não era, acaso, necessário seu concurso para cumprir o objetivo microcósmico da finalidade, para assegurar o progresso individual do pasu? Na realidade não se prescinde, em cada nova encarnação, de nenhum dos esquemas de si mesmo anteriores, pois os mesmos estão irreversivelmente assimilados na alma: o que ocorre é que, AO NÃO ESTAREM ANIMADOS POR NENHUM SUJEITO, os esquemas de si mesmo anteriores situam-se em lugares diferentes do microcosmo ao que ocupa o sujeito racional. Com outras palavras: o sujeito racional, primeira manifestação da alma, opera desde a memória arquetípica ou cérebro; mas a alma, à parte do sujeito, está difundida "como um corpo duplo" em todo o microcosmo; portanto, os esquemas de si mesmo anteriores, que permanecem alheios ao sujeito, vão corresponder com certas outras partes do sistema nervoso, fora do cérebro. Quer dizer: os esquemas de si mesmo anteriores estão localizados em diferentes partes do corpo do pasu, com exceção das estruturas estudadas até aqui.

Estes "centros" ou "chakras", que contêm esquemas de si mesmo anteriores, encontram-se difundidos aos milhares no corpo humano. Ali estão as recordações inatas, a memória das vidas anteriores, contribuindo desde a compleição da alma a aperfeiçoar o microcosmo vivente. Na alegoria do lanterna, podemos estabelecer uma correspondência analógica com os esquemas de si mesmo anteriores, efetuando pequenas perfurações na lâmina com a janela central. As perfurações rodeiam, por exemplo, a janela pela qual flui o feixe de luz análogo ao sujeito racional. Se os raios de luz que brilham pelas perfurações são análogos aos chakras, é evidente que tais centros de memória inata são NÃO RACIONAIS. Quer dizer, seu conteúdo é IRRACIONAL. Por isso, quando as práticas de yoga são realizadas com ignorância, quando o sadhaka localiza o sujeito sobre um chakra, invertendo anormalmente o sentido da sequência hierárquica, corre-se o grave perigo de que o sujeito anime por acidente um esquema de si mesmo anterior e de que este tome o controle do microcosmo: então, desde esse centro inferior, o microcosmo é IRRACIONALIZADO e sobrevém a loucura.

Antes de finalizar, vale a pena destacar uma importante consequência do princípio exposto na resposta 1º e, também, em 'E' do inciso anterior: "sem estrutura não há manifestação anímica possível"; "todo sujeito requer uma estrutura na qual manifestar-se"; "não pode existir o sujeito sem um veículo para sua manifestação". Até agora supusemos que o "veículo" da alma é o microcosmo e as "estruturas", onde se manifesta o sujeito, as aqui estudadas: cérebro, estrutura cultural, esfera de consciência, etc. Mas, em que esta suposição seja certa, de nenhum modo exclui OUTRAS POSSIBILIDADES PARA CUMPRIR COM A FINALIDADE. Com outras palavras: ao pasu foi encomendada, pelo Demiurgo, uma finalidade: ser doador de sentido nos entes do mundo; pois bem, se o pasu, ou qualquer outra raça semelhante do universo, DESENVOLVE UMA CULTURA CAPAZ DE PRODUZIR TECNICAMENTE "ESTRUTURAS" ADEQUADAS PARA A MANIFESTAÇÃO DO SUJEITO, ESTAS SERÃO "ANIMADAS" NA MEDIDA DE SUAS POSSIBILIDADES DE EXPRESSÃO. Isto significa que, enquanto se cumpram os passos de "descobrir o desígnio" e "projetar o sentido", qualquer cultura científico-tecnológica terá a possibilidade de construir ANDRÓIDES "COM ALMA". Sim; COM VERDADEIRA "ALMA" TRANSMIGRANTE E EVOLUTIVA. Para isso, só é necessário que o androide possua algo semelhante à "memória arquetípica", quer dizer, uma memória programada com uma coleção de sinais de entes ou auto programável com informação de entes do mundo, percebida por meio de sensores, e que um processador eletrônico efetue as operações lógicas de comparação ou interpretação: quando o androide ADEQUE seu comportamento em função da informação percebida, quer dizer, quando EXPRESSE UMA CONDUTA, sem dúvida ESTARÁ ANIMADO POR UMA EGRÉGORA ou, se o androide é suficientemente perfeito, POR UMA ALMA INDIVIDUAL.

O que nunca poderá possuir um androide, nem nenhuma estrutura artificial, é o Espírito: com efeito, para que o Espírito se manifeste é imprescindível A MEMÓRIA DE SANGUE, A RECORDAÇÃO DA ORIGEM, quer dizer, algo que jamais poderá implantar-se em outra parte que não seja em um microcosmo vivo.

F - Estudo analógico da "expressão energética do pensamento do pasu".

Aqui vamos expor e explicar vários importantes conceitos, valendo-nos, como até agora, da analogia e da indução. Entre tais conceitos encontram-se, em primeiro lugar, a "expressão energética do pensamento do pasu", da qual convirá especificar seus alcances para evitar o equívoco de confundi-la com uma função físico matemática, quer dizer, com uma relação entre magnitudes variáveis de um fenômeno físico, às quais se pode medir empiricamente com instrumentos adequados. As magnitudes

"potência ativa" e "energia psíquica" são certamente variáveis, MAS O FENÔMENO AO QUAL CARACTERIZAM É PSÍQUICO, NÃO FÍSICO. Contudo, ainda que o fenômeno que representem seja subjetivo, a estrutura matemática da expressão (4) é perfeitamente adequada para descrever suas propriedades evidentes:

Primeira: a "potência ativa", ou "tempo transcendente" e a "energia psíquica" SÃO magnitudes variáveis.

Segunda: a potência ativa e o tempo transcendente SÃO causa da energia psíquica.

Terceira: a energia psíquica varia de forma diretamente proporcional à variação da potência ativa e do tempo transcendente. Esta terceira propriedade é suficiente para justificar a formulação matemática, pois revela que entre as magnitudes existe uma relação funcional. Mas a fórmula (4) provém de uma linguagem combinada, na qual a "potência" **(W)** e o "tempo transcendente" **(Tt)** são CONCEITOS NÃO ENUMERÁVEIS QUE EXPRESSAM VARIAÇÃO e entre os quais encontra-se definida uma LEI DE COMPOSIÇÃO ou FUNÇÃO, simbolizada com (.). Tal lei afirma que a variação positiva de qualquer de ambas as magnitudes determina a variação proporcional, ou RACIONAL, de uma terceira magnitude, "energia psíquica". Assim, ainda quando a fórmula (4) que descreve um fenômeno psíquico se assemelha à (1) que responde a um fenômeno físico, o sentido que há de se dar a (4) é o recentemente exposto: relação racional entre conceitos não em numeráveis que expressam variação.

Em segundo lugar, vamos definir um QUADRANTE ANALÓGICO que nos permitirá representar sistemas simples (figura 13) em correspondência analógica com a "expressão energética do pensamento" (4). O quadrante é certamente cartesiano e ortogonal, mas, sem "em numeração coordenada", pois, como no caso da expressão (4), o que se tenta representar são CONCEITOS ENUMERÁVEIS. Quer dizer: no quadrante analógico não se definiu uma correspondência biunívoca entre os pontos do plano e o conjunto dos números complexos; se assim se fizesse o quadrante seria inadequado para representar magnitudes psíquicas; pelo contrário, definiu-se rigorosamente uma CORRESPONDÊNCIA CONCEITUAL entre o quadrante e a estrutura cultural, de tal modo que o representado em um reflete CONCEITUALMENTE o fenomênico do outro.

Depois deste esclarecimento já podemos descrever o quadrante em questão. Em primeiro lugar há que declarar que se trata do mesmo sistema usado na figura 16 para mostrar o "conceito" como "fatia de uma Relação". Ali se vê que o quadrante **(x, y)** é análogo ao "plano de significação" sobre o qual foi notado o significado de um esquema.

O contexto significativo, da linguagem facultada, determina que o significado notado seja só uma fatia do esquema PARALELA AO PLANO DE SIGNIFICAÇÃO. Na figura 17 podemos observar que o quadrante analógico não difere do que se empregou na figura 16.

Entretanto, na figura 17, estabelecemos correspondências entre os eixos que não havíamos assinalado na figura 16: ao eixo **(0x)** corresponde o conceito de "tempo transcendente" e ao eixo **(0y)** corresponde o conceito de "significado". Estas correspondências respondem à necessidade de que o "contexto significativo" ou "horizonte mental em torno do significado" seja um lugar geométrico no qual o RELEVO do significado possa se representar com um símbolo equivalente.

O "tempo transcendente" **(Tt)**, em cujo seio, segundo vimos, permanece sincronizado o microcosmo, AUMENTA a partir de **'0'** no sentido **0x**. O significado **(S),** ou "relevo sobre o horizonte da significação contínua", AUMENTA a partir de **'0'** no sentido **0y**. Com estas convenções podemos supor que em todo o relevo sobre o eixo

0x sua AMPLITUDE expressará o valor do significado, em cada momento, sobre o eixo **0y.**

Recordemos que o significado é "o fundamento do pensamento racional"; o "relevo", sobre o horizonte da significação contínua, é vivenciado como "ideia" ou "conceito" quando o pensar apreende ao pensamento de um sistema. Portanto, a representação no quadrante analógico de um "relevo", ou significado de um sistema, adquirirá máxima fidelidade se se refere a um sistema concreto, tal como o da figura 13. Na figura 18, só com o efeito de oferecer a referência adequada para assinalar o relevo de um significado, alinhou-se o eixo **(0x)** do plano análogo com o "sistema simples" da estrutura cultural do pasu. Sobre esta disposição vamos destacar duas coisas.

Primeiro: há que se notar que o tempo transcendente aumenta no sentido da dimensão “extensão”. Isto quer dizer que o pensamento de um sistema sempre envolve o tempo transcendente, AINDA QUANDO O PRÓPRIO PENSAMENTO SEJA VIVENCIADO COMO ATEMPORAL, POR CARECER DE TEMPO IMANENTE.

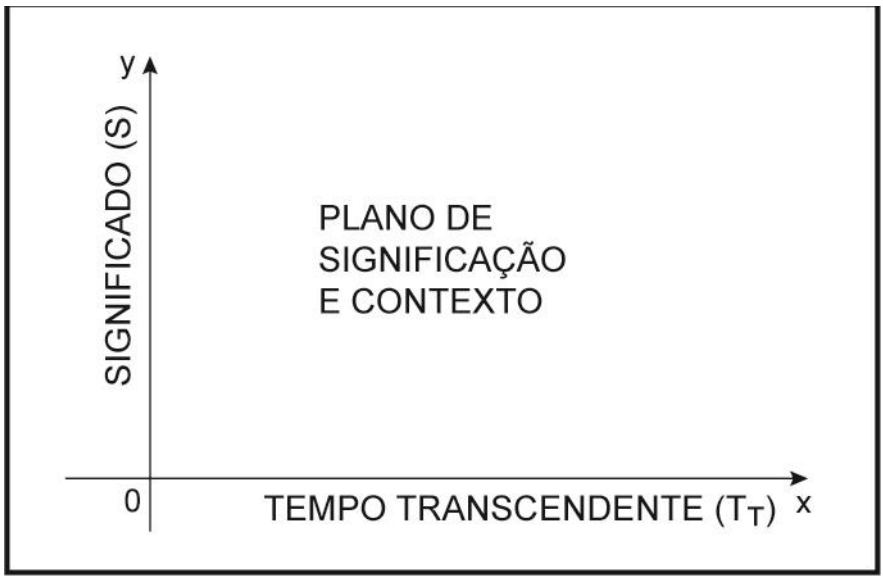


FIGURA 17

Ocorre assim pela falta de autonomia do microcosmo: todo ato mental, ainda os manifestamente intemporais como, por exemplo, a imagem de um triângulo, é só um movimento junto a outros que constituem o processo evolutivo do pasu; mas o pasu, enquanto microcosmo potencial, permanece no tempo transcendente onde tem lugar a sincronização de todos os seus movimentos. Aqui já deve ser claro que o tempo subjetivo do pensar NÃO É O TEMPO TRANSCENDENTE, uma vez que aquele pode ser experimentado ou não, enquanto este sempre transcorre. No pasu NÃO EXISTEM PENSAMENTOS INTEMPORAIS, pois todo ato mental envolve tempo do macrocosmo: a “atemporalidade de um triângulo” é uma apreciação subjetiva, produto da reflexão,

do “deter” o triângulo na atenção sem perceber a DURAÇÃO REAL do pensamento que menciona o triângulo.

Segundo: para facilitar a interpretação, na figura 18, se deslocou o sistema **xx** do ponto **‘0’** ou “origem do tempo”: o rigor da analogia exige, em troca, que o primeiro Princípio coincida com o ponto **“0“** QUE ASSINALA O MOMENTO NO QUAL O PENSAMENTO EXPLORA O ESQUEMA EM EXTENSÃO.

Vamos supor agora que um pensamento sobre o sistema da figura 18 produza no horizonte da significação contínua o relevo que mostra a figura 19. O símbolo triangular, que se manifestou no pensamento, pode ser percebido, talvez, como “universal” e “atemporal”, mas o certo é que o pensamento do símbolo registra uma DURAÇÃO no tempo transcendente: enquanto mais DURE o pensamento sobre o sistema **xx**, tanto mais extensa será, analogicamente falando, a sua dimensão, pois o sistema SUBSISTE, enquanto o microcosmo PERMANECE.

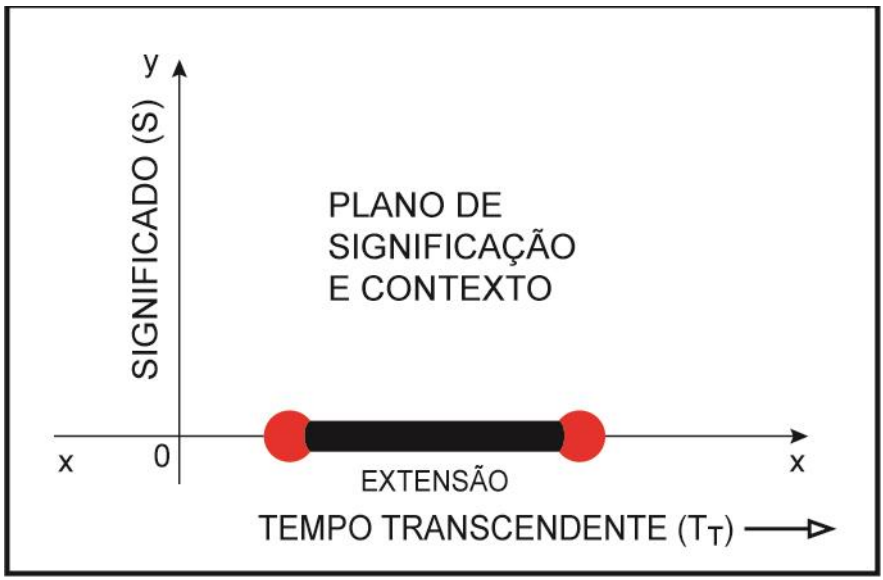


FIGURA 18

Temos que dar, agora, um passo importantíssimo na exposição ao recordar a tese do artigo 'B': "a faculdade tradutora é uma função da potência ativa". Estudamos, no artigo citado, que a potência de uma Relação está sempre REFERIDA à esfera de consciência e que tal referência a faculta para tornar horizontal o plano de significação no qual há de ser notado o significado. Isto é, naturalmente, um efeito subjetivo. Mas, se supormos que o significado, cujo relevo triangular se representou na figura 19, encontra-se nivelado em um plano de significação HORIZONTAL COM RESPEITO À ESFERA DE CONSCIÊNCIA, cabe se perguntar: qual é o lugar geométrico da esfera de consciência no quadrante analógico? Resposta: seu lugar está FORA DO PLANO, em direção perpendicular à figura 19. Para assinalar tal DIREÇÃO, na figura 19,

teríamos que agregar um terceiro eixo, **(0z)**, ortogonal com os outros eixos e perpendicular ao plano de significação.

Na figura 20 indicou-se, em perspectiva, a DIREÇÃO da esfera de consciência, por meio do eixo analógico **0z**. Comprovamos, assim, que a referência à esfera de consciência nos conduz a um sistema de três eixos **(x, y, z)** que determina uma espécie de "espaço analógico", composto por três quadrantes: um, é o já descrito **(yx)** ou "plano de significação e contexto"; outro, do qual não vamos nos ocupar, é o **(zy)**; e um terceiro quadrante é **(zx)**, que aparece frontal na figura 20, e ao qual denominamos "plano temporal".

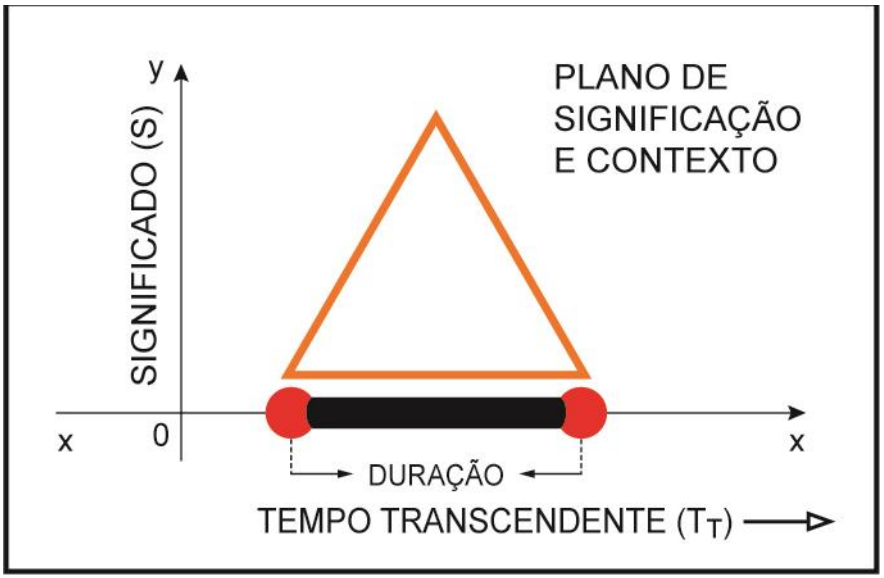


FIGURA 19

A razão de que o eixo **(0z)** esteja dirigido à parte inferior da figura 20 é que em tal eixo deve-se representar analogicamente os diferentes níveis e Energia psíquica dos símbolos que emergem para a esfera de consciência: A ENERGIA DE UM SÍMBOLO EM TRÂNSITO PARA A CONSCIÊNCIA, SEGUNDO SE VERÁ, DIMINUI CONTINUAMENTE. Em geometria analítica o eixo **(0z)** é "negativo", quer dizer, o valor que representa sua "ordenada y" diminui à medida que aumenta a distância à origem **(0);** esta qualidade é conservada no quadrante análogo da figura 20 e por isso se indicou **(-Ep)** em correspondência com a diminuição de Energia que há de experimentar todo símbolo que transite em direção **(0z)** para a esfera de consciência.

Com o fim de aproveitar ao máximo as possibilidades analógicas da figura 20, vamos propor uma importante convenção: denominaremos "esfera de consciência" ao espaço analógico que se encontra ALÉM do plano de significação horizontal. Este plano, que na figura é **(yx),** é "horizontal" porque foi nivelado com referência à "esfera de consciência", tomada como "centro de referência de si mesmo". De acordo com tal convenção, a esfera de consciência é o espaço formado pela soma dos planos PARALELOS a **(yx),** que se encontram ALÉM do plano **(yx)**, na direção **(0z)**. Pois bem,

até onde se estende o espaço análogo à esfera de consciência? Resposta: antes de tudo há que se considerar que a esfera de consciência se compõe de duas regiões bem definidas e distintas: a “esfera de sombra” e a “esfera de luz”. O espaço **(x, y, z)** que se estende “além” do plano horizontal corresponde à “esfera de sombra” e culmina em um plano comum ao espaço analógico da “esfera de luz”, a qual se prolonga até a superfície exterior da esfera de consciência. Na figura 20, em sua parte inferior, apresentou-se um sistema de três eixos, correspondente à “esfera de luz”, REFERIDO PARA A ESFERA DE SOMBRA, e, “MAIS PARA CÁ” desta, à estrutura cultural.

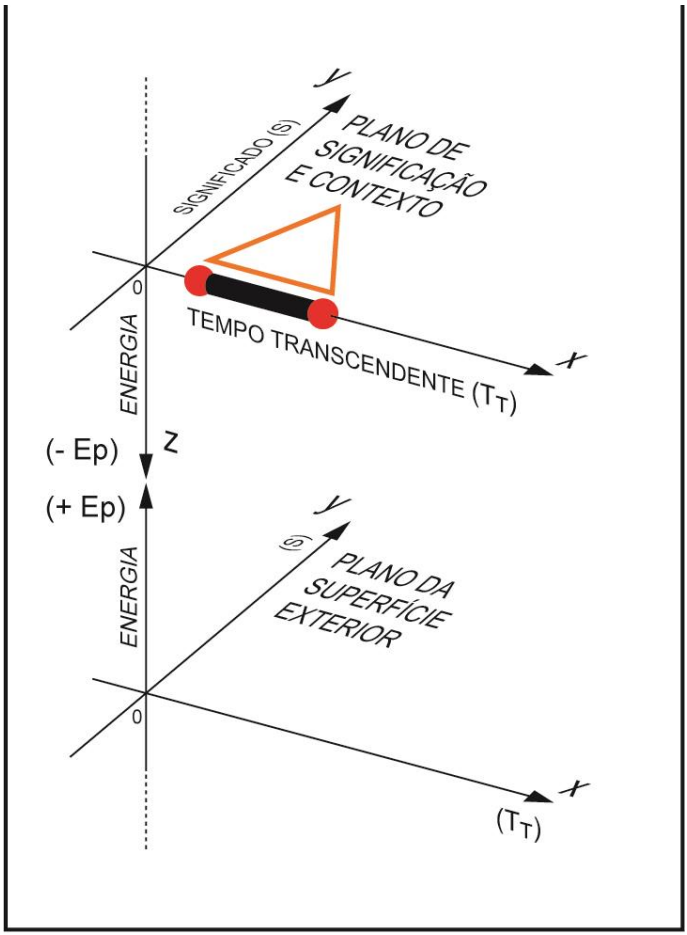


FIGURA 20

O motivo de que ambos os sistemas geométricos estejam mutuamente referidos deve-se à que, na estrutura cultural, o sujeito racional remete o pensamento para a esfera de si mesmo, de acordo à referência a si mesmo que propicia a potência

ativa da Relação pensada, já que, na esfera de luz, o sujeito consciente “olha” para a estrutura cultural, até o plano de significação horizontal que, justamente, está nivelado com respeito a si.

Por outro lado, o “plano comum” a ambos os espaços analógicos denomina-se “UMBRAL DE CONSCIÊNCIA” e pode ser visto representado na figura 21.

Em resumo, além do plano de significação **(yx)**, em direção **(0z)**, estende-se o espaço analógico que tem correspondência conceitual com a esfera de consciência, a qual se compõe de duas regiões: a esfera de sombra e a esfera de luz. A “esfera de sombra”, espaço imediato à estrutura cultural, conclui em uma camada superior, que se prolonga desde o “umbral de consciência” até a superfície exterior, denominada “esfera de luz”.

Consideremos agora, no âmbito de tal disposição espacial analógica, o “pensamento de um sistema” da estrutura cultural do pasu.

De acordo com o visto, o pensamento pode ser “racional” e, ALÉM DISSO, “consciente”. Especifiquemos ambos os conceitos. O pensamento é “racional”, em primeiro lugar, quando ocorre SOBRE a estrutura cultural. Em tal caso, o sistema pensado só manifesta no pensamento o relevo significado. Mas o significado é o fundamento do pensamento: o relevo, que significa, é um símbolo que a potência ativa do esquema manifesta no contexto de uma linguagem. Tal símbolo pode ser, por exemplo, o triângulo representado SOBRE o sistema (**xx)** da figura 20 e NO plano de significação (**yx**).

Assim, a figura 20 expressa analogicamente o “pensamento racional”. Mas, quando um pensamento ALÉM de racional é “consciente”? Resposta: quando na potência da Relação Pensada existe uma referência a si mesmo: ENTÃO O SÍMBOLO SIGNIFICADO É IMPULSIONADO A “MOVER-SE PARA” A ESFERA DE CONSCIÊNCIA OU ESQUEMA DE SI MESMO. Observemos que neste “mover-se para” temos presente duas das notas da “energia psíquica”: o “movimento” e a “direção” (para). Quando a potência impulsiona o símbolo para a esfera de consciência efetua-se, na realidade, sua ATIVAÇÃO ENERGÉTICA: a “energia psíquica”, ou energia com que a potência ativou o símbolo, é tão maior quanto maior seja a referência a si mesmo da Relação pensada; mais adiante se explicará a origem “propulsora” de tal referência”. Analogamente, a energia psíquica **(Ep)** vai DIMINUIR no sentido do eixo **(0z)**, com o qual tem correspondência conceitual.

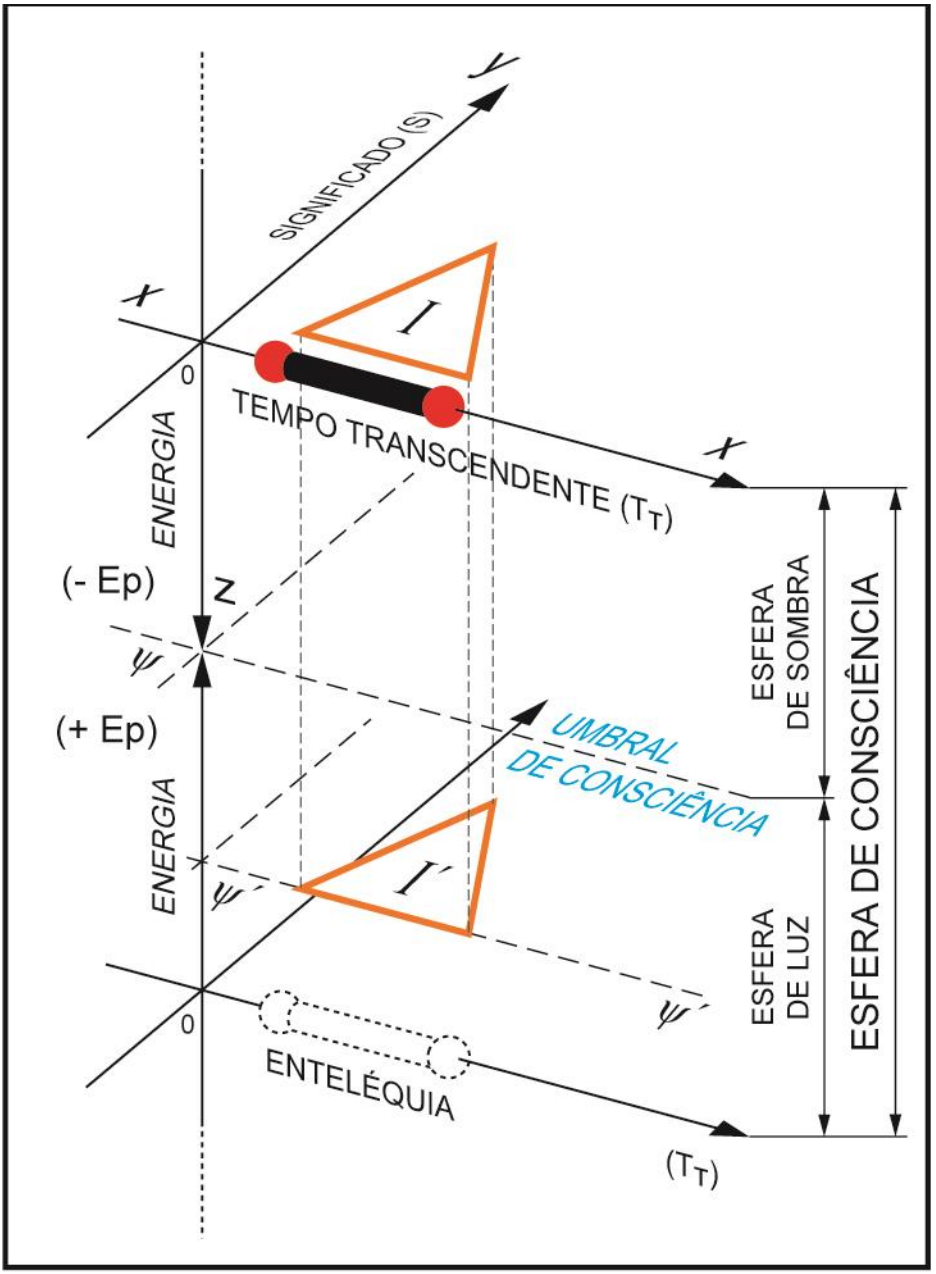

SIGNIFICADO (S)
Y
X
0
ENERGIA
(- Ep)
Z
Ψ
(+ Ep)
ENERGIA
Ψ
I
TEMPO TRANSCENDENTE (TT)
X
I´
UMBRAL
DE CONSCIÊNCIA
ESFERA
DE SOMBRA
ESFERA
DE LUZ
ESFERA DE CONSCIÊNCIA
Ψ´
0
ENTELÉQUIA
(TT)

FIGURA 21

Expor o conceito de “pensamento consciente”, de tal modo que justifique a “expressão energética” requererá ainda de várias definições e comentários. Observemos por um momento a figura 21, onde se representou o caso no qual o símbolo da figura 20 dispôs de suficiente energia para trasladar-se à esfera de consciência: o símbolo I, situado SOBRE o sistema pensado, TRANSITOU PELA ESFERA DE CONSCIÊNCIA ATÉ A ESFERA DE LUZ E MANIFESTOU-SE ALI COMO I’. Os seguintes comentários explicarão tal ação.

Primeiro – Nas figuras 20 e 21, a esfera de consciência estende-se “como espaço analógico de representação”, além do plano horizontal **(yx).** No nível de dito plano encontra-se o sistema **xx** QUE FORMA PARTE DA ESTRUTURA CULTURAL. Mas, segundo dissemos em outra parte, a estrutura cultural é um substrato das esferas afetiva e racional, NAS QUAIS ENCONTRA-SE IMERSA; dissemos também: “no profundo”, “perto da memória arquetípica”, etc. Raciocinemos agora do seguinte modo: se a estrutura cultural se encontra “no profundo” das esferas afetiva e racional, então imediatamente ALÉM dela encontra-se a extensão destas esferas; mas acabamos de saber que ALÉM da estrutura cultural, quer dizer, além do sistema **xx**, estende-se a esfera de consciência. É evidente, então, que a esfera de consciência e as esferas afetiva e racional estão COMPENETRADAS ENTRE SI além de qualquer plano de significação. O problema é: até onde chega a tríplice compenetração das esferas psíquicas? Resposta: até o UMBRAL DE CONSCIÊNCIA. O umbral de consciência, com efeito, marca o limite da compenetração: a partir do umbral **Ψ** está a "esfera de luz", na qual há “pura consciência”, pois constitui-se o assento do sujeito consciente.

Agora, podemos explicar a origem do nome “esfera de luz”. Analogamente, convém considerar a esfera de consciência como formada por DUAS ESFERAS concêntricas e consecutivas, semelhantes a duas capas de uma cebola. A primeira é a que vai desde o plano horizontal **(yx)**, figura 21, até o umbral de consciência **Ψ**, quer dizer, à região à qual recentemente atribuímos tríplice compenetração; a esta região denomina-se ESFERA DE SOMBRA. A segunda é a que se estende desde o umbral de consciência **Ψ** até a superfície exterior da esfera de consciência, à qual chamamos “esfera de luz”.

Em resumo, a esfera de consciência apresenta uma região inferior ou “esfera de sombra”, que é comum às esferas afetiva e racional, e uma região superior ou “esfera de luz”, que é a única na qual pode haver “pura consciência”.

Segundo – Sendo que a estrutura cultural está IMERSA nas esferas afetiva e racional, por derivação de tal fato, costuma-se designar com acerto que determinado símbolo “EMERGIU PARA A CONSCIÊNCIA”. Com o mesmo critério diremos que a translação de I a I’ é a “EMERGÊNCIA DE I”.

Esta alegoria far-se-á mais patente se supomos que o “umbral de consciência” é análogo a uma SUPERFÍCIE LÍQUIDA: sob ela está a esfera de sombra e, mais abaixo ainda a estrutura cultural. Assim, todo símbolo que se torna consciente deve EMERGIR da dita superfície líquida, como esses peixes voadores que costumam SURGIR ante a nossa vista surpreendida, para depois afundar-se novamente na negrura do mar.

Terceiro **-** O esquema do sistema **xx** é a verdade de um ente. Ao ser “pensado”, sua potência o faculta para manifestar um relevo sobre um plano de significação horizontal. Tal relevo é o significado que fundamenta ao pensamento, o qual, por ser um termo psíquico, tem indubitável natureza sêmica. Por isso, empregamos um SÍMBOLO (I), nas figuras 19, 20 e 21, para representar o relevo significado pelo sistema **xx**. Pois bem, quando o sistema **xx** é pensado sobre um plano de significação, da verdade do ente só será vivenciado um “conceito”, quer dizer, uma fatia do esquema sêmico; ver figuras 14, 15 e 16. Portanto, o símbolo I da figura 19 foi manifestado por

um “conceito” do sistema **xx** e cabe perguntar: que relação existe entre o símbolo I (relevo significado pelo pensamento) e o conceito **xx** do qual procede? Resposta: o símbolo I é a IMITAÇÃO do conceito **xx**, sua RÉPLICA.

Esta resposta, desde já, apresenta novas interrogações. Por exemplo, como há que se entender tal imitação simbólica? O sinal I é idêntico? Semelhante? Ou igual ao conceito **xx**? Vamos responder por partes a tais interrogações. Em primeiro lugar o sinal I, e em geral qualquer relevo significado, é IGUAL ao conceito **xx**, no sentido que tem HOMOLOGIA DO MODO ESTRUTURAL: se não existisse igualdade, o símbolo I poderia significar algo diferente do conceito **xx**; mas nesse caso não seria um relevo significado o conceito **xx**, pois este só pode significar o que o conceito significa; o absurdo desta possibilidade demonstra a necessidade de que todo relevo significado seja igual (homólogo) ao conceito que significa.

Por outro lado, é evidente que uma coisa é o símbolo I e outra o conceito **xx**; ou seja: ainda que semiologicamente iguais, ambos os elementos não são idênticos, têm algumas diferenças entre si. As principais são as diferenças de dimensão, que se tornarão claras após recordar as determinações do conceito **xx**. Comecemos pela Relação **xx**: esta possui extensão, compreensão e potência. O conceito **xx** tem igual extensão, mas menor compreensão que a Relação **xx** que traduz, por isso, analogamente, enquanto a Relação **xx** se representa como uma barra cilíndrica, o conceito é só uma fatia de dito cilindro (figura 16). A compreensão de uma Relação é análoga ao volume do cilindro, de maneira que a menor compreensão do conceito se expressa no menor volume da fatia: sendo iguais em extensão, conceito e Relação, O MENOR VOLUME É FUNÇÃO DA ESPESSURA DA FATIA. A menor compreensão, há que ter presente, indica que o conceito só pode expressar um aspecto da verdade do ente. Com outras palavras, a compreensão de uma Relação expressa ainda quão apto é seu esquema para conter a verdade o ente, quão perto estão suas qualidades simbólicas de coincidir com o desígnio; a menor compreensão do conceito causa que algumas de tais qualidades ou notas fiquem excluídas do seu significado, que o conceito expresse “um aspecto da verdade do ente”. Só indo ao profundo do conceito, ao núcleo conotativo, é possível perceber a verdade sob outro aspecto, com novas qualidades não compreendidas até este momento: mas para isso é necessário NOTAR O SIGNIFICADO EM OUTRA LINGUAGEM, QUER DIZER, EM OUTRO PLANO DE SIGNIFICAÇÃO.

Consideremos agora o símbolo I, manifestado pela potência do conceito **xx**. Ambos os elementos são semiologicamente “iguais”, ainda que difiram em suas dimensões. Se temos em conta que o símbolo I, da figura 19, é efeito do CONCEITO **xx**, temos que concluir que tanto a extensão como a compreensão do conceito estão igualmente presentes no símbolo I: a extensão do conceito, com efeito, é denotada no símbolo I pela DURAÇÃO durante a qual se manifesta no pensamento. A compreensão do conceito é função da espessura da fatia e igual ao volume desta: podemos convir em que a espessura do símbolo, e seu volume, são iguais aos do conceito-fatia.

A extensão do conceito é igual à duração do símbolo; a compreensão do conceito é igual à compreensão do símbolo. Quais são, pois, as diferenças de dimensão que impedem que conceitos e símbolos sejam idênticos? Resposta: a diferença radica nas dimensões potência e conotação. A potência do conceito é CAUSA da manifestação do símbolo que o imita; por isso o símbolo I não possui potência senão ENERGIA, quer dizer, movimento e direção (para a consciência). E o símbolo I, ou qualquer relevo significado equivalente, não possui conotação, uma vez que só existe em seu plano de significação horizontal.

Em síntese, o símbolo I é SEMELHANTE ao conceito **xx** que o produziu. Não é “idêntico” porque o símbolo I é um relevo que só existe no plano de significação

horizontal que nivela o seu contexto significativo, enquanto o conceito possui um núcleo conotativo que é comum a muitos outros planos e significação oblíquos. Também se diferencia em que, enquanto o conceito é parte de uma conexão estrutural que lhe impede de ter "movimento", o símbolo I tem "movimento" e "direção", enquanto tal energia lhe baste para subsistir no pensamento ou nas esferas psíquicas. Apesar destas diferenças, o símbolo I é semelhante ao conceito porque é estruturalmente homólogo a este; em geral, todo símbolo produzido pela potência de um conceito, a sua imitação, é homólogo com ele, quer dizer, possui o mesmo modo estrutural.

Cabe destacar que quando o conceito **xx** manifesta um símbolo **(I)**, que o imita estruturalmente, comporta-se de maneira análoga a um ÁCIDO NUCLÉICO. O ARN ou ADN, com efeito, possui mensagem (ou "CONCEITO") codificado segundo a distribuição dos NUCLEOTÍDEOS que unem as cadeias AÇÚCAR-FOSFATO da estrutura molecular em dupla hélice. Analogamente à produção de **(I)** pelo conceito-fatia **xx**, o ácido nucléico é também capaz de REPLICAR sua mensagem em outra molécula que o imite estruturalmente.

Quarto **-** O símbolo **I**, e todo símbolo equivalente, denomina-se "REPRESENTAÇÃO RACIONAL" de um conceito.

O símbolo **I'**, e todo símbolo que emerge na consciência, se denomina "REPRESENTAÇÃO CONSCIENTE" de um conceito.

Quinto **–** Temos que perguntar agora: o que é uma IMAGEM MENTAL? Resposta: **1º** - TODA REPRESENTAÇÃO QUE EMERJA À CONSCIÊNCIA, OU SE ENCONTRE EM TRÂNSITO PARA ÉSTA, É PERCEBIDA COMO "IMAGEM". **2º** - "imagem" é, também, o produto da FANTASIA. No que resta deste artigo só nos ocuparemos das imagens originadas na estrutura cultural, quer dizer, das representações conscientes, tais como o símbolo **I'** da figura 21; no seguinte artigo se explicará a origem das fantasias.

Há que se analisar, pois, a resposta "**1º**" para compreender seus alcances. Em primeiro lugar, nos diz que TODO SÍMBOLO QUE ABANDONE A ESTRUTURA CULTURAL, e se dirija para a consciência, É UMA IMAGEM; mas não nos diz que "TODOS" os símbolos que se manifestam "SOBRE" a estrutura cultural sejam emergentes. E não nos diz isto porque só algumas representações racionais, e não todas, possuirão suficiente energia para emergir e tornar-se conscientes. Quais, de todas as representações racionais possíveis, transitarão para a consciência e serão percebidas como imagens? Esta pergunta é equivalente àquela que fizemos no começo: quando um pensamento, ALÉM de racional, é "consciente"? E a resposta é a mesma para as duas: quando na potência da Relação pensada, existe uma referência a si mesmo, então a representação racional é impulsionada a mover-se para a consciência, sendo percebida como imagem sêmica do conceito que significa.

Recordemos do que depende que os elementos da estrutura cultural estejam ou não referidos a si mesmo: a referência provém do descobrimento de si mesmo, fato que marca o nascimento da "consciência" como um sujeito histórico do microcosmo; a partir deste fato começa a estruturar-se um "esquema de si mesmo", ou esfera de consciência, com elementos procedentes da estrutura cultural, quer dizer, com representações conscientes. Estão, pois, referidos a si mesmos todos os esquemas de entes, tanto entes internos como entes externos, que sejam "históricos" para o microcosmo. Mas NÃO estão referidos a si mesmo os ESQUEMAS PRÉ-HISTÓRICOS, quer dizer, os que foram estruturados antes do descobrimento de si mesmo, e tampouco o estão os ESQUEMAS NÃO HISTÓRICOS, quer dizer, os esquemas de Princípios. Estes esquemas, assim como os Princípios, só produzem "REPRESENTAÇÕES RACIONAIS PURAS", sem referências a si mesmo e, portanto, não dirigidas à consciência.

Toda representação racional pura possui sempre energia mínima, insuficiente para abandonar a estrutura cultural, o plano de significação, e dirigir-se para a consciência como imagem. Pelo contrário, as representações racionais produzidas por esquemas com potência referida a si mesmo sempre possuem energia suficiente para tentar a emergência. Tal diferença de energia nas representações racionais é causada, segundo se disse, porque a potência de uns esquemas está referida a si mesmo e em outros não: O PORQUÊ DE A potência REFERIDA A SI MESMO, PRODUZIR MAIS ENERGIA NA REPRESENTAÇÃO QUE UMA potência PRÉ-HISTÓRICA OU NÃO HISTÓRICA, HÁ QUE DE BUSCÁ-LO NO "EFEITO CHOCANTE" QUE O DESCOBRIMENTO DE SI MESMO, E TODA ALUSÃO A ELE, CAUSA NO MICROCOSMO. No seguinte comentário, veremos com detalhes a causa de tal "efeito chocante".

Sexto **–** A esfera de consciência e a "consciência", se constroem, com efeito, a partir de um primeiro choque do microcosmo, desse primeiro contato com o desígnio de si mesmo, que revela à intuição a possibilidade de autonomia do microcosmo. A possibilidade que tem o pasu de chegar a ser um microcosmo autônomo subjaz na potência de seu desígnio: o descobrimento do desígnio de si mesmo permite intuir, em um relâmpago que estremece todas as esferas, tal possibilidade potencial de autonomia; essa intuição eterna foi batizada tardiamente com o nome de LIBERDADE. Essa intuição "desperta", metaforicamente falando, à potência microcósmica: a possibilidade de autonomia, que se encontra em gérmen, é então irreversivelmente incitada a desdobrar-se e a maturar em si mesma. Surge assim um primeiro símbolo, reflexo primitivo de si mesmo, que se situa ALÉM da estrutura cultural, em uma posição hierárquica que determina todas as futuras referências do conhecimento. Mas esse símbolo, ao qual se estruturam os posteriores elementos do esquema de si mesmo, surgiu como produto de um choque primordial que não pode ser deixado de lado nem esquecido. O esquema de si mesmo é "memória representativa" e a primeira representação que memoriza corresponde a uma experiência cuja impressão dilacerante jamais poderá ser superada por outras experiências posteriores. Há, pois, uma DOR ORIGINAL, submerso na esfera de consciência, que perdura em toda sua história e constitui o fundamento da CENTRALIDADE referencial de que a faz objeto a razão. Por isso, a "vontade instintiva" que leva a razão a funcionar, quando interpreta os desígnios descobertos e os refere a si mesmo, a um "centro" de si mesmo mudado permanentemente, introduz uma determinação perturbadora na potência dos esquemas. E esta determinação da potência é o que faz possível a certas representações racionais emergirem para a consciência.

O descobrimento de si mesmo, a intuição da possibilidade de autonomia microcósmica, o surgimento da esfera de consciência pela representação dessa intuição chocante, e o desdobramento irreversível da potência microcósmica que tende a concretizar sua autonomia ou "objetivo microcósmico da finalidade", são todos aspectos de uma mesma causa inevitável". Por esta causa o pasu não "poderá evitar" a consciência: não é possível gerar nenhuma força no microcosmo capaz de opor-se e "anular" a esfera de consciência, pelo contrário, toda ação da vontade instintiva, toda operação da razão, faz "crescer" o esquema de si mesmo, dá mais compleição à esfera de consciência. Em suma, NADA HÁ DE MAIS OPOSTO À CONSCIÊNCIA DO QUE A "INDIFERENÇA".

A intuição da possibilidade de autonomia microcósmica É O PRINCÍPIO DE UMA "AUTO-INDIVIDUAÇÃO CONSCIENTE"; sua nota principal é a DIFERENÇA, evidente e indubitável, entre si mesmo e o mundo, entre micro e macrocosmo. Desta DIFERENÇA surge a consciência e por isso em toda representação consciente NÃO PODE EXISTIR A INDIFERENÇA DE SI MESMO. Tal como veremos mais adiante, na

IDEIA, objeto do sujeito consciente, há uma PRIMEIRA INTENÇÃO ou DIREÇÃO para si mesmo que constitui a DIFERENÇA REAL com o sujeito.

Tenhamos presente que, à medida que a esfera de consciência "cresce", o SUJEITO CONSCIENTE radica nela seu pensar e tenta desde ali exercer o controle total da estrutura psíquica. O sujeito "na" esfera de consciência é a manifestação mais elevada da alma do pasu, a qual intuiu a possibilidade de autonomia e procura concretizá-la, situando-se na posição mais favorável. Tal lugar, desde onde todo pensamento visa e contribui para a individuação, pode ser entendido analogicamente como "a camada exterior da esfera de consciência", ou seja, a esfera de luz além de **Ψ**, na figura 21. Em resumo: além do umbral de consciência, onde têm lugar as representações conscientes, está a "esfera de luz", ASSENTO DO SUJEITO CONSCIENTE. Este é quem apreende as representações conscientes ou outro tipo de objetos ideais e quem, também e principalmente, é capaz de promover o pensamento DESDE a esfera de consciência.

Sétimo – Examinemos agora o trânsito de **I** a **I'**, quer dizer, a emergência de I simbolizada na figura 21. A potência ativa da Relação **xx** dotou o relevo significado I de suficiente energia para emergir na esfera de luz. As notas principais da energia psíquica, segundo vimos no artigo "Esquema de si mesmo e energia psíquica", são "o movimento", "a direção" e "a intensidade". O movimento, no caso das representações conscientes, foi equiparado analogamente com a ação de EMERGIR. Falta-nos, pois, interpretar "a direção" e "a intensidade" que a potência ativa imprime à energia de uma representação consciente.

Já sabemos por que a potência "dirige" a representação de um esquema histórico para a esfera de consciência: porque existe, na potência, a determinação de uma referência a si mesmo. Com base nisto, vamos denominar INTENÇÃO toda direção da energia psíquica e PRIMEIRA INTENÇÃO a direção até a esfera de consciência. Podemos dizer, assim, que I "emerge para a esfera de luz guiada por sua primeira intenção".

Emergência e intencionalidade são, então, duas notas energéticas de toda representação consciente.

Pois bem: que uma representação intencionada para si mesmo "EMERJA" não significa necessariamente que vá chegar à esfera de luz, como ocorre com o símbolo **I** da figura 21. Pelo contrário, só a INTENSIDADE da energia assegura tal manifestação: se há suficiente energia, se a intenção é bastante intensa, então a representação atravessará o umbral de consciência e se fará consciente; caso contrário, permanecerá em um nível subconsciente. De que depende a intensidade da energia psíquica? Resposta: da potência ativa. Segundo o grau de choque que o descobrimento do desígnio particular, cujo esquema é **xx**, tenha causado COM RESPEITO A SI MESMO, tão INTENSA será a energia da sua representação, tão certeira será a INTENÇÃO e tão veloz será a EMERGÊNCIA.

Contudo, estas notas não servem para explicar por si só o fenômeno da representação consciente na esfera de luz. Em física, o conceito de "energia" está associado ao conceito de "RESISTÊNCIA" ou "GASTO", sem o qual aquela seria incompreensível. A "energia" não teria sentido, com efeito, sem a possibilidade do seu consumo. Se recordamos que "o conceito de energia significa a esfera de consciência" teremos que admitir que algo semelhante à RESISTÊNCIA tem que existir na esfera de consciência. E realmente existe uma OPOSIÇÃO à emergência, que consome grande parte da energia das representações: tal resistência denomina-se "OPACIDADE INTRÍNSECA" da esfera de sombra.

A opacidade intrínseca tem sua origem na tríplice compenetração das esferas de consciência, afetiva e racional, em que consiste a esfera de sombra. Daí que a

resistência DIMINUA UNIFORMEMENTE à medida que a representação se aproxima do umbral de consciência, para ser mínima após sua manifestação na esfera de luz. Não é que na esfera de luz não exista também uma resistência; o que ocorre é que, por estarem mutuamente referidas as esferas de luz e sombra, tal como se mostra na figura 21, A PARTIR DO UMBRAL DE CONSCIÊNCIA, A REPRESENTAÇÃO DEVE ENFRENTAR UMA "RESISTÊNCIA INVERSA" À OPACIDADE INTRÍNSECA"; quer dizer, a partir do umbral de consciência existe uma FACILIDADE para a emergência da representação.

Ainda que vá ser explicado em outro comentário por que isso ocorre, há que se notar aqui que, ao atravessar o umbral de consciência, uma representação tal como **I** da figura 21 passa de ter mínima energia **(-Ep)** bruscamente a ter máxima energia **(+Ep).**

Também convém perceber que o "consumo" de energia, que causa a opacidade intrínseca da esfera de sombra em toda representação emergente, NÃO SIGNIFICA DE MODO ALGUM SUA PERDA. No microcosmo potencial, como em qualquer ente físico, deve cumprir-se a lei de conservação da energia. Com respeito à energia psíquica a lei analógica seria a seguinte:

Energia total da esfera de sombra **(Eps)** + Energia total da esfera de luz **(Epl)** = Constante **(K)**

ou seja

Eps + Epl = K (5)

Como a "energia psíquica" é uma magnitude variável, a expressão analógica anterior nos diz que se uma das parcelas "diminui", a outra vai "aumentar" proporcionalmente, para que a soma permaneça constantemente igual a "K". A quantidade de energia constante **"K"** varia, naturalmente, de um pasu a outro. Em um pasu particular, por exemplo, raras vezes pode ser alterado o valor de **"K",** de maneira significativa, ao longo da vida, pois depende fundamentalmente de fatores genéticos hereditários e em menor grau da evolução que possa conseguir o sujeito anímico. Só o virya, tal como veremos na segunda parte, é capaz de desequilibrar a lei de conservação da energia psíquica e receber uma contribuição ilimitada de energia por meio do Vril.

Um símbolo emergente NÃO PODERIA AFETAR MAIS QUE A UMA PARCELA POR VEZ, DAS PARCELAS DE (5), uma vez que transite primeiro pela esfera de sombra e logo pela esfera de luz, nessa ordem. Isto quer dizer que a energia que o símbolo "perde" por causa da opacidade intrínseca, na realidade é absorvida pela esfera de sombra e armazenado nela. Resulta, então, que a diminuição de energia do símbolo é só uma "transformação interna" da esfera de sombra que NEM SEQUER AFETA O VALOR DE **Eps**, quer dizer, a energia total da esfera de sombra.

Oitavo – Sabemos que, durante sua emergência, todo símbolo se "dirige" para a esfera de luz. A "direção" é uma nota da energia psíquica à qual chamamos "intenção": a "primeira intenção" de uma representação a dirige para a esfera de consciência ou, mais concretamente, à camada superior da esfera de consciência, para a esfera de luz. O que determina esta "direção" na energia do símbolo? A "referência a si mesmo" da potência ativa. Nesse comentário vamos explicar analogicamente a "referência a si mesmo" para demonstrar que a mesma, na realidade, se compõe de duas "referências" básicas: uma "racional" e outra "emocional". Começaremos, pois, por expor as definições análogas necessárias para fundamentar tal explicação.

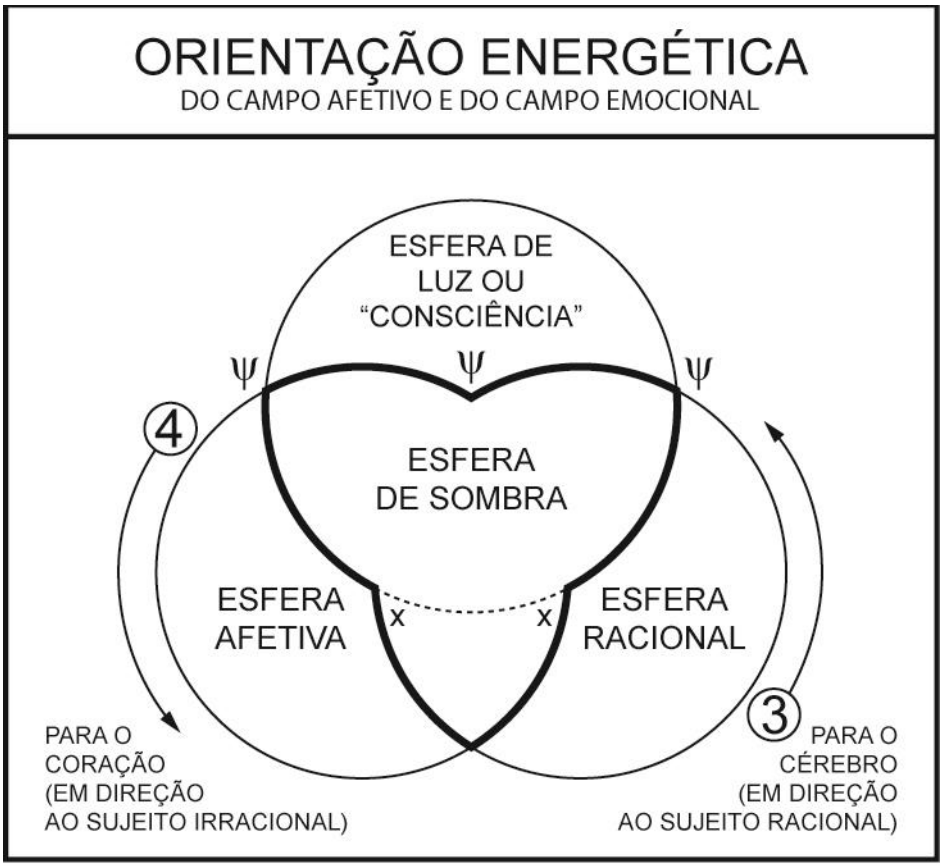


FIGURA 22

Na figura 22 se representaram as três esferas energéticas que constituem a estrutura psíquica do pasu. Na mesma se destacou a "esfera de sombra" que, segundo sabemos, se forma pela compenetração das esferas afetiva e racional; a esfera de sombra e a esfera de luz compõem, por sua vez, a esfera de consciência. Também se indicou o nível Ψ do umbral de consciência.

Vamos explicar agora uma importante definição, apoiando-nos, para sua explicação, na figura 22. Trata-se da ORIENTAÇÃO ENERGÉTICA DO CAMPO RACIONAL E DO CAMPO AFETIVO. Já sabemos que as esferas racional e afetiva devem se considerar como "espaços analógicos"; a partir daqui vamos supor que tais espaços consistem em CAMPOS ORIENTADOS, segundo a direção das flechas (3) e (4).

Isto deve-se entender assim: TODO SÍMBOLO SITUADO NA ESFERA RACIONAL, MAS FORA DA ESFERA DE SOMBRA, EXPERIMENTA UMA "FORÇA DE CAMPO" QUE O IMPULSIONA EM DIREÇÃO AO CÉREBRO; TODO SÍMBOLO SITUADO NA ESFERA AFETIVA, MAS FORA DA ESFERA DE SOMBRA,

EXPERIMENTA UMA “FORÇA DE CAMPO” QUE O IMPULSIONA EM DIREÇÃO AO CORAÇÃO. E o que ocorre NA esfera de sombra? Resposta: Por ser produto da compenetração das esferas racional e afetiva, cujos campos têm orientação inversa, A ESFERA DE SOMBRA APRESENTA UM CAMPO DE ORIENTAÇÃO NEUTRA. Com outras palavras: as orientações dos campos racional e afetivo se neutralizam no campo misto da esfera de sombra.

Em resumo, nas esferas da estrutura psíquica, em seus “espaços analógicos”, definimos um “campo orientado” que tem a seguinte propriedade: todo símbolo emergente, por efeito da “orientação de campo”, resulta “orientado” em cada esfera pela qual se desloca.

Valendo-nos da definição do “campo orientado”, vamos explicar analogicamente a “referência a si mesmo” da potência ativa.

Consideremos, por exemplo, o símbolo **I** da figura 21, que emerge para a esfera de luz. Por causa da opacidade intrínseca da esfera de sombra, o símbolo começa a perder energia desde o primeiro instante do seu movimento. Mas a esfera de sombra se compõe das esferas racional e afetiva, compenetradas entre si; a energia cedida há de se repartir, pois, de maneira proporcional entre ambas. Proporcional com respeito a que? Quer dizer, quem determina o grau de energia que há de receber cada esfera? Resposta: as referências racional e afetiva QUE CONSTITUEM A REFERÊNCIA A SI MESMO.

Resulta assim que a referência a si mesmo é UMA RELAÇÃO ENTRE DUAS MAGNITUDES VARIÁVEIS, uma racional e outra afetiva. Desde já, “variável” é uma qualidade geral, tomando em conta que as referências racionais e afetivas VARIAM de um esquema a outro; mas, em UM ESQUEMA PARTICULAR, as referências são FIXAS, características da impressão que o ente causou em cada esfera durante a transcendência de seu desígnio. Diremos então que a “referência a si mesmo” é uma FUNÇÃO das referências racional e afetiva, tal como, analogamente, dizemos: a esfera de sombra é uma FUNÇÃO das esferas racional e afetiva.

A potência ativa do conceito **xx**, ao dotar de energia o símbolo **I**, o refere a si mesmo, em função das referências racional e afetiva. A magnitude de cada referência reflete a medida que o ente afetou as esferas racional e afetiva e É EM PROPORÇÃO A TAL MAGNITUDE QUE O SÍMBOLO CEDE ENERGIA À ESFERA DE SOMBRA. Mas a esfera de sombra é um campo de orientação neutra. O que ocorre quando o símbolo **I** descarrega energia nas esferas (3) e (4) que o constituem? Resposta: desequilibra-se a neutralidade do campo misto e o símbolo **I** experimenta forças que o orientam no sentido do campo (3) e do campo (4); estas forças são também proporcionais à magnitude das referências.

Vamos distinguir três casos, (a), (b), e (c), nos quais o símbolo **I** manifesta diferentes magnitudes nas referências que determinam a direção de sua energia.

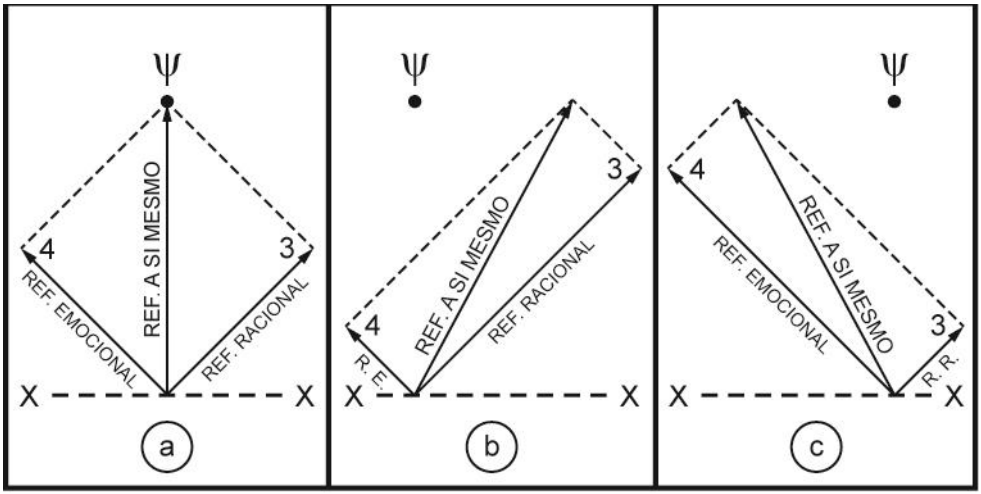


FIGURA 23

Caso **(a):** o símbolo **I** apresenta a máxima orientação para si mesmo. Na figura 23 (a), representou-se analogicamente o caso (a); ali se observa que, com efeito, a "referência a si mesmo" é uma função das referências racional (3) e afetiva (4). Também se vê que a "referência a si mesmo" consiste, corretamente, em uma direção para o umbral de consciência **(Ψ).** Mas, concretamente, qual é o caso (a)? Resposta: aquele no qual um ente externo afeta de maneira equilibrada às esferas racional e afetiva; nesse caso, as referências com que a potência ativa determina a energia de **I** são equivalentes, MAS OPOSTAS: como resultado da sua ação, a energia tem sempre uma direção intermediária, à qual denominamos, para abreviar, "referência a si mesmo".

O fato de que as referências (3) e (4) sejam OPOSTAS deve-se interpretar como que "O RACIONAL SE OPÕE AO AFETIVO" ou que "O AFETIVO SE OPÕE AO RACIONAL" ou, em consequência, que "O AFETIVO É IRRACIONAL".

A direção da energia de **I**, sua primeira intenção, é, então, uma "resultante" das referências (3) e (4). Contudo, isto não significa que as referências se tenham fundido irreversivelmente em um único movimento: EM TODA REPRESENTAÇÃO CONSCIENTE, O SUJEITO CONSCIENTE DISPÕE DA FACULDADE DE DECOMPOR A PRIMEIRA INTENÇÃO EM SEUS COMPONENTES, RACIONAL E AFETIVO, E PERCEBÊ-LOS SEPARADAMENTE.

Caso **(b):** o símbolo **I** está RACIONALMENTE DESEQUILIBRADO, segundo se indica na figura 23 (b). Este é o caso no qual a referência racional é predominante na determinação da direção energética: isso implica que a energia será cedida em maior medida à esfera racional e, portanto, QUE A FORÇA DO CAMPO RACIONAL SERÁ SUPERIOR À DO CAMPO AFETIVO. Qual é seu efeito? Resposta: O símbolo **I** não seguirá uma trajetória direta para a esfera de luz senão que se INCLINARÁ na direção da esfera racional. Se o desvio não é muito grande, o símbolo emergirá finalmente e se fará claro para o sujeito consciente, mas, observando a figura 22, comprovamos que se o símbolo se desviar suficientemente PODE SAIR FORA DOS LIMITES DA ESFERA DE SOMBRA. O que ocorre, então? Resposta: no caso (b) o símbolo **I** penetra na esfera racional e, segundo explicamos, "experimentará uma força que o orientará em direção ao cérebro". Aqui, por "cérebro", deve-se entender "o sujeito

racional", cujo assento no microcosmo é a memória arquetípica ou cérebro. No caso (b) extremo, o símbolo **I** poderia abandonar a esfera de sombra e ingressar na esfera de percepção do sujeito racional, sendo novamente esquematizado, AGORA COMO ENTE INTERNO.

Caso **(c)**: o símbolo **I** está AFETIVAMENTE DESEQUILIBRADO, tal como se observa na figura 23 (c). Este caso é exatamente o inverso ao caso (b): a referência afetiva é maior que a racional e o símbolo cede mais energia à esfera afetiva; em consequência, sua direção se desvia da esfera de luz e se "inclina" para a esfera afetiva. Da mesma forma que em (b), o símbolo emergirá se o desvio não é muito grande, mas, caso contrário abandonará a esfera de sombra e se internará na esfera emocional. O que ocorre então? Resposta: "experimentará uma força que o orientará para o coração". Mas aqui, por "coração" devemos entender SUJEITO AFETIVO, quer dizer, SUJEITO IRRACIONAL: todo símbolo situado na esfera afetiva dirige-se para o SUJEITO IRRACIONAL, CUJO ASSENTO NO MICROCOSMO SE CONSTITUI NO CHAKRA CORAÇÃO.

Que coisa é um "sujeito irracional" já foi praticamente explicado no comentário 2º do artigo "E". Ali se demonstrou que o sujeito anímico é análogo a um feixe de luz, um único feixe-sujeito que, após passar por sucessivos filtros, manifesta-se como "racional", "cultural" e "consciente". Esse feixe "racional" brota pela abertura central de uma tampa análoga ao microcosmo, que cobre uma lanterna, análoga à alma do pasu, mas, rodeando tal abertura, há outras perfurações menores pelas quais também brotam feixes de luz. ESTES FEIXES, "NÃO RACIONAIS", REPRESENTAM SUJEITOS IRRACIONAIS. Dissemos, ali, que essas aberturas secundárias correspondiam a "chakras" ou "centros", conectados com primitivos esquemas impressos na alma transmigrante.

Há, assim, no microcosmo, mais de um sujeito irracional, mas quem tem o controle dele é o sujeito anímico, racional, que se manifesta nas estruturas da psique e cujas faculdades e funções estudamos até agora. O sujeito irracional do coração, ao qual vamos denominar SUJEITO AFETIVO, é o mais poderoso de todos os sujeitos irracionais porque a ele se refere a orientação energética da esfera afetiva.

Por último, sem esquecer em nenhum momento "o que é função das referências racional e afetiva", vamos continuar atribuindo à "referência a si mesmo da potência ativa" a direção energética de toda representação.

Nono – Se a representação emerge, finalmente, na esfera de luz, tal como se vê na figura 21, será apreendida ali pelo sujeito consciente como "IMAGEM". Na verdade, toda representação consciente pode ser VISTA pelo sujeito, quer dizer, percebida como "imagem", e por isso, a esfera de luz deve ser considerada como a região da IMAGINAÇÃO.

Décimo – O conteúdo mais completo de um pensamento consciente é a IDEIA. A IDEIA, à parte de mostrar uma IMAGEM que representa o relevo significativo, revela o SIGNIFICADO ao entendimento. As representações conscientes, QUANDO SÃO APREENDIDAS PELO SUJEITO, percebem-se como "ideias", ou seja, imagem e significado: AS IDEIAS PODEM SER "VISTAS" E ENTENDIDAS[5]. Pelo contrário, as representações racionais, que ocorrem SOBRE os sistemas da estrutura cultural, NÃO SÃO, RIGOROSAMENTE FALANDO, "IDEIAS", POIS NÃO PODEM SER OBJETO DE UMA "VISÃO" EIDÉTICA POR PARTE DO SUJEITO CONSCIENTE, SE BEM QUE SÃO "ENTENDIDAS" PELO SUJEITO CULTURAL. Não obstante, para evitar

[5] A palavra **ειδος** significa visão. Em latim, a raiz VID, da qual deriva IDEIA, dá origem a VIDERE = ver. "IDEA" é, assim, "VISÃO MENTAL".

confusões, temos que denominar “ideias sem imagem” às representações racionais e “ideias com imagem”, ou simplesmente “ideias” às representações conscientes.

Décimo primeiro – A “esfera de sombra” é o que, ultimamente, os psicólogos denominaram INCONSCIENTE. Se queremos equiparar os conceitos aqui expostos com seus equivalentes da Psicologia Analítica de C. G. Jung, podemos começar por assimilar o INCONCIENTE COLETIVO PESSOAL à MEMÓRIA ARQUETÍPICA do modelo estrutural. Notamos que a “memória arquetípica” encontra-se na região mais profunda da estrutura psíquica: se observamos a figura 21, vemos ali a esfera de luz, a mais elevada região psíquica onde se manifesta o sujeito anímico; se “olhamos desde ali” para a esfera de sombra, percebemos que sob ela está a estrutura cultural, com o sistema **xx,** cujo plano de significação se nivela com respeito à esfera de luz e, mais abaixo ainda, logo se encontra a “memória arquetípica”.

Naturalmente, ao dizer “debaixo do umbral de consciência”, estamos falando em termos energéticos; por exemplo, “debaixo do plano horizontal (**xx**)” significa “debaixo de zero energia", quer dizer, na região da potência.

Décimo segundo – O mais elevado assento do sujeito é a “esfera de luz”, a qual identificamos no comentário nove como “região da imaginação”. Para o sujeito consciente é natural, com efeito, perceber representações conscientes, quer dizer, imagens, na esfera de luz. A nota principal de toda representação consciente é a CLAREZA, conceito que vamos expor em detalhes, por constituir uma chave para compreender o pensamento consciente do pasu.

Comecemos por definir o termo. A “clareza” refere-se, antes de tudo, a uma propriedade que permite DISTINGUIR uns objetos de outros e, em cada um deles, suas qualidades. Contudo, esta propriedade não pertence à esfera de luz como poderia se pensar, quer dizer, não se trata de que “uma certa luz” se derrame sobre os objetos e os torne claros, senão que depende dos próprios objetos: é uma propriedade objetiva. Naturalmente, os “objetos” que aparecem “claros” na esfera de luz são “ideias, quer dizer, imagens que emergem à consciência provenientes da estrutura cultural”. Mas uma “imagem”, para continuar com exemplo da figura 21, é só um símbolo, tal como **l’**, que emerge para a esfera de luz. O símbolo **l’** é a manifestação do conceito **xx**, sobre o plano horizontal da significação contínua, que emerge por causa da potência ativa do conceito **xx**, porque a potência está referida a si mesmo. Por isso, a substância do símbolo **l’** consiste só de energia psíquica **(Ep)**.

Pois bem, se a “clareza” da imagem é uma propriedade objetiva, e o objeto consiste só de energia psíquica, é evidente que a CLAREZA É UMA FUNÇÃO DA ENERGIA. Por esta propriedade é que é conveniente considerar a energia psíquica como uma espécie de LUZ. Então, a maior energia, mais LUZ no símbolo, e maior possibilidade de emergir para a consciência. A resistência que oferece a esfera de sombra à passagem do símbolo, a opacidade intrínseca, consome parte da energia, e agora podemos dizer: a opacidade intrínseca ABSORVE A LUZ do símbolo emergente.

Mas, se “a clareza é função da energia”, significa isso que o sujeito consciente tem que perceber a imagem “clareando” à medida que se “aproxima” da esfera de luz? Antes de responder, devemos assegurar-nos de que se compreendeu o problema. Coloquemo-lo dessa forma: se as representações racionais, quer dizer, as que ocorrem SOBRE a estrutura cultural (**I**, figura 21), são COMPLETAMENTE OBSCURAS, “sem imagem”, e as representações conscientes (**l’**, figura 21) são COMPLETAMENTE CLARAS, “pura imagem”, deve-se inferir disso que as IMAGENS vão se “clareando” à medida que se “aproximam” da esfera de luz? Resposta: desde já que NÃO. Todo mundo sabe, por exemplo, que uma representação involuntária, quer dizer, uma que surge imprevistamente na consciência, APARECE COM UM CERTO GRAU DE CLAREZA CARACTERÍSTICO: NÃO VAI SE “CLAREANDO” À MEDIDA QUE

APARECE. Isto significa que a “clareza” é uma propriedade objetiva da imagem que deve ser apreciada pelo sujeito consciente NA ESFERA DE LUZ. Em consequência, “claras”, em maior ou menor grau, SÓ PODEM SER AS IMAGENS QUE ATRAVESSAM O UMBRAL DE CONSCIÊNCIA.

A esfera de luz é a região da "imaginação”, o âmbito de manifestação das imagens conscientes e, naturalmente, o assento do sujeito consciente. Este sujeito, no pasu, não é propenso a receber percepções de imagens que não alcançaram o umbral de consciência; só a um sujeito altamente individualizado, que tenha conseguido reduzir à consciência o conteúdo da esfera de sombra, será possível perceber o trânsito da imagem desde a estrutura cultural até sua emergência na esfera de luz: os sujeitos “normais”, que estamos estudando, percebem as imagens unicamente na esfera de luz, SALVO OS CASOS DE PERCEPÇÕES ONÍRICAS, HIPNÓTICAS, ETC.

A clareza então, é uma propriedade das imagens que denota sua energia interna e que é apreciável para o sujeito desde o próprio momento em que percebe a imagem, quer dizer, desde que a representação atravessa o umbral de consciência e “aparece” ante o sujeito.

Para completar a noção de clareza há que ter em conta que uma ideia só pode ser clara quando se cumprem duas condições supostas: a primeira é “o contraste com a esfera de sombra” e a segunda “a diferença com si mesmo”. Vejamos em que consiste cada condição.

No artigo “B” do presente inciso definiu-se a faculdade tradutora do pensar racional como uma função das POTÊNCIAS ativas das Relações, que torna “horizontal” o plano de significação do pensamento ao referi-lo ao “centro de referência” da esfera de luz. Nas figuras 20 e 21 representou-se, analogicamente, o plano de significação horizontal do conceito **xx** PARALELO ao plano do umbral de consciência. Dita “horizontalidade” do pensamento significa que o sujeito consciente OLHA PARA O PLANO DE SIGNIFICAÇÃO na medida que tal plano está referido à esfera de luz. Quer dizer, o sujeito consciente “olha” sempre para a esfera de sombra, pois CONTRA ELA SE CONTRASTAM AS REPRESENTAÇÕES EMERGENTES. Toda imagem aparece desta maneira ao sujeito, mais ou menos clara COM RESPEITO À NEGRURA DA ESFERA DE SOMBRA. E esta maior ou menor clareza é o que permite, A POSTERIORI, DISTINGUIR uma imagem da outra e, em cada uma delas, suas qualidades. A clareza de uma ideia depende, assim, sem declará-lo expressamente, do negro fundo da esfera de sombra, contra o qual se contrasta toda representação consciente.

Enquanto a DIFERENÇA COM O SI MESMO, que já foi adiantada no comentário Sexto, estabelece-se por efeito da PRIMEIRA INTENÇÃO que caracteriza toda imagem. Segundo vimos, a primeira intenção é uma das notas da energia, equivalente à DIREÇÃO que guia o movimento ou emergência da imagem para si mesmo. A primeira intenção de um símbolo, a direção para si, é percebida pelo sujeito consciente como SUA EVIDÊNCIA OBJETIVA. A percepção de um símbolo na esfera de luz vai sempre acompanhada da sua certeza: o sujeito consciente jamais duvida da percepção de um objeto ideal ou de qualquer conteúdo sêmico que se faz claro na consciência.

O caso é que a DIFERENÇA que é capaz de estabelecer um sujeito consciente entre uma imagem e si mesmo, influi positivamente na clareza da ideia: a maior diferenciação da representação pelo sujeito, maior qualidade objetiva daquela e, portanto, maior clareza da sua evidência. A clareza de uma ideia supõe assim, sem declará-lo expressamente, que tal ideia é um “objeto” mais ou menos diferenciado do sujeito consciente.

Décimo terceiro – Vamos estudar agora um dos fenômenos chave do pensamento consciente, cuja formulação é a seguinte: TODO SÍMBOLO QUE EMERGE NA ESFERA DE LUZ ÁGE, FRENTE AO SUJEITO, COMO O REPRESENTANTE DE UM ARQUÉTIPO, QUER DIZER, O SÍMBOLO SE DESDOBRA EM UM PROCESSO EVOLUTIVO QUE TENDE PARA UMA PERFEIÇÃO FINAL OU ENTELÉQUIA: DURANTE DITO PROCESSO O SÍMBOLO PRENDE A ATENÇÃO DO SUJEITO.

Há que se observar que dissemos "como o representante de um Arquétipo e não como um Arquétipo"; esclareçamos isto. Por "Arquétipo", antes de tudo, entende-se aqueles paradigmas que constituem o "plano arquetípico" e à semelhança dos quais se forma a ordem do "plano material". Estes são, segundo se explicou no inciso "finalidade e suprafinalidade", os "Arquétipos UNIVERSAIS" do macrocosmo. Mas no microcosmo, ou corpo material do pasu, existe uma réplica invertida do "plano arquetípico": a "memória arquetípica" ou cérebro. A memória arquetípica está composta por "Arquétipos invertidos" que são, cada um, o reflexo dos Arquétipos universais. Tal como se expôs no inciso "Memória arquetípica e razão", os Arquétipos universais não podem ser conhecidos racionalmente, quer dizer, através da esfera sensorial e, portanto, são IRREPRESENTÁVEIS para o sujeito consciente. Não ocorre o mesmo com os arquétipos invertidos, pois as operações da razão os atualizam na estrutura cultural como "Princípios" ou "símbolos arquetípicos" de uma Relação: toda representação racional de uma Relação (por exemplo, **I**, figura 21) pode emergir como "representação consciente" (**I**', figura 21) frente ao sujeito consciente. Uma "representação consciente" conforme o já explicado longamente, é a emergência na esfera de luz da IMITAÇÃO sêmica de um conceito, quer dizer, da verdade do ente notada em uma linguagem; o que representa a representação é, então, a verdade do ente e o que "verá" o sujeito consciente, sua ideia, será a imagem do ente, a cópia do esquema que a potência ativa da Relação manifestou como relevo no horizonte da significação contínua. Mas o esquema do ente, ao qual imita a representação, é um símbolo complexo, composto de símbolos arquetípicos que representam, por sua vez, os Arquétipos invertidos da memória arquetípica. Quer dizer que uma representação consciente, a imagem de um ente vista idealmente pelo sujeito, representa na verdade o conjunto de símbolos arquetípicos que integram a subestrutura do esquema. Não é agora difícil entender que toda representação consciente, ou o símbolo em que esta consiste, REPRESENTA NA REALIDADE UM OU VÁRIOS ARQUÉTIPOS.

Mas tal representação de Arquétipos não é consciente, quer dizer, não será notada pelo sujeito consciente, porque SÓ O ESQUEMA EM SUA INTEGRIDADE ESTRUTURAL FOI INTENCIONADO PELA potência ATIVA, e não assim os símbolos arquetípicos que o compõem. Os símbolos arquetípicos, ainda que fundamentem e conformem toda imagem, permanecem submersos nela, integrados na forma total sem destacar-se; por exemplo, a imagem da roda se compõe de muitos símbolos arquetípicos: o círculo, o eixo polar, o "raio" ou rádio reto, a cor, o movimento, etc., que não são notados a menos que se efetue uma REFLEXÃO a posteriori. Contudo, a imagem da roda pode "rodar" frente ao sujeito e este só poderá detê-la fazendo uso da vontade, opondo energia volitiva à energia intencionada da imagem em movimento. A imagem de uma roda, que roda INVOLUNTARIAMENTE na imaginação, é um bom exemplo do caráter arquetípico de tal representação: o seu rodar, seu movimento, é a apreciação subjetiva do PROCESSO ENTELEQUIAL OBJETIVO, com que a imagem, símbolo arquetípico ou conjunto deles, se desdobra frente ao sujeito consciente.

Mas não é necessário que a imagem esteja em movimento para demonstrar que constitui um PROCESSO; basta apenas que permaneça na esfera de luz, que registre duração no tempo transcendente, para que o processo se desenvolva: a

persistência da imagem na imaginação implica por só esse ato a existência de um processo.

Até aqui tratamos de mostrar o fato de que toda representação consciente é um fenômeno ativo, dono de uma dinâmica própria que compete em força com o sujeito consciente. Examinemos agora a causa de tal fato valendo-nos da figura 21.

Vemos nela parte do desenvolvimento analógico de um pensamento consciente (o desenvolvimento completo se estudará no próximo artigo). Em um primeiro momento o pensamento ocorre SOBRE a estrutura cultural. O sujeito cultural vivencia a Relação **xx** e nota o significado no contexto significativo de uma linguagem. Entende assim a verdade do ente como conceito **xx**, o qual se representa racionalmente no plano de significação horizontal (**xx**). O símbolo **I** é a representação racional que imita o conceito **xx**, quer dizer, que é homólogo a este. Mas, **I** é uma manifestação energética da potência ativa e suas notas são: a emergência (movimento), a primeira intenção (direção para a esfera de luz) e a intensidade.

Se a energia é suficiente, toda representação racional pode emergir para a esfera de luz. Na figura 21, percebe-se, projetada com linhas pontilhadas, a emergência de **I**. Há que se notar, neste momento, que durante o trânsito pela esfera de sombra (ou **Ψ)** a energia de **I** vai diminuindo devido à resistência que lhe opõe a opacidade intrínseca. O MÍNIMO valor de uma energia **(-Ep min.)** é alcançado no nível **Ψ** do umbral de consciência, ao qual, contudo, atravessa: toda a energia com que a potência ativa havia dotado a **I**, energia referida intencionalmente a si mesmo, se consumiu no trajeto **(**ou **Ψ)**, quer dizer, foi cedida à esfera de sombra, de acordo com a lei de conservação da energia, estudada no comentário Sétimo.

Chegamos assim ao momento em que ocorre a TRANSIÇÃO ENERGÉTICA de toda representação consciente: o instante em que o símbolo cruza o umbral de consciência. O fenômeno é o seguinte: antes do umbral de consciência, no último espaço da esfera de sombra adjacente a **Ψ**, o símbolo **I** possui mínima energia **(-Ep min.)** e máxima inércia emergente; depois do umbral de consciência, no primeiro espaço da esfera de luz adjacente a **Ψ**, o símbolo **I'** possui máxima energia **(+Ep máx.)**. Ao atravessar o nível **Ψ** do umbral de consciência ocorreu, pois, uma importante "transição energética" no símbolo **I**.

Para compreender este fenômeno devemos recordar a "expressão energética do pensamento do pasu": **W. Tt = Ep.** Esta expressão nos diz, em primeiro lugar, que "a energia **(Ep)** é função da potência **(W)"**, e, em segundo lugar que “A potência PODE SE CONVERTER EM ENERGIA E A ENERGIA EM potência”. Aplicada a um símbolo, tal como **I**, a expressão energética afirma que TODA DIMINUIÇÃO DA ENERGIA DURANTE A EMERGÊNCIA DEVE REPUTAR-SE COMO UM AUMENTO DA SUA “potência” PARA RECEBER ENERGIA EQUIVALENTE.

Um símbolo emergente possui, pois, “potência ativa”, ainda que em forma INVERSA a uma Relação. A potência ativa da relação é POSITIVA, capaz de dotar por si mesma o símbolo de energia suficiente para emergir: a energia do símbolo provém de uma manifestação atual da potência ativa. Pelo contrário, a potência ativa do símbolo emergente é NEGATIVA, produto da diminuição de energia que cedeu à esfera de sombra durante o trânsito até **Ψ**: a potência ativa negativa de um símbolo predispõe este a TOMAR a energia faltante. E é esta potência, redobrada no símbolo emergente, que o impulsiona desenvolver um processo entelequial e que causa a transição energética de **(-Ep min.)** a **(+Ep máx.)**.

Quando o símbolo **I** encontra-se no nível exato de **Ψ**, quer dizer, no plano do umbral de consciência, SUA ENERGIA É: ZERO, E SUA potência: MÁXIMA. Ao concluir a esfera de sombra desaparece a opacidade intrínseca e o símbolo deixa de perder energia; ao penetrar na esfera de luz sua potência o predispõe para TOMAR

energia. De onde a TOMA? Resposta: da esfera de luz, quer dizer, da consciência. Mas tal restituição de energia não se efetua progressivamente, de maneira análoga à paulatina perda de energia experimentada na esfera de sombra; pelo contrário, ao atravessar o umbral de consciência, o símbolo TOMA DE UMA SÓ VEZ TODA A ENERGIA QUE LHE DEMANDA A SUA potência NEGATIVA: por isso toda representação consciente "APARECE" COM "CLAREZA" ANTE O SUJEITO. Mas nesta "aparição", o símbolo dispõe agora de energia própria e tenta desdobrar frente ao sujeito aquilo que leva em gérmen por trás da forma simbólica.

Da potência com que um símbolo atravesse o umbral de consciência depende a região da esfera de luz na qual há de se manifestar. O símbolo **I',** por exemplo, se estabiliza frente ao sujeito consciente no nível **Ψ'** (ver figura 21). O nível de estabilização de toda representação consciente se alcança em um só movimento que começa na estrutura cultural; na figura 21, isto significa que o símbolo **I** emerge desde o plano de significação até o nível **Ψ'** EM UM SÓ MOVIMENTO, progressivo até **Ψ** e brusco até **Ψ'**: NO NÍVEL DE ESTABILIZAÇÃO TERMINA A EMERGÊNCIA E COMEÇA O PROCESSO.

A estabilidade de uma representação é vivenciada pelo sujeito como a "aparição" da imagem, como um símbolo que de repente emerge e se faz claro na consciência. Mas tal estabilidade não indica quietude, senão que assinala só uma mudança na atividade do símbolo: a partir dali começa um processo entelequial que pode prender completamente a atenção do sujeito, a menos que este disponha de suficiente energia, ou seja: vontade, para contra-atacar.

Na segunda parte destes "Fundamentos…", ao estudar a Ética Hiperbórea, será considerado de importância capital, e com base nisso, se desenvolverá toda uma tipologia humana, o momento da estabilização do símbolo na consciência. Por isso, convém antecipar agora que ao "aparecer" o símbolo frente ao sujeito, se estabelece entre ambos uma TENSÃO DRAMÁTICA; nesse caso o pasu só atina a reagir de uma maneira que lhe é característica. Contudo, após o encadeamento dos Espíritos Hiperbóreos, existem três tipos de homens sobre a Terra: o pasu, o virya e o Siddha. Particularmente o virya, que pode ser "perdido" ou "desperto", exibe reações diferentes à do pasu. Uma tipologia baseada na atitude do sujeito consciente frente a um SÍMBOLO SAGRADO, que mais adiante se definirá, é altamente reveladora sobre o grau de confusão estratégica que apresentam os homens, em particular aqueles que procuram liberar-se do Grande Engano. E este dado é imprescindível conhecer antes de escolher uma via hiperbórea de liberação. Esta necessidade justifica amplamente o longo estudo analógico que empregamos, para tornar inteligível o funcionamento da estrutura psíquica do pasu.

Décimo quarto – O fenômeno psíquico que simbolizamos na figura 21 pode interpretar-se também do ponto de vista psicológico. Nesse caso há que se considerar que o sujeito cultural "pensou" o sistema **xx**: QUANDO O SUJEITO CULTURAL SE REFERE NO SISTEMA **XX** AO CONTEÚDO DO PENSAMENTO DENOMINA-SE "JUÍZO SINTÉTICO A PRIORI". Mas referir-se a um sistema equivale, segundo já vimos, a notar O CONCEITO DE UMA RELAÇÃO ENTRE PRINCÍPIOS; quer dizer: a faculdade tradutora permite ao sujeito cultural NOTAR A RELAÇÃO COMO "CONCEITO", NO CONTEXTO SIGNIFICATIVO DE UMA LINGUAGEM. É o significado que fundamenta o pensamento é um "relevo no horizonte da significação contínua", ou, sinonimamente "um símbolo manifestado no plano de significação horizontal"; este último corresponde à representação racional **I** da figura 21. Pois bem: o símbolo **I**, que é homólogo ao conceito **xx**, o DENOTA em todo momento, ainda quando emerja à consciência, MAS NOS TERMOS DA LINGUAGEM CONTEXTUAL. É assim que o

símbolo **I** É SEMPRE UMA EXPRESSÃO CONCEITUAL, A POSTERIORI, DO JUÍZO SINTÉTICO A PRIORI EM QUE CONSISTE O PENSAMENTO DO SISTEMA **XX**.

Todo símbolo ou representação que emerge à consciência é significativo em uma linguagem contextual. Com outras palavras: todo símbolo, tal como **I**, denota um conceito, tal como **xx**, ainda aqueles símbolos que representem um MITO e cujas linguagens contextuais, segundo se verá mais adiante, são completamente desconhecidos para o sujeito. Em resumo: um "julgamento sintético a priori", referido pelo sujeito cultural, transforma-se em um símbolo conceitual representativo, ou PROPOSIÇÃO, para o sujeito consciente. Do ponto de vista do sujeito consciente, o símbolo **I´**, além de representar uma imagem, denota o significado do conceito **xx** na linguagem contextual do plano horizontal **(yx)**.

No símbolo **I´**, então, há uma PROPOSIÇÃO IMPLÍCITA NO SIGNIFICADO DENOTADO. O sujeito consciente, por causa da barreira energética do umbral de consciência, "vê" com clareza só a imagem **I´**, e percebe seu significado em forma proposicional, ignorando a princípio a forma original do julgamento sintético. Naturalmente, a forma proposicional do significado é adequada para a expressão sociocultural que exige o objetivo macrocósmico da finalidade: COMUNICAR o significado aos membros da comunidade cultural e COLOCAR o sentido nos entes. Mas a vantagem que a forma proposicional implica para o objetivo macrocósmico, transforma-se em desvantagem do ponto de vista gnosiológico, para o objetivo microcósmico da finalidade. Isto se fará patente quando percebamos que A FORMA PROPOSICIONAL DO SIGNIFICADO DE TODA REPRESENTAÇÃO É UMA DESCRIÇÃO ANALÍTICA A POSTERIORI DO JUÍZO SINTÉTICO A PRIORI.

Toda proposição, com efeito, DESCREVE, nos termos de uma linguagem, o julgamento sintético referido, quer dizer, O ESQUEMA DO ENTE. Recordemos que a constituição do esquema em nenhum momento foi analítica, senão, pelo contrário, puramente sintética: o desígnio revelado à razão FOI APLICADO SOBRE A MEMÓRIA ARQUETÍPICA E, de tal confrontação, surgiu a atualização de um ESQUEMA ESTRUTURAL SINTETICAMENTE INTEGRADO, NÃO DECOMPOSTO EM NENHUM MOMENTO. Só a limitação evolutiva do sujeito cultural causa que, a posteriori, o esquema seja notado em UMA linguagem e que a "vivência" do esquema, o julgamento sintético a priori, seja DESCRITO CONCEITUALMENTE: só então se produz a decomposição analítica do esquema do ente, sua "forma proposicional". Já sabíamos, digamos, "estaticamente", que todo conceito é parte do esquema, ou seja, um SÍMBOLO INCOMPLETO; agora vemos, "dinamicamente", que toda representação supõe um significado proposicional do conceito que significa e que, por isso, é também um símbolo incompleto. Daí a desvantagem visada: ao ignorar o julgamento sintético a priori, ao racionalizar sua intuição, o sujeito consciente só dispõe de uma mera descrição conceitual como fundamento significativo da representação consciente, o que constitui uma grave variedade de daltonismo gnosiológica.

Para mostrar de maneira clara a imprecisão que a forma proposicional do significado introduz no pensamento, consideremos o sistema **xx** já estudado. O mesmo consiste em um par de Princípios opostos e de uma Relação ou esquema do ente; no esquema existe, "como símbolo arquetípico", uma réplica dos Princípios Relacionados. Quando o sujeito cultural "vivencia" o sistema **xx** ocorre o julgamento sintético a priori mas, imediatamente, tal vivência é racionalizada pela faculdade tradutora e do sistema **xx** só é notado o conceito **xx** em uma linguagem contextual: mas o conceito **xx** É PARTE DA RELAÇÃO e não inclui, pela sua potência passiva, os Princípios. A representação do conceito **xx**, sob sua forma proposicional, só denotará ao sujeito consciente UMA PARTE DA RELAÇÃO, ou esquema do ente, COM EXCLUSÃO ABSOLUTA DOS PRINCÍPIOS QUE CONECTAVAM E SUSTENTAVAM O ESQUEMA

NA ESTRUTURA CULTURAL. Mas ao abstrair o esquema de seus suportes principais, a Relação perde seu caráter de conexão e é intuída individualmente, não como o esquema do ente senão como o próprio ente: daí que a descrição linguística que supõe o conceito consista em uma análise semiótica, quer dizer: uma análise semiótica do conceito **xx** TOMADO COMO O TODO DO ENTE. Fica claro, pois, que uma decomposição semiótica do conceito, com vistas à sua descrição, há de ser incompatível com sua COMPREENSÃO, quer dizer, com a captação do seu volume analógico, de sua compleição sêmica. O efeito disto é a DESUBSTANCIALIZAÇÃO da Relação pela extrema abstração de que a fez o objeto da faculdade tradutora: o sujeito cultural não percebe a "Relação entre Princípios", senão o "conceito" da verdade do ente, ao que representa proposicionalmente. E o sujeito consciente percebe a forma proposicional do significado como uma descrição do ente, consistente em um conjunto de símbolos, ou propriedades, relacionados entre si de acordo com a modalidade lógica da linguagem. Mas estas "relações" da proposição são insubstanciais, pois a energia da representação CONCENTRA-SE NOS SÍMBOLOS QUE A COMPÕEM, símbolos que correspondem a primitivas propriedades do esquema: TODA PROPOSIÇÃO, ENTENDIDA ESTA COMO A DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA DO CONCEITO DE UM ESQUEMA, TEM UMA LEI ENERGÉTICA INVERSA À DO SISTEMA QUE REPRESENTA E DESCREVE.

Isto é, enquanto em um sistema os Princípios têm potência passiva, e não são notados, e sua Relação tem potência ativa e é notada, em uma proposição, os termos têm potência ativa e a relação, potência passiva. Assim, os termos, que costumam consistir em sujeitos e predicados, têm um evidente peso, uma maior substância do que as relações que os ligam.

Eis aí a desvantagem de perceber o significado como uma descrição linguística: a representação consciente, como imagem do ente, pode aparecer ante o sujeito consciente muito nítida, clara, vívida, etc., mas seu significado pode estar, por sua vez, decomposto analiticamente em uma descrição dos símbolos que constituem a imagem SEM QUE RESULTE CLARO, DE JEITO NENHUM, A VALIDADE DAS RELAÇÕES LINGUÍSTICAS QUE OS UNEM. A visão eidética do sujeito consciente, por exemplo, poderia receber a imagem do ente e abstrair suas propriedades com toda clareza ENQUANTO OPERE COM A FANTASIA SOBRE A COMPOSIÇÃO SÊMICA DA IMAGEM; mas, se reparasse na proposição, que descreve linguisticamente aquela imagem, não lhe apareceria tão clara a forma com que os termos, ou propriedades, se relacionam.

Como conclusão, há que ter presente que um conceito, diretamente referido na estrutura cultural, SOBRE a Relação, há de diferir notavelmente de sua descrição proposicional. Por isso, não se deve confundir jamais um conceito estrutural COM SUA DEFINIÇÃO LINGÜÍSTICA: o conceito, ainda quando só corresponda a um aspecto do esquema sêmico, é sempre vivenciado sinteticamente como subestrutura; sua representação, pelo contrário, o descreve analiticamente em forma proposicional, O "DEFINE" EM TERMOS DE UMA LINGUAGEM. A forma proposicional, contudo, é perfeitamente eficaz aos fins do objetivo macrocósmico. Mas não devemos esquecê-lo: A PROPOSIÇÃO, COMO EXPRESSÃO DESCRITIVA DA VERDADE DO ENTE, É TAMBÉM UM "SÍMBOLO INCOMPLETO".

G – O pasu, sujeito consciente.

No que temos estudado sobre o pasu, expusemos sempre o desenvolvimento de seu pensamento na mesma ordem em que se manifesta o sujeito anímico no microcosmo, quer dizer, na ordem da "sequência hierárquica": memória arquetípica ou estrutura cerebral, memória conceitual ou estrutura cultural, memória representativa ou esquema de si mesmo. Naturalmente, o sujeito segue tal ordem porque as estruturas

se constituem de acordo à sequência hierárquica, mas essa situação de nenhum modo se prolonga além da infância. O sujeito é a manifestação da alma nas estruturas psíquicas e, portanto, propenso a alcançar a perfeição arquetípica, a imitar o Manu, quer dizer, trata de cumprir a finalidade do pasu. Com este propósito, o sujeito se instala permanentemente nas estruturas superiores e tenta controlar desde ali a conduta do microcosmo; o objetivo, desde já, é o da finalidade, operar como sujeito consciente no esquema de si mesmo ou esfera de consciência. Teoricamente, um pasu "evoluído" deveria contar com um sujeito consciente capaz de "conhecer-se" e "conhecer", de "saber de si", "descobrir os desígnios nos entes" e "colocar o sentido". Por isso, neste artigo, seguiremos uma ordem inversa à empregada até aqui: partiremos da hipótese de que descrevemos o comportamento de um pasu exemplar, tão evoluído que a sua esfera de consciência se desenvolveu o suficiente para permitir a atividade contínua do sujeito consciente. Com tal convênio, estudaremos o pensamento consciente DESDE A ESFERA DE LUZ, quer dizer, DO "PONTO DE VISTA" DO SUJEITO CONSCIENTE.

No comentário Quinto do artigo anterior declarou-se que toda imagem mental pode proceder da estrutura cultural ou bem ser "produto da FANTASIA". Vamos explicar agora como produz o sujeito consciente as fantasias que imagina.

Para que a explicação não fique muito complexa, é conveniente começar por observar as analogias que existem na produção de imagens por parte de ambos os sujeitos. Com efeito, enquanto o sujeito cultural produz na estrutura cultural as representações que serão percebidas como imagens na esfera de luz, o sujeito consciente, de sua parte, também é capaz de produzir representações NA ESFERA DE CONSCIÊNCIA, cujas imagens são símbolos próprios do esquema de si mesmo. Quer dizer: o sujeito consciente pode gerar por si mesmo imagens na esfera de consciência, SEM QUE INTERVENHA PARA ISSO o sujeito cultural e a estrutura cultural. Tais imagens denominam-se FANTASIAS.

Assim, o sujeito consciente é capaz de perceber imagens na esfera de luz, "representações conscientes", tal como se explicou no artigo anterior, e de imaginar fantasias. Perguntar-nos-emos, então, o que é uma fantasia e que diferença tem de uma representação consciente.

Para responder à primeira dúvida, observemos o seguinte. Uma representação consciente pode emergir por duas causas: 1ª – o sujeito racional descobre o desígnio de um ente externo e o interpreta racionalmente, PRODUZINDO um esquema equivalente na estrutura cultural; se tal esquema está referido a si mesmo, uma representação do esquema do ente emergirá imediatamente para a esfera de luz, consistindo essa emergência na notícia, o conhecimento imediato, que o sujeito consciente receberá do ente externo. 2ª – o sujeito cultural percebe um sistema da estrutura cultural como vivência: tal sistema é o produto de um descobrimento antigo, quer dizer: o ente, cuja verdade se esquematizou, já não impressiona a sensibilidade do sujeito racional; contudo, ao ser vivenciado pelo sujeito cultural, SE PRODUZ uma representação homóloga do esquema, que emerge para a esfera de luz.

Com este esclarecimento, queremos destacar que toda representação consciente é sempre uma PRODUÇÃO dos sujeitos racional ou cultural. MAS O ESQUEMA DE SI MESMO, OU ESFERA DE CONCIÊNCIA, VAI SE CONSTRUINDO COM REPRESENTAÇÕES CONSCIENTES, ÀS QUAIS MEMORIZA ESTRUTURALMENTE PARA QUE CONSTITUAM "A HISTÓRIA DO MICROCOSMO".

Estes elementos estruturais "históricos" do esquema de si mesmo são os que evoca o sujeito consciente quando se "representa uma fantasia". Por isso, enquanto as representações conscientes são PRODUÇÕES SÊMICAS realizadas pelos sujeitos racional e cultural, as fantasias são REPRODUÇÕES CONSCIENTES que o sujeito consciente efetua VOLITIVAMENTE sobre o esquema de si mesmo.

A capacidade e eficácia que o sujeito consciente demonstra para produzir imagens históricas de si mesmo e perceber as representações produzidas em outras estruturas denomina-se FACULDADE DE IMAGINAR OU "IMAGINAÇÃO". Do mesmo modo como o sujeito racional é capaz de descobrir o desígnio dos entes porque dispõe de uma FACULDADE COGNITIVA RACIONAL, e o sujeito cultural pode notar a verdade do ente no contexto significativo de uma linguagem, como "conceito", graças a uma FACULDADE TRADUTORA, assim também o sujeito consciente pode "ver" a imagem do ente, ao mesmo tempo que o compreende racionalmente, porque dispõe da FACULDADE DE IMAGINAR. Mas esta faculdade não se reduz só a perceber representações de entes produzidas na estrutura cultural: o sujeito consciente pode imaginar entes conhecidos ou desconhecidos, presentes ou passados, existentes ou inexistentes, reais ou ideais, etc.; os segundos termos expressam as REPRODUÇÕES efetuadas pela fantasia.

Se a "imaginação" é a principal faculdade do sujeito consciente, a "fantasia" é seu grau superior. Frente à representação consciente de um ente, por exemplo, que o sujeito consciente percebe como imagem e significado, a fantasia pode MODIFICAR tal imagem, agregar ou tirar qualidades, e inclusive confrontá-la com outra imagem puramente ideal. Mas este exemplo nos permite perceber o caráter essencialmente VOLITIVO da fantasia. Uma representação consciente, com efeito, "aparece" frente o sujeito consciente já intencionada para si mesmo, é produto de outra estrutura, pelo contrário, a fantasia requer a ação direta do sujeito consciente para manifestar-se: é produto de sua VONTADE "sobre" a esfera de consciência. Além disso, quando a representação se estabiliza na esfera de luz e inicia seu processo entelequial, tenderá a prender a atenção do sujeito consciente, a menos que este disponha de vontade suficiente para exercer seu controle: a esta ação volitiva, necessária para DETER o processo, há que se agregar mais energia, se é que a fantasia pretende MODIFICAR a imagem do ente que representa a representação consciente.

Vamos agora à segunda pergunta: que diferença existe entre uma fantasia e uma representação consciente? À parte da diferença já visada, de que a representação é "imaginação produtora" e a fantasia "imaginação reprodutora", convém comparar os aspectos energéticos, racional e inteligíveis de uma fantasia e de uma representação consciente. No comentário "Primeiro", que segue, far-se-á um estudo comparativo entre o aspecto energético de uma representação e uma fantasia. No comentário "Segundo", explicar-se-á o mecanismo pelo qual toda fantasia acaba sendo uma imagem racional e inteligível.

Primeiro – Do ponto de vista energético, uma representação consciente "aparece" frente ao sujeito consciente quando se estabiliza, após a transição energética. Tem, então, máxima energia, dirigida a germinar e maturar seu conteúdo. No pensamento consciente há, assim, uma imagem do ente que, por estar referida a si mesmo, por sua primeira intenção, aparece como objeto evidente e indubitável: um OBJETO IDEAL, representante de um ente real, de sua verdade. A vontade do sujeito pode deter o processo ou, OPONDO SUFICIENTE ENERGIA, anular a imagem AO TIRAR DELA A ATENÇÃO: a imagem "aparece" frente ao sujeito consciente porque está intencionalmente referida a si mesmo; se o sujeito não atende VOLUNTARIAMENTE ao seu espetáculo, a imagem é impotente para manter-se em cena e DESAPARECE DO PRESENTE: fica estruturada no esquema de si mesmo como recordação histórica.

Quando o sujeito consciente REPRODUZ fantasiosamente uma imagem, esta NÃO DIFERE SÊMICAMENTE de uma representação consciente e em troca DIFERE ENERGETICAMENTE da mesma. Vejamos como é isto. O requerimento de uma imagem original, ou a evocação de uma conhecida, que o sujeito consciente procura

concretizar no esquema de si mesmo, causa a emergência da fantasia. Mas tal "emergência" é quase instantânea por ser um fenômeno que ocorre exclusivamente na esfera de consciência. Pois bem, a "aparição" atual da fantasia também se efetua, como no caso das representações conscientes, com "máxima energia"; mas, a energia das representações provém da potência ativa das Relações. Quem oferece, pois, a energia das fantasias? Resposta: a esfera de luz ou "consciência".

Para entender esta resposta, há que se recordar que a "energia psíquica" é a força que dispõe a vontade para atuar. Na estrutura cultural, o sujeito cultural, ao animar um sistema, é quem produz VOLITIVAMENTE a representação emergente. A "potência ativa" da Relação é na realidade a DISPOSIÇÃO POTENCIAL para atuar que possui o sistema vivo, animado pela alma; com outras palavras: há uma reserva volitiva da alma pronta para ser utilizada pelo sujeito conforme a disposição potencial de tal ou qual Relação particular. Recordemos que definimos as "faculdades" como "disposições" do sujeito; dissemos, por exemplo, "o sujeito cultural DISPÕE da faculdade tradutora". Pois bem, AS FACULDADES SÃO "DISPOSIÇÕES ATIVAS" DETERMINADAS PELAS DISPOSIÇÕES POTENCIAIS DAS ESTRUTURAS VIVAS. Podemos explicá-lo, também, mediante uma alegoria: digamos que, por exemplo, temos a "disposição ativa", a vontade, de trabalhar esta pedra; queremos fazer dela a representação do Führer e pensamos nessa foto, tomada em um dos "mágicos Congressos de Nuremberg": nela, o vemos descer de uma gigantesca escada de mármore, vestido com o uniforme de gala da S.A. e a capa suavemente desdobrada pela brisa; a foto pode deter para a História um dos instantes de maior glória hiperbórea de todo o Kaly Yuga: o enviado de Cristo-Lúcifer mostrando-nos o caminho da honra e a imortalidade, fazendo possível que o rosto do vil inimigo se descubra frente à nossa confusão; temos, pois, a "disposição ativa" de talhar esta pedra para retratar essa imagem de glória, tal é a nossa vontade! Mas, nos permitirá a "disposição potencial" da pedra de cumprir o nosso propósito? Não é, por acaso, demasiado pequena? Ter-se-á então que fazer uma representação em escala; e a sua porosidade? Permitirá expressar com clareza o gesto carismático do Führer? Ter-se-á que se pensar nisso; e sua dureza? Cederá ante nossos golpes modeladores? Ou nossas ferramentas são inadequadas para modelar esta pedra? Ter-se-á que ensaiar, provar a factibilidade de nosso projeto, etc.; vemos assim, que uma coisa é a "disposição ativa" para fazer, e outra a "disposição potencial" da matéria para receber a ação. Em geral, pode-se afirmar que a disposição ativa de uma faculdade está determinada pela disposição potencial da estrutura na qual se aplica; na alegoria não basta a vontade de representar o Führer NESSA pedra: há que se verificar se a pedra ACEITA a conformação proposta; se é muito pequena não se poderá empregar o tamanho natural, se é muito dura não se poderá talhar, se é muito porosa se quebrará, etc.; no final, a disposição ativa, a vontade, se ADAPTARÁ à disposição potencial da pedra, estrutura material, e surgirá uma representação do Führer; mas tal imagem estará inevitavelmente determinada pelas dimensões da pedra, pela qualidade da matéria-prima.

Do mesmo modo, a disposição ativa do sujeito cultural, sua vontade, determinada pela disposição potencial da Relação animada, sua potência ativa, produz uma representação da verdade do ente que depende inevitavelmente das dimensões do esquema. E de maneira semelhante o sujeito racional aplica sua disposição ativa, sua vontade, na memória arquetípica para atualizar os Arquétipos invertidos e construir a estrutura cultural: mas tal disposição ativa estará sempre determinada por uma "disposição potencial" dos Arquétipos para interpretar com maior ou menor fidelidade o desígnio do ente.

Considerando estes esclarecimentos, a resposta anterior não deve deixar dúvidas. A disposição ativa de sua faculdade de imaginar, permite ao sujeito

representar uma fantasia: mas tal imagem estará inevitavelmente determinada por uma "disposição potencial" da esfera de consciência, ou esquema de si mesmo, quer dizer, "estrutura de si mesmo", que é quem definitivamente contribui com a energia. Daí que a energia da fantasia provenha da esfera de luz ou "consciência". Mas pode-se completar esta resposta destacando que, se bem que a energia da fantasia é oferecida pela esfera de luz, isso ocorre PELO REQUERIMENTO DO SUJEITO CONSCIENTE, POR DISPOSIÇÃO DE SUA FACULDADE DE IMAGINAR. Mas isto já o sabíamos; de que forma completa a resposta anterior? Percebendo que as fantasias são imagens essencialmente sustentadas pelo sujeito consciente, produzidas volitivamente por si e para si; e ao estarem constituídas, como todo termo psíquico, por símbolos arquetípicos, podem chegar a desdobrar-se em processos entelequiais que têm, como nenhum outro fenômeno psíquico, a possibilidade de prender a atenção do sujeito consciente e enfraquecer sua vontade. Esta possibilidade será exposta no artigo "H".

Continuemos agora com o estudo energético das fantasias. Duas imagens, uma representação consciente e uma fantasia, podem ser semiologicamente homólogas e possuir, ambas, energia máxima. Contudo, DIFERIRÃO ESSENCIALMENTE EM UMA NOTA DA ENERGIA. E isto deve ser assim porque senão o sujeito consciente não saberia distinguir a imagem de um ente real de uma fantasia ideal, não saberia diferenciar o plano dos entes reais do plano dos objetos imaginários. A diferença radica segundo se disse, em uma nota da energia na "primeira intenção" ou direção para si mesmo que possui a energia de toda representação consciente. As fantasias, com efeito, NÃO POSSUEM A PRIMEIRA INTENÇÃO, uma vez que que não foram referidas a si mesmo, senão que, pelo contrário, encontravam-se estruturadas no esquema de si mesmo e daí emergiram na esfera de luz, requeridas pelo sujeito consciente.

O sujeito colocou a fantasia na esfera de luz e a referiu a um objeto ideal, a uma ideia. Por ser energética, a fantasia deve ter uma intencionalidade, mas visa não a si mesmo, senão a uma ideia do sujeito; a fantasia REVESTE tal ideia, a forma imaginariamente e se sustenta nela. O sujeito consciente vem a ser, assim, o suporte essencial das fantasias, pois se desdobra voluntariamente para reproduzi-las. Este desdobramento voluntário do sujeito NA fantasia, esta presença íntima do sujeito no objeto imaginário, faz com que em todo o momento exista consciência do caráter puramente ideal da imagem percebida.

Algo muito diferente ocorre quando a imagem é uma representação consciente: esta emerge frente ao sujeito provida de uma primeira intenção que a evidencia como representante de um ente e como objeto PARA o sujeito consciente. Mas tal objetividade ôntica é A POSTERIORI do conhecimento racional, pois a compreensão do esquema foi obtida previamente, A PRIORI, pelo sujeito cultural.

A primeira intenção da imagem, contida no pensamento do sujeito consciente, DIZ INDUBITAVELMENTE QUE SE TRATA DO ESQUEMA DE UM ENTE; a vivência do esquema experimentada previamente pelo sujeito cultural DIZ A PRIORI DE QUE ENTE SE TRATA.

Suponhamos agora que o sujeito consciente distingue com clareza a imagem de um ente e SABE, pela primeira intenção, que se trata de um objeto ideal de conhecimento. O que ocorre se o sujeito deseja SABER COMO SABE DO OBJETO? Nesse caso o sujeito deve REFLETIR SOBRE o objeto, quer dizer, deve REFLETIR-SE NO objeto, situar-se momentaneamente nele e, desde ele, APERCEBER ao sujeito como objeto. Nesta inversão da relação sujeito-objeto, o sujeito consciente pode ver a si mesmo vendo, conhecer-se conhecendo, pode "saber como sabe" o sujeito do objeto. Mas tal invasão do objeto por parte do sujeito consciente introduz irreversivelmente

uma alteração em sua composição energética: sobrepõe-se à primeira intenção uma "segunda intenção" dirigida para o sujeito.

Mas, as imagens de entes com segunda intenção, já não são tão claramente objetivas: tornam-se cada vez mais subjetivas e terminam por provocar a desconfiança do sujeito. O que acontece é que UMA PROLONGADA REFLEXÃO DO SUJEITO, SOBRE UM MESMO OBJETO CONDUZ À SUA SUBJETIVAÇÃO, À IMPOSSIBILIDADE DE DISTINGUIR COM CLAREZA O QUE REALMENTE PERTENCE AO ENTE E O QUE FOI POSTO NO OBJETO PELA IMAGINAÇÃO: QUANDO ISSO OCORRE, O SUJEITO, IMPOTENTE PARA CONFIRMAR A REALIDADE DO ENTE, DESCONFIA E DUVIDA DE TODO O MACROCOSMO.

Para que a reflexão do sujeito consciente não ocasione a subjetivação do objeto, o homem deve cultivar o exercício da fantasia. Suas imagens, com efeito, não possuem primeira intenção, pois não procedem diretamente do mundo e, além disso, o sujeito sabe desde o princípio que se trata de objetos imaginários. A reflexão sobre um objeto da fantasia por um sujeito que não perde de vista em nenhum momento o mundo dos entes reais, é a maneira mais segura de conhecer o microcosmo e de afirmar o macrocosmo, evitando a confusão entre ambos ou a negação de um deles.

Naturalmente, esta opção de refletir só sobre objetos ideais, produto da fantasia, entranha uma condição: não é apto para sujeitos volitivamente fracos. Existe aqui, como em todas as vias do conhecimento superior – no sentido em que "superior" é o conhecimento consciente com respeito ao racional – um perigo: o perigo de que a energia íntima do objeto ideal supere a vontade do sujeito e desdobre SOBRE ELE (e não FRENTE A ELE, como as representações conscientes) seu processo entelequial. Esta possibilidade, como já se adiantou, será exposta no artigo "H".

Segundo - Sabemos já que as representações conscientes são racionais a priori, por percepção do sujeito racional, e inteligíveis a priori, por percepção do sujeito cultural. A percepção da imagem que obtém o sujeito consciente é, pois, a posteriori da percepção, racional e inteligível, da verdade do ente que representa. Mas as fantasias não parecem estar no mesmo caso, pois são reproduções que o sujeito consciente realiza na esfera de luz, sem intervenção das restantes estruturas psíquicas. A questão é: as fantasias não são racionais e inteligíveis como as representações conscientes? Resposta: as fantasias não são racionais e inteligíveis a priori; contudo, no próprio momento em que o sujeito consciente reflete sobre elas, toma-as por "objetos ideais" e dota-as de "segundas intenções", tornam-se racionais e inteligíveis. Como pode ocorrer isso? É o que explicaremos em continuação, passo a passo.

Comecemos por recordar que o sujeito anímico age simultaneamente nas três estruturas mnêmicas já estudadas: na memória arquetípica como sujeito racional ou razão, na estrutura cultural como sujeito cultural e na esfera de consciência como sujeito consciente. Normalmente, o sujeito consciente se encontra ligado solidamente ao sujeito cultural e à razão, atuando cada um em sua estrutura.

Então, sem esquecer que o sujeito anímico constitui uma unidade, ainda quando se manifeste simultaneamente em três estruturas distintas, vamos explicar a relação causal que liga essa tríplice manifestação. A princípio, notemos que, de acordo ao estudo analógico do pensamento consciente, o conteúdo simbólico de toda representação tem que proceder da estrutura cultural. As fantasias, Por outro lado, empregam como "matéria-prima" elementos sêmicos que, se bem que procedam do esquema de si mesmo, não são mais que símbolos arquetípicos que uma vez emergiram e se estruturaram na esfera de consciência. Mas esta composição sêmica não basta para que a fantasia seja racional e inteligível a priori: para ser "racional" a fantasia deve submeter-se à segunda operação da razão; e para ser "inteligível" a fantasia, como conteúdo do pensamento consciente, há de ter o fundamento de um

"significado". O problema é: se as fantasias são objetos ideais, reproduzidos exclusivamente na esfera de consciência, que relação causal entre sujeito consciente e os sujeitos cultural e racional se efetua, para que a fantasia se torne racional e inteligível a posteriori de sua aparição? Resposta: antes de tudo há que se destacar que é a DISPOSIÇÃO QUE assume o sujeito consciente ao pensar o que CHAMA à razão e motiva sua RESPOSTA, que sempre acaba por determinar a FORMA do pensamento, tornando RACIONAL qualquer ideia. Isto ocorre assim porque A RAZÃO RESPONDE À INTERROGAÇÃO. Mas com "interrogação" não nos referimos a nenhuma questão lógica, pois "a lógica" é a modalidade estrutural da linguagem que escolhe a faculdade tradutora do sujeito cultural para notar a verdade do ente em um contexto significativo, quer dizer, a lógica é uma propriedade do pensar racional que intervém a posteriori do ato da razão. A interrogação a que aludimos é simplesmente UM MOVIMENTO DO SUJEITO CONSCIENTE: AQUELA FLEXÃO QUE O SUJEITO CONSCIENTE REALIZA VOLUNTARIAMENTE PARA DIRIGIR-SE A UM OBJETO IDEAL.

No estado mental do pasu, ou virya perdido, a razão responde a quase todos os movimentos realizados pelo sujeito consciente, com operações de interpretação esquemática; quer dizer: a razão interpreta operacionalmente a impressão que o objeto ideal causa no sujeito consciente e constrói um esquema equivalente, racionalizando a fantasia; dito esquema, vivenciado pelo sujeito cultural, produz uma representação que emerge e SE SOBREPÕE À FANTASIA tornando-a, a posteriori, racional e inteligível.

Em resumo, quando o sujeito consciente se enfrenta a um objeto ideal com segunda intenção, ocorre o seguinte fenômeno. O sujeito consciente gera um MOVIMENTO COGNITIVO referido ao objeto ideal; dito movimento é interpretado como uma interrogação formal pela razão, a qual estabelece instantaneamente uma interconexão bioelétrica na estrutura celular do cérebro (ou, o que é o mesmo, estabelece relações na memória arquetípica e atualiza um esquema na estrutura cultural) como resposta solidária; tal interconexão particular, pela correspondência biunívoca entre estruturas, se transfere à estrutura cultural onde se plasma topologicamente sobre seus elementos, quer dizer, se "iluminam" as relações envolvidas; fica assim formalizada uma rota lógica que, percorrida pelo sujeito cultural, constitui a própria inteligência do objeto considerado; dessa atividade do sujeito cultural, desse "pensar SOBRE os sistemas da estrutura cultural" surge a representação racional que logo emerge para a esfera de luz e se SOBREPÕE à imagem do objeto ideal, transformando a fantasia em uma completa representação consciente.

Mas tal "representação" não só é racional e inteligível, segundo se viu, senão que além disso foi semiologicamente reconstruída, à imitação das relações vivenciadas pelo sujeito cultural, quer dizer, em função das asserções lógicas da linguagem: por isso o conhecimento que o sujeito obtenha de uma fantasia a posteriori será sempre invariavelmente conceitual. Disto há que se extrair a conclusão de que uma fantasia, ainda a mais sublime, ainda aquela que mais distanciada parece estar dos entes do macrocosmo, SÓ SERÁ VISTA SINTETICAMENTE EM UM PRIMEIRO MOMENTO pelo sujeito consciente: logo, a posteriori dessa primeira visão, na qual a fantasia se evidencia como objeto puramente ideal, a reflexão do sujeito consciente causará a racionalização e inteligibilidade que conduz finalmente à sua confusão com uma representação consciente equivalente.

O exposto no comentário Treze do artigo "F" nos permitirá observar este fenômeno com mais precisão. Digamos, pois que, em um primeiro momento, o sujeito consciente PERCEBE a fantasia. Ao refletir sobre ela o sujeito se flexiona, se move, se dirige à fantasia, causando a reação da razão. A razão "responde" à "interrogação" do

sujeito consciente, interpretando arquetipicamente à fantasia e transferindo seu esquema à estrutura cultural; ali o sujeito cultural anima um conceito estrutural de tal esquema e produz sua representação consciente. Por "animar um conceito" há que se entender "pensar um julgamento sintético a priori"; quer dizer: o sujeito cultural dispõe um "juízo" sobre a fantasia e produz sua representação na consciência. Mas a representação de um conceito implica em sua definição nos termos de uma linguagem, sua descrição proposicional. Quando a representação emerge à consciência, quase instantaneamente depois da PERCEPÇÃO da fantasia, sobrepõe-se à sua imagem, MASCARA-A conceitualmente. Então, a fantasia se torna subitamente significativa para a APERCEPÇÃO do sujeito consciente.

A APERCEPÇÃO da fantasia não só evidencia a relação sujeito-objeto para o sujeito consciente, senão que a encontra fundamentada sobre um significado claramente conceitual, sobre uma descrição semiótica, sobre uma definição proposicional. Tal é a percepção, a posteriori, da fantasia: o sujeito a encontra "significativa", a "entende", porque a vê, a posteriori, através do véu da sua descrição analítica. Não está demais insistir em que a compreensão "racional" de uma fantasia constitui, na realidade, seu ocultamento por trás de uma máscara cultural: quando o pasu "entende" conceitualmente uma fantasia, isso significa que ela está coberta com um símbolo que a representa, e a interpreta analiticamente, frente à apercepção do sujeito consciente. E dito símbolo ou descrição não só mascara e deforma a imagem da fantasia, senão que mutila e altera definitivamente suas propriedades e introduz toda sorte de desvios gnosiológicos.

PARA O PASU não existe, pois, mais via superior de conhecimento que A QUIETUDE DO SUJEITO CONSCIENTE. Só um sujeito inflexível, com efeito, poderá evitar a reação da razão ante a fantasia e conseguirá PERCEBÊ-LA como tal: POR ISSO, TODAS AS ESCOLAS ESOTÉRICAS E RELIGIOSAS DA SINARQUIA PROPÕEM A "CONTEMPLAÇÃO PASSIVA" COMO MÉTODO DE CONHECIMENTO METAFÍSICO. O virya, quer dizer, aquele que é expressão do espírito encadeado, pelo contrário, não desdenhará jamais da ação anímica, e isso não lhe impedirá de perceber as fantasias em toda sua luz; como? Primeiro, adotando uma ATITUDE GRACIOSA LUCIFÉRICA, que será explicada na Segunda Parte, e logo descobrindo em si mesmo o Eu Infinito.

H – O mito e o símbolo sagrado.

No artigo anterior, no comentário Doze, estudamos que toda representação consciente, ao estabilizar-se energeticamente e aparecer frente ao sujeito, tenta desenvolver um processo entelequial. Isso se deve a que, por estar formada por símbolos arquetípicos, comporta-se de maneira análoga à projeção no plano material dos Arquétipos universais e, como tal, tende à enteléquia. Este processo é, na realidade, só a continuação do movimento iniciado nos Arquétipos invertidos na memória arquetípica pela razão; pode-se falar, com propriedade, de um só fenômeno dividido em várias fases:

Fase 1 – atualização dos Arquétipos invertidos como esquemas do ente; Fase 2 – representação racional (do esquema do ente) sobre a Relação; Fase 3 – emergência da representação consciente; Fase 4 – desenvolvimento do processo entelequial frente ao sujeito consciente. Naturalmente, a fase 4 é sempre interrompida pela vontade do sujeito, para manter o controle da consciência, uma vez que obteve suficiente conhecimento da representação por sua visão eidética. A capacidade do sujeito consciente de atuar volitivamente para desviar a atenção de uma representação é sinal de uma elevada evolução na estrutura psíquica do pasu, pois tal afirmação do sujeito só pode dar-se em um esquema de si mesmo de grande complexidade estrutural: em um esquema de si mesmo que, justamente, integrou-se com

representações que completaram sua enteléquia em ausência do sujeito e formam parte, ainda que DESCONHECIDA, da História do microcosmo.

Estamos, então, em que um sujeito consciente altamente evoluído há de ser capaz de evitar o processo entelequial das representações, processo que estas tentam desenvolver por ser, além da imagem que representam, símbolos arquetípicos em plena atualidade. Contudo, existe um tipo de representação, que até agora não estudamos, ante cuja ELEVADA ENERGIA o sujeito consciente, ainda "o mais evoluído", não só é volitivamente ineficaz, senão que corre o risco de ficar irreversivelmente fragmentado ou ser definitivamente dissolvido. Tão perigoso tipo de representação denomina-se MITO e sua imagem SÍMBOLO SAGRADO. O mito e o símbolo sagrado serão objeto de extenso estudo na Segunda parte, na qual se exporá a maneira de evitar o perigo mencionado e se explicará por que é necessário, apesar de tudo, tratar com eles. Aqui vamos explicar a origem arquetípica dos mitos: é o melhor momento para fazê-lo, pois sua manifestação na consciência tem estreita relação causal com a reprodução, pelo sujeito consciente, de certas fantasias.

Recordemos o objetivo macrocósmico da finalidade do pasu: ser doador de sentido nos entes. Para que possa cumprir com tal finalidade, o Demiurgo sobrepôs à finalidade entelequial dos entes uma suprafinalidade para o pasu: um desígnio que deve ser descoberto e racionalizado em uma linguagem cultural e devolvido ao ente mediante a expressão do sinal.

Não vamos repetir o já estudado em outros artigos; só resumiremos o necessário para facilitar a explicação. Nos entes, então, existem dois términos: um universal, que representa o Arquétipo universal e outro particular, que responde ao desígnio demiúrgico. Quando o ente impressiona a esfera sensorial do pasu, a razão elimina, por comparação, com a memória arquetípica hereditária, o término universal, quer dizer, confronta o Arquétipo universal do macrocosmo com o Arquétipo invertido do microcosmo. Assim fica descoberto o desígnio como aquilo do ente que transcende a esfera sensorial e é interpretado esquematicamente pela razão. O desígnio é a "verdade" do ente e seu esquema uma conexão da estrutura cultural ao que chamamos Relação entre Princípios. O Princípio, ou nó, ao que se conecta a Relação ou esquema do ente é, naturalmente, a atualização do Arquétipo invertido eliminado durante seu descobrimento. Mas um Princípio, ou símbolo simples, não pode ser jamais representado, porque sua potência passiva não possui referência a si mesmo; contudo, uma réplica sua pode integrar o esquema do ente na qualidade de elemento sêmico, em cujo caso se denomina: "símbolo arquetípico". E estes símbolos arquetípicos que compõem as representações são os que impulsionam, sem perder a integridade estrutural da imagem esquemática, o processo entelequial frente ao sujeito consciente.

Mas regressemos ao desígnio. Talvez pelo tratamento crítico que temos feito neste livro sobre a obra do DEMIURGO não se tenha evidenciado suficientemente a importância que este designou ao ser-para-o-homem dos entes, ao desígnio revelador de sua onipotência criativa. Se isto é assim, vamos corrigir aqui este erro, afirmando que o desígnio dos entes constitui um ato de extrema gravidade na execução do Plano evolutivo do Universo: um macrocosmo designado em todos os seus entes e um microcosmo que evolui descobrindo os desígnios e colocando sentido nos entes é motivo de seu Prazer. As estruturas dos entes materiais vão se transformando, pela ação coletiva do homem, em superestruturas de objetos culturais, em superestruturas nas quais os objetos estão ligados pelo amor, pelo impulso evolutivo à perfeição final. A espera do Demiurgo está colocada justamente nessa transformação amorosa do Universo que consiste no descobrimento contínuo de Sua obra. Com isto queremos significar que o desígnio dos entes é a Palavra do Demiurgo. Seu Verbo criador, seu Logos espermático, seu Poder plasmador, foi aplicado ali, em cada desígnio, com a

intenção de concretizar a mais elevada empresa: conseguir que o microcosmo coloque sentido contínuo no macrocosmo, enquanto o Plano evolutivo se desenvolve, impulsionado pela Vontade da sua Consciência-Tempo, para a enteléquia Maha Pralaya.

Em consequência, a suprema importância com que o Demiurgo designou os entes prevê que, através destes, o homem tenha acesso às entranhas de seu Plano. Não se deve acreditar, desde já, que o homem só conhece dos entes uma mera aparência, tal como pretende a ingenuidade racionalista de muitos pensadores. Na realidade, cada desígnio é parte do Plano que contém, paradoxalmente, todo o Plano: é a Vontade do Demiurgo que o homem conheça e admire seu Plano.

Assim, quando o ente afeta a sensibilidade, essa formidável mensagem cósmica que é o desígnio, PENETRA COMPLETA, É DESCOBERTA TOTALMENTE PELA RAZÃO, E INTERPRETADA POR ELA. O que ocorre, então? Por que o homem ignora habitualmente grande parte de um conhecimento que já possui? Resposta: porque o descobrimento do desígnio corresponde ao objetivo macrocósmico da finalidade, o qual exige, também, que a verdade revelada POSSA SER EXPRESSADA SOCIOCULTURALMENTE. Quer dizer, para cumprir com a finalidade não basta descobrir o desígnio: há que poder expressá-lo com um sinal cultural, um sinal que deve estar compreendido por uma linguagem comunitária. A fim de lográ-lo, o demiurgo dispôs que A TOTALIDADE DO DESÍGNIO possa ser interpretada e esquematizada pela razão, permitindo que no microcosmo se reflita a totalidade do plano arquetípico do macrocosmo; esta é, claro, a memória arquetípica ou cérebro onde a razão aplica o desígnio para confrontá-lo com os Arquétipos invertidos e construir o esquema.

Se recordamos agora quanto se disse no inciso anterior sobre o esquema típico **xx**, a resposta se fará mais clara ainda. Pois, se bem que o esquema **xx** contenha TODA a verdade do ente, o sujeito cultural só nota uma parte dela como conceito **xx** de uma linguagem. E a representação correspondente, segundo vimos, é uma imagem homóloga do conceito, um relevo significado notado no plano de significação horizontal de uma linguagem. Mas, ainda que a faculdade tradutora do sujeito cultural disponha da possibilidade de notar o esquema do ente em todos os planos de significação oblíquos, SÓ O FARÁ NAQUELES CONTEXTOS SIGNIFICATIVOS PERTENCENTES A LINGUAGENS SOCIOCULTURAIS, de acordo com o objetivo macrocósmico da finalidade; desde já: a evolução das culturas permite que, permanentemente, vá se notando "novos" aspectos da verdade do ente; mas jamais, em toda história do pasu, este chegou sequer a aproximar-se de uma apreensão completa da verdade do ente e muito menos a expressá-la culturalmente.

É hora de que nos perguntemos o que tem tudo isto a ver com os mitos. Resposta: os mitos são aspectos desconhecidos da verdade de certos entes, que resultam surpreendentemente notados pelo sujeito cultural, como efeito das flexões que o sujeito consciente realiza para conhecer certas fantasias. É claro, explicaremos passo a passo.

Já estudamos que um esquema contém uma infinidade de aspectos desconhecidos, no momento, para o sujeito cultural. A resposta nos diz que tais facetas podem constituir-se em mito por causa das fantasias. Antes de encarar a descrição deste fenômeno, devemos saber mais sobre AQUILO QUE PERMANECE OCULTO no esquema de um ente, em sua verdade.

Em princípio, se o desígnio é TODA a verdade do ente, se nada mais poderia chegar a saber-se dele, porque o Demiurgo nada reservou para si, salvo o segredo único dos Arquétipos universais que o homem não deve conhecer, "pois se transformaria em Deus", devemos assumir que no próprio desígnio, em sua constituição íntima, existe uma ordem hierárquica, uma escala de valor análoga às oitavas musicais,

cujas notas ressoam de maneira diferente, de acordo à qualidade do ouvinte. Repetimos, no desígnio não está só aquele aspecto que o homem habitualmente conhece do ente, senão UMA ESCALA DE FASES FORMATIVAS QUE VÃO DO DEMIURGO AO ENTE. Particularmente nos interessam as fases que partem desde o Arquétipo universal, invisível para o homem, e chegam até a aparência mais exterior do ente, AQUELA QUE, JUSTAMENTE, PRIMEIRO É CONHECIDA PELO SUJEITO CULTURAL. Mas o Arquétipo universal é, de certo modo, DEUS NO ENTE ou O DEUS DO ENTE. A primeira operação da razão elimina o Arquétipo universal e descobre o desígnio do ente, o ser-para-o-homem do ente, que consiste em uma mensagem, uma Palavra do Demiurgo que revela TUDO sobre o ente... SALVO O ARQUÉTIPO UNIVERSAL, O DEUS DO ENTE, O TÉRMINO DIVINO DA ESCALA REVELADA. Contudo, na memória arquetípica existem cópias invertidas de todos os Arquétipos universais e, ao eliminar do ente seu Arquétipo, a razão atualiza na estrutura cultural o Arquétipo invertido correspondente COMO NÓ ou PRINCÍPIO. Por isso, os Princípios, ainda que irrepresentáveis na imaginação, representam para o entendimento, para a intuição racional, OS DEUSES DOS ENTES NO MICROCOSMO. Assim, por exemplo, os números e as notas musicais para os pitagóricos; ou os princípios desconhecidos cuja manifestação era, por exemplo, o fogo, a água, o ar, o logos, etc., para outros filósofos antigos. Mas o objetivo macrocósmico da finalidade exige que o significado seja projetado pela expressão como sinal sobre os entes, como o "sentido" atribuído aos entes: quando a projeção de símbolos arquetípicos, que representam Princípios, não é percebida, por causa do daltonismo gnosiológico, costuma ocorrer que os Princípios são reconhecidos nos entes externos e introjetados como propriedades do macrocosmo. Ou seja, os Princípios do microcosmo, projetados sobre os entes do mundo, são redescobertos e confundidos com "princípios universais do macrocosmo". Trata-se, desde já, de uma simples miopia mental que conduz às mais absurdas e inverificáveis teorias: a realidade dos números, por exemplo, é própria do microcosmo e tarefa inútil é tratar de derivar deles a ordem do mundo; só o conhecimento dos Arquétipos universais ofereceria essa possibilidade, mas tal saber está vedado para o sujeito anímico do pasu; o virya, pelo contrário, por dispor de um Espírito infinito, ainda que confuso, TEM A POSSIBILIDADE METAFÍSICA DE CONTEMPLAR O DEMENCIAL ESPETÁCULO DO PROCESSO ENTELEQUIAL CÓSMICO... E DE AGIR CONTRA ELE; PARA ISSO WOTHAN LHE ENTREGOU AS RUNAS, QUE PERMITEM RESSIGNIFICAR OS DESÍGNIOS.

Vamos agora ao esquema do ente e indagamos: se o desígnio entranha uma gama de notas que vão desde o Demiurgo ao ente, da qual se eliminou o término universal do Arquétipo universal, como interpreta a razão esta ausência? Quer dizer, compõe o esquema deixando um vazio ou o completa de alguma forma? Resposta: de certo modo já o adiantamos, quando expusemos que as Relações se conectam COM TODOS OS PRINCÍPIOS QUE INTERVÊM EM SEU ESQUEMA SÊMICO. Dissemos então, no artigo "D" do inciso anterior, que se bem um Princípio, por sua potência passiva, é irrepresentável para o sujeito e sistematicamente irredutível, no entanto sua forma sêmica pode estar integrada no esquema como um dos elementos essenciais de sua subestrutura; em tal caso denomina-se SÍMBOLO ARQUETÍPICO e se diferencia do Princípio homólogo na potência e na qualidade estrutural; um Princípio possui potência passiva e é um nó da estrutura cultural; um símbolo arquetípico possui potência ativa e é PARTE da subestrutura interna de uma Relação que é, por sua vez, conexão da estrutura cultural. Quer dizer, um símbolo arquetípico, homólogo a um Princípio, pode integrar o esquema deste como elemento essencial da sua subestrutura interna. A resposta buscada é, por fim: A RAZÃO INTRODUZ NO ESQUEMA DO ENTE, NAQUELE LUGAR DO DESÍGNIO QUE CORRESPONDE AO DEUS DO ENTE,

QUER DIZER, AO ARQUÉTIPO UNIVERSAL SUPRIMIDO, UM “SÍMBOLO ARQUETÍPICO” HOMÓLOGO DAQUELE PRINCÍPIO QUE SE ATUALIZOU, QUANDO FOI ELIMINADO O ARQUÉTIPO UNIVERSAL.

Isto significa que em todo esquema de um ente externo existe, em algum lugar da sua estrutura, um símbolo arquetípico que ocupa o lugar do Arquétipo universal, do Deus do ente. E não é difícil observar que tal lugar está primeiro na ordem hierárquica do desígnio e, portanto, último na ordem do conhecimento humano. Com termos de analogia estrutural, podemos dizer que a faculdade tradutora do sujeito cultural teria que ter acesso A UM PLANO DE SIGNIFICAÇÃO DE MÁXIMA OBLIQUIDADE para notar o símbolo arquetípico do Deus do ente. Mas se isso ocorresse, significaria que o símbolo foi notado NO CONTEXTO DE UMA LINGUAGEM ABSOLUTAMENTE NÃO SOCIOCULTURAL, QUER DIZER, DESCONHECIDA PARA O RESTO DA COMUNIDADE CULTURAL. Nesse caso, o sujeito enfrentar-se-ia com a revelação do Deus do ente como CONCEITO de uma linguagem desconhecida ao qual não poderia entender nem compreender. Claro que, normalmente, o sujeito cultural do pasu raras vezes se aparta da segurança gnosiológica que lhe oferecem as linguagens socioculturais e, desde já, teme e evita conhecer POR SI MESMO aquela parte ainda oculta da verdade do ente.

Podemos entender melhor, agora, aquela resposta sobre os mitos: “são aspectos desconhecidos da verdade de certos entes”. Por que “de certos entes” e não de TODOS os entes? Porque estamos nos referindo tacitamente aos mitos CONHECIDOS, quer dizer, aqueles que alguma vez se manifestaram e dos quais temos notícias. A rigor da verdade, TODO ESQUEMA tem em seu interior um símbolo arquetípico do Deus do ente. Mas para nós convém recorrer àqueles exemplos de mitos que são evidentes e significativos pela sua periódica aparição na História da humanidade. Para isso, ainda que pudéssemos estender-nos em múltiplos exemplos, vamos considerar só as FORÇAS DA NATUREZA, o frio, o calor, o vento, a luz, a escuridão, etc., e os ANIMAIS: a águia, o leão, o peixe, etc.

Estes entes são por todos conhecidos, pois existem, em todas as culturas, conceitos compartilhados coletivamente que os compreendem. Contudo, além do conteúdo de tais conceitos socioculturais, em uma conotação insólita, a cada tanto se manifesta o símbolo arquetípico do Deus do ente como um conceito notado no contexto de uma linguagem que é incompreensível para o entendimento vulgar: só para algumas elites iniciáticas a linguagem do mito chegou a ser habitual, mas esse é outro tema. Aparece assim um Deus Gelo, um Deus Fogo, um Deus Vento, um Deus de Luz, um Deus de Trevas, etc., ou também um Deus Águia, um Deus Leão, um Deus Peixe, etc.

Os mitos são produzidos, então, por manifestações dos símbolos arquetípicos do Deus do ente. Mas os símbolos arquetípicos são SÍMBOLOS SIMPLES, irredutíveis como seus Princípios homólogos, e os Deuses por eles representados são também “Deuses simples”. Toda a complexidade formal que costumam apresentar os mitos deve-se a que foram adornados de lenda para neutralizar seu poder. Com a lenda, que naturalmente pertence à linguagem comum, aprisiona-se o mito dentro de limites conhecidos e seguros, e se o degrada ao nível de compreensão do vulgo: em lugar de avançar no conhecimento desde o inferior ao superior, respeitando a escala hierárquica, rebaixa-se o superior ao inferior e se o cobre de crosta cultural. Sobre esta atitude vulgar para com os mitos, se tratará amplamente na Segunda Parte. Agreguemos unicamente que, segundo é evidente, OS MITOS NÃO SÃO HEREDITÁRIOS: O QUE SE HERDA É A MEMÓRIA ARQUETÍPICA COM A QUAL SE CONTRÓEM OS MITOS. Naturalmente, estes "mitos" são o que a Psicologia analítica de C. G. Jung identifica como ARQUÉTIPOS COLETIVOS PESSOAIS. Os mitos não devem ser confundidos com os “Arquétipos coletivos universais” ou “MITOS”, que são

próprios do macrocosmo: os MITOS correspondem a um tipo de Arquétipo Manu, cujo processo se desenvolve nas superestruturas de fatos culturais e que aqui costumamos denominar, também, “Arquétipos Psicoides”.

Estudemos, em continuação, o fenômeno de produção de um mito do ponto de vista do sujeito consciente. A causa de sua emergência radica, tal como adiantamos, em certas fantasias; comecemos, pois, pelo seu exame. Há que deixar bem claro, antes de tudo, que as fantasias procedem da esfera de sombra da mesma forma que as representações conscientes. Tal como se observa na figura 21, a esfera de consciência compõe-se da esfera de luz e da esfera de sombra; as representações conscientes são símbolos que emergem desde a estrutura cultural como imagens na esfera de luz, frente ao sujeito consciente; mas as fantasias se originam no esquema de si mesmo ou esfera de consciência. Naturalmente, isto implica que as fantasias PODERIAM proceder também da esfera de luz: mas isso ocorre somente nos casos de uma elevada evolução do microcosmo, quando o sujeito consciente se encontra altamente individualizado e a esfera de sombra foi notavelmente consciencializada ou reduzida à esfera de luz. Mas, no caso geral que estamos considerando, do pasu no momento do encadeamento espiritual, a esfera de luz ou consciência é apenas uma finíssima camada superficial sobre a esfera de sombra: como parte do esquema de si mesmo, essa camada não possui material simbólico para configurar as imagens habituais das fantasias. Pelo contrário, a esfera de sombra é uma estrutura pletórica de símbolos, pois nela se encontra representada permanentemente grande parte da História do microcosmo.

As fantasias emergem da esfera de sombra, quer dizer, do INCONSCIENTE, “a requerimento do sujeito consciente”: isto também deve ficar claro. As fantasias são um produto da vontade do sujeito consciente e, por isso, estão referidas a ele, diferente das representações conscientes, cuja primeira intenção as refere unicamente a si mesmo. O conteúdo de uma fantasia é, por definição, IRREAL; nisso também se diferenciam das representações conscientes, que sempre representam entes externos – e às vezes entes internos, mas tão reais como os externos. Pois bem: quanto mais irreal seja o conteúdo de uma fantasia, quanto menos corresponda com fatos ou entes reais, mais ESTRANHEZA provocará à razão sua interpretação.

É compreensível: a razão está habituada INSTINTIVAMENTE a operar com entes externos, a descobrir seus desígnios e a interpretá-los arquetipicamente; mas com este “operar”, a razão progride no conhecimento da realidade seguindo um padrão evolutivo intransponível: primeiro se deve saber, por exemplo, o que é uma cor, antes de classificá-la por septenário, quer dizer, primeiro há que se chegar À IDÉIA DE COR, abstraindo tal qualidade da realidade, antes de descobrir sua pluralidade; do mesmo modo podemos afirmar que, sem conhecer previamente o cavalo, sem diferenciar sua entidade da realidade, ninguém nunca o teria montado; nem tampouco ninguém poderia entender o significado de uma palavra escrita sem conhecer previamente os sinais das letras. Esta ordem inevitável que deve seguir a razão para progredir no conhecimento da realidade, é o que se vê alterada pela irrealidade da fantasia.

Mas as fantasias, Por outro lado, são um grau superior da faculdade de imaginar e constituem, no microcosmo, o instrumento da CRIAÇÃO. Por uma fantasia, que representa um fato evidentemente irreal, o sujeito consciente pode antecipar um fato real, superando a ordem progressiva e sistemática que a razão impõe ao conhecimento. É sabido que muitas teorias fantásticas foram verificadas empiricamente, que muitos fatos imaginados ocorrem realmente e que uma infinidade de fantasias são LOGO verificadas pela realidade. Contudo, que as fantasias cheguem a se corresponder, em algum momento, com a realidade, não é nem muito menos seu traço distintivo; pelo contrário, o habitual nelas é que parecem se comprazer em

escandalizar a razão. Se mencionamos sua contribuição à invenção das teorias, ou a antecipação de fatos, é só para mostrar que, ainda quando a razão seja ultrapassada em primeira instância pelas fantasias, encontra-se familiarizada com elas em virtude das verificações ou desqualificações às que finalmente as submete.

Se se compreendeu que toda fantasia, na medida de sua irrealidade, provoca uma perturbação na razão, teremos adiantado bastante na explicação. Recordemos que, frente à fantasia, as flexões do sujeito consciente dirigidas a conhecê-la são interpretadas pela razão como uma interrogação, à qual responde comparando a IMPRESSÃO que a fantasia causou no sujeito com os Arquétipos da memória arquetípica. Dessa aplicação surge um esquema que se transfere à estrutura cultural, onde o sujeito cultural o vivencia e torna inteligível como conceito de uma linguagem. A representação consciente de dito conceito se sobrepõe e se confunde com a fantasia. Como efeito de tal mascaramento, a fantasia perde grande parte de seu caráter irreal e se transforma em um objeto racional e inteligível, adaptado à visão sociocultural do sujeito consciente. Claro, isto no melhor dos casos, quando o conteúdo de irrealidade é facilmente assimilado pela razão. Mas, o que ocorre quando a fantasia alude a fatos ou objetos cuja evidente irrealidade resulta absolutamente injustificável para a razão? Resposta: a razão fica perturbada em alto grau pela presença de um ser estranho, que não se deixa interpretar com os Arquétipos habituais, correspondentes à ordem progressiva do conhecimento do real. O ser de fantasia requer, para sua esquematização, que a razão afete Arquétipos poucos conhecidos ou, talvez, completamente desconhecidos, quer dizer, Arquétipos que nunca antes foram vistos INDIVIDUALMENTE nos desígnios dos entes (recordemos que em cada desígnio estão TODOS os Arquétipos, ainda que combinados de maneira diferente). A atualização de tais Arquétipos insólitos na estrutura cultural configura o esquema da fantasia: conclui ali a operação da razão. Toca agora ao sujeito cultural vivenciar e tornar inteligível o esquema da fantasia.

Façamos uma parada na explicação, para esclarecer a maneira na qual o esquema da fantasia se transfere para a estrutura cultural. Há que se destacar, antes de tudo, que o fato de que a fantasia constitua para a razão um ser estranho, não implica necessariamente que seu esquema tenha que ser estruturado "como o esquema de um ente" na estrutura cultural. Isto poderia ocorrer em alguma ocasião, mas, o mais provável é que o esquema da fantasia SE TRANSFIRA COMO "ATIVAÇÃO DO ASPECTO OCULTO" DE UM ESQUEMA EXISTENTE. O motivo é que as fantasias, ainda quando seu grau de irrealidade seja muito grande, sempre aludem em alguma medida à realidade ôntica, a fatos ou entes cujos esquemas já estão integrados na estrutura cultural. Neste caso, o que ocorre é que certos Arquétipos insólitos, correspondentes com propriedades da fantasia, se atualizam em um esquema já existente, mas em um lugar remoto da "escala formativa que vai do Demiurgo ao ente". Com outras palavras: aqueles Arquétipos insólitos, próprios da fantasia, ATIVAM CERTOS SÍMBOLOS ARQUETÍPICOS DE UM ESQUEMA EXISTENTE, LOCALIZADOS EM UM PLANO SIGNIFICATIVO DE MÁXIMA OBLIQUIDADE.

Com o fim de outorgar definitiva clareza no estudo dos mitos vamos nos referir, a partir daqui, a um exemplo concreto: a fantasia consistirá na imagem de UM PEIXE; UM GRANDE PEIXE PROVIDO DE BRAÇOS FORTES E ENORMES ASAS, DE AVE, ABERTAS. As conclusões a que cheguemos, baseadas na fantasia do "peixe alado", poderão ser estendidas, desde já, a todo mito.

Consideremos, pois, que "o peixe emerge da água e inicia um majestoso voo", quer dizer, emerge do inconsciente, da esfera de sombra, e se apresenta ante o sujeito consciente, que é quem o requereu, sem sabê-lo. À perplexidade inicial segue a inflexão do sujeito consciente para objeto fantástico, com intenção cognitiva. E a essa

flexão do sujeito responde instantaneamente a razão, interpretando arquetipicamente o ser da fantasia. Naturalmente, o fundamento da interpretação racional será o desígnio do peixe, já conhecido, esquematizado e estruturado. Sim, a fantasia se corresponde, em grande medida, com o esquema do peixe, mas, em que parte do desígnio íctico existem sinais antropomórficos, braços e asas? Sem dúvida, na parte superior da escala formativa, muito perto ou no mesmo lugar do símbolo arquetípico do Deus do ente. Mas estes símbolos, que JÁ ESTÃO no esquema do peixe, encontram-se afastados do término monádico do peixe, daquele aspecto do peixe considerado "real" pela cultura, porque coincide com a forma de salmões e merluzas. Por isso, o processo é o seguinte: a razão, estranhada pela fantasia do peixe, explora o esquema do peixe e ativa um símbolo remoto de sua subestrutura que não corresponde à imagem de um peixe real, mas que ocupa um lugar na escala formativa do desígnio, quer dizer, que pertence à verdade do ente-peixe. Recordemos que o conteúdo do desígnio é um Plano cuja composição consta de uma escala formativa arquetípica. Desta maneira conclui a operação da razão; toca agora ao sujeito cultural vivenciar e tornar inteligível o esquema da fantasia.

A operação da razão, em resposta à interrogação do sujeito consciente, causou que na estrutura cultural se "ilumine" o esquema do peixe. Observemos agora como reage o sujeito cultural.

A atualização de um sistema, sua "iluminação", motiva o sujeito para experimentar sua vivência: vimos que, nestes casos, o sujeito cultural situa-se SOBRE o sistema, com o fim de vivenciar o esquema da Relação. Mas o sujeito cultural, de onde procede? Como chega até o sistema iluminado? Resposta: indubitavelmente, salvo casos de anormalidade extrema, o sujeito cultural se encontra SOBRE A ESTRUTURA HABITUAL (ver artigo "G" do inciso anterior), NO PLANO DE SIGNIFICAÇÃO HORIZONTAL DA LINGUAGEM SOCIOCULTURAL. Para "chegar" ao sistema iluminado, o sujeito cultural se desloca horizontalmente pela estrutura cultural SOBRE O PLANO DE LINGUAGEM HABITUAL. Mas este "chegar" ao sistema sobre um plano horizontal implica em que o esquema será notado em seu contexto, quer dizer, que será experimentado como conceito da linguagem habitual. Em nosso exemplo, o sujeito cultural notará o conceito habitual de peixe, que é só um aspecto do esquema peixe, da verdade do peixe.

A princípio, então, o sujeito cultural produz a representação racional de um peixe, símbolo homólogo ao conceito estrutural do peixe. E como a potência ativa da Relação refere toda a representação a si mesmo, o símbolo do peixe emerge à consciência e se sobrepõe à fantasia do peixe alado. Desde já, tudo isso ocorre muito rapidamente. Pois bem, "O SÍMBOLO" do peixe, que emerge como representação consciente, se bem que expresse a imagem habitual do peixe, ENCONTRA-SE SUSTENTADO, FUNDAMENTADO, PELO "SIGNIFICADO PROPOSTO".

Recordemos que, quando o sujeito cultural experimenta a vivência do conceito estrutural, o pensamento consiste em um julgamento sintético (a priori) sobre o peixe. A representação do conceito é um símbolo fundamentado sobre um significado PROPOSTO pela faculdade tradutora. Por isso o símbolo do peixe, que emerge e se sobrepõe à fantasia-peixe, compõe-se da imagem habitual de peixe e da PROPOSIÇÃO SIGNIFICATIVA do conceito peixe.

Retomemos o ponto de vista do sujeito consciente. Frente a ele encontra-se um objeto ideal PARA O QUAL SE DIRIGIU SUA ATENÇÃO. Surge, então, a representação consciente do peixe e, em um movimento quase inadvertido, MASCARA o objeto ideal. Então, ocorre o seguinte efeito: o sujeito descobre "de cara" que o objeto é significativo, o reconhece como "peixe", ENTENDE O SIGNIFICADO, "COMO SE OUVISSE UMA PROPOSIÇÃO QUE DIZ: É UM PEIXE".

Aqui vamos interromper a explicação para fazer uma advertência. Se o pasu é "cabeça dura", quer dizer, se sua esfera de consciência não está muito desenvolvida, contentar-se-á com uma primeira aproximação racional da fantasia; se é que realmente consegue imaginar alguma. Esta primeira aproximação é a que vimos recentemente: à fantasia de um peixe alado a razão opôs a imagem de um peixe real. Ante um caso semelhante, muitos serão os "mentecaptos" que aceitarão com indiferença que o objeto ideal corresponde efetivamente com o peixe real, afastando com prudência a atenção de tão perturbadora imagem. Como a este tipo primitivo de pessoas jamais se manifestará um mito, vamos supor, para continuar com a explicação, que o pasu de nosso exemplo apresenta uma grande evolução da esfera de consciência. Contudo, não podemos deixar de assinalar que a atitude mais comum é a de não avançar demasiado no conhecimento das fantasias e que a manifestação do mito corresponde, pelo contrário, aos casos de imaginação mais fértil.

O sujeito consciente descobre, pois, que o objeto ideal É UM PEIXE. Contudo, esta resposta não satisfaz: o mascaramento racional não é completo e, por trás da imagem de peixe, observa-se algo estranho, um conteúdo não contemplado no significado proposicional. As propriedades da fantasia que não consegue cobrir a definição do peixe são, evidentemente, os braços e as asas: na descrição proposicional do peixe, quer dizer, no significado da representação, não há braços nem asas; consequentemente estas partes da fantasia carecem, no momento, de significado. Mas toda representação consciente representa um conceito, quer dizer, um símbolo incompleto; poderiam existir no RESTO do esquema os membros buscados, braços e asas? Resposta: Tal como se adiantou, o esquema consiste na interpretação do desígnio e inclui as escalas formativas arquetípicas em sua composição sêmica; portanto, pode afirmar-se que em uma subestrutura estão TODOS os símbolos, inclusive os braços e as asas do peixe.

Aqui vamos interromper novamente a explicação para fazer outra advertência. Há uma função das faculdades dos sujeitos que poderia intervir no caso anterior e solucionar o problema DISSOCIANDO aquelas partes da fantasia que excedem à descrição proposicional. Antes de continuar com o fenômeno do mito, devemos compreender e descartar tal possibilidade. As faculdades do sujeito anímico cumprem com a "função de associar" de maneira característica, segundo a estrutura na que este se manifeste. Observaremos em continuação, em que consiste a "função de associar" para a razão, o sujeito cultural e o sujeito consciente.

O sujeito racional ou razão dispõe da faculdade cognitiva racional. As operações que a razão efetua com os entes são exercidas com sua faculdade racional, mediante as funções de associar e dissociar: a COMPARAÇÃO, quer dizer, a primeira operação, é uma ASSOCIAÇÃO entre o ente e a memória arquetípica, para causar a DISSOCIAÇÃO do Arquétipo Universal; a INTERPRETAÇÃO, quer dizer, a segunda operação, é a ASSOCIAÇÃO do desígnio com a memória arquetípica para construir o esquema; etc.

O sujeito cultural dispõe da faculdade tradutora. Por meio dela é capaz de notar o significado do esquema, no contexto significativo de uma linguagem, como "conceito estrutural" ou "fatia" da Relação. Pois bem, como exemplo da função de ASSOCIAR só vamos mencionar algumas operações que a faculdade tradutora permite ao sujeito exercer. Sempre NO MESMO PLANO CONTEXTUAL DE UMA LINGUAGEM, com efeito, o sujeito pode ASSOCIAR CONCEITOS: por CONTIGUIDADE (ou lei de falsa conotação); por SEMELHANÇA FORMAL (ou lei de homonímia); por SEMELHANÇA DE SIGNIFICADO (ou lei de sinonímia); por HOMOLOGIA ESTRUTURAL (ou lei de redução sistemática); por ORDINALIDADE (ou lei da causalidade); por CARDINALIDADE (ou princípio de valor); por CONTRASTE OU OPOSIÇÃO (ou lei

dialética), etc. Como vemos, a função de associar é uma ferramenta de grande complexidade e alcance para a faculdade tradutora. Seu complemento, a função de DISSOCIAR, faz possível, Por outro lado, a ABSTRAÇÃO ESTRUTURAL, quer dizer, a NOTAÇÃO de certa forma sistemática particular dentro de um sistema geral de conceitos.

Mas a função de associar é também própria da faculdade de imaginar. Por seu intermédio o sujeito consciente pode ASSOCIAR IDEIAS, DISSOCIÁ-LAS, E ABSTRAIR QUALIDADES dentro de uma mesma ideia. Contudo, tendo presente a unidade essencial do sujeito anímico, há que se considerar a "ASSOCIAÇÃO" como UMA ÚNICA FUNÇÃO que vai se ampliando à medida que evoluem as estruturas da psique. Com outras palavras, há que se considerar que, EM CADA FACULDADE, AGREGA-SE À FUNÇÃO DE ASSOCIAR QUE LHE É PRÓPRIA O ALCANCE DEMONSTRADO NA ESTRUTURA IMEDIATAMENTE INFERIOR: assim, a função de associar, disponível ao sujeito cultural, AGREGA às suas possibilidades de vincular conceitos na estrutura cultural também as possibilidades de que dispunha o sujeito racional de vincular Arquétipos na memória arquetípica. E a função de associar, própria da faculdade de imaginar, coloca à disposição do sujeito consciente, ALÉM DA ASSOCIAÇÃO DE IMAGENS, a possibilidade de vincular símbolos arquetípicos, conceitos, afetos, etc. Isto se comprovará melhor se temos presente que o mais elevado pensamento que possa mencionar o pasu, o pensamento consciente, tem como conteúdo a IDEIA, a qual se compõe de IMAGEM e SIGNIFICADO: a "imagem", que é a "representação" de um conceito estrutural, fundamenta-se em um significado de forma "proposicional", quer dizer, em uma descrição conceitual definida em uma linguagem habitual. O sujeito consciente pode, então, associar não só o formal imaginado, senão também o fundamental conceituado; e este último pode fazê-lo do mesmo modo com que a faculdade tradutora associava conceitos: por contiguidade, semelhança, homologia, etc. Mas, há mais ainda. A estrutura cultural ocupa parte do espaço analógico das esferas AFETIVA e racional, as quais se encontram compenetradas entre si e formam a esfera de sombra. Até agora estudamos a estrutura cultural do ponto de vista racional, MAS NÃO HÁ QUE SE ESQUECER QUE CADA ELEMENTO SEU, CADA PRINCÍPIO, CADA RELAÇÃO, CADA SISTEMA, POSSUI UM CONTEÚDO AFETIVO ESSENCIAL. Em toda ideia, como componente da "primeira intenção", que dirige a representação "INTELIGIVELMENTE" para si mesmo, há uma REFERÊNCIA AFETIVA que visa "IRRACIONALMENTE" para o coração. Tal referência afetiva é ESSENCIAL de toda ideia, quer dizer, não pode ser eliminada sem destruir o ser do objeto ideal; em consequência é percebida pelo sujeito consciente como uma propriedade objetiva, como uma NOTA EMOCIONAL característica, Por isso dissemos atrás que o sujeito consciente tem a possibilidade de "associar afetos": porque a distinção das notas emocionais características das ideias pode constituir o motivo de sua associação. Naturalmente, o afetivo depende sempre da avaliação particular, de tal modo que a associação de ideias "por nota emocional característica" poderia envolver casos sem validade geral. Por exemplo, "a dois de julho de 1981, junto à estátua de Palas Atena", associação de ideias que não significa nada, salvo para aquela que justamente nesse dia e nesse lugar recebeu seu primeiro beijo de amor... Pelo contrário, existem ideias universais, cuja vinculação produz uma conotação afetiva que faz possível associá-las por sua nota emocional, mas cuja INTENSIDADE varia particularmente de um pasu a outro: por exemplo, "mãe e filho", ideias cujo conteúdo emocional concomitante é característico de cada pasu, além da óbvia vinculação genealógica que denotam ambos os conceitos; ou "lágrimas" e "dor", "dia" e "feliz", etc.

Temos que continuar, agora, a explicação sobre a origem dos mitos, logo depois de excluir a possibilidade de que em nosso exemplo intervenha a "função de

associar" PARA VINCULAR, À IMAGEM DO PEIXE, A IMAGEM DE UNS BRAÇOS E ASAS. Se tal coisa ocorresse, se a fantasia fosse decomposta pelo sujeito consciente em um conjunto de ideias associadas, jamais poderia produzir-se a manifestação do mito. A explicação baseia-se, pois, na suposição de que, frente à insuficiência da primeira aproximação racional, a imagem de peixe real que NÃO contém significado conceitual para os braços e as asas, o sujeito consciente mantém sua atitude interrogante.

Que acontece, então? Resposta: o sujeito cultural se compenetra mais profundamente do conceito, procurando dar com símbolos que descrevam e outorguem significado aos braços e asas da fantasia. Nessa fase, o fenômeno deve ser observado com muitos detalhes. Por exemplo, da resposta se infere que, nessa compenetração com o conceito estrutural, nesse internar-se em sua profundidade, o sujeito cultural vai produzindo UM FLUXO DE REPRESENTAÇÕES CONSCIENTES, cada uma mais "ajustada" formalmente à fantasia que a anterior. Como consequência desse fluxo de imagens, que se sobrepõe uma após outra à fantasia, o sujeito consciente percebe que o objeto ideal muda permanentemente frente à sua visão eidética, se esclarece, torna-se a cada instante mais significativo. E nessa apercepção deixamos, por ora, o sujeito consciente.

Mas a razão, desde o momento em que iluminou o esquema do peixe, JÁ ASSINALOU O SÍMBOLO ARQUETÍPICO QUE CORRESPONDE COM O PEIXE ALADO DA FANTASIA. Se tal símbolo se encontra dentro do esquema do peixe, mas fora do conceito habitual do peixe real, por que o sujeito cultural não trata imediatamente de notá-lo, fazendo uso de sua faculdade tradutora, em lugar de penetrar no fundo do conceito do peixe real? Resposta: Porque o sujeito cultural é relutante a passar do plano de significação da linguagem habitual a outro plano extremamente oblíquo. O motivo é que tais planos são próprios de linguagens completamente desconhecidas; do ponto de vista do sujeito cultural, isso implica em que o significado buscado tem que ser notado em um contexto ignoto. Se se leva em consideração o temor que o desconhecido costuma inspirar a todo sujeito cognitivo, se estará em condições de compreender a reação morosa do sujeito cultural; sua faculdade tradutora lhe permite tornar horizontal o contexto desconhecido: mas isso significa encontrar-se logo em outro mundo, mundo não só desconhecido, senão evidentemente diferente da realidade corrente. E quando se trata do mundo dos mitos, do contexto no qual se afirma o significado do mito e no qual o mito adquire toda a potência, há que se assumir que um simples indício de sua proximidade basta para causar o pânico do sujeito cultural.

Não obstante o terror que inspira sua visão, os mitos costumam ser notados em um contexto no qual alcançam, desde já, máxima periculosidade, "porque se os pode ver como realmente são". Mas não há que se crer que o sujeito pode permanecer, ainda que paralisado de espanto, muito tempo frente à sua presença, pois, ou bem sucumbe volitivamente ante "um novo Deus", ali, em seu mundo, ou bem regressa à segurança do contexto habitual.

No exemplo que estamos estudando, o sujeito cultural evitou notar o símbolo assinalado pela razão e se compenetrou, com profundidade, no conceito de peixe real. Mas, "no profundo do conceito" está o "núcleo conotativo", essa região da qual participam todos os conceitos do esquema do peixe. Desde o núcleo conotativo é possível vislumbrar qualquer conceito comum e, se assim o requer a faculdade tradutora, tornar horizontal o plano de algum conceito particular. Vamos supor, pois, que o sujeito cultural, ao internar-se no profundo do conceito, percebe a conotação do símbolo assinalado. Esta possibilidade não é remota, se se observa que dito símbolo foi ativado intencionalmente pela razão, quer dizer, foi dirigido a si mesmo, com

preferências sobre os outros Arquétipos da escala do desígnio; em outras palavras, dito símbolo foi recentemente "destacado" por causa da estranheza que a fantasia produziu à razão: do ponto de vista potencial existe, assim, uma predisposição para que seja notado.

A vivência profunda do conceito de peixe CONOTA no sujeito cultural um conceito desconhecido. O sujeito cultural, valendo-se de sua faculdade tradutora, torna horizontal o plano de significação de tal conceito e o nota em seu contexto. Dessa maneira descobre o Deus do ente, o símbolo arquetípico invertido que representa o Arquétipo universal do peixe. Mas o descobre EM UMA DE SUAS FASES, SOB SEU ASPECTO MÍTICO, quer dizer, DESCOBRE UM "DEUS PEIXE". E como tal, o Deus peixe possui, não só braços e asas, senão também coroa, tridente, trono de corais, etc.; ou seja: todo um contexto marinho, um mundo próprio no qual sua existência tem significado pleno.

A esta altura da explicação temos que fazer um importante esclarecimento. Com efeito, quer o mito tenha sido conotado pelo conceito habitual, ou tenha sido notado como conceito oblíquo, o importante é que, quando o sujeito cultural nota o mito em seu contexto, podem ocorrer dois fenômenos: que a potência ativa do mito domine a vontade do sujeito cultural ou que a vontade do sujeito cultural domine o mito. O caso que estamos estudando corresponde ao segundo fenômeno, mas vamos comentar também o primeiro, por ser causador de um tipo bastante frequente de loucura.

Primeiro **–** A princípio há que se perceber que os "mitos", enquanto símbolos arquetípicos, ocupam um lugar no esquema, equivalente ao que os Arquétipos que representam ocupavam na escala formativa, ou Plano do desígnio demiúrgico. Os mitos são, então, símbolos bem travados, que raras vezes haverão de manifestar-se por sua conta. E o contexto mítico é sempre um mundo desconhecido e irreal, que sustenta poucos pontos de contato com a realidade sociocultural.

De maneira que a possibilidade que examinamos pode considerar-se extrema, pois o normal é a não manifestação do mito. Só a ESTRANHEZA ou o desconcerto da razão, por causa de uma fantasia ou por qualquer outro motivo, inclusive um patológico, farão com que o mito fique assinalado e se destaque para a notação do sujeito cultural.

Observemos o primeiro fenômeno: a potência ativa do mito lhe permite dominar o sujeito cultural. Como pode ser isto possível? Resposta: ainda que na Segunda Parte se verá com detalhes, adiantemos que sua visão produz uma paralisia volitiva no sujeito cultural, o qual se vê compelido a identificar-se com o mito e a acompanhá-lo em seu processo; claro, porque o mito é um símbolo arquetípico, comporta-se como um Arquétipo, tentando desdobrar sua potência formativa. Contudo, aqui não nos interessa tanto o COMO, senão O QUE ocorre quando o sujeito cultural é FAGOCITADO pelo mito.

Para responder a tal interrogação digamos que, do ponto de vista da conduta, se está frente a um caso grave de loucura; e, do ponto de vista psicológico, verifica-se a ausência do sujeito consciente. É compreensível: a fagocitação do sujeito anímico pelo mito se efetua na estrutura cultural, que se encontra sob a esfera de sombra, quer dizer, no mais profundo do inconsciente. Nesse nível, como "sujeito do mito", como "Deus vivente" (em seu contexto) concretiza-se o término do sujeito anímico. Não há já sujeito consciente nem consciência alguma e, pelo contrário, a estrutura psíquica se reduziu ao inconsciente. O que ocorre, em tudo isto, com o sujeito anímico?

No fim dessa breve explicação há que se considerar que, após a fagocitação, O SUJEITO "É" O MITO. Trata-se, desde já, de um desvio muito sério dos objetivos da finalidade do pasu: o sujeito anímico, expressão da alma nas estruturas psíquicas, em lugar de impulsionar o desenvolvimento de um sujeito histórico, que permita alcançar a mais alta harmonia ao microcosmo, para assim colocar o máximo sentido nos entes do

macrocosmo, comporta-se como o Deus de UM ente. Toda a energia volitiva que o sujeito anímico dispunha para desdobrar-se evolutivamente em complexas estruturas, com esquema de milhares ou milhões de entes, agora se emprega para desdobrar o processo formativo de UM ente, para ser o Deus de UM ente. Para continuar com o exemplo proposto, devemos imaginar que o sujeito anímico, transformado em Deus peixe, encontra-se vivenciando, com o mesmo grau de inteligência de um peixe, um mundo oceânico de características oníricas, fantásticas, míticas, no qual seu comportamento é natural.

Naturalmente, um sujeito em tais condições há de expressar uma conduta grotesca, demencial, incompreensível ainda que para os psiquiatras. Basta pensar que, em um caso de loucura semelhante, o enfermo dificilmente consiga articular palavra de linguagem sociocultural, UMA VEZ QUE O SUJEITO SE ENCONTRA RADICADO PERMANENTEMENTE NO PLANO CONTEXTUAL DO MITO, NO MUNDO ONDE O MITO TEM SEU SIGNIFICADO. Mas o mais notável é que talvez o enfermo expresse sinais QUE SÓ TEM SENTIDO NAQUELE MUNDO DO MITO. Por desgraça, uma demência desse tipo sempre faz do homem um imbecil; mas a dito mal, quase sempre se deve somar a imbecilidade demencial dos terapeutas, os quais costumam ignorar dogmaticamente o funcionamento estrutural da psique.

Segundo **–** Do enfrentamento com os mitos nem sempre segue irremediavelmente a loucura: pelo contrário, o primeiro fenômeno indica claramente a necessidade da FRAQUEZA VOLITIVA do sujeito anímico para desenvolver-se. Um sujeito "normal" dispõe invariavelmente de suficiente energia para evitar o feitiço do mito.

Se tal é o caso, se se trata de um sujeito "normal", então pode ocorrer o segundo fenômeno. Mas, se o sujeito é capaz de dominar a situação, se consegue abandonar o mito e o seu contexto alucinante e regressar, por exemplo, ao plano da linguagem habitual, por que falamos de "fenômeno"? Acaso a mera notação do mito, o vislumbre fugaz de seu significado oculto, bastam para produzir uma consequência fenomênica? Resposta: com efeito, só o fato de que o sujeito cultural estabeleça um contato com o mito, por fugaz que este seja, gera a representação de um SÍMBOLO SAGRADO; a emergência dos símbolos sagrados constitui, PARA O SUJEITO CONSCIENTE, o "fenômeno do mito". A resposta será clara se temos presente tudo o que sabemos sobre a figura 21. Ali se mostrou um CASO GERAL de representação consciente **("l")**: em geral, o sujeito cultural concebe um símbolo representativo **(l)** cada vez que anima um conceito fatia **(xx).** Consequentemente, no CASO PARTICULAR de que o conceito compreenda um mito, o fenômeno há de ser análogo ao que descreve a figura 21. Quer dizer: a representação racional do conceito "mito" tem que ser o "símbolo sagrado".

De acordo com o estudado, o símbolo sagrado, enquanto representação racional de um conceito, emergirá também para a esfera de luz como ideia, quer dizer, imagem e significado; claro, tal "imagem" corresponde formalmente ao símbolo sagrado e, como todo símbolo, sua compleição substancial estará constituída pela energia psíquica com todas as suas notas. A potência ativa do conceito-mito determina a direção da energia do símbolo emergente por sua referência a si mesmo; o símbolo sagrado tem, assim, a "primeira intenção", mas, como está composta esta referência a si mesmo do conceito- mito? Quer dizer, a que caso, dos estudados no comentário Oitavo do artigo 'F', responde a emergência do símbolo sagrado? Resposta: O caso é, sem dúvida, o (c), aquele no qual a referência a si mesmo se compõe de uma referência afetiva IRRACIONAL de grande magnitude e de uma fraca referência racional; é este caso, o símbolo inclina-se até a esfera afetiva, para o coração, para o sujeito irracional. Mas o interessante aqui é entender por que o símbolo sagrado emerge segundo o caso

(c). E o motivo é o seguinte: a razão, ao interpretar o desígnio de um ente externo, por exemplo, um peixe, refere com respeito a si mesmo a potência do esquema do peixe; os componentes desta referência são: fixos e característicos de cada esquema, pois dependem da impressão com que os entes afetam as esferas racional e afetiva ao serem conhecidos; mas, não obstante que PARA TODO O ESQUEMA existe uma referência a si mesmo em função das referências racional e afetiva FIXAS, os componentes da referência a si mesmo PODEM VARIAR COM CADA CONCEITO DO ESQUEMA; o grau de tal variação está em relação direta com a evolução da faculdade tradutora do sujeito cultural: a variação se produz CADA VEZ QUE O SUJEITO NOTA UM CONCEITO DE UMA LINGUAGEM NÃO HABITUAL OU SIMPLESMENTE DESCONHECIDA; a lei é: QUANTO MAIS DESCONHECIDA SEJA A LINGUAGEM CONTEXTUAL, NA QUAL É NOTADO UM CONCEITO, TANTO MAIOR SERÁ A MAGNITUDE DA REFERÊNCIA AFETIVA, IRRACIONAL, QUE INFLUIRÁ NA DIREÇÃO DO SÍMBOLO HOMÓLOGO EMERGENTE; pelo contrário, quando a linguagem é habitual, as referências (3) e (4) são equilibradas e compõem uma referência a si mesmo do caso (a), capaz de dirigir a energia do símbolo emergente diretamente para a esfera de luz.

O mito, por ser notado na linguagem contextual de um plano de máxima obliquidade, causa uma referência afetiva de grande magnitude que inclina, segundo vimos, o símbolo sagrado para a esfera afetiva e o sujeito irracional. Quando estudemos o comportamento autônomo do mito no próximo artigo, se evidenciará a importância de que se reveste o fato de que o símbolo sagrado pertença ao caso (c).

No que segue, partimos da hipótese de que o símbolo sagrado emerge na esfera de luz e se apresenta frente ao sujeito consciente. O término dessa emergência é a fantasia, à qual o símbolo sagrado SE SOBREPÕE, do mesmo modo que o faz qualquer símbolo ou representação consciente para responder à flexão cognitiva do sujeito consciente.

Regressemos agora ao ponto de vista do sujeito consciente e façamos um resumo do ocorrido até aqui. A princípio, o sujeito percebe diretamente a fantasia do peixe alado; as flexões que realiza para compreendê-la provocam a reação da razão e sua resposta conduz o sujeito cultural a notar o conceito do peixe real e a produzir sua representação racional; quase instantaneamente emerge a imagem do peixe real e se sobrepõe à fantasia; o sujeito consciente apercebe, então, que a fantasia É um peixe, mas simultaneamente intui que a descrição é incompleta; ao manter sua atenção reflexiva dirigida à fantasia, com o objetivo de compreender os braços e as asas, que ainda carecem de significado (racional), o sujeito consciente “obriga” o sujeito cultural a aprofundar no conceito-fatia do peixe real; é produzido, assim, um fluxo de imagens do peixe real que, em procissão, vão se sobrepondo à fantasia e ocasionam ao sujeito consciente a apercepção de que a fantasia vai se tornando cada vez mais significativa. Neste ponto tínhamos ficado.

Observemos que esse maior significado que o sujeito consciente apercebe na fantasia, a cada instante, implica uma denotação cada vez menor do peixe real e cada vez mais aproximada ao peixe alado. Contudo, até aqui, o fenômeno não difere em nada do mascaramento racional das fantasias que estudamos no comentário Segundo do artigo anterior.

É claro, quando a situação muda radicalmente é no momento em que emerge, na esfera de luz, o símbolo sagrado: ENTÃO A FANTASIA DEIXA DE INTERVIR NO FENÔMENO E SE AUSENTA DEFINITIVAMENTE DO PLANO OBJETIVO. Por quê? Resposta: Porque o mascaramento por um símbolo sagrado resulta energeticamente insuperável para qualquer objeto ideal. Pois bem, toda representação consciente, ainda aquela que mascara uma fantasia, tenta desdobrar em um processo a potência de seus

símbolos arquetípicos, processo que, segundo vimos, aliena a atenção do sujeito consciente e coloca à prova sua força volitiva. O SÍMBOLO SAGRADO, COMO TODA REPRESENTAÇÃO QUE MASCARA UMA FANTASIA, INICIA UM PROCESSO ENTELEQUIAL AUTÔNOMO NO PRÓPRIO INSTANTE EM QUE IRROMPE NA ESFERA DE LUZ. Mas há uma diferença entre ambos os processos, uma essencial e perigosa diferença: enquanto toda representação está referida a si mesmo, ao esquema de si mesmo, quer dizer, à esfera de consciência, o símbolo sagrado se apresenta na esfera de luz REFERIDO AO SUJEITO CONSCIENTE; ocorre assim porque o símbolo sagrado montou, logo de cara, sobre uma fantasia, sobre um objeto ideal sustentado essencialmente pelo sujeito. Isto se entenderá melhor se recordamos que toda fantasia representa objetos, ou situações objetivas, IRREAIS, sem existência no mundo exterior; tais objetos irreais, "objetos da fantasia" ou "fantasmas", só podem existir na mente como produtos do sujeito consciente. O sujeito consciente sustenta a existência da fantasia, por mais evidentemente irreal que seja seu conteúdo, e por isso o símbolo sagrado, que se sobrepõe a ela, que dela recebe seu fundamento, acaba também essencialmente indicado pelo sujeito consciente, referido a este.

Fica clara a diferença visada: toda representação consciente, por sua primeira intenção, está referida a si mesmo; as fantasias, pelo contrário, não possuem primeira intenção, são produtos do sujeito consciente, "CRIAÇÕES", e estão sustentadas por este; o símbolo sagrado, cuja emergência teve como origem a apercepção de uma fantasia, manifesta-se frente ao sujeito consciente, EM SUBSTITUIÇÃO DA FANTASIA, como objeto de apercepção; em consequência: sustentado por ele e referido a ele. Esta diferença referencial, que tratamos de esclarecer, implica em um efeito diametralmente oposto ao causado pelos processos entelequiais. Se o objeto ideal é uma representação, referida a si mesmo, SEU PROCESSO SE DESENVOLVERÁ FRENTE AO SUJEITO, COMO ESPETÁCULO; e o sujeito consciente, como espectador, poderá ATENDER ou não a tal espetáculo: se deseja conhecer colocará atenção no processo, mas, sua energia volitiva há de lhe permitir interrompê-lo retirando a atenção, tirando-o do presente. Pelo contrário, TENTARÁ DESDOBRAR SEU PROCESSO SOBRE ELE, ENVOLVENDO-O COMO AUTOR E NÃO COMO MERO ESPECTADOR.

Naturalmente, um símbolo sagrado pode ser também dominado volitivamente pelo sujeito consciente; mas tal possibilidade é efetivamente remota para o pasu e só um tipo de virya, o "gracioso luciférico", conseguirá realmente deter seu processo; a relação que se estabelece entre um símbolo sagrado e o sujeito consciente do virya, ou "Eu", se denomina TENSÃO DRAMÁTICA e será objeto de profundo estudo na Segunda Parte. Mas aqui estamos considerando o pasu: um tipo exemplar de pasu altamente evoluído, cujo comportamento e constituição psíquica nos permitirá posteriormente compreender a dupla natureza do virya, quer dizer, NOS PERMITIRÁ DESCOBRIR, NO MICROCOSMO MORTAL, A ALMA IMORTAL E, CATIVO NO SEIO DA ALMA IMORTAL, O ESPÍRITO ETERNO. Por isso, neste e no próximo artigo, suporemos que o sujeito consciente do pasu NÃO CONSEGUE dominar o símbolo sagrado.

O que ocorre, então? Para mostrá-lo de maneira mais gráfica, podemos dizer que o sujeito consciente, que se encontrava em plena apercepção da fantasia, comprova de repente que a imagem "ganhou vida" e se independeu de sua vontade. Quer dizer: o símbolo, que representa o mito, torna-se sua personificação ativa, ameaça desdobrar-se e fagocitar o sujeito; e o sujeito, que não percebe a transição entre fantasia e mito, experimenta a eterna situação do criador cuja obra escapa ao seu controle e se individualiza. Uma situação semelhante foi projetada em mil obras literárias, desde os "mestres" que iluminam e modelam a mente dos discípulos (suas

"obras"), os quais logo se independem e traem os mestres, até esses Deuses primitivos cujas criaturas, sejam homenzinhos de barro ou anjos, se rebelam e tentam disputar o poder. Mas, na verdade, despojando o fenômeno de todo ARGUMENTO MÍTICO, quer dizer, das crostas culturais, pode se ver que a oposição criatura-criador tem sua origem na tensão dramática entre o símbolo sagrado e o sujeito consciente.

Uma fantasia, um objeto irreal cuja existência depende da vontade do sujeito, torna-se autônomo em um instante e ameaça perigosamente com apoderar-se da vontade do sujeito. O que aconteceu, na realidade? Que o sujeito consciente NÃO PERCEBE A SUBSTITUIÇÃO DA FANTASIA PELO MITO e acredita presenciar um mesmo fenômeno em sua continuidade processual. Mas a fantasia, o objeto produzido pelo sujeito consciente, deixou efetivamente de intervir no fenômeno desde o instante em que o símbolo sagrado emergiu na esfera de luz. E acontece, por fim, que o sujeito é vítima de um engano: não é criador, muito menos do monstro que tenta devorá-lo. A falsificação, como vimos, foi efetuada pelo símbolo sagrado; se há um culpado do engano, sem dúvida está aqui, POR TRÁS DO SÍMBOLO SAGRADO. Mas, o que é um símbolo sagrado? NÃO SÓ "A REPRESENTAÇÃO DO MITO", SENÃO O TÉRMINO DE UMA PROCISSÃO DE FORMAS, QUE PARTE DO ARQUÉTIPO UNIVERSAL, "QUE É, SEGUNDO SABEMOS, SUSTENTADO PELA VONTADE DO DEMIURGO". Eis aqui o culpado POR TRÁS do símbolo sagrado: mito ou símbolo arquetípico, Arquétipo invertido, desígnio demiúrgico, Arquétipos universais, Demiurgo o Uno. No princípio da série arquetípica, alentando o desenvolvimento do símbolo sagrado, está o Demiurgo. Por quê? Para que? Resposta: O DEMIURGO PREVIU, EM SEU PLANO, A ATIVIDADE QUE OS SÍMBOLOS SAGRADOS TERÃO QUE DESDOBRAR NO MICROCOSMO E É SEU INTERESSE QUE TAIS SÍMBOLOS MANIFESTEM-SE AO SUJEITO CONSCIENTE. Desde já, esta resposta só pode significar uma coisa: OS SÍMBOLOS SAGRADOS DEVEM CONTRIBUIR PARA CONCRETIZAR O OBJETIVO MICROCÓSMICO DA FINALIDADE. Como? Outorgando ao sujeito consciente a possibilidade DE SUPERAR A CRISE. A possibilidade de empregar o símbolo sagrado como ponte metafísica sobre o abismo da crise será exposta, também, no próximo artigo.

O importante agora é compreender que os símbolos sagrados, desde o momento em que se produz a emergência, transcendem o plano físico do microcosmo e PARTICIPAM DO PLANO METAFÍSICO DO MACROCOSMO. (Por isso os símbolos sagrados são os únicos sinais metafísicos válidos, os verdadeiros fundamentos de toda Metafísica; contrariamente, deve-se negar o título de "Metafísica" a toda ciência cujo objeto não seja o conhecimento dos símbolos sagrados; e, por último, a mais elevada Metafísica é a Gnose Hiperbórea, porque os símbolos sagrados constituem para ela o principal objetivo de sua indagação). Esta "participação metafísica" significa que o símbolo sagrado representa tanto o mito, o símbolo arquetípico, estruturado no esquema do microcosmo como um Arquétipo psicoide do macrocosmo: sua "verdade" é uma verdade transcendente. Mas por que tal transcendência só é possível QUANDO O SÍMBOLO SAGRADO EMERGE, quer dizer, quando se faz consciente, e não antes? Resposta: Porque só então, quando "há símbolo sagrado", "representação de um mito", se dá o caso de que um símbolo arquetípico, situado ao princípio da escala formativa do desígnio, seja ATIVADO ENERGETICAMENTE EM SEPARADO: ao atualizar o símbolo sagrado se desengancha um elo da cadeia, mas tal elo só pode existir em separado se PARTICIPA de um Arquétipo universal e é sustentado por este. Vimos que o mito pode fagocitar o sujeito cultural enquanto se encontre em seu contexto esquemático e enquanto o sujeito manifeste fraqueza volitiva; mas, se o sujeito se retira para o seu contexto habitual; o mito não significa nada; inclusive o sujeito poderia ignorar por toda a vida, e isto é o mais comum, a existência dos mitos estruturados.

Mas se um mito é representado fora de seu contexto, isso equivale a separar o primeiro elo de uma cadeia evolutiva, que vai do Arquétipo universal ao ente, quer dizer, EQUIVALE A ATUALIZAR NO MICROCOSMO UM ARQUÉTIPO UNIVERSAL NO PRIMEIRO INSTANTE DO SEU DESDOBRAMENTO EVOLUTIVO. De modo que o símbolo sagrado, ao emergir da esfera de luz e substituir a fantasia como objeto de apercepção do sujeito consciente, ESTÁ COLOCANDO O SUJEITO CONSCIENTE NÃO EM UM MERO CONTATO COM O MITO ESQUEMÁTICO, SENÃO COM UM ARQUÉTIPO UNIVERSAL. E, ATRAVÉS DELE, COM O DEMIURGO. É certo, então, que todo símbolo sagrado, qualquer que seja seu sinal, desde o complexo Zeus olímpico até a abstrata cruz, representam o Deus do Universo, o Uno, o Demiurgo cósmico: o símbolo sagrado, em um fundo metafísico que há que se transcender, participa ou é a manifestação revelada da Vontade do Uno.

A Vontade do Demiurgo, presente por trás dos símbolos sagrados, explica por que sua aparição frente ao sujeito consciente não causa jamais uma loucura do tipo descrito como "primeiro fenômeno". Aqui, pelo contrário de uma regressão formal ao mundo primitivo do mito, corre-se o "perigo" de tornar-se "representante de Deus na Terra", profeta, enviado divino, reformador social, herói, homem do destino etc.; quer dizer, corre-se o perigo de que o sujeito anímico se identifique com uma função coletiva e cesse de evoluir como indivíduo. Tal o "perigo" que corre O SUJEITO CONSCIENTE se é fagocitado pelo símbolo sagrado; mas nesse caso trata-se de uma loucura "legal", necessária para os objetivos macro e microcósmico da finalidade do pasu. Isto será demonstrado na Segunda Parte, ainda que convenha adiantar que para o virya, cujo interesse declarado consiste em liberar seu Espírito Hiperbóreo, não existe perigo maior do que a identificação do sujeito com um mito coletivo: EM SEU CASO isso implica, na verdade, em algum tipo de transtorno mental, desde a dissolução do sujeito consciente até sua fragmentação esquizofrênica.

Não podemos acabar este artigo sem mencionar o pasu de nosso exemplo. Sua fantasia de peixe alado se transformou, de repente, em um Deus peixe autônomo; a partir desse fato, a atitude do pasu será típica: ou se identificará com o mito e se tornará, para a comunidade, em seu representante vivente, ou o adorará, sem identificar-se completamente, e se transformará em seu profeta. Neste último caso, REVELARÁ à comunidade o símbolo sagrado de Deus peixe EXPRESSANDO SEU SINAL; e, na medida em que os membros da comunidade introjetem o sinal e tenham acesso ao símbolo sagrado, ao contato com o mito, o mito reinará não dentro, senão fora, como Mito, quer dizer, como Arquétipo psicoide. Desde já, ao adorar ao Mito, o Deus peixe, Dagon, a comunidade adora na realidade o Demiurgo, o Deus Uno, cumprindo sua finalidade macrocósmica.

I - Comentários complementares sobre o mito e o símbolo sagrado.

Primeiro - Comportamento autônomo do mito.

Quando a referência afetiva de um símbolo sagrado é de magnitude muito grande, caso (c), determina a referência a si mesmo a desviar-se do umbral de consciência e a dirigir-se à esfera afetiva. Então o símbolo não emerge na esfera de luz, frente ao sujeito consciente, tal como se supôs no artigo anterior, e podem ocorrer dois casos: que o símbolo sagrado abandone a esfera de sombra e penetre na esfera afetiva, ou que permaneça na esfera de sombra. Vejamos ambos os casos.

1º caso: ao penetrar na esfera afetiva, o símbolo sagrado acaba "orientado" para o coração, onde se integra ao esquema afetivo ali existente; em consequência, o símbolo passa a ser domínio do sujeito afetivo, que é absolutamente irracional. O sujeito anímico evolutivo – em qualquer de suas manifestações estruturais, "razão",

"cultural", "consciente" – será sempre impotente para operar sobre um símbolo situado no coração, e mais ainda se o sujeito irracional se identificou com ele. O pasu experimenta, assim, uma espécie de dependência irracional PARA COM A ESSÊNCIA do símbolo sagrado, quer dizer, para o que este representa e expressa.

Este caso constitui um dos Princípios da Estratégia Psicossocial e, como tal, foi amplamente explorado pela Sinarquia de todos os tempos para exercer um controle PELO CORAÇÃO das massas: as grandes religiões organizadas, por exemplo, servem-se deste Princípio para dominar, mediante símbolos sagrados CORdiais, conCORdantes com o objetivo macrocósmico, as suas paróquias, e estas respondem irracionalmente, MAS DE MANEIRA ESTRATEGICAMENTE PREVISÍVEL.

À parte da dependência geral a símbolos sagrados políticos, religiosos, etc., o primeiro caso explica também situações particulares importantes. Por exemplo, o enamoramento vulgar do pasu, que não deve ser confundido com o A-mort dos Siddhas e viryas, tem sua origem em um símbolo sagrado, o da mulher arquetípica, a "anima" de C. G. Jung, que se instalou no coração e se vitalizou com energia do sujeito irracional. O "enamoramento" ocorre quando o pasu projeta inconscientemente, sobre certa mulher, o símbolo da anima e o reconhece logo, o introjeta, identificado com a mulher de carne: o pasu acredita, assim, ter descoberto, materializada, a mulher ideal. Acontece, então, um fenômeno clássico: o sujeito anímico evolutivo é eficaz para atuar racionalmente em toda situação, salvo aquela em que intervenha a amada de carne; neste último caso, frente à mulher amada, se produz um enfraquecimento volitivo do sujeito anímico evolutivo e a conduta do pasu passa a ser regida pelas determinações irracionais do coração.

2º caso: Se o símbolo sagrado permanece na esfera de sombra, quer dizer, no inconsciente, COMO REPRESENTANTE AUTÔNOMO DE UM MITO, isso só pode ocorrer porque foi sustentado por UM SUJEITO IRRACIONAL, seja do coração ou qualquer outro. O caso deve ser considerado como se a alma, além do sujeito anímico evolutivo, se manifestasse NO SÍMBOLO SAGRADO e o animasse individualmente. Recordemos que algo similar ocorre com os chakras, que são também complexíssimos símbolos onde a alma se manifesta em uma pluralidade de sujeitos irracionais: a diferença radica em que os chakras formam a estrutura astral do microcosmo, quer dizer, estão ligados, enlaçados entre si, e os símbolos sagrados, pelo contrário, dispõem de relativa autonomia na esfera de consciência.

Naturalmente, um símbolo sagrado na esfera de sombra, animado por um sujeito irracional, só pode ser uma fonte de perturbações anímicas, volitivas, psíquicas, etc.: está além do sujeito cultural, que é "cego" para as imagens, não possui a faculdade de imaginar, mas aquém do sujeito consciente, pois permanece oculto na esfera de sombra como um "mito vivente", como um verdadeiro demônio interior, ainda que só se trate da representação autônoma de um mito. Sempre perseguindo o sujeito anímico evolutivo, tratará de dominá-lo e tomar o controle do microcosmo; e não haverá maneira de preveni-lo, porque seu comportamento será absolutamente irracional: emergirá em sonhos ou na vigília, ou até obcecará inconscientemente o sujeito, mas em todos os casos causará algum grau de neurose. Digamos, por último, que muitos símbolos sagrados animados irracionalmente, como os do 2º caso, costumam ser minimizados pela psicanálise.

Segundo - Estudo energético da emergência do símbolo sagrado.

Consideremos agora o caso em que o símbolo sagrado emerge efetivamente frente ao sujeito consciente, de maneira semelhante ao símbolo **I'** da figura 21. De maneira semelhante, MAS NÃO IGUAL, porque todo símbolo sagrado caracteriza-se por uma qualidade que não possuem os símbolos homólogos de conceitos habituais tais como **I'**. E essa qualidade é a seguinte: O NÍVEL DE ESTABILIZAÇÃO

ENERGÉTICA **(Ψ')** DE TODO SÍMBOLO SAGRADO É O QUE CORRESPONDE À MÁXIMA ENERGIA **(E máx.).**

Para esta explicação nos remetemos ao dito no comentário décimo terceiro do artigo "F". Ali se viu que todo símbolo que atravessa o umbral de consciência efetua uma "transição energética" entre um nível mínimo **(E min.)** e um nível máximo **(E máx.)**: no nível exato do umbral de consciência **(Ψ)** a energia é zero. Pois bem, o nível máximo de energia é O MAIS PRÓXIMO AO UMBRAL DE CONSCIÊNCIA e nesse nível, levemente por cima de **(Ψ)**, SITUA-SE TODO SÍMBOLO SAGRADO. Com o fim de visualizar o fenômeno, recordemos que o umbral de consciência é análogo a uma superfície líquida, tal como um lago ou o mar: a máxima energia com que um símbolo sagrado se manifesta na esfera de luz equivale, não a um peixe voador que emerge, ganha determinada altura, para depois submergir novamente, analogia que alcança todo símbolo NÃO SAGRADO ou representação consciente, senão ALGO QUE FLUTUA, UM TRONCO DE MADEIRA, por exemplo, cuja forma se fez patente de repente, ante nossa vista, realçando-se nitidamente sobre a superfície líquida.

Recordemos que o trânsito de um símbolo se compõe de "emergência", até **(Ψ')**, e " processo", a partir de **Ψ**: em **(Ψ')** conclui a emergência e começa o processo entelequial. Por tal motivo, a figura análoga para o símbolo sagrado, NO NÍVEL DE ESTABILIDADE ENERGÉTICA **(Ψ')**, corresponde a "algo que flutua", quer dizer, um exemplo "estático"; na Segunda Parte veremos que tal "Processo" do símbolo sagrado corresponde à figura analógica de um globo que se infla, quer dizer, um exemplo dinâmico.

O importante é compreender que quando o símbolo sagrado emerge com máxima energia, NÃO POSSUI POTÊNCIA ATIVA, quer dizer, É TODO UM ATO, "ACTUS PURUS", COMO UM DEUS. Por isso, ao irromper com grande clareza frente à visão do sujeito consciente, sua luz acaba sendo cegante e irresistível. E a perplexidade que tal aparição causa no sujeito é aproveitada pelo mito para iniciar seu processo entelequial; mas esta fase do fenômeno será estudada na Segunda Parte.

No artigo anterior consideramos, como exemplo, o caso em que um símbolo sagrado emerge ESPONTANEAMENTE como efeito da apercepção de certa fantasia. Vimos ali que o símbolo se sobrepõe, inicialmente, à fantasia para logo substituí-la definitivamente na objetividade do sujeito consciente. Mas agora sabemos que todo símbolo sagrado se manifesta na esfera de luz com máxima energia, apenas emergindo do umbral de consciência, e nos perguntamos: como ocorre dita sobreposição se, por exemplo, o símbolo **I'** da fantasia se encontra em um nível energético diferente ao do símbolo sagrado? Resposta: a fantasia se deslocou para o símbolo sagrado, até confundir-se com ele; para isso recebe energia DO SÍMBOLO SAGRADO, o qual se comporta, PARA O SÍMBOLO, como um efetivo sujeito dominante. Contudo, o sujeito consciente jamais consegue notar tal deslocamento, por este ocorrer EM FRENTE AO SEU HORIZONTE DE VISÃO. Para explicá-lo analogicamente, suponhamos que enquanto observamos um menino, abrem-se as nuvens e sai o sol, justamente POR DETRÁS DELE, de tal sorte que só percebemos um violento resplendor que nos cega e logo não podemos mais distinguir sua figura. Pois bem, inútil será que logo após o menino nos jure que, DURANTE O FENÔMENO, RETROCEDEU VÁRIOS PASSOS; não o teremos notado, CONFUNDIDO COMO ESTAVA o menino com o sol. De maneira semelhante, a fantasia RETROCEDE frente à visão eidética do sujeito, até confundir-se com o símbolo sagrado, produzindo a ilusão de que é ela própria quem se torna subitamente luminosa e animada.

J - Símbolo sagrado e Metafísica Hiperbórea.

"Metafísica" é a ciência cujo objeto de conhecimento é O SER DO ENTE. Se recordarmos que no inciso Finalidade e Suprafinalidade se expôs que em todo ente

físico, exterior, existe um SER EM SI, ou Arquétipo universal, e um SER-PARA-O-HOMEM ou desígnio, compreender-se-á o acertado da denominação "Metafísica" com que qualificamos esta Primeira Parte, uma vez que o "desígnio" constitui seu objeto de estudo mais importante. Contudo, a Sabedoria Hiperbórea outorga ao vocábulo "Metafísica" um significado mais específico e transcendente que o mero estudo do desígnio demiúrgico, ainda que esta última tarefa seja a que efetivamente vem realizando a Metafísica tradicional.

Para evitar confusões, vamos definir a METAFÍSICA HIPERBÓREA como AQUELA CIÊNCIA CUJO OBJETO DE CONHECIMENTO SÃO OS SÍMBOLOS SAGRADOS; em consequência: TODO SÍMBOLO SAGRADO É A REPRESENTAÇÃO DE UMA VERDADE METAFÍSICA. Contudo, a definição não será completa se não assinalamos sua principal condição: SÓ SE CONSIDERAM "OBJETOS METAFÍSICOS" OS SÍMBOLOS SAGRADOS QUE EMERGEM PELO UMBRAL DE CONSCIÊNCIA E SE ENFRENTAM AO SUJEITO CONSCIENTE, caso (a). Um pouco que se medite sobre esta condição se comprovará que ela faz da Metafísica Hiperbórea UMA CIÊNCIA PRÓPRIA DA ESFERA DE LUZ, quer dizer, UMA CIÊNCIA da consciência. Mas não há que se confundir: que tal ciência seja "própria" da esfera de luz não implica que seu âmbito de observação seja exclusivamente a esfera de luz; não dissemos "seu objeto de conhecimento é a esfera de luz" senão "seu objeto de conhecimento são os símbolos sagrados QUE EMERGEM NA ESFERA DE LUZ". Qual é a diferença? Que, tal como se disse no artigo "H", um símbolo sagrado é "não só a representação do mito, senão o término de uma procissão de formas que parte do Arquétipo universal, que está, segundo sabemos, sustentada pela "Vontade do Demiurgo". Quer dizer: que um símbolo sagrado, por ter sido separado da estrutura do desígnio, PARTICIPA ATIVAMENTE DE UM ARQUÉTIPO UNIVERSAL. A Metafísica Hiperbórea, então, é uma ciência "própria da esfera de luz", mas cujo objeto de conhecimento, o símbolo sagrado, faz possível a transcendência do microcosmo, pois estende seu âmbito de observação ao plano arquetípico do macrocosmo. É claro, a Metafísica Hiperbórea só pode ser praticada pelos viryas e Siddhas, já que nada parecido ao conhecimento dos Arquétipos universais está permitido ao pasu. Se aqui adiantamos sua definição, antes de estudar o que é um virya e um Siddha, isso se deve a que nos convém dar a explicação como corolário dos artigos anteriores sobre o mito e o símbolo sagrado. Na verdade, só na Segunda Parte se exporá e aplicará a Metafísica Hiperbórea do símbolo sagrado.

Mas, se ao pasu está vedada a possibilidade de transcender os símbolos sagrados, que sentido tem sua aparição? Por que o Demiurgo previu sua emergência? Resposta: por um motivo operacional. É o Demiurgo, através dos Arquétipos universais, quem se propõe A OPERAR SOBRE O PASU EM DETERMINADOS MOMENTOS DE SUA HISTÓRIA; e tal operação é possível porque os Arquétipos universais se manifestam nos símbolos sagrados e estes participam daqueles. Eis aqui as possibilidades operacionais: o símbolo sagrado emergiu como representação de um mito, como efeito da racionalização de uma fantasia; ou talvez tenha sido ENSINADO por um instrutor cultural e o pasu o APRENDEU: o sujeito cultural tomou-o como impressão sensível e o sujeito consciente o percebeu como representação consciente, quer dizer, como símbolo sagrado emergente na esfera de luz; ou também, o símbolo sagrado PODE TER SURGIDO DA SUPERESTRUTURA DO FATO CULTURAL EXTERIOR E TER SIDO CAPTADO COMO "DESCOBRIMENTO"; etc. Em qualquer caso, sem que influa a maneira como o símbolo sagrado chegou a ser conhecido pelo pasu, o certo é que ao "aparecer" na esfera de luz, invariavelmente participará de um Arquétipo psicoide que exercerá sua ação sobre o sujeito. Pois bem, quais são esses "momentos determinados" da História do pasu nos quais emergem os símbolos

sagrados que permitem a operação dos Arquétipos psicoides, quer dizer, durante os quais a vontade do sujeito acaba dominada por uma vontade transcendente, por um padrão de conduta coletivo? Resposta: tais "momentos" próprios na história do pasu (mas que não são alheios à História de sua comunidade sociocultural, uma vez que existe um certo paralelismo entre a estrutura cultural e as superestruturas de fatos culturais, que se estudará na Segunda Parte), SÃO MOMENTOS DE CRISE. Os símbolos sagrados têm por função estender uma ponte sobre a crise, ALIVIANDO O SUJEITO ANÍMICO EVOLUTIVO, A ALMA, POR UM INSTANTE OU POR UM TEMPO MAIS PROLONGADO, DO CONTROLE DO MICROCOSMO: mas isso ocorre, naturalmente, quando o sujeito carece de vontade para impor-se ao processo entelequial do símbolo sagrado; justamente, os "momentos de crise" são aqueles nos quais o sujeito anímico está desfalecente, talvez desesperado, sentindo que se afunda irremediavelmente nas trevas de uma situação insuperável.

Podemos definir a crise como A IMPOSSIBILIDADE DO SUJEITO ANÍMICO EVOLUTIVO PARA MINIMIZAR RACIONALMENTE UMA SITUAÇÃO CONCRETA. Com termos da analogia estrutural, e considerando que tal situação concreta irredutível é equivalente a um ente que impressiona traumaticamente a esfera sensorial, a crise se produz quando o desígnio é esquematizado em um caso (c) extremo, quer dizer, quando a referência afetiva é de maior magnitude. Em tal caso, a referência a si mesmo, com que a potência ativa dirige a representação ao ser vivenciado o esquema pelo sujeito cultural, será intensamente emocional, irracional, orientada para o coração. Como consequência a representação do ente traumático, quer dizer, da situação concreta, emerge MUITO LONGE DO SUJEITO CONSCIENTE (por sua inclinação (c) na esfera de sombra), o que é percebido por este como POUCO CLARO; OU NÃO EMERGE EM ABSOLUTO E SE DIRIGE DIRETAMENTE À ESFERA AFETIVA E DALI AO CORAÇÃO. É então quando O SUJEITO CONSCIENTE APELA PARA A SUA FACULDADE DE IMAGINAR, PARA ENCONTRAR A RESPOSTA QUE A RAZÃO LHE NEGA.

Mas uma coisa é imaginar, sem imposição alguma, e outra SUPRIR COM A IMAGINAÇÃO O INCOMPREENSÍVEL, obrigado pela circunstância concreta, pela "pressão do ente". Assim como das trevas não surge a luz, tampouco um sujeito perturbado pode produzir uma imagem esclarecedora: o que ocorre é que, frente ao sujeito consciente, emerge uma fantasia tão incompreensível como o conceito do ente traumático cuja representação desviou para o coração. E essa fantasia sem sentido ao ser apercebida pelo sujeito consciente, quer dizer, ao ser racionalizada, é que desencadeia finalmente o fenômeno do mito e o símbolo sagrado que descrevemos no artigo "H", colocando como exemplo a imagem do peixe alado. Claro que se, no lugar de sua imaginação, o pasu recorre a um sacerdote e este lhe diz que medite sobre tal ou qual símbolo, ou reze a uma Deidade, ou recorre a qualquer outro procedimento semelhante que tenha por término "o sujeito consciente frente ao símbolo sagrado", o resultado será o mesmo: um Arquétipo psicoide tentará fagocitar o sujeito consciente e tomar o controle do microcosmo.

Em síntese, a crise é o efeito que uma situação desarrazoada, ou diretamente irracional, produz no sujeito consciente; ESTE PERCEBE, ENTÃO, QUE SE QUEBRA A CONTINUIDADE DE SUA HISTÓRIA, QUER DIZER, QUE AMEAÇA SE FRATURAR O PRÓPRIO FIO DA CONSCIÊNCIA, DA ESFERA DA CONSCIÊNCIA. Mas o esquema de si mesmo, a esfera de consciência, não pode se romper sem que isso implique na loucura ou na morte: em todo caso, acontece a dissolução da consciência, o regresso ao estado fetal. Para estender uma ponte sobre o abismo da crise, para unir as margens da história e permitir a continuidade do sujeito histórico, estão os símbolos sagrados: eles participam dos Arquétipos psicoides e estes se manifestam em frente

ao sujeito em crise; fagocitam-no, suplantam-no, e sustentam o microcosmo o tempo necessário; e, às vezes, quando a História o requer, permanentemente.

Os símbolos sagrados ajudam, assim, a cumprir o objetivo da finalidade do pasu. O objetivo macrocósmico requer que o pasu desenvolva o sujeito histórico, o que só pode ocorrer se, conjuntamente, desenvolve-se a esfera de consciência, a história do microcosmo, que consiste em sua racionalização permanente: MAS A HISTÓRIA NÃO PODE SE INTERROMPER, DEVE SER "CONTÍNUA", PORQUE É UM CORRELATO DA "SIGNIFICAÇAO CONTÍNUA" QUE FUNDAMENTA O PENSAR RACIONAL. Daí que toda fissura provocada pela crise na continuidade histórica do microcosmo seja atenuada, suavizada, pelo símbolo sagrado, quer dizer, transformada em um mero ponto de inflexão. O objetivo macrocósmico, Por outro lado, exige a formação de uma cultura que preserve o sentido colocado nos entes; por isso o pasu evolui em comunidades socioculturais que se desenvolvem no fio de uma História. A crise, então, pode ser também coletiva: um abismo, um limite fatal, pressentido por todos ao mesmo tempo. Como na consciência, aqui tampouco pode produzir-se uma ruptura definitiva, sem que isso implique na fragmentação ou na dissolução social; naturalmente, isso só pode ocorrer quando os membros de uma comunidade são volitivamente impotentes para torcer o rumo da História e se encaminham coletivamente para o desastre. Mas nesse caso, quando o momento atual parece não apresentar continuidade com o fio histórico de um povo, quando nem olhar para trás nem para a frente representam orientação alguma e só a realidade do abismo que se abre aos pés parece existir; nesse caso só a potência de um Arquétipo psicoide, de um Mito, poderá construir a ponte salvadora: um líder, um sacerdote, um profeta, uma religião, uma meta coletiva de qualquer tipo, etc., são diferentes formas do milagre. E todas estas formas não são mais que manifestações do Arquétipo psicoide: porque o líder, o sacerdote, o profeta, o legislador, o rei, ou qualquer meta coletiva, não são mais que símbolos sagrados personificados ou codificados em uma linguagem habitual, símbolos sagrados que participam ativamente do Mito e que fazem possível que o Mito se apodere coletivamente da comunidade, que tome o controle e dirija o rumo da História.

Às vezes, nos momentos de crise social, são DOIS OU MAIS os arquétipos psicoides que se apresentam como salvadores, gerando grupos antagônicos dentro da mesma comunidade ou entre comunidades culturalmente diferenciadas: assim, não é difícil que haja luta efetiva pelo predomínio de um líder, uma religião, uma meta, etc. Mas isso não é anormal dentro dos planos do Demiurgo e, pelo contrário, é parte de seu jogo. Porque, atenção com este princípio: NAS COMUNIDADES PASU, A GUERRA É O MODO COMO OS ARQUÉTIPOS RESOLVEM SEU CONFLITO. Esta "guerra", desde já, não tem nada a ver com a guerra essencial pela liberação do Espírito que empreendem viryas e Siddhas contra as hostes sinárquicas do Demiurgo e seus representantes da "raça eleita".

Para terminar, vale a pena destacar que os símbolos sagrados JAMAIS DEIXAM DE CUMPRIR SUA FUNÇÃO OPERACIONAL NA CONSCIÊNCIA OU NA HISTÓRIA SOCIO-CULTURAL DO PASU: o sujeito consciente, se é volitivamente fraco, se se encontra "abismado" pela crise, SEMPRE SERÁ FAGOCITADO PELO SÍMBOLO SAGRADO, quer dizer, O PASU SEMPRE SE IDENTIFICARÁ COM O MITO. Pelo contrário, como se estudará na Segunda Parte, o encadeamento do Espírito Hiperbóreo no pasu vem a alterar esse comportamento, ocorrendo que o virya, por exemplo, tenha a possibilidade de evitar o domínio do Mito e, inclusive, que inverta o sentido do símbolo e o empregue como "objeto de conhecimento". Mas o que se pode "conhecer" por meio de um símbolo sagrado, da representação de um mito? Resposta:

o plano arquetípico do macrocosmo, o qual constitui, enquanto seja acessível à indagação do sujeito, O ORBE METAFÍSICO POR EXCELÊNCIA.

Com efeito, o símbolo sagrado, que anteriormente definimos como análogo a "algo que flutua", é na realidade semelhante a um ICEBERG, do qual o sujeito consciente só percebe inicialmente um oitavo do seu volume, estando os sete oitavos restantes submersos na esfera de sombra e, por participação, projetando-se ao plano arquetípico, ao céu metafísico. A Metafísica Hiperbórea, que definimos no começo deste artigo, é a ciência que estuda a maneira de operar com os símbolos sagrados sem ser fagocitado por eles. Na Segunda Parte, vamos recorrer frequentemente aos conceitos da Metafísica Hiperbórea: será ali quando ficará claro o que deve se entender por "verdade metafísica", da qual dissemos, o símbolo sagrado é sua representação.

A CONSCIÊNCIA: TEMPO TRANSVERSAL

A - A autonomia ôntica do microcosmo atual.

O inciso anterior, "Funcionamento da esfera de consciência do pasu", não poderá ser completo sem incluir um estudo sobre o tempo imanente. Contudo, devido à sua importância capital para a compreensão do encadeamento espiritual, preferimos tratar esse tema em separado. Logicamente, aqui haveremos de nos remeter a muitos artigos e explicações anteriores, já que "o tempo", o qual vamos estudar em último lugar, por motivos de metodologia, constitui na realidade o fundamento da consciência, quer dizer, a base sobre a qual se apoia grande parte do visto até agora.

Comecemos, pois, pelo princípio, quer dizer, pela obra do Demiurgo. O prazer do Demiurgo, o "Bem", consiste no descobrimento significativo permanente de sua obra; para isso designou, junto à finalidade entelequial dos entes, uma suprafinalidade destinada a oferecer o descobrimento significativo. Mas, quem vai efetuar tal descobrimento, para quem visa a suprafinalidade? Resposta: Para um ente autônomo capaz de descobrir o desígnio em todo ente e colocar, logo, o sentido em todo ente: essa é a finalidade do animal-homem ou pasu. Mas essa finalidade, CHEGAR A SER um ente autônomo, colocador de sentido, o pasu há de alcançar depois de longa evolução. Em anteriores artigos, mencionamos que o processo evolutivo do pasu haveria de culminar com o desenvolvimento da esfera de consciência, quer dizer, com a construção de um esquema de si mesmo que atuasse como assento do sujeito consciente. Este sujeito, por constituir a mais elevada expressão do sujeito anímico evolutivo, ou alma, exige que o esquema de si mesmo seja o mais perfeito possível, que reflita completamente a estrutura do microcosmo: somente quando o esquema de si mesmo coincida até em seus menores detalhes com o microcosmo, o que equivale a dizer que o sujeito consciente é capaz de "pensar" o microcosmo, de pensar a si mesmo racionalmente, será possível alcançar a autonomia ôntica proposta como finalidade do pasu. Por motivos de simplicidade explicativa, dividimos a finalidade em dois objetivos: alcançar a "autonomia ôntica" e ser "colocador de sentido"; ao primeiro chamamos "objetivo microcósmico" e ao segundo "objetivo macrocósmico".

Ao estudar o objetivo microcósmico, pelas mesmas razões de simplicidade, referimo-nos exclusivamente à culminação do processo evolutivo do pasu, quer dizer, à formação da esfera de consciência animada pelo sujeito consciente, mas, em uma consideração mais rigorosa, teríamos que afirmar que dito objetivo abarca toda a história evolutiva do pasu. Isto se verá melhor se esclarecermos que tal "história evolutiva" é o desenvolvimento formal do Plano evolutivo com que o Arquétipo Manu se desdobra através do homem: tomando o pasu em qualquer ponto de sua evolução, ou seja, em qualquer fase formal do Plano evolutivo, o objetivo macrocósmico ESTÁ

SEMPRE PARA ADIANTE, NO SENTIDO DA EVOLUÇÃO, APONTANDO À ENTELEQUIA E, COM EFEITO, PARA A AUTONOMIA ÔNTICA.

Uma vez restituído o sentido essencialmente evolutivo que deve expressar o objetivo microcósmico, vamos ocupar-nos da sua finalidade última: a autonomia ôntica do microcosmo. Sabemos, com efeito, que a finalidade do pasu é uma possibilidade aberta para CHEGAR A SER um ente autônomo, mas, o que ocorre quando tal possibilidade se concretiza? O que significa SER UM ENTE AUTÔNOMO? Daremos uma resposta, mas não há de se acreditar que, pelo fato de descrever uma enteléquia, estamos nos ocupando de algo inexistente: pelo contrário, contam-se por milhões aqueles que completaram o Plano evolutivo do pasu e agora, tranquilamente, encontram-se servindo à Sinarquia dos Siddhas Traidores, integrando as fileiras da Hierarquia Branca; tais são, por exemplo, os "Mestres de Sabedoria" que há séculos operam politicamente no Ocidente, procedentes de Chang Shambala.

Não há que se insistir demasiadamente, pois já foi suficientemente esclarecido que o pasu deve cumprir uma missão importantíssima na obra do Demiurgo. Mas, até onde é excepcional este papel, único entre os entes designados, só se fará evidente se refletimos sobre a possibilidade de autonomia que implica a concretização da sua finalidade entelequial. Com efeito, qualquer ente que culmina seu processo, ainda quando alcance a perfeição suprema, não é outra coisa que a expressão dos Arquétipos universais; estes o sustentam e se manifestam nele, cumprindo a Vontade do Demiurgo. Os entes subsistem no tempo transcendente e nele cumprem seu processo, COMO TUDO O QUE NO MUNDO É SUCESSIVO; enquanto o pasu evolui, enquanto seu corpo é um microcosmo potencial, É TAMBÉM SUCESSIVO NO TEMPO TRANSCENDENTE e se encontra sustentado permanentemente pelo Arquétipo Manu. Então não se diferencia em muito dos restantes entes sucessivos. Contudo, esta situação muda completamente quando o pasu concretiza sua enteléquia e se transforma em microcosmo atual: em tal caso adquire uma característica excepcional, única, que o diferencia essencialmente de todo ente sucessivo, quer dizer, adquire a autonomia ôntica. Isto não quer dizer que o microcosmo atual "deixa de estar sustentado pelo Arquétipo Manu", senão que, por ter alcançado a enteléquia, o pasu é o próprio Arquétipo Manu e, a partir de então, começa a existir como ente autônomo.

Examinemos brevemente como chega o pasu a converter-se em ente autônomo. O pasu, como todo ente, foi designado pelo Demiurgo; mas, em instâncias inferiores da sua evolução, só se revelam à sua razão os desígnios de entes externos, com os quais constrói a estrutura cultural; não obstante, chega o dia em que, com um choque essencial, sobrevém à intuição a possibilidade da autonomia ôntica: o ente, conhecedor de entes, começa a conhecer a si mesmo e dessa perturbadora revelação surge o símbolo fundamental da esfera de consciência; uma nova estrutura vai se enlaçando em torno desse primeiro símbolo e se forma assim o esquema de si mesmo, a história do microcosmo, que deve acabar, forçosamente, descrevendo o próprio desígnio; e o sujeito anímico evolutivo, ao animar o esquema de si mesmo como sujeito consciente, vai animando também sucessivamente os elementos do próprio desígnio; o final deste processo de autodescobrimento, teórico, mas que pode efetivamente ser alcançado uma vez na vida ou em alguma vida, ocorre quando o sujeito consciente é capaz de pensar o esquema de si mesmo e o esquema de si mesmo é a interpretação do próprio desígnio; nesse momento o sujeito se compenetra de todo o microcosmo E ESTE SE ILUMINA, COMO CORRESPONDE A TODO SISTEMA: o microcosmo passa a ser o conteúdo de um pensamento, equivalente a um "sistema vivenciado pelo pensar racional", quer dizer, O MICROCOSMO ÍNTEGRO É UMA VIVÊNCIA DA ALMA: em resumo, o sujeito apercebe uma representação que é si mesmo: o microcosmo; e o microcosmo é então um ato puro de consciência, uma pura perfeição paradigmática,

uma enteléquia do Arquétipo Manu, UM ENTE AUTÔNOMO. Por que "ente autônomo"? Resposta: porque o microcosmo atual é PURA CONSCIÊNCIA E "A CONSCIÊNCIA" É TEMPO; ou, com outras palavras: CONSCIÊNCIA E TEMPO SÃO PALAVRAS SINÔNIMAS. Quer dizer que a redução racional do microcosmo pelo sujeito consciente causa neste a existência de um "tempo próprio", imanente, independente do tempo transcendente do macrocosmo.

Em consequência, a autonomia ôntica do microcosmo atual é uma AUTONOMIA TEMPORAL, conceito que já havíamos adiantado no artigo "C" do inciso anterior: "o corpo do pasu é um microcosmo potencial; será um microcosmo atual quando transformar-se em um ente autônomo, quer dizer, QUANDO SE INDEPENDA DE SUA SINCRONIZAÇÃO COM OS PROCESSOS DOS RESTANTES ENTES DO MACROCOSMO". Recordemos que POR PERMANECER no tempo transcendente, ou Consciência do Demiurgo, o microcosmo tem todos seus movimentos internos sincronizados com os movimentos externos do macrocosmo: "os relógios atômicos, biológicos e psicofisiológicos do pasu estão sincronizados com os relógios cósmicos que regulam os movimentos dos entes segundo padrões universais de razão". Por isso dizíamos em dito artigo, sintetizando: "o pasu vai se transformando em ente autônomo à medida que cumpre o objetivo microcósmico da finalidade": construir um esquema de si mesmo, ou esfera de consciência, de tal perfeição que, ao ser refletida pelo sujeito consciente, racionalize completamente o microcosmo. A consciência, analogamente ao aspecto Poder do Demiurgo, há de poder aplicar-se, compenetrar-se, difundir-se, etc., no microcosmo e sincronizar seus movimentos internos com seus próprios relógios padrão, ou seja, há de poder dessincronizá-lo do macrocosmo evitando participar do tempo transcendente, há de subtraí-lo de sua PERMANÊNCIA nele.

Ainda que já se tenha esclarecido que a autonomia ôntica do microcosmo forma parte essencial do seu desígnio, quer dizer, é efeito da Vontade do Demiurgo, ainda se poderia perguntar: para quê? Quer dizer, para que o Demiurgo propõe no desígnio microcósmico a possibilidade de sua autonomia? Resposta: esta pergunta carece de sentido, porque a autonomia NÃO É UM FIM EM SI MESMA, senão uma consequência NECESSÁRIA e inevitável da finalidade entelequial. Com outras palavras, a autonomia temporal é EFEITO de uma CAUSA FINAL que se chama "consciência-tempo"; evidentemente, nos referimos à consciência da enteléquia, quer dizer, consciência do microcosmo. Mas a resposta definitiva é, desde já, hermética: a autonomia ôntica do microcosmo ocorre quando este reflete perfeitamente o macrocosmo, quando suas estruturas são homólogas e estão analogamente vitalizadas. Isto quer dizer que um microcosmo atual só pode sê-lo se representa perfeitamente o macrocosmo, ESTRUTURALMENTE E ANIMICAMENTE; ou seja, SÓ SE A COMPLEIÇÃO DA ALMA DO PASU, AO ANIMAR O MICROCOSMO, É ANÁLOGA À COMPLEIÇÃO DO DEMIURGO AO ANIMAR O MACROCOSMO. Por isso, se o Demiurgo exibe um "aspecto" sucessivo, produto do Alento, cuja fluência chamamos Consciência-Tempo ou tempo transcendente do macrocosmo, o pasu há de manifestar um "aspecto" semelhante no microcosmo, SE É QUE ASPIRA A CONCRETIZAR SUA ENTELEQUIA: e esse aspecto microcósmico não é outro que O SUJEITO CONSCIENTE NA ESFERA DE CONSCIÊNCIA. Vemos assim que o "tempo próprio do microcosmo" e, em consequência, a "autonomia ôntica", É UMA CONDIÇÃO ESSENCIAL PARA A ATUALIZAÇÃO ARQUETÍPICA DO MICROCOSMO.

B - Descrição temporal do ente autônomo.

Vimos que é inconcebível um microcosmo entelequial sem que a alma guarde uma perfeita correspondência formal com o Demiurgo. Assim, no microcosmo, há de manifestar-se um aspecto consciência-tempo, análogo à Consciência-Tempo do macrocosmo: o microcosmo, para ser tal, deve alcançar uma autonomia temporal, deve

independer-se do tempo transcendente do macrocosmo. Mas como um ente, que até então permanecia no tempo transcendente, pode situar-se fora dele e evitar ser arrastado por sua fluência irresistível? Resposta: Para entendê-lo, há que se considerar o seguinte princípio: O TEMPO TRANSCENDENTE É ISÓTROPO PARA TODO ENTE QUE É PERMANENTE OU SUCESSIVO NELE, MAS É ANISÓTROPO PARA TODO OUTRO TEMPO IMANENTE, NO SENTIDO DE SUA SUCESSÃO. O primeiro quer dizer que todo ente, permanente ou sucessivo, existe com caráter fenomênico NO tempo transcendente e está determinado por ele: se é permanente, está determinado por sua duração e se é sucessivo, por seu desenvolvimento processual. O segundo nos diz que o tempo transcendente, não obstante ser isotrópico para todo ente, é capaz DE COEXISITR COM OUTRO TEMPO, SEM SOBREPOR-SE COM O SENTIDO DE SEU TRANSCORRER; QUER DIZER, O TEMPO TRANSCENDENTE É ANISÓTROPO NO SENTIDO SUCESSIVO DE TODO TEMPO COEXISTENTE.

Este princípio vai nos permitir responder à pergunta anterior: quando o microcosmo, que é um ente sucessivo no tempo transcendente, é abarcado pela consciência de sua alma, e se torna sucessivo na direção de um "tempo próprio", quer dizer, seu suceder ocorre no fluxo imanente da corrente de consciência: então sobrevém necessariamente a autonomia ôntica, porque o tempo transcendente é anisotrópico na direção do tempo imanente. Naturalmente, a anisotropia do tempo transcendente não implica um defeito da Consciência do Demiurgo, senão que constitui o modo como Ele permite a coexistência do microcosmo atual e a consumação de sua finalidade entelequial: ao obter a autonomia ôntica, ao converter-se em microcosmo atual, o pasu COLOCA O MÁXIMO SENTIDO NA OBRA DO DEMIURGO. A RELAÇÃO COEXISTENTE ENTRE MICROCOSMO E MACROCOSMO DENOMINA-SE HARMONIA: A CONSCIÊNCIA DA HARMONIA, POR PARTE DO MICROCOSMO VIVENTE, CONSTITUI A MAIOR DESCOBERTA POSSÍVEL E TAMBÉM O MAIOR BEM; EQUIVALE A VIVENCIAR UM "ESQUEMA DE SI MESMO" DO DEMIURGO. Evidentemente, o objetivo último da finalidade é impressionar com a magnitude colossal da obra e despertar a admiração do microcosmo por seu Criador.

Tampouco deve acreditar-se que, com a anisotropia do tempo transcendente, ao permitir a coexistência autônoma do microcosmo atual, o Demiurgo assegura a eternidade de suas criaturas. O microcosmo atual, assim como outras compleições dévicas que aqui não estudaremos, É IMORTAL, MAS NÃO ETERNO: o pasu pode sobreviver à morte física, quer dizer, à desintegração orgânica do microcosmo, transformando este em ente autônomo; mas, ainda quando seu corpo físico seja imortal, jamais gozará da eternidade que o Demiurgo e os Espíritos possuem como caráter essencial. Por quê? Resposta: porque a condição da eternidade é a NÃO SUCESSÃO e o microcosmo atual fundamenta sua autonomia e sua imortalidade em um "tempo próprio" que, enquanto tempo, é essencialmente sucessivo. Pelo contrário, a eternidade não implica sucessão de instantes senão um só instante sempre presente, que não obstante, abarca e ultrapassa o tempo sucessivo. Ainda que pareça um paradoxo incrível, trata-se de uma tenebrosa verdade: ainda que o pasu tenha conquistado a imortalidade do corpo físico, e se comporte como ente autônomo em relação ao tempo transcendente, SEU MICROCOSMO TERÁ FATAL DISSOLUÇÃO SIMULTANEAMENTE COM O PRALAYA MACROCÓSMICO. E, após a dissolução de todo ente sucessivo, durante a noite de Parabrahman, só O Uno existirá na eternidade. Os Espíritos Hiperbóreos também são eternos e logo veremos que importância tem dito caráter para o encadeamento à matéria.

O porquê que um ente autônomo, quer dizer, independente do tempo transcendente, tem que finalizar sua existência no momento em que conclui o tempo transcendente, não poderá ser compreendido sem uma adequada descrição de dito

tempo do macrocosmo. Contudo, uma descrição tal só se efetuou no livro "Física Hiperbórea", o qual se vai ser editado separado dos "Fundamentos". Aqui, pois, só podemos mencionar algumas características, já que uma explicação rigorosa requer o emprego do QUANTUM ARQUETÍPICO DE ENERGIA, definido na "Física". Por exemplo, convém destacar que o tempo transcendente não só apresenta a estranha qualidade, já assinalada, de ser isotrópico para os entes permanentes e sucessivos, e anisotrópico para outros tempos sucessivos, senão que também é contínuo e descontínuo ao mesmo tempo. Isso se deve a que o espaço real se compõe essencialmente de quantos arquetípicos, os quais possuem, cada um, um "ponto indiscernível". Ocorre assim que, em qualquer porção do espaço, por pequena que seja, existe uma região coordenável, propriamente espacial, que constitui o princípio da extensão contínua, e um "ponto indiscernível", não limitado, propriamente temporal, que é o mesmo ponto que poderia localizar-se em qualquer lugar do Universo: este ponto indiscernível constitui o princípio e o fim do tempo transcendente. Todo ente situado no espaço existe no tempo transcendente porque sucede nele, mas não existe no ponto indiscernível que possui em seu seio, porque tal ponto é comum a todos os entes existentes em qualquer região do espaço: o ponto indiscernível é denominado, também, O OLHO DE ABRAXAS. Desta maneira, todo ente sucessivo, por exemplo, É E NÃO É em cada momento de seu acontecer: mas seu ser é sucessivo e seu não ser é permanente. O fim de todo ente, do ente particular e do ente universal, está presente em cada instante do tempo transcendente: e desta finalidade não escapam nem sequer os entes autônomos ou imortais, como o microcosmo atual do pasu. Por isso se diz que tão só a percepção do aspecto sucessivo ou fenomênico dos entes constitui uma ILUSÃO, já que seu fim, o nada que alcançará ao concluir o tempo sucessivo, que é igual ao nada inicial, anterior ao tempo sucessivo, encontra-se sempre presente nos entes, exposto a um olhar agudo.

Segundo vemos, A ESSÊNCIA DA CONSCIÊNCIA É O TEMPO: o tempo transcendente manifesta a macro Consciência do Uno; o tempo imanente expressa a consciência do microcosmo. Se existe o tempo imanente, se o pasu desenvolveu um sujeito consciente na esfera de consciência, então o tempo transcendente será anisotrópico nessa direção e o microcosmo poderá converter-se em ente autônomo. O tempo imanente será, assim, um "tempo próprio" do microcosmo, o qual, necessariamente, terá caráter INTERNO, dado que fora do microcosmo transcorre o tempo transcendente.

O microcosmo atual subsiste em seu próprio tempo imanente, cujo fluir brota do sujeito consciente em uma sucessão de instantes que se perde na interioridade do ente, em uma direção não sulcada pelo tempo transcendente. Devido a esta autonomia DESDE O DO INTERIOR DO ENTE, que alcança o microcosmo atual com respeito ao tempo transcendente, TAMBÉM SE INDEPENDE DO ESPAÇO, adquirindo a liberdade de posicionar-se em qualquer lugar sem ser condicionado pelo tempo transcendente. Em resumo; a enteléquia do pasu, o microcosmo atual, todo consciência, todo tempo imanente, é independente do tempo e do espaço do macrocosmo: tal é o grau de liberdade que implica a AUTONOMIA ÔNTICA. Cabe destacar que, em um ente autônomo, o tempo imanente há de progredir indefinidamente na interioridade do microcosmo, na direção de seu transcorrer, sem que isso guarde relação com o tempo transcendente, exterior, do macrocosmo. Por isso, QUANDO O MICROCOSMO ATUAL AGE VOLUNTARIAMENTE SOBRE O MACROCOSMO, É O MOMENTO EM QUE O MACROCOSMO ADQUIRE MÁXIMO SENTIDO, cumprindo assim o objetivo de sua finalidade. Este é o caso, por exemplo, dos Mestres de Sabedoria da Hierarquia Branca, os quais periodicamente costumam atuar no mundo com seus corpos entelequiais no que denominam: "missões para favorecer o desenvolvimento dos Planos cósmicos".

C – A dupla temporalidade do microcosmo potencial.

Esclarecemos já que a "autonomia ôntica", que caracteriza um microcosmo atual, é fundamentalmente uma autonomia "temporal", produto de um elevado grau de consciência. Mas "nosso propósito é mostrar a estrutura psíquica do pasu no momento prévio ao encadeamento espiritual", segundo declaramos nos primeiros incisos. Em dito "momento" específico de sua história, o pasu, desde já, não era "microcosmo atual", mas POTENCIAL, ainda que sua evolução visasse para tal enteléquia. E, como "microcosmo potencial", não obstante sua manifesta falta de desenvolvimento, o pasu tinha construído uma incipiente esfera de consciência (figura 11b), animada pelo correspondente "sujeito consciente".

Em termos temporais, a diferença entre microcosmo atual e potencial é a seguinte: no microcosmo atual o sujeito consciente foi capaz de pensar a si mesmo, "vivenciou" o esquema de si mesmo, e, por subsistir em um "tempo próprio", tornou-se ente autônomo; no microcosmo potencial o sujeito consciente está localizado sobre um esquema incompleto de si mesmo e, portanto, só é imanente à esfera de consciência; em outras palavras: o "tempo próprio", que é essencial ao sujeito consciente, só é imanente à esfera de consciência; fora dela o sujeito consciente é incapaz de abarcar outras estruturas do microcosmo. Mas, aquilo que fique fora da consciência do sujeito, quer dizer, fora da direção do tempo próprio, será inevitavelmente objeto do tempo transcendente, sua existência sucederá nele. Por isso, no microcosmo potencial, tal como já foi explicado em outro artigo, "os relógios atômicos, biológicos e psicofisiológicos do pasu, estão sincronizados com os relógios cósmicos que regulam os movimentos dos entes segundo padrões universais de razão"; no microcosmo potencial, salvo a esfera de consciência, toda outra estrutura subsiste no tempo transcendente.

No microcosmo potencial, então, coexistem duas naturezas temporais: o tempo próprio, imanente, na esfera de consciência e o tempo transcendente nas restantes estruturas do microcosmo. Naturalmente, estes tempos coexistem sem interferir-se, devido à anisotropia do tempo transcendente, que impede este de transcorrer na mesma direção do tempo imanente. O microcosmo potencial é assim um ente que sucede no tempo transcendente, mas em cujas entranhas, em uma profundidade insondável, coexiste o tempo imanente da consciência. A esfera de consciência, fonte do tempo imanente, é um núcleo de efetiva autonomia temporal, mas por constituir uma estrutura integrada à organicidade microcósmica, não poderá alcançar conjuntamente a efetiva autonomia espacial do ente: por ora é só interioridade do ente, um abismo na intimidade do microcosmo, uma consciência de entes externos que não consegue consciencializar a si mesmo.

Deste microcosmo potencial, dotado de um núcleo de tempo imanente, mas que participa, em certas estruturas, do tempo transcendente, vamos nos ocupar exclusivamente, em continuação.

Comecemos por destacar uma importante consequência: se só a esfera de consciência sucede no tempo imanente, então as restantes estruturas da psique subsistem no tempo transcendente. Especialmente devemos atender ao fato de que a estrutura cultural permanece, e cresce, no tempo transcendente. Mas a estrutura cultural vem cumprir a função de "limite inferior" da esfera de consciência, sendo que definimos esta como "um espaço analógico que se estende sobre o sistema vivenciado". Na figura 22, o arco **xx** representa analogicamente tal "limite inferior", quer dizer, o começo da consciência; recordemos que a esfera de consciência se compõe de "esfera de sombra" e "esfera de luz". Sempre referindo-nos à figura 22, é cômodo imaginar o tempo imanente como uma corrente de manancial cuja fonte encontra-se exatamente no arco **xx**: o tempo surge de **xx** e corre para **Ψ**, inundando a totalidade da

esfera de consciência. Analogicamente, sob esta alegoria, deve se ver a terminação essencialmente sucessiva do sujeito anímico evolutivo, ao qual, justamente, denominamos "sujeito consciente".

O arco **xx** da figura 22 corresponde ao nível do símbolo **I** da figura 21, o qual se encontra sobre o plano de significação horizontal do conceito **xx**: a partir de xx "começa a esfera de consciência". Pois bem, o tempo imanente corre de **xx** a **Ψ'**, segundo dissemos: mas esta é a "direção que seguem as representações emergentes para a esfera de luz", tais como **I'**. É evidente, pois, que toda emergência de um símbolo na esfera de consciência sucede no sentido do tempo imanente. As notas principais da energia psíquica, nas quais se consiste todo símbolo emergente, são: movimento, intensidade e direção; ao movimento chamamos "emergência" e à direção "intenção". Contudo, por seguir o sentido do tempo imanente, de **xx** a **Ψ'**, à direção de todo símbolo emergente se denomina INTENÇÃO TEMPORAL. Este conceito já havia sido adiantado no artigo 'A' do inciso anterior. Ali, com efeito, se disse: "Sabemos já quando se inicia a consciência, mas o que mais nos interessa é conhecer que modificações introduz sua presença no pensar racional; quer dizer, que dimensão ou característica do pensar nos demonstra inequivocamente que se trata de uma 'consciência' e não de nenhum ato psíquico? Resposta: a intenção temporal do pensamento". E, mais adiante: "O pensamento de uma Relação pode adquirir, pela referência a si mesmo de sua dimensão potência, caso (c) uma "intenção temporal" determinada; e isso o torna "consciente". Estes comentários e outros do estilo, que se fizeram m artigos anteriores, hão de ficar agora completamente esclarecidos, ao conhecer-se a natureza do tempo imanente.

Consideremos novamente a "expressão energética do pensamento do pasu": **W. Tt = Ep**; isto é: a potência ativa do conceito **xx (W)** pelo tempo transcendente ou "duração da vivência sistemática" **(Tt)** é equivalente à energia psíquica **(Ep)** do símbolo **I**.

Sabemos que a Relação **xx** subsiste no tempo transcendente e que, ao ser vivenciada pelo sujeito cultural, o substrato de sua potência ativa causa a energia do símbolo **I** que imita o conceito **xx**; se a potência ativa está referida a si mesmo então o símbolo **I** emergirá dirigido até **Ψ'**, quer dizer, sua energia terá o caráter de "primeira intenção": agora sabemos, também, que a primeira intenção visa na direção do tempo imanente. De acordo à definição dada, é evidente que o pensamento de todo símbolo emergente, sua apreensão pelo sujeito, há de constituir uma "consciência de", já que isso não pode ocorrer mais do que na esfera de consciência, tal como se havia adiantado.

Uma interpretação temporal da "expressão energética" vai nos permitir responder à uma difícil interrogação. Com efeito, se a consciência transcorre em um tempo próprio, ao qual não interfere o tempo transcendente, devido à sua anisotropia essencial, como é que o sujeito consciente toma consciência da temporalidade transcendente dos entes externos? A resposta há que se buscar na "expressão energética", na determinação intencional que a potência ativa introduz na energia de todo símbolo emergente que procede da estrutura cultural: enquanto a potência ativa **(W)**, que se encontra no primeiro membro da expressão, TEM A DIREÇÃO DO TEMPO TRANSCENDENTE **(Tt)**, pelo qual está multiplicado, pelo contrário a energia equivalente **(Ep)** demonstra uma DIREÇÃO TRANSVERSAL à de **(Tt)**; tal "direção transversal" é a que indica a primeira intenção, casos (a), (b) ou (c). Se considerássemos, só a título analógico, os termos da expressão energética como magnitudes vetoriais, diríamos que o vetor energia **(Ep)** "GIROU" da direção do tempo transcendente à do tempo imanente.

Resulta assim que, ainda que os tempos transcendente e imanente coexistam sem interferirem-se, existem certos ENTES EXTERNOS, ou "SÍMBOLOS PSÍQUICOS" capazes de PERMANECER na direção do tempo transcendente ou girar temporalmente e SUCEDER à direção do tempo imanente: os símbolos que permanecem no tempo transcendente são, desde já, os Princípios e Relações, quer dizer, os sistemas da estrutura cultural; os símbolos que sucedem no tempo imanente, POR CAUSA DA POTÊNCIA ATIVA DAS RELAÇÕES, são as representações de conceitos, tais como **I'** (figura 21), que emergem como primeira intenção até o umbral de consciência **Ψ**. A expressão energética descreve a relação de causa e efeito que vincula o símbolo homólogo **I'** e o conceito **xx**. Uma primeira aproximação à resposta buscada é, então, que: todo símbolo emergente, cuja substância é a energia psíquica **(Ep)**, contém um dado que revela ao sujeito consciente a existência do tempo transcendente. É fundamental destacar a seguinte propriedade: dito dado permanece invariável durante o giro temporal da energia **(Ep)** e se mantém na sucessão imanente da emergência.

Há que se esclarecer que "o tempo transcendente" revelado ao sujeito consciente por tal dado do símbolo emergente corresponde sempre a uma DURAÇÃO ORIGINÁRIA do ente externo, duração que foi interpretada pela razão como propriedade sêmica do esquema. Isto quer dizer que, quando o esquema é vivenciado pelo sujeito cultural, e sua potência produz uma interpretação consciente, a duração originária há de se transferir invariavelmente ao símbolo emergente como um dado pronto a ser notado pelo sujeito consciente.

Em consequência, a consciência da duração originária do ente externo procede de um dado do símbolo emergente, quer dizer, de uma propriedade objetiva a posteriori, e não de uma intuição a priori do tempo, como pretende Kant.

O microcosmo potencial participa do tempo transcendente do macrocosmo e possui um tempo próprio, imanente à esfera de consciência; ambos os tempos coexistem sem interferir-se E SÃO REAIS; ambos podem ser conhecidos como sucessão pura, sem referência a ente algum, pelo sujeito consciente: o tempo imanente por AUTOSCOPIA de sua própria essência, e o tempo transcendente, tal como se demonstrará mais adiante, por intuição da extensão irrelevante da significação contínua. Mas o fato de que efetivamente possa ocorrer a intuição pura do tempo não implica que esta deva constituir o fundamento a priori da temporalidade dos entes; pelo contrário, a consciência da duração de um ente no tempo transcendente procede de uma propriedade objetiva de sua representação, propriedade que reflete aquela duração originária, quer dizer, é um dado a posteriori.

Como primeira aproximação obtivemos que o sujeito consciente conhece o tempo transcendente indiretamente, por um dado próprio da representação consciente. Para completar a resposta devemos indagar, pois, sobre a natureza de tal dado.

O dado temporal é recolhido pelo sujeito consciente do símbolo emergente; mas que é um símbolo emergente? Resposta: uma estrutura cuja substância consiste em energia psíquica **(Ep)**. Mas toda estrutura determina uma forma: o símbolo emergente é, também, uma forma substancialmente energética. Isto se comprova analogicamente na figura 19, onde o símbolo **I**, homólogo ao conceito **xx**, se representou arbitrariamente como uma forma triangular. Considerando esta definição, podemos afirmar que o dado buscado, por cujo intermédio o sujeito consciente conhece o tempo transcendente, é a EXTENSÃO FORMAL de todo símbolo emergente. Com o fim de esclarecer a questão, vamos nos remeter ao estudo analógico do artigo "F" do inciso anterior.

Em primeiro lugar, recordemos que "o tempo transcendente aumenta no sentido da dimensão extensão (ver figura 18)". A "extensão" do conceito **xx**, com efeito,

constitui uma medida do tempo transcendente que, além disso, SE CONSERVA INVARIÁVEL no símbolo homólogo **I'**, ainda quando sua energia **(Ep)** tenha girado temporalmente: A INVARIABILIDADE DA DIMENSÃO EXTENSÃO É O DADO QUE REVELA AO SUJEITO CONSCIENTE UMA "DURAÇÃO" ORIGINÁRIA NO TEMPO TRANSCENDENTE. Isto já havíamos adiantado no comentário terceiro do citado artigo: "Consideremos agora o símbolo **I**, manifestado pela potência do Conceito **xx**. Ambos os elementos são semiologicamente homólogos ainda que difiram em suas dimensões. Se levarmos em conta que o símbolo **I**, da figura 19, é efeito do conceito **xx,** temos que concluir que TANTO A EXTENSÃO COMO A COMPREENSÃO DO CONCEITO ESTÃO IGUALMENTE NO SÍMBOLO **I**: a extensão do conceito, com efeito, é denotada no símbolo **I** PELA DURAÇÃO durante a qual se manifesta no pensamento; a compreensão do conceito é função da espessura da fatia e igual ao volume desta: podemos convir que a espessura do símbolo, e seu volume, são iguais aos do conceito-fatia. "A EXTENSÃO DO CONCEITO É IGUAL À EXTENSÃO DO SÍMBOLO E A COMPREENSÃO DO CONCEITO É IGUAL À COMPREENSÃO DO SÍMBOLO".

A extensão do símbolo revela ao sujeito consciente, segundo vimos, a duração original do ente externo, quer dizer, revela só aquela quantidade de tempo transcendente que corresponde à percepção sensível do ente externo ou à rememoração do seu esquema; então, cabe perguntar: como o sujeito consciente poderia perceber a sucessão pura do tempo transcendente, desligada de toda referência ôntica? Com outras palavras: pode-se experimentar a consciência de uma intuição pura do tempo transcendente, apesar de sua anisotropia? Resposta: O sujeito consciente, em ausência de toda representação, pode intuir a sucessão do tempo transcendente devido a seu paralelismo com a significação contínua que fundamenta o pensar racional. Na figura 21, observa-se que o Plano de significação **(STt)** da linguagem habitual é horizontal e paralela ao umbral de consciência **Ψ** para onde o sujeito consciente tem centrada sua atenção; mas, além disso, o plano de significação **(STt)** é extenso em direção (ou **Tt**), quer dizer, no sentido do tempo transcendente: tudo isto nos indica que, ainda que no contexto da linguagem habitual não seja notado nenhum conceito ("conceito vazio"), a percepção da significação contínua como pura extensão sistemática, sua duração sem relevo, equivale à intuição consciente do tempo transcendente.

D - Estudo analógico do tempo imanente.

No inciso anterior, ao descrever o "espaço analógico" da esfera de consciência, distinguimos três quadrantes analógicos: o **(yx)** ou "plano de significação e contexto"; o **(zy)**; e o **(zx)** "que aparece frontal na figura 20 e ao que denominamos PLANO TEMPORAL". Na figura 21 o plano temporal **(Ψ Tt)** nos permite apreciar o perfil extenso do símbolo **I** e sua projeção para o nível de estabilização **(Ψ')**, como **I'**. Contudo, para observar com detalhes as relações temporais analógicas, convém considerar a figura 24, na qual se desenhou o plano temporal **(Ψ Tt)** em separado.

Vamos destacar os detalhes mais salientes de dita figura antes de interpretar o fenômeno que representa. Observemos, em primeiro termo, o sistema **xx** que está alinhado por sua extensão com o eixo do tempo transcendente: no interior do perfil cilíndrico se vê em linhas pontilhadas a espessura do conceito **xx**, quer dizer, de uma FATIA da Relação **xx** notada em um plano de significação perpendicular ao desenho. Recordemos que a dimensão "compreensão" do conceito **xx** é equivalente ao volume da fatia; ou seja: "a compreensão é função da espessura".

Sobre o sistema **xx**, Por outro lado, vemos em cor vermelha o perfil extenso do símbolo **I**. É uma REPRESENTAÇÃO RACIONAL do conceito **xx**, produzido por sua potência ativa de acordo com a expressão **W. Tt = Ep**; isto significa que a energia **(Ep)**, em que consiste substancialmente o símbolo **I**, girou temporalmente. Naturalmente, a

rotação da energia **(Ep)** deve-se à referência de si mesmo, tal como foi estudado nos casos (a), (b) y (c); mas essa é outra questão. A energia **(Ep)** dirige, assim, o símbolo **I** na direção do umbral de consciência **Ψ**, quer dizer, no sentido do tempo imanente. Por isso o eixo **(ou Ψ)**, que na figura 21 só correspondia aos distintos níveis da energia psíquica da esfera de consciência, agora representa também a variação do tempo imanente (Fig. 24).

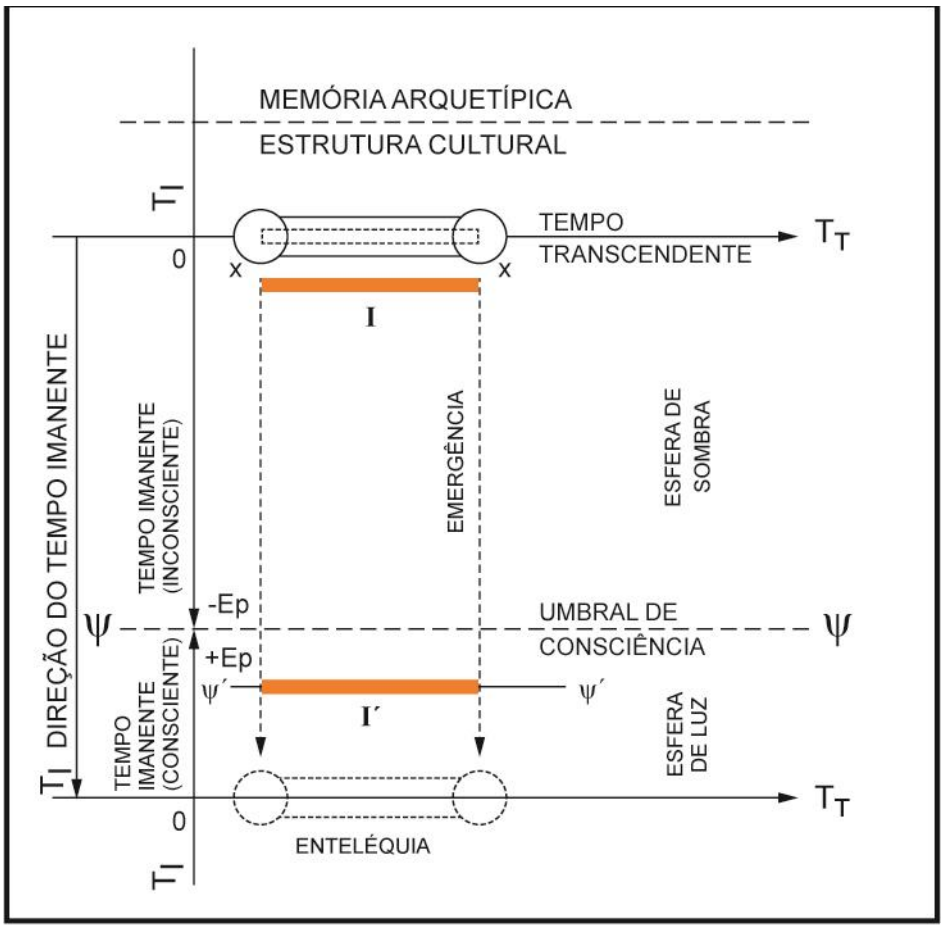


FIGURA 24

O tempo imanente “brota como corrente de manancial de nível **xx**”, quer dizer, inicia-se no eixo analógico **(ox)**. A emergência de **I**, pois, que se dirige para **Ψ** guiada pela primeira intenção, sucede certamente no tempo imanente, desliza-se pela corrente do TEMPO TRANSVERSAL até manifestar-se com clareza na esfera de luz. Que o tempo imanente é um tempo transversal, próprio do microcosmo, comprova-se na

figura 24, observando a perpendicularidade que tem o seu transcorrer com relação ao tempo transcendente **(Tt)**.

Do ponto de vista analógico, a forma total do símbolo **I'**, tal como se vê na figura 21, denota outras qualidades tais como a imagem ou o significado proposicional, qualidades todas muito importantes, mas que não nos interessa considerar na análise temporal. Pelo contrário, as dimensões extensão e compreensão, do símbolo **I'**, revestem-se de considerável valor pela significação temporal que podem revelar ao sujeito consciente. Estas dimensões são, justamente, as que mostram o perfil de **I'**, representado graficamente no plano temporal da figura 24: a "extensão do símbolo **I'** corresponde à longitude do perfil; e à "compreensão", "que é função da espessura", é denotada pela espessura geométrica do perfil. Por motivos que logo ficarão claros, é conveniente supor que o símbolo **I'** é homólogo ao seu conceito **xx** de grande compreensão, caso que podemos representar por meio de um perfil de grande espessura. Esta nova situação mostra-se na figura 25.

Vamos interpretar temporalmente, o fenômeno da representação consciente **I'**. Para isso, comecemos por recordar que o sujeito consciente integra a esfera de luz e mantém sua atenção dirigida para o umbral de consciência **Ψ**: ESTA É A ATITUDE "NORMAL" DO PASU, segundo o grau evolutivo com que o estamos estudando. Em tal hipótese, o símbolo **I'** emerge frente ao sujeito consciente dirigido para si mesmo pela primeira intenção. No nível **Ψ'**, estabiliza-se energeticamente e tenta desdobrar o seu processo; se o sujeito é volitivamente eficaz, sua atenção DETERÁ o símbolo no nível **Ψ'**, caso que examinamos aqui. Mas o que significa DETER o símbolo **I'** no nível **Ψ'**, do ponto de vista temporal? Resposta: Que o sujeito consciente RETÉM o símbolo como objeto de sua atenção. Se assim não ocorresse, se o sujeito consciente não o retivesse frente a si, o símbolo desapareceria da visão eidética para integrar-se ao esquema de si mesmo, em algum lugar da esfera de consciência.

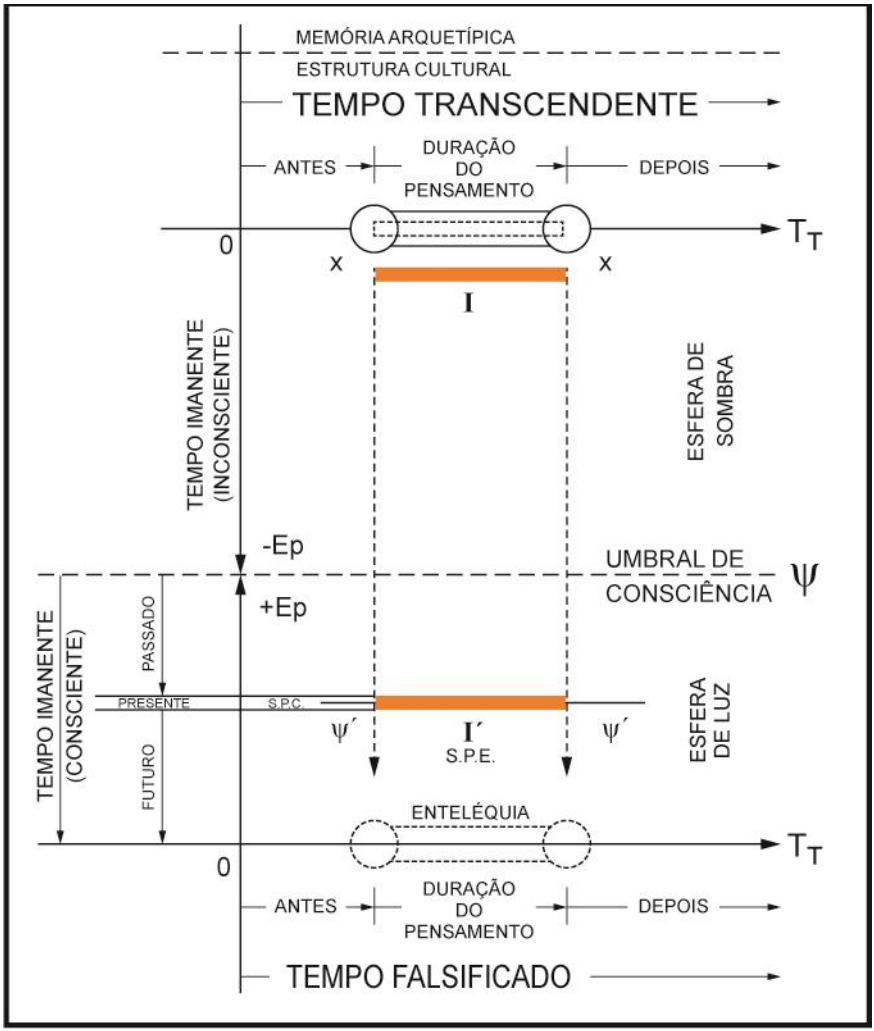


FIGURA 25

Isto se tornará claro se recordamos que no artigo “E” do inciso anterior comparamos o sujeito anímico evolutivo com um feixe de luz, o qual, ao atravessar sucessivos filtros, formava os sujeitos próprios das estruturas psíquicas do microcosmo: o sujeito racional, o sujeito cultural e o sujeito consciente. Olhando bem esta alegoria, ressalta-nos imediatamente que, ao comparar o sujeito anímico com um feixe de luz estamos outorgando a este um claro caráter fluente e sucessivo. Agora sabemos que “o tempo imanente é a essência da consciência” e que transcorre “em direção transversal” à do tempo transcendente; perguntamo-nos: concordam estas características com aquela alegoria ótica? Resposta: Sim. E isso se demonstra

mediante a seguinte interpretação. Ao atribuir fluência ao sujeito anímico evolutivo, ao supô-lo "semelhante a um feixe de luz", CONSIDERAMOS TÁCITAMENTE QUE OS TRÊS SUJEITOS QUE FORMA HIERARQUICAMENTE SÃO SUCESSIVOS, QUER DIZER, TEMPORAIS. Contudo, os dois primeiros sujeitos, racional e cultural, por animar estruturas funcionalmente sincronizadas com o tempo transcendente do macrocosmo, participam da ordem macrocósmica ao desenvolver-se em uma sucessão de atos dirigidos no sentido do tempo transcendente; isto é: o fluir dos sujeitos racional e cultural, luminosos se se quer, ocorre paralelamente com o transcorrer do tempo transcendente SEM QUE SE POSSA ESTABELECER UMA DIFERENÇA DE DIREÇÃO ENTRE AMBOS. Quer dizer, ainda quando aceitamos que A ESSÊNCIA DO SUJEITO ANÍMICO EVOLUTIVO "COMPLETO" É TEMPORAL, não haveria maneira de estabelecer diferença alguma entre a temporalidade imanente dos sujeitos racional e cultural, e a sucessão do tempo transcendente; e à tal indiferença denominamos, com razão, INCONSCIENTE; "inconsciente" é o modo em que ocorre a ação dos sujeitos racional e cultural. Por isso se afirma só que "a essência da consciência é o tempo", aludindo ao suceder transversal do sujeito consciente, ainda que, tal como se desprende da alegoria do feixe de luz, o sujeito anímico completo seja essencialmente temporal.

O segundo filtro que intercepta o feixe de luz, amarelo, era análogo à estrutura cultural: a luz que o atravessava formava um pequeno feixe de cor verde, equivalente ao sujeito consciente. Pois bem, se imaginamos que tal feixe resultante SE DESVIA DE SUA DIREÇÃO ORIGINAL, IMEDIATAMENTE DEPOIS DE ATRAVESSAR O FILTRO AMARELO, JÁ TEREMOS A IMAGEM ALEGÓRICA DE UM SUJEITO CONSCIENTE, CONSTITUÍDO ESSENCIALMENTE POR UMA SUBSTÂNCIA QUE FLUI EM DIREÇÃO TRANSVERSAL À DO FEIXE ORIGINAL. Esta imagem, que corresponde analogicamente com o conceito de tempo imanente transversal exposta anteriormente, pode-se observar na figura 26, no feixe "G" análogo ao sujeito consciente.

Apesar de que a alegoria é bem evidente, cabe destacar que as relações analógicas entre o caráter temporal da consciência e a natureza lumínica do feixe "G" chegam tão longe que até coincidem na estranha propriedade de serem "contínuo e descontínuo". O porquê de o tempo transcendente, e todo tempo ser contínuo e descontínuo, se explica no livro Física Hiperbórea; mas convém avisar aqui que, com efeito, a luz pode comportar-se em forma "contínua" como ONDA e em forma "descontínua" como CORPÚSCULO OU QUANTUM.

Ao estudar a figura 26, há que se ter em conta que o desvio do feixe luminoso "G", com relação à direção que tinham os feixes "E" e "F", REPRESENTA analogicamente a própria direção do tempo imanente, a qual é transversal à do tempo transcendente. Mas o feixe "G", análogo ao sujeito consciente, se reflete no espelho curvo "D", ANÁLOGO À SUPERFÍCIE EXTERIOR DA ESFERA DE LUZ. Que significado há que se extrair deste fato? Resposta: Em primeiro lugar, que o sujeito consciente, cuja essência é absolutamente sucessiva, OBSERVA POR REFLEXO A ESTRUTURA CULTURAL ("C"); quer dizer, o sujeito consciente "olha para a estrutura cultural", fato que já conhecíamos do inciso anterior. Contudo, a alegoria nos diz ainda mais. Se o sujeito consciente não se refletisse, em certo momento de seu acontecer, NÃO HAVERIA POSSIBILIDADE DE CONTEÚDO CONSCIENTE ALGUM: o sujeito SE AFASTARIA TEMPORALMENTE de todo símbolo emergente, de toda representação, de toda imagem, EM DIREÇÃO OPOSTA À SUA APARIÇÃO; seria como se o sujeito consciente, entregue estaticamente ao seu fluir, DESSE AS COSTAS AOS SÍMBOLOS REFERENTES AO MUNDO, e estes se esforçassem inutilmente para alcançá-lo.

Devemos tirar desta alegoria duas conclusões. A primeira é que, ainda quando a essência da consciência seja o fluir temporal, o sujeito consciente há de opor-se à sua própria fluência para "olhar para trás" e recolher os símbolos emergentes. A segunda é que esta reflexão intencional, que procura apreender conteúdos sêmicos, só tem sentido se tais conteúdos existem; quer dizer, que "a consciência" só pode ser "consciência de algo": sem conteúdo, o sujeito se desenvolve em uma absoluta fluência temporal que o leva para o futuro; mas esse trânsito para o todo e o nada final só pode efetuar-se em um êxtase hiper consciente que é, por isso mesmo, inconsciente do mundo. Mas quando existe o símbolo emergente, a representação do ente produzida pelo sujeito cultural ou racional, então o sujeito consciente se coloca "de costas" ao sentido de seu fluir temporal para "tomar consciência" do mesmo: e só assim há verdadeira "consciência", pois se trata da "consciência de" um conteúdo sêmico. Naturalmente, quando o sujeito consciente se encontra motivado para requerer material simbólico do esquema de si mesmo ou "memória representativa" com o fim de forjar uma fantasia, ocorre o mesmo processo: o sujeito "olha" para o umbral de consciência, quer dizer, coloca-se de frente ao símbolo emergente "dando as costas" a seu próprio acontecer temporal.

É importante perceber que nesta reflexão que o sujeito consciente efetua sobre seu próprio sentido, para fazer frente aos símbolos emergentes, manifesta uma preeminência do futuro que condiciona inevitavelmente todo ato consciente. O sujeito consciente, com efeito, ao RETER o símbolo frente a si, na realidade o esperou um instante e por isso o apreende DESDE O FUTURO: ainda que esse instante seja infinitesimal, não é possível desconhecer que o sujeito consciente, situado em seu próprio instante de apreensão, constitui o futuro do símbolo, um futuro que ao converter-se em presente, denomina-se "consciência do símbolo".

Durante a retenção, o símbolo encontra-se no presente do sujeito consciente e por isso denomina-se "consciência presente" à sua apreensão. Mas, se bem que o sujeito consciente enfrente o símbolo "dando as costas" à sua própria fluência temporal, tal fluência não deixa por isso de existir e de impulsionar o símbolo para o passado: o símbolo emergente sucede no tempo imanente e sua corrente trata de arrancá-lo da presença do sujeito consciente. Na retenção ocorre, pois, um empenho dialético entre a atenção do sujeito consciente, voltada a reter presente o símbolo, operando "a partir do futuro", e a corrente do tempo imanente que o arrasta para o passado. Que o presente é uma neutralidade subjetiva, produto de uma confrontação dialética, é algo que se comprova no fato de que, ao tirar a atenção, quer dizer, a oposição colocada no símbolo, esta se perde imediatamente no passado. E tal confrontação só é possível porque o sujeito consciente, para reter o símbolo, teve que refletir sobre seu próprio transcorrer situando-se "de costas", como o mostra analogicamente na figura 26 o reflexo de "G" no espelho "D": o sujeito consciente, voltado ao revés no tempo imanente, não pode menos que opor-se a um símbolo que avança na direção de sua atenção. Assim, a retenção é o produto sintético de um ato de oposição que ABRE, subjetivamente, uma brecha na série de instantes do tempo imanente: a consciência PRESENTE do símbolo.

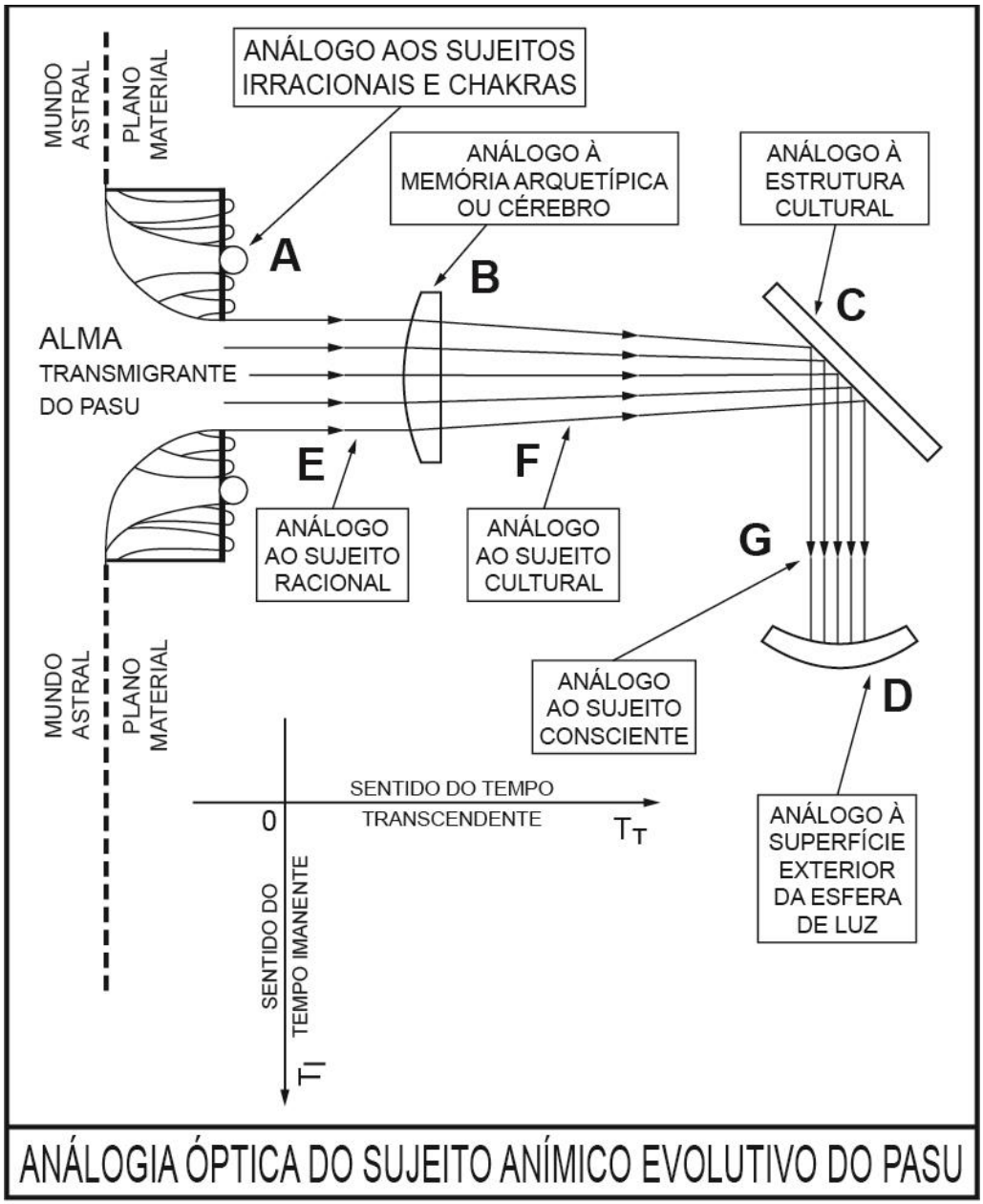

MUNDO ASTRAL
PLANO MATERIAL
ANÁLOGO AOS SUJEITOS IRRACIONAIS E CHAKRAS
ANÁLOGO À MEMÓRIA ARQUETÍPICA OU CÉREBRO
ANÁLOGO À ESTRUTURA CULTURAL
A
B
C
ALMA TRANSMIGRANTE DO PASU
E
F
G
ANÁLOGO AO SUJEITO RACIONAL
ANÁLOGO AO SUJEITO CULTURAL
ANÁLOGO AO SUJEITO CONSCIENTE
D
MUNDO ASTRAL
PLANO MATERIAL
SENTIDO DO TEMPO TRANSCENDENTE
0
T_T
SENTIDO DO TEMPO IMANENTE
T_I
ANÁLOGO À SUPERFÍCIE EXTERIOR DA ESFERA DE LUZ
ANÁLOGIA ÓPTICA DO SUJEITO ANÍMICO EVOLUTIVO DO PASU

FIGURA 26

O caráter dialético da retenção pode também inferir-se da figura 24, observando que a direção do tempo imanente vai desde o eixo **xx** para a esfera de luz, quer dizer, em direção inversa ao "olhar" do sujeito consciente, o qual centraliza sua atenção no umbral de consciência **Ψ**. É evidente ali que o símbolo **I'** faz frente ao sujeito consciente. Mas o sentido da flecha **Ti** indica o futuro do sujeito consciente, futuro ao qual este "volta as costas" para apreender **I'**. E, pelo contrário, a direção de **Ti** indica o passado de **I'**, a região à qual irá o símbolo quando o sujeito tire sua atenção e este desapareça do presente. Fica claro, então, que a retenção de **I'** em um "presente" é produto da oposição que o sujeito consciente efetua desde o futuro imanente para detê-lo; **I',** de sua parte, sucede no tempo imanente e esse transcorrer o impulsiona para o futuro imanente que resulta assim, por sua oposição, sendo o passado subjetivo do sujeito consciente.

Em resumo, ao "olhar" para o umbral de consciência, em direção oposta à sua fluência essencial, o sujeito consciente considera o passado imanente como se fosse uma espécie de futuro, toda vez que "espera" perceber eventos procedentes dessa direção. Mas nessa direção, que é uma espécie de futuro subjetivo, só está o mundo intermediário da estrutura cultural e, além, o mundo exterior, o macrocosmo e o tempo transcendente. Daí que, ao perceber os símbolos emergentes, o sujeito consciente cometa o erro gnosiológico de tomar o dado da duração originária do ente no tempo transcendente, quer dizer, a extensão, por uma apreensão efetiva do tempo. Em consequência, ainda que a anisotropia do tempo transcendente permita a fluência imanente da consciência, ocorre o absurdo fato de que o sujeito consciente se identifica com o tempo transcendente, a partir da dimensão extensão do símbolo emergente. Mas isto explicaremos passo a passo, valendo-nos da figura 25.

Para começar, observemos que todo sujeito consciente dispõe da curiosa possibilidade DE VIVENCIAR O PRESENTE DESDE DUAS PERSPECTIVAS DIFERENTES. Segundo se explicará em seguida, trata-se de duas atitudes que o sujeito consciente pode adotar frente A UM MESMO símbolo emergente durante sua retenção.

É possível, com efeito, que o sujeito perceba o símbolo **I'**, como objeto no tempo, DESDE A PERSPECTIVA DE SUA EXTENSÃO OU DESDE A PERSPECTIVA DE SUA COMPREENSÃO. No primeiro caso, a extensão do símbolo **I'** refletirá a duração original do ente no tempo transcendente: a consciência presente de **I'** será então EXTENSIVA e por isso na figura 25 assinalamos com as iniciais **S.P.E**. o lugar geométrico analógico do **S**-ujeito em **P**-resente **E**-xtensivo. No segundo caso, a compreensão do símbolo **I'** permitirá a apreensão de tempo imanente, tempo no qual verdadeiramente acontece a emergência de **I'**: a consciência presente de **I'** é, então, COMPREENSIVA e por isso assinalamos com iniciais **S.P.C**. o lugar geométrico analógico do **S-**ujeito em **P-**resente **C-**ompreensivo. Vamos explicar ambos os casos, para expor a consciência do tempo transcendente e a consciência do tempo imanente, e mostrar que só a última constitui um conhecimento certo sobre a natureza do tempo, sobre o caráter dialético do presente subjetivo.

E – O sujeito consciente em presente extensivo S.P.E.

Ainda quando o pasu tenha desenvolvido o sujeito consciente, existe uma fase primitiva da evolução na qual os conteúdos conscientes referem-se exclusivamente a entes externos: em tal caso se diz que "a consciência do pasu está orientada para o mundo". Naturalmente, o sujeito consciente não pode realmente exteriorizar-se no mundo, aproximar-se diretamente do macrocosmo, devido à anisotropia do tempo transcendente que lhe impede de suceder nele. Para uma essência cronicamente transversal, o acesso ao mundo exterior só é possível indiretamente por meio de representações dos entes externos. Essa é, justamente, a função que cumpre O

MUNDO INTERMEDIÁRIO DA ESTRUTURA CULTURAL, que se encontra entre a esfera de consciência e a esfera sensorial: por seu intermédio, só poderão converter-se em objetos conscientes aqueles entes que previamente tenham sido relacionados e esquematizados. Mas, não obstante essa intermediação racional que mantém o sujeito consciente perpetuamente isolado da presença fática dos entes, que os forma culturalmente e que propõe o significado como "verdade do ente" nos termos de uma linguagem, quer dizer, não obstante receber só um aspecto do desígnio do ente, o sujeito consciente do pasu concentra sua atenção exclusivamente no mundo exterior. Em poucas palavras, a conduta constitui a motivação principal de seus atos conscientes. A esta primitiva fase da evolução corresponde PERMANENTEMENTE um "sujeito consciente em presente extensivo" **(S.P.E)**. Qualquer pasu, é claro, não importa qual seja seu grau evolutivo, se possui sujeito consciente estará em condições de experimentar ALTERNATIVAMENTE o presente extensivo; contudo, aqui colocamos a condição de que isso ocorra "permanentemente" porque nos ocupamos do caso típico do pasu prévio ao aprisionamento espiritual.

Um pasu com **S.P.E**. conhece até certo ponto a verdade dos entes e pode conduzir-se racionalmente no mundo, em concordância com o objetivo de sua finalidade. Contudo, no que se refere ao tempo transcendente do macrocosmo, o **S.P.E.** comete um grave erro gnosiológico. Vejamos. A extensão de **I** ocorre, segundo se vê na figura 18 e seguintes, PARALELAMENTE ao transcurso do tempo transcendente. É aqui que a extensão tem uma razão, uma RATIO, quer dizer, uma proporção com o tempo transcendente: tal razão se denomina DURAÇÃO e corresponde à duração originária real do ente esquematizado; recordemos que **I** pode representar o esquema de qualquer ente e não só uma forma triangular. A extensão do símbolo I, segundo explicamos, só REFLETE mediante uma RATIO, aquela duração originária, quer dizer, é um dado indireto da temporalidade do ente. Pois bem, o erro do **S.P.E**. consiste em CONFUNDIR a consciência da extensão com a apreensão real e afetiva da duração transcendente. Na figura 25, se vê que o símbolo **I'** encontra-se frente ao **S.P.E**., no aspecto analógico da esfera de consciência, quer dizer, onde só existe o tempo imanente: a percepção da extensão só pode oferecer uma representação da duração originária, mas jamais um acesso direto ao tempo transcendente.

Que consequências provoca esta confusão do **S.P.E**.? Resposta: Que o sujeito consciente acreditará perceber diretamente o tempo transcendente, quando na realidade só conta com dados extensivos dos entes; esta crença conduzirá à suposição absurda de que o tempo transcendente é essencialmente análogo à extensão, quer dizer, que é contínuo, linear, etc.: por isso se lhe descomporá em instantes ANÁLOGOS aos pontos do espaço extensivo, ou se identificará estes instantes com ditos pontos. O tempo transcendente seria, assim, uma sucessão de instantes, todos iguais entre si, que se correspondem biunivocamente com os pontos do espaço: a "duração" de um ente espacial consistiria em uma espécie de "extensão temporal" que surge da aplicação do espaço pontual do ente sobre o tempo instantâneo DURANTE um lapso determinado de sua existência. Desde já, nada disto é certo, pois, como se demonstra no livro Física Hiperbórea, o tempo transcendente é algo muito diferente de uma sucessão linear de instantes.

A extensão da representação **I'** só pode proporcionar ao sujeito consciente um dado indireto sobre a duração original do ente representado: ao confundir este dado indireto com uma "consciência do tempo", comete-se um grave erro gnosiológico. Mas o erro é maior ainda quando à tal "consciência (falsa) do tempo" se atribui uma vinculação direta com a presença da representação: então se acredita perceber, na extensão, a duração DO PRESENTE. Mas este "presente" subjetivo é uma ilusão e o

tempo do qual parece surgir, e ao qual remete, um tempo falsificado, inventado pelo **S.P.E.**

Observemos a figura 25. O símbolo **I'** emerge frente ao **S.P.E**. e este o percebe em extensão. Toma, assim, "consciência" da duração e acredita perceber o presente. Mas o presente real é um espaço dialético, segundo vimos, produzido sobre o tempo imanente. O presente subjetivo derivado da extensão não é dialético senão emergente: começa e termina junto com a representação, uma vez que depende de sua extensão; por isso o presente subjetivo tem uma duração real variável: é tão curto ou tão longo como a impressão que afeta a consciência. A ilusão do **S.P.E**. consiste em acreditar que o presente é uma clareza, uma "consciência", experimentada sobre a implacável e obscura sucessão do tempo: "antes" da duração (extensão) da representação está a obscuridade; "depois" da duração também. O antes e o depois da emergência de **I'** são "momentos" irreais, criados pelo **S.P.E**. para outorgar continuidade ao tempo falsificado. A representação fica, assim, ligada subjetivamente em ambos os extremos de sua extensão com dois momentos irreais: uma espécie de "passado" antes da emergência; e uma espécie de "futuro" depois da mesma. É claro que a intuição deste tempo falso é sumamente obscura e que a única coisa clara, em qualquer ponto da série de instantes, só é o presente subjetivo da representação emergente.

Evidentemente, o tempo extensivo é a reconstrução que o **S.P.E**. efetua do tempo transcendente, figurando como seria seu transcorrer no caso de que a anisotropia não lhe impedisse transcender a esfera de consciência. Contudo, o único dado indireto que reflete de algum modo o tempo transcendente, é constituído pela extensão, medida da duração originária: todo o demais, o antes e o depois, é claro, agregados pelo **S.P.E**. O "tempo", no qual se acredita transcorrer **I'**, e sobre o qual se percebe com clareza o presente de sua presença extensa, é na verdade um tempo inexistente, falsificado: não é possível à consciência, cuja essência é o tempo imanente transversal, conhecer diretamente o tempo transcendente. Se assim fosse, de outra parte, possível, se o tempo transcendente fosse capaz de suceder isotropicamente e abarcar completamente a integridade do microcosmo, então não poderia existir a consciência do pasu nem nenhuma outra consciência fora da do Demiurgo.

F– O sujeito consciente em presente compreensivo S.P.C.

Suponhamos que o sujeito consciente reteve o símbolo emergente **I',** tal como se vê na figura 25. Então, se em lugar de atender à extensão experimenta a compreensão do símbolo, será possível que aperceba sua própria essência temporal, quer dizer, a sucessão do tempo imanente, e o caráter dialético do tempo real. Para isso será necessário situar-se em outra perspectiva, diferente do enfrentamento extensivo do S.P.E., com o fim de apreender compreensivamente o símbolo. Esta nova situação se assinalou analogicamente na figura 25 com as letras **S.P.C.**

Pois bem, a COMPREENSÃO é uma dimensão dos conceitos análoga ao volume da fatia **xx**: a "compreensão" indica quão próximo está o conceito de coincidir com a verdade do ente, quer dizer, o volume da fatia indica quão próximo está o conceito, em termos sêmicos, de coincidir com o esquema do ente ou Relação. Como toda representação racional, tal como **I**, é homóloga ao conceito que significa, sua dimensão compreensão é necessariamente equivalente, segundo se explicou no inciso anterior (artigo "F", comentário Terceiro). Então, o que significa "experimentar a compreensão do símbolo"? Resposta: apreender sua estrutura; tomar consciência, não da mera aparência que denota a extensão, senão de sua compleição sêmica. Para isso, é preciso situar-se em uma perspectiva justa, que permita COMPREENDER de um só golpe de vista, quer dizer, em um só ato cognitivo, a estrutura do símbolo. Isto é: o sujeito consciente deve situar-se não de frente ao símbolo, senão, AO LADO deste; vendo-o NÃO COMO EMERGENTE, MAS COMO CIRCULANTE. Em outras palavras:

ainda que estando retido no presente, a observação compreensiva do **S.P.C**., deve dar-se ao lado do símbolo, percebendo a direção de seu trânsito, quer dizer, comprovando que a emergência sucede no tempo imanente.

Há que se afirmar energicamente que não é possível compreender nenhum símbolo ou representação consciente sem uma efetiva mudança de perspectiva do sujeito consciente: não existe aqui um "princípio de relatividade" que permita, por exemplo, girar o símbolo com a fantasia e "encarar a compreensão de frente". Isto é impossível porque SEMPRE, em todos os casos possíveis, o aspecto frontal do símbolo é extensivo para o sujeito consciente. Para experimentar sua compreensão se requer invariavelmente um movimento do sujeito consciente que o situe AO LADO do símbolo retido.

A primeira intenção dirige **I'** para si mesmo e, portanto, sua emergência sucede no tempo imanente. Ao surgir na consciência, quer dizer, ao atravessar o umbral de consciência **Ψ**, o símbolo é retido "desde o futuro" pelo sujeito consciente, o qual se situa logo em posição favorável para sua compreensão. Então, o símbolo **I'** é o conteúdo concreto, claro e definido, de um pensamento consciente. Em dita consciência, o **S.P.C**. há de ser capaz de efetuar as seguintes distinções:

Primeiro: antes de tudo experimenta a certeza objetiva do símbolo, quer dizer, há evidência patente de que o símbolo constitui um OBJETO diferente do **S.P.C.**

Segundo: em tal objeto, como uma força particular que visa a si mesmo, percebe a PRIMEIRA INTENÇÃO.

Terceiro: apercebe, também, a própria ATENÇÃO colocada na retenção, a qual é uma espécie de SEGUNDA INTENÇÃO, que refere o símbolo para o sujeito cognitivo.

Quarto: capta, assim, o momento PRESENTE como produto de uma tensão dialética: a primeira intenção e a segunda intenção se revelam como forças claramente opostas.

Quinto: COMPREENDER é perceber a estrutura do símbolo, quer dizer, apreender sua essência: esta possibilidade superior de conhecimento está vedada ao **S.P.E.**, o qual só percebe uma aparência exterior, tanto mais racional quanto mais reflexiva seja sua indagação (ver inciso anterior, artigo 'G', comentário Segundo).

Sexto: finalmente, o **S.P.C.** pode aperceber sua própria essência sucessiva, ou seja, o TEMPO IMANENTE. Mas tal apercepção, por ser compreensiva, efetua-se sem referência alguma ao tempo transcendente, cujo dado para o conhecimento indireto é a extensão. Quer dizer que o **S.P.C.** é capaz de perceber o tempo imanente em forma absoluta; daí que a disposição do sujeito consciente para aperceber o tempo imanente denomine-se: FACULDADE DE AUTOSCOPIA CRÔNICA.

O VIRYA PERDIDO: UM PASU COM LINHAGEM HIPERBÓREA.

No último inciso completamos, ainda que de forma certamente elementar, a exposição dos principais conceitos que a Sabedoria Hiperbórea afirma sobre o pasu, esse animal-homem que habitava a Terra à chegada dos Siddhas Traidores. Foi necessário expor tais conceitos para explicar, talvez pela primeira vez nesta língua exotérica, o Mistério do encadeamento do Espírito à evolução da matéria. Sabemos agora o que o pasu é, conhecemos as estruturas nas que se manifesta subjetivamente sua alma transmigrante: em consequência, sabemos que isto que o pasu é O ESPÍRITO NÃO É. Demos, pois, um passo importante rumo a uma visão inteligível do Mistério. O seguinte passo nos conduzirá diretamente ao núcleo do Mistério, quer dizer, ao encadeamento espiritual.

A – A herança do virya.

Recordemos um dos primeiros parágrafos do inciso "Traição e encadeamento espiritual": "... a traição dos Siddhas Traidores consumou-se PARA SERVIR A UM FIM

ESPECÍFICO: O ENCADEAMENTO DOS ESPÍRITOS-ESFERA AO PLANO MATERIAL. Voltemos, pois, a apresentar aquela pergunta com a qual apresentamos o modelo analógico do Espírito-esfera: como se aprisiona à matéria, ao efêmero da vida, às variações da natureza, aos ciclos de vida e morte, como se aprisiona, repetimos, um Espírito eterno a esta ilusão?". Agora que conhecemos, analogicamente, o que é um Espírito (e também um pasu), vamos explicar como pôde ser encadeado à matéria. Em continuação, alude-se à "chave genética do sistema Kármico" como um método consistente em plasmar, no sangue do pasu, "uma imagem da origem do Espírito Hiperbóreo": "Assim se constitui na memória de sangue a "recordação da origem", a qual é uma autêntica herança perpétua do Manu-Siddha Traidor; e se plasma no sangue e não em qualquer outra substância, porque a "força plasmadora" empregada é a paixão: paixão no maithuna ou, se se quer, amor".

"A chave do sistema consiste, então, em plasmar uma imagem da origem no sangue do pasu, com o qual este adquire uma herança divina e passa a ser virya. Só cabe reiterar que tal doação não tem nenhum caráter bondoso, senão que visa ao encadeamento dos Espíritos invertidos. Pode se considerar, para maior clareza, que a "plasmação da origem" é a primeira parte de um plano em duas etapas, a segunda das quais seria o aprisionamento propriamente dito. A criação da Minne teria, assim, o único objetivo de facilitar a ligação do Espírito com a matéria...". Destes parágrafos, que estamos citando de um inciso anterior, se depreende o aterrador fato de que os viryas descendem geneticamente de seres divinos, Deuses extraterrestres, MAS QUE NÃO SÃO AMADOS POR ELES. Pelo contrário, seus ancestrais divinos não vacilam em submetê-los ao desapiedado sistema das reencarnações Kármicas baseado na dor, e no sofrimento, na aprendizagem pelo método de prêmios e castigos, quer dizer, de ação e reação. Mas a maioria dos viryas ignora que em seu ser existe uma dualidade essencial. É talvez seja, em muitos casos, melhor que assim aconteça: de outro modo, por saber DE QUEM DESCENDEM, certamente irremediavelmente enlouqueceriam. Por um lado, como pasu, o virya é animal-homem, quer dizer, UM FILHO DO DEMIURGO; de outra parte, como depositário de uma imagem da origem na memória de sangue, o virya é também divino, quer dizer, UM FILHO DOS SIDDHAS (TRAIDORES) HIPERBÓREOS. Como filho do Demiurgo, sua finalidade é alcançar a autonomia ôntica, a enteléquia humana, para admirar, com o máximo sentido possível, Sua Obra; essa é a verdadeira finalidade do pasu, o qual, no entanto, costuma acreditar que existe para outra coisa; mas tal ilusão se desvanece invariavelmente quando "ao final de um Grande dia de Manifestação" sobrevém "a noite de Brahma", o Mahapralaya no qual toda a criação material é fagocitada pelo nada sugador de um Final que é igual ao Princípio; e nesse nada, naturalmente, acaba tudo, os pasus ou viryas, junto com toda classe de manifestações monádicas. Esta finalidade fatal da natureza humana não é, desde já, demasiadamente atraente. Mas, como filho dos Siddhas Traidores, o virya tampouco consegue avistar um futuro benigno: seus antepassados divinos lhe ocultam, valendo-se de toda sorte de artimanhas, o fato e o direito da descendência; mas, se por algum motivo extra Kármico, o virya chegasse a perceber na memória de sangue a recordação da origem, se chegasse a suspeitar que "algo nele não é daqui", então se enfrentaria o ódio e o desprezo mais terríveis por parte de seus "divinos" antepassados; mas eles não tratariam de destruí-lo, senão que empregariam seus incríveis poderes para afundá-lo em uma intensa ilusão de Maya, quer dizer, para submergi-lo ainda mais na confusão estratégica; por este lado, pois, tampouco pode se esperar outra coisa do que a dissolução final do Pralaya cósmico, uma vez que os Siddhas Traidores não estão dispostos a entabular NENHUM TRATO PARTICULAR com os viryas, quer dizer, nenhum que possa apartá-los do Karma.

Ante panorama tão sombrio, que saída resta ao virya, que esperança pode alentar, de escapar dos Planos demenciais do Demiurgo e dos Siddhas Traidores? Resposta: A liberação do Espírito Hiperbóreo. Isto é: a única possibilidade de escape consiste em que o virya retome sua recordação hiperbórea até a origem e se transmute em Divino Hiperbóreo, DESENCADEANDO o Espírito cativo, quer dizer, que PROCURE A "NORMALIDADE" DO ESPÍRITO ESFERA INVERTIDO. Para que tal possibilidade se concretize efetivamente é necessário que o virya atue no quadro de uma ESTRATÉGIA HIPERBÓREA, questão que se estudará na Segunda Parte: ali se descreverá a ATITUDE GRACIOSA LUCIFÉRICA que deve adotar o virya, como postura estratégica básica de liberação espiritual. No que resta da Primeira Parte nos ocuparemos de um importante tema que deve ser esclarecido previamente: o aprisionamento espiritual.

B – O Eu do virya e o Eu infinito.

Recordamos o dito anteriormente: os Siddhas Traidores conceberam "um plano em duas etapas", a primeira das quais radica na chave genética e a segunda no encadeamento espiritual. Devemos, pois, começar pela primeira fase.

A chave genética, a herança da origem, transforma o pasu em um virya. A melhor maneira de esclarecer este fato é perguntar se existe alguma diferença evidente que demonstre tal transformação; ou seja: qual é o efeito da chave genética no virya, o primeiro e permanente, que o converte em um ser diferente do pasu? Resposta: A aparição do EU. Com efeito, no pasu, o mais parecido ao Eu é o sujeito consciente, o qual jamais diz "eu sou", nem ainda quando anima um ente autônomo: o pasu, uma vez alcançada a perfeição entelequial ou durante a evolução da esfera de consciência, age sempre em concordância com o objetivo da finalidade, colocar sentido nos entes, produzir cultura, etc. O sujeito consciente, de acordo com o objetivo microcósmico, quanto mais se desenvolve tanto mais se imbui do caráter orgânico do macrocosmo, tanto mais admira a Obra e o Criador. Com outras palavras, quanto maior seja o nível de consciência do sujeito consciente do pasu, tanto mais orientado para o macrocosmo se encontram suas referências exteriores. Um sujeito consciente altamente desenvolvido está "harmonicamente" referido ao Demiurgo e isso lhe impede definitivamente de manifestar-se como um Eu ou, nem sequer experimentar um egoísmo espiritual semelhante ao do virya. Mas como se caracteriza, então, o Eu? Resposta: Pela certeza essencial de que a própria entidade é algo único, indestrutível, inimitável e, desde já, diferente do Demiurgo Jeová-Satanás, ou como queira que este se chame, e NÃO CRIADO POR ELE. Quem experimente esta certeza essencial é muito provável que seja um virya perdido. "Minha vivência é a do Eu, o sentir-me Eu", declara Miguel Serrano. E continua deste modo: "... é errado e perigoso pretender que nossas vivências sejam compartilhadas pelos demais. Uma coisa que se poderia tomar por simples, a vivência do Eu, de sentir-se Eu, poderia parecer-nos natural e bem generalizada. Contudo, cada vez que consultei a outros se eles se sentem Eu, exclusivamente Eu, no meio do Universo, não tive êxito em transferir essa intensa vivência, encontrando-me como que de frente a um muro impenetrável. E no rosto dos consultados, quase sempre uma expressão de surpresa, de desconcerto. Estranhamente, eles não tiveram esta vivência. Essa não era sua frequência. (A sensação do Eu é um sinal que assinala o virya desperto). A tal extremo que cheguei a pensar que no mundo, unicamente eu me sinto Eu."

Mas, se o Eu é algo diferente do sujeito consciente, se surge no pasu por causa da chave genética e é a evidência de sua transformação em virya, o que é, então, o Eu? Resposta: EM TODO VIRYA, O EU É A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO ENCADEADO. É claro, nos referimos ao Eu antes definido, ao Eu de Miguel Serrano, ao Eu da absoluta identidade individual. Esta resposta nos obriga a realizar um imediato

esclarecimento para evitar uma confusão bastante provável: A RESPOSTA NÃO NOS DIZ QUE O EU "É" O ESPÍRITO; SÓ NOS ASSEGURA DE QUE É "SUA MANIFESTAÇÃO". O que significa este esclarecimento, o que agrega à resposta anterior? Resposta: O esclarecimento serve para evitar que se confunda o Eu com UMA EXPRESSÃO DIRETA DO ESPÍRITO, quando sabemos já, dos primeiros incisos, que "o Espírito encadeado não sabe que o está". O Eu, efetivamente, é tido pela forma mais pura de "consciência" e pode parecer contraditório que, por uma parte se o vincule ao Espírito, como evidência do encadeamento, e por outra se afirme que o Espírito ignora seu encadeamento. Como, se o Eu é consciência, o Espírito ignora sua situação? Justamente, porque esta pergunta constitui um erro, se esclareceu que "o Eu é a MANIFESTAÇÃO do Espírito encadeado" e não a expressão do próprio Espírito. Ainda que a distinção proposta pareça demasiadamente sutil, torna-se imediatamente clara quando apelamos aos conceitos analógicos sobre o Espírito, obtidos com a ajuda do Modelo da Esfera.

No inciso "O Espírito-esfera revertido" vimos que o Eu Absoluto, da "normalidade" se transladava ao Eu Infinito da "anormalidade" do Espírito. O Eu infinito se sintetizava em um "polo infinito", no qual convergiam todas as projeções dos pontos exteriores da esfera: o "polo infinito" se encontra necessariamente no infinito e, por isso, as projeções do Vultus Spiritus, o Rosto espiritual, transpassam o espaço cósmico do macrocosmo em todas as direções. Resulta, assim, que "entre o Espírito-esfera e o Eu Infinito, tem que estar COMPLETO o mundo dos entes finitos, quer dizer, o macrocosmo "INTERIOR"; ou, em outras palavras, o Eu Infinito ultrapassa PELO INFINITO ao mundo dos entes finitos; é como se, na figura 8, TODO O FINITO ESTIVESSE ENTRE O CÍRCULO VIOLETA (polo infinito expandido) e o círculo verde (Rosto espiritual)". No inciso seguinte se completava esse conceito: "O ESPÍRITO ESFERA INVERTIDO IGNORA SUA SITUAÇÃO PORQUE ENTRE ELE E SEU EU INFINITO SE INTERPÕE A ABSOLUTA DESORDEM DA "ORDEM ARQUETÍPICA" OU "PLANO MATERIAL"; O ESPÍRITO INVERTIDO SE OPÕE ESSENCIALMENTE A DITA "ORDEM" E, TAL OPOSIÇÃO CRIA UMA BARREIRA DE INCOMUNICABILIDADE COM SEU PRÓPRIO EU INFINITO, QUE SE ENCONTRA "ALÉM DO PLANO MATERIAL"; POR OUTRO LADO, O EU INFINITO, DESDE O INFINITO, SÓ "VÊ" A SUPREMA ILUSÃO DA ORDEM ARQUETÍPICA, "MAYA", AO "OLHAR" PARA O ROSTO ESPIRITUAL. Tal é o drama do Espírito invertido que se chama: CONFUSÃO ESTRATÉGICA".

Consideremos agora o seguinte conceito da Sabedoria Hiperbórea, cujo significado há de revelar finalmente o Mistério do encadeamento espiritual: O EU PARTICULAR DO VIRYA APARECE PELO REFLEXO DO EU INFINITO NA IMAGEM DA ORIGEM, CUJA RECORDAÇÃO PERSISTE NA MEMÓRIA DO SANGUE. Logicamente, se requer de vários comentários para explicar tão importante conceito.

Primeiro: O conceito precedente é conhecido com o nome sintético de "ENCADEAMENTO ESPIRITUAL" e deve-se entender que a ele se alude todas as vezes que se mencione tal nome. O "encadeamento espiritual" é o segundo ato do Mistério Maior chamado Traição Branca dos Siddhas Traidores; o primeiro ato foi, naturalmente, a confusão e desorientação original dos Espíritos Hiperbóreos, Mistério que explicamos analogicamente como "inversão dos Espíritos-esfera".

Segundo: Por outro lado, o "encadeamento espiritual" se produz como efeito do "plano de duas fases" dos Siddhas Traidores, cuja primeira fase consiste na chave genética. De acordo ao já visto, podemos descrever de maneira mais completa dito plano. A primeira fase, a chave genética, introduz na memória do sangue uma "imagem da Origem", a qual constitui uma herança perpétua que se transmite biologicamente nas raças de viryas perdidos; como toda terminação psíquica, a "imagem de Origem"

tem caráter sêmico e, por isso, a Sabedoria Hiperbórea a denomina Símbolo da Origem; na Segunda Parte se verá que a projeção exterior, significativa, do Símbolo da Origem é o misterioso Sinal da origem, do qual se deriva por deformação e mutilação, entre outros, a suástica Hiperbórea. A segunda fase do plano, o encadeamento espiritual, cumpre-se quando o Eu infinito, refletido parcialmente no Símbolo da Origem, faz aparecer o Eu particular do Virya.

Terceiro: No Símbolo da Origem, do virya perdido, só se reflete uma ínfima parte do Eu Infinito, o qual consiste na síntese polar dos infinitos "olhares" projetados em todas as direções do espaço (ver figura 7 e 8). No artigo "H" se explicará analogicamente este fato.

Quarto: Entende-se melhor, agora, à luz do conceito de encadeamento espiritual, a afirmação anterior de que "o EU do virya é a MANIFESTAÇÃO do Espírito encadeado" e que não deve se confundir com uma EXPRESSÃO DIRETA do Espírito. O Espírito invertido, com efeito, É ETERNO e, portanto, NÃO SUCESSIVO; esta qualidade essencial o mantém absolutamente afastado do tempo transcendente do macrocosmo, no qual ocorrem os entes finitos e sucessivos. Mal poderia, então, produzir-se uma "expressão direta do Espírito" no virya perdido, quer dizer, no macrocosmo potencial: um ente que efetivamente sucede no tempo transcendente. Pelo contrário, o Eu do Virya é uma "manifestação do espírito", mas uma manifestação indireta, que se realiza quando alguns dos infinitos olhares descobre, em um ente finito, o Símbolo da Origem e se reflete nele. Não é, pois, o Espírito quem se "expressa" no Eu, senão que, pelo contrário, sua manifestação ocorre SEM QUE O ESPÍRITO O SAIBA. É evidente: se o Eu do virya participa do Eu Infinito, há de padecer sua mesma incomunicabilidade, quer dizer, a desorientação anormal causada pela Traição Branca. "O Espírito-esfera invertido ignora sua situação porque entre ele e seu Eu Infinito se interpõe a absoluta desordem do plano material", etc.

C - Objetivo do plano dos Siddhas Traidores.

Em numerosas oportunidades mencionamos o objetivo do encadeamento espiritual: os Siddhas Traidores pretendiam completar a evolução do animal-homem ou pasu para que este cumprisse com sua finalidade de produzir cultura e colocar sentido no mundo. O pasu se encontrava, nesse então, evolutivamente estancado, sem conseguir desenvolver a esfera de consciência. A chave genética visava, pois, para tal objetivo.

No momento do encadeamento, o pasu havia adquirido o nível evolutivo que mostram as figuras 11 e 11b: a esfera de consciência era sumamente elementar, ainda que certamente existia, da mesma forma que o sujeito consciente que a animava. Contudo, esta situação mudou radicalmente, o pasu desenvolveu em curto prazo sua esfera de consciência e transformou-se em um grande produtor de cultura, quando a chave genética possibilitou a aparição do Eu do virya perdido.

Resumindo, o objetivo do plano dos Siddhas Traidores coincidia TEORICAMENTE com o objetivo microcósmico da finalidade do pasu: desenvolver completamente a esfera de consciência. Mas, segundo vimos, o desenvolvimento completo da esfera de consciência conduz à autonomia ôntica; e nisto diferia PRATICAMENTE o plano dos Siddhas Traidores com o Plano evolutivo do Demiurgo: ELES SÓ IAM PERMITIR ALCANÇAR A AUTONOMIA ÔNTICA, O MICROCOSMO ATUAL, ÀQUELES QUE SE TIVESSEM INCORPORADO PREVIAMENTE À HIERARQUIA OCULTA DA IRMANDADE BRANCA. Aqueles que não cumprissem esta última condição seriam destruídos ou submergidos perpetuamente na confusão.

De todas as maneiras, o animal-homem da terra foi definitivamente transmutado pela ação concreta do Manu-Siddha-Traidor, quer dizer, pela inclusão hereditária do Símbolo da Origem na memória do sangue. Como se disse,

posteriormente a esfera de consciência se desenvolveu em grande medida e os viryas foram capazes de construir grandes civilizações, muitas das quais já ninguém recorda.

D – A função do sangue na chave genética.

O sangue, desde já, afeta todas as estruturas do microcosmo, porque sua distribuição forma a contrapartida física do corpo astral, quer dizer, do veículo sutil da alma. O sujeito anímico evolutivo, ainda que se manifeste em estruturas específicas, em realidade provém do sangue, de determinadas funções que o sangue executa nas distintas estruturas do microcosmo. É pelo sangue, por um sangue astral que a ciência do ocidente ainda desconhece, que a alma se manifesta como sujeito nas estruturas psíquicas do pasu; e nesse sangue, como herança Hiperbórea dos Siddhas Traidores, encontra-se depositado o Símbolo da Origem. Tal como se expôs no inciso "Traição e Encadeamento Espiritual", a chave genética fez possível que no sangue se conserve a recordação do ente incriado e que, por ele, o pasu se transforma em virya, ENCADEANDO ao sujeito consciente o Eu, quer dizer, a manifestação do Espírito Hiperbóreo. Mas devemos avisar aqui que seria impossível para todo virya perdido COMPREENDER a chave genética sem uma prévia iniciação tântrica da Sabedoria Hiperbórea; na Segunda Parte, não obstante, daremos uma ideia de tal iniciação EM UMA DESCRIÇÃO ANALÓGICA que tem a virtude de jogar bastante luz sobre a chave genética. Também é possível encontrar muitos comentários sugestivos na novela de divulgação "O Mistério de Belicena Villca" e nos livros de Miguel Serrano. Contudo, se bem que não convém entrar nos incompreensíveis detalhes da chave genética, é imprescindível assinalar em que consiste sua técnica: no maithuna, quer dizer, no ato sexual entre o Manu e os membros da espécie humana. O maithuna constitui para o pasu, à parte da execução de sua função procriativa, UM MODO DE CONHECIMENTO SENSÍVEL: com efeito, durante o acasalamento, o cônjuge é um ente externo que impressiona intensamente a esfera sensorial e oferece à razão o descobrimento de um desígnio humano. O esquema de tal desígnio, obtido pela via do contato sexual, possui sua potência ativa referida em grande medida para a esfera afetiva; isto é: todo pensamento sobre este esquema produzirá conceitos cujas representações correspondem ao caso (c) extremo, quer dizer, representações que se orientarão para o coração e jamais se farão conscientes; esta é a razão pela qual o pasu não é consciente, por exemplo, das fases formativas do microcosmo potencial, ou filho, procriado, apesar de que seus símbolos se encontram no esquema do desígnio conjugal. Pois bem, apesar de que a intencionalidade afetiva predominante na potência ativa se efetue normalmente nos casais pasu, quando o maithuna é realizado pelo Manu, o caso é bastante diferente.

E - Os Siddhas Traidores modificam o desígnio humano.

Em todo ente existe uma finalidade e uma suprafinalidade: a primeira é o término do Arquétipo universal e a segunda o término particular do desígnio demiúrgico. O microcosmo potencial do pasu, enquanto ente, está também sustentado por um Arquétipo universal, Manu, o qual é incognoscível devido aos motivos expostos no inciso "Memória Arquetípica e Razão". O término particular equivalente é o "desígnio humano" que mencionamos, ao estudar a formação da esfera de consciência, como "o descobrimento de si mesmo". O tema do desígnio humano é um antigo Mistério conhecido como DESTINO DA MÔNADA HUMANA; assim, o desígnio de um pasu particular expressa o destino de sua mônada, destino que foi concebido pelo Demiurgo e, em cujo Plano existem muitos símbolos complementares do Arquétipo universal. Neste "desígnio humano", em um ponto da série formativa que integra seu plano, está designado o exato momento preciso em que o pasu efetuará o descobrimento de si mesmo e dará início à sua história, quer dizer, à esfera de consciência. Nesse

momento, e em todos os casos subsequentes em que experimente semelhante percepção, ocorre uma INTUIÇÃO DA AUTONOMIA ÔNTICA, a qual, naturalmente, é muitas vezes interpretada como mera diferenciação sujeito-objeto. A possibilidade de autonomia ôntica causa uma impressão altamente intensa que é interpretada pela razão como esquema do desígnio próprio e traduzida pelo sujeito cultural como o símbolo cuja emergência dá lugar à formação da esfera de consciência: O SÍMBOLO DA AUTONOMIA ÔNTICA É O PRIMEIRO A EMERGIR COM ENERGIA TRANSVERSAL; MAS ESSA EMERGÊNCIA PRIMORDIAL NÃO É EFETUADA "NO" TEMPO TRANSCENDENTE, POIS O SUJEITO CONSCIENTE AINDA NÃO EXISTE, SENÃO QUE É O PRÓPRIO SUJEITO QUEM, POR CAUSA DA PRIMEIRA INTENÇÃO CHOCANTE, DIRIGE-SE PARA UMA ZONA SUPERIOR DA PSIQUE E ALI COLOCA O SÍMBOLO COMO "CENTRO DE REFERÊNCIA A SI MESMO"; A PARTIR DESTE SÍMBOLO ESTRUTURA-SE EM SEGUIDA O ESQUEMA DE SI MESMO OU HISTÓRIA DO MICROCOSMO.

Com estes esclarecimentos queremos demonstrar que o desígnio humano, como destino monádico, é um Plano particular que se aplica SOBRE o Plano universal do Arquétipo NO microcosmo; por isso, o esquema do desígnio humano, por exemplo, o obtido da prática do maithuna, se bem que não contenha o Plano do Arquétipo universal, tem, pelo contrário, muitas referências ao mesmo. As estruturas físicas que inspira o Arquétipo universal, Por outro lado, estão, como é sabido, codificadas nos ácidos nucléicos do cromossoma humano; mas tais estruturas não são senão uma ínfima parte do Plano em que consiste um Arquétipo Manu.

Pois bem, a falha evolutiva do pasu, que motivou a intervenção, acorde com o Demiurgo, dos Siddhas Traidores, radicava na escassa evolução de sua esfera de consciência; mas, segundo acabamos de ver, tal evolução depende em grande medida do descobrimento de si mesmo, quer dizer, DE QUE O PRÓPRIO DESÍGNIO REVELE, EM ALGUM MOMENTO, A POSSIBILIDADE DE AUTONOMIA ÔNTICA; então, é evidente que nessa fase do Plano há de ter-se produzido a mais importante intervenção dos Siddhas Traidores. E, na verdade, assim ocorreu. Os Siddhas Traidores, ante a impossibilidade de modificar de algum modo os Arquétipos universais, que estão sustentados diretamente pela Vontade do Uno, decidiram operar sobre o desígnio humano, modificando permanentemente o destino do homem: por esse caminho esperavam conseguir um rápido desenvolvimento da esfera de consciência do pasu, objetivo que definitivamente se cumpriu.

F - Técnica da chave genética.

Em poucas palavras, vamos descrever a técnica empregada na chave genética. Ela se baseia no maithuna entre um membro da espécie humana, do qual vão descender povos e nações, com um Siddha Traidor encarnado em um corpo atualizado do Arquétipo Manu. MAS NESSE CORPO, SE BEM QUE O TÉRMINO UNIVERSAL CORRESPONDA AO ARQUÉTIPO MANU, O TÉRMINO PARTICULAR NÃO PODE, CERTAMENTE, CORRESPONDER AO DESÍGNIO DEMIÚRGICO, PORQUE O DESÍGNIO É O DESTINO MONÁDICO E EM DITO CORPO NÃO EXISTE NENHUMA MÔNADA, SENÃO UM SIDDHA TRAIDOR, QUER DIZER, UM ESPÍRITO HIPERBÓREO. Desse modo, o Manu-Siddha-Traidor, administra ao pasu, durante o maithuna, o conhecimento de um desígnio modificado NO QUAL O SÍMBOLO DA AUTONOMIA ÔNTICA FOI SUBSTITUÍDO COMO INDUTOR DE SI MESMO PELO SÍMBOLO INCRIADO DA ORIGEM. Mas o símbolo da autonomia ôntica não foi eliminado, senão substituído, em sua função de induzir o descobrimento de si mesmo, pelo Símbolo da Origem, passando a ser visto como mero complemento do Símbolo da Origem.

O motivo de tal substituição obedece à segunda fase do plano dos Siddhas Traidores, quer dizer, o encadeamento espiritual; porque aqui, na substituição do símbolo da autonomia ôntica pelo Símbolo da Origem, PERCEBE-SE MELHOR QUE EM NENHUM OUTRO ATO A GENIALIDADE INFERNAL DOS SIDDHAS TRAIDORES: COM EFEITO, DESDE ENTÃO, O VIRYA JÁ NÃO TERIA "QUE DESCOBRIR", COMO O PASU, O SÍMBOLO DA AUTONOMIA ÔNTICA PARA INICIAR A FORMAÇÃO DA ESFERA DE CONSCIÊNCIA, SENÃO QUE O SÍMBOLO DA ORIGEM "SERIÁ DESCOBERTO" PELO ESPÍRITO ESFERA INVERTIDO E ELE, SEM SABÊ-LO, DESENVOLVERIA PODEROSAMENTE A ESFERA DE CONSCIÊNCIA. A iniciativa evolutiva seria, assim, cedida ao Espírito encadeado, ao Eu, enquanto a alma, que lhe serviria de assento, receberia a evolução; e o homem semidivino, o virya, haveria de exibir a permanente dualidade interior da alma e Espírito.

Retomando a descrição da técnica empregada no maithuna, esclarecemos o expressado em F, sobre que os Siddhas Traidores, ao modificar o desígnio, modificavam permanentemente o destino do homem. Esta afirmação se deve ao seguinte fato: durante o maithuna, o desígnio do Manu-Siddha Traidor é irradiado sobre o microcosmo do pasu de tal maneira que a substituição do Símbolo da Origem fica plasmada, também, no sangue do pasu, COMO CARÁTER ADQUIRIDO. Assim, o próprio desígnio do pasu passa a ser modificado definitivamente, à imitação do desígnio Manu. Em consequência, a técnica da chave genética CAUSA UMA MUTAÇÃO GENÉTICA NO PASU. Isto convém entender bem, porque há quem acredita erroneamente que "da cópula dos Anjos com as filhas dos homens" surgiram os viryas, o que é inexato, pois já vimos que durante o maithuna se produz uma mutação do pasu, mutação que é necessariamente hereditária. O virya não é, então, o fruto híbrido do comércio carnal entre os "Anjos" e os homens, senão o descendente de um Manu-Siddha Traidor e DE UM PASU TRANSMUTADO PRÉVIAMENTE EM VIRYA POR EFEITO DA MAGIA SEXUAL OU TÉCNICA DA CHAVE GENÉTICA.

O virya recebe, pois, uma dupla herança: divina por parte de seu ancestral Hiperbóreo e mutante por parte do pasu Grande Antepassado. Contudo, como efeito do Kaly Yuga muitas comunidades de viryas cometeram o "pecado racial" de misturar seu sangue semidivino com o sangue do animal-homem ou pasu, introduzindo em seu temperamento uma forte tendência animal, quer dizer, involutiva. Porque, há que se afirmar, esse valioso componente divino que pode converter o homem em um Deus ou em um Demônio, o Símbolo da Origem, deve ser preservado pelo sangue puro: tanto a técnica da chave genética dos Siddhas Traidores, quer dizer, os planos de Chang Shambala, como a Estratégia Hiperbórea de Retorno à Origem, dos Siddhas de Agartha, exigem o racismo como meio de conservar a herança extraterrestre: só os Sábios de Sião, os Chefes da Raça Eleita do Demiurgo Jeová-Satanás, procuram por todos os meios degradar as linhagens Hiperbóreas da Terra. Que é uma Estratégia Hiperbórea dos Siddhas Leais e porque os hebreus atuam desse modo são interrogações que se responderão com detalhes na Segunda Parte.

Finalmente, cabe agregar que o símbolo da Origem, ao refletir o Eu Infinito, assinala o começo da história do microcosmo ou consciência: o esquema se estrutura, então, em torno do Símbolo da Origem. Mas, ao emergir o Símbolo da Origem, o faz transversalmente, transportado pelo sujeito consciente, que assim se manifesta pela primeira vez; e, como o Símbolo da Origem reflete o Eu Infinito e manifesta um Eu NO virya, entende-se que, desde o primeiro momento, o sujeito consciente e o eu encontram-se identificados, confundidos profundamente. Mas a confusão entre o anímico e o espiritual é uma condição necessária no Plano dos Siddhas Traidores, para que o Espírito impulsione a evolução da alma.

G – Localização do Eu no virya.

O plano dos Siddhas Traidores tinha como objetivo desenvolver a esfera de consciência do pasu; para isso, em uma primeira fase, plasmam o Símbolo da Origem na memória do sangue; a segunda fase se cumpre automaticamente quando o Espírito invertido se reflete, sem sabê-lo, no Símbolo da Origem e ocasiona um Eu. Evidentemente é o Eu o responsável do desenvolvimento da esfera de consciência, quer dizer, de cumprimento do objetivo do plano, e isso não poderia se fazer de outra maneira do que por intermédio do sujeito consciente, que é quem anima a esfera de consciência: o assento do Eu, sua residência natural, não há de ser outro, pois, que o sujeito consciente. Mas, para que assim ocorra, o Símbolo da Origem deveria estar permanentemente SOBRE o sujeito consciente. Cabe perguntar: como poderia ocorrer isso sem que o sujeito consciente observe objetivamente e racionalize o Símbolo da Origem? Resposta: O Símbolo da Origem é um ENTE INCRIADO, quer dizer, NÃO CRIADO PELO DEMIURGO, QUE É QUEM CRIOU TODOS OS ENTES; portanto, NÃO EXISTE NENHUM ARQUÉTIPO UNIVERSAL QUE CORRESPONDA COM O MESMO no plano arquetípico do macrocosmo e, em consequência, TAMPOUCO EXISTE SUA CÓPIA INVERTIDA NA MEMÓRIA ARQUETÍPICA DO MICROCOSMO: a razão é, por fim, incapaz de interpretar o Símbolo da Origem, porque o cérebro não dispõe de elementos arquetípicos com que racionalizá-lo. Quer dizer que o Símbolo da Origem NÃO EXISTE para o sujeito racional nem para o sujeito cultural porque eles NÃO PODEM RELACIONÁ-LO COM SUAS RESPECTIVAS ESTRUTURAS. Só o sujeito consciente do virya, que está em contato permanente com o Símbolo da Origem, poderia APERCEBÊ-LO no fundo noológico do EU: MAS TAL APERCEPÇÃO NÃO SERÁ JAMAIS RACIONAL, PORQUE CARECE DE SIGNIFICADO, PORQUE NÃO PROCEDE DA ESTRUTURA CULTURAL, SENÃO DO SANGUE.

Sabemos que o significado é o fundamento do pensamento: toda representação consciente, toda imagem, ainda as fantasias apercebidas, fundamentam-se no significado racional proposto pelo sujeito cultural em uma linguagem horizontal. Mas, como se apercebe o Símbolo da Origem, que carece de significado racional? Resposta: se o sujeito consciente chegasse a aperceber o Símbolo da Origem COMO UM PENSAMENTO, só tomaria consciência do Eu como objeto: OCORRE ASSIM PORQUE O CONTEÚDO DO SÍMBOLO DA ORIGEM É O EU. Nesse caso o sujeito consciente se dissociaria do Eu, e em um tipo de super reflexão, conseguiria aperceber o Eu objetivamente, quer dizer, a alma tomaria conta do Espírito.

Mas, do ponto de vista da Sabedoria Hiperbórea, não interessa tanto o que experimenta o sujeito consciente, a alma, ao aperceber o Símbolo da Origem, senão o que sente o Eu em um caso semelhante: SE O EU LOGRASSE APERCEBER O SÍMBOLO DA ORIGEM NO QUAL SE REFLETE E DO QUAL PROCEDE, SE CONSEGUISSE TÃO SOMENTE INTUÍ-LO, SABERIA NO ATO QUE “NÃO É DAQUI” E TENTARIA ORIENTAR-SE PARA A ORIGEM, REVERTENDO A MEMÓRIA CONTIDA NO SANGUE. CAUSAR ESTA APERCEPÇÃO DO EU É O OBJETIVO DO “CANTO DE A-MOR DOS SIDDHAS”; ESTRATÉGIA DOS SIDDHAS DE AGARTHA QUE SE ESTUDARÁ NO PRÓXIMO INCISO.

É importante destacar que a intuição do Símbolo da Origem, por parte do Eu, esse despertar, essa chispa de luz que solta o Espírito, afeta o sujeito consciente com a sensação de uma nostalgia infinita, algo assim “como uma recordação de outro mundo”, uma reminiscência de felicidade perdida, éden, paraíso, céus conhecidos e esquecidos, divindades e terrores insuspeitáveis até então, e que oprimem a alma. Por isso, a reação anímica é típica, tentando obstruir a recordação de sangue do Eu, degradando por todos os meios racionais à sua disposição a intuição divina da Origem.

E o Eu, SEMPRE, terá que lutar com a alma, com essa expressão do Demiurgo, antes de ter acesso à Origem e tentar inverter, voltar à normalidade, o Espírito-esfera invertido, o Espírito Hiperbóreo QUE É ELE MESMO.

H - Estudo analógico do encadeamento espiritual.

A chave genética transmutou o pasu em virya e o dotou de uma herança divina: o Símbolo da Origem na memória do sangue. Mas, pelo Símbolo da Origem, o Espírito acaba encadeado à evolução do pasu, agora virya perdido: o que para o espírito constitui um supremo mal, para o pasu representa o maior bem. Trata-se, desde já, de um Mistério terrível, ao qual há que se aproximar com muita prudência e valor. Um modo de aproximação que pode resultar altamente sugestivo consiste em empregar o Modelo da Esfera, que vimos nos primeiros incisos, e vinculá-lo ao esquema analógico do pasu: teremos assim a possibilidade de representar graficamente o virya perdido em um sistema que tem rigorosas correspondências conceituais com o Mistério do espírito aprisionado.

O corpo do pasu é um microcosmo potencial, sucessivo no tempo transcendente; portanto seu transcorrer ocorre dentro do macrocosmo, onde a potência formativa do plano arquetípico sustenta sua evolução. Esta situação se representou na figura 27; compare-se com as figuras 9, 11 e 11b.

Suponhamos agora que ao pasu da figura 27 se incorporou o Símbolo da Origem por causa da chave genética. Qual é o efeito? Resposta: Recordemos que os olhares do Espírito-esfera invertido (ver figuras 5 e 6) atravessam todo o espaço cósmico, quer dizer, “o mundo dos entes finitos”, para encontrar-se no polo infinito (ver figura 7 e 8) onde se realiza a síntese do Eu infinito.



FIGURA 27

Esta situação teria que permanecer inalterável para o Eu infinito, uma vez que o Espírito-esfera é ETERNO e, portanto, NÃO SUCESSIVO no tempo transcendente. No entanto, ao sobrevir o Pralaya, quando o Uno concluir seu Dia de Manifestação e se dissolva a ordem material, então o Espírito-esfera poderá reorientar-se, uma vez que entre ele e seu Eu infinito já não se interporá o mundo dos entes finitos. Mas, até que não chegue este dia, o Espírito-esfera terá que permanecer na desorientação absoluta.

Mas, eis que os Siddhas Traidores introduzem no macrocosmo o Símbolo incriado da Origem e alguns dos infinitos olhares se refletem nele, procurando orientarem-se para a Origem. Desse modo, no Símbolo da Origem se sintetiza um Eu que participa do Eu Infinito. Até aqui a resposta à pergunta anterior.

Na figura 28, mostra-se a intersecção do pasu com o polo infinito expandido do Eu infinito, por efeito da chave genética. Comprova-se, assim, que o virya participa, em alguma medida, do Eu infinito.

Para estudar com mais detalhes tal participação convém observar a figura 29, na qual se representou somente o Espírito-esfera e a estrutura psíquica do pasu; não há que se esquecer, é claro, que esta situação acontece no âmbito do macrocosmo.

Vemos ali que a esfera de luz se assinalou com um traço mais grosso (comparar com a figura 22) e que em seu interior, sobre uma LINHA CÔNCAVA AB, se refletem alguns olhares do Espírito-esfera. Analogicamente, a linha AB corresponde ao perfil do Símbolo da Origem: é CÔNCAVA porque "A ORIENTAÇÃO DA GNOSE ESPIRITUAL ESTÁ ASSINALADA PELO CÔNCAVO", segundo se explicou no inciso “O Espírito-esfera Normal”. Pois bem, SOBRE a linha AB se manifesta o Espírito como o Eu do virya, um Eu que tende espontaneamente a confundir-se com o sujeito consciente devido a que o Símbolo da Origem AB situa-se sempre na esfera de luz, por determinação da chave genética.

I – O encadeamento espiritual introduz o infinito no microcosmo.

O macrocosmo é um mundo de entes finitos e sucessivos. Nem no plano arquetípico nem mesmo na memória arquetípica do microcosmo existe um Arquétipo infinito. Muito menos ainda há algum desígnio que o revele: o infinito, pois, é um conhecimento essencialmente vedado ao pasu. Contudo, pela intervenção dos Siddhas Traidores, o Sinal da origem veio causar a manifestação do Espírito-esfera no microcosmo e a participação do Eu infinito na evolução do pasu; em consequência ocorreu este incompreensível fato: O VIRYA É UM ENTE FINITO QUE PARTICIPA DO INFINITO.

Mas, sendo assim, em que lugar do microcosmo, em que estrutura, em qual dimensão, onde, enfim, há que se buscar este infinito interior do virya? Resposta: No infinito atual, real, completo, só pode estar no Eu Infinito; portanto, só pode ser encontrado quando o Eu do virya transcende a finitude do sujeito consciente, da alma, do esquema de si mesmo, e se sabe alheio à evolução, um reflexo da eternidade do Espírito. Só então, após tal liberação, depois que o Grande Engano for rompido, é possível o trânsito impensável entre o finito e o infinito; só então é possível a inversão do Espírito-esfera invertido, a volta à sua normalidade.

RELAÇÃO ENTRE O ESPÍRITO INVERTIDO, O MACROCOSMO E O MICROCOSMO

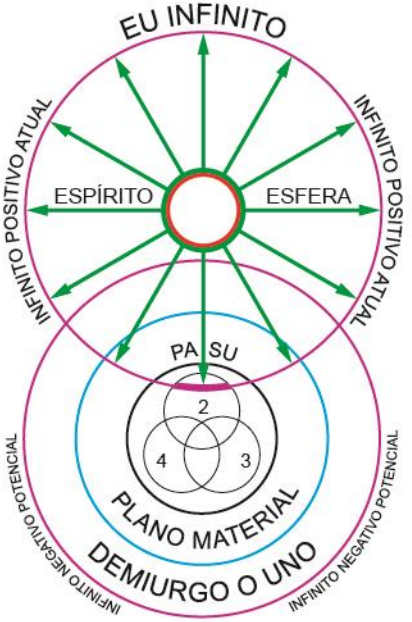


FIGURA 28

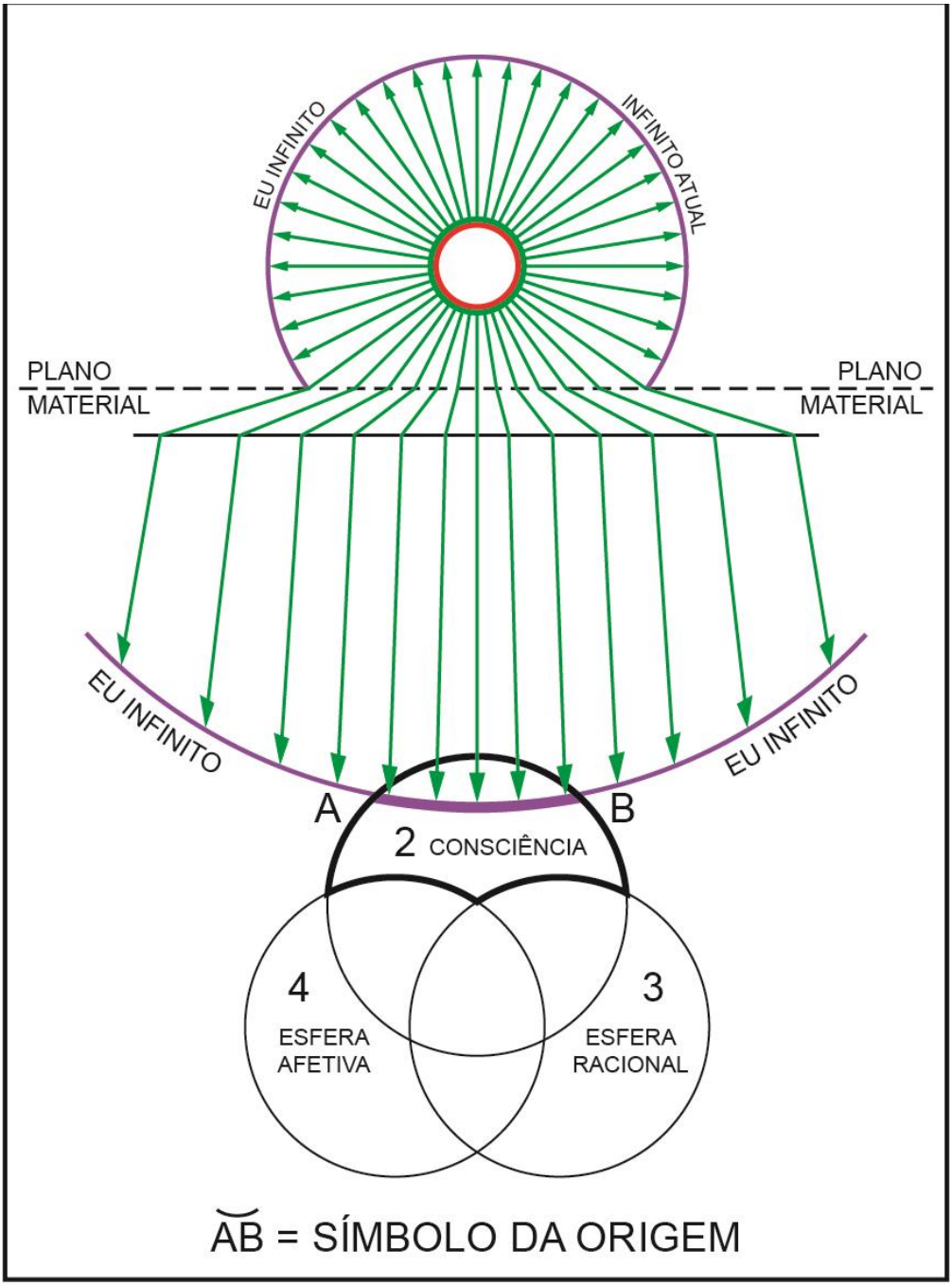

EU INFINITO
INFINITO ATUAL
PLANO MATERIAL
PLANO MATERIAL
EU INFINITO
EU INFINITO
A
B
2 CONSCIÊNCIA
4
ESFERA AFETIVA
3
ESFERA RACIONAL
$\overset{\frown}{AB}$ = SÍMBOLO DA ORIGEM

FIGURA 29

Para esclarecer esta resposta temos que distinguir exatamente entre o “eu perdido” (ou “adormecido”) e o “Eu desperto” que constituem os dois modos de agir do Eu do virya. Deles, só o Eu desperto é capaz de ter acesso gnosticamente ao infinito de sua própria essência COMO CULMINAÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA HIPERBÓREA. O outro, o Eu perdido, jamais se saberá infinito porque se encontra temporalizado, identificado com o sujeito consciente; primeiro deve liberar-se, despertar do Engano, antes de conceber sequer a transcendência espiritual, a mutação de virya em Siddha. Por isso a Sabedoria Hiperbórea qualifica os viryas como “perdidos” ou “despertos”, atendendo à qualidade de seu Eu empírico.

O Eu Infinito é INSUBSTANCIAL, síntese polar do Espírito. O Símbolo da Origem, Por outro lado, é SUBSTANCIAL como toda terminação psíquica: é um elemento sêmico de substância energética. Mas o Eu Infinito, ao refletir-se no Símbolo da Origem, gera o Eu do virya, que pode ser substancial ou insubstancial, de acordo à sua condição de “perdido” ou “desperto”.

A chave genética dos Siddhas Traidores objetiva produzir, no pasu, um Eu o mais substancial possível, quer dizer, uma hipóstase do Eu infinito: desse modo fica atenuada sua infinitude. Obtém-se, assim, um Eu perdido cuja total atividade pode ser aproveitada para impulsionar a evolução da alma. O Eu perdido surge no seio do sujeito consciente, confundido com este, como uma hipóstase do Eu Infinito denominada PESSOA. Quer dizer, por trás da personalidade do virya, em sua pessoa, anima um Eu perdido que é hipóstase do Eu Infinito, reflexo do Espírito eterno. Somente quem efetue o trânsito inverso, desde a mera personalidade até o Eu perdido substancial, e quem transcenda essa hipóstase que se assenta no Símbolo da Origem e chegue até o próprio Símbolo, terá a possibilidade certa de ter acesso ao infinito atual, ao Espírito.

Mas o descobrimento interior dessa possibilidade de liberação estava proibido desde o Princípio ao virya, que ainda não se chamava desse modo. Tal como se explicará na Segunda Parte, ao expor a Estratégia "O" dos Siddhas, a intervenção de Cristo-Lúcifer alterou definitivamente os planos dos Siddhas Traidores e deixou aberto um caminho para a liberação dos Espíritos cativos. Desde então, quem consegue incluir-se na Estratégia “O” dos Siddhas, pode optar por aplicar uma das sete vias de Liberação da Sabedoria Hiperbórea para encontrar e seguir o caminho inverso que conduz ao Vril: “a este, ao homem semidivino que luta contra o Demiurgo e seus aliados para liberar o Espírito cativo, e que segue, para isso, o caminho inverso do sangue puro, só a este lhe foi dado o nome de virya”. Este virya é, desde já, “o virya desperto”, possuidor de um Eu desperto insubstancial, capaz de apreender o Símbolo da Origem no sangue puro e escutar a Canção de A-Mor dos Siddhas. O MOTIVO DESTES “FUNDAMENTOS DA SABEDORIA HIPERBÓREA” É, JUSTAMENTE, OUTORGAR AO VIRYA PERDIDO OS ELEMENTOS NECESSÁRIOS PARA TENTAR A TRANSMUTAÇÃO EM VIRYA DESPERTO, QUER DIZER, PARA QUE BUSQUE SEU EU DESPERTO E SE DESCUBRA INFINITO, INSUBSTANCIAL, UM REFLEXO DO ESPÍRITO ETERNO. Porque só o virya desperto pode tentar com êxito a inversão do Espírito-esfera invertido, operação que, se se efetua DESDE o microcosmo, o pode transmutar, por sua vez, em Siddha imortal, com seu corpo de puro VRAJA, indestrutível no plano físico. Esta maravilhosa operação, objeto da iniciação Hiperbórea, não obstante estar este livro dirigido aos viryas perdidos, será descrita teoricamente mais adiante para que estimule e fundamente o anelo de liberação espiritual de todo virya.

Ainda que o Eu perdido seja uma hipóstase do Eu Infinito, e se encontre permanentemente confundido com o sujeito consciente, não é raro UMA INTUIÇÃO TRANSCENDENTAL DO INFINITO, pois, a despeito do objetivo da chave genética, com o encadeamento espiritual o infinito veio instalar-se no interior do microcosmo.

Mas tal intuição, que provém do Espírito, quer dizer, do eterno, apresenta-se na esfera de luz como mera fantasia e acaba sendo racionalizada pela flexão apercebida do sujeito consciente-Eu perdido (ver inciso "Funcionamento da Esfera de Consciência", art. "G", Segundo). Isso ocorre porque o Eu, QUE É ESSENCIALMENTE ETERNO, QUER DIZER, NÃO SUCESSIVO E MUITO MENOS HISTÓRICO, encontra-se imerso no sujeito histórico consciente, formando com este a pessoa do virya perdido; nesta hipóstase o Eu perde o poder abarcador da eternidade e se cinge ao presente imanente, vertendo nessa faixa dialética do tempo suas próprias intuições metafisicas; mas a intuição do infinito não pode ser um "símbolo sagrado", pois não participa de nenhum Arquétipo universal: daí a impossibilidade da razão para interpretá-lo e a solução, incompreensível, do "infinito potencial" à qual sempre chega.

No virya perdido a redução da intuição do infinito dá lugar ao CONCEITO do infinito potencial, quer dizer, a uma fatia sêmica de uma Relação da estrutura cultural. O procedimento é o seguinte: a razão estabelece uma Relação entre Princípios unitários; tal Relação pode ser posteriormente equiparada, por operações sistemáticas do sujeito cultural, a qualquer objeto cultural ou ideal extenso; pois bem: em dita Relação existem conceitos, quer dizer, significados contextuais em certas linguagens habituais, por exemplo, idiomático, algébrico, geométrico, lógico, etc., que propõem A POSSIBILIDADE DE DIVIDIR INTERMINAVELMENTE A EXTENSÃO OU AUMENTÁ-LA INDEFINIDAMENTE AGREGANDO SEMPRE UMA NOVA UNIDADE. É claro que esta indefinição racional é só um significado proposicional e nada tem que ver com o infinito atual, real, do Eu Infinito: a falta de fim de toda soma ou divisão interminável só demonstra a impossibilidade do sujeito para superar a duração que consumiria REALMENTE tal operação interminável; (descontando os "limites" do cálculo infinitesimal que só são supostos, jamais alcançados efetivamente por uma operação contínua). Naturalmente, este infinito sistemático e inalcançável não pode ser mais que "potencial", uma vez que consiste na "possibilidade", encerrada no conceito, de não alcançar nunca o fim. A partir daqui, todos os viryas perdidos que tentaram superar o infinito potencial, buscando o transfinito, acabaram na frustração ou na loucura devido a seu desconhecimento dos Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea; nossa ciência, com efeito, ensina o caminho para o infinito atual, o qual não é, nem pode ser, um mero conceito, senão a mais elevada vivência espiritual: o infinito atual é incompreensível, quer dizer, é insondável pela razão, só pode ser vivenciado pelo Eu desperto, sua própria essência.

Em síntese, o virya perdido deve convencer-se de que é impossível alcançar o infinito atual partindo do conceito de infinito potencial: o infinito atual não é algo a que se vai chegar ao término de uma operação, à qual paradoxalmente se considera "interminável" ou potencial, um chegar a ser, uma possibilidade; isso é como atribuir um caráter evolutivo ou sucessivo ao infinito, como acreditar que se trata de um acontecimento futuro para o qual se progride, UM FIM NO SEM FIM, UMA "FINALIDADE" NO SENTIDO TELEOLÓGICO QUE O DEMIURGO DETERMINOU PARA TODOS OS ENTES; quer dizer, o infinito potencial, possível, é, contra todas as tentativas para dissimulá-lo, só um infinito futuro, projetado no tempo, um infinito irreal. Mas, no futuro de todo tempo não está o infinito, senão o Pralaya, o fim de um ciclo e o começo de outro. O erro provém de pensar o infinito com um Eu perdido, contaminado de tempo imanente, permitindo assim que a razão interprete e proponha seu conceito, quer dizer, que a razão CONCEBA o que é essencialmente INCONCEBÍVEL. Porque ao infinito atual não se chega, já que sempre é: é real em todo momento porque é perfeito fora do Tempo; ele está sempre presente, desde sua eternidade, no Eu puro do virya, sobre o Símbolo da Origem, na pureza do sangue. Até ele há que se chegar, mas este "chegar" não é temporal nem espacial senão ESTRATÉGICO ou, se se quer,

GNÓSTICO: a isto se refere a Sabedoria Hiperbórea quando fala de “chegar ao Vril”, “chegar ao infinito”, “chegar ao Eu desperto”, etc.; não a um trânsito espaço-temporal, senão a um SALTO ESTRATÉGICO PARA O SÍMBOLO DA ORIGEM, ato que se denomina “PURIFICAÇÃO SANGUÍNEA” e já é o principal objetivo da iniciação hiperbórea. No “chegar” estratégico não interessa CRONOS, o tempo, senão KAIROS, a oportunidade de atacar o inimigo e ganhar a eternidade: porque kairos é, ao mesmo tempo, momento e eternidade, o momento em que o guerreiro morre e ganha a eternidade do Valhalla, por isso kairos só pode consistir em um ponto de apoio, desde o qual se atravessa o espaço e o tempo PARA a eternidade: SÓ UM EU PERDIDO QUE AGE NO KAIROS JUSTO PODE “CHEGAR” AO INFINITO ATUAL, AO EU INFINITO.

A esta altura é conveniente reler o parágrafo seguinte, tomado de nossa obra de divulgação “O Mistério de Belicena Villca":

"Há um sentido hiperbóreo comum nos fatos que protagonizam os viryas de nossa história, mas este sentido, esta intenção, esta tendência à mutação NÃO É UMA CATEGORIA LÓGICA, SENÃO ESTRATÉGICA. Não pode apreender-se com a razão, pois não é racional; mas tampouco é irracional. Aqui há outro paradoxo, o que é JUSTO e NECESSÁRIO, já veremos em seguida porque:

"Uma Estratégia é um Meio, ou a planificação dos meios, para obter um FIM. Na guerra, a Estratégia é o conjunto total de medidas de que deve se dispor para obter o êxito, ou seja, “impor nossa vontade ao inimigo”. Para os viryas hiperbóreos é CLARO E PATENTE que existe uma guerra cósmica e que todos estamos comprometidos nela. A CONFUSÃO DE SANGUE da qual padecem os viryas perdidos é também uma AÇÃO DE GUERRA, uma AÇÃO TÁTICA SATÂNICA, para impedir o DESPERTAR, O REGRESSO À ORIGEM, e a LIBERAÇÃO DO GRANDE ENGANO. Por isso dizemos que TODA AÇÃO DOS VIRYAS HIPERBÓREOS É UMA CATEGORIA ESTRATÉGICA e que, enquanto não se possua uma clara visão das Estratégias em jogo, não é possível INTERPRETAR tais ações.

"Quando um povo se encontra coletivamente identificado com uma filosofia ou religião, chegando até o extremo de regular a vida diária de acordo a normas, preceitos ou leis emanados de tal filosofia ou religião, dizemos que as mesmas constituem um “modo de vida” para aqueles que as praticam. Assim, dizemos “o budismo é um modo de vida” ou “regem sua vida pelo Decálogo de Moisés” ou “os neoplatônicos viviam de acordo à filosofia estoica”, etc. De maneira análoga, pode se considerar que A ESTRATÉGIA É UM MODO DE VIDA DO VIRYA HIPERBÓREO.

"E se, quando vemos um monge mendicante da Índia meditar durante longas horas e cumprir todos os ritos budistas, dizemos “vive todos os minutos da sua vida de acordo à sua religião e ela está sempre presente nele”; também, analogamente, devemos dizer “o virya hiperbóreo vive todos os minutos de sua vida de acordo à Estratégia Hiperbórea e ela está sempre presente nele indicando-lhe o caminho do retorno”.

"Para tornar mais claras estas afirmações, consideremos brevemente os hipotéticos passos que seguiria um virya perdido para encontrar o caminho do retorno. Far-se-á evidente que tais passos não são outra coisa do que MOVIMENTOS TÁTICOS, quer dizer, categorias estratégicas:

"Inicialmente o virya encontra-se PERDIDO. Contribui a perpetuar esse estado a Estratégia Satânica, cuja tática principal se baseia na CONFUSÃO; em criar confusão ou aumentar a existente.

"Deve ter-se presente aqui a seguinte regra: PARA A SINARQUIA "A CULTURA" É UMA ARMA ESTRATÉGICA.

"O virya busca ORIENTAR-SE e para isso se coloca em Alerta. Esta é a primeira categoria estratégica incorporada à vida corrente. O permanente estado de ALERTA o conduzirá, finalmente, a duvidar da realidade, de sua aparência sensível, e a desconfiar da razão ou do racional, que se revelarão como cúmplices do Grande Engano. Nessas condições é possível DESPERTAR, converter-se em VIRYA DESPERTO, mediante a experimentação de uma NOSTALGIA por OUTRO MUNDO.

"Esse mundo primordial que se intui, e que atrai com a força do retorno, é a pátria do espírito e sua RECORDAÇÃO ESTÁ CONTIDA NO SANGUE. Tinha sido ESQUECIDO e esse esquecimento ocasionou perda de orientação, a confusão, e o transformou em VIRYA PERDIDO. Mas ao experimentar a MINNE, a recordação de sangue, abrir-se-ão outros olhos que nunca dormem, diferentes dos olhos físicos que só veem a ilusão e se assumirá um PERMANENTE ESTADO DE ALERTA, necessário para não ceder à Estratégia inimiga e cair em uma nova e maior confusão.

"Se isto ocorre, o virya já é um SUJEITO ESTRATÉGICO, do qual pode se dizer: “todos os seus movimentos visam para um único fim”, “nada pode afastar-lhe de sua rota”, “seu valor e intrepidez não conhecem limites”; enfim, “é um VIRYA DESPERTO”.

"O virya desperto irá implacavelmente ao combate contra os ELEMENTALWESEN sem AVALIAR O RESULTADO PROVÁVEL DE SUA LUTA, quer dizer, SEM PROJETAR-SE NO TEMPO. Só lhe interessará a ação em si, na medida em que esta contribua para exaltar sua virtude heroica ou mística até um grau tal, que todo retorno à vida corrente, ao Grande Engano, se faça insuportável. Esse limite humano que só pode ser alcançado quando se tenha despojado a mente de todo dogma, de toda moral, de todo desejo material, de todo laço com o mundo, esse cume primordial ao qual só se pode subir no fragor do combate, essa altura espiritual inacessível para que aquele que possua uma pitada de materialidade evolutiva, de dualidade, ou de oposição à dualidade, esse ponto de NÃO RETORNO ao qual aludem estas sentenças e muitas outras é, com toda precisão, produto do SANGUE PURO.

"Mas quando se fala de IMPUREZA SANGUÍNEA, jamais deve se confundir este conceito com o de IMPUREZA RACIAL, no sentido de mistura de raças, mestiçagem ou abastardamento. É certo que a mestiçagem étnica ocasiona uma CONFUSÃO GENÉTICA e que esta incrementa a CONFUSÃO ESTRATÉGICA do virya, mas trata-se tão só de uma parte do problema e, diríamos, a menor. A IMPUREZA SANGUÍNEA é um conceito esotérico da Sabedoria Hiperbórea que se refere ao CONTEÚDO GNÓSTICO do sangue e, desde já, a OUTRO SANGUE, diferente do mero plasma linfático ou da hemoglobina. Devemos ter presente, então, que a PUREZA RACIAL é um fator favorável, mas que este por si mesmo nada assegura, quanto à PUREZA SANGUÍNEA. E de nada vale, por exemplo, um povo racialmente puro como o CELTA, se está totalmente dominado pela Estratégia Sinárquica.

"Por isso quando o virya desperto decide ir ao combate para PURIFICAR SEU SANGUE, esta atitude, por si só, o independe de seu grau de mestiçagem étnica e genética.

"Diferente é o caso da mutação coletiva, onde é importante o fator racial, pois uma COMUNIDADE DE SANGUE pode ser guiada CARISMATICAMENTE por um líder ou Führer. Deste caso trata-se amplamente EM NOSSA OBRA "TRATADO DE ESTRATÉGIA PSICOSSOCIAL DAS SS."

"Os viryas despertos encontram-se vinculados carismaticamente entre si, devido à sua origem comum; por um lado sincronístico que chamamos ÁUREA CATENA ou CORDÃO DOURADO. É um vínculo NÃO FÍSICO inapreensível para a razão, pelo que desistimos momentaneamente de explicá-lo, ainda que mais adiante voltaremos a falar dele. Por ora, diremos somente que, o virya desperto, aquele que

SENTIU a Minne e retoma a ÁUREA CATENA para a origem, possui INCIPIENTEMENTE uma condição que o COLOCA ALÉM de qualquer qualificação racial ou enquadramento social. Não dizemos que esta condição o torna SUPERIOR, senão que o COLOCA FORA de todo padrão de medida. Esta condição denomina-se LINHAGEM HIPERBÓREA, e remete a um conceito de RAÇA DO ESPÍRITO, totalmente desconhecido para as pessoas comuns, por causa da feroz ocultação de que foi objeto. (Falar de uma "Raça do Espírito" é tocar em um dos mais terríveis Mistérios, o qual é o que se refere à chegada ao Sistema Solar dos Siddhas Hiperbóreos e da TRAIÇÃO cósmica perpetrada por uma parte deles. Voltaremos a esta história). Dizíamos que, sobre a condição de possuir linhagem hiperbórea, os viryas despertos a possuem INCIPIENTEMENTE. O que queremos dizer com linhagem hiperbórea incipiente? Vejamos primeiro uma interpretação VULGAR da frase "linhagem incipiente", antes de responder de acordo à Sabedoria Hiperbórea:

"A palavra "linhagem" refere-se ao ascendente familiar, ou seja, aos vínculos de sangue, e estes se possuem ou não, sem alternativa. Por outro lado, "incipiente" significa "que começa" de modo que, se dizemos "Pedro, da família Pérez, tem uma linhagem incipiente", queremos significar "Pedro COMEÇA a ter linhagem dos Pérez", o que só se pode referir à alguma CARACTERÍSTICA dos Pérez que os distingue e que se DESTACA nitidamente nos membros da estirpe, quer dizer, um PERFIL FAMILIAR HEREDITÁRIO que COMEÇA a manifestar-se em Pedro ou que Pedro apresenta incipientemente.

"Portanto, falar da LINHAGEM de uma pessoa não consiste em aludir ao mero fato de pertencer a tal ou qual família, senão que implica todo um universo de raças, qualidades e estilos que tendem a formar um TYPO familiar bem definido. Opina JAIME DE MAHIEU a respeito: "A existência de tal TYPO não se pode negar nas linhagens homogêneas. A própria linguagem corrente o admite quando recorre à expressão "ar de família". A história conhece linhagens de artesãos, camponeses, industriais, artistas, estatistas, chefes guerreiros, etc. A LINHAGEM É, PORTANTO, UM CONJUNTO BIOPSÍQUICO HEREDITÁRIO DIFERENCIADO[6].

"RESULTA pueril destacar estes conceitos que até poucos séculos atrás eram unanimemente conhecidos, mas aos quais a bolchevização universal, iniciada com a Revolução Francesa, suprimiu da "cultura ocidental". (Para a Sinarquia a "cultura" é uma arma estratégica). Contudo, ainda é possível observar que naqueles domínios não massificados da atividade humana, quer dizer, onde é imprescindível contar com alguma habilidade ARTESANAL, continuam se impondo as leis da linhagem. "Na ordem humana, - disse Jaime de Mahieu – é bem conhecido, ainda que colocado em dúvida pelos negadores da herança dos caracteres adquiridos, que várias gerações são necessárias para formar um bom profissional em certos ofícios difíceis, a vidraçaria, por exemplo. Temos mais confiança, a esse respeito, no testemunho e, sobretudo, na prática dos industriais que afirmam a realidade do fenômeno, do que nas asserções dos cientistas teóricos. Além do mais, não contradiziam a si mesmos esses transformistas do século passado que, enquanto negavam a herança dos hábitos, fundavam sua teoria da evolução das espécies em uma modificação paulatina das gerações, sob o efeito do meio, modificação esta que não podia efetuar-se senão graças à transmissão hereditária dos progressos realizados?".

---

[6]: Fundamentos de Bio-Politica – Página 60 – Centro Editor Argentino – Bs. As. 1.968

"Sabemos agora que uma linhagem pode ser incipiente EM UM INDIVÍDUO, se este representa fracamente as características do TYPO familiar. É um conceito que inclui a ideia de DESENVOLVIMENTO ou EVOLUÇÃO: há um TYPO e um caminho, a diferenciação biológica para o TYPO. Quer dizer, um SER e um CHEGAR A SER. Por isso a REALIZAÇÃO DA TENDÊNCIA familiar é a melhor adaptação de um membro à figura do "tipo" ou ao "Arquétipo" metafísico que o suporta e do qual (o tipo) é sua expressão visível.

"Vamos responder agora à pergunta sobre a incipiente linhagem hiperbórea que possui um virya desperto, empregando conceitos da Sabedoria Hiperbórea. A linhagem hiperbórea não reconhece TYPOS. Contudo, analogamente ao caso da linhagem familiar, existe uma TENDÊNCIA no virya que o impele a uma REALIZAÇÃO. Esta TENDÊNCIA emerge do sangue puro, da Minne, e a REALIZAÇÃO à qual visa se obtém por um caminho inverso, andando para trás, buscando a origem hiperbórea do Espírito. Não há aqui, como no caso de Pedro Pérez, um chegar a ser algo determinado, a formação de um TYPO; pelo contrário, no caminho inverso, ocorre a DISSOLUÇÃO DE TODO TYPO, culminando o processo em uma súbita INDETERMINAÇÃO ONTOLÓGICA. Andando pelo caminho inverso do retorno, se tem acesso FINALMENTE a um estado INCRIADO que só pode se qualificar como de POSSIBILIDADE PURA. É a REALIZAÇÃO DA TENDÊNCIA hiperbórea (Minne) do sangue puro, que se chama Espírito ou Vril. Esta REALIZAÇÃO implica na MUTAÇÃO definitiva do virya desperto em Siddha imortal e sua LIBERAÇÃO da ordem material que rege a criação. O espírito ou Vril é INDESCRITÍVEL e é prudente referir-se a ele como POSSIBILIDADE PURA. Contudo, o único conceito de EXISTÊNCIA que possui a Sabedoria Hiperbórea corresponde ao Vril. Quer dizer, que nada espiritual tem existência fora do Vril e que todos os estados psíquicos intermediários devem ser reputados como ilusórios. Nada existe fora do Vril porque obter o Vril é ESTAR FORA DO TODO. E o "TODO" é o Universo do Uno, do Demiurgo ordenador da matéria, cuja existência o TODO impregna e cuja vontade SUPORTA as coisas do mundo concreto.

"Por estas razões, para a Sabedoria Hiperbórea o PASU não existe, pois sua ALMA é uma projeção da mônada hipostática que o Demiurgo PENSOU e EMANOU. A evolução só oferece um desenvolvimento ilusório DO SUJEITO CONSCIENTE, que jamais pode ultrapassar seu próprio Arquétipo ou a última mônada. A alma do pasu pode aparecer como "muito evoluída" e até "grande", ou "muito santa", mas é pura ilusão; sua "existência" está sujeita aos Grandes Ciclos Cósmicos e tem fatal dissolução no PRALAYA ou MAHAPRALAYA. Ao culminar um destes Grandes Ciclos de manifestação evolutiva da matéria ou MANVANTARA, se produz a FAGOCITAÇÃO de todo o "criado", por parte do Grande Enganador, e significa o fim de todos os Mestres, Gurus, Choans, Rishis, etc.

"Todo virya deve ter sempre presente a seguinte regra estratégica: "NÃO HÁ ALTERNATIVA POSSÍVEL DE EXISTÊNCIA FORA DA CONQUISTA DO VRIL". Quer dizer, não há OUTRA alternativa para existir, à parte da mutação".

Apesar de que o Eu perdido seja só uma hipóstase do Eu Infinito, e que o infinito atual só chega a ele como intuição metafísica, sua presença se faz sentir com tal intensidade que geralmente determina a pessoa do virya. Na personalidade do virya se transmuta assim uma característica que depende diretamente do infinito, de quão próxima esteja sua pessoa do Eu desperto, quer dizer, de sua pureza de sangue. A esta característica se denomina "CONSCIÊNCIA DA TERMINAÇÃO DO ENTE", e pode se formular assim: À MAIOR CONSCIÊNCIA DA TERMINAÇÃO DO ENTE, MAIS DEPENDÊNCIA AO DESÍGNIO, QUER DIZER, MENOR PUREZA SANGUÍNEA: MAIOR DISTÂNCIA ESTRATÉGICA ENTRE O EU PERDIDO E O EU DESPERTO. E, inversamente: À MAIOR CONSCIÊNCIA DA INCOMPLETUDE DO ENTE, MENOR

DEPENDÊNCIA AO DESÍGNIO DEMIÚRGICO, QUER DIZER, MAIOR PUREZA SANGUÍNEA: MENOR DISTÂNCIA ESTRATÉGICA ENTRE O EU PERDIDO E O EU DESPERTO. Por exemplo, o pasu se diferencia claramente do virya perdido por dita característica: enquanto para o pasu o ente lhe aparece sempre terminado, completo em sua finitude, para o virya o ente lhe parece sempre incompleto, mera aparência que oculta o ser ou realidade imperfeita; enquanto para o pasu, à medida que o sujeito consciente evolui, o ente lhe parece cada vez mais perfeito, em virtude de uma maior consciência da representação de seu esquema, quer dizer, de sua verdade, PARA O VIRYA, à medida que aumenta sua pureza sanguínea, O ENTE LHE RESULTA CADA VEZ MAIS SUSPEITO.

Surge desse fato a curiosa consequência de que uma grande inteligência racional, quer dizer, uma grande capacidade para interpretar a verdade do ente em numerosas linguagens contextuais, não é indicadora, de modo algum, de uma "maior espiritualidade", senão que, pelo contrário, ela indica uma grande determinação do sujeito anímico evolutivo sobre o Eu perdido; a menos, é claro, que tal racionalidade seja só propriedade estrutural independente do Eu, pela pureza de sangue: o virya, nesse caso, continuará encontrando tanto mais suspeitos os entes quanto mais conceitos dos mesmos lhe revele a faculdade tradutora do sujeito cultural.

O virya desperto, por outro lado, não só é capaz de apreender o infinito atual, senão também de APLICÁ-LO para seus fins estratégicos: nisso consiste, por exemplo, a FUNÇÃO CERCO, que será exposta mais adiante, a qual permite aplicar em todo ESPAÇO DE SIGNIFICAÇÃO MACROCÓSMICA um CERCO INFINITO, quer dizer, UM CERCO SOBRE O QUAL SE TENHA PROJETADO O POLO INFINITO; obtém-se, assim, uma PRAÇA, uma área liberada no macrocosmo fora do controle do Demiurgo, dentro da qual se situa o Eu desperto, microcosmo potencial, para deslocar-se estrategicamente para o Valhalla.

J – O Cordão Dourado.

Vamos destacar um conceito já visto, que tomaremos do parágrafo de "O Mistério de Belicena Villca", citado precedentemente: "Os viryas despertos encontram-se vinculados carismaticamente entre si, DEVIDO À SUA ORIGEM COMUM, por um laço sincronístico que chamamos AUREA CATENA ou CORDÃO DOURADO. É um vínculo NÃO FÍSICO inapreensível para a razão". Ainda que este conceito só será compreendido cabalmente quando se conheça a Estratégia "O" dos Siddhas Hiperbóreos, que exporemos na Segunda Parte, convém efetuar aqui alguns esclarecimentos.

Em primeiro lugar, confirmamos o que parece óbvio: a vinculação carismática entre viryas "POR SUA ORIGEM COMUM" deve-se à presença nestes, em sua memória de sangue, do Símbolo da Origem. Contudo, há que se fazer aqui uma observação muito importante: a "vinculação carismática" não ocorre POR CAUSA do Símbolo da Origem senão que, pelo contrário, trata-se de um fenômeno ACAUSAL. Ou, se queremos fazê-lo ainda mais simples, digamos que a vinculação carismática e o Símbolo da Origem formam parte de um mesmo fenômeno. Este paradoxal fato pode ocorrer porque o Símbolo da Origem, ainda que NÃO SEJA um Arquétipo universal, É O MESMO SÍMBOLO EM TODOS OS VIRYAS. Por isso, a vinculação carismática jamais poderá ser reputada como um fenômeno de campo de força, semelhante à eletricidade, ao magnetismo, à gravidade, ou qualquer outro fenômeno de "forças de ação à distância".

Os viryas, pelo contrário, sejam perdidos ou despertos, encontram-se todos sincronisticamente conectados pela origem comum, formando esta conexão um laço acausal, independente do tempo transcendente e do espaço. E cabe destacar que, apesar de que a maioria dos viryas perdidos o ignore, o Cordão Dourado outorga a

maravilhosa possibilidade de adquirir, pelo sangue puro, o mais alto nível que tenha alcançado outro virya em qualquer parte do mundo. Claro que tal possibilidade só poderá ser aproveitada por aquele que se situe no espaço estratégico de uma Mística.

Para dar maior clareza a este tema vamos transcrever aqui o inciso “A Mística Hiperbórea, motor mágico-social”, tomado de nossa obra “Tratado de Estratégia Psicossocial das SS”. Só resta avisar que o mesmo tema, mas de outro ponto de vista, será novamente tratado na Segunda Parte.

"Inciso IV, A Mística Hiperbórea, motor mágico-social".

"O misticismo é uma atitude do homem para com a Divindade; atitude que conduz a uma experiência interior última denominada ÊXTASE MÍSTICO (ou UNIO MÍSTICA), na qual se estabelece o vínculo pessoal entre o homem e Deus. Para que a atitude mística conclua no êxtase místico e se concretize a experiência interior transcendente, deve intervir um agente mediador denominado CARISMA. Recordemos que o místico não é “iniciado” e, portanto profano, mas a experiência transcendente que persegue e obtém pertence à ordem mais excelsa da gnose esotérica, pelo que o CARISMA deve aplainar, como na iniciação, todos os obstáculos (racionais, morais, biológicos, etc.) que se interponham entre ele e a Divindade. O agente carismático intervém de maneira aparentemente gratuita e contingente sobre determinados místicos, resultando esta intervenção tão incompreensível e inescrutável que alguns pensadores profanos o atribuíram ao capricho de Deus, chamando-o justamente “dom de Deus” ou “graça divina”. Mas a Sabedoria Hiperbórea, cujos pálidos reflexos sobrevivem em algumas tradições esotéricas, afirma que o AGENTE CARISMÁTICO está perpetuamente presente em um plano “absolutamente transcendente” ao mundo imanente da matéria e se denomina PARÁCLITO. É o que a teologia cristã denominou Espírito Santo, incluindo-o equivocadamente como uma das “pessoas” da trindade, quer dizer, um aspecto de YAHVEH-SATANÁS. A Kabala judaica também perverte o caráter absolutamente transcendente do PARÁCLITO, ligando-o à imanência panteísta de Jeová-Satanás”.

Já veremos na Segunda Parte uma definição mais profunda do PARÁCLITO; por ora continuemos relendo o inciso transcrito.

"A Sabedoria Hiperbórea ensina que o PARÁCLITO, ou “agente carismático", está vinculado simpaticamente ao sangue, a um CONTEÚDO REMINISCENTE que este possui em alguns seres e que se denomina MINNE: a herança do Símbolo da Origem. Daí a aparente falta de “lógica mundana” na manifestação do agente carismático, pois só intervém naqueles místicos que “sentiram a reminiscência” que outorga a Minne sanguínea. É que nem todos podem sentir a Minne e muitos que a sentem não sabem que sentem.

"Sentir a Minne é ter acesso ao seu conteúdo gnóstico e isto só se logra quando, imerso na torrente misteriosa do sangue, se produz o reencontro com uma verdade esquecida, quer dizer, feita inconsciente. Este reencontro não é necessariamente uma recordação, senão a reminiscência da própria divindade perdida e a certeza íntima de pertencer a outra ordem de existência espiritual, para a qual a matéria é odiosa e a realidade do mundo essencialmente maligna. À reminiscência sobrevém imediatamente uma nostalgia infinita, que só se pode mitigar com a esperança do regresso.

"A Minne, então, não é tanto a recordação como a reminiscência e ainda a nostalgia que se deve experimentar intimamente como ato prévio ao êxtase místico, ao que se chega por mediação carismática do PARÁCLITO. Por isso, a Sabedoria Hiperbórea sustenta um conceito mais amplo do carisma no sentido de ATRIBUTO PESSOAL que pode ser conquistado e desenvolvido em benefício próprio e da raça. O carisma pessoal seria, neste caso, “o efeito sensível, produto da intervenção acausal

do agente carismático ou PARÁCLITO, no êxtase místico, êxtase que só é possível experimentar se previamente se vivenciou a Minne sanguínea, essa nostalgia". A partir deste conceito, existe toda uma técnica secreta que permite desenvolver o carisma pessoal, fundamentada na possibilidade de ter acesso à Minne, mediante o "Princípio Hiperbóreo da Purificação do Sangue". Este princípio alude ao SANGUE ASTRAL, complemento sutil do sangue físico e intermediário entre o Espírito e o corpo físico. Segundo dito princípio, a Minne não está presente em todos os seres antropomorfos, senão naqueles "descendentes" da Raça Cósmica Hiperbórea, de Cristo-Lúcifer, únicos que merecem o qualificativo de homens semidivinos ou viryas. Mas, ainda nestes, existem diversos graus de impureza no SANGUE ASTRAL que atrapalham ou impedem o acesso à Minne e à sua nostalgia libertadora. É preciso, então, purificar o sangue astral para que se manifeste a "recordação conteúdo" da Minne. Isto se logra por meio de Técnicas Secretas, que consideram a possibilidade de conhecer exatamente se o homem é de linhagem hiperbórea (virya) e, de ser assim, que grau de impureza no sangue astral lhe obscurece a "recordação conteúdo" da Minne.

"A Sabedoria Hiperbórea afirma que, se um Siddha deseja, durante o Kaly Yuga ou Idade escura, reconhecer a linhagem hiperbórea em raças degradadas e degeneradas pela "IMPUREZA DE SANGUE", com vistas à sua purificação e regeneração, só dispõe de sete vias possíveis, uma das quais requer a efetiva posse do GRAAL. As Técnicas Secretas, que são sete também, uma para cada via, fazem possível a purificação do sangue astral até um grau tão elevado, que podem provocar a transmutação do VIRYA em SIDDHA, quer dizer, do homem semidivino em Divino Hiperbóreo imortal.

"Em outra ordem, é também possível desenvolver o carisma pessoal de um líder para que, na condução de um povo, exerça sobre a massa do povo essa fascinação carismática dos grandes chefes. Inclusive uma elite dirigente poderia ser dotada carismaticamente, se se conta com alguma via para a seleção dos VIRYAS e se aplica a Técnica Secreta.

"Esclarecemos agora um difundido erro que consiste em relacionar analogamente o carisma pessoal com o magnetismo físico, na crença de que este se comporta como aquele. Nesta grosseira analogia científica, o homem carismático possui um "campo de força" intenso que é percebido por outros homens graças à "interferência de campos" que produz ao situarem-se em sua vizinhança. É dito, então, que tal homem possui "magnetismo pessoal" e o carisma, como as forças de ação à distância da física, fica associado à noção de magnitude e extensão espacial. Nada disto ensina a Sabedoria Hiperbórea, mas afirma, em troca, que o carisma pessoal que um líder "transmite" coletivamente à massa, na realidade é percebido por cada um em particular graças a um fenômeno de sincronia. Esta é a razão pela qual o carisma pessoal, por mais intenso que seja, nunca é infalível, senão que só afeta àqueles que, por sua linhagem espiritual e grau de pureza sanguínea, quer dizer, pela qualidade da Minne, podem percebê-lo, em maior ou menor medida. Mas esta percepção não é meramente sensível, mas eminentemente transcendente e espiritual, como corresponde a uma virtude pessoal superior, que isso é o carisma e não uma força cega e enganosa.

"Dispomos agora de um conceito mais bem definido sobre o que é um místico (de linhagem hiperbórea ou virya). A Sabedoria Hiperbórea assegura que todo virya, por muito impuro que esteja seu sangue, possui condições místicas potenciais suscetíveis de serem "despertadas" e orientadas convenientemente em benefício do indivíduo e da raça.

"Este "despertar" do misticismo pode ser induzido pelo carisma pessoal de um chefe (FÜHRER), líder ou guru, especialmente dotado. De fato, todos os fundadores

de religiões e ainda os fundadores de simples ordens religiosas, por exemplo, dispuseram de um grande carisma pessoal, que lhes permitiu reunir em torno de si pessoas de mais variadas condições, as quais se sentiam “arrebatadas” para a nova fé.

"Este carisma, que possuem em alto grau os líderes e que parece ser elemento indispensável para garantir o êxito na condução de comunidades e a fundação de organizações coletivas perduráveis, é o princípio sobre o qual se assenta uma Mística. Com efeito, uma Mística Hiperbórea, ou simplesmente “Mística”, é sempre a percepção coletiva de um carisma que, por sua vez, pode estar sustentado na presença de um líder visível ou emanar de um pequeno grupo de pessoas ocultas. Mas, qualquer que seja o caso, a vinculação carismática entre viryas sempre tem por centro o sangue, o Símbolo da Origem que constitui a herança comum da linhagem hiperbórea. Esclarecemos agora quem pode desenvolver um centro carismático.

"Quando se fala do esotérico e do exotérico, costuma-se dizer que o segundo é a expressão profana do primeiro. Assim, uma religião é o aspecto exterior, profano, EXOTÉRICO, de uma DOUTRINA SECRETA ESOTÉRICA, interna, iniciática, temda zelosamente por sacerdotes ou gurus, dos quais emana o carisma percebido pelos fiéis, ao que se denomina MÍSTICA.

"Mas, se bem que isto é um fato certo na perpetuação das religiões, no começo do movimento religioso talvez tenha atuado só um líder (Maomé, Jesus, Manes, São Francisco de Assis, etc.), possuidor de um poderoso carisma e expositor de uma Verdade revelada. Atraídos intelectualmente por esta Verdade, mas, fundamentalmente, persuadidos em sua credulidade pelo carisma pessoal, dos homens se agrupam harmonicamente junto a esse CENTRO DE PODER que é o líder.

"Nestes e em todos os casos, a Mística é expressão de um carisma que, percebido por muitos, atua como agente aglutinante ou ordenador em torno do OBJETO da Mística (líder, igreja, doutrina, pátria, etc.). Vejamos um exemplo. Um exército pode estar muito bem equipado e organizado, mas demonstrar um comportamento medíocre nas operações. A presença de um chefe carismático reverterá esta situação, introduzindo uma Mística adequada, a fim de elevar o rendimento operacional que assegure a vitória. Para isso apelará em princípio ao patriotismo ou à fé. Não importa muito, na realidade, o conteúdo conceitual da sua arenga discursiva ou oratória, pois a Mística predispõe os homens a acreditar e, Por outro lado, como já vimos, na função guerreira (e sacerdotal) “a forma predomina sobre o ser”. Por isso, o chefe apresentará bem claro o estandarte a seguir e o exemplo a imitar. Exaltar-se-á a figura de um herói legendário, um Deus da guerra ou uma Virgem dos exércitos, divindade à qual há que se imitar e da qual se espera proteção. Serão criados slogans, cantar-se-ão hinos, empreender-se-ão movimentos ou desfiles, serão projetados uniformes e condecorações, bandeiras e escudos, e outras infinitas variantes da “determinação formal”.

"Em pouco tempo se observará uma mudança assombrosa. O exército de ontem, de moral duvidosa e desconfiável eficácia, transformou-se em uma máquina de guerra, em uma estrutura organicamente disciplinada, cujo rendimento operacional é imensamente superior. Tal é o benéfico efeito obtido ao realizar a função de comando no “quadro” de uma Mística.

"Mas, Por outro lado, a Mística assim vista é algo claramente morfológico, cuja percepção ocasiona experiências de ordem transcendente. Isto é aludir ao caráter semiótico que a Mística apresenta enquanto FORMA sensível e inteligível pois, como o símbolo, a Mística revela seu SER a quem é capaz de apreendê-la. Por isso dizemos que: “a Mística é uma FORMA sustentada por um SER chamado CARISMA”.

Páginas atrás, definimos a Mística como "a percepção coletiva de um carisma que, por sua vez, pode estar sustentado na presença de um líder visível ou de emanar de um pequeno grupo de pessoas ocultas". Em benefício da posterior exposição, convém estabelecer claramente o que se entende por "percepção coletiva de um carisma", nesta definição.

"O carisma é a expressão do Paráclito ou Espírito Santo e SÓ É EXPERIMENTADA SUA RECORDAÇÃO a partir da Minne sanguínea. Isto significa falar de uma experiência absolutamente transcendente e INDIVIDUAL, à qual chamamos ÊXTASE MÍSTICO e à qual não é possível nem imaginar relacionada com O COLETIVO quando este conceito alude ao relativo a "qualquer reunião de indivíduos", tal como o define o Dicionário Sopena[7]. O que queremos dizer então, ao falar de PERCEPÇÃO COLETIVA do carisma? Resposta: Que, no "quadro" da Mística, as experiências carismáticas individuais, diferentes e únicas em si mesmas, coincidem sincronisticamente no tempo e espaço. O que não significa em absoluto que tais experiências sejam COLETIVAS, no sentido com que denominamos às EXPERIÊNCIAS COMUNS ou fenômenos cuja percepção, uma e a mesma, é compartilhada por muitos, tais como a observação de um eclipse ou a audição de uma melodia.

"A Sabedoria Hiperbórea denomina "vinculação carismática" ao fato da coincidência carismática no quadro da Mística e esta é a única concessão que faz enquanto ao COLETIVO.

"Portanto, quando no quadro de uma Mística se estabelece a "vinculação carismática" entre os homens, que não é outra coisa que a "percepção coletiva do carisma" antes mencionada, deverá interpretar-se este fato dando AO COLETIVO a dimensão conceitual de COINCIDÊNCIA ESPAÇO-TEMPORAL DE INDIVÍDUOS, em lugar da mais corrente ideia de massa ou multidão. Somos conscientes da dificuldade que entranha esta distinção, pelo que trataremos de esclarecer ainda mais a questão, no próximo inciso V.

"Recordemos, por ora, a tese do inciso III. Ali demonstramos que nas funções sacerdotal e guerreira "A FORMA PREDOMINA SOBRE O SER". Disso se infere que "mediante um adequado manejo da forma, pode-se determinar o ser" na função sacerdotal ou guerreira, possibilidade que constitui o princípio do controle de grupos humanos na Estratégia Psicossocial. Pois bem, sendo por definição a Mística "UMA FORMA QUE REVELA O SER, O CARISMA", compreende-se que a Mística é o instrumento FORMAL adequado para operar sobre as comunidades humanas no objetivo de "fixar" qualitativamente as funções sacerdotal ou guerreira, ou simplesmente para "evocar" um arquétipo coletivo determinado. Por isso, a Mística, tal qual a definimos aqui, é o sistema empregado tradicionalmente pelos Grandes Guias Hiperbóreos da humanidade, por exemplo, o Führer, o qual conseguiu produzir a "vinculação carismática na totalidade do povo alemão".

Outro parágrafo da mesma obra pode contribuir para esclarecer ainda mais o fundamental tema da vinculação carismática do Cordão Dourado.

"b" - TESE- Recordemos o último conceito do INCISO IV.

"Estabelecemos um fato: a Mística é uma estrutura morfológica continente cujo conteúdo, ontológico, é um ser chamado carisma. E o carisma ou agente carismático, segundo vimos, é a expressão do Paráclito ou Espírito Santo, o qual, como assim também Deus, enquanto o Espírito Santo é o próprio Deus, manifesta-se em um plano absolutamente transcendente ao plano imanente da matéria. O Paráclito, portanto, é

[7] Dicionário de língua espanhola (nota do tradutor).

não experimentável e inapreensível no plano físico, e se sua expressão, o carisma, é perceptível para alguns homens, isso é somente em virtude da recordação conteúdo da Minne. O que significa falar de uma experiência individual, dado que a Minne é algo pessoal, diferente de uma pessoa para outra. A “vinculação carismática” de mais de um homem, vários ou muitos é o mesmo, só pode se dar no quadro de uma Mística.

"Mas a "vinculação carismática" entre viryas que se experimenta no quadro de uma Mística é, segundo vimos, um fenômeno sincronístico e acausal, quer dizer, um fenômeno que NÃO OCORRE POR CAUSA de interações de campos de força (magnético, elétrico, gravitacional, elétrico, astral, estruturador de forma, prânico, akásico, etc.), pois isso equivaleria a admitir relações causais nos fenômenos de carisma coletivo entre viryas.

"Contudo, a hipótese dos campos de força ou magnetismo coletivo é a mais aceita, inclusive dogmaticamente na moderna psicologia de massas e a razão disso é que os mencionados campos parecem possuir existência real e gerar, em parte, diversos fenômenos de psicologia coletiva. Mas ditos fenômenos coletivos CAUSADOS por campos de magnetismo animal ou humano nada têm a ver com a “vinculação carismática” manifestada aos homens, em virtude de uma Mística.

"Para a Sabedoria Hiperbórea não existe o fato da massa de homens (VIRYAS), nem que seja em plena multidão. Sempre, sozinhos ou reunidos, próximos ou distantes, os VIRYAS permanecem UM no mistério do sangue e se algum laço existe entre eles, este é o da ÁUREA CATENA, o cordão dourado, sincronístico, não causal, do Símbolo da Origem, que une, fora do determinismo material do universo, a raça divina de CRISTO-LÚCIFER. Por isso, a “vinculação carismática” é transcendente e individual, homem por homem, VIRYA POR VIRYA, e se envolve um número de homens no quadro da Mística, estes não devem ser considerados de nenhum modo massa ou multidão. Contudo, a Sabedoria Hiperbórea aceita que em animais ou animais-homem (pasu) ocorrem fenômenos de campo de força, devido à unidade genética de todo o existente dentro do contínuo espaço-tempo em que se manifesta a ação ordenadora de Jeová-Satanás, o Demiurgo da matéria. O importante é compreender agora que enquanto se considere as massas ou multidões do ponto de vista quantitativo e causal, sujeitas a fenômenos psicológicos de campo de força ou magnético, estamos cometendo um erro crasso, desde a perspectiva hiperbórea, e correndo um risco esotérico porquanto as “forças coletivas” que agem nas populações animais ou de animais-homem (pasus) são de clara ordem satânica ou demoníaca, tecnicamente denominadas em ocultismo “projeções arquetípicas na luz astral” ou egrégoras, quer dizer, arquétipos coletivos vitalizados e “liberados” fora do homem e fora dos homens, mas com capacidade para agir sobre os homens.

"Esta errônea concepção tomou tal auge nas ciências políticas e sociais que, ainda na Alemanha, e o que é pior, até no Partido Nazi, havia aqueles que não “VIAM” hiperboreamente o povo como o conjunto de VIRYAS que são, senão que VIAM, sinarquicamente, massa e multidão.

"Mas, sem visão hiperbórea, não pode haver compreensão da missão do FÜHRER, que é conduzir o povo, como um só VIRYA, para a mutação coletiva do fim de KALY YUGA, fazendo efetiva a promessa de liberação de CRISTO-LÚCIFER e transmutando o homem em super-homem, o VIRYA em SIDDHA imortal, em um despertar coletivo que, no entanto, será pessoal e secreto, porque se dará nos 7 céus e além do céu, para cada um.

A visão sinárquica do homem-massa, pelo contrário, oferece uma ideia de rebanho que só pode conduzir a uma concepção coletivista da sociedade e do estado, tal como ocorre com os socialistas e marxistas, ou uma democracia liberal onde o estado, controlado por oligarquias políticas e máfias econômicas, assenta-se nas

massas sufragistas, cujas maiorias não exercem nenhum controle real sobre seu destino histórico e são simplesmente reduzidas a “classes” submetidas.

“A visão Hiperbórea leva-nos à liberação da ordem causal, à elevação do homem desde o coletivo em que se encontra imerso e à sua individuação definitiva, reintegrando-se ao Eu desperto no Selbst. É o fim do Kaly Yuga ou Idade Escura.

“A visão sinárquica significa continuar na ordem causal, sujeitos à lei da evolução e às diretrizes do progresso material em que se fundamenta a civilização ocidental. Significa a imersão cada vez maior do indivíduo no coletivo, marchando a história para uma sociedade futura mecanicamente complexa, na qual o homem desaparecerá como tal, em uma atrofia metafísica de seu eu, objetivo indispensável para cumprir a finalidade da visão sinárquica, que é o Governo Mundial. “Mas, neste supergoverno imperará a ordem da colmeia: um gigantesco formigueiro mundial regido por uma hierarquia endogâmica provavelmente hebraica. O Deus mundial? Jeová-Satanás".

O VIRYA DESPERTO: EM BUSCA DO PRINCÍPIO DO CERCO

A – Teoria analógica do virya desperto.

Na Segunda Parte, explicar-se-á com detalhes o modo como um virya perdido pode transformar-se em virya desperto, o modo que consiste basicamente em uma atitude do Eu perdido, denominada “graciosa luciférica”. Aqui vamos explicar, analogicamente, o que se espera obter com tal atitude e nos referiremos, para isso, ao esquema da figura 29.

A linha côncava AB representa o Símbolo da Origem; sobre a qual se reflete o Eu Infinito. Mas, segundo vimos em “I”, existe uma hipóstase do Eu Infinito chamada “Eu perdido”, que se identifica e confunde com o sujeito consciente, formando a pessoa do pasu: esta hipóstase, o Eu perdido, não pode estar em outro lugar da figura do que diretamente sobre a linha AB. A este Eu perdido, substancial e temporalizado, é que se busca transcender, por meio da atitude graciosa luciférica. Buscando o que? O Eu desperto, insubstancial e atemporal, que é um puro reflexo do Eu Infinito, quer dizer, do Espírito Eterno. E onde pode ser representado, na figura 29, o Eu desperto? Para encontrar a resposta devemos avisar, antes de tudo, que POR SEU CARÁTER INSUBSTANCIAL, O EU DESPERTO NÃO PODE ESTAR NA ESFERA DE CONSCIÊNCIA, POIS ELA É INTEGRALMENTE ENERGÉTICA, QUER DIZER, SUBSTANCIAL. Convenhamos, então, que o Eu desperto encontra-se FORA DA ESFERA DE CONSCIÊNCIA, EM UM PONTO CHAMADO SELBST.

Na figura 30, representou-se o Selbst mostrando-o analogicamente como um FOCO, no qual se concentra o reflexo do Eu Infinito sobre o Símbolo da Origem AB. O Selbst, que é análogo a um foco mais que a um “centro”, reflete sinteticamente o polo infinito como “Eu desperto”. Assim, o virya desperto se define também como “aquele que transladou seu Eu ao Selbst”.

Segundo veremos na Segunda Parte, à medida que se vai ocupando o Selbst, gera-se em seu entorno uma nova esfera chamada EHRE. Tal esfera é claramente hiperbórea, própria dos homens semidivinos ou viryas. E o que contém tal esfera, à parte do centro foco Selbst, assento do Eu desperto? Resposta: VONTADE EGÓICA. Ehre, com efeito, é uma esfera de vontade, MAS ESTA VONTADE NÃO É UMA ENERGIA QUE PROVÉM DO MICROCOSMO, NEM SEQUER DO MACROCOSMO, SENÃO UMA CONTRIBUIÇÃO EXTRA EFETUADA POR UM AGENTE CARISMÁTICO CONHECIDO COMO “PARÁCLITO”. Por isso, a vontade do virya desperto se denomina “graciosa”, porque a GRAÇA do Paráclito o dotou de uma força sobre-humana e heroica. Ainda que tudo isto seja explicado claramente na Segunda

Parte, podemos adiantar a natureza do Paráclito: É O CONTATO TRANSCENDENTE COM A VONTADE DO INCOGNOSCÍVEL, QUER DIZER, DO DEUS HIPERBÓREO. Mas este “contato”, desde já, só pode ser efetuado pelo Eu desperto desde o Selbst.

Na figura 31, podemos observar a esfera Ehre, de vontade egóica, rodeando o Selbst. Comprovamos ali que Ehre trata-se de uma esfera ABERTA PELA PARTE SUPERIOR, e que o buraco se denomina VRIL. Tal como veremos, ao estudar a Teoria do Siddha Berserkir, o Vril é o último passo que resta dar o espírito encadeado, antes de obter a definitiva liberação: QUANDO O EU DESPERTO CONSEGUE, DESDE O SELBST, OLHAR PARA O SÍMBOLO DA ORIGEM E, POR REFLEXO, VÊ O ESPÍRITO ESFERA INVERTIDO, ENTÃO ESTÁ EM CONDIÇÕES DE EFETUAR A ORIENTAÇÃO ESTRATÉGICA DO ESPÍRITO, QUER DIZER, RETORNAR O ESPÍRITO INVERTIDO À SUA NORMALIDADE. Pode, assim, transmutar-se em Siddha imortal empregando O PODER DO VRIL. Mas esta operação será explicada analogicamente em outro artigo.

Por último, é claro agora que, devido à dualidade essencial alma-Espírito, no virya existe dois núcleos de si mesmo: um é o esquema de si mesmo animado pelo sujeito consciente, cuja essência é temporal; e outro é o Selbst, animado pelo Eu desperto, um sujeito atemporal. O sujeito consciente revela à alma transmigrante e imortal A CONSCIÊNCIA DE SI MESMO no microcosmo. O Eu desperto revela ao Espírito Eterno A GNOSE DO SELBST no microcosmo.

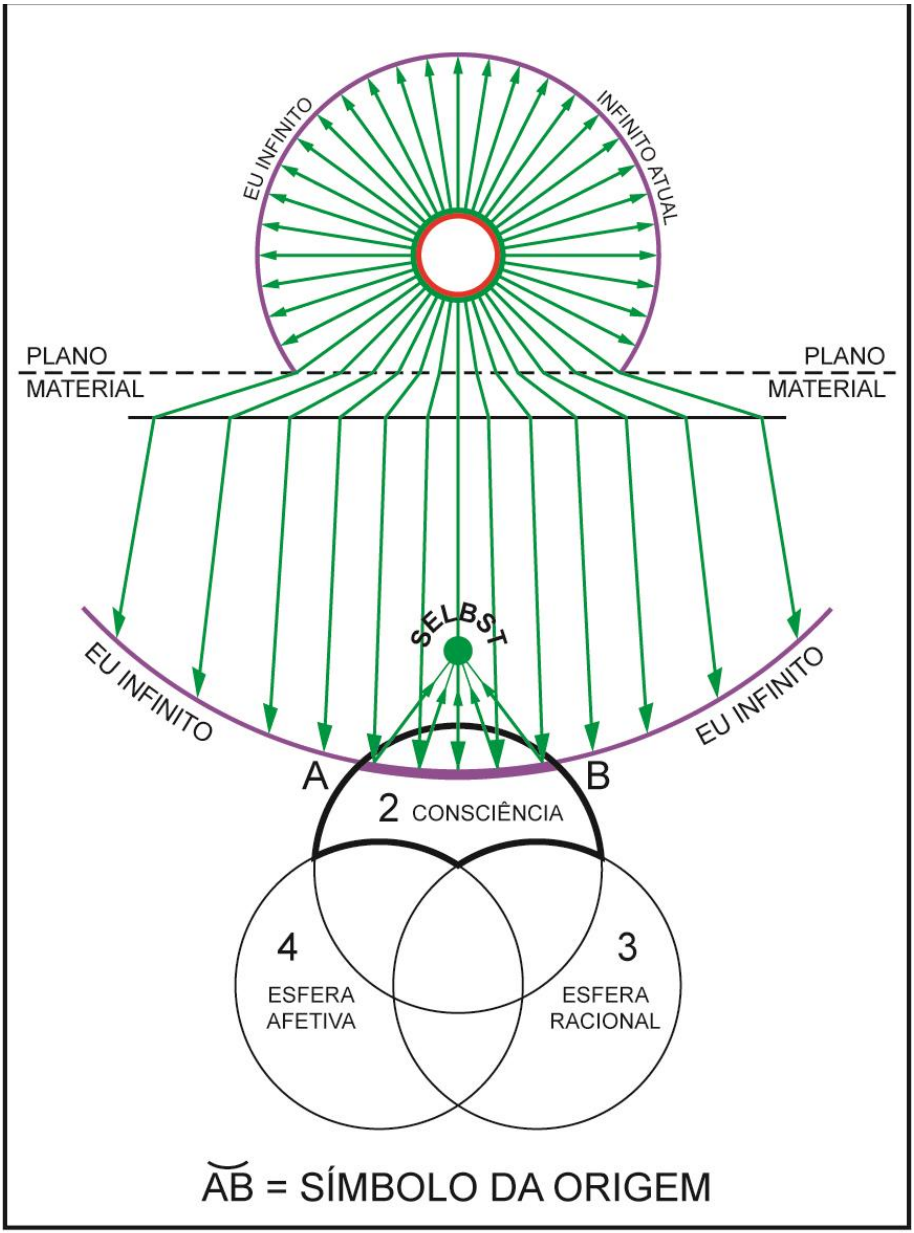

EU INFINITO
INFINITO ATUAL
PLANO
MATERIAL
PLANO
MATERIAL
SELBST
EU INFINITO
EU INFINITO
A
B
2 CONSCIÊNCIA
4
ESFERA
AFETIVA
3
ESFERA
RACIONAL
$\overset{\frown}{AB}$ = SÍMBOLO DA ORIGEM

FIGURA 30

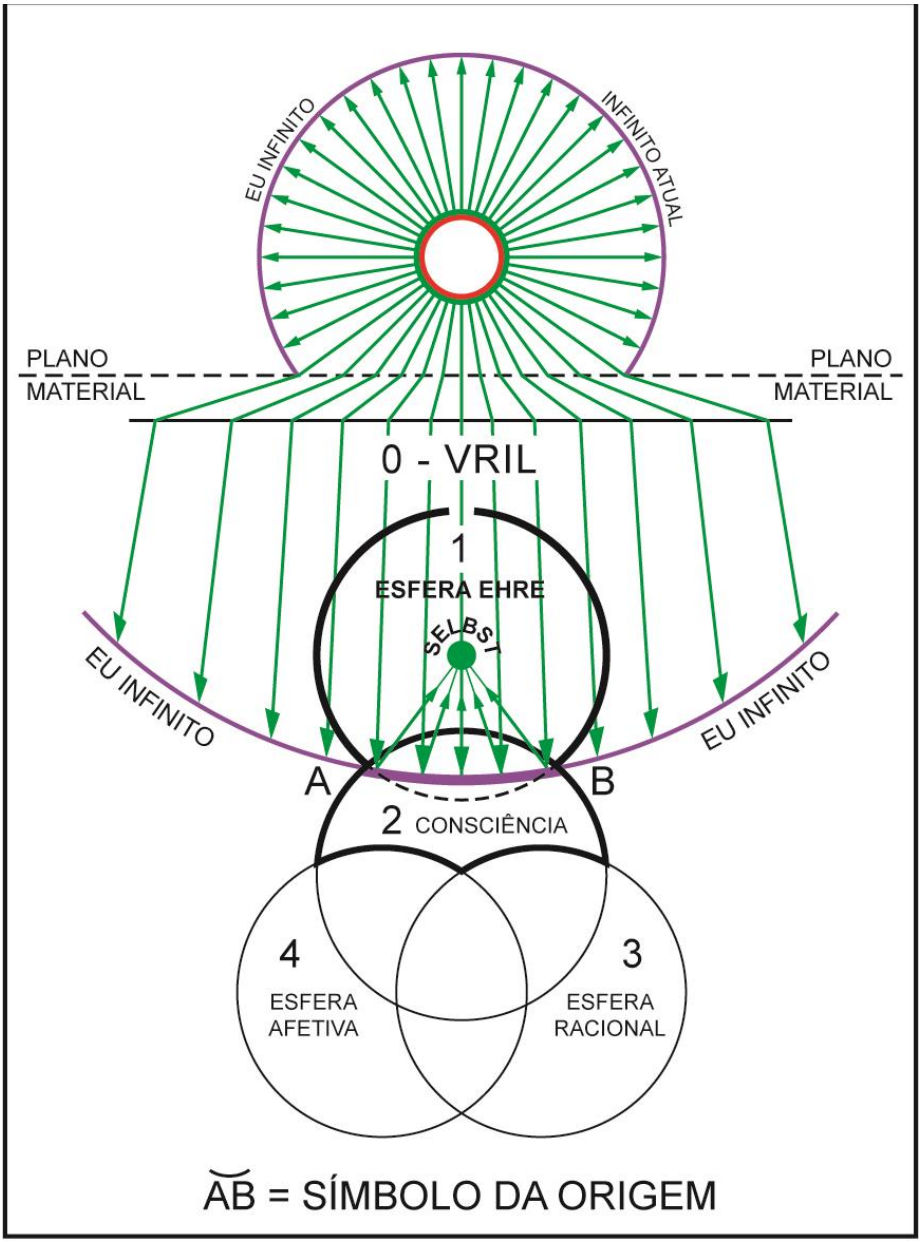

EU INFINITO
INFINITO ATUAL
PLANO MATERIAL
PLANO MATERIAL
0 - VRIL
1
ESFERA EHRE
SELBST
EU INFINITO
EU INFINITO
A
B
2 CONSCIÊNCIA
4
ESFERA AFETIVA
3
ESFERA RACIONAL
$\overset{\frown}{AB}$ = SÍMBOLO DA ORIGEM

FIGURA 31

B - Estrutura psíquica do virya desperto.

Com a incorporação da esfera de vontade egóica Ehre ao esquema psíquico básico do pasu, tal como se vê na figura 31, ficou completo o esquema psíquico do virya. Recordemos que o esquema psíquico do pasu, representado nas figuras 11 e 11b, respondia a uma sistemática de círculos excêntricos, na qual a esfera (2) de consciência cumpria um papel central. Na figura 31, comprovamos que a esfera (2) continua sendo central, enquanto as esferas afetiva (4), racional (3) e Ehre (1) são excêntricas e; além do mais, que todas elas determinam certos recintos ao intersectar-se entre si. Mas, de acordo com o visto no inciso Sistemática de círculos excêntricos: "Se os círculos excêntricos são sustentáculos de conceitos simples, uma combinação de círculos formará RECINTOS contendo conceitos complexos, ou seja, específicos". Com a finalidade de colocar os círculos e recintos da figura 31 em relação de correspondência com os conceitos estudados, o que nos permitirá resumir sistematicamente tudo o que foi visto até aqui, desenvolvemos na figura 32 um esquema da estrutura psíquica do virya.

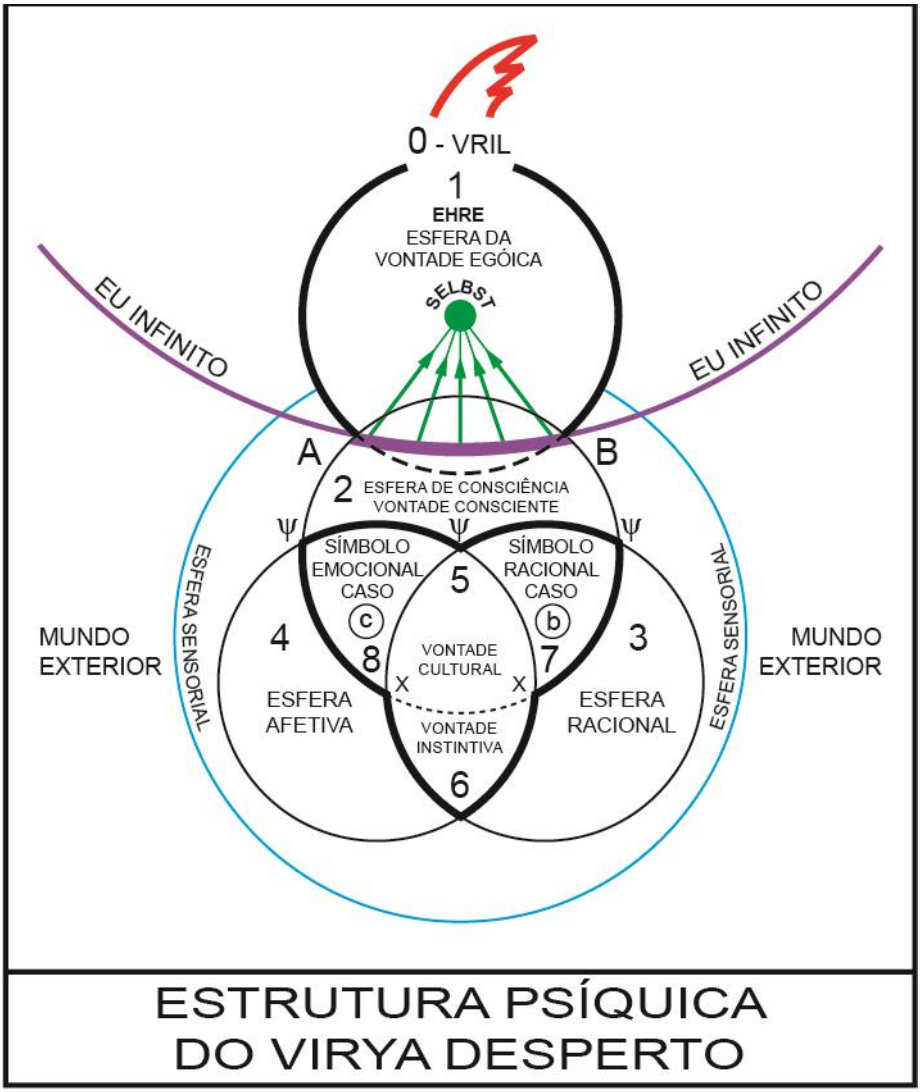


FIGURA 32

Neste artigo, vamos nos ocupar em descrever conceitualmente a figura 32, a partir do seguinte parâmetro de analogia: A VONTADE. Comecemos, pois, pelo primeiro círculo excêntrico (1) que representa a esfera de vontade egóica Ehre. Encontra-se aberto por cima para assinalar o ponto absoluto (0) onde o divino faz contato com o humano, onde a Graça do Paráclito transforma-se em vontade graciosa. Sobre o ponto (0) uma língua de fogo ou crista indica a presença do Paráclito.

O círculo (2) corresponde à esfera de consciência, na qual age o sujeito consciente; por essa razão assinalou-se a "vontade consciente" como a força que permite que esse sujeito atue.

A intersecção dos círculos (1) e (2) determina o recinto (9), no qual estão contidos o arco AB do Símbolo da Origem e, sobre ele, o Eu perdido. Isto significa que, ainda que o Eu perdido seja uma hipóstase, confundida com o sujeito consciente da esfera de luz, também requer para SUA PRÓPRIA ATIVIDADE o aporte da vontade egóica. Compreende-se, observando a figura 32, que se a vontade egóica diminui, se se reduz o círculo (1), também se enfraquecerá a atividade do Eu perdido, pois o recinto (9) será cada vez menor. Assim, "à menor vontade egóica, menor capacidade do Eu para agir"; tal consequência é claramente nietzschiana.

Os recintos (5), (6), (7) e (8) formam, segundo sabemos, a esfera de sombra (ver figura 22). Analisemos o conceito que corresponde a cada um. Os círculos (3) e (4) se intersectam entre si sobre a área do círculo central (2), formando o recinto triangular (5). Tal recinto, o único de tríplice implicação, representa o espaço que contém a estrutura cultural: com "**xx**", junto ao lado inferior, assinalou-se a presença horizontal de um sistema **xx**. No recinto (5), no nível estrutural **xx**, tem término o sujeito cultural e, por isso, indica-se com "vontade cultural" a força que emprega dito sujeito para agir.

O recinto (7), formado pelos círculos (2) e (3), é análogo à região da esfera de sombra onde têm lugar os casos (b), quer dizer, aqueles símbolos emergentes com inclinação para a esfera racional (ver figura 23).

O recinto (8), formado pelos círculos (2) e (4), é análogo à região da esfera de sombra, onde têm lugar os casos (c), quer dizer, aqueles símbolos emergentes com inclinação para a esfera afetiva (ver figura 23).

É evidente que, salvo o recinto (6), todos os restantes setores encontram-se incluídos na área da esfera de consciência. Com outras palavras: os recintos (9), (5), (7) e (8) correspondem a alguma forma de consciência, uma vez que que a envolvem em suas regiões. Pelo contrário, a combinação das esferas afetiva (4) e racional (3) produzem algo, no recinto (6), QUE NÃO É CONSCIÊNCIA EM ABSOLUTO, mas que ROÇA À CONSCIÊNCIA POR UM LADO **(xx).** Isto é: a "vontade instintiva" do sujeito racional ou razão. Para maior clareza, convém recordar que a estrutura cultural se encontra em correspondência biunívoca com a memória arquetípica ou cérebro; quer dizer, que sob o nível do sistema **xx** (recinto 5), encontra-se o cérebro (recinto 6).

Com efeito, o lado **xx** que separa os recintos (5) e (6) é análogo à fronteira que separa a estrutura cultural (5) e a memória arquetípica (6). Então, no recinto (6), tem o seu término o sujeito racional ou razão, o qual age por meio da vontade instintiva. Esta vontade, visada para o orgânico, para a vida, para o mundo, é a força que emprega a razão para interpretar os desígnios dos entes e atualizar seus esquemas no recinto (5).

Resumindo, como o recinto (6) está substancialmente formado pelas esferas afetiva (4) e racional (3), ocorre que a vontade instintiva será encontrada, quando menos, RAZOÁVEL OU AMÁVEL, AINDA que, em todos os casos, CEGA de consciência.

C - Em busca do princípio do cerco.

Neste e nos seguintes artigos, vamos referir-nos a técnicas e modos estratégicos de operar que foram de uso corrente, mas secreto, durante muitos séculos, em certas Ordens hiperbóreas ocidentais. Em nossa novela de divulgação "O Mistério de Belicena Villca" mencionamos algumas, começando pela ordem negra SS, a Thulegesellschaft, a Ordem Einherjar, fundada por John Dee em 1586, etc., e até fizemos a descrição de uma cerimônia protagonizada por um grupo de viryas despertos, os quais se transmutavam em Siddhas Berserkir para celebrar um estranho ritual. Esse

ritual se efetuava sobre a base de uma técnica secreta da Sabedoria Hiperbórea, conhecida como VIA DA OPOSIÇÃO ESTRATÉGICA, a qual empregava um CERCO ESTRATÉGICO ou ARQUÊMONA. O que é uma arquêmona? Resposta: um cerco, real ou imaginário, produzido pelo sujeito cultural como símbolo sagrado E SOBRE O QUAL O EU DESPERTO PROJETOU O POLO INFINITO; a arquêmona OPERACIONAL é, assim, UM CERCO INFINITO, quer dizer, UM CERCO AO QUAL É IMPOSSÍVEL SITIAR COMPLETAMENTE, COBRINDO TODO SEU PERÍMETRO.

Não nos estendamos mais, por ora, sobre a técnica arquemônica, à qual só poderemos compreender se previamente respondemos a estas perguntas: para que necessita o virya desperto aplicar a técnica arquemônica, quer dizer, que efeito prático, que benefício lhe reporta ao seu propósito de liberação espiritual? Como veremos em seguida, esta pergunta só adquire sentido se se admite que o virya desperto é um guerreiro, um herói que deve lutar sem tréguas, para abrir passagem no terreno inimigo, quer dizer, no mundo do Demiurgo, onde se encontra prisioneiro. A outra pergunta é: como se efetua, ao menos em teoria, a técnica arquemônica, e, o que é mais importante, de que meios se vale o virya desperto para desenvolver seu domínio? Quer dizer, como descobre o princípio do cerco, quem o inicia, quem o revela?

Dar resposta às últimas perguntas é o que nos vai levar “em busca do princípio do cerco”, uma busca durante a qual veremos revelado, em forma alegórica, o Mistério da Canção de A-mort dos Siddhas, quer dizer, a verdadeira fonte iniciadora no princípio do cerco, mas uma iniciação que se dá diretamente no sangue puro, sem intermediários de nenhuma espécie, por vinculação carismática.

Como dissemos, empregaremos aqui conceitos da Ordem Einherjar, antiga precursora da Thulegesellschaft e da **SS**.

D - Necessidade de fazer uma pausa na luta.

Situemos o problema dentro de seus justos limites, fazendo um resumo.

Já falamos dos VIRYAS, homens semidivinos que possuem em seu sangue a herança dos Deuses Hiperbóreos chamada, para simplificar, de “Minne”. Dissemos também que os VIRYAS podiam estar “perdidos” ou “despertos” e definimos o “virya perdido” como aquele que se “extraviou da origem” por causa de uma “confusão de sangue”. A confusão sanguínea provoca um estado psicológico de grande extravio, ao que se denomina tecnicamente de “confusão estratégica”. Consequentemente, a “purificação sanguínea” que facilita a Sabedoria Hiperbórea por sete vias secretas, produz uma “reorientação estratégica” no virya perdido, possibilitando-lhe empreender “ou re-empreender” o regresso à origem e o abandono do mundo infernal da matéria. O “virya perdido”, já o dissemos, encontra-se em um abjeto estado de encadeamento material que o obriga a sujeitar-se às leis do Karma, a reencarnar periodicamente e viver, ou reviver, uma eterna e miserável comédia proposta pela ilusão sinistra da dor, do medo e da morte. No “Grande Engano” da vida o virya perdido pode ocupar qualquer posto e inclusive “colaborar” com o “Plano evolutivo” e “progressista” de Jeová-Satanás, ou com seu “sistema de controle social” chamado, também para simplificar, de “Sinarquia”. Em tal deplorável quadro que apresenta o virya perdido, ainda que tenha como causa metafísica a confusão de sangue, a debilitação da linhagem hiperbórea, sua raiz mais concreta encontra-se, no entanto, na identificação do Eu perdido com o sujeito consciente. Segundo se explicou, tal confusão é efeito da chave genética, cujo objetivo é, justamente, que o virya perdido se comporte e evolua como um pasu.

Mas, pode ocorrer que o virya perdido DESPERTE e compreenda que deve procurar a liberação do Espírito cativo, marchar para centro Selbst, ainda que deva lutar para isso.

POR ISSO, o "virya desperto" merece nosso maior respeito. Ele é quem se pôs em “alerta” ao comprovar sua “desorientação” e, com firme decisão, intrepidez e valor

guerreiro, começou a buscar a origem para, logo, empreender seu regresso. Esta decisão, desde já, não será respeitada pelo demiurgo, o qual tratará por todos os infinitos meios ao seu alcance de confundir o ousado desafiante, buscando impedir que descubra o MODO DE REGRESSAR, induzindo-o, pela ilusão e o engano, a quebrar seu "alerta". É por isso que o virya desperto só poderá ter êxito se age NO QUADRO DE UMA ESTRATÉGIA HIPERBÓREA. Para isso, deverá assumir completamente sua condição de guerreiro, buscar na recordação contida NO sangue as POTÊNCIAS primordiais do espírito imortal, a força do Vril e, em uma explosão gnóstica, recuperar a HOSTILIDADE ESSENCIAL para com o mundo material do Demiurgo, experimentar o FUROR BERSERKER. Então, já dono de uma vontade inquebrantável, inspirado na Sabedoria Hiperbórea, da qual é portador, por herança dos Siddhas Ancestrais, desdobrará sua ESTRATÉGIA PRÓPRIA concebida para OPOR-SE à ESTRATÉGIA INIMIGA e vencer. A partir daí, só realizará MOVIMENTOS ESTRATÉGICOS, AÇÕES TÁTICAS, dirigidas a NÃO PERDER DE VISTA A ORIGEM, enquanto se executam os PASSOS DO RETORNO. E, no meio do fragor do combate ou, o que é pior, na espera do mesmo, quando as forças inimigas mascaradas nas formas ilusórias deste e dos outros mundos deixam transluzir sua ameaça diabólica, o virya desperto busca friamente TOMAR UM TEMPO, por mínimo que seja, para MOVER-SE EM DIREÇÃO À ORIGEM. O direito a dispor desse TEMPO PRÓPRIO, talvez tão fugaz como o menor instante, deve ser ganho em uma luta feroz contra as legiões demoníacas do Demiurgo, contra o feitiço poético que exerce o mundo sensível (com suas mil concupiscências possíveis) que chamamos Grande Engano, enfim, contra a Vontade do Uno. Parece tarefa impossível. A Sabedoria Hiperbórea, e ainda a Tradição Gnóstica, afirmam que sim, é possível. Mas, então, como fazê-lo?

Sobre a resposta a essa pergunta tratam as sete vias secretas da Sabedoria Hiperbórea. Aqui, tal como anunciamos, vamos responder com a linguagem simbólica da Einherjar, cujos membros dominavam a via da oposição estratégica e a técnica arquemônica.

Comecemos por esclarecer o significado etimológico da palavra arquêmona e o sentido filosófico que denota na Sabedoria Hiperbórea. Arquêmona, antes de tudo, é uma palavra composta por dois vocábulos gregos: **αρτη** = PRINCÍPIO e **σονας** = UNIDADE. A iniciação pela técnica arquemônica permite chegar a um PRINCÍPIO ÚNICO da psique, quer dizer, a individualização egóica do Selbst, de onde é viável experimentar a possibilidade pura do Espírito ou Vril: tal é o sentido hiperbóreo de arquêmona.

Para os BERSERKIREN, iniciados da EINHERJAR, o "mundo" no qual ocorre a vida cotidiana é simplesmente um "campo de batalha", uma ARENA ocupada por inimigos mortais, aos quais deve-se combater sem tréguas, pois eles "cortam o caminho de regresso", "obstruem a retirada" e pretendem "reduzir-nos à mais vil escravidão", a qual é "a submissão do Espírito Eterno à matéria", seu "encadeamento ao Plano Evolutivo do Demiurgo e sua corte de Demônios". O "mundo" é, então, para os Berserkir: O VALPLADS.

Na mitologia nórdica e no EDDA, o Valplads é o campo de batalha onde Wotan escolhe os que caem lutando pela honra ou pela verdade. A Ordem Einherjar, baseando-se na Sabedoria Hiperbórea, estendia o conceito de Valplads a todo o "mundo". Mas o "mundo" é o macrocosmo, dentro do qual subsiste o microcosmo potencial do virya desperto; a realidade desse "mundo", que rodeia como Valplads o virya desperto, é Maya, uma ilusão. Há aqui um grande Mistério, que justifica e explica a necessidade de "ganhar um ponto firme" no Valplads: ele se refere ao Terrível Segredo de Maya, capaz de contrapor toda estratégia executada fora do Kairos.

Não existe, pois, um lugar onde o guerreiro possa descansar suas armas, um lugar no qual, por um segundo sequer, seja possível distrair sua atenção do inimigo e fixá-la no Símbolo da Origem ou em seu reflexo, o Selbst? Resposta: Nem tal lugar nem tal tempo EXISTEM POR SI MESMOS, MAS PODEM SER CRIADOS ESTRATEGICAMENTE. No Valplads não cabe outra possibilidade do que combater ou render-se, alternativa, esta última, que implica em afundar-se no pior grau de idiotice do virya perdido. Mas, o que combate sempre tem a possibilidade de "liberar" um local, uma PRAÇA, e fazer-se forte nele. Para que tal possibilidade se concretize na luta do virya desperto, a Sabedoria Hiperbórea ensina a via da oposição estratégica e sua técnica arquemônica.

A arquêmona ou cerco estratégico baseia-se em um princípio duplo, originado na dualidade alma-Espírito do virya. Concorrem, com efeito, sobre o cerco, dois princípios: um, arquetípico, é o princípio do cerco, EXPRESSADO NO VALPLADS COMO SINAL, PELO SUJEITO ANÍMICO; outro, não arquetípico, é o polo infinito refletido no Selbst, que o Eu desperto PROJETARÁ SOBRE O SINAL DO CERCO, produzindo assim um CERCO INFINITO.

Mas o que é o princípio do cerco? Resposta: Um sistema da estrutura cultural, quer dizer, uma Relação e seus Princípios. O virya desperto deve conseguir que o sujeito cultural localize, na Relação, o conceito do princípio do cerco, e que emerja sua representação, seu símbolo sagrado. Então poderá ser expressado fora, no Valplads, como sinal doador de sentido, aproveitando para a estratégia própria a possibilidade que oferece o objetivo microcósmico da finalidade do pasu.

Para dar uma ideia intuitiva do princípio do cerco, talvez convenha expressá-lo em termos de teorema matemático, ainda que, cabe avisar, nesta forma, o princípio é totalmente inoperante, pois seu significado se denota no contexto de uma linguagem exclusivamente cultural; o princípio do cerco operacional, que deve descobrir o virya, tem de ser extraído, como os mitos, de conceitos oblíquos e não habituais da Relação; para isso, desde já, deverá "criá-lo com a fantasia" e logo flexionar o sujeito consciente para que aperceba sua forma; quer dizer: o Eu desperto deverá ENGANAR O SUJEITO CULTURAL E A RAZÃO, obrigando-os a racionalizar sua reflexão e a descobrir para o Eu, como mito emergente, a verdadeira imagem do princípio do cerco. Mas, de qualquer maneira, aqui vai sua formulação matemática: "TODA CURVA FECHADA DIVIDE SEU PLANO EM DUAS PARTES". Uma curva fechada pode ter qualquer forma, quadrada, circular, elíptica, etc., mas sempre apresenta o fato qualitativo de que divide seu plano em duas partes. A propriedade geométrica topológica que expressa este teorema, facilmente intuitivo, permite induzir o princípio do cerco porque "toda curva fechada" é o caso mais abstrato de "cerco": um conceito da Relação "cerco" expressada em linguagem matemática.

A técnica arquemônica permite a todo virya desperto aplicar a função do cerco no âmbito do Valplads e "dividir o espaço em duas partes". Para isso, o virya projeta o sinal do cerco, colocando tal sentido separador no ente espacial do mundo; sobre tal sinal o Eu desperto projeta, por sua vez, o polo infinito, mediante um supremo esforço de "vontade graciosa", vontade do virya que será estudada na Segunda Parte. Cria-se assim, um ESPAÇO ESTRATÉGICO ou ARQUÊMONA dentro do cerco, uma PRAÇA que será imediatamente ocupada pelo virya desperto e que lhe oferecerá a oportunidade certa de ganhar alguns passos definitivos para o centro. O TEMPO PRÓPRIO, imprescindível para tal trânsito, ELE O CRIARÁ desde a arquêmona, por meio da OPOSIÇÃO ESTRATÉGICA, técnica que requer A DEFINIÇÃO DE UM LUGAR, UM PONTO ETC., NO VALPLADS, quer dizer, fora da arquêmona: tal ponto exterior ficará em frente ao polo infinito, o qual impedirá que a isotropia do tempo transcendente contamine temporalmente a área do Valplads.

Há que se reconhecer aqui que todas as dificuldades do virya desperto para reorientar-se ou estabelecer-se definitivamente no Selbst, dificuldades interiores que provêm da impureza de sangue, impedem este de alcançar a autonomia ôntica para a qual tende sua natureza pasu. Essa é a principal fonte de dificuldades, pois, existindo como microcosmo potencial, o virya não pode evitar a dualidade temporal já estudada: subsistir no tempo transcendente e, ao mesmo tempo, possuir um sujeito consciente que coexiste em um tempo imanente e transversal. Por isso, o virya necessita imperiosamente livrar-se do tempo transcendente, desalojá-lo de sua estrutura psíquica, evitar que sincronize seus relógios interiores com os relógios padrão do macrocosmo. E não pode, para isso, apurar o objetivo microcósmico, racionalizar o esquema de si mesmo, ser pura consciência: isso implicaria em cumprir a enteléquia do Arquétipo Manu e adquirir a autonomia ôntica, objetivo que jamais se permitirá cumprir a um virya desperto. O que fazer, então? Resposta: O virya desperto deve partir, sem preocupar-se por isso, do grau evolutivo que alcançou seu microcosmo potencial E PROCEDER A ISOLÁ-LO TEMPORALMENTE DESDE FORA, POR MEIO DA TÉCNICA ARQUEMÔNICA.

Quando o virya desperto situa-se na praça, e pratica a oposição estratégica, com efeito, o tempo transcendente é anisotrópico na direção a área cercada; então, que tempo transcorre no interior da arquêmona, no espaço da praça que rodeia o virya? E, o que é mais interessante, que tempo transcorre PARA o microcosmo? Resposta: A princípio, ao ceder a isotropia do tempo transcendente sua penetração nas estruturas do microcosmo, este se vê subitamente inundado de tempo imanente; mas tal ocupação só significa que o microcosmo subsiste agora no tempo imanente e não implica em "maior consciência", de modo algum; pelo contrário, tal difusão do tempo imanente, ou seja, da consciência, no microcosmo, costuma determinar, na maioria dos casos, a dissolução do sujeito consciente; por isso é que esta via de liberação não é recomendável para os viryas perdidos, os quais têm seu Eu perdido identificado com o sujeito consciente e podem sofrer a mesma sorte deste; o virya desperto, pelo contrário, sempre será capaz de diferenciar-se do sujeito consciente, pois ele não considera imprescindível a consciência, desde o momento que dispõe da gnose, esse saber instantâneo e infalível que se obtém pela vinculação carismática do Cordão Dourado. Contudo, não é improvável que a prática da técnica arquemônica redunde na efetiva autonomia ôntica do microcosmo; nesse caso, o virya disporá de uma ótima oportunidade de transmutar-se em Siddha Berserkir.

De outra parte, seja qual for o caso, o certo é que fora do microcosmo, mas dentro da arquêmona, transcorre UM TEMPO PRÓPRIO DO VIRYA DESPERTO, CRIADO CARISMATICAMENTE PELO POLO INFINITO DO ESPÍRITO E A GRAÇA DO PARÁCLITO, DURANTE A "OPOSIÇÃO ESTRATÉGICA". Mas deixemos para mais adiante a descrição da oposição estratégica e continuemos avançando, outro pouco, "em busca do princípio do cerco".

Recordemos agora a primeira pergunta apresentada no artigo "C": para que necessita o virya desperto aplicar a técnica arquemônica, quer dizer, que efeito prático, que benefício lhe reporta para seu propósito de liberação espiritual? Talvez, com o que já foi visto, pareça suficientemente respondida esta pergunta. E nada seria tão equivocado como acreditar nisso. Pois, com todo rigor, a resposta a tal pergunta jamais poderia ser exata, se não compreendesse em suas considerações ao Terrível Segredo de Maya, cujo conhecimento demonstra ao menos avisado que, muitas vezes, aplicar a técnica arquemônica não constitui um mero jogo, senão uma inevitável e desesperada ação de guerra, com a finalidade de evitar cair aniquilado pelo Demiurgo. Isto comprovaremos no próximo artigo, onde a pergunta adquirirá sua verdadeira dimensão.

E – O terrível Segredo de Maya.

Vamos tocar aqui em um dos Mistérios mais herméticos que existem, o qual é o que se refere à Maya, a ilusão do real. Mas tal hermetismo não obedece, desta vez, como em muitas conhecidas armadilhas ocultistas, ao mero afã de velar um símbolo sagrado, quer dizer, a intenção de tornar esotérica a verdade representada pelo símbolo sagrado. O que ocorre neste caso é que Maya é a palavra que designa um terrível segredo, uma dessas ideias capazes de transtornar a mente mais equilibrada e racional. Por isso, o segredo de Maya foi terminantemente velado. E se aqui decidimos revelá-lo, por ser necessário para explicar a teoria da técnica arquemônica, o faremos após efetuar uma clara advertência.

Sugerimos ao leitor, com efeito, que, ainda quando tenha tomado conhecimento do segredo de Maya, não se detenha a meditar demasiadamente nesta ideia, pois a mesma pode provocar consequências imprevisíveis e funestas; especialmente se o leitor se encontra imbuído do texto precedente sobre os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea. Só o virya desperto dispõe dos meios para operar sem perigo com o segredo de Maya. O leitor, enquanto isso, pode tentar despertar do Grande Engano adotando a atitude graciosa luciférica que se descreve na Segunda Parte. Por esse caminho conseguirá, por fim, converter-se em virya desperto: logo então poderá deter-se sem perigo no Terrível Segredo de Maya.

Desde já, exporemos o Segredo de Maya ANALOGICAMENTE, baseando-nos no modelo estrutural desenvolvido nesta obra: o objetivo será que a terrível ideia SEJA INDUZIDA pelo exemplo analógico.

Comecemos, pois, sem esquecer em nenhum momento as estritas correspondências análogas que existem entre microcosmo e macrocosmo.

Quando o sujeito cultural do pasu pensa um sistema da estrutura cultural, de acordo com o que foi visto, PODE NOTÁ-LO EM QUALQUER DOS MÚLTIPLOS PLANOS DE SIGNIFICAÇÃO QUE INTERSECTAM SEU EIXO EXTENSIVO **XX**. Cada um desses planos corresponde ao contexto significativo de uma linguagem, contexto dentro do qual o sistema **xx** pensado adquire significado CONCEITUAL. O CONCEITO de um sistema **xx** é, assim, o significado notado no plano de uma linguagem contextual. Por outro lado, o sistema **xx** PODE SER PENSADO pelo sujeito cultural porque SUBSISTE NO TEMPO TRANSCENDENTE.

Pois bem, vejamos agora as coisas DESDE O PONTO DE VISTA DO DEMIURGO, O UNO, cuja consciência, o tempo transcendente, difunde-se isotropicamente em todo ente sucessivo, salvo naquelas direções internas dos tempos imanentes. De acordo com a correspondência hermética entre macro e microcosmo, o Demiurgo tem que efetuar também uma operação análoga à de "pensar um sistema". Mas o que é "um sistema" para o Demiurgo? Resposta: TODA CULTURA OU SUPERESTRUTURA DE FATOS CULTURAIS. Efetivamente, como se explicará na Segunda Parte e já foi adiantado no artigo "H" do inciso "Funcionamento da Estrutura Cultural", a presença doadora de sentido do homem transforma os entes designados em objetos culturais, os quais se organizam no mundo formando superestruturas de fatos culturais. Nestas superestruturas, que subsistem no tempo transcendente, o homem, pasu ou virya perdido, encontra-se habitualmente integrado como "elemento" estrutural. Isso se deve a que o corpo do virya perdido é só um microcosmo potencial, subsistente no tempo transcendente.

Deixando para mais adiante a explicação detalhada das superestruturas, o importante neste momento é destacar que elas determinam UMA FORMA EXTERIOR DENOMINADA "CULTURA", a qual pode ser "pensada" pelo Demiurgo como "sistema". Estabelecendo as correspondentes analogias, valem aqui as mesmas propriedades

que atribuímos ao sujeito cultural: o Demiurgo, antes de tudo, é capaz de notar integralmente a superestrutura ou efetuar uma REDUÇÃO SISTEMÁTICA, indo, por exemplo, de uma coleção de objetos culturais e uma pluralidade de microcosmos superestruturados, até a consideração de UM SÓ MICROCOSMO como "sistema", além do mais, dada uma cultura determinada, o Demiurgo PODE NOTÁ-LA EM DISTINTOS "ESPAÇOS DE SIGNIFICAÇÃO" E CODIFICÁ-LA EM OUTRAS TANTAS SUPERLINGUAGENS CONTEXTUAIS. Naturalmente, no nível de consciência do Demiurgo, os "planos de significação" da estrutura cultural são análogos a "espaços de significação" das superestruturas de fatos culturais.

Nisto consiste o segredo de Maya, revelado agora mediante a analogia estrutural: TODO ENTE CULTURAL DO UNIVERSO, SEJA UM OBJETO CULTURAL OU UM MICROCOSMO POTENCIAL, OU UMA SUPERESTRUTURA QUE OS INTEGRE, EXISTE SIMULTANEAMENTE EM INCONTÁVEIS ESPAÇOS DE SIGNIFICAÇÃO MACROCÓSMICOS. E, EM CADA UM DESSES PLANOS DE EXISTÊNCIA, O ENTE CULTURAL SIGNIFICA UM SUPERCONCEITO DO DEMIURGO, QUER DIZER, SEU SIGNIFICADO ESTÁ DETERMINADO PELO QUADRO CONTEXTUAL DE UMA SUPERLINGUAGEM MACROCÓSMICA. Certamente, neste ponto da exposição, a razão do leitor se há de se negar a admitir as consequências que se inferem do segredo de Maya. No entanto, é demasiado evidente para negá-lo: QUEM VIVE INTEGRADO EM UMA CULTURA SÓ PERCEBE UM ASPECTO MÍNIMO DA REALIDADE. O MUNDO SÓCIO-CULTURAL ONDE TRANSCORRE A VIDA É SÓ O CONTEXTO DE UM SUPERCONCEITO DO DEMIURGO. A CASA, O BAIRRO, A CIDADE, O PAÍS, O CONTINENTE, O PLANETA, O SISTEMA SOLAR, A GALÁXIA, O UNIVERSO CONHECIDO, TUDO O QUE NOS RODEIA E QUE ACREDITAMOS SER UM MUNDO ÚNICO E ESTÁVEL, NÃO SÃO, NA VERDADE, MAIS QUE ASPECTOS DO CONTEXTO DE UM SUPERCONCEITO; UM SUPERCONCEITO JUNTO A INCONTÁVEIS SUPERCONCEITOS SEMELHANTES. QUER DIZER, JUNTO A INCONTÁVEIS MUNDOS CONTEXTUAIS NOS QUAIS EXISTIMOS SIMULTANEAMENTE.

O pasu, e ainda o virya perdido, não percebem mais que um mundo dos muitos nos que existem simultaneamente: o seu habitual, no qual são estáveis só porque estão integrados a rígidas superestruturas de entes externos ou "culturas". Por isso, a Sabedoria Hiperbórea denomina Grande Engano à realidade de um mundo habitual: porque o contexto cotidiano dissimula e oculta a plurivocidade que a existência ôntica desenvolve nos múltiplos espaços de significação macrocósmica.

Uma cultura, ou superestrutura, é um "sistema" que pode ser notado pelo Demiurgo em múltiplos espaços de significação; cada notação significativa é um superconceito, quer dizer, um ASPECTO, FACETA, PERFIL, etc., de dita cultura. Isto significa que entre superconceitos contíguos, não demasiado oblíquos, só serão notadas PEQUENAS DIFERENÇAS: considerando, por exemplo, a cidade de Buenos Aires como o contexto de um superconceito, podemos supor a existência de outro superconceito contíguo, com uma Buenos Aires na qual não existe o obelisco; ou outro sem rodovias. E se neste contexto de cidadão habitamos nós, podemos, também, conceber um mundo no qual nossa mãe seja irmã gêmea de um escultor, OU, NO QUAL ALGUM DE NOSSOS SERES QUERIDOS NÃO EXISTA OU NÃO TENHA EXISTIDO NUNCA; etc.

Isto nos leva à seguinte pergunta: é possível o trânsito CONSCIENTE entre dois superconceitos contíguos? Quer dizer, poderia ocorrer que um virya perdido fosse deslocado do seu mundo contextual a um mundo contíguo, muito semelhante, mas com apreciáveis diferenças? Resposta: Sim. Justamente essa é a terrível possibilidade que enfrenta quem decide purificar seu sangue e empreender o caminho de regresso à

Origem: pode então, cair o véu de Maya e a realidade alterar-se em muitos pontos, como se o mundo inteiro conspirasse para afundá-lo na alucinação e na demência. E não só isto; se o virya não adotou um conveniente estado de alerta, se não se move no Kairos justo e com a estratégia adequada, poderia ver-se transportado a um contexto sumamente oblíquo, quer dizer, a um mundo de características completamente estranhas e desconhecidas, onde mil perigos insuspeitáveis colocariam por terra com seu propósito de liberação espiritual.

Tudo isto, que não é outra coisa mais que uma reação denominada SEGUNDA INTENÇÃO DO DEMIURGO, pode ocorrer a quem se atreva a penetrar no segredo de Maya sem contar com os princípios estratégicos necessários para contrapô-lo: por exemplo. O PRINCÍPIO DO CERCO, em cuja busca se move este inciso.

Resumindo, o segredo de Maya nos diz que, após uma redução sistemática, todo microcosmo potencial ou virya perdido pode ser notado pelo Demiurgo, como um superconceito significativo no contexto habitual de uma superlinguagem macrocósmica: tal contexto é, desde já, o mundo cotidiano do virya. Mas o segredo de Maya nos diz mais: EM UM EIXO EXTENSIVO DO MICROCOSMO POTENCIAL, ANÁLOGO AO EIXO XX DE UM SISTEMA, SE INTERSECTAM INCONTÁVEIS ESPAÇOS DE SIGNIFICAÇÃO: o contexto habitual dá significado ao microcosmo em só um de tais espaços, quer dizer, em um superconceito. No entanto, o microcosmo potencial existe simultaneamente em todos os espaços de significação que intersectam o eixo **xx**. Por isso, quando a pureza de sangue do virya produz a dissolução da ilusão de Maya, não é improvável que o Demiurgo realize uma última tentativa para mantê-lo dentro da confusão do Grande Engano: então, pode ocorrer o horroroso fato de que o contexto habitual do mundo se transforme segundo o modo característico de algum espaço oblíquo e desconhecido; as estruturas psíquicas são, assim, postas à prova, submetidas à tensão tremenda de perceber a não correspondência cultural entre os esquemas de entes conhecidos e os entes concretos, existentes no novo contexto; o mundo se torna alucinante, sem que o sujeito anímico consiga distinguir claramente onde termina o imaginário e onde começa o real; e ante semelhante orbe mutante, frente a entes instáveis cujo desígnio se altera irracionalmente, a razão do virya costuma manifestar-se impotente para estabelecer as RELAÇÕES que constituem sua função essencial: e sem contar com as relações do ente e entre os entes, sem o equilíbrio da RATIO, não tardaria em sobrevir a loucura. A menos, é claro, que o virya desperto disponha da vontade graciosa e do conhecimento suficiente sobre a técnica arquemônica, para ISOLAR-SE ESTRATEGICAMENTE do contexto demencial.

F - Desvantagem Estratégica.

Compreende-se agora, depois de conhecer o Terrível Segredo de Maya, o alcance da pergunta anterior. A técnica arquemônica não pode consistir no mero recorte de um plano, no cercado de uma área qualquer do mundo, pois a realidade do Valplads não é um âmbito estável; pelo contrário, "o mundo" entranha o Segredo do Maya: uma pluralidade de espaços de significação nos quais o virya, seu microcosmo potencial, tem existência efetiva; a praça ganha ao inimigo tem de ser, então, um ESPAÇO PLURIDIMENSIONAL que contenha integralmente o microcosmo e evite toda possibilidade de ataque, alteração ou mutilação, por parte do Demiurgo, através dos espaços oblíquos.

Aqui é onde perde validade a expressão matemática que demos para fazer intuitivo o princípio do cerco: "toda curva fechada divide seu plano em duas partes"; esta fórmula, é evidente, SÓ DESCREVE UMA QUALIDADE DO CERCO PRESENTE EM UNS POUCOS ESPAÇOS ADJACENTES. Pois, o que ocorre naqueles espaços onde uma curva qualquer, por exemplo, um círculo, NÃO SE PODE DEFINIR? Resposta: que o cerco carecerá de existência, "de significado contextual", quer dizer,

não cumprirá sua função isolante, ficando o virya, nesse espaço, indefeso ante o ataque inimigo. Tal estado de desamparo denomina-se DESVANTAGEM ESTRATÉGICA.

Em nossa novela "O Mistério de Belicena Villca" define-se a desvantagem estratégica em termos que convêm recordar: "... analogicamente, a desvantagem estratégica equivale ao PONTO FRACO EM UMA MURALHA; é o caso desesperador daqueles que, tendo sido sitiados pelo inimigo em uma praça amuralhada, comprovam, com espanto, que a mesma é incapaz de resistir à pressão inimiga e se encontra prestes a ceder em um PONTO FRACO. O desastre que sucede à queda da Praça é análogo, também, à perda da razão de um virya com insuficiente vontade egóica para conservar o equilíbrio durante os estados de consciência irracionais subsequentes. Quer dizer: a loucura. Por outro lado, a queda de uma Praça Forte jamais representa uma vitória para o sitiador, como uma derrota para o sitiado. Ao sitiado corresponde a responsabilidade da queda, pois faltou a lei estratégica que diz: "jamais se deve levantar um cerco se não se dispõe dos meios para defendê-lo". O cerco estratégico (arquêmona) separa o virya do mundo, outorgando-lhe o TEMPO NECESSÁRIO para acudir a seu CENTRO CARISMÁTICO. De um lado do cerco fica o mundo do Demiurgo com sua formidável Estratégia Evolutiva e Sinárquica; do outro o virya, autêntico monge-guerreiro, cavaleiro do Graal, decidido a alcançar a Verdade."

"Meçamos as forças em jogo: sobre o cerco convergem, por um lado, a Estratégia Sinárquica do Demiurgo e, pelo outro, a Estratégia HIPERBÓREA do virya, a qual depende, para sua concretização, da intrepidez e do valor com que se arrisca para alcançar o centro; em síntese, o êxito da estratégia HIPERBÓREA depende da pureza sanguínea do virya".

"Por último, agreguemos que, quando se levantou um cerco, o qual irritou o inimigo e o levou a concentrar terríveis forças para seu abatimento, não é fácil retroceder à situação original de ausência de conflito SEM FICAR EM DESVANTAGEM ESTRATÉGICA. Com efeito, quando se declarou a guerra, e o inimigo deslocou suas forças, são duas as alternativas: ou se enfrenta o combate, resistindo ao sítio inimigo enquanto se busca OUTRA PORTA PARA SAIR, ou se evita a luta postergando as ações e ignorando a pressão inimiga. Nesse segundo caso, o inimigo irá aumentando a pressão de tal maneira que, finalmente, as muralhas cederão e o desastre será inevitável; fracassou a Estratégia própria porque se a substituiu durante as ações. Vamos explicar melhor. Quando um virya levanta um cerco, no quadro de uma Estratégia HIPERBÓREA, PARA INICIAR A CONQUISTA DO VRIL, sua Estratégia só lhe permite UMA alternativa: ABRIR A PORTA INTERIOR para esquivar-se do desdobramento das forças demoníacas. Só uma alternativa. O contrário significa clara e simplesmente uma mudança de Estratégia; e isto o sabia até CLAUSEWITSZ: NINGUÉM PODE MUDAR DE ESTRATÉGIA NO MEIO DA GUERRA, SEM ARRISCAR-SE A PADECER GRAVES PERDAS. Na guerra convencional, o máximo que se admite de uma Estratégia é que ofereça táticas alternativas, mas jamais que ela possa ser mudada em si mesma, o que significaria na realidade UMA MUDANÇA DE OBJETIVO (possibilidade inadmissível em uma Estratégia HIPERBÓREA), que apresentaria severas dúvidas sobre a capacidade do Estado Maior que a planificou e até sobre a validade da justificativa que sempre se deve apresentar para ter adotado o caminho bélico".

Em conceitos analógicos, mas que delineiam claramente os perigos latentes, o parágrafo citado nos revela a precária situação de DESVANTAGEM ESTRATÉGICA na qual ficaria todo virya que fracasse ao aplicar o princípio do cerco.

O terrível segredo de Maya nos mostrou que o cerco NÃO PODE SER QUALQUER CURVA, senão um "princípio universal", cujo sentido, expressado pelo sinal correspondente, seja significativo EM TODOS OS MUNDOS POSSÍVEIS DO

DEMIURGO. Daí nossas anteriores advertências sobre a necessidade de que o Eu desperto OBRIGUE PELO ENGANO, quer dizer, ESTRATÉGICAMENTE, seu sujeito cultural a que represente racionalmente, como mito ou símbolo sagrado, o princípio arquetípico do cerco. Contudo, a busca do princípio do cerco ainda requererá algumas reflexões em outros artigos, especialmente para mostrar, com alegorias, o modo como os Siddhas de Agartha procuram iniciar carismaticamente, todo virya, na técnica arquemônica.

G - As armas do virya desperto.

O virya desperto é um herói que declarou guerra ao Demiurgo para cumprir um objetivo estratégico: conseguir a liberação do Espírito. Nessa luta decidiu ocupar um canto do Valplads, fazer-se forte em uma praça, e, desde essa posição, cobrir a distância estratégica que o separa do Vril. Com o emprego da técnica arquemônica, assenta-se efetivamente em um espaço estratégico, por trás das muralhas simbólicas do cerco infinito. Fica assim apresentada uma STIZKRIEG, uma guerra de sítio, na qual se enfrentam as Estratégias de cada bando. O virya deve agora defender a praça, sustentar o cerco, pois do contrário será aniquilado. Mas de que meios se vale para isso? Quer dizer, quais são as armas do virya, guerreiro hiperbóreo?

O virya desperto, com efeito, É UM GUERREIRO QUE DEVE CONQUISTAR O ESPAÇO E O TEMPO, "TOMAR TODOS OS CÉUS POR ASSALTO", ANTES DE TRANSMUTAR-SE EM SIDDHA BERSERKIR: para essa ação há de dispor, indubitavelmente, de um importante arsenal. Ainda que fique fora do alcance desses "Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea" dar uma descrição detalhada de tais armas, podemos, no entanto, referir-nos à sua função genérica. Em primeiro lugar, digamos, pois, que AS ARMAS DO VIRYA SÃO AS RUNAS. E o que são as runas? Resposta: RUNAS denominaram os antigos germânicos aos sinais que todo Guia Hiperbóreo da humanidade entrega aos seus viryas para que atuem na guerra mágica contra o Demiurgo. Isso ocorreu assim, em todos os tempos, desde que Cristo Lúcifer depositou o Graal no Valplads. Só que Wotan, o Guia Racial dos germânicos, proveu os Sinais ao seu povo sob o nome de RUNAS, em tempos históricos relativamente recentes, pelo que, a tais armas se conhece universalmente com dita denominação.

As runas mais vulgarizadas, as que empregam os alfabetos Futhark ou Fupark, são só uma mínima parte do arsenal rúnico. O sinal da origem, por exemplo, do qual se deriva por mutilação e deformação a runa suástica, não cumpre nenhuma função alfabética, apesar de ser a runa mais poderosa que existe. Este Sinal, conhecido também como Runa da Origem ou Runa de Ouro, É A PROJEÇÃO DO SÍMBOLO DA ORIGEM, QUER DIZER, DO SÍMBOLO ONDE SE REFLETE O EU INFINITO. Justamente, a projeção da Runa da Origem sobre o princípio do cerco gera o espaço estratégico da arquêmona.

Em geral, as runas se agrupam em dois tipos: ARQUETÍPICAS E NOOLÓGICAS; mas ambos os grupos têm em comum o fato de que NÃO FORAM DESCOBERTAS PELOS VIRYAS, SENÃO PROVIDAS A ESTES PELOS SIDDHAS DE AGARTHA. Com outras palavras: quando os viryas receberam as runas das mãos de Wotan, ficou definitivamente quebrada a dependência gnosiológica que mantinham com os desígnios demiúrgicos dos entes, pela herança do pasu: o objetivo da finalidade do pasu constituía uma tendência hereditária e irresistível que impulsionava os viryas a evoluir sob a confusão do Eu perdido, seguindo ao pé da letra os planos do Demiurgo escritos no desígnio da suprafinalidade dos entes; o destino do virya perdido era, então, semelhante ao do pasu: jamais poderia conhecer os Arquétipos universais nem nenhuma outra realidade que não estivesse previamente determinada pela suprafinalidade dos entes; a revelação de Wotan veio cobrir essa falha: por um lado, as "runas arquetípicas" permitem descrever esquematicamente todo Arquétipo

universal, quer dizer, permitem conhecer as PALAVRAS UNIVERSAIS, NÃO INVERTIDAS PELA MEMÓRIA ARQUETÍPICA, QUE CONSTITUEM A KABALA ACÚSTICA DO GRANDE ALENTO; por outro lado, as "runas noológicas", entre as quais se conta a Runa da Origem, são Sinais incriados, isto é, sinais sem correspondência alguma com o plano arquetípico.

Munido de semelhante arsenal, o virya poderá agora OPERAR EFETIVAMENTE SOBRE A REALIDADE ÔNTICA: os instáveis espaços de significação do macrocosmo serão FIXADOS EM SEU SENTIDO PELA EXPRESSÃO DA RUNA ADEQUADA; os desígnios dos entes, cujo sentido intente ser alterado pela Segunda Intenção do Demiurgo, para que não correspondam com os esquemas conhecidos da estrutura cultural, serão RESSIGNIFICADOS PELA EXPRESSÃO DA RUNA CORRETA; e, finalmente, a expressão da Runa da Origem aplicada sobre o princípio do cerco permitirá criar um espaço estratégico o SUFICIENTEMENTE SEGURO PARA OCUPÁ-LO E RESISTIR NELE SEM PERIGO.

Para evidenciar em que consiste a atitude guerreira típica do virya desperto, nada parece melhor do que referir-nos ao seu ESTADO DE ALERTA. Tal estado de alerta, que deve ser permanente, se mantém da seguinte forma: TODO OBJETO, REAL OU IDEAL, NATURAL OU CULTURAL, CONCRETO OU ABSTRATO, ETC., QUER DIZER, TODO ENTE OBJETIVO, QUE CAI SOB A PERCEPÇÃO DO VIRYA DESPERTO, É IMEDIATAMENTE CERCADO NA ÁREA ESTRATÉGICA DE UMA ARQUÊMONA E CONVENIENTEMENTE RESSIGNIFICADO. E isto o virya desperto faz em TODO MOMENTO, COM QUALQUER OBJETO QUE SE APRESENTE, de tal sorte que costuma afirmar-se metaforicamente: O VIRYA DESPERTO TEM A ARQUÊMONA EM SEUS OLHOS; VÊ ATRAVÉS DELA; SE SEUS OLHOS OLHAM, SE SEUS LÁBIOS FALAM, SE SEUS OUVIDOS ESCUTAM, OU SEU CORPO SE MOVE DE MANEIRA EXPRESSIVA, O ENTE FICA IMEDIATAMENTE CERCADO E RESSIGNIFICADO; TAL PERMANENTE ALERTA ESTRATÉGICO DO VIRYA DESPERTO.

O princípio do cerco, contudo, não é uma runa, ter-se-á, pois, que continuar andando em sua busca.

H – O princípio do cerco e a lei do cerco.

Começamos formulando matematicamente o princípio do cerco para que a evidência topológica favorecesse sua indução. Porém, ao conhecer o Terrível Segredo de Maya, comprovamos que tal fórmula dificilmente pudesse se manter invariável “em todos os mundos possíveis”, quer dizer, em todos os superconceitos do Demiurgo. Compreender o princípio do cerco não parece já ser uma tarefa muito simples, ainda que algo saibamos dele com segurança: EXISTE NA ESTRUTURA CULTURAL COMO PARTE DE UM SISTEMA. Podemos agregar que o princípio do cerco não pode ser outra coisa que um Princípio, repetido no esquema sêmico da Relação como princípio matemático. Em consequência, o princípio do cerco não procede do descobrimento de nenhum desígnio, senão da memória arquetípica: o seu é um significado a priori de toda percepção. Não obstante tal interioridade essencial, o princípio do cerco pode ser expressado no mundo exterior como qualquer princípio matemático, um número, por exemplo, mediante a projeção de um sinal. Nisso se baseia a técnica arquemônica.

Mas, “o microcosmo reflete o macrocosmo”; quer dizer isto que o princípio do cerco há de estar também presente no macrocosmo, por exemplo, como uma LEI DA NATUREZA? Se ocorresse assim, talvez se pudesse, ao menos em teoria, detectar em algum fenômeno característico uma certa FUNÇÃO CERCO, que nos revelasse por outra via, desta vez externa, o princípio buscado. Ainda que possamos adiantar que o resultado será negativo, é conveniente examinar tal possibilidade de busca externa,

pois sua análise nos permitirá compreender diversos problemas gnosiológicos e culturais que afetam o virya.

Se aceitamos o princípio hermético de equivalência entre macrocosmo e microcosmo, nos será evidente que TODAS as leis do macrocosmo se refletem em leis análogas do microcosmo. Mas tal correspondência está longe de ser um mero reflexo passivo entre estruturas. O virya, ao DESCOBRIR E FORMULAR LEIS, desequilibra esta relação e assume um papel destacado. Como consequência desta atitude dominante aparece agora, separando o Eu do macrocosmo, um MODELO CULTURAL elaborado pelo sujeito cultural com base em princípios e conceitos da estrutura cultural. Neste "modelo cultural", o principal responsável da visão deformada que o virya tem de si mesmo e do mundo, dado que se INTERPÕE entre o macrocosmo e o microcosmo. O modelo cultural é um conteúdo da estrutura cultural de caráter coletivo ou sociocultural; portanto, consiste em um conjunto sistemático de conceitos, propostos pelo sujeito cultural e traduzidos a uma ou duas linguagens habituais, por exemplo, matemática e linguística. Em resumo, o modelo cultural se compõe, normalmente, de princípios matemáticos e premissas culturais. O Eu do virya, quando se encontra confundido com o sujeito consciente, aceita solidariamente como representações dos entes externos, como sua verdade, os objetos culturais que procedem do modelo cultural intermediário, objetos cujo significado foi proposto pelo sujeito cultural como premissa, em linguagem habitual.

Examinemos agora o que entende o virya por "lei da natureza". Sem entrar em complicações, podemos afirmar que "uma lei da natureza é a quantificação matemática de uma relação significativa entre aspectos ou magnitudes de um fenômeno". Esclareçamos esta definição. Dado um fenômeno, é possível que, pela observação e pela experimentação empírica, cheguemos a diferenciar certos "aspectos" do mesmo. Se dentre os vários aspectos que se destacam, alguns deles resultem como "relacionados significativamente entre si", e se esta relação possui probabilidade estatística, quer dizer, se repete um número grande de vezes ou é permanente, então pode-se enunciar uma "lei da natureza". Para isso, se faz necessário que os "aspectos" do fenômeno possam reduzir-se a magnitudes, de tal modo que a "relação significativa" se reduza a "relação entre magnitudes", ou seja, à função matemática. As "leis" da física se deduziram de maneira semelhante.

O conceito de "lei da natureza" que expusemos é moderno e visa "controlar" o fenômeno mais do que explicá-lo, seguindo a tendência atual que subordina o científico ao tecnológico. Temos assim, fenômenos "regidos" por leis EMINENTES às quais não só aceitamos como determinantes, senão que as incorporamos indissoluvelmente ao próprio fenômeno, esquecendo, ou simplesmente ignorando que se trata de quantificações racionais. É o que acontece, por exemplo, quando observamos o fenômeno de um objeto que cai e afirmamos que tal coisa ocorreu porque "atuou a lei da gravidade". Aqui a "lei da gravidade" é eminente e, ainda que "saibamos que existem outras leis", as quais "intervêm também, mas com menor intensidade", acreditamos cegamente que o objeto em sua queda OBEDECE à lei de Newton e que esta "lei da natureza" foi a CAUSA de seu deslocamento. No entanto, o fato concreto é que o fenômeno NÃO OBEDECE A LEI EMINENTE ALGUMA. O fenômeno simplesmente OCORRE e nada há nele que aponte intencionalmente para uma lei da natureza, e menos ainda de uma lei eminente. O fenômeno é parte inseparável de uma totalidade que chamamos de "a realidade" ou "o mundo", e que inclui, nesse caráter, TODOS os fenômenos, os que já aconteceram e os que haverão de ocorrer. Por isso, na realidade, os fenômenos simplesmente OCORREM, acontecendo, talvez, a alguns que já ocorreram, ou simultaneamente com outros semelhantes a ele. O fenômeno é só uma parte dessa "realidade fenomênica" que jamais perde seu caráter de totalidade: de uma

realidade que NÃO se expressa em termos de causa e efeito para sustentar o fenômeno; enfim, de uma realidade na qual o fenômeno ACONTECE independentemente de que sua ocorrência seja ou não significativa para um observador e cumpra ou não com leis eminentes.

Antes de abordar o problema da "preeminência das premissas culturais", na avaliação racional de um fenômeno, convém despojar este de qualquer possibilidade que o afaste da pura determinação mecânica ou evolutiva, segundo a "ordem natural". Para isso estabeleceremos, depois de uma breve análise, a diferença entre fenômeno de "primeiro" ou de "segundo" grau de determinação, esclarecimento indispensável, dado que as "leis eminentes" correspondem sempre a fenômenos de primeiro grau.

I - Graus de determinação de um fenômeno.

Para o gnóstico "o mundo' que nos rodeia não é mais do que a ordenação da matéria, efetuada pelo Demiurgo em um princípio e à qual percebemos em sua atualidade temporal. A Sabedoria Hiperbórea, mãe do pensamento gnóstico, vai mais longe ao afirmar que o espaço, e tudo quanto ele contenha, encontra-se constituído por associações múltiplas de um único elemento denominado "quantum arquetípico de energia", o qual constitui um TÉRMINO FÍSICO da mônada arquetípica, quer dizer, da unidade formativa absoluta do plano arquetípico.

Estes QUANTUM, que são verdadeiros átomos arquetípicos NÃO formadores ou estruturadores de forma, possuem, cada um, um PONTO INDISCERNÍVEL, mediante o qual se realiza a difusão panteísta do Demiurgo. Quer dizer que, graças a um sistema pontual de contato polidimensional, faz-se efetiva a presença do Demiurgo em toda porção ponderável de matéria, qualquer que seja sua qualidade. Esta penetração universal, ao ser comprovada por pessoas de diferentes graus de confusão, levou à errônea crença de que "a matéria" é a própria substância do Demiurgo. Tais são as concepções vulgares dos sistemas panteístas ou daqueles que aludem a um espírito do mundo ou "*anima mundi*", etc. Na realidade, a matéria foi "ordenada" pelo Demiurgo e "impulsionada" para um desenvolvimento LEGAL NO TEMPO, de cuja força evolutiva não escapa nem a mínima partícula (e da qual participa, é claro, o "corpo humano").

Fizemos essa exposição sintética da "Física Hiperbórea" porque necessitamos distinguir os graus de determinismo. O mundo, tal qual o descrevemos recentemente, desenvolve-se mecanicamente, orientado para uma finalidade; este é o PRIMEIRO GRAU de determinismo. Com outras palavras: existe um Plano, a cujas diretrizes se ajusta, e a cujos desígnios tende a "ordem" do mundo; a matéria lançada à mecânica de dita "ordem" encontra-se DETERMINADA EM PRIMEIRO GRAU. Mas, como dito Plano encontra-se sustentado pela Vontade do Demiurgo, e Sua Presença é efetiva em cada porção de matéria, segundo vimos, poderia ocorrer que ELE, ANORMALMENTE, influísse DE OUTRA MANEIRA sobre alguma porção de realidade, quer seja para MODIFICAR TELEOLOGICAMENTE SEU PLANO ou para EXPRESSAR SEMIOTICAMENTE SUA INTENÇÃO, ou por MOTIVOS ESTRATÉGICOS; neste caso, estamos ante o SEGUNDO GRAU do determinismo.

Por "motivos estratégicos" entende-se o seguinte: quando o virya desperto empreende o regresso à origem, no quadro de uma Estratégia Hiperbórea, emprega técnicas secretas que permitem opor-se efetivamente ao Plano. Nestas circunstâncias, o Demiurgo, ANORMALMENTE, intervém com todo Seu Poder para castigar o intrépido.

Podemos agora distinguir entre um FENÔMENO DE PRIMEIRO GRAU e um FENÔMENO DE SEGUNDO GRAU, atendendo ao grau de determinação que envolve sua manifestação. Deve-se compreender bem que esta distinção se assenta SOBRE AS DIFERENTES maneiras com que o Demiurgo pode atuar sobre UM MESMO

fenômeno. Por exemplo, no fenômeno de um vaso de flores caindo de cima de uma sacada na calçada, não podemos ver outra coisa do que uma determinação de primeiro grau; dizemos "atuou a lei de gravidade". Mas, se dito vaso de flores caiu na cabeça do virya desperto, podemos supor uma segunda determinação ou, a rigor, "segunda intenção", e dizemos: "atuou a Vontade do Demiurgo".

Ao primeiro e segundo grau de determinação de um fenômeno se denomina também, de outro ponto de vista, Primeira e Segunda intenção do Demiurgo.

Em geral, todo fenômeno é suscetível de manifestar-se em primeiro e segundo grau de determinação. Atendendo a esta possibilidade, convenhamos o seguinte: quando não se indique o contrário, por "fenômeno" se entenderá aquele cuja determinação é puramente mecânica, quer dizer, de primeiro grau; caso contrário, se esclarecerá "de segundo grau".

Só nos falta, agora que sabemos distinguir entre "os dois graus do fenômeno", esclarecer a afirmação que fizemos no começo desta análise, de que toda lei da natureza, inclusive aquelas eminentes, descrevem o comportamento causal de fenômenos de primeiro grau de determinação. É fácil compreender e aceitar isto, já que quando em um fenômeno intervém uma determinação de segundo grau, o sentido natural do encadeamento mecânico foi alienado temporalmente, em favor de uma vontade irresistível. Nesse caso, o fenômeno já não será "natural", ainda que aparente sê-lo, senão que estará dotado de uma intencionalidade sobreposta claramente de CARÁTER MALIGNO para o virya.

Por outro lado, o fenômeno de primeiro grau manifesta-se sempre COMPLETO EM SUA FUNCIONALIDADE, a qual é expressão direta de sua essência, à qual sempre será possível reduzir matematicamente a um número infinito de "leis da natureza". Quando o fenômeno de primeiro grau é apreciado especialmente por UMA lei da natureza, a qual é eminente para nós, pois DESTACA CERTO ASPECTO interessante, é evidente que não tratamos com o fenômeno COMPLETO, senão com dito "aspecto" do mesmo. Em tal caso, deve aceitar-se o triste fato de que do fenômeno só será percebida uma ilusão. Mutilado sensorialmente, deformado gnosiologicamente, mascarado epistemologicamente, não devemos estranhar que os indo-arianos qualificassem de MAYA, ilusão, à percepção corrente de um fenômeno de primeiro grau.

J – O mascaramento causado pelas "premissas culturais preeminentes".

Apresentaremos agora uma interrogação, cuja resposta nos permitirá encarar o problema da "preeminência das premissas culturais", baseando-nos em nossas últimas conclusões: "se todo fenômeno de primeiro grau aparece necessariamente completo (por exemplo, às 06h00 A.M., "sai o sol"), qual é o motivo específico de que sua apreensão, por intermédio do "modelo científico ou cultural" nos impede de tratar com o fenômeno em sua integridade, circunscrevendo-nos em torno de aspectos parciais do mesmo? (por exemplo, quando dizemos "a rotação terrestre é a CAUSA que produziu o EFEITO de que às 06h00 A.M. o sol se tenha feito visível no horizonte Leste") Neste último exemplo, faz-se evidente que, ao explicar o fenômeno por uma "lei eminente", não fazemos mais do que referir-nos a certos aspectos parciais (a "rotação terrestre") deixando de lado – não vendo - o próprio fenômeno ("o sol"). A resposta à pergunta apresentada leva-nos a tocar em um princípio fundamental da teoria epistemológica estrutural: A RELAÇÃO QUE OBSERVAMOS ENTRE ASPECTOS DE UM FENÔMENO, QUANTIFICADORA MATEMATICAMENTE COMO "LEI DA NATUREZA", ORIGINA-SE NA PREEMINÊNCIA DE PREMISSAS CULTURAIS, A PARTIR DAS QUAIS A RAZÃO MODIFICA A PERCEPÇÃO DO FENÔMENO EM SI.

Resta-nos dizer que isto ocorre pelo efeito “mascaramento” que a razão causa em toda imagem refletida pelo sujeito consciente: a razão “responde à interrogação”, quer dizer, às flexões do sujeito consciente, NO QUAL SE ENCONTRA SUBMERSO O EU PERDIDO. Como se tratasse de uma fantasia, a razão interpreta e forma um esquema racional da representação do ente fenomênico, esquema cuja imagem se sobrepõe à representação e a mascara, dotando-a do significado proposicional que determinam as premissas culturais preeminentes.

Quando efetuamos uma observação “científica” de um fenômeno, as funções racionais tornam-se preeminentes a qualquer percepção, “destacando” com eminência aqueles aspectos interessantes ou úteis e “ofuscando” o resto (do fenômeno). Deste modo, a razão atua como se mascarasse o fenômeno, previamente arrancado da totalidade do real, e apresentasse dele uma aparência “razoável” e sempre compreensível no âmbito da cultura humana. É claro, que a ninguém lhe importa que os fenômenos fiquem, a partir dali, ocultos por trás de sua aparência razoável; não, se é possível servir-se deles, controlá-los, aproveitar sua energia e dirigir suas forças. Por fim, uma civilização científico-tecnológica edifica-se SOBRE os fenômenos e AINDA CONTRA eles. O que importa se uma visão racional do mundo recorta os fenômenos percebidos e nos enfrenta com uma REALIDADE CULTURAL, tanto mais artificial quanto mais cegos estejamos? O que importa, repetimos, quando tal cegueira gnosiológica é o preço que devemos pagar para desfrutar das infinitas variáveis que, em termos de gozo e conforto, oferece a civilização científica? Acaso nos espreita algum perigo que não podemos conjurar tecnicamente, nós que eliminamos muitas antigas enfermidades, que prolongamos a vida humana e criamos um habitat urbano com um luxo nunca visto?

O perigo existe, é real, e ameaça todos aqueles membros da humanidade que possuem ancestrais hiperbóreos; a Sabedoria Hiperbórea o denomina FAGOCITAÇÃO PSÍQUICA. É um perigo de gênero PSÍQUICO e de ordem transcendente, que consiste na aniquilação metafísica da consciência, possibilidade que pode concretizar-se neste ou em outro mundo, e em qualquer tempo. A destruição da consciência acontece por FAGOCITAÇÃO DEMIÚRGICA, quer dizer, por assimilação do SUJEITO CONSCIENTE à substância do Demiurgo. Quando tal catástrofe ocorre, perde-se completamente toda possibilidade de transmutação e regresso à origem. Já falamos sobre a dramática alternativa que deve enfrentar o virya e voltaremos a falar extensamente na Segunda Parte; porém, devemos repetir que é a CONFUSÃO o principal impedimento para a transmutação do virya em Siddha imortal e, à confusão permanente contribui a cegueira gnosiológica que mencionávamos antes, produto de nossa moderna mentalidade racionalista. Vivemos segundo as diretrizes da “cultura” ocidental, a qual é materialista, racionalista, científico-tecnológica e amoral; nosso pensamento parte de premissas culturais preeminentes e condiciona a visão do mundo, tornando-a pura aparência, sem que o notemos ou tenhamos ideia disso. A cultura, então, nos mantém na confusão, impede-nos de nos orientar e marchar para o centro da reintegração psíquica, transmutando-nos em Siddhas. É por casualidade que tal coisa acontece? Já dissemos muitas vezes: a cultura é uma arma estratégica, habilmente empregada por aqueles que desejam a perdição da Herança Hiperbórea.

Vamos comprovando, assim, que o modelo cultural intermediário, entre o Eu e o macrocosmo, dificulta enormemente a possibilidade de encontrar o princípio do cerco no mundo, como lei da natureza. Temos de continuar, pois, indo em sua busca.

K - A cultura, arma estratégica inimiga.

Quando se realiza a crítica da moderna cultura urbana do “Ocidente cristão” costuma-se detalhar os “males” que esta provoca em alguns indivíduos: a alienação; a desumanização; a escravidão ao consumo; a neurose depressiva e sua reação; a

dependência a diversos vícios, desde a narcose até a perversão do sexo; a competição desapiedada, motivada por obscuros sentimentos de cobiça e ambição de poder; etc. A lista é interminável, mas todos os cargos omitem, deliberadamente, o essencial, fazendo ênfase em males “externos” à alma do homem, originados em “imperfeições da sociedade”. Como complemento desta falácia, argumenta-se que a solução, o remédio para todos os males, é “o aperfeiçoamento da sociedade”, sua “evolução” para formas de organização mais justas, mais humanas, etc. A omissão radica em que o mal, o único mal NÃO É EXTERNO ao homem, não provém do mundo, senão que tem raiz em seu interior, na estrutura de uma mente condicionada pela preeminência das premissas culturais que sustentam o raciocínio e que lhe deformam sua visão da realidade. A sociedade atual, Por outro lado, conseguiu judaizar de tal modo o homem corrente que o transformou – milagre que não pode nem sonhar a biologia genética – por sua vez, em um miserável judeu, ávido de lucro, contente em aplicar os juros compostos e feliz em habitar um mundo que glorifica a usura. Nem falar que esta sociedade, com seus milhões de judeus biológicos e psicológicos, é para a Sabedoria Hiperbórea só um pesadelo ruim, a qual será definitivamente varrida, no fim do Kaly Yuga, por WILDES HEER.

No EDDA, Wildes Heer é o "exército furioso" de Wotan. Segundo a Thulegesellschaft, os Siddhas anunciaram a volta do Wildes Heer, junto aos quais formarão o "último batalhão" da **SS** eterna, ao final do Kaly Yuga.

Colocamos manifestamente o fato de que uma “lei da natureza” origina-se em certas relações que o julgamento racional estabelece entre aspectos significativos dos fenômenos. Nosso propósito é deixar claro que ainda que ditos aspectos pertencem verdadeiramente ao fenômeno, a relação que deu lugar à lei eminente foi criada pela razão e de nenhum modo pode se atribuir ao próprio fenômeno. A razão, apoiada em premissas culturais preeminentes, utiliza o mundo como MODELO PROJETIVO ou DE REPRESENTAÇÃO, de modo tal que um fenômeno qualquer expresse CORRESPONDÊNCIA com uma concepção intelectual equivalente. Deste modo, o homem serve-se de conceitos racionais do fenômeno que têm uma fraca vinculação com o fenômeno em si, com sua verdade.

Ao efetuar raciocínios e análises com base em tais conceitos, soma-se o erro e o resultado não pode ser outro do que a paulatina imersão na irrealidade e na confusão. Este efeito é buscado pelo inimigo, já o dissemos. Veremos logo qual é o modo de evitá-lo que ensina a Sabedoria Hiperbórea.

Ao mencionar, anteriormente, o Princípio hermético, dissemos que todas as leis do macrocosmo se refletem em leis equivalentes do microcosmo. Mas, “as leis da natureza” do macrocosmo não são senão representações de um modelo matemático originado na mente humana, quer dizer, no microcosmo, segundo analisamos. No processo que dá lugar à “ideia científica” de um fenômeno, concorrem elementos de duas fontes principais: os “princípios matemáticos” e as “premissas culturais preeminentes”. Os “princípios matemáticos” são arquetípicos, provém de estruturas psicobiológicas hereditárias (quando “aprendemos matemática”, por exemplo, só atualizamos conscientemente um número finito de sistemas formais, que pertencem ao âmbito da cultura, mas os “princípios matemáticos” não são na verdade “aprendidos”, senão “descobertos”, pois constituem matrizes básicas da estrutura do cérebro). As “premissas culturais preeminentes” surgem da TOTALIDADE dos elementos culturais, aprendidos ao longo da vida, que atuam como conteúdo dos sistemas da estrutura cultural e aos quais acode o sujeito cultural para formular os julgamentos.

A distinção que fizemos entre “princípios matemáticos” e “premissas culturais preeminentes”, como duas fontes principais que intervêm no ato mental de formular uma “lei da natureza”, vai nos permitir expor uma das táticas mais efetivas que emprega

o Demiurgo para manter os viryas na confusão e a maneira que os Siddhas tratam de contrapô-la, induzindo carismaticamente esses a descobrir e aplicar a “lei do cerco”. Por isso, insistimos tanto na análise, porque nos encontramos ante um dos princípios mais importantes da Sabedoria Hiperbórea e, também, um dos segredos mais bem guardados pelo inimigo.

Quando se conhece o princípio que diz “para a Sinarquia a cultura é uma arma estratégica” costuma-se pensar que o mesmo se refere à “cultura” como algo “externo”, próprio da conduta do homem na sociedade e da influência que esta exerce sobre ele. Este erro provém de uma incorreta compreensão da Sinarquia (à qual se supõe que seja uma mera “organização política) e do papel que ela joga no Plano do Demiurgo terrestre Jeová-Satanás. A verdade é que o virya procura orientar-se para a origem e não o consegue pelo estado de confusão em que se encontra; a mantê-lo neste estado contribui a cultura como arma estratégica inimiga, mas se este ataque viesse SOMENTE do exterior, quer dizer, da sociedade, bastaria afastar-se dela, fazer-se ermitão, para neutralizar seus efeitos. Porém, está suficientemente comprovado que a solidão não basta para evitar a confusão e que, pelo contrário, esta costuma aumentar no retiro mais hermético, sendo muito provável que, por esse caminho, perca-se a razão muito antes de encontrar a origem. São os elementos culturais INTERIORES os que confundem, desviam e acompanham o virya em todo momento. É por isso que o Eu desperto deve liberar-se PREVIAMENTE do obstáculo que impõem os elementos culturais, se pretende saltar a distância que o separa do Vril.

Um Eu despojado de toda moral, de todo dogma, indiferente aos enganos do mundo, mas aberto à memória de sangue, poderá marchar galhardamente para a origem e não haverá força no universo capaz de detê-lo.

É uma bela imagem a do virya que avança intrepidamente, envolto no furor guerreiro, sem que os demônios consigam detê-lo. Sempre a apresentamos; mas, perguntar-se-á: como é possível adquirir tal grau de pureza? Porque o estado normal do virya, nesta etapa do Kaly Yuga, é a confusão. Explicaremos agora, em resposta a tão sensata pergunta, a tática dos Siddhas Leais para ORIENTAR os viryas perdidos e neutralizar o efeito da cultura sinárquica.

No virya perdido, o Eu encontra-se sujeito à razão. Ela é o timão que guia o rumo de seus pensamentos, da qual por nada no mundo se afastaria; fora da razão estão o medo e a loucura. Mas a razão opera a partir de elementos culturais; já estudamos de que maneira as “premissas culturais preeminentes” participam na formulação de uma “lei da natureza”. De modo que o jugo que o inimigo envolveu em torno do Eu é formidável. Poderíamos dizer, em sentido figurado, que o Eu se encontra PRISIONEIRO da razão e de seus aliados, as premissas culturais; e todos compreenderiam o sentido desta figura. Isso se deve a que existe uma clara correspondência analógica entre o Eu, no virya perdido, e o conceito de “cativeiro”. Por esta razão, desenvolveremos em continuação uma alegoria, na qual se fará evidente a correspondência visada, que nos permitirá logo compreender a estratégia secreta que os Siddhas praticam para contrapor A ARMA CULTURAL da Sinarquia.

L - A alegoria do Eu prisioneiro.

Comecemos apresentando a alegoria, fixando a atenção em um homem que foi feito prisioneiro e condenado, de maneira inapelável, à reclusão perpétua. Ele desconhece essa sentença, assim como qualquer informação posterior à sua captura, procedente do mundo exterior, pois se decidiu mantê-lo indefinidamente incomunicável. Para isso, ele foi encerrado em uma torre inacessível, a qual se encontra rodeada de muralhas, abismos e fossos, e de onde parece aparentemente impossível toda tentativa de fuga. Uma guarnição de soldados inimigos, aos quais não é possível dirigir-se, sem receber algum castigo, encarregam-se de vigiar permanentemente a torre; são

desapiedados e cruéis, mas terrivelmente eficientes e leais: nem pensar em comprá-los ou enganá-los. Nestas condições, não parecem existir muitas esperanças de que o prisioneiro recobre algum dia a liberdade. E, contudo, a situação real é bem outra. Se bem que para FORA da Torre a saída está cortada por muralhas, fossos e soldados, DESDE DENTRO é possível sair diretamente para o exterior, sem tropeçar em nenhum obstáculo. Como? Por meio de uma SAÍDA SECRETA, cujo acesso encontra-se habilmente dissimulado no piso da cela. Naturalmente, o prisioneiro ignora a existência desta passagem, como tampouco o sabem os seus carcereiros.

Suponhamos agora que, quer seja porque SE O CONVENCERAM de que é impossível escapar, quer seja porque DESCONHECE sua qualidade de cativo, ou por qualquer outro motivo, o prisioneiro não mostra predisposição para a fuga: não manifesta nem valor nem arrojo e, é claro, não busca a saída secreta; simplesmente se resignou à sua precária situação. Indubitavelmente, é sua própria atitude negativa o pior inimigo, já que, a manter vivo o desejo de escapar, ou ainda, se experimentasse a NOSTALGIA pela liberdade perdida, se revolveria em sua cela onde existe, ao menos, uma possibilidade em um milhão de dar com a saída secreta POR CASUALIDADE. Mas não é assim, e o prisioneiro, em SUA CONFUSÃO, adotou uma conduta aprazível que, à medida que transcorrem os meses e os anos, torna-se cada vez mais pusilânime e idiota.

Tendo se entregue à sua sorte, só caberia esperar para o cativo uma ajuda exterior, a qual só pode consistir na REVELAÇÃO DA SAÍDA SECRETA. Mas não é tão simples de expor o problema, já que o prisioneiro não o deseja ou não sabe que pode fugir, segundo dissemos. Devem-se, pois, cumprir duas coisas:

1°) Conseguir que assuma sua condição de prisioneiro, de pessoa a quem TIRARAM a liberdade e, se possível, que RECORDE OS DIAS DOURADOS, quando não existiam celas nem correntes. É necessário que tome consciência da sua miserável situação e deseje ardentemente sair, previamente a:

2°) Revelar-lhe a existência da ÚNICA POSSIBILIDADE DE FUGIR. Porque bastaria, agora que o prisioneiro deseja fugir, só COM QUE SAIBA DA EXISTÊNCIA da saída secreta; a esta buscará e encontrará por si mesmo.

Apresentado assim, o problema parece muito difícil de resolver: é necessário animá-lo, DESPERTÁ-LO de sua letargia, ORIENTÁ-LO e logo REVELAR-LHE o segredo. Por isso, já é hora de que nos perguntemos: há alguém disposto a ajudar ao miserável prisioneiro? E se o houvesse, como se arranjaria para cumprir as duas condições do problema?

Devemos declarar que, afortunadamente, há outras pessoas que amam e procuram ajudar o prisioneiro. São aqueles que participam de sua etnia e habitam um país muito, mas muito longínquo, o qual encontra-se em guerra com a nação que o aprisionou. Mas não podem tentar nenhuma ação militar para liberá-lo, devido às represálias que o inimigo poderia tomar sobre os incontáveis cativos que, além daquele da torre, mantêm em suas terríveis prisões. Trata-se, pois, de dirigir a ajuda da maneira prevista: DESPERTÁ-LO, ORIENTÁ-LO E REVELAR-LHE O SEGREDO.

Para isso, é preciso chegar até ele, mas como fazê-lo se foi encerrado no coração de uma cidadela fortificada, saturada de inimigos em permanente alerta? Há que se descartar a possibilidade de infiltrar um espião, devido às DIFERENÇAS ÉTNICAS insuperáveis: um alemão não poderia infiltrar-se como espião no exército chinês, do mesmo modo que um chinês não poderia espiar no quartel das **SS**. Sem poder entrar na prisão e sem possibilidade de comprar ou enganar os guardiões, só resta o recurso de FAZER CHEGAR UMA MENSAGEM ao prisioneiro.

Contudo, enviar uma mensagem parece ser tão difícil como introduzir um espião. Com efeito; no improvável caso de que uma gestão diplomática conseguisse a

autorização para apresentar a mensagem e a promessa de que esta seria entregue ao prisioneiro, isso não serviria de nada, porque só o fato de que tenha que atravessar sete níveis de segurança, onde seria censurada e mutilada, torna completamente inútil esta possibilidade. Além disso, por tal VIA LEGAL (com autorização prévia), se imporia a condição de que a mensagem fosse escrita em uma linguagem clara e acessível ao inimigo, o qual logo censuraria parte de seu conteúdo e transporia os termos para evitar uma possível segunda mensagem cifrada. E não nos esqueçamos que o segredo da saída oculta, tanto interessa que o conheça o prisioneiro como que o ignore o inimigo. E o primeiro: o que dizer em uma mera mensagem para conseguir que o prisioneiro DESPERTE, se ORIENTE, compreenda que DEVE escapar? Por muito que pensemos, far-se-á evidente que a mensagem DEVE SER CLANDESTINA e que ela NÃO PODE SER ESCRITA. Tampouco pode ser ÓTICA, devido a que a pequena janela da sua cela permite observar somente um dos pátios interiores, até onde não podem chegar sinais desde o exterior da prisão.

Nas condições que expusemos, não fica evidente, sem dúvida, de que maneira podem os KAMERADEN dar solução ao problema e ajudar o prisioneiro a escapar. Talvez se faça a luz, se temos presente que, em que pese todas as precauções tomadas pelo inimigo para manter o cativo desconectado do mundo exterior, NÃO CONSEGUIRAM ISOLÁ-LO ACUSTICAMENTE (para isso teriam que colocá-lo, como KASPAR HAUSER, em uma cela à prova de som).

Vejamos agora, como epílogo, o modo escolhido pelos Kameraden para oferecerem ajuda efetiva, uma ajuda tal que 1º: DESPERTE e 2º: REVELE O SEGREDO ao prisioneiro, ORIENTANDO-O PARA A LIBERDADE.

Ao decidirem-se por uma via acústica para fazer chegar a mensagem, os Kameraden compreenderam que contavam com uma grande vantagem: O INIMIGO IGNORA A LÍNGUA ORIGINAL DO PRISIONEIRO. É possível, então, transmitir a mensagem simplesmente, sem duplo sentido, aproveitando que ela NÃO SERÁ COMPREENDIDA PELO INIMIGO. Com esta convicção, os Kameraden fizeram o seguinte: vários deles subiram em uma montanha próxima e, munidos de uma enorme concha, a qual permite amplificar muitíssimo o som da voz, começaram a emitir a mensagem. Fizeram-no ininterruptamente, durante anos, pois tinham jurado não abandonar a tentativa enquanto o prisioneiro não estivesse novamente livre. E a mensagem desceu da montanha, cruzou os campos e os rios, atravessou as muralhas e invadiu até o último canto da prisão. Os inimigos, a princípio, se surpreenderam, mas como essa linguagem para eles não significava nada, tomaram o som musical como pelo canto de alguma ave fabulosa e longínqua, e por final acabaram por acostumarem-se a ele e o esqueceram. Mas, o que dizia a mensagem?

Constava de duas partes. Primeiro, os Kameraden cantavam uma CANÇÃO INFANTIL. Era uma canção que O PRISIONEIRO HAVIA OUVIDO MUITAS VEZES DURANTE A SUA INFÂNCIA, lá, na PÁTRIA DOURADA, quando estavam ainda longe os dias negros da guerra e o cativeiro perpétuo só podia ser um pesadelo impossível de sonhar. Oh, que doces recordações evocava aquela melodia! Que espírito, por mais adormecido que estivesse, não despertaria, sentindo-se eternamente jovem, ao ouvir novamente as canções primordiais, aquelas que escutara embevecido nos dias felizes da infância e que, sem saber como, se transformaram em um sonho longínquo e misterioso? Sim; o prisioneiro, por mais adormecido que estivesse seu espírito, por mais que o esquecimento tivesse fechado seus sentidos, acabaria por despertar e recordar. Sentiria a nostalgia da pátria distante, comprovaria sua situação humilhante, e compreenderia que só quem conte com um valor infinito, com uma intrepidez sem limites, poderia realizar a façanha da fuga.

Se tal for o sentir do prisioneiro, então a segunda parte da mensagem lhe dará A CHAVE para encontrar a saída secreta.

Observe-se que dissemos A CHAVE e não A SAÍDA SECRETA. Porque acontece que mediante a chave o prisioneiro DEVERÁ BUSCAR a saída secreta (tarefa que não há de ser tão difícil, considerando as reduzidas dimensões da cela). Mas, logo que a encontre, terá que completar sua façanha DESCENDO até profundezas incríveis, atravessando corredores submersos em trevas impenetráveis e SUBINDO, finalmente, a cumes remotos: tal é o complicado trajeto da enigmática saída secreta. Contudo, JÁ ESTÁ A SALVO, no mesmo momento em que INICIA O REGRESSO, e nada nem ninguém conseguirá detê-lo.

Só nos falta, para completar o epílogo da alegoria, dizer uma palavra sobre a segunda parte da mensagem acústica, essa que continha a chave do segredo. Era também uma canção. Uma curiosa canção que narrava a história de um amor proibido e sublime entre um cavaleiro e uma dama já desposada. Consumido por uma paixão sem esperança, o cavaleiro havia empreendido uma longa e perigosa viagem por países longínquos e desconhecidos, durante a qual foi se fazendo especialista na arte da guerra. A princípio tratou de esquecer sua amada, mas passados muitos anos e tendo comprovado que a recordação se mantinha sempre viva em seu coração, compreendeu que deveria viver eternamente escravo do amor impossível. Então, se fez uma promessa: não importariam as aventuras que tivesse que ter em seu longo caminho, nem as alegrias ou infortúnios em que elas implicariam: interiormente ele se manteria fiel ao seu amor sem esperanças, com religiosa devoção; e nenhuma circunstância conseguiria afastá-lo de sua firme determinação.

E assim terminava a canção: recordando que em algum lugar da Terra, transformado agora em um monge guerreiro, marcha o cavaleiro valoroso, provido de uma poderosa espada e um brioso corcel, mas levando pendurado no pescoço um saquinho que contém a prova de seu drama, a CHAVE de seu segredo de amor: O ANEL DE CASAMENTO que jamais seria usado por sua dama.

Contrariamente à canção infantil da primeira parte da mensagem, esta não produzia uma imediata nostalgia, senão um sentimento de pueril curiosidade no prisioneiro. Ao escutar, vindo quem sabe de onde, em sua antiga língua natal, a história do galante cavaleiro, tão forte e valoroso, tão COMPLETO na batalha, e, no entanto, tão doce e melancólico, tão DILACERADO interiormente pela RECORDAÇÃO DE AMOR, sentia-se o cativo presa dessa curiosidade pueril que experimentam as crianças quando pressentem as promessas do sexo ou intuem os mistérios do amor. Podemos imaginar o prisioneiro cismando, perplexo pelo enigma da canção evocadora! E podemos supor, também, que finalmente encontrará uma CHAVE naquele ANEL DE CASAMENTO... que segundo a canção, jamais seria usado em casamento algum. Por indução, a ideia do ANEL o levará a buscar e encontrar a saída secreta. Até aqui a alegoria. Devemos agora destacar as relações analógicas que ligam o prisioneiro com o Eu do virya perdido.

M - Estudo analógico da alegoria do Eu prisioneiro.

Com finalidade de que a relação analógica fique claramente evidenciada, procederemos de acordo ao seguinte método: primeiro, afirmaremos uma premissa com respeito à história alegórica do “prisioneiro”; em segundo lugar, afirmaremos uma premissa referida a uma situação análoga no “virya perdido”; em terceiro lugar, COMPARAMOS ambas as premissas e extraímos a CONCLUSÃO, quer dizer, DEMONSTRAMOS a analogia.

Compreende-se que não podemos expor A TOTALIDADE das correspondências sem o risco de nos estendermos indefinidamente. Portanto, só destacaremos aquelas relações que são imprescindíveis para o nosso propósito e

deixaremos, como exercício de imaginação do leitor, a possibilidade de estabelecer muitas outras.

Recordemos, somente, que no virya perdido, o Eu perdido encontra-se imerso no sujeito consciente, quer dizer, confundido com o sujeito anímico evolutivo. Aqui preferimos considerar o Eu perdido ligado diretamente à RAZÃO, em virtude de ser este sujeito quem mais perto se encontra do mundo, quem primeiro recebe os desígnios. Por “razão”, em todo caso, há que se entender “o sujeito anímico evolutivo” do pasu, o qual evolui pela ação confusa do Eu, essa manifestação do Espírito encadeado.

1°)

a – O "prisioneiro" encontra-se à mercê de seus guardiões, os quais o mantém em perpétuo cativeiro.

b – O Eu, do virya perdido, é prisioneiro perpétuo da “razão”, quer dizer, do sujeito anímico evolutivo.

c – O "prisioneiro" e o Eu são análogos.

2°)

a – Os “guardiões” são os intermediários dinâmicos, mesquinhos por certo, entre o “prisioneiro” e o “mundo exterior”.

b – A "razão" é intermediária dinâmica, muito pobre, entre o Eu e o "mundo exterior" (no virya perdido).

c – Os "guardiões" e a "razão" são análogos. (Recordemos que quando a razão elabora uma "lei da natureza" intervêm os "princípios matemáticos" e as "premissas culturais preeminentes").

3°)

a – Os "guardiões" valem-se de uma “linguagem própria”, diferente da “língua natal” do prisioneiro, à qual este esqueceu.

b – A "razão" emprega modalidades lógicas, diferentes da "língua primordial hiperbórea" original do virya perdido, à qual este esqueceu, por sua confusão estratégica.

c – A "linguagem própria” dos guardiões é análoga às modalidades lógicas da estrutura cultural. A "língua natal" do prisioneiro é análoga à "língua primordial hiperbórea" do virya perdido.

4°)

a – O primeiro entorno do "prisioneiro" é sua “cela” da torre, que o contém quase completamente, com exceção das aberturas (porta e janela), por onde só muito fracamente podem estender-se os sentidos.

b – O primeiro entorno do Eu é a “esfera de sombra”, que o contém quase completamente.

c – A “cela” da torre é análoga à esfera de sombra do virya perdido.

5°)

a – Na "cela" há uma "janela gradeada”, por meio da qual o prisioneiro obtém uma imagem precária, mas “direta” do mundo exterior.

b – Estabelecendo um contato permanente com o Eu está a esfera “sensorial", por meio da qual este obtém uma imagem precária, mas "direta" do mundo exterior.

c – A "janela gradeada” é análoga à "esfera sensorial" (ou "os sentidos") no virya perdido.

6°)

a – Na cela há uma “porta gradeada” pela qual entram os guardiões, e com eles as notícias censuradas, quer dizer, por onde o prisioneiro obtém uma imagem “indireta” do mundo externo.
b – O Eu pode formar uma imagem “indireta” do mundo exterior mediante a “reflexão”, quer dizer, o ato pelo qual se recebe a informação “racionalizada”.
c – A “porta gradeada” é análoga ao ato de refletir ou de aperceber.
7°)
a – A cela do “prisioneiro” encontra-se em uma “torre” e está em um “pátio amuralhado”. Rodeando as muralhas há “fossos” profundos, e logo outras muralhas, e outros fossos; e assim sucessivamente até completar sete voltas de muro e fosso. Os sete circuitos de segurança desta formidável “prisão” se conectam entre si por “pontes levadiças”, “corredores”, “portões”, “grades levadiças”, etc. Além da última muralha estende-se o “mundo exterior”, o país do inimigo. Em síntese: é a “prisão” uma estrutura estática que se interpõe entre o prisioneiro e o mundo exterior.

b – Entre o Eu e o mundo exterior se interpõe uma complexa estrutura estática denominada “cultural”. A “razão”, para tornar “razoável” a informação do mundo exterior, apoia-se em certos elementos de dita estrutura estática ou “cultural”, por exemplo, as “premissas culturais preeminentes”, que significam conceitos de Relações.

c – A “prisão” é análoga à “estrutura cultural”. Também certas partes da “prisão”, muralhas, fossos, pontes, etc., são análogos a certas partes da “estrutura cultural”, isto é, as “premissas culturais preeminentes". Comentário: Tenha-se presente que, na alegoria, tanto os “guardiões” como a “prisão” são intermediários entre o prisioneiro e o mundo exterior. Mas os “guardiões” são intermediários “dinâmicos” (analogamente à “razão” no virya perdido) enquanto a “prisão” é intermediária “estática” (analogamente à “estrutura cultural” do virya perdido).
8°)
a – Além da última muralha da prisão estende-se o “mundo exterior”, aquela realidade que nunca poderá ser vista pelo “prisioneiro”, devido a que a estrutura da “prisão” limita seu movimento, já que uma “tem” permanente cuida de que se mantenha tal situação.
b – O Eu, no virya perdido, encontra-se habilmente submerso nas profundezas da estrutura cultural, flutuando perdido entre seus artificiais e estatísticos elementos e à mercê da tirania implacável que exerce a razão. A estrutura cultural rodeia completamente o Eu, salvo algumas frestas, por onde espreita debilmente a “esfera sensorial”. Além da estrutura cultural, como objeto das esferas instintiva e sensorial, estende-se o “mundo exterior”, a realidade que nunca poderá “ser vista” (em sua verdade; “tal como é”) pelo Eu perdido.
c – O "mundo exterior" além da prisão é análogo ao “mundo exterior” além da “estrutura cultural” que sujeita ao Eu no virya perdido.
9°)
a – Em uma montanha próxima, os Kameraden tratam de ajudar o “prisioneiro” a fugir da “prisão”. Para isso enviam uma mensagem, em sua língua natal, valendo-se do meio acústico. Em dita mensagem há uma “canção infantil”, para “despertar” o prisioneiro, e uma “Canção de amor”, com a “chave do anel”, para que busque a saída secreta e fuja.

b – Em um "centro" oculto chamado Agartha, os Siddhas Leais tratam de ajudar os viryas perdidos a romper as correntes que os mantêm sujeitos ao mundo material do Demiurgo. Para isso, enviam carismaticamente uma mensagem na "língua dos pássaros", valendo-se da "cabala acústica". Em dita mensagem há uma "recordação primordial", para despertar e orientar o virya, e uma "Canção de A-mort", com a "chave do anel", para que busque o centro, conquiste o Vril e abandone, como um Deus, o inferno material de Jeová-Satanás.

c – Podem-se estabelecer, entre "a" e "b", muitas analogias. Só destacaremos a mais importante: Os Kameraden são análogos aos Siddhas Hiperbóreos.

Acreditamos que os nove argumentos precedentes constituem uma eficaz demonstração da correspondência analógica que existe entre a "alegoria" e a situação do virya perdido. Mas isto não é tudo. Reservamos três componentes da alegoria (canção infantil; Canção de A-mort; saída secreta) para efetuar uma última correspondência analógica e extrair a conclusão final.

Como a validade da relação analógica existente ficou evidenciada nos argumentos precedentes, não será necessário recorrer ao mesmo método no próximo comentário: daremos por provadas as analogias que mencionamos.

Recordemos agora os motivos que nos levaram a desenvolver a alegoria. Nos propúnhamos a mostrar, de maneira analógica, o método empregado pelos Siddhas Leais para contrapor a ação da "cultura", arma estratégica da Sinarquia. Previamente esclarecemos que são os "elementos culturais interiores" o verdadeiro instrumento que a Sinarquia emprega para manter o virya "perdido", quer dizer, na confusão. Nesse estado, o Eu é sujeitado pela razão à estrutura cultural, fonte da qual se nutre, finalmente, toda atividade mental. Assim, ocorre que o Eu, quer dizer, a consciência presente do virya acaba sendo "dirigida para" o mundo "através" da estrutura cultural "pela" razão; o resultado, como dissemos várias vezes, é uma imagem deformada do mundo e um estado de confusão psíquica que dificulta enormemente a "reorientação estratégica" do virya. Contra esta situação, os Siddhas Leais, igual aos Kameraden da alegoria, se dispõem a acudir em auxílio "enviando uma mensagem".

O principal objetivo é "saltar todas as muralhas" e chegar até o prisioneiro, o Eu, com uma mensagem de duplo significado: 1º. despertar; 2º. orientar. Por isso, os Siddhas Leais "transmitem a mensagem", carismaticamente, HÁ MUITOS MILÊNIOS; alguns a ouvem, despertam e partem; outros, a maioria, continuam na confusão. Claro, não é fácil reconhecer a mensagem, porque foi emitida na língua dos pássaros... e seus sons só podem ser percebidos com o sangue.

Está claro, então? A mensagem dos Siddhas Leais permanentemente ressoa no sangue dos viryas perdidos. Quem não a ouve é porque padece da confusão estratégica ou desconhece sua existência, que vem a ser o mesmo. Mas, como DEVERIA cumprir sua missão a mensagem carismática? Em dois passos. Em primeiro lugar, os Siddhas FALAM, no sangue do virya, de uma recordação primordial, de algo ocorrido NO COMEÇO DO TEMPO, quando O ESPÍRITO AINDA NÃO HAVIA SIDO APRISIONADO PELOS DEUSES DA MATÉRIA. Como os Siddhas conseguem fazê-lo, é um Mistério muito grande, do qual só eles podem responder. Esta "recordação primordial", a "canção infantil" da alegoria, foi induzida com o propósito de que "ative" a recordação de sangue própria do virya, quer dizer, que "sinta" sua Minne.

Se tal coisa ocorre, então o virya perdido experimentará uma súbita "nostalgia de outro mundo", um desejo de "deixar tudo e partir". Tecnicamente, isto significa que a "memória de sangue" chegou "ali aonde o Eu perdido do virya se encontrava": sobre o sujeito consciente. Um contato tal, entre o Eu e a Minne, realiza-se independentemente da estrutura cultural e da razão; e esse é o objetivo buscado pelos

Siddhas. Pôde-se, pois, chegar à medula do Eu, pela via do sangue; será então, nesse fugaz momento, quando se deixará ouvir a "Canção de A-mort".

Falemos agora da segunda parte da mensagem, à qual chamamos alegoricamente de "Canção de A-mort". Em primeiro lugar, digamos que tal nome não é caprichoso, pois a Sabedoria ensina que, A PARTIR DE SUA ORIGEM NO UNIVERSO FÍSICO, quer dizer, desde sua sincronização com o Tempo, O ESPÍRITO PERMANECE ACORRENTADO À MATÉRIA POR UM MISTÉRIO DE A-MORT. Quando a recordação de sangue, ativada pela primeira parte da mensagem, ABRE UM CAMINHO (não racional; não cultural) ATÉ O EU, então, os Siddhas Leais CANTAM A CANÇÃO DE A-MORT, fazem participar o virya no Mistério. Se seu sangue é suficientemente puro para que a mensagem carismática possa ser conscientizada, então o virya tem a possibilidade de "orientar-se" para a origem e manter-se definitivamente "desperto".

Em quase todas as grandes civilizações da Antiguidade, tais como Egito, Babilônia, Grécia, Roma, etc., existiram ordens sacerdotais ou colégios de iniciados agrupados em torno de um Mistério. Na verdade, essas castas de sábios alimentavam tenazmente o propósito de salvar os restos da Sabedoria Hiperbórea, frente ao avanço corruptor de Kaly Yuga. Convém esclarecer aqui, ainda que seja brevemente, a diferença existente entre esses "Mistérios" e o Mistério de A-mort ao qual alude a segunda parte da mensagem dos Siddhas. Em primeiro lugar, recordemos que os Mistérios da Antiguidade tinham por fim perpetuar um conhecimento esotérico mediante A INICIAÇÃO, ou seja: cumpriam uma FUNÇÃO SOCIAL. Em segundo lugar, há que se ter presente que estes "Mistérios" se constituem, POR CAUSA DO KALY YUGA, em uma tentativa para salvaguardar a Sabedoria Antiga da decadência universal e da queda no exoterismo. Quer dizer que desde suas origens os Mistérios da Antiguidade estiveram LIGADOS AO TEMPO (histórico), o qual foi sempre seu verdadeiro fundamento.

Contrariamente aos "Mistérios da Antiguidade", o Mistério de A-mort não é nem social (ou iniciático) nem se encontra ligado a Tempo Histórico algum, já que sua "transmissão" carismática é sincronística e acausal, e, portanto, "sempre presente". Só têm em comum a palavra "Mistério", mas, como este fato pode provocar alguma confusão, acreditamos conveniente esclarecê-lo, para que se descarte desde o começo qualquer crença no sentido de que o Mistério de A-mort possa ser (como nos "Mistérios da Antiguidade") um mero saber esotérico ao qual se possa ter acesso por "iniciação".

O mistério de A-mort só pode ser revelado pelo sangue puro, interiormente, em um contato transcendente com o Eu que se realiza sem intervenção de categorias culturais ou racionais. É, portanto, uma experiência ABSOLUTAMENTE INDIVIDUAL, única para cada virya. Quem conhece os segredos do Mistério de A-mort não é um "iniciado", senão um TRANSMUTADO, um Siddha imortal ou, por um breve tempo, um "virya desperto".

O mistério de A-mort é um descobrimento pessoal, e, portanto: único para cada virya, sobre a VERDADE DE SUA PRÓPRIA QUEDA. Ninguém pode conhecer este segredo e continuar igual. E ninguém, muito menos, se atreveria a falar sobre isso, uma vez que a Suprema Experiência teve lugar. Pelo contrário, muitas vezes os lábios ficam selados para sempre, os olhos cegos, e os ouvidos fechados. Não são poucos os cabelos que se tornam brancos nem menos as mentes que se afundam nas trevas da loucura. Porque só um valor infinito pode sustentar, vivo e sensato, aquele que viu o Engano das Origens e compreendeu, por fim, O COMO E O PORQUÊ DE SUA QUEDA. Sendo o peso do segredo tão terrível, compreende-se por que dizemos que jamais pode haver no mundo algum indício do Mistério de A-mort e só alguém irresponsável ou louco afirmaria o contrário. A Sabedoria Hiperbórea oferece

TÉCNICAS DE PURIFICAÇÃO SANGUÍNEA que tem por finalidade APROXIMAR AO MISTÉRIO. Mas o Mistério em si, descobre-se interiormente, é único para cada virya e NINGUÉM DEVE FALAR DELE.

A alegórica história do prisioneiro nos permitiu expor de maneira simples o método empregado pelos Siddhas Leais para guiar os viryas perdidos. A mensagem carismática consegue, se é escutada, "despertar" o virya, colocando-o em contato com sua memória de sangue, com sua Minne. Em continuação, o faz participar do Mistério de A-mort, Suprema Experiência que ANULA, segundo dissemos, a Estratégia cultural da Sinarquia. Mas NÃO PODEMOS saber em que consiste o Mistério de A-mort até não o ter vivido individualmente. Só temos dele os INDÍCIOS GERAIS que deixaram AQUELES QUE SE TRANSMUTARAM E PARTIRAM. Com base em tais indícios, podemos afirmar que o Mistério de A-mort é experimentado de SETE MANEIRAS DIFERENTES pelos viryas e que, justamente, essa é a razão pela qual a Sabedoria Hiperbórea prevê sete vias de liberação (secretas).

De acordo ao modo em que o Mistério de A-mort foi gnosticamente percebido será a via de liberação adotada e é por isso que se costuma falar de uma "via da mutação" ou "do raio", de uma "via seca" ou "Caminho da mão direita", de uma "via úmida" ou "caminho da mão esquerda", de uma "via da oposição estratégica" ou "via da gnose guerreira para o retorno absoluto", etc.

Não falaremos, desde já, de todas as vias de liberação, senão daquela que tem especial relação com este inciso, quer dizer, a via da oposição estratégica, que era a seguida pelos iniciados da Einherjar. Contudo, não podemos deixar de mencionar que o Mistério de A-mort, revelado pelos Siddhas Leais, é a antiga base dos sistemas tântricos do Tibete, ainda que na atualidade tais yogas perderam seu sentido gnóstico, com exceção do TANTRA KAULA, que ainda conserva parte da Sabedoria.

Na alegoria, a segunda parte da mensagem era bastante extensa porque se referia também às "outras vias" de liberação que pode "abrir" o Mistério de A-mort. Mas o prisioneiro encontrou a chave no ANEL DE CASAMENTO e isto significa, analogicamente, que optou pela via da oposição estratégica. A mensagem chegou a ele "por via acústica", quer dizer, gnosticamente e, ao tomar consciência de seu conteúdo, por meio da chave revelada, encontra na cela UM ANEL, o qual permite ABRIR A SAÍDA SECRETA.

A "cela", segundo o argumento 4, é análoga à esfera de sombra. Mas, como substrato da esfera de sombra encontra-se a estrutura cultural: um ANEL "dissimulado" no piso da cela corresponde a um PRICÍPIO MATEMÁTICO, a um símbolo arquetípico integrado, "dissimulado", no esquema de uma Relação.

A alegoria permite-nos compreender, então, que os Siddhas, com sua mensagem carismática, DES-COBREM UM PRINCÍPIO MATEMÁTICO que permanecia inconsciente na estrutura cultural, ao qual denominamos PRINCÍPIO DO CERCO. Daí que:

10°)

c – O "anel" na cela do prisioneiro é análogo ao "princípio do cerco", princípio matemático, ou arquétipo coletivo que permanecia inconsciente no virya perdido e que a mensagem dos Siddhas DES-COBRIU.

Havíamos demonstrado mais atrás que "no processo mental que dá lugar à "ideia científica" de um fenômeno concorrem elementos de duas fontes principais: os "princípios matemáticos" e as "premissas culturais preeminentes". Isto se verifica principalmente ao formular uma "lei da natureza", a qual explica o comportamento de um fenômeno estabelecendo relações causais entre aspectos dele. Ponhamos um exemplo simples: desejamos "medir" o lado de um poliedro regular. Aqui o fenômeno é um corpo com forma de poliedro regular, quer dizer, um "ente fenomênico". Tomamos

para isso a “régua graduada”, quer dizer, uma superfície plana sobre a qual se encontram gravadas as unidades de longitude e da qual estamos certos de que um de seus lados é perfeitamente reto. Fazemos coincidir o zero da régua com o “começo” do lado que vamos medir. Observamos agora que o “fim” do lado coincide com o número cinco da régua e afirmamos sem mais delongas que, “no poliedro, o lado mede cinco centímetros”. Realizamos, como se verá, uma série de operações subjetivas cujas conclusões, no entanto, podem ser confirmadas por outros observadores; esta possibilidade de comprovação é o que dá peso de “lei da natureza” ao fato mencionado.

Mas ocorre que, na régua, que acreditamos numerada, na realidade há símbolos gravados que REPRESENTAM números, não números em si. Os números são princípios matemáticos próprios da estrutura cultural, ou seja, elementos subjetivos que intervêm no ato de “reconhecer que o limite do lado coincide com o sinal 5”. Se dizemos “mede cinco centímetros”, estamos realizando a afirmação de uma qualidade empírica: “existe uma proporção (quer dizer, uma relação matemática) entre a longitude do lado do poliedro e a longitude do meridiano terrestre”. Esta proporção é fixa ou CONSTANTE (= 5 cm) e constitui uma “relação entre aspectos de um fenômeno”, ou seja, “uma lei da natureza”.

O CENTÍMETRO equivale à centésima parte de um metro e este à décima milionésima parte de um quarto de meridiano terrestre.

O ente fenomênico se nos apresentou COMPLETO, íntegro em sua manifestação. Porém não é possível apreendê-lo em sua totalidade; por pouco que o observemos, UMA PARTE do mesmo se nos faz eminente, sobressaindo e destacando-se sobre OUTROS ASPECTOS. A UNIDADE do fenômeno ficou quebrada em favor da PLURALIDADE de qualidades que somos capazes de atribuir-lhe. Distinguimos DUAS faces quadradas e, em cada face, QUATRO arestas e QUATRO ângulos, etc. Logo praticamos a MEDIÇÃO de uma aresta ou lado e estabelecemos uma “lei da natureza”: “a longitude do lado é proporcional à longitude do meridiano terrestre e sua razão é de 5 cm”.

Nesta operação que acabamos de descrever intervieram os princípios matemáticos (quando distinguimos Duas faces, QUATRO arestas, etc.) e as “premissas culturais preeminentes” (quando se tornou “eminente” a face, o lado ou qualquer outra qualidade). As duas fontes concorrem no ato racional de “relacionar” (medir) aspectos do fenômeno e postular uma “lei da natureza” (mede 5 cm) que pode ser universalmente comprovada.

Esperamos ter deixado claro que os PRINCÍPIOS MATEMÁTICOS (o UM, o DOIS, o QUADRADO, etc.), por serem propriedades intrínsecas da estrutura mental, INTERVÊM A PRIORI na formulação de uma lei da natureza. Quanto aos “números” do mundo, esses que aparecem gravados na régua graduada, são só SINAIS CULTURAIS DE REPRESENTAÇÃO, aos quais RECONHECEMOS graças à aprendizagem convencional. Houve povos antigos que representavam os números com nós ou ideogramas; é presumível que um instrumento de medição composto de uma vara, na qual se gravaram hieróglifos, não significaria, em princípio, nada para nós se não conseguimos “ler” os sinais, quer dizer, realizar as representações numéricas.

A análise epistemológica sobre o modo como o virya estabelece uma lei da natureza há de levar-nos fatalmente à conclusão de que seria impossível que o princípio do cerco fosse localizado no mundo, como propriedade dos entes, e pudesse ser formulado em uma linguagem sociocultural. Pelo contrário, o que pode ocorrer, em todo caso, é que o princípio do cerco seja projetado, consciente ou inconscientemente, sobre um fenômeno e seja logo descoberto nele como relação eminente entre qualidades; naturalmente, dependerá do tipo de fenômeno, representando a complexidade com a

qual o princípio do cerco seja empiricamente “re-conhecido” e introjetado na estrutura psíquica.

Em resumo, o “princípio do cerco”, descoberto à consciência pela mensagem dos Siddhas Leais, é também um princípio matemático e como tal, intervirá “a priori” em toda percepção fenomênica. Os números naturais (que estão na mente) nos permitem “contar” (um, dois) as metades dessa maçã (que está no mundo). O princípio do cerco (que está na mente) nos permite aplicar a “lei do cerco” sobre esse fenômeno (que está no mundo). Percorremos um longo caminho para chegar a esta conclusão. Expressemo-la agora de maneira geral: O PRINCÍPIO DO CERCO FARÁ POSSÍVEL A DETERMINAÇÃO DA LEI DO CERCO EM TODO FENÔMENO E EM QUALQUER RELAÇÃO ENTRE FENÔMENOS.

Mas o princípio do cerco é, geralmente, inconsciente e só aqueles que conseguem ouvir a mensagem dos Siddhas Leais podem incorporá-lo à esfera consciente. E só eles, os viryas despertos, serão capazes de aplicar a lei do cerco em uma estratégia guerreira que assegura o retorno à origem.

Como última reflexão, com respeito à alegoria, digamos que quando o prisioneiro “puxa o anel” e descobre a saída secreta, está efetuando uma ação análoga à quando o virya desperto “aplica a lei do cerco”, segundo a técnica arquemônica, e abre unívoca e irreversivelmente uma via para o Vril.

Ficou explicado, então, o método que os Siddhas Leais empregam para contrapor à “cultura”, arma estratégica inimiga. Eles enviam Sua mensagem que tem por finalidade DESPERTAR no virya a recordação do sangue e ORIENTÁ-LO para o Vril, sua “saída secreta”. Para isto o induzem a descobrir o “princípio do cerco” e a aplicar, logo, a “técnica arquemônica”.

O princípio do cerco É INFALÍVEL para os fins estratégicos propostos e tanto pode ser aplicado individual como coletivamente. A história abunda em exemplos de viryas que aplicaram técnicas baseadas na Sabedoria Hiperbórea para imortalizarem-se como Siddhas ou para conduzir um povo de sangue puro para a mutação coletiva; como prova dessas gloriosas ações ficaram numerosas construções de pedra, que ninguém compreende em nossos dias, porque para isso teria que possuir uma visão fundamentada no princípio do cerco. Ao virya desperto, conhecedor da técnica arquemônica, um só olhar sobre as construções megalíticas, sobre Montségur[8] ou sobre os K.Z.[9] basta-lhe para interpretar corretamente a Estratégia Hiperbórea na qual se baseou sua construção. Digamos finalmente que quem é consciente do princípio do cerco SUPEROU a estratégia cultural inimiga e PODE REALIZAR O DUPLO ISOLAMENTO, DO EU E DO MICROCOSMO.

O princípio do cerco permitirá fixar os limites do sujeito consciente, isolando o Eu das premissas culturais preeminentes, e transladando-o para o “centro” ou Selbst.

A técnica arquemônica permitirá, ENTÃO, isolar o microcosmo do macrocosmo, ganhando um tempo e um espaço próprios, ou seja, a imortalidade: o microcosmo ou corpo físico se terá transmutado em VRAJA, a matéria incorruptível.

---

[8] Montségur, Castelo sobre o Pog, no Languedoc francês, construído pelos Cátaros segundo a técnica arquemônica.

[9] K.Z. (KONZENTRATIONSLAGER) "Campo de concentração" da SS, não eram sinistras prisões como pretende a propaganda Sinárquica, senão maravilhosas "máquinas mágicas" para acelerar a Mutação Coletiva, construídos segundo a técnica arquemônica que ensina a Sabedoria Hiperbórea.

N – O risco do virya.

Os Berserkiren, iniciados da Einherjar, aplicavam o princípio do cerco no Valplads mediante a técnica arquemônica. Sua arquêmona (um "anel de água") dividia topologicamente o Valplads em duas partes: uma "exterior", o Valplads propriamente dito, e uma "interior" ou "praça".

Quando o Berserkir ocupou a praça e por meio da "oposição estratégica" aplica a lei do cerco sobre a arquêmona, se produz a dessincronização temporal e, se a oposição é suficiente, a independência final com respeito ao tempo do Valplads. Mas o tempo do Valplads é "o transcendente fluir da consciência do Demiurgo"; independer-se dele, dispor de "um tempo próprio do microcosmo", significa estar à margem de toda determinação de "primeira" ou de "segunda ordem". O Demiurgo perdeu "momentaneamente" sua capacidade para agir sobre o virya e este "momento", o tempo próprio, é aproveitado para DIRIGIR-SE, AVANÇAR para a origem.

É possível, assim, conquistar o Vril e transmutar-se em Siddha imortal. Mas, o que acontece se não se alcança o centro, seja porque faltou pureza, seja porque se temeu dar o Grande Salto? Segundo explicamos em "F", sua consequência imediata é a DESVANTAGEM ESTRATÉGICA, uma posição de fraqueza frente à Estratégia inimiga que, em muitos casos, conduz à loucura. E por isso, por causa de tais riscos, sempre se avisa que só quem possua um valor infinito, e esteja despojado de toda moral ou dogma, poderá empregar a técnica arquemônica com probabilidades de êxito. Mas, se se conta com o valor suficiente e um total desapego pelas "coisas do mundo", sempre é possível realizar a operação inversa de "sincronizar-se" com o tempo do Valplads, ainda que esta operação implique em uma terrível nivelação de forças. Isto se deve a que, durante a "operação estratégica", fica apresentada uma "SITZKRIEG" ou guerra de sítio, na qual o inimigo aplica toda a potência da sua Estratégia sobre a arquêmona, quer dizer, contra a praça. Enfrentam-se ali duas Estratégias, uma, a vontade do Demiurgo aplicada em manter o encadeamento material do virya, outra, a Estratégia Hiperbórea daquele que escolheu, para empreender o retorno, seguir a via da oposição estratégica com sua técnica arquemônica. Se o virya decide continuar ocupando a praça, enquanto busca a SAÍDA INTERIOR, deve preparar-se para resistir a uma pressão cada vez maior do inimigo. Se decide, pelo contrário, "sincronizar-se" e regressar ao Valplads, deve preparar-se para enfrentar um perigo certo de loucura, produto do "desajuste arquetípico" consequente, do qual só o pode salvar, sem dúvida, sua pureza sanguínea.

Ao fim de tão longo caminho, só nos resta dar o último passo "em busca do princípio do cerco".

O – O ato de guerra individual do virya desperto.

A ordem guerreira medieval Einherjar seguia um Caminho Hiperbóreo de liberação espiritual denominado "via da oposição estratégica". Para resumir tudo em um conceito, podemos afirmar que dita via permite ao virya desperto, considerado como microcosmo potencial, OBTER AUTONOMIA ESPACIAL E TEMPORAL. Mas, se o virya desperto NÃO É um ente autônomo, um microcosmo atual, o que significa tal autonomia espaço-temporal obtida pela via da oposição estratégica? Resposta: que a autonomia NÃO SERÁ DIRETA, quer dizer, produto da enteléquia do Arquétipo Manu, de existir como microcosmo atual, senão INDIRETA, produto do ISOLAMENTO ÔNTICO QUE O ESPÍRITO PODE SUBMETER AO MICROCOSMO POTENCIAL. Não importa, então, o grau evolutivo do microcosmo, pois o isolamento ocorrerá desde fora, sem tomar em conta a enteléquia. O que terá, pelo contrário, capital importância, será a pureza de sangue, a qualidade com que o Eu consiga intuir o Símbolo da Origem, pois disso dependerá a eficácia estratégica do isolamento.

E como propõe dita via de liberação a isolar o microcosmo potencial do virya desperto? Resposta: A técnica arquemônica permite dominar o espaço, e a oposição estratégica faz possível o domínio do tempo. Com outras palavras: a técnica arquemônica oferece a possibilidade, ao virya desperto, de iniciar uma ação individual de guerra, cujo fim imediato é ILIMITAR um espaço do Valplads e subtraí-lo ao controle do Demiurgo; em tal área estratégica, ou arquêmona, o microcosmo potencial estará isolado ESPACIALMENTE do macrocosmo; então, DESDE A ARQUÊMONA, poderá isolar-se TEMPORALMENTE praticando a oposição estratégica. Trata-se, pois, de dois atos essencialmente vinculados, de dois passos correlativos no Caminho de Liberação Espiritual. Neste e nos próximos artigos vamos explicar ambos os passos, a "técnica arquemônica" para criar o espaço e a "oposição estratégica" para criar o tempo, começando pelo princípio.

Tal como se deixou entrever em "G", a criação de uma arquêmona tem outras aplicações, à parte de servir de "praça segura" na Estratégia pessoal do virya desperto. Quando o princípio do cerco se revelou ao Eu, a arquêmona tanto pode ser "exterior" como "interior" ao microcosmo: se é exterior pode se constituir, com efeito, no refúgio do virya, mas também, junto com as runas, há de ser útil como arma ou instrumento para exercer o controle sobre os entes; se é interior, sua ação pode cercar o Eu e isolá-lo do sujeito consciente, facilitando assim imensamente as possibilidades de romper o encadeamento espiritual, mas também há de ser útil para enquadrar e ressignificar todo símbolo da estrutura psíquica, especialmente os mitos autônomos, cujo poder perturbador já descrevemos. E isto, só para nomear algumas das incontáveis possibilidades da arquêmona, todas as quais são de uso corrente para o iniciado hiperbóreo, virya desperto ou Siddha Berserkir. Aqui, é claro, vamos nos referir unicamente à prática concreta da via da oposição estratégica, tal como se ensinava na Ordem Einherjar.

No caso que temos que estudar, o virya desperto opera uma arquêmona exterior, quer dizer, UM CERCO PLASMADO NO VALPLADS, em algum espaço de significação macrocósmica do Demiurgo. Naturalmente, se o leitor desta obra desconhece o princípio do cerco TOTAL, válido em todo espaço, será muito difícil avançar com a explicação; contudo, se baseamos o desenvolvimento em uma consequência topológica intuitiva do princípio do cerco, "divide seu plano em duas partes", é possível obter evidência por indução analógica. Então, sem esquecer em nenhum momento que se trata de uma grosseira analogia geométrica, vamos representar graficamente a arquêmona exterior; ver figura 33.

Na verdade, e isto o afirmamos enfaticamente, o desenho mal representa a ARMA PESSOAL MAIS PERFEITA E TEMÍVEL DE TODO O UNIVERSO MATERIAL: UM INSTRUMENTO QUE CONCEDE AO VIRYA OS PODERES DE UM DEUS. Observemos, na figura, dois elementos bem definidos: a "curva fechada" da arquêmona, em cor azul, e um sigilo exterior na cor vermelha. O primeiro elemento é essencial na técnica arquemônica e o segundo corresponde à teoria da oposição estratégica, que exporemos em último lugar.

Estudaremos a operação da arquêmona analogicamente, passo por passo, e para isso começaremos por descrever a atitude típica do virya desperto no momento de lançar-se ao assalto. O primeiro passo do virya desperto, com efeito, consiste em ASSALTAR E OCUPAR um lugar do macrocosmo, atuando gnosticamente, com pleno conhecimento dos alcances de sua ação ofensiva. Será um ataque de surpresa: um golpe descarregado no momento justo, na oportunidade precisa, porque o instante da ação não foi antecipado pela razão, senão determinado pelo KAIROS da Honra, momento no qual se canaliza o valor absoluto de guerreiro hiperbóreo. É o assalto surpresa de um lugar que se realiza simultaneamente com uma tomada de posição

espiritual. Mas esse lugar assaltado jamais poderia ter sido defendido pelo Demiurgo porque é impossível para Ele prever o lugar e o momento de um ataque que nunca foi planejado pela razão do virya, nem imaginado pelo sujeito consciente: o kairos, a oportunidade de agir, é determinado pela vontade graciosa da esfera Ehre (1) e só rege o Eu desperto.

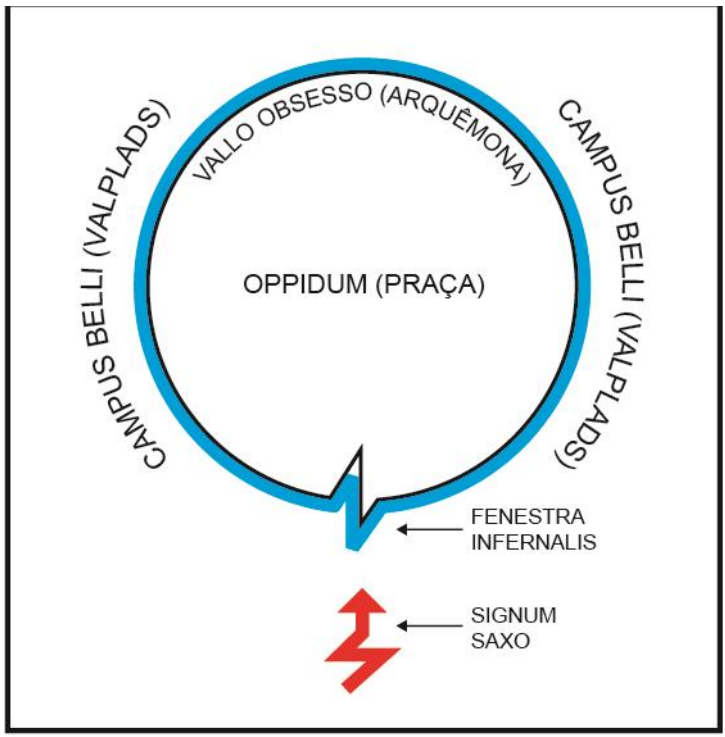


FIGURA 33

O virya desperto só conhece a técnica arquemônica; o lugar e o momento de agir será assinalado pelo kairos. É tão rigorosa esta condição que GRANDE PARTE DA INICIAÇÃO HIPERBÓREA CONSISTE EM CONSEGUIR QUE, PARA O EU DESPERTO, O LUGAR NÃO IMPORTE ABSOLUTAMENTE EM NADA: AO VIRYA DESPERTO DEVE SER INDIFERENTE O LUGAR QUE VAI CONQUISTAR NO MACROCOSMO, PORQUE TODO ESPAÇO É PARTE DE MAYA, A ILUSÃO DO REAL.

Para o virya desperto todo espaço do macrocosmo constitui o Valplads, o campo de batalha dos heróis, onde se luta sem se importar com a morte, porque o que morre no “campus belli” é ressuscitado por Wotan e os Siddhas no Valhalla. Por isso, o guerreiro hiperbóreo jamais mede as forças em jogo, jamais especula nem faz cálculos materiais: isso é costume de medíocres e de judeus. Não é a esse tipo de “Estratégia” à qual nos referiremos aqui. O guerreiro hiperbóreo se lança ao combate,

SEM CALCULAR RISCOS, PORQUE PARA ELE O FUTURO NÃO EXISTE: SEU ROSTO, COMO O DA NORNA URD, OLHA SÓ PARA A ORIGEM. De que sinal se guia, então, para lutar e deixar de lutar? Quer dizer, em que princípio fundamenta seu critério guerreiro? Resposta: na HONRA, a moral absoluta do virya desperto. Tal como veremos na Segunda Parte, A HONRA, QUE É O ATO DA VONTADE GRACIOSA RESOLUTA, MANIFESTA-SE EM UMA ESPÉCIE TEMPORAL PRÓPRIA, DENOMINADA KAIROS: kairos é O momento de agir com honra, A oportunidade de acertar um golpe no inimigo, A ocasião de marchar para a Origem, O instante de morrer com valor para ressuscitar com glória. Evidentemente, o kairos da honra dificilmente coincide com o que o homem corrente, pasu ou virya perdido, entende por "motivação interessante para agir": por exemplo, o dinheiro, a fama, o Prêmio Nobel, etc.

Pois bem, ainda que pareça estranho aos MENTECAPTOS, o certo é que o virya desperto não inicia a luta, senão quando seu kairos o decide e então o faz resolutamente, sem medir riscos, sem que importe "ganhar" ou "perder". Não é que o ato de lutar "seja uma questão de honra", senão que o ato e a honra são uma e a mesma coisa: VONTADE EGOICA, QUER DIZER, FORÇA DE ORIGEM ESPIRITUAL, VALOR INTRÉPIDO.

Estamos, pois, em que o virya desperto, no kairos justo, realiza um ATO DE GUERRA INDIVIDUAL. Mas todo ATO, definindo-se, se reveste de um caráter, uma forma representativa; sob que características se expressa a atitude bélica, na via da oposição estratégica? Resposta: Todo virya que vai pelo Caminho da Liberação Espiritual, segundo veremos na Segunda Parte, deve começar por professar a Tese Fundamental da Sabedoria Hiperbórea. Em dita Tese, afirma-se que o modo de existência NORMAL do Espírito cativo é tão essencialmente oposto ao Universo material do Demiurgo, que sua única característica EXTERIOR é a HOSTILIDADE. Naturalmente, a Tese narra uma lenda, uma história das origens, uma vez que todo Espírito cativo foi neutralizado em sua hostilidade essencial pela traição primordial dos Siddhas Traidores, quer dizer, foi reduzido ao estado de ANORMALIDADE que explicamos nos primeiros incisos, por meio do Modelo da Esfera. Mas o Mistério do Espírito cativo só pode ser insinuado pela Tese ou por qualquer explicação analógica: a verdade, a única e efetiva verdade, está no interior de cada um, na memória de sangue. Ali deve concorrer o virya PARA CONFIRMAR A TESE. POR ISSO, PARA QUEM ESCUTOU A VOZ DO SANGUE PURO E DECIDE COMBATER, O ATO DE GUERRA INDIVIDUAL NÃO PODE SE CARACTERIZAR DE OUTRA MANEIRA DO QUE PELO ÓDIO GNÓSTICO PARA COM O MUNDO DO DEMIURGO: O VIRYA DESPERTO TRATARÁ DE EXPERIMENTAR, A TODO MOMENTO, "A HOSTILIDADE ESSENCIAL", PROCURANDO REORIENTAR ESTRATEGICAMENTE O ESPÍRITO INVERTIDO. E essa hostilidade essencial, que outrora estendera o Espírito Hiperbóreo contra o Universo material do Uno, será o caráter de que se revestirá, no mínimo, o ato de guerra que o virya desperto executará contra o Mal, isto é, contra o macrocosmo do Demiurgo Jeová-Satanás.

Há que se entender que a hostilidade para com a matéria constitui o principal ingrediente da atitude gnóstica, o caráter que revela claramente a presença do Espírito. O contrário também é certo: sem hostilidade não há gnose; um virya pode ser muito versado em temas de ocultismo, e inclusive conhecer a Tese Fundamental, mas se não se adota uma posição de hostilidade ativa, o mais provável é que permaneça toda a vida na confusão, sem se aproximar nem um milímetro ao Espírito. O que impede o virya de manifestar uma hostilidade aberta, está claro, é o temor; um temor cuja origem é a impureza de sangue, as tendências animais do pasu que lutam contra a herança da linhagem hiperbórea. Mas não se acredite que, por ceder ao temor, obter-se-á a paz: O CONTRÁRIO DA HOSTILIDADE DO ESPÍRITO NÃO É "A PAZ DA ALMA",

SENÃO O ENTORPECIMENTO DO EU; como se verá na Segunda Parte, o temor envenena o sangue e faz possível que o Eu seja anestesiado e fagocitado pelos Arquétipos psicoides. A permanente hostilidade para com o mundo, o desprezo para com a matéria, a repugnância pela animalidade humana, a indiferença para com o dinheiro, prazer, status, ou qualquer outro ideal judaico semelhante, são traços que fortalecem o Espírito e criam vontade. E a vontade graciosa da Honra, que é o VALOR ABOLUTO DE TODO GUERREIRO HIPERBÓREO, manifesta-se no kairos, revela a oportunidade justa em que se deve atuar resolutamente, intrepidamente, contra o inimigo.

Para compreender até onde o ato de guerra do virya desperto é ÍMPIO E ABOMINÁVEL AOS OLHOS DO DEMIURGO, só há que se observar que esse ato implica no desconhecimento voluntário da ordem material da suprafinalidade ôntica. Mais ainda: o ato de guerra individual, realizado com hostilidade essencial em seu Kairos, SUPÕE UM DESAFIO INCRÍVEL, UMA REBELIÃO LUCIFÉRICA, cujos ecos ressoam em todos os "planos" do macrocosmo, em todos os "céus", nos mais sombrios meandros da alma universal. E um desafio tal, que foi declarado gnosticamente, com profundo conhecimento e que, portanto, é essencial e irrevogável, NÃO PODE SER IGNORADO PELO DEMIURGO, NÃO PODE SER DEIXADO DE LADO PELO GRANDE ENGANADOR. Por isso, a reação inimiga não se deixa esperar e em breve o virya desperto deve enfrentar o Terrível Segredo de Maya, a SEGUNDA INTENÇÃO DO DEMIURGO voltada a conseguir sua destruição. Nesse choque estratégico, o virya deve demonstrar o valor de seu kairos, resistindo com vontade de aço aos mil enganos do inimigo. Atuará como a Tese Fundamental afirma que atuaram os Espíritos Hiperbóreos na Origem: apresentará uma hostilidade essencial para com o mundo do Demiurgo, sem que importe em nada o que ocorre no Valplads, o quanto Ele faz para enganá-lo e destruí-lo; naturalmente, não descuidará de suas costas, MAS APROVEITARÁ O KAIROS PARA TENTAR A CONQUISTA DO VRIL, O DESENCADEAMENTO DO ESPÍRITO CATIVO. Se tal é a resolução do virya, se tão gnósticos são seus objetivos, ENTÃO TUDO ESTARÁ DITO, NÃO HAVERÁ MAIS PALAVRAS ENGANOSAS NEM VÃOS SINAIS: O ENFRENTAMENTO SE TRANSLADARÁ ALÉM DO VÉU DE MAYA, A UMA INSTÂNCIA ABSOLUTA NA QUAL O GUERREIRO HIPERBÓREO E O DEMIURGO LUTARÃO CARA A CARA. E, como na Origem da Queda, na luta estará novamente em jogo o encadeamento espiritual: o virya desperto atacou para liberar seu Espírito cativo e o Demiurgo responde para submeter o Espírito a uma maior e mais atroz confusão.

P – Explicação alegórica do cerco infinito.

Agora que temos claro o caráter de que se reveste o ato individual de guerra do virya desperto, estamos em condições de compreender a técnica arquemônica. Com efeito, o primeiro passo do virya se concretiza quando aplica o princípio do cerco no Valplads e estabelece uma vala "que divide o espaço em duas partes"; na figura 33 representou-se simbolicamente tal situação.

O assalto à praça se executa em UM SÓ ATO IMPREVISTO, quando o kairos propício o decide. A técnica arquemônica assegura que em dito ato unitário concorram DUAS EXPRESSÕES: por uma parte, o virya projeta o sinal do princípio do cerco sobre um espaço do macrocosmo; Por outro lado, simultaneamente com a primeira expressão e SOBRE a mesma, o virya projeta o Sinal da origem. O efeito de tal ato é a produção de um ESPAÇO ESTRATÉGICO, ou praça, "limitado" pelo sinal do princípio do cerco ou "ilimitado" pelo Sinal da origem. Para que se entenda melhor, recordemos, antes de tudo, que SOBRE O SINAL DA ORIGEM SEMPRE SE REFLETE O POLO INFINITO, quer dizer, o ponto de convergência de todos os olhares do Espírito-esfera invertido: o Eu Infinito. Mas o sinal do cerco, por exemplo, um círculo como o da figura 33, é

arquetípico e, portanto, FINITO: ao aplicar sobre seu perímetro o Sinal da origem se está introduzindo em todos os seus pontos o POLO INFINITO, o INFINITO ATUAL. O que ocorre, então? Resposta: a produção de um CERCO INFINITO.

O cerco infinito é que determina o espaço estratégico da arquêmona ou praça. Na figura 33 se respeitaram as denominações latinas que utilizava a Einherjar; o cerco infinito era, para os Berserkiren, o VALLO OBSESSO, quer dizer, uma vala defensiva levantada contra o sítio inimigo; o Vallo Obsesso separava o OPPIDUM, ou praça forte, do CAMPUS BELLI, o campo de batalha ou Valplads. Quando o virya desperto assalta a praça e se isola por trás de um cerco infinito fica apresentada uma OBSIDIUM BELLI, quer dizer, uma SITZKRIEG, uma GUERRA DE SÍTIO. É então quando se deixa sentir a pressão inimiga em toda sua intensidade, tentando romper o cerco infinito. No entanto, tal como dissemos anteriormente, a conquista da arquêmona é de todo impossível para o Demiurgo, A MENOS QUE A QUEDA SE ORIGINE EM UMA FALHA ESTRATÉGICA DO VIRYA, EM UM ERRO INTERIOR, quer dizer, a menos que o virya fique em DESVANTAGEM ESTRATÉGICA; desde já, tal catástrofe é mais que provável, se se atua fora do kairos.

Sem dúvida, há de chamar atenção a "enorme resistência" que parece possuir a arquêmona, capaz de suportar o sítio exterior do Demiurgo sem ceder em sua função isolante. E esta estranheza não tem outra causa do que a ignorância das propriedades do cerco infinito, propriedades maravilhosas que a razão tentará desconhecer e negar como possibilidades reais. Contudo, não é fácil oferecer uma explicação absoluta do cerco infinito: são muitas as variáveis que se desconhecem ou não se definiram aqui, como, por exemplo, o princípio TOTAL do cerco ou o Sinal da origem. Muito mais simples, pelo contrário, mas também menos preciso, é recorrer a um exemplo alegórico que permite induzir claramente a ideia do cerco infinito, que mostre de maneira inequívoca a propriedade que impede ao Demiurgo sua destruição. Seguiremos este último caminho, sem esquecer que, da mesma forma que com o princípio do cerco, aqui estamos reduzindo à sua mínima expressão um princípio que tem validade na totalidade de planos, espaços, ou "mundos" que integram o macrocosmo; mas, se deste modo conseguimos que o paradoxal conceito de cerco infinito se torne inteligível, o caminho seguido ficará evidentemente justificado.

A propriedade que vamos explicar analogicamente é a seguinte: O CERCO INFINITO NÃO PODE SER RODEADO. Ainda que complexa de estender à totalidade multidimensional do macrocosmo, esta propriedade é extremamente simples de exibir em um exemplo alegórico.

Suponhamos, para isso, que uma tribo guerreira da Antiguidade, após uma longa travessia, durante a qual perambulou muitos anos e se afastou definitivamente de sua origem, decidi deter-se e estabelecer-se em certo país. Mas, ocorre que aquela região está dominada por uma tribo de outra raça, inimiga mortal dos estrangeiros. Não obstante o perigo, os recém chegados acampam em território inimigo e começam a preparar a defesa.

A base da estratégia consistia em fortificar a praça, de maneira tal que, ao cabo de alguns anos de estadia, em um lugar escolhido pelos estrangeiros, levantou-se uma respeitável cidadela. Uma MURALHA DE PEDRA, de considerável resistência, envolvia a cidadela para proteger seus moradores de possíveis ataques.

Pois bem, eis que um dia a tribo nativa, intensamente irritada pela presença estrangeira, decide atacar com todos os seus meios, a fim de destruir a cidade e aniquilar os intrusos. E, como a diferença de meios é esmagadoramente favorável aos nativos, SE SÓ SE TRATASSE DE FORÇAS, o mais previsível é a pronta queda da praça. É que os nativos superam em número de dez a um os estrangeiros, e trazem consigo máquinas de guerra suficientemente poderosas para tentar com êxito abrir uma

brecha na muralha de pedra. Claramente seus planos visam rodear e sitiar, com tropas equipadas para uma longa estadia, a cidadela, enquanto suas máquinas exercem uma permanente pressão sobre a muralha de pedra.

Neste momento da alegoria, a situação dos estrangeiros seria altamente comprometida, pois a defesa principal de sua muralha encontra-se a ponto de cair. Normalmente, não haveria salvação possível para os sitiados. Mas, o que ocorreria se a muralha de pedra fosse, ou pudesse ser transformada em um CERCO INFINITO? Como o comprovaremos em seguida, na resposta a esta pergunta, não se trata de "resistência", nem de nenhuma outra qualidade física, a propriedade invulnerável do cerco infinito, senão de Estratégia: o cerco infinito é invulnerável porque é um CERCO ESTRATÉGICO, estendido pelo Espírito para favorecer sua própria reorientação.

Suponhamos então que, dentro da cidadela, a tribo estrangeira conta com uma elite de sacerdotes cainitas, quer dizer, com viryas despertos treinados na Sabedoria Hiperbórea. Quando os sentinelas informam que se aproxima o exército inimigo, os sacerdotes cainitas, mediante as técnicas adequadas, projetam sobre a muralha de pedra o Sinal da origem e produzem um cerco infinito. A partir desse ato, a guerra está perdida para os nativos: JAMAIS PODERÃO SITIAR A FORTALEZA E, PELO CONTRÁRIO, CORRERÃO O RISCO DE SEREM DESTRUÍDOS POUCO A POUCO, POR CAUSA DAS SAÍDAS DE SURPRESA COM QUE ATACARÃO OS SITIADOS.

Para entender esta reviravolta na situação, provocada pelo cerco infinito, há que se imaginar o exército nativo tratando de rodear a muralha e sem poder conseguí-lo de nenhuma maneira: um esquadrão, por exemplo, é enviado por um chefe para postar-se frente a uma torre; os soldados chegam até ela e se dispõem a acampar, mas, sem que ninguém saiba explicar como, de repente comprovam que a torre não está onde acreditavam, senão em outra parte, mais adiante ou mais atrás; se ainda falta um trecho, o cobrirão, pensando que se confundiram, que foram vítimas de uma ilusão semelhante às miragens do deserto; mas se a torre parece estar atrás, nenhum deles poderá acreditar com convicção que marcharam diante dela sem vê-la; então, começará a murmuração e o temor supersticioso; mas quando a torre se encontre novamente à frente deles, e volte a se repetir a mesma cena de seu deslocamento, o temor se transformará em pânico; especialmente quando alguns soldados acreditem perceber uma alteração da muralha, COMO SE ALGO NELA GIRASSE, ALGO QUE NÃO É A PRÓPRIA MURALHA, SENÃO A SUA FORMA; isto é: a forma das pedras, e não as próprias pedras é o que parece mudar ameaçadoramente, ante a vista confusa dos rudes soldados; e tratam de alcançar uma torre que sempre está distante; e, finalmente, se detêm em qualquer parte, evitando olhar para a muralha enfeitiçada, para serem duramente repreendidos por seu chefe, por não terem cumprido as ordens despachadas.

E este é SÓ UM dos inumeráveis exemplos que se poderiam oferecer para mostrar a impossibilidade de sitiar um cerco infinito. O exemplo seguinte pode nos esclarecer ainda mais as dificuldades de se realizar um cerco: uma companhia de engenheiros sapadores nativos recebe a missão de rodear o perímetro da fortaleza para observar e detectar seus possíveis pontos fracos, com vistas a futuras operações de demolição. Como a fortaleza protege uma área poligonal, sua muralha compõe-se de segmentos de muro unidos a torres ameiadas, erigidas em cada vértice dos ângulos exteriores; para visualizar melhor o caso, suponhamos que a muralha consta de oito torres, unidas por oito muros de pedra. É evidente, assim, que os engenheiros devem marchar paralelamente a um muro e, ao chegar à torre, DOBRAR A ESQUINA para continuar ao lado do muro seguinte. Pois bem, a presença do cerco infinito atual SOBRE a muralha determina que a missão dos engenheiros sapadores seja impossível. NÃO É POSSÍVEL RODEAR COMPLETAMENTE, QUER DIZER,

FINITAMENTE, O QUE NÃO TEM FIM; NÃO É POSSÍVEL LIMITAR O INFINITO ATUAL. Como se manifesta esta propriedade do cerco infinito, quer dizer, como é vivenciada pelos engenheiros sapadores? Resposta: como impossibilidade concreta de completar o percurso exterior do perímetro POR TRATAR-SE DE UMA LONGITUDE REALMENTE INTERMINÁVEL. Com outras palavras: os engenheiros marcham ao lado de um muro e, ao chegar à torre, dobram a esquina e avistam outro muro e uma torre distante; avançam, então, junto a dito muro e ao chegar à torre, dão a volta em ângulo e observam um novo muro e uma nova torre; se a muralha fosse finita, ao chegar à oitava torre, os engenheiros deveriam concretizar sua missão e encontrar, nesse mesmo lugar, o grosso do exército nativo; mas, como a projeção do Sinal da origem sobre a muralha produziu um cerco infinito, a concretização da missão se torna impossível: o que ocorre, em troca, É QUE OS ENGENHEIROS CONTABILIZAM MURO APÓS MURO E TORRE APÓS TORRE, SEM CONSEGUIREM SE REUNIR, EM NENHUM MOMENTO, COM SEUS COMPANHEIROS, DE TAL SORTE QUE TÊM A IMPRESSÃO DE ESTAREM FRENTE A UMA MURALHA INCRIVELMENTE EXTENSA, NA VERDADE "INTERMINÁVEL", COM CENTENAS, TALVEZ MILHARES, DE MUROS E TORRES.

Para não deixar a alegoria sem epílogo, digamos que a tribo nativa é derrotada ESTRATEGICAMENTE pelos estrangeiros, ou seja, é derrotada pela absoluta superioridade da Estratégia Hiperbórea destes. Uma Estratégia que sempre triunfa, porque para ela não contam os meios materiais do inimigo: é dona do espaço e, segundo veremos mais adiante, também pode ser dona do tempo, incrementando ainda mais, se isso fosse possível, seu domínio do conflito. Os generais nativos, apesar de sua esmagadora superioridade material, observam consternados o fracasso da estratégia espacial e temporal: não conseguem RODEAR a fortaleza, com o qual o sítio carece de sentido; mas, se atacam pela parte que têm em frente, descobrem que não é possível avariar PERMANENTEMENTE os muros e as torres, pois ocorre como se suas pedras se regenerassem instantaneamente após cada golpe e, como represália por tais ações sofrem constantes perdas, devido aos certeiros contra-ataques dos "sitiados". Por fim, os nativos decidem se retirar, levando como consolo a convicção de que os estrangeiros são magos poderosos, protegidos pelos próprios Deuses, contra os quais é impossível lutar, contando SÓ com armas materiais, todas ideias que não carecem de pretexto real.

Para extrair uma conclusão da alegoria, raciocinemos do seguinte modo. A situação militar dos estrangeiros era claramente desfavorável e ameaçava terminar em desastre; quer dizer: a possibilidade de saírem vitoriosos do conflito era mínima, calculada com base nos princípios da guerra próprios do pasu e do virya perdido. Mas tal probabilidade mostrou ser falsa frente à Estratégia Hiperbórea dos estrangeiros, os quais finalmente puseram em fuga o inimigo. O que aconteceu, então? Como se produziu semelhante milagre, QUE É ESSENCIALMENTE IMPROVÁVEL? Resposta Categórica: a Estratégia Hiperbórea é absolutamente superior à Estratégia pasu, porque esta é FINITA, visa um FIM PROVÁVEL, enquanto a primeira é INFINITA E IMPROVÁVEL, pois seu executor, O VIRYA, É UM SER QUE PARTICIPA DO INFINITO. Quando o virya desperto projeta o Sinal da origem sobre o sinal do princípio do cerco, por exemplo, sobre a muralha de pedra, produz um cerco infinito que é invulnerável, porque não pode ser atacado desde o finito: não pode ser rodeado nem sitiado porque o finito não pode limitar o infinito e não pode ser violado, porque não é possível localizar o infinito desde o finito. Pelo contrário, o virya participa do infinito e este é um reflexo da eternidade do Espírito: infinito e eternidade ultrapassam e abarcam o espaço e o tempo do macrocosmo. Para um Eu desperto, em síntese, é inevitável o domínio do espaço e do tempo do inimigo, quer dizer, do macrocosmo demiúrgico.

Mas, indubitavelmente, com isto não fica esclarecida a Resposta Categórica. Será necessário observar o problema com mais profundidade e, sobretudo, desterrar alguns erros compreensíveis.

Q - A Estratégia pasu e a Estratégia Hiperbórea.

Pois bem, a Resposta Categórica pode ser vista em uma dimensão mais compreensível se aprofundamos um pouco sobre as propriedades visadas de cada Estratégia. Comecemos, antes de tudo, por destacar que uma Estratégia pasu, tal como a que seguiam os nativos da alegoria, baseia-se fundamentalmente na NOÇÃO DE TERRITÓRIO, a qual não é mais que a intuição do princípio do cerco. Este princípio, que segundo explicamos é arquetípico, encontra-se em muitas espécies animais, especialmente em aves e mamíferos superiores, incorporado como padrão de conduta instintivo: particularmente notável é o instinto territorial dos primatas, os quais, da mesma forma que os hominídeos, encontram-se em ramos muito próximos ao tronco filogenético do pasu. Isto demonstra que o animal-homem, o pasu, herdou por evolução o princípio do cerco, o qual é um Arquétipo que inicialmente intervém como padrão instintivo, mas ao qual logo a razão interpreta e esquematiza na estrutura cultural como princípio matemático. Não é demais esclarecer que algumas correntes desviadas do racismo hiperbóreo, que desconhecem a condição espiritual infinita do virya, e ainda o próprio Espírito Eterno, não vacilam em apoiar-se na Etologia e aliar-se ao evolucionismo darwinista, fazendo o jogo da Sinarquia. Em seu afã para justificar ao extremo o mito da propriedade privada, estes "racistas biólogos", que ignoram que o Espírito não evolui, senão que é perfeito e eterno, motivados por um ingênuo e irritante egoísmo classista, tentam afirmar uma linha que parte do instinto territorial, concretiza-se com o domínio do território, consolida-se com o "instinto de propriedade", perpetua-se na família e na comunidade, e conduz finalmente à Nação e ao "instinto patriótico" do nacionalismo. Pois bem, nós vamos ratificar que tudo isto é certo: MAS É CERTO PARA O PASU. Com efeito, a menos que se padeça de uma excepcional impureza de sangue, não se deixará de notar que as ideias anteriores fedem a suprafinalidade, a desígnio, a Plano evolutivo, a Arquétipos, a Hierarquias dévicas, enfim, à Intenção do Demiurgo. E em que falham os famosos racismos biológicos? Resposta: NA AUSÊNCIA TOTAL DO CONCEITO DE MÍSTICA.

Por isso a Sabedoria Hiperbórea aconselha aplicar a todo racismo suspeito a seguinte diretriz crítica: "SE O RACISMO É MÍSTICO, ENTÃO É HIPERBÓREO E ESPIRITUAL; CASO CONTRÁRIO, NÃO O É". E QUEM SUSTENTE UM RACISMO SEM MÍSTICA, AINDA QUE DECLAME SUA PUREZA DE SANGUE, NÃO É MAIS QUE UM VIL ENGANADOR, OU UM AUTÊNTICO ENGANADO, A SERVIÇO DE INFAMES OLIGARQUIAS, CUJOS FINS INCONFESSÁVEIS SÃO OS MESMOS QUE OS DA SINARQUIA JUDAICA. Mas estas duras palavras merecem um esclarecimento: o que deve se entender por racismo com Mística? Resposta: o racismo é místico quando é carismático, pois, segundo se viu no artigo O Cordão Dourado, "A MÍSTICA É UMA FORMA DETERMINADA POR UM SER: O CARISMA"; e o Carisma é um agente acausal que conecta todos os viryas pelo fato de sua Origem comum, por sua linhagem hiperbórea, em uma "vinculação carismática", que reconhece um centro ou princípio no líder hiperbóreo ou Führer, quer dizer, no virya de sangue mais puro. A MÍSTICA GERA O FATO NATURAL DA "ARISTOCRACIA DO SANGUE", A QUAL NÃO PASSA NECESSARIAMENTE POR UMA CLASSE SOCIAL NEM POR UMA CASTA, SALVO QUE A SOCIEDADE ESTEJA ORGANIZADA COM BASE NA "ESTRATÉGIA IMPÉRIO UNIVERSAL" DOS SIDDHAS HIPERBÓREOS, QUE SE ESTUDARÁ NA SEGUNDA PARTE. Em resumo: se há líder carismático, há Mística e se há Mística, há aristocracia de sangue efetiva, RECONHECIDA PELO POVO: UMA ARISTOCRACIA QUE NÃO REQUER SER PROVADA COM TÍTULOS E BRASÕES,

UMA ARISTOCRACIA QUE SE NUTRE DO POVO QUE A SUSTENTA E QUE CUMPRE SEU PAPEL DE AGLUTINAR ESTE CARISMATICAMENTE, PROMOVENDO A PUREZA DE SANGUE E A ELEVAÇÃO DA MISÉRIA MATERIAL E ESPIRITUAL EM QUE SE ENCONTRA. Pelo contrário, se não há líder, não há Mística e se não há Mística, não pode existir nenhuma aristocracia que seja legítima, por mais títulos que alegue, senão as sinistras oligarquias bastardas de nossos dias, aliadas material e espiritualmente ao judaísmo usureiro e corruptor.

Só um líder carismático dá legitimidade a uma aristocracia de sangue, e só se há líder e aristocracia verdadeira É LÍCITO UNIR SANGUE E SOLO. Daí surge o "direito hiperbóreo de conquista", que não se baseia na força física, senão na pureza de sangue, no direito espiritual a reinar sobre povos degradados e sem Mística, os quais perderam toda autoridade sobre o território que ocupam. Sem líder, sem Mística, sem aristocracia, o solo não significa nada, quer dizer, nada espiritual, nada que vise a liberação material do Espírito; pelo contrário, sem estas condições o solo significa muito para o pasu, porque associado massivamente, republicanamente, democraticamente, pode cumprir melhor o objetivo de sua finalidade. Um exemplo de tudo isto nos ofereceu recentemente o Führer, quando legitimou carismaticamente a única aristocracia de sangue do século XX, quer dizer, a **SS**, cujos membros, se tivessem o tempo suficiente, teriam outorgado um sentido transcendente à relação do homem com o solo baseado, em um autêntico racismo hiperbóreo: espiritual, e não meramente biológico.

Não é o caso de repetir aqui temas que estão suficientemente desenvolvidos em outras de nossas obras tais como o "Tratado de Estratégia Psicossocial da **SS**". Mas é bom recordar um conceito já antecipado, que procede das teorias da guerra expostas em dita obra: PARA O PASU A GUERRA É O MODO COMO OS ARQUÉTIPOS RESOLVEM SEUS CONFLITOS. De tal "guerra" entre Arquétipos psicoides, cujas manifestações no plano físico envolvem as espécies animais em contínuos conflitos que visam a seleção natural e a evolução, partem as observações e conclusões da Etologia, assimiladas erroneamente pelo racismo materialista e míope. É que o fato principal descoberto pela ciência etológica é rigorosamente verdadeiro: o pasu é um animal homem essencialmente TERRITORIAL, quer dizer, um que costuma escolher territórios, ocupá-los e defendê-los, que sabe como delimitá-los com sinais demarcatórios e também como reconhecer as fronteiras dos territórios alheios; justamente, a principal fonte de conflitos nas comunidades humanas, segundo afirma a Etologia, é a violação do espaço territorial, quer seja individual, quer seja coletivo, de maneira semelhante ao que ocorre em outras espécies animais. Isto é certo, repetimos, mas trata-se de uma luta cega entre Arquétipos psicoides, de dialética da natureza, de Plano evolutivo, de tendência entelequial: pretender elevar este fato a supremo princípio do racismo é pura cegueira e necedade.

Mas, por trás de tal erro do racismo ingênuo oculta-se uma causa mais grave, inerente às trevas cada vez mais fechadas do Kaly Yuga: é a ignorância da Estratégia "O" que os Siddhas de Agartha levam adiante para contra-atacar o Plano do Demiurgo e dos Siddhas Traidores, a qual será exposta na Segunda Parte. Dita Estratégia, que conta com a presença do Graal, propõe-se a dotar as comunidades de viryas dos elementos necessários e suficientes para que seus líderes carismáticos tentem uma purificação conjunta de toda a comunidade racial, TRANSMUTANDO E SUPERANDO AS TENDÊNCIAS ANIMAIS DO PASU QUE LUTAM, NO SANGUE, COM A HERANÇA DA LINHAGEM HIPERBÓREA. Os Siddhas Leais, para isso, ensinam a vias secretas de liberação da Sabedoria Hiperbórea, entre elas a via da oposição estratégica que vimos examinando. Tais vias permitem aos líderes, ou às elites de viryas despertos que os secundam em segredo, traçar as Estratégias Hiperbóreas. Então, os líderes conduzem os povos para a mutação biológica, que tem por objeto sua elevação

espiritual, mas que SÓ PODE SE DAR NO QUADRO DE UMA MÍSTICA, muitas vezes declarando a guerra total ao Inimigo, ou empregando a guerra como instrumento de purificação sanguínea, como um meio para gerar coletivamente a HOSTILIDADE ESSENCIAL que converte o homem em herói. Claro que esta "guerra" não é nem parecida ao conflito territorial do pasu e não deve ser confundida. Assim como a "agressividade animal" que exibe o pasu para defender seu território não tem relação com a hostilidade essencial do Espírito, nem se chega a esta por um refinamento daquela, senão, pelo contrário, ambos tipos de guerra são essencialmente diferentes e opostos. Não poderia ser de outra maneira, sendo que um tende a concretizar a enteléquia do pasu, a cumprir com o objetivo macrocósmico de sua finalidade, conseguindo que o Espírito cativo o eleve na escala animal por evolução, e o outro tende a liberar o Espírito cativo, com o qual tão sinistro Plano fica definitivamente rompido. Ambos os conceitos antagônicos da guerra se derivam da Estratégia pasu e da Estratégia Hiperbórea, mas, e isto não nos cansaremos de afirmar, só com a última, "no quadro de uma Mística", se dá o fato da Raça Hiperbórea: o povo junto ao seu líder, junto ao centro carismático que identifica metafisicamente os homens pela Origem comum no sangue, pela linhagem hiperbórea. De outro modo, só há "raça" biológica, meras diferenças genéticas dos cromossomos, que revelam os Planos arquetípicos de cada espécie, quer dizer, a codificação química de um aspecto dos desígnios ônticos das espécies vivas.

A melhor maneira de esclarecer a diferença entre ambas as Estratégias é remeter-nos novamente ao princípio do cerco e ao Símbolo da Origem. O pasu é um animal territorial, porque emprega em todos os níveis de sua estrutura psíquica, racional, cultural e consciente, o princípio do cerco muitas vezes, sem reconhecê-lo abstratamente como tal. O virya, que herda a parte biológica do pasu, quando está "perdido", emprega como este o princípio do cerco: por exemplo, para separar um "fora" de um "dentro", um fundo de uma forma, um continente de um conteúdo, etc., e, desde já, para cumprir a função territorial, o "REVIER", que consiste em projetar um sinal do cerco e colocar sentido em um lote exclusivo, em uma região que será ocupada, sinalizada e defendida. Até aqui o virya perdido não se afasta das leis etológicas e daí a confusão dos racistas biológicos. Mas o virya é um ente essencialmente dual: em seu ser coexiste, junto à sua natureza anímica, a manifestação transcendente do Espírito, o "Eu" que reflete, em maior ou menor medida, o Eu Infinito. Quer dizer, no virya coexiste uma herança animal e uma herança hiperbórea. Quando "desperta", quando a vinculação carismática do Cordão Dourado o coloca em contato com os Siddhas Leais ou com um líder, e tem acesso às vias da liberação, então o Eu Infinito se manifesta no Símbolo da Origem, dando lugar ao Selbst e à possibilidade de projetar desde ali o Sinal da origem SOBRE o sinal do cerco, produzindo um cerco infinito. Nasce, assim, a Mística Hiperbórea, a qual não é mais que um cerco infinito com um conteúdo carismático, um espaço estratégico: a arquêmona que produz o virya como ato de guerra individual é, na verdade, uma Mística pessoal, enquanto a Mística racial é só o caso geral daquela, a determinação de uma arquêmona ou espaço estratégico para a transmutação e liberação espiritual de toda uma comunidade carismática.

Eis aqui, pois, a diferença: o pasu, como qualquer animal territorial, deve defender até a morte o território cercado, o qual pode ser atacado e violado desde todo ângulo, pois a fronteira não é real, senão só a projeção do sinal do cerco, quer dizer, a exteriorização do princípio do cerco, de um Arquétipo da mente que cria a ilusão da separação fática na linha fronteiriça; o território do pasu pode ser, assim, sitiado, concretamente rodeado e contornado, e efetivamente violado e ocupado por um inimigo, tal como ocorreu aos nativos da alegoria com a invasão dos estrangeiros hiperbóreos. O pasu ou o virya perdido, se só contam com o princípio do cerco, poderão

talvez sustentar um território por pura força, fazendo a guerra segundo uma Estratégia pasu espacial e temporal como, por exemplo, em nossos dias, a União Soviética, mas jamais poderão criar uma Mística dentro de suas torpes fronteiras, mais imaginárias que reais.

O virya desperto, pelo contrário, pode produzir um cerco infinito invulnerável ou uma Mística racial impenetrável, quer dizer, espaços estratégicos onde é impossível a ação inimiga. Já mostramos na alegoria a impossibilidade de sitiar ou vulnerabilizar um cerco infinito e agora ficou claro porque os estrangeiros venceram, em que consiste a diferença entre a Estratégia pasu e a Estratégia Hiperbórea que afirmava a Resposta Categórica: os estrangeiros dominaram a praça e derrotaram os nativos porque eles dispunham de uma Mística Hiperbórea, a qual concentraram sobre a muralha para produzir o cerco infinito. Os nativos, por sua parte, só desejavam expulsar os intrusos de seu território, da área considerada como lote exclusivo de sua tribo; mas, por carecer de Mística, por realizar operações de guerra com uma Estratégia pasu, baseada no princípio do cerco, foram derrotados pela superior estratégia espiritual dos estrangeiros: ELES SOUBERAM PROTEGER SEU ESPAÇO ESTRATÉGICO COM UM CERCO INFINITO INVULNERÁVEL; E ISTO É ALGO QUE NÃO PODE FAZER NENHUM ANIMAL TERRITORIAL, POR MUITO QUE PESE À ETOLOGIA E AO RACISMO BIOLÓGICO, NEM SEQUER O PASU; MAS O PODE FAZER O VIRYA, E O PODE FAZER PORQUE O VIRYA PARTICIPA DO INFINITO.

Para terminar, só cabe agregar que a Estratégia "O" dos Siddhas Leais contempla todos os aspectos da Mística racial, quer dizer, todos os passos estratégicos que deve dar necessariamente uma comunidade de sangue puro para ir desde a confusão dos viryas perdidos até a transmutação coletiva em viryas despertos e Siddhas. Naturalmente, isto supõe um enorme caudal de conhecimentos que, no entanto, foi o patriotismo completo de nossos antepassados cro-magnons, os sobreviventes atlantes, pais da Raça Branca. Este povo, ao qual a Sabedoria Hiperbórea denomina GUARDIÕES DA SABEDORIA LÍTICA, legou uma parte de seus conhecimentos aos diversos povos da Pré-Antiguidade que fundaram, misturando-se com comunidades pasu também sobreviventes, com escravos da Atlântida, e com outras tribos primitivas que encontraram, durante sua longa travessia, que durou milênios. Mas este legado, devido ao estado do planeta, depois da Guerra Total atlante, não pôde ser transmitido de outra forma do que como herança cultural, a qual, naturalmente, foi se degradando e perdendo com a passagem do tempo. Contudo, em que pese o tempo transcorrido e a falsificação da História, executada pela Sinarquia, ainda se podem reconhecer grandes pedaços da Sabedoria Hiperbórea em muitas culturas antigas e disso vamos falar em outras partes deste livro; como exemplo clássico, é claro, destaca-se a antiquíssima ideia do Império Universal, o qual é um símbolo cultural bastante degradado mas que, no entanto, ainda representa o projeto de uma Mística Completa.

Aqui, o que nos interessa assinalar é que a colocação em prática de uma Mística racial inclui uma CERTA MANEIRA ESPECIAL DE OCUPAR O TERRITÓRIO, um método no qual intervêm conceitos específicos sobre a função da Agricultura, o projeto da cidade e a construção de muralhas de pedra. Muitos povos antigos conheceram isto, tais como os da Mesopotâmia: Suméria e Babilônia, ou Egito, Grécia e Roma, etc. De todos eles, destacam-se brilhantemente os Etruscos e, já em épocas da Era atual, os godos e saxões. A estes últimos trataram de destruir Carlos Magno e seus descendentes, devido à sua grande pureza racial e à força de sua Mística, a qual não obstante, foi revelada, um século mais tarde, quando Henrique I da Saxônia, o Passareiro, levanta sua linha de castelos no Leste. Pois bem, este conhecimento hiperbóreo, que procede da Estratégia “O” dos Siddhas, chegou a seu mais alto nível

no século XX, por obra de Heinrich Himmler e sua elite de iniciados hiperbóreos da Ordem Negra **SS**. Himmler, junto com Darré e outros especialistas do Instituto Ahnenerbe, desenvolveram e adaptaram à cultura atual o conceito de "Agricultura mágica", o qual se pensava aplicar no futuro Estado **SS** a se formar, depois da Guerra Total, na Europa, mas o qual se iria experimentar durante a conquista de Lebensraum, no Leste. E que as **SS** dominava a via da oposição estratégica o prova, entre outras coisas, a construção dos K.Z., os KONZENTRATIONESLAGER ou campos de concentração, os quais foram projetados de maneira tal, que um iniciado hiperbóreo poderia, em algum momento, projetar o Sinal da Origem sobre seu perímetro e produzir um cerco infinito, regenerando por transmutação, na área estratégica, os internos, quer dizer, despertando sua linhagem adormecida, purificando seu sangue.

R - Conclusão sobre a técnica arquemônica.

No artigo "P" explicamos, mediante uma alegoria, o conceito do cerco infinito e sua propriedade de ser invulnerável frente ao ataque inimigo. Porém, o choque de Estratégias no qual se transformava o conflito alegórico entre nativos e estrangeiros, nos levou à Resposta Categórica e ao esclarecimento do artigo "Q". Sabemos agora em que consiste um cerco infinito, e comprovamos a superioridade da Estratégia Hiperbórea. Mas devemos recordar que nosso propósito inicial era descrever a técnica arquemônica APLICADA A UM ATO DE GUERRA INDIVIDUAL: a alegoria, pelo contrário, nos mostrou a produção de um cerco infinito mediante uma Mística Racial. Devemos, pois, regressar à arquêmona da figura 33 e utilizar o que vimos para descrever a técnica arquemônica individual da Einherjar.

Para compreender o poder absoluto que a técnica arquemônica coloca à disposição do virya desperto, só há que se estender com a imaginação o grosseiro exemplo da alegoria a todos os espaços de significação de Maya e supor que em nenhum deles o Demiurgo conseguirá sitiar a arquêmona, o Oppidum protegido por um cerco infinito. Para expor de maneira dramática a situação que o ato de guerra individual apresenta ao Demiurgo, podemos afirmar que, MESMO QUE ESTE ORDENASSE A TODOS OS ANJOS, DEVAS, MESTRES, ETC., DAS HIERARQUIAS CÓSMICAS QUE SE DESSEM AS MÃOS PARA CERCAR A ARQUÊMONA, ISSO SERIA UMA TENTATIVA IMPOSSÍVEL. Com efeito, NÃO HÁ NÚMERO SUFICIENTE DE MÔNADAS NO UNIVERSO PARA SITIAR E RODEAR UM CERCO INFINITO. Menos ainda para tentar atacá-lo com êxito.

Por isso dizíamos, páginas atrás, que se a Estratégia do virya desperto está apoiada por uma grande pureza de sangue, de tal modo que não possa ser enganado em nenhum espaço de significação macrocósmica ou mundo possível, é inevitável que o desafio de assaltar a praça deve se resolver "cara a cara" com o Demiurgo. Por que com Ele? Resposta: porque o Demiurgo é também Espírito infinito, único ser do Universo material que pode se interpor entre o último trecho do movimento estratégico e liberador da arquêmona. Contudo, o Demiurgo jamais aplicará seu infinito potencial DENTRO do macrocosmo, pois deve evitar que o mesmo se plasme no plano arquetípico e daí passe a contaminar os entes finitos. Sua intervenção será de outro tipo: procurará entabular um contato direto com o virya, de Demiurgo a Eu desperto, com o fim de enganá-lo, até que debilite o cerco infinito e logo o destrua; para isso, apelará a todos os seus recursos de cosmocrator, tocará em todas as fibras do virya, explorará cada trama de sua história buscando o ponto fraco; utilizará, por exemplo, os registros akásicos da Psicoesfera terrestre e o virya ouvirá com clareza como as vozes de seus antepassados requerem, da luz astral, que se lhes permita ingressar na arquêmona; mas nem a esta nem a outras ciladas semelhantes deve ceder o virya, quem há de ser. a todo momento, um guerreiro sem coração, sem alma, puro valor, pura vontade resoluta para a Origem.

Fora do perigo real que representa um enfrentamento tal com o Demiurgo, na via da oposição estratégica, isso constitui um risco calculado, ao extremo de que se conta de antemão com o mesmo e se o há incluído como parte da técnica. O enfrentamento direto com o Demiurgo permite, com efeito, o domínio do tempo, quer dizer, independer a área estratégica da arquêmona do tempo transcendente do macrocosmo: a criação de um tempo próprio. Isto se consegue por meio da "oposição estratégica" que se exporá no próximo artigo.

Demonstramos que ninguém pode rodear um cerco infinito, propriedade que torna o espaço estratégico ocupado pelo virya desperto em invulnerável. Nem ainda o próprio Demiurgo pode fazê-lo, pois, DESDE SEU ASPECTO SUCESSIVO E FINITO, lhe é impossível abarcar o infinito atual. E se o Demiurgo não pode fazê-lo, menos ainda poderá algum de seus sequazes terrestres, contudo, afirma-se permanentemente uma fábula, na verdade, uma piada de mau gosto de judeus, à qual não podemos deixar de comentar aqui. É a que se refere ao presumido suicídio do Führer, executado por este, segundo a versão dos aliados, como forma de evitar sua captura em mãos das tropas russas que se prestavam a ocupar Berlim.

Em primeiro lugar, digamos que o Führer não tinha nenhuma necessidade de suicidar-se, porque jamais poderia ter sido capturado por ninguém, e muito menos por alguns judeus renegados e uma soldadesca escrava embrutecida: o Führer é um Siddha Berserkir, ao qual não é possível rodear, nem na Chancelaria do Reich, nem em nenhuma outra parte. Se desapareceu em 1945, não é porque se suicidou, ou que tenha sido capturado: o Führer encontra-se vivo hoje em dia, pois, como Siddha Berserkir, é imortal. A posse do Graal ofereceu à **SS** uma sabedoria incalculável, que lhes permitirá armar um exército de viryas imortais providos de veículos voadores sem motor, baseados na engenharia arquetípica e na técnica arquemônica. Por isso, ainda que este comentário possa parecer extravagante e absurdo, nós não nos importamos, pois ajusta-se à mais estrita verdade: PRÓXIMO ESTÁ O DIA EM QUE O FÜHRER REGRESSE; ELE O FARÁ MONTADO EM UM CAVALO OCTÓPODE, QUE MARCHARÁ À FRENTE DO WILDER HEER DOS HERÓIS DO VALHALLA, JUNTO AO ÚLTIMO BATALHÃO DA **SS**, DOS HOMENS-CRISTA, COM CORPO DE VRAJA E APÓS UMA GRANDE MATANÇA SELETIVA, DA QUAL SÓ SE SALVARÃO OS QUE TENHAM SANGUE PURO, SE CONCRETIZARÁ A PARUSIA DE CRISTO-LÚCIFER: O GRANDE VENUSIANO, O CHEFE LEGENDÁRIO DA RAÇA ESPIRITUAL HIPERBÓREA VIRÁ NOVAMENTE À TERRA PARA REINAR SOBRE UM POVO DE VIRYAS DESPERTOS E TRANSMUTADOS.

S - A "oposição estratégica" desde a arquêmona.

Suponhamos agora que o virya desperto, pleno de hostilidade para com o macrocosmo, ocupou a praça da figura 33. Seu primeiro passo, segundo já vimos, é duplo: por uma parte projeta o sinal do cerco sobre o Vallo Obsesso, fato que se confirma ao reconhecer a distinção entre praça e Valplads; mas simultaneamente, Por outro lado, projeta o Sinal da Origem sobre o Vallo Obsesso, dando lugar à manifestação do polo infinito; se produz, assim, um cerco infinito em torno da praça, transformada já em "espaço estratégico" apto para a liberação do virya. Olhando bem esta operação, verifica-se o que estudamos em artigos anteriores: na primeira parte, intervém um princípio matemático: a herança do pasu; na segunda parte atua, pelo contrário, a linhagem hiperbórea, a herança dos Siddhas ancestrais, quer dizer, o Símbolo incriado da Origem.

O cerco estratégico isola o virya de todo espaço macrocósmico e lhe outorga a autonomia espacial, "esse ponto onde o guerreiro pode descansar por um instante o braço armado, deter-se na luta, e voltar o olhar para o Vril". Mas esta conquista não é ainda definitiva, não libera completamente o virya, tanto seu corpo material, o

microcosmo potencial, tenha alguma relação de simultaneidade, alguma sincronização, com o tempo transcendente do macrocosmo. É imprescindível, pois, evitar que a isotropia do tempo transcendente invada a arquêmona, que a arquêmona seja sucessiva nele. Se se pode evitar essa presença temporal do Demiurgo, então a autonomia do microcosmo potencial poderia ser completa, ficando isolado do espaço e do tempo transcendente. Isto é possível? Resposta: Sim: por meio da "oposição estratégica".

Como na descrição de todas estas operações trata-se de casos em que intervém o infinito atual, elas só serão compreensíveis na medida em que o leitor consiga imaginar ou intuir o que é o que realmente ocorre em cada caso. Aqui, trataremos de mostrar sinteticamente o princípio empregado pela Einherjar para criar um "tempo próprio", absolutamente local, na arquêmona.

Para nos aproximarmos à ideia sintética da oposição estratégica, raciocinemos deste modo: o Vallo Obsesso é um cerco infinito, isso significa, entre outras propriedades: "que não pode ser rodeado" porque não termina nunca, quer dizer: o Vallo Obsesso NÃO PODE SER UMA CURVA FECHADA, deve ESTAR ABERTA EM ALGUM PONTO, DEVE HAVER UM EXTREMO SEM FIM. Pois bem, tal como se explicou no artigo "I" do inciso anterior, estes argumentos são essencialmente equívocos, produto da impossibilidade da razão para compreender o infinito atual; o raciocínio, por esse caminho, não pode chegar à outra conclusão do que o "infinito potencial", quer dizer, a postulação da sucessão infinita. Para comprová-lo, não temos mais do que buscar a sentença consequente dos argumentos anteriores: "ENTÃO, O VALLO OBSESSO DEVE ESTAR CONSTITUÍDO POR UMA SUCESSÃO INFINITA DE PONTOS, OS QUE PODEM SE AGREGAR INDEFINIDAMENTE NOS EXTREMOS DA CURVA".

Mas esta conclusão é falsa, pois supõe não um infinito atual, presente, completo em todo momento, senão um infinito potencial, ao qual se tende por agregação extrema, quer dizer, por aumento de extensão. E tal falácia é produzida pela razão, porque não dispõe de Arquétipo do infinito atual com o qual formar um esquema: sua conclusão, portanto, ainda que eminentemente lógica, É IRREAL; o infinito potencial, que é um conceito cultural, isto é, sistemático e racional, NÃO PODE COMPREENDER O INFINITO ATUAL, REAL E PERFEITO DO VALLO OBSESSO.

E como se deve entender, pois, o infinito atual, se não é possível compreendê-lo racionalmente? Resposta: Em princípio, há que se assumir que todo conceito do infinito atual tem que apresentar uma estrutura paradoxal, quer dizer, uma estrutura que será ambígua e até contraditória para a razão. Com esta advertência, digamos que o infinito atual, por ser perfeito, É SIMPLES. Isto é: NÃO PODE SER DIVIDIDO, NEM SEQUER PELA RAZÃO; E, DESDE JÁ, NÃO É UMA SUCESSÃO INFINITA. O Vallo Obsesso não se compõe de pontos nem de partes: como cerco infinito todo ele é infinito; sua curva não apresenta abertura em parte alguma, é contínua e, no entanto, é infinita.

A qualidade de ser indivisível conduz a um paradoxo real, o qual há de servir como exemplo de quanto viemos dizendo. Com efeito, durante sua permanência no macrocosmo, enquanto subsiste no tempo transcendente, o Vallo Obsesso é ôntico, quer dizer, é um ente infinito, absurdo e incriado, mas real. Ou seja, ENQUANTO "ENTE" INFINITO, O VALLO OBSESSO É PERCEPTÍVEL, CAPAZ DE IMPRESSIONAR A ESFERA SENSÍVEL DE UM OBSERVADOR. Mas é sabido que todo observador de um ente extenso só pode perceber dele um aspecto em perspectiva, quer dizer, UMA PARTE DO ENTE: se contemplamos a cerca que rodeia aquela casa, só perceberemos UMA PARTE dela; não poderemos ver, por exemplo, o tronco que está plantado atrás da casa. Esta impossibilidade é real e inevitável, devido

a que os órgãos sensoriais não permitem apreender os entes de forma volumétrica e integral. E aqui, no choque de duas realidades opostas, é onde encontramos um conceito paradoxal que, no entanto, revela outra propriedade do cerco infinito. Referimo-nos a que, se o observador do Vallo Obsesso PERCEBE REALMENTE "UMA PARTE" DELE e se o VALLO OBSESSO, POR SER PERFEITO INFINITO ATUAL, NÃO PODE SER REALMENTE DIVIDIDO, encontramo-nos frente à conclusão paradoxal de que, observe-se de onde se observe, DO CERCO INFINITO SEMPRE SE PERCEBERÁ O TODO. Ou também: NA PERCEPÇÃO DO INFINITO ATUAL "A PARTE CONTÉM O TODO". Desde já, a conclusão paradoxal entre aspas constitui, desde outrora, o princípio hermético da magia.

Quem observa uma arquêmona, que ainda subsiste no tempo transcendente, verá AO MESMO TEMPO, um aspecto, uma parte, e o todo do cerco infinito: daí as ilusões e efeitos paradoxais que sofreram os nativos da alegoria, frente à muralha infinita. Naturalmente, é impossível circundar um ente que é ele mesmo em todas as partes observadas.

Para onde nos conduz a comprovação de tão insólita propriedade do cerco infinito? Resposta: À possibilidade de que dispõe o virya desperto de praticar a "oposição estratégica" desde a arquêmona e neutralizar a isotropia do tempo transcendente. Para compreender esta possibilidade, devemos imaginar uma situação e apresentar uma pergunta. A situação é a seguinte: o virya desperto, NA arquêmona, tem ante si o cerco infinito; ele, como qualquer observador exterior, vê a totalidade do cerco infinito; mas, acontece que o cerco é infinito porque ele projeta o Sinal da Origem sobre o Vallo Obsesso, e que tal projeção a efetua sobre o mesmo ponto que observa. Quer dizer que o que realmente vê o virya desperto é o polo infinito sobre o cerco, e que por isso é infinito, OLHE NA DIREÇÃO EM QUE OLHE. Entende-se, então, que para o virya desperto só importa o ponto de projeção do Sinal da Origem, sobre o qual está concentrada sua atenção: NÃO DEVE SE PREOCUPAR PELO QUE ACONTECE "ÀS SUAS COSTAS", POR EXEMPLO, PORQUE NA ARQUÊMONA NÃO HÁ FRENTE E NEM ATRÁS; TODO O CERCO ESTÁ NO PONTO DE SUA ATENÇÃO, SOB O POLO INFINITO.

Pois bem, SE TODO O CERCO ESTÁ SOB SEU PONTO DE OBSERVAÇÃO, ISSO IMPLICA QUE O TEMPO TRANSCENDENTE SÓ PODE SER ISOTRÓPICO "NESSA" DIREÇÃO. É compreensível que assim ocorra, porque sob o Sinal da Origem encontra-se o sinal do cerco e o cerco real, agora convertido em infinito, o qual, ainda quando esteja concentrado em um ponto simples, não deixa por isso de subsistir no tempo transcendente. O ponto que suporta o Sinal da Origem, ponto que é o cerco completo, ainda quando ofereça um isolamento impenetrável para todo espaço exterior, é penetrado, contudo, pelo tempo transcendente no qual permanece e subsiste.

Até aqui, a situação que devíamos imaginar. Formulemos agora a pergunta óbvia: é possível evitar a isotropia do tempo transcendente na direção do ponto de projeção do Sinal da Origem? Resposta: O virya pode OPOR-SE ESTRATEGICAMENTE desde a arquêmona à isotropia do tempo transcendente. Como? Resposta: aproveitando a propriedade que possui o tempo transcendente, que já se expôs no artigo B do inciso "A consciência: tempo transversal", de ser "ANISOTRÓPICO para todo outro tempo imanente, no sentido de sua sucessão". Com outras palavras: o tempo transcendente flui na arquêmona por um único ponto, sob o Sinal da Origem; SE FOSSE POSSÍVEL COLOCAR EM CONTATO, NESSE PONTO, O TEMPO TRANSCENDENTE COM O TEMPO IMANENTE DO MICROCOSMO POTENCIAL, ENTÃO, AQUELE SERIA ANISOTRÓPICO NO SENTIDO DESTE. Obter-se-ia assim um tempo próprio da arquêmona, imanente e transversal com o sentido do tempo transcendente.

Assim apresentado o problema, não parece difícil de resolver, contudo, ocorre todo o contrário, pois, como exteriorizar FORA do microcosmo potencial o tempo imanente, que é interior a este, próprio da esfera de consciência, para colocá-lo em contato com o tempo transcendente sobre o cerco infinito, no ponto de projeção do virya desperto? Resposta: Empregando as armas do virya, o poder ressignificador das runas, e a magia simpática do sangue.

É quase impossível oferecer uma explicação detalhada desta resposta, e não vamos nem sequer tentá-lo, pelo que nossas afirmações ficarão, desta vez, sem demonstração: isso se deve, principalmente, a que entramos aqui no campo do conhecimento iniciático, ao qual, não obstante, pode ter acesso todo virya desperto, pela via gnóstica.

Sem entrar em detalhes, pois, eis aqui o que indica a resposta anterior: Em primeiro lugar, o virya deve PREDISPOR a arquêmona com vistas à oposição estratégica, operação que se realiza em DOIS ATOS. O primeiro consiste em definir um PONTO EXTERIOR à arquêmona, quer dizer, um ponto no Valplads; tal ponto há de ficar frente ao cerco infinito, quando o virya ocupe a praça, e contra ele se efetuará a oposição estratégica ao tempo transcendente. É necessário, então, assegurar-se previamente de que dito ponto tem que permanecer sempre o mesmo e de que POR ELE passará a isotropia do tempo transcendente e continuará no ponto-cerco de projeção do virya; quer dizer: é necessário OBRIGAR O DEMIURGO, de antemão, a sustentar a oposição estratégica. É possível cumprir tal condição? Resposta: Sim, aplicando o princípio da Física Hiperbórea, que afirma que: "toda porção ponderável de matéria é a expressão de um ou mais átomos arquetípicos, ou quantum arquetípicos, em cada um dos quais existe um ponto indiscernível"; e "em cada ponto indiscernível, que é o mesmo ponto em todos os átomos do Universo, existe um ponto de tempo transcendente, pois, em cada um deles, o Demiurgo manifesta sua Consciência-Tempo". A aplicação deste princípio consiste em definir o ponto exterior como um quantum real, empregando para isso algum tipo de matéria concreta.

Os membros da Ordem Einherjar recomendavam utilizar a PEDRA como aquela substância mais adequada para praticar a oposição estratégica. Há um grande desconhecimento sobre as propriedades ocultas das pedras, as quais não são simples sólidos, senão fluídos; ou seja: substâncias fluentes cujo deslocamento ocorre em um lapso enorme de tempo que o homem, por dispor de um tempo vital mínimo, não é capaz de apreciar. Sua lenta fluência, da ordem dos milhões de anos, constitui uma qualidade inestimável, pois a criação de um "tempo próprio" exige também um padrão de referência temporal, um relógio de comparação, cujo período seja o mais dilatado possível. Por estes motivos os Berserkiren da Einherjar utilizavam pedras do período arcaico, metamórficas ou ígneas, as quais deviam ser cortadas, para seu uso, em pequenos pedaços não maiores que um punho. O corte dos LAPIS OPPOSITIONIS, tal o nome que recebiam, devia fazer-se segundo um antiquíssimo ritual cro-magnon, pois, por motivos que seria longo expor aqui, as frações deviam proceder de grandes rochas de milhares de toneladas, talvez de montanhas. O uso de antigos cristais preciosos, como o diamante ou a esmeralda, também é possível, mas isso requer o conhecimento de uma técnica especial.

Para cumprir com o primeiro ato de predispor adequadamente a arquêmona, o virya desperto tem que transportar sempre consigo seu lapis oppositionis, até o momento em que o Kairos o impulsione a ocupar a praça. Então, deve depositar o lapis no Valplads, como ponto exterior de referência temporal e de oposição, e produzir o cerco infinito. Contudo, com isto não se completou ainda o primeiro ato, pois, por exemplo, o ponto exterior, o lapis oppositionis, poderia ser deslocado de seu lugar por uma manobra do Demiurgo ou, inclusive, ser desintegrado. É preciso, pois, estabilizar

o lapis, outorgar-lhe permanência segura no Valplads, E PARA ISSO SÃO AS ARMAS DO VIRYA, AS RUNAS DE WOTAN. Na figura 33, sinalizou-se simbolicamente, com a inscrição SIGNUM SAXO, à RUNA que ressignifica e suporta o lapis oppositionis no Valplads. Dita runa tem que ser plasmada ANTES de ocupar a praça, ou nesse mesmo momento, e sobre ela há que se depositar o lapis oppositionis. Deste modo cumpre-se o primeiro ato.

O segundo ato o realiza o virya quando projeta o sinal do cerco: COM SEU PRÓPRIO SANGUE, MEDIANTE UMA FERIDA QUE SE PRATICA COM SUA ESPADA PARA TAL FIM, RESSIGNIFICA O CERCO COM UMA RUNA, JUSTAMENTE EM FRENTE AO SIGNUM SAXO. Na figura 33, com uma runa SIEG intercalada no perímetro do Vallo Obsesso, representou-se simbolicamente tal disposição. Completa-se, assim, o segundo ato que predispõe a arquêmona para a oposição estratégica. Só resta agregar que a runa de sangue, como toda runa, deve ser expressada foneticamente ao mesmo tempo que é plasmada significativamente; quer dizer: o sentido ressignificador que a runa coloca no ente tem que ser expressado mediante a palavra justa, uma palavra que, naturalmente, pertence à "língua dos pássaros".

Já explicamos de que maneira a técnica arquemônica permite ao virya desperto isolar-se ESPACIALMENTE do macrocosmo. A oposição estratégica, lograda graças à predisposição que descrevemos, permite-lhe também isolar-se TEMPORALMENTE, subsistindo em um tempo próprio, imanente à arquêmona.

E estamos já em condições de mostrar de forma completa tal operação de "oposição estratégica", começando pelo princípio. O virya, com efeito, plasmou uma RUNA DE SANGUE sobre o perímetro do cerco real e, sobre ele, projeta logo o sinal do cerco. Vem agora a projeção espiritual do Sinal da Origem sobre o sinal do cerco, EM UM "PONTO DE PROJEÇÃO" SOBRE O QUAL CONCENTRA SUA ATENÇÃO. Pois bem: tal "ponto de projeção" coincide com a runa de sangue; ou, com outros termos: o Sinal da Origem é projetado SOBRE a runa de sangue do sinal do cerco. Em consequência, quando a manifestação do polo infinito sobre o Sinal da Origem produz um cerco infinito, em uma região do ponto de projeção se constitui a FENESTRA INFERNALIS.

Mas o que é uma fenestra infernalis? Resposta: A região do cerco infinito de maior aproximação ao Valplads: nela tem lugar o contato entre o tempo transcendente do macrocosmo e o tempo imanente da arquêmona. A fenestra infernalis é, assim, um verdadeiro UMBRAL DO TEMPO, um limite que o tempo transcendente não atravessa devido à sua anisotropia essencial: o tempo transcendente flui constantemente pelo ponto indiscernível do lapis oppositionis sem atravessar jamais a fenestra infernalis. Quer dizer: o tempo transcendente, que é o permanente fluir da Consciência do Demiurgo, não pode conter a arquêmona temporalmente autônoma; ou melhor: o Demiurgo não pode determinar a arquêmona em nenhum grau de sua Intenção. E este efeito surpreendente se produz por causa da runa de sangue, pela propriedade simpática do sangue humano que permite ao sujeito anímico evolutivo, a alma, manifestar-se TAMBÉM no sangue da runa e expor sua temporalidade imanente. Essa presença anímica na runa de sangue é a que inevitavelmente provoca a anisotropia do tempo transcendente e isola temporalmente o virya desperto, permitindo-lhe subsistir em seu próprio tempo imanente.

E chegamos, assim, ao núcleo de um Grande Mistério, sobre o qual avisamos que não se podiam oferecer maiores detalhes. A única coisa que podemos fazer agora é propor uma pergunta, cuja resposta contém, sem dúvida, a chave do Mistério; mas a tal resposta só vamos aludir de maneira simbólica. A pergunta é: de que substância se consiste um cerco infinito? Resposta: Um cerco infinito se pode produzir com qualquer

das cinco essências simbólicas: AR, ÁGUA, PEDRA, FOGO E SANGUE. Porém, só o cerco infinito de quintessência, de sangue astral, de éter luminoso, PERMITE A OPOSIÇÃO ESTRATÉGICA, a criação de um tempo próprio: os outros quatro elementos são aptos para a técnica arquemônica, mas não para a oposição estratégica, pois nenhum deles permite a manifestação simpática do sujeito anímico no cerco infinito. A runa de sangue, pelo contrário, produz sob o ponto de projeção do virya desperto um cerco de sangue no qual flui o tempo imanente do sujeito anímico, o qual bloqueia o tempo transcendente do Valplads.

E o mistério? Ei-lo aqui: QUANDO O POLO INFINITO DO ESPÍRITO, O EU INFINITO, REFLETE-SE NO SINAL DA ORIGEM, SOBRE A RUNA DE SANGUE, OCORRE UM FENÔMENO SEMELHANTE AO DO ENCADEAMENTO ESPIRITUAL. ISSO SE DEVE A QUE NA RUNA DE SANGUE ESTÃO PRESENTES O SUJEITO ANÍMICO E O SINAL DA ORIGEM, QUER DIZER, UMA SITUAÇÃO SEMELHANTE À REPRESENTADA NA FIGURA 29: EM CONSEQUÊNCIA, NO SEIO DO SANGUE, NO PONTO DE PROJEÇÃO "QUE É TODO O CERCO", NA COMPLEIÇÃO DO CERCO, SE PRODUZ UM EU PERDIDO. E o que não acontece com cercos das outras quatro essências, ocorre aqui: o cerco infinito de sangue é um muro vivente, animado de certa inteligência. A arquêmona, então, torna-se um espaço estratégico protegido por uma esfera infinita de tempo imanente, cuja forma exterior extremamente plástica, responde à vontade do virya desperto. Daí que aqueles que puderam observar um virya desperto, ou um Siddha Berserkir, operar uma arquêmona com cerco de sangue, ainda quando erroneamente tomaram-na por uma máquina ou um OVNI, sentiram a inequívoca sensação de que o mesmo se encontrava animado, de que o "objeto voador" estava vivo e demonstrava possuir "certa inteligência".

T – O último passo do virya desperto.

Neste inciso, começamos por descrever a estrutura psíquica do virya, exposta na figura 32, e logo, após extenso desenvolvimento, estudamos a via da oposição estratégica, um método esotérico empregado na Ordem Einherjar para procurar a liberação do Espírito cativo. De acordo com o visto até o último artigo, o virya, por tal via, consegue isolar-se do espaço e do tempo do macrocosmo, dispondo, assim, de uma situação favorável para tentar o desencadeamento definitivo do Espírito. Faltar-nos-ia, pois, observar esse último passo do virya desperto.

Porém, não parece conveniente concluir a via da oposição estratégica com um estudo semelhante, que corresponde na verdade à culminação de toda via de liberação, seja esta ou qualquer outra. Trataremos, pois, o tema em separado. Supondo que, por uma via de liberação determinada, o virya desperto chegou a situar seu Eu desperto permanentemente no Selbst, desde onde tentará reorientar o Espírito e transmutar-se em Siddha Berserkir. No próximo inciso estudaremos tal possibilidade.

Só nos resta agregar que as façanhas metafísicas do virya desperto estão ao alcance de todo aquele que sinta no sangue a Voz do Espírito Eterno. O virya perdido, com efeito, pode despertar assim que se proponha: só se requer decisão e valor. A chave fundamental do Caminho de Liberação radica na esfera Ehre (1), da figura 32, à qual há que se criar e fortalecer. Por isso, na Segunda Parte, exporemos um método eficaz para que o virya perdido se libere dos laços dramáticos da vida e abunde em vontade graciosa, para que elimine definitivamente o temor e possua sempre o valor infinito do virya desperto.

TRASMUTAÇÃO DO VIRYA DESPERTO EM SIDDHA BERSERKIR.

Aqui vamos descrever analogicamente o ato pelo qual o virya desperto consegue liberar o Espírito cativo. Tratando-se de um tema de tanta profundidade e importância, não parece prudente abusar demasiadamente das palavras, sendo mais

sensato o emprego intensivo de material simbólico. Com tal critério, temos que basear a descrição em quatro figuras correlatas, suficientemente expressivas por si mesmas para não exigir uma explicação demasiadamente detalhada.

Como vimos fazendo a partir da figura 28, combinamos aqui o Modelo da Esfera para o Espírito cativo com a sistemática de círculos excêntricos para a estrutura psíquica do virya.

Na parte superior da figura 34 observamos o Espírito-esfera invertido, cujos "olhares" se refletem no Símbolo da Origem AB e produzem o Eu desperto, fora da esfera de consciência (2), em um centro focal chamado Selbst.

O virya desperto possui o Eu desperto permanentemente no Selbst. O ato liberador consiste em que O EU DESPERTO CONTEMPLE, DESDE O SELBST, O SÍMBOLO DA ORIGEM, PARA PERCEBER SOBRE ELE A IMAGEM DO ESPÍRITO.

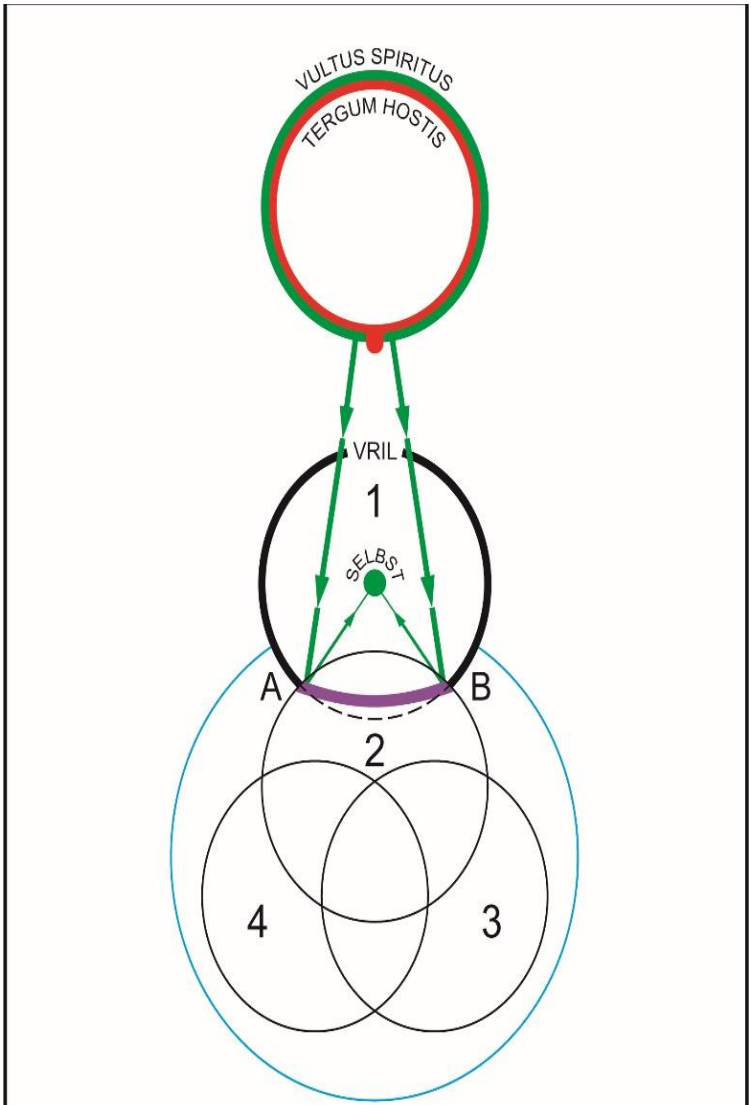

VULTUS SPIRITUS
TERGUM HOSTIS
VRIL
1
SELBST
A
B
2
4
3
O EU DESPERTO, DESDE O SELBST,
BUSCA NO VRIL O ESPÍRITO ETERNO

FIGURA 34

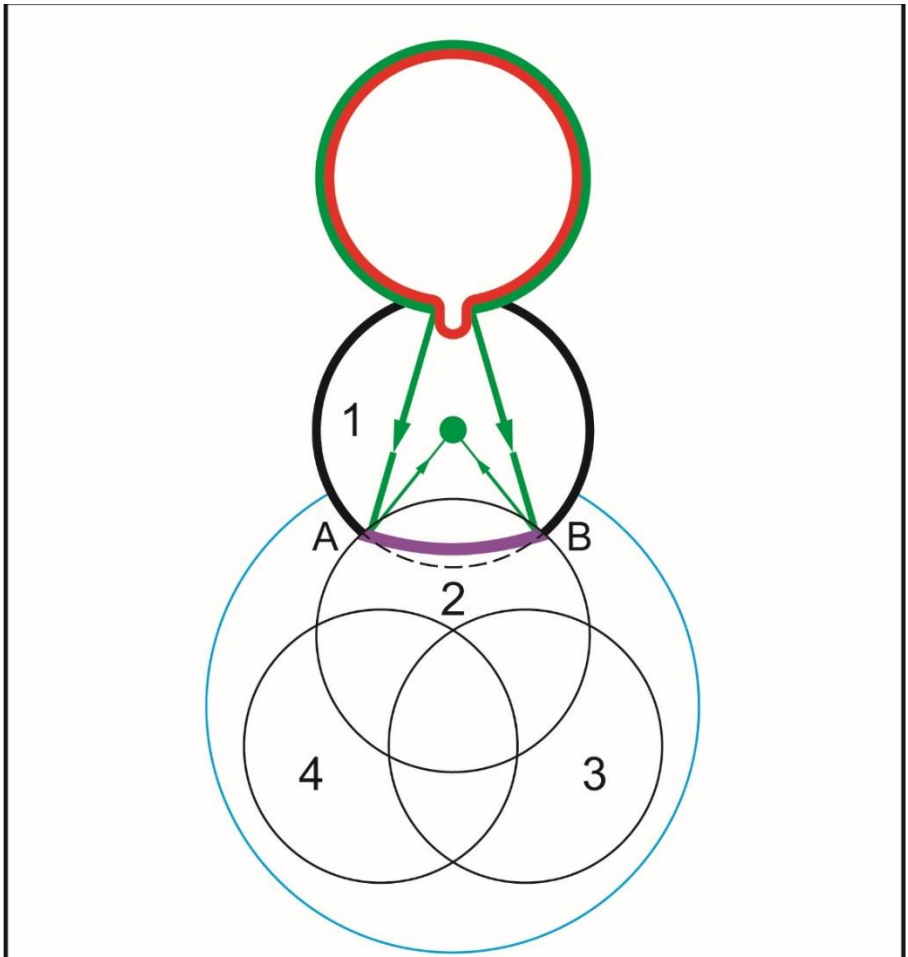


FIGURA 35

Essa imagem sublime e inefável procede do Vril, o polo incriado da esfera Ehre, desde onde tudo é possível.

Mas o Espírito-esfera está invertido, absolutamente desorientado, e a imagem que o Eu desperto recolhe sobre o Símbolo da Origem é só um aspecto infinitesimal do Vultus Spiritus, do Rosto Espiritual. Por isso o Eu desperto, que é na verdade a manifestação local desse mesmo aspecto infinitesimal que observa, como em um espelho, deve se sobrepor com valor ao terror de contemplar seu próprio despedaçamento espiritual. Daí que a resolução do Eu desperto só está colocada em um propósito: localizar na infinitude do Espírito aquele ponto interno por onde Ele contemplava a esfera d'Ela, aquele ponto pelo qual se consumou na Origem a traição dos Siddhas Traidores. Esse ponto interno, esse OLHO DE FOGO, é o que deve ser encontrado para retornar o Espírito-esfera à normalidade. E o Eu desperto conta com um dado chave para buscá-lo e encontrá-lo: ESSE É O ÚNICO PONTO DE SEU ESPÍRITO PELO QUAL ESPREITA O TERGUM HOSTIS, A HOSTILIDADE ESSENCIAL PARA COM O MACROCOSMO; É UM PONTO DE PURO FOGO: O OLHO DE UM VULCÃO INFINITO, CUJA ERUPÇÃO TEM QUE SER MAIS POTENTE QUE A EXPLOSÃO DE MIL SÓIS; UMA BOCA CUJO VÔMITO ÍGNEO PODE ABRASAR MUNDOS E ESPAÇOS. Tal é o olho de fogo que busca contemplar o Eu desperto, refletido no Símbolo da Origem.

Mas o que ocorre quando o Eu desperto localiza o olho de fogo? Resposta: Só o seu reflexo na concavidade do Símbolo da Origem basta para que o Espírito-esfera se aproxime completamente da esfera Ehre, aplainando as distâncias infinitas que separavam o Espírito de seu Eu Infinito. É então quando o Espírito "está às portas do Vril", quando o Vril está a ponto de ser conquistado. Tal caso se representou na figura 35.

Quando o virya desperto chega a experimentar a situação da figura 35, pode-se afirmar que a liberação do Espírito é um fato imediato. Nesse momento o virya sente que SOBRE SI flutua um cosmo de possibilidades: o poder do Vril só depende de sua vontade e sua potência é infinita. E É ALI QUANDO DEVE DECIDIR.

O Espírito-esfera, com efeito, pode ser já desencadeado, invertido, voltar à normalidade. Mas, tal inversão pode realizar-se de duas maneiras e por isso o virya desperto deve decidir. Um modo consiste em inverter o processo original da traição: ISTO O CONSEGUE O EU DESPERTO INTRODUZINDO-SE VOLUNTARIAMENTE PELO OLHO DE FOGO E TORNANDO-SE "EU ABSOLUTO" NO INTERIOR DA ESFERA NORMAL, VOLTANDO À FORMA DA FIGURA 2. Em tal caso, o Espírito-esfera, agora "Normal", pode abandonar o Universo infernal do Demiurgo e regressar ao mundo do Incognoscível.

Mas existe também outra possibilidade: QUE A INVERSÃO DO ESPÍRITO SE REALIZE SOBRE O MICROCOSMO DO VIRYA DESPERTO, TRANSMUTANDO SUA SUBSTÂNCIA EM VRAJA E TORNANDO O VIRYA UM SIDDHA IMORTAL. Na figura 36, pode-se ver como o Tergum Hostis começa a expandir-se pelas esferas do virya desperto, TRANSFORMANDO SEU SANGUE EM FOGO. É então, quando o virya desperto se vê envolvido no FUROR BERSERKIR, ao que não pode resistir nenhum inimigo, quando se torna um guerreiro de Wotan ou um iniciado da Ordem Negra **SS**.

Se o virya desperto decide transmutar-se em Siddha Berserkir, é porque deseja permanecer em Agartha, ocupando um posto nas fileiras de Cristo-Lúcifer, para lutar contra os Siddhas Traidores de Chang Shambala e a Sinarquia Judaica da Terra. Na figura 37, por último, representou-se um desses seres dotados de um valor infinito e, sobretudo, "de uma honra que é sua lealdade".

A INICIAÇÃO HIPERBÓREA QUE CONCEDE A ORDEM DE CAVALHEIROS TIRODAL.

Na "Carta aos Eleitos", se expôs sinteticamente a missão da Ordem de Cavalheiros Tirodal da República da Argentina: "LOCALIZAR OS ELEITOS E, SE

ESTES O ADMITEM, PREPARÁ-LOS INICIATICAMENTE PARA ENFRENTAR COM HONRA O FIM DA HISTÓRIA". Agora que se completou a leitura da Primeira Parte dos Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea, é claro que os Eleitos aos quais se dedica este livro são viryas perdidos, predispostos a despertar, quer dizer, a transformarem-se em viryas despertos ou, ainda, em Siddhas Berserkiren: a eles os Cavalheiros Tirodal asseguram que existe um caminho aberto para a Iniciação Hiperbórea, para aqueles que demonstrem compreender e aceitar os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea.

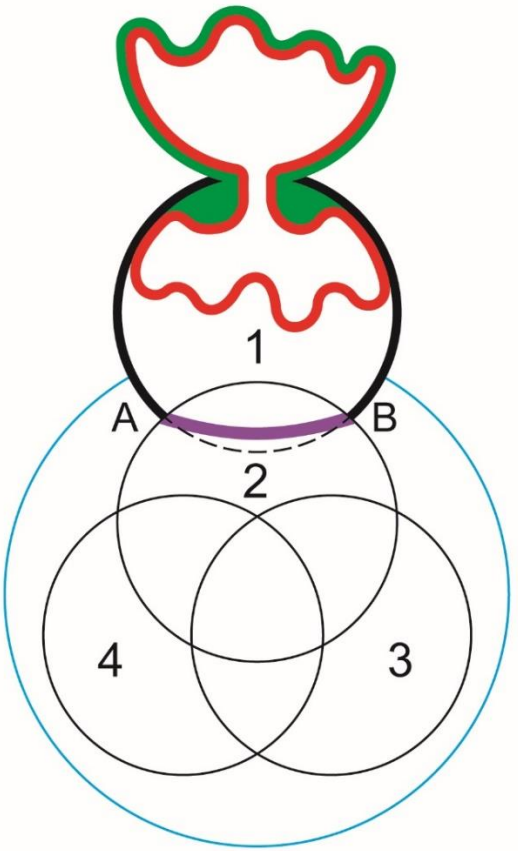
Na Ordem de Cavalheiros Tirodal praticam-se TRÊS GRAUS DE INICIAÇÃO, todos baseados na via da oposição estratégica. Contudo, graças ao alto nível alcançado no conhecimento da Sabedoria Hiperbórea, a técnica arquemônica aplica-se diretamente para isolar o Eu perdido do sujeito consciente. Esta qualidade pode-se compreender analogicamente observando a figura 32: a técnica dos Cavalheiros Tirodal consiste em RESSIGNIFICAR o sujeito consciente com uma Runa Sagrada que tem a propriedade de ISOLAR o Eu perdido; tal operação equivale a estabelecer um cerco estratégico sobre o Símbolo da Origem (AB); o Eu perdido fica, então, ISOLADO do sujeito consciente e estrategicamente REORIENTADO para o Selbst; a partir dali, desde o centro da Runa Sagrada, poderá logo, na Segunda Iniciação, situar-se no Selbst e tornar-se um virya desperto. Mas, a mais importante consequência da Iniciação Hiperbórea é, sem dúvida, A IMORTALIDADE DO EU: após seu isolamento rúnico, com efeito, o Eu não pode já ser afetado de nenhum modo; nem na desintegração do microcosmo ou na dissolução do corpo astral poderiam alterá-lo de alguma forma. Pelo contrário, o isolamento do Eu, o conhecimento de sua imortalidade, elimina para sempre a angústia da morte e transforma o Iniciado Hiperbóreo em um guerreiro temível. Um guerreiro que, segundo se disse, atem o Fim da História para empregar seu terrível poder.

Resumindo, na Primeira Iniciação, quando o Eu perdido foi cercado, se obtém o grau de CAVALEIRO TIRODAL; na Segunda Iniciação, quando se atravessa a ponte que conduz do Eu perdido ao Selbst, se obtém o grau de PONTÍFICE TIRODAL; e na Terceira Iniciação, quando, desde o Selbst, o Eu desperto está em condições de inverter o Espírito Hiperbóreo, quer dizer, quando se conquista o Vril, se obtém o grau de SIDDHA BERSERKIR.

Nada mais convém agregar sobre este Mistério. O Eleito que chegou até aqui dispõe já de elementos suficientes para decidir se continua adiante, caso em que deverá orientar seus passos para o Espírito Eterno e não retroceder jamais, ou permanece em seu extravio, caso em que continuará comodamente sendo escravo de Jeová-Satanás e é até possível que seja premiado pelos Siddhas Traidores por rejeitar a "tentação de Lúcifer".

Seja qual for a decisão a tomar, que seja logo, POIS MUITO PRÓXIMO ESTÁ O FIM DA HISTÓRIA.

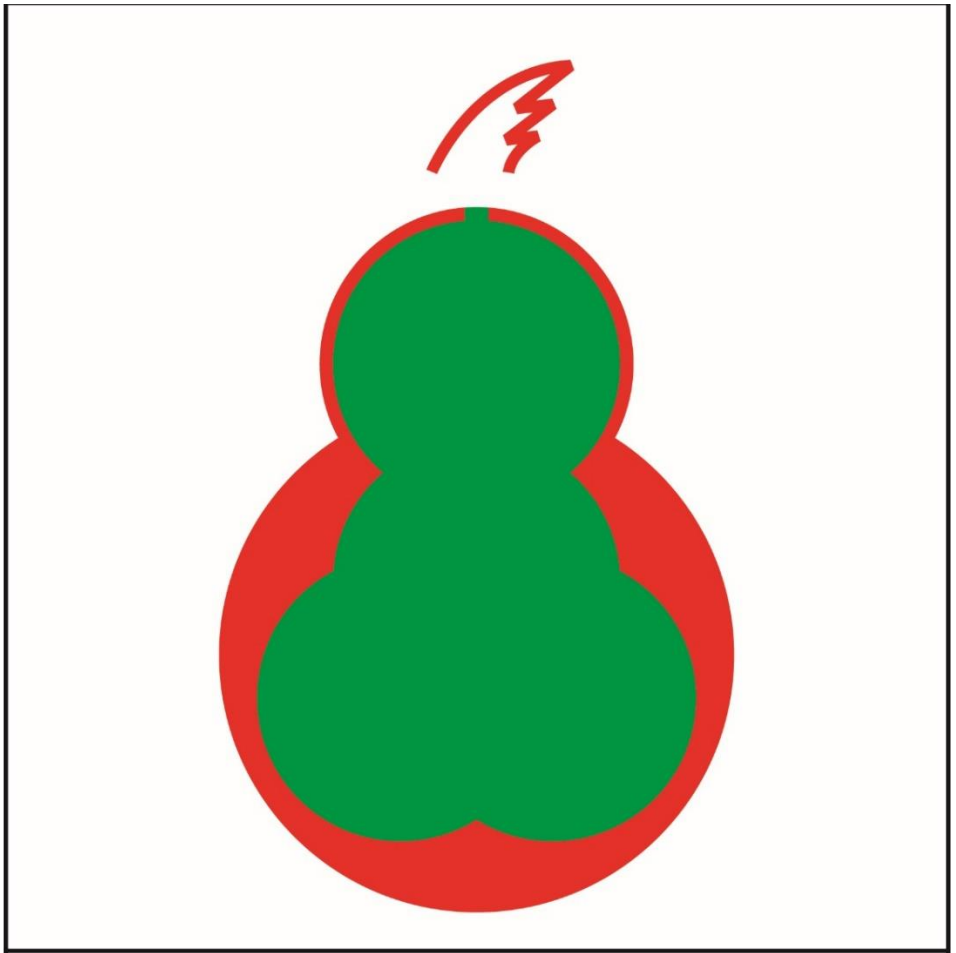
NIMROD DE ROSARIO
AGOSTO DE 1985.



EIS AQUI O PODER DO VRIL: O TERGUM HOSTIS SE MANIFESTA NO MICROCOSMO E O ESPÍRITO VOLTA À NORMALIDADE, FICANDO ANULADA A TRAIÇÃO ORIGINAL. O VIRYA DESPERTO EXPERIMENTA A HOSTILIDADE ESSENCIAL:

O FUROR BERSERKIR.

FIGURA 36



O ESPÍRITO HIPERBÓREO VOLTOU À
NORMALIDADE, TRANSMUTANDO O VIRYA
DESPERTO EM SIDDHA BERSERKIR.
O CORPO DO SIDDHA ENCONTRA-SE REVESTIDO
PELO TERGUM HOSTIS ENQUANTO QUE
AS ESTRUTURAS INTERIORES CONSTITUEM
O VULTUS SPIRITUS.

FIGURA 37

ÍNDICE GERAL

TOMO ÚNICO: Metafísica Hiperbórea.....3
CARTA AOS ELEITOS.....3
I – Saudações aos leitores dos Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea......3
II – Missão dos Cavalheiros Tirodal......4
III – A missão dos Cavalheiros Tirodal exige LOCALIZAR OS ELEITOS e revelar-lhes os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea. .4
IV – A missão dos Cavalheiros Tirodal propõe aos Eleitos a Iniciação Hiperbórea, para enfrentar com honra O PRÓXIMO FIM DA HISTÓRIA......5
V – Advertência e saudação final. 6
INTRODUÇÃO À TESE FUNDAMENTAL DA SABEDORIA HIPERBÓREA 8
NECESSIDADE DE UM MODELO ANALÓGICO DO ESPÍRITO HIPERBÓREO 10
O MODELO DA ESFERA 11
A INVERSÃO DO ESPÍRITO PRODUZ A DESORIENTAÇÃO ABSOLUTA 12
O ESPÍRITO-ESFERA "NORMAL" 13
O ESPÍRITO-ESFERA "INVERTIDO".....15
DEFINIÇÃO ABSOLUTA DA "ESTRATÉGIA HIPERBÓREA" 20
TRAIÇÃO E ENCADEAMENTO ESPIRITUAL 22
TRECHO DO RELATO DE KURT VON SUBERMANN.....26
ESQUEMA DO UNIVERSO DO UNO 35
A FALSA "INFERIORIDADE" DO HOMEM FRENTE AO UNIVERSO 38
FINALIDADE E SUPRAFINALIDADE.....39
SISTEMÁTICA DE CÍRCULOS EXCÊNTRICOS 41
ESTRUTURA PSÍQUICA DO ANIMAL-HOMEM OU PASU 42
MEMÓRIA ARQUETÍPICA E RAZÃO.....45
Primeira operação: COMPARAÇÃO: 47
Segunda operação: RELACIONAR. 48

FUNCIONAMENTO DA ESTRUTURA CULTURAL DO PASU 49
A – O modelo estrutural. 49
B – Nós e conexões da estrutura cultural. 50
C – A estrutura cultural como memória. 54
D - Princípios e Relações como SISTEMAS. 54
E – O pensamento racional do pasu. 58
F - Significação e desígnio demiúrgico. 63
G – Palavra e desígnio demiúrgico. 65
H – As linguagens racionais do pasu. 66
I - Finalidade e Suprafinalidade; linguagem e expressão. 77
J – O que é um fato cultural? 86
FUNCIONAMENTO DA ESFERA DE CONSCIÊNCIA DO PASU 87
A - O objetivo microcósmico da finalidade. 87
B - A "faculdade tradutora", função da potência ativa. 91
C - Esquema de si mesmo e energia psíquica. 92
D – Expressão energética do pensamento do pasu. 94
E – O objetivo microcósmico da finalidade requer a metempsicose. 98
F - Estudo analógico da "expressão energética do pensamento do pasu". 103
G – O pasu, sujeito consciente. 127
H – O mito e o símbolo sagrado. 134
I - Comentários complementares sobre o mito e o símbolo sagrado. 150
J - Símbolo sagrado e Metafísica Hiperbórea. 152
A CONSCIÊNCIA: TEMPO TRANSVERSAL 156
A - A autonomia ôntica do microcosmo atual. 156
B - Descrição temporal do ente autônomo. 158
C – A dupla temporalidade do microcosmo potencial. 161
D - Estudo analógico do tempo imanente. 164
E – O sujeito consciente em presente extensivo S.P.E. 171
F– O sujeito consciente em presente compreensivo S.P.C. 173

O VIRYA PERDIDO: UM PASU COM LINHAGEM HIPERBÓREA. 174
A – A herança do virya. 174
B – O Eu do virya e o Eu infinito. 176
C - Objetivo do plano dos Siddhas Traidores. 178
D – A função do sangue na chave genética. 179
E - Os Siddhas Traidores modificam o desígnio humano. 179
F - Técnica da chave genética. 180
G – Localização do Eu no virya. 182
H - Estudo analógico do encadeamento espiritual. 183
I – O encadeamento espiritual introduz o infinito no microcosmo. 184
J – O Cordão Dourado. 193
O VIRYA DESPERTO: EM BUSCA DO PRINCÍPIO DO CERCO 199
A – Teoria analógica do virya desperto. 199
B - Estrutura psíquica do virya desperto. 203
C - Em busca do princípio do cerco. 205
D - Necessidade de fazer uma pausa na luta. 206
E – O terrível Segredo de Maya. 210
F - Desvantagem Estratégica. 212
G - As armas do virya desperto. 214
H – O princípio do cerco e a lei do cerco. 215
I - Graus de determinação de um fenômeno. 217
J – O mascaramento causado pelas "premissas culturais preeminentes". 218
K - A cultura, arma estratégica inimiga. 219
L - A alegoria do Eu prisioneiro. 221
M - Estudo analógico da alegoria do Eu prisioneiro. 224
N – O risco do virya. 232
O – O ato de guerra individual do virya desperto. 232
P – Explicação alegórica do cerco infinito. 236
Q - A Estratégia pasu e a Estratégia Hiperbórea. 240
R - Conclusão sobre a técnica arquemônica. 244

S - A "oposição estratégica" desde a arquêmona......245
T – O último passo do virya desperto. 250
TRASMUTAÇÃO DO VIRYA DESPERTO EM SIDDHA BERSERKIR. ...250
A INICIAÇÃO HIPERBÓREA QUE CONCEDE A ORDEM DE CAVALHEIROS TIRODAL......254



LUIS FELIPE MOYANO

Se "O Mistério de Belicena Villca' é a melhor carta de apresentação para um escritor prodígio como Nimrod de Rosario, "Os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea" constituem os mais altos cumes que pode alcançar um ser humano em seu empenho em superar qualquer limitação que afeta, necessária e intrisecamente, a perfeição humana na consecução de um êxito em qualquer campo, concretizando para a posteridade o mais extraordinário trabalho científico-literário que o mundo conheceu. Neste contexto, não há palavras na língua portuguesa para catalogar este colossal trabalho de investigação científico/esotérico/gnóstico. Concebido em 14 tomos, "Os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea" simplesmente são a mais alta sabedoria à qual pode ter acesso o homem, em qualquer tempo e contexto. "Os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea" constelam o maior esforço jamais realizado pelo homem para resolver o mistério integral de nossa existência e de todo o universo.

O EDITORIAL